Obras completas do Padre ANTONIO VIEIRA

SERMÕES

VOLUME III

Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prègador, ou S. Paulo, ou Vieira.
D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga.

ALMA COLLEGE
252
LIBRARY
V673
Alma, California

ALMA COLLEGE
ST. IGNATIUS' CHURCH
LIBRARY
3220-43RD ST. S.E.
PORTLAND, OREGON
Alma, California

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de Lello & Irmão, editores
Rua das Carmelitas, 144

1907

9105

COMPOSTO EM MACHINA «LINOTYPE»

SERMÃO

DA

Primeira Dominga da Quaresma *

Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me. [1]

I

Oh que temeroso dia! Oh que venturoso dia! Estamos no dia das tentações do demonio, e no dia das victorias de Christo. Dia, em que o demonio se atreve a tentar em campo aberto ao mesmo Filho de Deus: *Si Filius Dei es:* [2] oh que temeroso dia! Se até o mesmo Deus é tentado; que homem haverá que não tema ser vencido? Dia, em que Christo com tres palavras venceu e derribou tres vezes ao demonio, oh que venturoso dia! A um inimigo tres vezes vencido quem não terá esperanças de o vencer? Tres foram as tentações, com que o demonio hoje acommetteu a Christo: na primeira offereceu: na segunda aconselhou: na terceira pediu. Na primeira offereceu: *Dic ut lapides isti panes fiant:* [3] que fizesse das pedras pão; na segunda aconselhou:

---

* Foi este magnifico Sermão prégado na cidade de S. Luiz do Maranhão, no anno de 1653. Repassado de nobre e austera eloquencia, este supremo discurso alcançou um maximo triumpho — a liberdade dos escravos mal havidos concedida pelos senhores injustos e crueis d'aquella colonia portugueza. N'este sermão Vieira attingiu o supremo ideal do perfeito orador: vencer e conquistar o animo alheio.

[1] *Math.*, IV, 9.
[2] *Ibid.*, IV, 6.
[3] *Ibid.*, 3.

Mitte te deorsum: que se deitasse daquella torre abaixo: na terceira pediu: *Si cadens adoraveris me:* [1] que cahido o adorasse. Vêde que offertas, vêde que conselhos, vêde que petições! Offerece pedras, aconselha precipicios, pede cahidas. E com isto ser assim, estas são as offertas que nós aceitamos, estes os conselhos que seguimos, estas as petições que concedemos. De todas estas tentações do demonio, escolhi só uma para tratar; porque para vencer tres tentações, é pouco tempo uma hora. E quantas vezes para ser vencido dellas basta um instante! A que escolhi das tres, não foi a primeira, nem a segunda, senão a terceira e ultima; porque ella é a maior, porque ella é a mais universal, ella é a mais poderosa, e ella é a mais propria desta terra em que estamos. Não debalde a reservou o demonio para o ultimo encontro, como a lança de que mais se fiava; mas hoje lh'a havemos de quebrar nos olhos. De maneira, christãos, que temos hoje a maior tentação: queira Deus que tenhamos tambem a maior victoria. Bem sabeis que victorias, e contra tentações, só as dá a graça divina; peçamol-a ao Espirito Santo por intercessão da Senhora; e peço-vos que a peçaes com grande affecto, por que nos ha-de ser hoje mais necessaria que nunca. *Ave Maria.*

Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me

II

Que offereça o demonio mundos, e que peça adorações! Oh quanto temos que temer: oh quanto temos que imitar nas tentações do demonio! Ter que temer, e muito que temer, nas tentações do demonio, coisa é mui achada e mui sabida: mas ter nas tentações do demonio que imitar? Sim; porque somos taes os homens por uma parte, e é tal a força da verdade por outra, que as mesmas tentações do demonio, que nos ser-

[1] *Math.*, IV, 9.

vem de ruina, nos pódem servir de exemplo. Estae commigo.

Toma o demonio pela mão a Christo, leva-o a um monte mais alto que essas nuvens, mostra-lhe dalli os reinos, as cidades, as côrtes de todo o mundo, e suas grandezas, e diz-lhe desta maneira: *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me:* Tudo isto te darei, se dobrando o joelho me adorares. Ha tal proposta? Vem cá, demonio, sabes o que dizes, ou o que fazes? E' possivel que promette o demonio um mundo por uma só adoração? E' possivel que offerece o demonio um mundo por um só peccado? E' possivel que não lhe parece muito ao demonio dar um mundo só por uma alma? Não; porque a conhece, e só quem conhece as coisas, as sabe avaliar. Nós os homens, como nos governamos pelos sentidos corporaes, e a nossa alma é espiritual, não a conhecemos; e como não a conhecemos, não a estimamos, e por isso a damos tão barata. Porém o demonio, como é espirito, e a nossa alma tambem espirito, conhece muito bem o que ella é; e como a conhece, estima-a, e estima-a tanto, que do primeiro lanço offerece por uma alma o mundo todo; porque vale mais uma alma, que todo o mundo. Vêde se as tentações do demonio que nos servem de ruina, nos pódem servir de exemplo. Aprendamos sequer do demonio a avaliar e a estimar nossas almas. Fique-nos, christãos, que vale mais uma alma que todo o mundo. E é tão manifesta verdade esta, que até o demonio, inimigo capital das almas, a não póde negar.

Mas já que o demonio nos dá doutrina, quero-lhe eu dar um quinau. Vem cá, demonio, outra vez. Tu sabio? Tu astuto? Tu tentador? Vae-te dahi, que não sabes tentar. Se tu querias que Christo se ajoelhasse diante de ti, e souberas negociar, tu o rendêras. Vaes-lhe offerecer a Christo mundos? Oh que ignorancia! Se quando lhe davas um mundo, lhe tiráras uma alma, logo o tinhas de joelhos a teus pés. Assim aconteceu. Quando Judas estava na Cea, já o diabo estava em Judas: *Cum jam diabolus misisset in cor, ut traderet eum Judas.* [1] Vendo Christo que o demonio lhe levava aquella alma, põe-se de joelhos aos pés de Ju-

[1] *Joan.*, XIII, 2.

das, para lh'os lavar, e para o converter. Tá, Senhor meu, reparae no que fazeis: não vêdes que o demonio está assentado no coração de Judas? Não vêdes que em Judas está revestido o demonio, e vós mesmo o dissestes: *Unus ex vobis diabolus est:* [1] Pois será bem que Christo esteja ajoelhado aos pés do demonio? Christo ajoelhado aos pés de Judas, assombro é, pasmo é; mas Christo ajoelhado, Christo de joelhos diante do diabo? Sim. Quando lhe offerecia o mundo, não o pôde conseguir: tanto que lhe quiz levar uma alma, logo o teve a seus pés. Para que acabemos de entender os homens cegos, que vale mais a alma de cada um de nós, que todo um mundo. As coisas estimam-se e avaliam-se pelo que custam. Que lhe custou a Christo uma alma, e que lhe custou o mundo? O mundo custou-lhe uma palavra: *Ipse dixit, et facta sunt:* [2] uma alma custou-lhe a vida, e o sangue todo. Pois se o mundo custa uma só palavra de Deus, e a alma custa todo o sangue de Deus; julgae se vale mais uma alma, que todo o mundo. Assim o julga Christo, e assim o não póde deixar de confessar o mesmo demonio. E só nós somos tão baixos estimadores de nossas almas, que lh'as vendemos pelo preço que vós sabeis.

Espantamo-nos que Judas vendesse a seu Mestre e a sua alma por trinta dinheiros; e quantos ha, que andam rogando com ella ao demonio por menos de quinze! Os irmãos de José eram onze, e venderam-no por vinte dinheiros; sahiu-lhe por menos de dois dinheiros a cada um. Oh se consideraramos bem os nadas, por que vendemos a nossa alma! Todas as vezes que um homem offende a Deus mortalmente, vende a sua alma: *Venumdatus est, ut faceret malum*, diz a Escriptura fallando de Achab. [3] Eu, christãos, não quero agora, nem vos digo que não vendaes a vossa alma, porque sei que a haveis de vender; só vos peço que, quando a venderdes, que a vendaes a pezo. Pezae primeiro o que é uma alma, pezae primeiro o que vale e o que custou; e depois eu vos dou licença que a vendaes embora. Mas em que balanças

---

[1] *Joan.*, VI, 71.
[2] *Psalm.*, CXLVIII, 5.
[3] *3.º Livr. dos Reis.*, XXI, 25.

se ha-de pezar uma alma? Nas balanças do juizo humano não; porque são mui falsas: *Mendaces filii hominum in stateris.* [1] Pois em que balanças logo? Cuidarieis que vos havia de dizer que nas balanças de S. Miguel, o Anjo, onde as almas se pezam? Não quero tanto: digo que as pezeis nas balanças do mesmo demonio, e eu me dou por contente. Tomae as balanças do demonio na mão: ponde de uma parte o mundo todo, e da outra uma alma, e achareis que peza mais a vossa alma, que todo o mundo. *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me:* Tudo isto te darei, se me deres a tua alma. Não lhe atirou com menos bala a Christo, que com o mundo inteiro. Mas já que vos dou licença para vender, ponhamos este contrato do demonio em pratica, e vejamos se é bom o partido.

Supponhamos primeiramente que o demonio no seu offerecimento fallava verdade, e que podia e havia de dar o mundo; supponhamos mais que Christo não fosse Deus, senão um puro homem, e tão fraco, que podesse e houvesse de cahir na tentação. Pergunto: se este homem recebesse o mundo todo, e ficasse senhor delle, e entregasse sua alma ao demonio, ficaria bom mercador? Faria bom negocio? O mesmo Christo o disse noutra occasião: *Quid prodest homini si mundum universum lucretur: animæ verò suæ detrimentum patiatur?* [2] Que lhe aproveita ao homem ser senhor de todo o mundo, se tem a sua alma no captiveiro do demonio? Oh que divina consideração! Alexandre Magno, e Julio Cesar foram senhores do mundo; mas as suas almas agora estão ardendo no inferno, e arderão por toda a eternidade. Quem me dera agora perguntar a Julio Cesar e a Alexandre Magno, que lhes aproveitou haverem sido senhores do mundo, e se acharam que foi bom contrato dar a alma pelo adquirir. Alxandre, Julio, foi bom serdes senhores do mundo todo, e estardes agora onde estaes? Já que elles me não pódem responder, respondei-me vós. Pergunto: Tomareis agora algum de vós ser Alexandre Magno? Tomareis ser Julio Cesar? Deus nos livre. Como! se foram senhores de todo o mundo? E'

---

[1] *Psalm.*, LXI, 10.
[2] *Math.*, XVI, 26.

verdade, mas perderam as suas almas. Oh cegueira! E para Alexandre, para Julio Cesar, parece-vos máu dar a alma por todo o mundo; e para vós parece-vos bem dar a alma pelo que não é mundo, nem tem de mundo o nome? Sabeis de que nasce tudo isto? De falta de consideração; de não tomardes o pezo á vossa alma. *Quid prodest homini?* [1] Que aproveita ao homem lucrar todo o mundo e perder a sua alma? *Aut quam dabit homo commutationem pro anima sua?* Oh que coisa ha no mundo, pela qual se possa uma alma trocar?

Todas as coisas deste mundo teem outra, por que se possam trocar. O descanço pela fazenda, a fazenda pela vida, a vida pela honra, a honra pela alma; só a alma não tem por que se trocar. E sendo que não ha no mundo coisa tão grande, por que se possa trocar a alma, não ha coisa no mundo tão pequena e tão vil, por que a não troquemos, e a não dêmos. Ouvi uma verdade de Seneca, que por ser de um gentio, folgo de a repetir muitas vezes. *Nihil est homini se ipso vilius:* Não ha coisa para comnosco mais vil, que nós mesmos. Revolvei a vossa casa, buscae a coisa mais vil de toda ella, e achareis que é vossa propria alma. Provo. Se vos querem comprar a casa, o canavial, o escravo, ou o cavallo, não lhe pondes um preço muito levantado, e não o vendeis muito bem vendido? Pois se a vossa casa, e tudo o que nella tendes, o não quereis dar, senão pelo que vale; a vossa alma, que vale mais que o mundo todo; a vossa alma, que custou tanto como o sangue de Jesus Christo, porque a haveis de vender tão vil e tão baixamente? Que vos fez, que vos desmereceu a triste alma? Não a tratareis se quer como o vosso escravo, e como o vosso cavallo? Se vos perguntam acaso, porque não vendeis a vossa fazenda por menos do que vale, dizeis que a não quereis queimar. E quereis queimar a vossa alma? Ainda mal, porque a haveis de queimar, e porque ha-de arder eternamente.

Ora, christãos, não seja assim: aprendamos ao menos do demonio a estimar nossa alma. Vejamos o que o demonio hoje fez por uma alma alheia, para que nós

---

[1] *Math.*, IV, 6.

nos corramos e confundamos do pouco que fazemos pelas proprias. Vae-se o demonio ao deserto, está-se nelle quarenta dias e quarenta noites, como se fôra um anacoreta; e em todo este tempo esteve vigiando, e espreitando occasião, e tanto que a teve, não deixou pedra por mover para a conseguir. Vendo que não lhe succedia, parte para Jérusalem, e sendo tão inimigo de Deus, vae-se ao Templo, para persuadir a Christo que se arrojasse do pinaculo: *Mitte te deorsum:* [1] estuda livros, allega Escripturas, interpreta Psalmos: *Scriptum est enim, quia angelis suis mandavit de te, et in manibus tollent te, ne forte offendas ad lapidem pedem tuum.* [2] Resistido tambem aqui, e vencido segunda vez o demonio, nem por isso desmaia: corre valles, atravessa montes, sóbe ao mais alto de todos; e só por vêr se podia fazer cahir a Christo, não repara em dar de uma só vez o mundo todo. E que o demonio faça tudo isto por uma alma alheia; e que façamos nós tão pouco pela propria! Que se ponha o demonio quarenta dias em um deserto para me tentar; e que eu nos quarenta dias da Quaresma não tome um quarto de hora de retiro para lhe saber resistir! Que vigie o demonio e espreite todas as occasiões para me condemnar; e que deixe eu passar tantas de minha salvação; e occasiões que uma vez perdidas, não se pódem recuperar! Que vá o demonio ao Templo de Jérusalem distante tantas leguas, para me despenhar ao peccado; e que tendo eu a Igreja á porta, não me saiba ir metter em um canto della, como o Publicano, para chorar meus peccados! Que o demonio para me persuadir estude e allegue os livros sagrados; e que eu não abra um só espiritual, para que Deus falle commigo, já que eu não sei fallar com elle! Que o demonio vencido a primeira e segunda vez, insista, e não desmaie para me render; e que se comecei acaso alguma obra boa, á primeira difficuldade desista, e não tenha constancia nem perseverança em nada! Que o demonio para me fazer cahir, desça valles, e suba montes; e que eu não dê um passo para me levantar, tendo dado tantos para me perder! Finalmente, que o demonio para gran-

[1] *Math.*, IV, 6.
[2] *Ibid.*

gear a minha alma, não repare em dar no primeiro lanço o mundo todo; e que eu estime a minha alma tão pouco, que bastem os mais vis interesses do mundo para a entregar ao demonio! Oh miseria! Oh cegueira!

A que differente preço compra hoje o demonio as almas, do que offerecia por ellas antigamente! Já nesta nossa terra vos digo eu! Nenhuma feira tem o demonio no mundo, onde lhe sáiam mais baratas: no nosso Evangelho offereceu todos os reinos do mundo por uma alma: no Maranhão não é necessario ao demonio tanta bolsa para comprar todas: não é necessario offerecer mundos: não é necessario offerecer reinos: não é necessario offerecer cidades, nem villas, nem aldeias. Basta acenar o diabo com um tujupár de pindóba, e dois tapuyas; e logo está adorado com ambos os joelhos: *Si cadens adoraveris me.* Oh que feira tão barata! Negro por alma; e mais negra ella que elle! Esse negro será teu escravo esses poucos dias que viver: e a tua alma será minha escrava por toda a eternidade, em quanto Deus fôr Deus. Este é o contrato que o demonio faz comvosco; e não só lh'o aceitaes, senão que lhe daes o vosso dinheiro em cima.

III

Senhores meus, somos entrados á força do Evangelho na mais grave, e mais util materia, que tem este Estado. Materia, em que vae, ou a salvação da alma, ou o remedio da vida; vêde se é grave e se é util. E' a mais grave, é a mais importante, é a mais intrincada, e sendo a mais util, é a menos gostosa. Por esta ultima razão de menos gostosa, tinha eu determinado de nunca vos fallar nella; e por isso tambem de não subir ao pulpito. Subir ao pulpito para dar desgosto, não é de meu animo, e muito menos a pessoas a quem eu desejo todos os gostos, e todos os bens. Por outra parte subir ao pulpito e não dizer a verdade, é contra o officio, contra a consciencia; principalmente em mim, que tenho dito tantas verdades, e com tanta liberdade, e a tão grandes ouvidos. Por esta causa resolvi trocar um serviço

de Deus por outro: e ir-me doutrinar os Indios por essas aldeias.

Estando nesta resolução até quinta-feira, houve pessoas, a que não pude perder o respeito, que me obrigaram a que quizesse prégar na cidade esta Quaresma. Promettiu-o uma vez, e arrependi-me muitas; porque me tornei a vêr na mesma perplexidade. E' verdade que no juizo dos que tivessem juizo, sempre a minha boa intenção parece que estava segura. Pergunto-vos: Qual é melhor amigo: aquelle que vos avisa do perigo, ou aquelle que por vos não dar pena, vos deixa perecer nelle? Qual medico é mais christão: aquelle que vos avisa da morte, ou aquelle, que por vos não magoar, vos deixa morrer sem Sacramentos? Todas estas razões tinha por mim, mas não acabava de me deliberar. Fui na sexta-feira pela manhã dizer Missa por esta tenção, para que Deus me allumiasse, e me inspirasse o que fôsse mais gloria sua; e ao lêr da Epistola me disse Deus, o que queria que fizesse, com as mesmas palavras della. São de Isaias no Capitulo cincoenta e oito.

Clama, ne cesses: quasi tuba exalta vocem tuam, et annuntia populo meo scelera eorum. [1] Brada, ó prégador, e não cesses; levanta a tua voz como trombeta, desengana o meu povo, annuncia-lhe seus peccados, e dize-lhe o estado em que estão. Já o pregão do rei se lançou com tambores: agora diz Deus, que se lance o seu com trombetas: *Quasi tuba exalta vocem tuam.* Não vos assombre, senhores, o pregão, que como é pregão de Deus, eu vos prometto que seja mais brando, e mais benigno, que o do rei. E senão, vêde as palavras que se seguem: *Me etenim de die in diem quærunt, et scire vias meas volunt: quasi gens, quæ justitiam fecerit, et judicium Dei sui non dereliquerit.* [2] E sabes porque quero que desenganes este meu povo, e por que quero que lhe declares seus peccados? Por que são uns homens, diz Deus, que me buscam todos os dias, e fazem muitas coisas em meu serviço, e sendo que teem gravissimos peccados de injustiças, vivem tão desassustados, como se estiveram em minha graça: *Quasi gens, quæ justitiam fecerit,*

---

[1] *Isai.*, LVIII, 1.
[2] *Ibid.*

Pois, Senhor, que desengano é o que hei-de dar a esta gente, e que é o que lhe hei-de annunciar da parte de Deus?

Vêde o que dizem as palavras do mesmo Texto: *Nonne hoc est magis jejunium, quod elegi? Dissolve colligationes impietatis, et dimitte eos, qui confracti sunt, liberos.* [1] Sabeis, christãos, sabeis nobreza e povo do Maranhão, qual é o jejum que quer Deus de vós esta Quaresma? Que solteis as ataduras da injustiça, e que deixeis ir livres os que tendes captivos e opprimidos. Estes são os peccados do Maranhão: estes são os que Deus me manda que vos annuncie: *Annuntia populo meo scelera eorum.* Christãos, Deus me manda desenganar-vos, e eu vos desengano da parte de Deus. Todos estaes em peccado mortal: todos viveis e morreis em estado de condemnação, e todos vos ides direitos ao inferno. Já lá estão muitos, e vós tambem estareis cedo com elles, senão mudardes de vida.

Pois, valha-me Deus! Um povo inteiro em peccado? Um povo inteiro ao inferno? Quem se admira disto, não sabe que coisa são captiveiros injustos. Desceram os filhos de Israël ao Egypto, e depois da morte de José, captivou-os el-rei Pharaó, e servia-se delles como escravos. Quiz Deus dar liberdade a este miseravel povo, mandou lá Moysés, e não lhe deu mais escolta que uma vara. Achou Deus que para pôr em liberdade captivos, bastava uma vara, ainda que fosse libertal-os de um rei tão tyranno como Pharaó, e de uma gente tão barbara como a do Egypto. Não quiz Pharaó dar liberdade aos captivos; começam a chover as pragas sobre elle. A terra se convertia em rãs: o ar se convertia em mosquitos: os rios se convertiam em sangue: as nuvens se convertiam em raios e em coriscos: todo o Egypto assombrado e perecendo! Sabeis quem traz as pragas ás terras? Captiveiros injustos. Quem trouxe ao Maranhão a praga dos hollandezes? Quem trouxe a praga das bexigas? Quem trouxe a fome e a esterilidade? Estes captiveiros. Insistiu e apertou mais Moysés, para que Pharaó largasse o povo; e que respondeu Pharaó? Disse uma coisa, e fez outra. O que disse foi: *Nescio Dominum*,

[1] *Ibid.*, 6.

et Israël non dimittam: [1] Não conheço a Deus: não hei-de dar liberdade aos captivos. Ora isso me parece bem; acabemos já de nos declarar. Sabeis porque não daes liberdade aos escravos mal havidos? Porque não conheceis a Deus. Falta de fé é causa de tudo. Se vós tivereis verdadeira fé, se vós crereis verdadeiramente na immortalidade da alma, se vós crereis que ha inferno para toda a eternidade; bem me rio eu que quizesseis ir lá pelo captiveiro de um tapuya. Com que confiança vos parece que disse hoje o diabo: *Si cadens adoraveris me?* Com a confiança de lhe ter offerecido o mundo. Fez o demonio este discurso: Eu a este homem offereço-lhe tudo; se elle é cubiçoso e avarento, ha-de aceitar; se aceita, sem duvida me adora idolatrando; porque a cubiça e avareza são a mesma idolatria. E' sentença expressa de S. Paulo: *Avaritiam, quæ est simulacrorum servitus.* [2] Tal foi a avareza de Pharaó em querer reter, e não dar liberdade aos filhos de Israël captivos, confessando juntamente que não conhecia a Deus: *Nescio Dominum, et Israël non dimittam.* Isto é o que disse.

O que fez foi, que fugindo todos os Israelitas captivos, sáe o mesmo rei Pharaó com todo o poder de seu reino para os tornar ao captiveiro: e que aconteceu? Abre-se o mar Vermelho, para que passassem os captivos a pé enxuto (que sabe Deus fazer milagres para libertar captivos). Não cuideis que mereceram isto os hebreus por suas virtudes; porque eram peiores que esses tapuyas: d'ahi a poucos dias adoraram um bezerro; e de todos, que eram seiscentos mil homens, só dois entraram na Terra da Promissão: mas é Deus tão favorecedor de liberdades, que o que desmereciam por máus, alcançavam por injustamente captivos. Passados á outra banda do mar Vermelho, entra Pharaó pela mesma estrada, que ainda estava aberta, e o mar de uma e outra parte como em muralhas, cáem sobre elle e sobre o seu exercito as aguas, e affogaram a todos. O em que aqui reparo, é o modo com que conta isto Moysés no seu cantico: *Operuit eos mare: submersi sunt quasi plumbum in aquis vehementibus. Extendisti manum tuam, et devoravit*

---

[1] *Exod.*, v, 2.
[2] *Coloss.*, III, 5.

eos terra: [1] que cahiu sobre elles, e os affogou o mar, e os comeu e enguliu a terra. Pois se os affogou o mar, como os tragou a terra? Tudo foi: aquelles homens, como nós, tinham corpo e alma: os corpos affogou-os a agua; porque ficaram no fundo do mar: as almas tragou-as a terra; porque desceram ao profundo do inferno. Todos ao inferno, sem ficar nenhum; porque onde todos perseguem, e todos captivam, todos se condemnam. Não está bom o exemplo? Vá agora a razão.

Todo o homem que deve serviço ou liberdade alheia, e podendo-a restituir, não restitue, é certo que se condemna: todos, ou quasi todos os homens do Maranhão devem serviços e liberdades alheias, e podendo restituir, não restituem: logo, todos ou quasi todos se condemnam. Dir-me-heis que ainda que isto fosse assim, que elles não o cuidavam, nem o sabiam; e que a sua boa fé os salvaria. Nego tal; sim cuidavam, e sim sabiam, como tambem vós o cuidaes, e o sabeis; e se o não cuidavam, nem o sabiam, deveram cuidal-o e sabel-o. A uns condemna-os a certeza, a outros a duvida, a outros a ignorancia. Aos que têm certeza, condemna-os o não restituirem; aos que têm duvida, condemna-os o não examinarem: aos que teem ignorancia, condemna-os o não saberem, quando tinham obrigação de saber. Ah se agora se abriram essas sepulturas, e apparecêra aqui algum dos que morreram neste infeliz estado, como é certo que ao fogo das suas lavaredas havieis de lêr claramente esta verdade! Mas sabeis por que Deus não permitte que vos appareça? E' pelo que Abrahão disse ao rico avarento, quando lhe pedia que mandasse Lazaro a este mundo: *Habent Moysen, et prophetas:* [2] não é necessario que vá de cá do inferno quem lhe appareça, e lhe diga a verdade: lá tem a Moysés, e a Lei: lá tem os Prophetas e Doutores. Meus irmãos, se ha quem duvide disto, ahi estão as leis, ahi estão os lettrados, pergunte-lh'o. Tres Religiões tendes neste Estado, onde ha tantos sujeitos de tantas virtudes, e tantas lettras, perguntae, examinae, informae-vos. Mas não é necessario ir ás Religiões: ide á Turquia, ide ao inferno,

[1] *Exod.*, XV, 10 e 12.
[2] *Luc.*, XVI, 29.

porque não póde haver turco tão turco na Turquia, nem demonio tão endemoninhado no inferno, que diga, que um homem livre póde ser captivo. Ha algum de vós só com o lume natural, que o negue? Pois em que duvidaes?

IV

Vejo que me dizeis: Bem estava isso, se nós tiveramos outro remedio; e com o mesmo Evangelho nos queremos defender. Qual foi mais apertada tentação, a primeira, ou a terceira? Nós entendemos que a primeira; porque na primeira estava Christo com fome de quarenta dias, e offereceu-lhe o demonio pão; na terceira offereceu-lhe reinos e monarchias: e um homem póde viver sem reinos, e sem imperios, mas sem pão para a bocca, não póde viver: e neste aperto vivemos nós. Este povo, esta republica, este estado, não se póde sustentar sem Indios. Quem nos ha-de ir buscar um pote de agua, ou um feixe de lenha? Quem nos ha-de fazer duas covas de mandioca? Hão-de ir nossas mulheres? Hão-de ir nossos filhos? Primeiramente não são estes os apertos em que vos hei-de pôr, como logo vereis; mas quando a necessidade e a consciencia obriguem a tanto, digo que sim, e torno a dizer que sim: que vós, que vossas mulheres, que vossos filhos, e que todos nós nos sustentassemos dos nossos braços; porque melhor é sustentar do suor proprio, que do sangue alheio. Ah fazendas do Maranhão, que se esses mantos e essas capas se torceram, haviam de lançar sangue! A Samaritana ia com um cantaro buscar agua á fonte, e foi tão santa como sabemos. Jesabel era mulher de el-rei Achab, rainha de Israël, e foi comida de cães, e sepultada no inferno, porque tomou a Nabot uma vinha, que não lhe chegou a tomar a liberdade. Pergunto: qual é melhor, levar o cantaro á fonte, e ir ao céo como a Samaritana: ou ser senhora, servida, e rainha, e ir ao inferno como Jesabel? Melhor era que nós Adão, e tinha offendido a Deus com menos peccados, e devia ao trabalho de suas mãos o boccado de pão que mettia na bocca. Filho de Deus era Christo, e ganhava com um instrumento mechanico, o com que sustentava a vida, que

depois havia de dar por nós. Faz isto por nós o mesmo Deus; e nós desprezar-nos-hemos de fazer outro tanto por guardar a sua Lei?

Direis que os vossos chamados escravos são os vossos pés e mãos; e tambem podereis dizer, que os amaes muito, porque os creastes como filhos, e porque vos criam os vossos. Assim é: mas já Christo respondeu a esta replica: *Si oculus tuus scandalizat te, erue eum: et si manus, vel pes tuus scandalizat te, amputa illum.* [1] Não quer dizer Christo que arranquemos os olhos, nem que cortemos os pés e as mãos; mas quer dizer que se nos servir de escandalo aquillo que amarmos como os nossos olhos, e aquillo que havemos mister como os pés e as mãos, que o lancemos de nós, ainda que nos doia, como se o cortaramos. Quem ha que não ame muito o seu braço e a sua mão? Mas se nella lhe saltaram herpes, permitte que lh'a cortem, por conservar a vida. O mercador, ou passageiro, que vem da India, ou do Japão, muito estima as drogas, que tanto lhe custaram lá; mas se a vida periga, vae tudo ao mar, para que ella se salve. O mesmo digo no nosso caso. Se para segurar a consciencia, e para salvar a alma, fôr necessario perder tudo, e ficar como um Job, perca-se tudo.

Mas, bom animo, senhores meus, que não é necessario chegar a tanto, nem a muito menos. Estudei o ponto com toda a diligencia, e com todo o affecto; e seguindo as opiniões mais largas e mais favoraveis, venho a reduzir as coisas a estado que entendo que com muito pouca perda temporal, se pódem segurar as consciencias de todos os moradores deste Estado, e com muito grandes interesses pódem melhorar suas conveniencias para o futuro. Dae-me attenção.

Todos os Indios deste Estado, ou são os que vos servem como escravos, ou os que moram nas aldeias de el-rei como livres, ou os que vivem no sertão em sua natural, e ainda maior liberdade: os quaes por esses rios se vão comprar ou resgatar (como dizem) dando o piedoso nome de resgate a uma venda tão forçada e violenta, que talvez se faz com a pistola nos peitos. Quanto áquelles que vos servem, todos

[1] *Math.*, v, 29. *Marc.*, ix, 42 e 44.

nesta terra são herdados, havidos, e possuidos de má fé, segundo a qual não farão pouco (ainda que o farão facilmente) em vos perdoar todo o serviço passado. Comtudo, se depois de lhes ser manifesta esta condição de sua liberdade, por serem creados em vossa casa, e com vossos filhos, ao menos os mais domesticos, espontanea e voluntariamente vos quizerem servir e ficar nella, ninguem, em quanto elles tiverem esta vontade, os poderá apartar de vosso serviço. E que se fará de alguns delles, que não quizerem continuar nesta sujeição? Estes serão obrigados a ir viver nas aldeias de el-rei, onde tambem vos servirão na fórma que logo veremos. Ao sertão se poderão fazer todos os annos entradas, em que verdadeiramente se resgatem os que estiverem (como se diz) em cordas, para ser comidos: e se lhes commutará esta crueldade em perpetuo captiveiro. Assim serão tambem captivos todos os que sem violencia forem vendidos como escravos de seus inimigos, tomados em justa guerra; da qual serão juizes o governador de todo o Estado, o ouvidor geral, o vigario do Maranhão ou Pará, e os Prelados das quatro Religiões, Carmelitas, Franciscanos, Mercenarios, e da Companhia de Jesus. Todos os que deste juizo sahirem qualificados por verdadeiramente captivos, se repartirão aos moradores pelo mesmo preço, por que foram comprados. E os que não constar que a guerra em que foram tomados, fôra justa, que se fará delles? Todos serão aldeados em novas povoações, ou divididos pelas aldeias que hoje ha; donde repartidos com os demais Indios dellas pelos moradores, os servirão em seis mezes do anno alternadamente de dois em dois, ficando os outros seis mezes para tratarem de suas lavouras e familias. De sorte que nesta fórma todos os Indios deste Estado servirão aos Portuguezes; ou como propria e inteiramente captivos, que são os de corda, os de guerra justa, e os que livre e voluntariamente quizerem servir, como dissemos dos primeiros; ou como meios captivos, que são todos os das antigas e novas aldeias, que pelo bem e conservação do Estado me consta, que, sendo livres, se sujeitarão a nos servir e ajudar ametade do tempo de sua vida. Só resta saber qual será o preço destes que chamamos meios captivos, ou meios livres, com que se lhes pagará o trabalho do seu serviço. E' materia de que se rirá qualquer outra nação do mundo, e só nesta

terra se não admira. O dinheiro desta terra é panno de algodão, e o preço ordinario por que servem os Indios, e servirão cada mez, são duas varas deste panno, que valem dois tostões! Donde se segue, que por menos de sete reis de cobre servirá um Indio cada dia! Coisa que é indigna de se dizer, e muito mais indigna, de que por não pagar tão leve preço, haja homens de entendimento, e de christandade, que queiram condemnar suas almas, e ir ao inferno.

V

Póde haver coisa mais moderada? Póde haver coisa mais posta em razão, que esta? Quem se não contentar e não satisfizer disto, uma de duas: ou não é christão, ou não tem entendimento. E senão, apertemos o ponto, e pezemos os bens e os males desta proposta.

O mal é um só, que será haverem alguns particulares de perder alguns Indios, que eu vos prometto, que sejam mui poucos. Mas aos que nisto repararem pergunto: Morreram-vos já alguns Indios? Fugiram-vos já alguns Indios? Muitos. Pois o que faz a morte, porque o não fará a razão? O que faz o successo da fortuna, porque o não fará o escrupulo da consciencia? Se vieram as bexigas e vol-os levaram todos, que havieis de fazer? Havieis de ter paciencia. Pois não é melhor perdel-os por serviço de Deus, que perdel-os por castigo de Deus? Isto não tem resposta.

Vamos aos bens, que são quatro, os mais consideraveis. O primeiro é ficardes com as consciencias seguras. Vêde que grande bem este. Tirar-se-ha este povo do estado de peccado mortal; vivereis como christãos, confessar-vos-heis como christãos, morrereis como christãos, testareis de vossos bens como christãos; em fim, ireis ao céo, não ireis ao inferno, ao menos certamente, que é triste coisa.

O segundo bem é, que tirareis de vossas casas esta maldição. Não ha maior maldição numa casa, nem numa familia, que servir-se com suor e com sangue injusto. Tudo vae para traz: nenhuma coisa se logra: tudo leva o diabo. O pão que assim se grangea, é como o que hoje offereceu o diabo a Christo; pão de

pedras, que quando se não atravessa na garganta, não se póde digerir. Vêde-o nestes que tiram muito pão do Maranhão, vêde se o digeriu algum, ou se se lhe logrou algum? Houve quem se lhe atravessou na garganta, que nem confessar-se pôde.

O terceiro bem é, que por este meio haverá muitos resgates, com que se tirarão muitos Indios; que doutra maneira não os haverá. Não dizeis vós que este Estado não se póde sustentar sem Indios? Pois se os sertões se fecharem, se os resgates se prohibirem totalmente, mortos estes poucos Indios que ha, que remedio tendes? Importa logo haver resgates, e só por este meio se poderão conceder.

Quarto, e ultimo bem; que feita uma proposta nesta fórma, será digna de ir ás mãos de sua magestade, e de que sua magestade a approve e a confirme. Quem pede o illicito e o injusto, merece que lhe neguem o licito e o justo; e quem requere com consciencia, com justiça, e com razão, merece que lh'a façam. Vós sabeis a proposta que aqui fazieis? Era uma proposta, que nem os vassallos a podiam fazer em consciencia, nem os ministros a podiam consultar em consciencia, nem o rei a podia conceder em consciencia. E ainda que por impossivel el-rei tal permittisse, ou dissimulasse, de que nos servia isso, ou que nos importava? Se el-rei permittir que eu jure falso, deixará o juramento de ser peccado? Se el-rei permittir que eu furte, deixará o furto de ser peccado? O mesmo passa nos Indios. El-rei poderá mandar que os captivos sejam livres; mas que os livres sejam captivos, não chega lá sua jurisdição. Se tal proposta fosse ao reino, as pedras da rua se haviam de levantar contra os homens do Maranhão. Mas se a proposta for licita, se fôr justa, se fôr christã, as mesmas pedras se porão de vossa parte, e quererá Deus que não sejam necessarias pedras, nem pedreiras. Todos assignaremos, todos informaremos, todos ajudaremos, todos requereremos, todos encommendaremos a Deus, que elle é o Auctor do bem, e não póde deixar de favorecer intentos tanto de seu serviço. E tenho dito.

VI

Ora, christãos, e senhores da minha alma, se nestas verdades e desenganos, que acabo de vos dizer; se nesta minha breve proposta consiste todo o vosso bem, e toda a vossa esperança espiritual e temporal; se só por este caminho vos podeis segurar nas consciencias; se por este caminho vos podeis salvar, e livrar vossas almas do inferno; se o que se perde, ainda temporalmente, é tão pouco, e póde ser que não seja nada; e as conveniencias e bens que dahi se esperam, são tão consideraveis e tão grandes; que homem haverá tão máu christão, que homem haverá tão mal entendido, que homem haverá tão esquecido de Deus, tão cego, tão desleal, tão inimigo de si mesmo, que se não contente de uma coisa tão justa, e tão util, que a não queira, que a não approve, que a não abrace? Por reverencia de Jesus Christo, christãos, e por aquelle amôr, com que aquelle Senhor hoje permittiu ser tentado, para nos ensinar a ser vencedores das tentações; que mettamos hoje o demonio debaixo dos pés, e que vençamos animosamente esta cruel tentação, que a tantos nesta terra tem levado ao inferno, e nos vae levando tambem a nós. Dêmos esta victoria a Christo, dêmos esta gloria a Deus, dêmos este triumpho ao céo, dêmos este pesar ao inferno, demos este remedio á terra em que vivemos, dêmos esta honra á nação portugueza, dêmos este exemplo á christandade, dêmos esta fama ao mundo.

Saiba o mundo, saibam os hereges e os gentios, que não se enganou Deus, quando fez aos Portuguezes conquistadores e prégadores de seu santo Nome. Saiba o mundo, que ainda ha verdade, que ainda ha temôr de Deus, que ainda ha alma, que ainda ha consciencia, e que não é o interesse tão absoluto, e tão universal senhor de tudo, como se cuida. Saiba o mundo que ainda ha quem por amôr de Deus, e da sua salvação, metta debaixo dos pés interesses. Quanto mais, senhores, que isto não é perder interesses, é multiplical-os, é acrescental-os, é semeal-os, é dal-os á usura. Dizei-me, christãos, se tendes fé: os bens deste mundo, quem é que os dá; quem é que os reparte? Dizeis-me, que Deus. Pois pergunto: qual será

melhor diligencia para mover a Deus a que vos dê muitos bens, servil-o, ou offendel-o? Obedecer e guardar a sua Lei, ou quebrar todas as leis? Ora tenhamos fé, e tenhamos uso de razão.

Deus para vos sustentar e para vos fazer ricos, não depende de que tenhaes um tapuya mais, ou menos. Não vos póde Deus dar maior novidade com dez enxadas, que todas as vossas diligencias com trinta? Não é melhor ter dois escravos, que vos vivam vinte annos, que ter quatro, que vos morram ao segundo? Não rendem mais dez caixas de assucar que cheguem a salvamento a Lisboa, que quarenta levadas a Argel, ou Zelandia? Pois se Deus é o Senhor das novidades da terra; se Deus é o Senhor dos folegos dos escravos, se Deus é o Senhor dos ventos, dos mares, dos corsarios, e das navegações; se todo o bem ou mal está fechado na mão de Deus; se Deus tem tantos modos, e tão faceis de vos enriquecer, ou de vos destruir: que loucura, e que cegueira é cuidar que podeis ter bem algum, nem vós, nem vossos filhos, que seja contra o serviço de Deus? Faça-se o serviço de Deus, acuda-se á alma e á consciencia, e logo os interesses temporaes estarão seguros: *Quærite primum regnum Dei, et justitiam ejus, et hæc omnia adjicientur vobis.* [1]

Mas quando não fôra, nem se seguraram por esta via nossos interesses, faça-se o serviço de Deus, acuda-se á consciencia, acuda-se á alma, e corte-se por onde se cortar, ainda que seja pelo sangue e pela vida.

Dizei-me, christãos: Se vos vireis em poder de um tyranno que vos quizesse tirar a vida pela fé de Christo; que havieis de fazer? Dar a vida, e mil vidas. Pois o mesmo é dar a vida pela fé de Deus, que dar a vida pelo serviço de Deus. Não ha mais cruel tyranno, que a pobreza e a necessidade; e padecer ás mãos deste tyranno, por não offender a Deus, tambem é ser martyr, diz Santo Agostinho. Nada disto ha-de ser necessario, como já vos tenho dito; mas quem é christão verdadeiro, ha-de estar com este animo, e com esta resolução.

Senhor Jesus: este é o animo, e esta a resolução, com que estão de hoje por diante estes vossos tão

---

[1] *Math.*, VI, 33.

fieis catholicos. Ninguem ha aqui que queira outro interesse mais que servir-vos: ninguem ha aqui que queira outra conveniencia mais que amar-vos: ninguem ha que tenha outra ambição mais, que de estar eternamente obediente, e rendido a vossos pés. A vossos pés está a fazenda, a vossos pés estão os interesses, a vossos pés estão os escravos, a vossos pés estão os filhos, a vossos pés está o sangue, a vossos pés está a vida; para que corteis por ella e por elles, para que façaes de tudo e de todos o que fôr mais conforme á vossa santa Lei. Não é assim, christãos? Assim é, assim o digo, assim o digo e prometto a Deus em nome de todos. Victoria, pois, por parte de Christo, victoria, victoria contra a maior tentação do demonio. Morra o demonio, morram suas tentações, morra o peccado, morra o inferno, morra a ambição, morra o interesse; e viva só o serviço de Deus, viva a fé, viva a christandade, viva a consciencia, viva a alma, viva a lei de Deus, e o que ella ordenar, viva Deus, e vivamos todos: nesta vida com muita abundancia de bens, principalmente os da graça; e na outra por toda a eternidade os da gloria: *Ad quam nos*, etc.

SERMÃO

DA

Segunda Dominga da Quaresma

(Prégado na Capella Real, no Anno de 1651)

Resplenduit facies ejus sicut sol: vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix. [1]

I

O quinto domingo da Quaresma, chama-se vulgarmente na nossa terra o domingo das verdades; e este segundo domingo, em que estamos, se é licito fallar assim, chamara-lhe eu o domingo das mentiras. Mas que fundamento posso eu ter (me dirão todos, e com razão), que fundamento ou motivo posso eu ter para dar um nome tão novo, e ainda tão mal soante e indecente a um dia tão sagrado, como são entre todos os do anno os domingos, e a um domingo tão singular como é entre todos os desta santa Quarentena, aquelle a que a Igreja dedicou o mysterio altissimo da Transfiguração do Senhor? As causas porque Christo, Senhor nosso, se transfigurou com tantas circumstancias de resplendôr, grandeza e magestade, descendo do céo o Padre, subindo do seio de Abrahão Moysés, e vindo do Paraiso terreal Elias, e assistindo a tudo os tres maiores Apostolos (como notam com Santo Agostinho os Padres, e com Santo Thomaz os Theologos) foram duas: a primeira, para nos dar algumas mostras na terra, da gloria que havemos de gosar no céo: a segunda, para que a verdade da mesma gloria ficasse provada e estabelecida com o testemunho universal de todas as tres Leis — a da natu-

---

[1] *Matth.*, XVII.

reza em Moysés, a da escripta em Elias, e a da graça nos Apostolos: — e sobretudo com a voz infallivel do mesmo Deus, que de todos foi ouvida. Pois se no mysterio e testemunho da Transfiguração de Christo, não só se contém a gloria da bemaventurança em si mesma, senão tambem a verdade da mesma gloria para comnosco; e esta gloria, e esta verdade, é o que hoje celebra e manda prégar a todos os fieis a Igreja Catholica; como me atrevo eu a dizer que um dia tão solemne e glorioso, e mais do céo que da terra, se póde, ou podia chamar o domingo das mentiras? Respondo, que por isso mesmo, e que em sentido bem entendido e decente, se póde chamar assim. E porque? Porque o que hoje se prégа são as excellencias da gloria do céo; e tudo o que se apregôa e encarece da gloria do céo, posto que no que se quer dizer seja verdade, no que se diz é mentira.

Agora vereis se é arrojamento o que digo. Entre os extraordinarios favores que Deus fez a David, como homem tanto do seu coração, um delles foi, e por ventura o maior, arrebatal-o um dia, e leval-o em espirito ao céo, onde correndo as cortinas ao throno da Magestade Divina, e a todo o theatro da gloria, lhe mostrou a que elle havia de gosar depois, quando o Filho de Deus, e Filho do mesmo David, a comprasse com seu sangue. Vendo pois David a gloria dos bemaventurados, que havia de ser tambem sua, que conceito vos parece que faria da gloria? Elle mesmo o disse, e foi admiravel: *Ego dixi in excessu meo: omnis homo mendax.* [1] Naquelle extasi em que fui arrebatado e levado ao céo, o que fiz depois de vêr o que vi, foi dizer e exclamar, que todo o homem mente. Notavel consequencia! Pedro vendo a gloria do Tabôr, diz: *Bonum est nos hic esse:* [2] e David vendo a gloria do céo, diz: *Omnis homo mendax?* Sim; e com admiravel discurso. Como se dissera: é possivel que esta é a bemaventurança do céo, é possivel que isto é o que lá no mundo chamamos gloria? Ora o certo é que nenhum homem ha que fallando da gloria, não diga uma coisa por outra: nenhum homem ha que fallando da gloria, diga o que ella é, senão o que não é; em

---

[1] *Psal.*, CXV, 11.
[2] *Math.*, XVII, 4.

fim, que fallando da gloria, todo o homem mente: *Omnis homo mendax.* Este foi o conceito que fez David quando foi arrebatado ao céo: e nem eu tinha habilidade para dar em tão alto pensamento, nem tivera confiança para sahir com elle a publico, se o não dissera primeiro, commentando as mesmas palavras, Theodoro Heracleóta, insigne entre os Padres gregos, que floresceu ha mil e trezentos annos, bispo de Heracléa na Thracia, e doutissimo interprete das Escripturas Sagradas, como delle escreve S. Jeronymo no catalogo dos escriptores ecclesiasticos. As suas palavras são estas: *Exclamavit David in excessu suo: omnis homo mendax: qui enim voce ineffabilia hortatur, mendax est: non quod oderit veritatem, sed quia deficit in rei intellectæ expositione.* Exclamou David no seu extasi (diz o grande Heracleóta) e não duvidou dizer, que todo o homem mente, porque todo o homem que quiz explicar com palavras as coisas que são ineffaveis, e não tem termos com que se declarar, necessariamente ha-de mentir, não porque seja inimigo da verdade, mas porque a não póde dizer como ella é. E esta é a razão e o sentido verdadeiro, com que eu digo que o dia em que os prégadores fallamos das excellencias da gloria, é o dia das mentiras.

II

Mas antes que passemos adiante, deixae-me provar que o sentido que acabo de referir, é o proprio e genuino do Texto de David. A regra certa de conhecer o verdadeiro sentido de qualquer Texto, como ensinam com Santo Agostinho todos os Theologos e Interpretes das Escripturas, é a coherencia que tem o Texto com os antecedentes e consequentes delle. Se o que fica atraz, e o que se segue adiante, correm naturalmente, e concordam com o que diz o Texto, é signal certo e evidente, de que aquelle é o seu proprio, litteral e verdadeiro sentido. Vejamos agora que diz David antes e depois de referir o seu extasi, e a exclamação que nelle fez.

As palavras antecedentes são estas, e nenhuma outra mais, porque assim começa o Psalmo: *Credidi propter quod locutus sum, ego autem humiliatus sum*

nimis: Eu (diz David) fallei conforme o que cri, e fiquei muito humilhado. Pois de fallar conforme o que cria, podia ficar humilhado um tão grande propheta? Só no caso presente, sim. O que cria David, era o que lhe ensinava a fé, e nenhuma coisa póde humilhar a fé, senão a vista. Foi arrebatado ao céo, viu lá o que é a gloria: e como as evidencias claras da gloria excedem infinitamente todas as apprehensões escuras da fé, ficou humilhado, e como envergonhado David, do pouco que tinha dito da mesma gloria, quando fallou della, guiado sómente pelo que cria: *Credidi propter quod locutus sum, ego autem humiliatus sum nimis.* Aquelle cego de seu nascimento, a quem Christo deu vista, muitas vezes tinha ouvido fallar no sol, mas quando com os olhos abertos viu verdadeiramente o que é o sol, então conheceu quão differente, e quão baixo conceito era o que tinha feito da sua luz, e da sua formosura, que só conhecia de ouvidas. O mesmo lhe succedeu a David. Tinha fallado da gloria, só pelo que tinha ouvido á fé: e por isso quando a viu com seus olhos, ficou tão humilhado, tão confuso, e tão corrido do pouco que tinha dito, que não duvidou de se desdizer, e se desmentir a si mesmo e a todos os homens que della fallaram: *Ego dixi in excessu meo: omnis homo mendax.*

As palavras que logo acrescenta e se seguem immediatamente ao mesmo Texto, são estas: *Quid retribuam Domino pro omnibus, quæ retribuit mihi?* Não póde haver maior propriedade. Com que pagarei (diz) a Deus, o muito com que Deus me pagou? Pois, David, já Deus vos pagou, estando vós ainda nesta vida? Sim; porque já me mostrou no meu extasi a gloria que me tem apparelhada, e com que me ha-de pagar no céo. Por isso lhe chama propriamente, não dadiva, nem mercê, senão retribuição: *Pro omnibus quæ retribuit mihi.* A gloria é a retribuição, o premio e a paga, com que Deus paga no céo os serviços, que lhe fazemos na terra: e como Deus naquelle extasi mostrou a David a gloria com que lhe havia de pagar seus serviços, por isso elle com affecto de agradecimento, e com desejo de fazer algum novo serviço a Deus, que fosse digna correspondencia de tamanho premio, querendo pagar uma retribuição com outra retribuição, rompeu naquellas palavras: *Quid retribuam Domino pro omnibus, quæ retribuit mihi?*

Mas como desejava David pagar a Deus esta mesma paga, se os bemaventurados quando a recebem, nem a pagam, nem a pódem pagar? A razão e differença, é porque os bemaventurados do céo já não estão em estado de merecer, nem servir. Porém David depois de arrebatado e levado ao céo, tornou a este mundo, e por isso era capaz de pagar a Deus a mesma paga que lhe tinha mostrado, e uma retribuição com outra.

Duvidoso pois David, e excogitando o modo que podia ter nesta vida para pagar a Deus com paga equivalente á mesma gloria, que lhe tinha apparelhado no céo, allumiado pelo mesmo Deus deu em um pensamento altissimo, com que milagrosamente se confirma tudo o que dizemos: *Calicem salutaris accipiam, et nomen Domini invocabo:* Offerecerei a Deus em sacrificio o calix do Salvador, invocando seu santo Nome: e deste modo lhe agradecerei e pagarei a mesma gloria que me tem apparelhado no céo. Pois o calix do Salvador, é o agradecimento e a paga com que David ha-de pagar a Deus a gloria com que o mesmo Deus ha-de pagar e remunerar a David os seus serviços? Sim. Nem póde haver outra egual. E porque? Porque o preço com que o Salvador nos comprou a gloria, foi o calix do sangue da sua Paixão, que é o mesmo calix e o mesmo sangue, que se consagra no Sacramento: e só offerecendo-se a Deus em sacrificio este calix e este sangue, se póde pagar a Deus a gloria que nos dá na bemaventurança: porque é pagar a gloria, não só com preço egual, senão com o mesmo preço com que foi comprada. Comprou-se a gloria com o calix do sangue do Salvador? Pois com o calix do mesmo sangue a pagarei eu a Deus; porque só por este modo póde ser a retribuição do agradecimento egual á retribuição do premio: *Quid retribuam Domino pro omnibus quæ retribuit mihi? Calicem salutaris accipiam, et nomen Domini invocabo.*

De maneira (tornando ao nosso Texto) que sendo David arrebatado em espirito, e levado ao céo, viu lá a gloria dos bemaventurados, e comparando o conhecimento claro e verdadeiro da gloria que viu, com o conceito que fazem da mesma gloria, e que dizem della os que a não viram, o que inferiu desta vista, e a consequencia que tirou, foi dizer que todo o homem mente: *Ego dixi in excessu meo: omnis homo mendax:* não absolutamente, e em qualquer outra ma-

teria, senão particularmente nesta, e quando fallam da gloria. Digo quando fallam da gloria; porque só neste sentido se verifica com propriedade o Texto de David, o qual absolutamente tomado, e como vulgarmente se entende, tem grande contrariedade na mesma Escriptura. No Capitulo 14 do Apocalypse diz S. João, que viu muitos milhares de homens, em cuja bocca nunca se achou mentira: *In ore eorum non est inventum mendacium.* [1] Tal foi Nathanaël, de quem disse Christo: *Ecce verè Israelita, in quo dolus non est.* [2] Tal foi o Baptista, de quem canta a Igreja: *Ne levi posses maculare vitam crimine linguæ.* É verdadeiramente para não mentir, não é necessario ser santo, basta ser honrado: porque não ha coisa mais affrontosa, nem que maior horror faça a quem tem honra, que o mentir. Pois se é de fé, que ha tantos que nunca mentiram, como diz David que todo o homem mente: *Omnis homo mendax?* Os que querem defender a proposição de David no sentido vulgar, dizem que não falla do acto, nem do habito da mentira, senão da corrupção da natureza. Mas se basta a corrupção da natureza, para dizer que todo o homem é mentiroso, tambem bastará para dizer que todo o homem é homicida, ladrão, e adultero, o que ninguem jámais disse, nem póde dizer. Aqui vereis quão proprio e verdadeiro é o sentido em que temos declarado com Theodoro o Texto de David. Quando diz que todo o homem mente, não falla em geral de toda a materia, senão daquella que actualmente estava vendo no seu extasi, que era a gloria: e desta só, e em particular, é que diz que ninguem houve que fallasse della, que não mentisse.

Mas supposto que David inferiu e tirou esta consequencia da gloria que viu, eu tambem quero inferir e tirar consequencias da sua proposição. Dizeis, David, que todo o homem quando falla da gloria, mente, porque diz menos do que é? Logo tambem vós, que sois homem, quando fallastes da gloria, mentistes? Concedo, diz David. Que esse mentir não é culpa. E se vós, que fostes o mais allumiado de todos os prophetas, neste sentido mentistes, diremos

[1] *Apoc.*, XIV, 5.
[2] *Joan.*, I, 17.

tambem que os outros prophetas quando nella fallaram, mentiram? Tambem, diz David, no sentido em que eu o disse, que tanto o disse por mim, como por elles. E se os Prophetas quando fallaram da gloria, mentiram, que diremos dos Evangelistas? No mesmo sentido em que fallou David, elle diz que sim, e eu tambem com elle. E não temaes que seja descredito da verdade dos Evangelistas, senão credito da excellencia da gloria. Estae commigo, e assentemos o admiravel desta proposição sobre as bases mais solidas da theologia.

S. Thomaz dividindo a mentira em suas especies na questão 110. articulo 2.º, diz assim com Aristoteles, a quem cita no 4.º das Ethicas. Vêde se são os dois corypheus da philosophia e da theologia: *Mendacium in duo dividitur, scilicet, in mendacium, quod transcendit veritatem in majus, et mendacium, quod deficit à veritate in minus:* A mentira, diz S. Thomaz, divide-se em duas especies, uma por excesso, e outra por defeito: a mentira por excesso, é a que excede a verdade, porque diz mais; e a mentira por defeito, é a que falta á verdade, porque diz menos. Funda-se esta divisão (a qual é adequada) na opposição que a mentira tem com a verdade; porque a inteireza da verdade consiste em dizer o que é, assim como é: e assim como dizer mais do que é, é mentira por excesso, assim dizer menos do que é, é mentira por defeito. E desta segunda especie de mentira (que é natural, e não moral) nem os Prophetas, nem os Evangelistas se pódem livrar quando fallam da gloria; não porque não queiram dizer a verdade, e a digam do modo que pódem; mas porque as verdades da gloria são tão altas, tão sublimes, e tão superiores a toda a capacidade e linguagem humana, que por mais que digam o que é, sempre dizem muito menos.

III

Comecemos pelos Evangelistas, e seja S. Matheus o primeiro no mesmo Evangelho de hoje. Conta S. Matheus a famosissima historia da Transfiguração de Christo, Senhor nosso, no monte Tabôr, aonde levou comsigo os tres mais avantajados e mais familiares dis-

cipulos, e se lhes manifestou glorioso. E que é o que refere desta gloria o Evangelista? Diz que o rosto do Senhor ficára resplandecente como o sol, e as suas vestiduras alvas como a neve: *Resplenduit facies ejus sicut sol: vestimenta autem ejus facta sunt, alba sicut nix.* [1] Por certo, que se a gloria que Christo mostrou aos discipulos, não foi mais que esta, nem é necessario para a vêr ir ao céo, nem ainda subir ao monte: resplendor como o do sol, e brancura como a da neve, em qualquer valle se acha, e de qualquer valle se vê. S. João Chrysostomo descrevendo o resplendôr que terão no céo os corpos gloriosos dos bemaventurados, diz que farão tanta vantagem á luz do sol, quanta faz a luz do sol a uma candeia: *Erit lux non quæ nunc est, sed planè alia, quæ tantum superabit fulgore, quantum ista lumen lychni.* [2] E se a luz de qualquer corpo glorioso não só é tão superior á do sol, senão totalmente diversa, e doutra especie: *Non quæ nunc est, sed plane alia;* sendo o resplendor do corpo de Christo glorioso, quasi infinitamente maior que o de todos os bemaventurados; como diz o Evangelista que era como o sol? Santa Thereza, a quem Christo repartidamente mostrou as mesmas galas do Tabôr, diz que aquelle resplendôr e brancura, são tão differentes de tudo o que cá se vê, e a que se sabe o nome, que a neve lhe parecia preta, e o sol escuro, e indigno de se pôrem nelle os olhos. Os mesmos tres Apostolos experimentaram bem no mesmo caso esta grande differença; porque com a vista do Senhor transfigurado ficaram tão assombrados e attonitos, que estavam fóra de si, como notou S. Marcos: *Non enim sciebant quid dicerent: erant enim timore exterriti.* [3] Logo se em homens costumados a vêr o sol e a neve causou aquella vista tão estupendos effeitos, muito differentes eram do sol e da neve, o resplendôr, e brancura que viam. Finalmente, S. João Damasceno, Santo Epiphanio, S. Gregorio Nazianzeno, Santo Agostinho, e outros Padres, dizem que aquelle resplendôr e aquella brancura não só emanou do corpo glorioso, nem só da alma sempre

---

[1] *Math.*, XVII, 2.
[2] Chrysost. Parænet. 1. ad Th.
[3] *Marc.*, IX, 5.

bemaventurada de Christo, senão da mesma divindade do Verbo unida hypostaticamente a uma e outra parte da humanidade sagrada, da qual divindade como de fonte e principio principal se diffundiam no rosto e nas vestiduras do Senhor, aquelles admiraveis effeitos em prova manifesta e quasi sensivel, de que o Homem que viam, era juntamente Deus, como logo apregoou a voz do Padre: *Hic est Filius meus dilectus.* [1] O Verbo Divino chama-se nas Escripturas resplendôr da gloria, e figura da substancia do Padre: *Splendor gloriæ, et figura substantiæ ejus:* [2] e tambem se chama candor e brancura da luz eterna: *Candor est enim lucis æternæ:* [3] e deste resplendôr divino é que manou o resplendôr do rosto, e deste candor, tambem divino, a brancura das vestiduras na Transfiguração de Christo.

Pois se a comparação do sol e da neve applicada a qualquer corpo bemaventurado e glorioso, mais é injuria, que similhança: se o resplendor e brancura do rosto e vestiduras de Christo excediam com infinitas vantagens a formosura e galas de toda a côrte do Empyreo: e se estes dois reflexos da Magestade, ou estas duas amostras da gloria no Senhor della, mais tinham de divinas, que de sobrenaturaes: e no candor e na luz eram raios expressos da Divindade; como diz o Evangelista que o resplandor do rosto era como o do sol: *Resplenduit facies ejus sicut sol:* e a brancura das roupas como a da neve: *Vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix?* Aqui vereis com quanta verdade disse David, que nas materias da gloria *omnis homo mendax*, não exceptuando nenhum homem ainda que seja Evangelista. A verdade dos Evangelistas em todas as outras materias é tão adequada, como infallivel, mas quando chegam a fallar da gloria, não por defeito do historiador, mas por excesso da mesma gloria, são tão imperfeitas as côres com que a pintam, e tão deseguaes as similhanças, com que a descrevem, que não dizem o que é, como é, senão como não é. Declaram o muito pelo pouco, encarecem o mais pelo menos, explicam o que chamam similhan-

[1] *Math.*, XVII, 5.
[2] *Heb.*, I, 3.
[3] *Sap.*, VII, 26.

te, pelo que não tem similhança. Em fim, de tal maneira narram as verdades da gloria, que sempre ficam dentro dos termos e divisão da mentira. Não diz S. Thomaz, que a mentira por defeito é dizer menos do que é: *Mendacium, quod deficit à veritate in minus?* Pois isto é o que succede até aos Evangelistas, quando fallam da gloria.

IV

No carro de Ezechiel, chamado o carro da gloria de Deus, o rosto de homem significava a S. Matheus e o de aguia a S. João. Ora vejamos se o Evangelista S. João, como aguia de mais aguda vista, alcança a dizer mais que S. Matheus. No Capitulo vinte um e vinte dois do seu Apocalypse diz S. João, que viu descer do céo a cidade triumphante da gloria, ornada como a esposa no dia das bodas: *Vidi civitatem Jérusalem novam descendentem de cœlo a Deo, paratam, sicut sponsam ornatam viro suo.* [1] E começando a descripção da cidade, assim como Deus a fabrica do mundo, pela luz, diz que a allumiava a claridade de Deus, e que esta claridade era similhante a uma pedra preciosa, e esta pedra preciosa similhante a jaspe, e este jaspe similhante a crystal: *Habentem claritatem Dei, et lumen ejus simile lapidi precioso, tanquam lapidi jaspidis, sicut crystallum.* [2] O jaspe de que aqui falla S. João, não é aquella pedra vulgar e grosseira, a que nós damos o mesmo nome; mas outra só parecida com ella no arremedado, ou remendado das côres, a que os gregos chamaram esfingites. Desta pedra refere Suetonio, que lavrou para si uma galeria o mesmo imperador Domiciano, que desterrou para a ilha de Patmos a S. João. E acrescenta Plinio, que pouco antes tinha sido descoberta em Cappadocia no tempo de Nero, o qual com laminas da mesma pedra vestira o interior do templo da Fortuna, e era tal o seu natural resplendôr, que com as portas e janellas fechadas ao sol, conservavam a luz do dia.

---

[1] *Apoc.*, XXI, 2.
[2] *Ibid.*, 11.

Vae por diante o Evangelista na sua descripção da cidade da gloria, cujos muros altissimos e fortissimos, diz que eram edificados em quadro, e todos deste mesmo jaspe. Mediu-os um anjo com uma cana de oiro, e achou que tinham por cada lado doze mil estadios de comprimento, que fazem das nossas leguas, quatrocentas e quarenta e quatro, para que até o numero seja quadrado, em tudo significador de firmeza. Nos quatro lanços do muro havia doze portas, as quaes nunca se fechavam, porque naquella região não ha noite. E destas doze portas, tres olhavam para o Oriente, tres para o Occidente, tres para o Septentrião, tres para o Meio-dia, em signal de que para todas as partes do mundo, e para todas as nações e estados delle, sem excluir a ninguem, está o céo patente. As portas todas eram da mesma architectura, e todas da mesma grandeza, proporcionada á altura e á magnificencia dos muros, e cada uma dellas aberta em uma perola: *Et singulæ portæ erant ex singulis margaritis.* [1] Se no antigo Pantheon, que era o templo de todos os deuses, e por isso figura do céo, se mostra ainda hoje por maravilha a porta delle, aberta em uma só peça de marmore, quão admiraveis seriam aquellas portas muito maiores que o mesmo templo, abertas em uma só perola? A estas doze portas respondiam outros tantos fundamentos, sobre os quaes assentava toda a cidade, e cada um era lavrado não da mesma, senão de varias pedras, e tão preciosas, como varias. O primeiro fundamento, diz S. João, era de diamante, o segundo de safira, o terceiro de carbunculo, o quarto de esmeralda, o quinto de rubi, o sexto de sardio, o setimo de chrysolito, o oitavo de byrillo, o nono de topazio, o decimo de chrysopraso, o undecimo de jacinto, o duodecimo de ametisto. E segundo o numero e ordem destes doze fundamentos, estavam esculpidos e gravados nelles os mesmos doze Apostolos; porque só fundada na fé e doutrina dos Apostolos, póde estar segura a esperança de entrar na gloria.

Mas se tão sumptuoso e magnifico era o exterior da cidade, qual vos parece que seria, ou será o interior? Toda a cidade em toda sua grandeza, todos seus edi-

[1] *Apoc.*, XXI, 21.

ficios e palacios (que todos são palacios reaes) todas suas ruas e praças, diz o Evangelista que eram de oiro puro e solido; mas não oiro espesso como o nosso, senão diaphano e transparente como vidro: *Ipsa verò civitas, aurum mundum simile vitro mundo: et platea Civitatis aurum mundum, tanquam vitrum perlucidum.* [1] De sorte, que a cidade da gloria no pavimento, nas paredes, e no interior dos aposentos, toda é um espelho de oiro: porque todos perpetuamente se vêem a si mesmos, todos vêem a todos, e todos vêem tudo. Nada se esconde alli; porque lá não ha vicio: nada se encobre; porque tudo é para vèr: nada se recata, ou difficulta; porque tudo agrada: e porque tudo é amôr, tudo se communica. Ainda tem outra excellencia aquella bemaventurada cidade, a qual se lhe faltara, não fôra da gloria. Vindo a Roma nos tempos de sua maior opulencia e grandeza, um embaixador de Pyrrho, rei dos Epirotas, não fazia fim de admirar o que o poder e a arte tinham junto naquelle emporio de riquezas e delicias. E perguntado pelos Romanos se achava algum defeito na sua cidade? Sim, acho, respondeu o embaixador. E qual é? Que tambem em Roma se morre. Não assim, diz S. João, nesta riquissima cidade que vos tenho descripto. *Mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra.* [2] Não ha lá morte, nem lutos, nem dôr, nem queixa; porque do throno do supremo Rei sáe um rio de crystal, que rega toda a cidade, cujas margens estão cobertas de arvores, e as arvores carregadas de fructos, e os fructos melhores que os da arvore da vida, que não só fazem os homens immortaes, senão eternos: *Fluvium aquæ vivæ splendidum tanquam crystallum, procedentem de sede Dei, et Agni. In medio plateæ ejus, et ex utraque parte fluminis lignum vitæ:* [3]

V

Esta é, senhores, a cidade da gloria, descripta pelo Evangelista S. João: e basta que fosse assim como se

[1] *Apoc.*, 18 e 21.
[2] *Ibid.*, 4.
[3] *Ibid.*, XXII, 1 e 2.

descreve, para ser merecedora das nossas saudades, e que fizessemos mais do que fazemos, por ir viver nella. Mas é necessario entender com distinção, isto mesmo que está dito. Em dizer o Evangelista que naquella bemaventurada patria não ha morte, nem dôr, nem tristeza, nem queixa, nem algum dos outros accidentes, que tão molesta fazem a vida deste valle de lagrimas, é verdade, entendida assim como soa, em que não póde haver duvida. Porém isto não é dizer o que ha no céo, senão o que não ha. Não ha morte, não ha dôres, não ha trabalhos. O demais que pertence á magnificencia e riqueza da mesma cidade, o oiro, as perolas, os diamantes, e todo o outro apparato e preço da pedraria de que são edificados os muros, e quanto elles abraçam e cercam, é o de que só se duvida. E com razão. Alguns Doutores teem por provavel, que tudo isto haja no céo; os demais o negam absolutamente, e para mim com evidencia. Os vossos mesmos olhos e os vossos mesmos pensamentos me hão-de fazer a prova. Pergunto: vistes já oiro, vistes já perolas, vistes já diamantes, e todas as outras pedras de preço de que S. João fabrica a cidade da gloria? Sim. Logo é certo e evidente, que a cidade da gloria não é edificada desse oiro, nem dessas pedras. Porque? Porque S. Paulo, que foi ao céo, e viu o que lá ha, diz que o que Deus tem apparelhado na bemaventurança para os seus escolhidos, são tudo coisas que nunca os olhos viram: *Oculus non vidit, quæ præparavit Deus iis, qui diligunt illum.* [1] Logo pelo mesmo caso que nós vemos esse oiro e essas pedras, segue-se com evidencia, que não são esses os materiaes de que é fabricada a cidade ou côrte da gloria. Dirá alguem, que ainda que vemos oiro e pedras preciosas, não vimos cidade alguma, nem ainda uma só casa, fabricada desse oiro e dessas pedras: e a cidade que descreve S. João, não só é cidade de qualquer modo, senão uma cidade de mais de quatrocentas leguas em quadra. Boa solução ou instancia. Mas eu torno a perguntar. E imaginando vós com o pensamento, podeis conceber e fabricar nelle uma cidade tão grande como esta, edificada toda de oiro, de diamantes e perolas? Não ha duvida que sem sermos tão

[1] *1.ª ad Cor.*, II, 9.

grandes architectos, como Vitruvio, a podemos imaginar e idear assim; e ainda mais a gosto de cada um. Logo a cidade da gloria não é como a descreve S. João: porque o mesmo S. Paulo diz que o que Deus lá nos tem apparelhado, não só não o viram jámais olhos, mas que nem o póde conceber o pensamento, nem entrar na imaginação humana: *Oculus non vidit; nec in cor hominis ascendit.* Pois se isto é assim, com verdade infallivel e irrefragavel; como nos pinta o Evangelista S. João, e nos descreve a cidade do céo feita toda de oiro e pedras preciosas?

Explicarei este desenho do discipulo amado de Christo, com o que aconteceu a um discipulo de Zeuxis, famosissimo pintor da antiguidade. Disse-lhe o mestre, que por obra de examinação lhe pintasse uma imagem da deusa Venus com todos os primores da formosura, a que podesse chegar a sua arte. Fel-o assim o discipulo, e com estudo e applicação de muitos dias e disvelo de muitas noites apresentou o quadro ao mestre. Via-se nelle a deusa toda ornada e enriquecida de joias, que mais pareciam roubadas á natureza, que imitadas da arte: nos dedos anneis de diamantes, nos braços braceletes de rubis, na garganta afogador de grandes perolas, no toucado grinalda de esmeraldas, nas orelhas chuveiros de aljofar, no peito um camafeu em figura de Cupido, cercado de uma rosa de jacintos, com os ays da mesma flôr por raios, as alpargatas semeadas de todo o genero de pedraria, as roupas recamadas de oiro e tomadas airosamente em um cintilho de safiras. Esta era a fórma do quadro, e nelle todo o engenho e arte do discipulo. Estava esperando a approvação do mestre. Mas que vos parece que lhe diria Zeuxis? *Fecisti divitem, quia non potuisti facere pulchram:* Fizeste-a rica, porque a não podeste fazer formosa. O mesmo digo eu ao oiro, ás perolas, e ás pedras preciosas, com que S. João nos descreve a cidade da gloria. Evangelista sagrado, riquissima está a cidade que nos pintastes; mas fizestel-a tão rica, porque a não podestes fazer formosa. A formosura que espera vêr a nossa fé no céo, não é como esta, em que só se póde enlevar a cubiça da terra. Bem o advertistes vós, aguia divina, quando tomastes por salva, que a cidade que descrevieis, era descida do céo á terra: *Civitatem Jérusalem descen-*

dentem de cælo. [1] O oiro, os diamantes, as perolas, tudo é terra e da terra. E como póde o lustroso e precioso da terra informar-nos com verdade da belleza sobrenatural e formosura inestimavel da gloria? E' verdade que S. João na ideia que formou, imaginou quanto se podia imaginar, e na descripção que fez, disse quanto se podia dizer; mas como as coisas da gloria são tão diversas de tudo o que se vê, e tão levantadas sobre tudo o que se imagina, por mais e mais que se diga dellas, sempre se diz menos. E como o dizer menos, na philosophia de Aristoteles e na theologia de S. Thomaz, é uma das especies da mentira, ninguem se deve admirar, que no sentido em que fallo, pareça que o maior dos Evangelistas incorresse na sua visão aquella gloriosa censura que David, tambem arrebatado no seu extasi, deu a todos os que fallam da gloria: *Ego dixi in excessu meo: omnis homo mendax.*

VI

Dos Evangelistas passemos aos Prophetas. Isaias, que é o maior de todos, e neste ponto é singular entre os demais, porque viu a Deus no throno da gloria, diz assim: *A sæculo non audierunt, neque auribus perceperunt, quæ præparasti expectantibus te.* [2] Quer dizer: que as coisas que nos esperam e Deus nos tem preparado na gloria, são tão altas, tão sublimes, e tão superiores a tudo o de que neste mundo se tem noticia, que nunca jámais chegarão aos ouvidos dos homens. Que sejam as coisas da gloria maiores que tudo o que viram os olhos, e tudo o que póde inventar a imaginação, já o mostrámos; mas que sejam tambem maiores que tudo o que ouviram os ouvidos, é coisa para mim muito difficultosa. Que ha, ou que póde haver, que não tenham ouvido os ouvidos? Ouviram tudo o que escreveram os historiadores, ouviram tudo

---

[1] *Apoc.* XXI, 2.
[2] *Isai.*, LXIV, 4.

o que fingiram os poetas, ouviram tudo o que especularam os philosophos, ouviram tudo o que publicou, acrescentou e exaggerou a fama, ouviram tudo o que debaixo do mais sagrado secreto descobriu, e não callou o silencio. Mas não está aqui a difficuldade. Pois em que está? Está em que os ouvidos teem ouvido tudo o que disseram os Prophetas, e tudo o que está escripto e dito nas Escripturas Sagradas. Argumento agora assim. E' certo que os Prophetas e os outros Escriptores sagrados fallam muitas vezes na gloria e no que Deus tem promettido e apparelhado no céo para bemaventurança e premio dos que o servem nesta vida. Tambem é certo que tudo o que nos Prophetas e nos outros Livros sagrados se diz, e nelles está escripto, nós o lemos e ouvimos. Logo se as Escripturas Sagradas dizem o que Deus nos tem apparelhado na gloria, e nós ouvimos tudo o que dizem essas mesmas Escripturas; como diz Isaias que ninguem ouviu o que Deus nos tem apparelhado na gloria: *A sæculo non audierunt, quæ præparasti expectantibus te?*

A solução deste fortissimo argumento é a mais evidente prova de tudo o que imos dizendo. Os Prophetas e as Escripturas fallam da gloria: nós ouvimos tudo o que dizem os Prophetas e as Escripturas, e comtudo não ouvimos nada da gloria, porque por mais que os Prophetas e as Escripturas digam da gloria, nunca chegam a dizer o que ella é. E porque elles dizendo não dizem, por isso nós ouvindo não ouvimos: *A sæculo non audierunt.* Mais ainda. Se ninguem ouviu o que é a gloria, segue-se que nem os prophetas que fallaram della o ouviram. Maravilhosa consequencia, mas verdadeira! E assim é. Ouviram uns prophetas aos outros prophetas, e ouvia-se cada um a si mesmo; mas nem ouvindo todos a todos, nem ouvindo-se cada um a si, ouviam o que é a gloria; porque por mais levantado que seja o espirito dos prophetas, por mais sublime que seja o seu estylo, e por mais que sobrehumana a sua eloquencia, em chegando a fallar da gloria, ou não dizem o que é, ou dizem o que não é. Dizem figuras, dizem comparações, dizem similhanças; mas todas essas comparações são tão desegnaes, todas essas similhanças tão differentes, e todas essas figuras tão pouco parecidas, que nas comparações fica a gloria totalmente abatida, nas similhan-

ças desluzida, e nas figuras desfigurada. E senão, vejamos, ou oiçamos o que os mesmos prophetas teem dito.

Quer Isaias que comecemos desde o principio do mundo: *A sæculo non audierunt.* Seja assim. E quaes foram desde o principio do mundo as figuras com que Moysés e os outros Prophetas nos representaram a gloria? A primeira foi o Paraiso terreal, depois o Tabernaculo, e a Arca do Testamento, o Manná, a Terra de Promissão, a Cidade de Jérusalem, o Templo de Salomão. Mas que similhança teem estas coisas, por mais que fossem os milagres da natureza e da arte, com a gloria do céo? No Paraiso terreal entrou a serpente e o peccado; e a primeira prerogativa da gloria é a segurança da graça, em que todos os que lá vivem, são confirmados. No Tabernaculo de Moysés andou a Arca do Testamento com os filhos de Israël peregrinando pelo deserto; no céo está Deus e os bemaventurados de assento, como na propria patria. O Manná, posto que tinha todos os sabores, não durava de um dia para o outro, porque se corrompia: e a gloria não só é perpetua e incorruptivel em si, mas aos mesmos nossos corpos de carne faz incorruptiveis e immortaes. Da Terra da Promissão se dizia, por encarecimento, que manava leite e mel. Mas que comparação tem o leite com os deleites do céo, e o mel com as doçuras da gloria? A Cidade de Jérusalem quer dizer visão de paz; e quantas vezes se viu a mesma Jérusalem combatida, sitiada e destruida com guerras? Só no céo é a paz segura e sem temôr, porque dentro não póde haver desunião, e de fóra não chegam lá inimigos. No Templo de Salomão estava coberto com um véu o *Sancta Sanctorum*, donde Deus occulto e invisivel fallava por oraculos, e onde só podia entrar o Summo Sacerdote uma vez no anno; mas na gloria sem véu nem cortina se deixa Deus vêr e gozar manifesto a todos, e não em um só dia, ou anno (que fôra assaz) senão por toda aquella eternidade, inteira sem divisão, e continuada sem limite, em que não ha annos, nem dias.

Que mais dizem os Prophetas? Dizem que o céo é um rio de delicias, que sempre corre: *Torrente voluptatis tuæ potabis eos.* [1] Mas se todo o mar Oceano

[1] *Psalm.*, XXXV, 9.

comparado com a immensidade das delicias celestiaes é estreito, que será um rio? E se as mesmas delicias são permanentes e eternas, e não diversas, senão sempre as mesmas, como pódem ser correntes? Dizem que o céo é um perpetuo convite de exquisitos e soberanos manjares: *Faciet Dominus in monte hoc convivium pinguium, pinguium medullatorum.* [1] Mas os convites começam com fome, continuam com gosto e acabam com fastio. A gloria, pelo contrario, é uma perpetua satisfação do desejo, e um perpetuo desejo da mesma satisfação, em que não ha fome, porque a fome molesta; nem fastio, porque o fastio cança: nem o gosto acaba jámais, porque não tem fim. Dizem que é um reino em que todos os que nelle entram, recebem a corôa das mãos de Deus: *Accipient regnum decoris, et diadema speciei de manu Domini.* [2] Mas o reino compõe-se de rei e vassallos, e na gloria não ha subditos: só são sujeitos a Deus por vontade os que reinam com elle, e essa mesma sujeição amorosa é o sceptro da liberdade e a corôa do alvedrio. Dizem que é um dia de bodas com vinculo indissoluvel: *Sponsabo te mihi in sempiternum.* [3] Mas que amôr ou que gosto ha nas bodas, que em poucos dias não enfraqueça ou se mude? Cresce com a esperança, satisfaz-se com a novidade, e diminue com a posse. Na gloria não é assim; porque o bem infinito sempre é novo, e onde a novidade não envelhece, o amôr e o gosto não diminue. Dizem, finalmente, que a alegria da gloria será como a dos lavradores no dia da messe, quando colhem o fructo de seus trabalhos, e como a dos soldados victoriosos, quando repartem os despojos dos inimigos vencidos: *Lætabuntur coram te, sicut qui lætantur in messe, sicut exultant victores capta præda, quando dividunt spolia.* [4] Mas que similhança tem a baixeza destas comparações, e a desproporção de todas as outras, para medirmos ou estimarmos por ellas as felicidades do céo? Mais parecem inventadas para abater a grandeza da gloria, para escurecer seu resplendôr, e para afeiar

---

[1] *Isai.*, XXV, 6.
[2] *Sap.*, V, 17.
[3] *Oseæ.*, II, 19.
[4] *Isai.*, IX, 3.

sua formosura, que para nos representar nem as sombras do que ella é.

Quasi lhes aconteceu aos Prophetas com o céo lá de cima, que não vemos, o mesmo que aos mathematicos e astrologos com este céo cá de baixo, onde chega a nossa vista. Viram os mathematicos esse labyrintho de luzes, de que está semeada sem ordem toda a esphera celeste, tão diversas na grandeza, como varias no movimento, e infinitas no numero; e para assentar alguma coisa certa em uma confusão tão immensa, que fizeram? Repartiram o mesmo céo, e fingiram em todo elle grande multidão de figuras, umas naturaes, outras fabulosas. Aqui puzeram um toiro, alli um leão, acolá uma serpente: aqui um cervo, alli um cisne, acolá uma aguia: em uma parte a Hercules, em outra a Orion, em outras a Medusa, a Berenice, a Andromeda: o cavallo Pegaso voando com azas, o rio Eridano volteando a corrente, a náu Argos navegando: um golfinho, um caranguejo, uma balança, um carro: o escorpião, o centauro, a hydra, o capricornio, e outras chimeras como estas, tão feias nos aspectos, como nos nomes. Pois no céo ha estes animaes, estas fabulas, estes monstros? Não; que tudo são estrellas resplandecentes e formosas. Mas foi necessario aos mathematicos fingir no céo estas mentiras, e pôr lá estas fabulas, para por meio dellas se entenderem entre si, e ensinarem de algum modo ao mundo a verdade do que passa no céo.

Perdoae-me a comparação, Prophetas sagrados, e agradecei á reverencia dos vossos oraculos, não usar eu do nome e da licença que já me deu um de vós, e o mais allumiado de todos. No céo não ha segadores, messes, nem soldados, nem despojos: no céo não ha convites, nem bodas, nem inundação de torrentes: no céo não ha Jérusalem, nem Tabernaculos, nem Paraisos terreaes, nem Terras de Promissão; que tudo isso é terra, e coisas da terra. Mas vós como mathematicos do céo empyreo, pozestes lá todas essas figuras com tão pouca similhança e proporção, como com necessaria impropriedade, para por meio dellas ensinar a nossa rudeza, e pela consideração dos gostos grosseiros que percebemos, nos levantar a fé e o pensamento á conjectura dos que não alcançamos. Nem podia haver outro argumento ou experiencia que melhor nos demonstrasse o eminentissimo conceito

que devemos fazer das coisas da gloria, pois os vossos mesmos entendimentos, ainda sobrenaturalmente elevados, não teem conceitos, nem palavras bastantes, com que nos declarar suas grandezas.

VII

E se os mesmos Prophetas quando chegam a fallar da gloria, dizem tanto menos do que ella é, ou verdadeiramente o que não é; que podemos nós os prégadores dizer em materia que tanto excede toda a capacidade mortal? Por isso ainda quando mais encarecemos, sempre mentimos. Só S. Paulo pudéra prégar da gloria, porque era prégador que a viu com seus olhos: mas oiçamos o que elle disse depois de a vêr: *Raptus est in Paradisum, et audivit arcana verba, quæ non licet homini loqui:* [1] Eu, diz S. Paulo (fallando de si em terceira pessoa), fui arrebatado ao céo, e lá vi o que Deus tem apparelhado para os seus escolhidos; mas são coisas taes, que me não é licito dizel-as. Neste *não me é licito*, reparo. Que coisa mais licita, que coisa mais justa, que coisa mais santa, mais util, e mais necessaria, que fallar da gloria do céo, e mais quem a tinha visto? O rico avarento teve para si que faria maior impressão de temôr em seus irmãos a prégação de Lazaro, porque tinha visto as penas do inferno; e não ha duvida, que tambem em nós excitaria muito mais o desejo a prégação de S. Paulo, porque tinha visto a gloria do céo. Pois se esta prégação era tão efficaz e tão util para a salvação de muitas almas, que tão esquecidas vivem do céo; porque se escusa S. Paulo de prégar e apregoar os bens da gloria, e se escusa com lhe não ser licito: *Non licet?*

Ha casos em que muitas coisas vedadas se dispensam, e se pódem fazer licitamente; mas a mentira ainda em materia leve, é de sua natureza tão intrinsecamente má, que em nenhum caso é licito mentir. E porque o mentir, nem por salvar almas é licito, e as coisas da gloria se não pódem dizer sem mentir, por isso S. Paulo, em todo o rigor da palavra, se escusou com

[1] *2.ª ad Cor.*, XII, 4.

lhe não ser licito: *Non licet homini loqui.* De sorte, que, reduzido nas materias da gloria a termos, ou de mentir ou de callar, tomou por expediente o callar, porque lhe não era licito o mentir. Mas se a S. Paulo não era licito fallar na gloria com este defeito, logo tambem aos Prophetas e aos Evangelistas não foi licito? Sim, foi; porque elles não tinham visto a gloria. S. Paulo sim. S. Paulo como testemunha de vista, tinha obrigação de dizer tudo o que vira, sob pena de desacreditar e infamar a gloria: os demais que a não tinham visto, não eram obrigados a dizer de suas grandezas senão o que podiam, e do modo que podiam, como fizeram. E posto que disseram da gloria muito menos do que ella é, e merece, nem por isso incorreram em culpa; porque quando David disse que todos mentiam, fallou da mentira material, a qual não é illicita, nem culpavel, antes neste caso louvavel, e de grande gloria da mesma gloria. A razão da differença, é porque, como define Santo Agostinho: *Mentiri est contra mentem ire:* O mentir com mentira formal e illicita, é dizer um homem o contrario do que entende. Os outros Escriptores sagrados no que disseram da gloria, disseram o que entendiam, e o que podiam; porém S. Paulo, ainda que dissesse o que podia, sempre havia de dizer contra o que entendia, como homem que tinha visto a gloria: e por isso não lhe era licito: *Non licet homini loqui.*

Assim callou o maior prégador do mundo, e assim pudéra tambem a Igreja mandar aos prégadores que callassemos neste dia, pois o callar sempre é licito. Mas quiz antes que dissessemos (ou mentissemos) esse pouco que podemos dizer, do que passarmos totalmente em silencio as grandezas da gloria; porque a maior grandeza das suas grandezas, é não se poder fallar nellas sem mentir.

E se algum critico acaso tiver estranhado a palavra e o assumpto, saiba que usar talvez da mentira para persuadir a verdade, não só não encontra as leis da boa e verdadeira rhetorica; mas é um dos maiores primores da sua energia. Falla Seneca da hyperbole tão usada de todos os que fallaram em coisas grandes, e diz assim: *In hoc omnis hyperbole extenditur, ut ad verum mendacio veniat.* [1] O fim porque a hy-

[1] Senec. lib. 7 de Benef. cap. 23.

perbole se estende tanto fóra dos mesmos limites do que pretende persuadir, é porque quer chegar á verdade por meio da mentira: mente, e diz mais do que a coisa é, para que se venha a crêr o que é: *Nunquam tantum sperat hyperbole, quantum audet:* não é tão mal entendida a hyperbole, que espere tanto do ouvinte, quanto ella se atreve a affirmar: *Sed incredibilia affirmat, ut ad credibilia perveniat:* mas affirma o que é incrivel, para que se lhe crêa tudo o que se póde crêr. Por este exemplo ficará entendido o fim e fundamento do meu discurso. O estylo que segui foi uma hyperbole ás avessas. Ha hyperbole por excesso, e hyperbole por diminuição: e ambas mentem para chegar á verdade: *Ut ad verum mendacio veniat.* A hyperbole por excesso diz o muito que se não póde crêr, para que se crêa o que é: e a hyperbole por diminuição diz o pouco que se póde dizer, para que se crêa o que será. O que será a gloria do céo, é o que se colhe efficazmente do meu discurso.

E certo que bastava só a consideração ou a suspensão deste *que será*, para todos os que temos fé, nos levantarmos sobre todas as coisas da terra, e as tratarmos com o desprezo que pede o altissimo fim para que fomos creados. Se tudo o que temos dito, se tudo o que todos disseram, se tudo o que todos escreveram, se tudo o que todos imaginaram, em comparação da gloria merece nome de mentira, a verdade que será? Ha mentiras que se vêem, como diz o Espirito Santo: *Visa mendacia:* [1] E taes são as apparencias deste céo inferior que vêmos, ou cuidamos que vêmos. Cuida o vulgo que vê o céo, e engana-se, porque não chega lá a nossa vista. Isto que chamamos céo, é uma mentira azul, e o que chamamos iris, ou arco celeste, é outra mentira de tres côres: e se as mentiras do céo da terra são tão formosas, quaes serão as verdades do céo: *Cœlum cœli Domino?* [2] S. Bernardo, sem subir tanto a cima, tomou por empreza uma harpa, com a lettra que dizia: *Quid erit in patria?* Se no desterro ha tal harmonia e tal suavidade, na patria que será? Mas muito melhor o nosso David, depois que viu na mesma patria, não o

[1] *Eccl.* XXXIV, 2.
[2] *Psalm.*, CXIII, 16.

que será por conjectura, senão o que é por realidade. Trocou a empreza, e desencordoou a sua harpa: e que disse? Que tudo quanto tinha cantado a ella, e quanto cantam e contam todos os que fallam da gloria, tudo é mentira: *Ego dix in excessu meo: omnis homo mendax.*

VIII

Supposto pois (dae-me agora uma breve attenção) supposto pois que tudo o que se tem dito, tudo o que se diz, e tudo o que se póde dizer da gloria que nos espera no céo, é tanto menos, e tão pouco, e tão nada, que sem encarecimento se póde chamar mentira; que havemos ou que podemos fazer para saber verdadeiramente o que é, e como é a gloria? Não ha nem póde haver mais que um só meio, mas esse muito certo e adequado. E qual é? Ir ao céo, e vêl-a. Perguntaram uma vez a Christo, dois que queriam ser seus discipulos, onde morava: *Rabbi ubi habitas?* [1] E o Senhor, que não tinha casa na terra, senão no céo (donde nunca sahiu, ainda quando veiu ao mundo) que respondeu? *Venite, et videte:* Vinde, e vêl-o-heis. E sem irem e verem não o podiam saber? Não. Excellentemente Alcuino e Béda: *Ideo non dixit, ubi habitaret, sed illos, ut venirent, et viderent, invitavit; quia habitatio, idest gloria Christi, videri quidem potest, verbis explicari non potest.* [2] Não disse o Senhor onde morava aos que o queriam saber, e sómente lhes respondeu que viessem, e vissem: *Venite, et videte.* Porque a morada de Christo é a gloria, e o que é, e como é a gloria, só se póde vêr, mas não se póde dizer: *Videri potest, explicari non potest.* Isto é o que respondeu Christo, e isto é o que eu digo, e o que só pódem dizer os prégadores sobre este assumpto. Façamos muito por ir ao céo, e lá veremos o que é a gloria: *Venite, et videte:* Vinde, e vêl-o-heis. E quando por mercê de Deus formos ao céo, e virmos verdadeiramente o que é a gloria, então veremos e co-

---

[1] *Joan.*, I, 38.
[2] Relati á Maldonato ibi.

nheceremos tambem, quão pouca similhança tem de verdade quanto cá se diz e se ouve.

Quando a rainha Sabbá viu a côrte e casa real de Salomão, não só admirada do que se via, mas, como diz o Texto sagrado, quasi desmaiada de pasmo, rompeu nestas palavras: *Non credebam narrantibus mihi, donec ipsa veni, et vidi oculis meis, et probavi quòd media pars mihi nuntiata non fuerit. Major est sapientia tua, et opera tua, quàm rumor, quem audivi. Beati viri tui, et beati servi tui, qui stant coram te semper.* [1] Eu, sapientissimo rei Salomão, quando estava nas minhas terras (diz a rainha) muitas coisas tinha ouvido da vossa sabedoria, da vossa grandeza, da vossa côrte, e da magnificencia da vossa casa: ás quaes porém não dava credito, por me parecerem incriveis; mas depois que vim, e as vejo com meus olhos, já tenho conhecido e provado, que nem ametade se me tinha dito do que verdadeiramente é. Bemaventurados os vossos servos, e bemaventurados os vossos cortezãos, pois teem e gosam a felicidade de estar sempre em vossa presença. Parece que não pudéra dizer mais, se fallara com Deus na gloria. E se as grandezas da côrte e casa de Salomão, as não póde crêr nem perceber uma rainha tão sabia, senão depois de vir e vêr: *Donec ipsa veni, et vidi:* e se tudo o que tinha ouvido na sua terra, não chegava a ser ametade do que agora via com seus olhos; que proporção e que similhança póde ter o pouco ou nada que cá dizemos e ouvimos, com o muito, com o infinito, com o immenso da gloria que lá vêem os que a gosam? Por isso o Senhor e auctor della nos diz: *Venite, et videte:* Vinde, e vêde.

Mas o mal e a desgraça, é que todos querem vêr, e ha muito poucos que queiram vir. Todos querem vêr e gosar a gloria; mas ha muito poucos que queiram vir e seguir a Christo pelo caminho que elle nos veiu ensinar para chegarmos a ella. Se o Divino Mestre trocára os termos, e assim como disse: *Venite, et videte*, dissera: *Videte, et venite:* se fôra possivel e conveniente que primeiro se nos désse vista da gloria, e depois se nos promettessem os meios de a conseguir, como é certo, que não seria necessario que Deus

---

[1] *3.º Livr. dos Reis*, x, 7 e 8.

nos chamasse ou rogasse, senão que nós mesmos arrebatados daquella immensa formosura e felicidade incomprehensivel, não só com vontade e desejo, mas com impeto e violencia romperiamos por todas as difficuldades da vida, e pela mesma vida, e mil vidas por alcançar tanto bem! Porém, que merecimento seria então o da fé, que premio o da esperança, e que valor o da caridade, sendo necessaria, e não livre? Para maior bem do mesmo bem, e para maior augmento da mesma gloria, nos pede Deus primeiro os passos, e depois nos promette a vista: *Venite, et videte.*

E verdadeiramente, que ainda que o caminho do céo, e a passagem deste Cabo de Boa Esperança tivera maiores difficuldades, bem se poderam emprehender todas, sem o testemunho da vista debaixo da palavra de Christo. Quando o mesmo Senhor, antes de se fazer homem por nós, disse a Abrahão que deixasse a sua patria, não lhe prometteu o céo, senão outra terra, e não lh'a mostrou então, mas sómente lhe disse, que lh'a mostraria depois: *Veni in terram, quam monstravero tibi.* [1] E que fez Abrahão debaixo desta palavra? Apenas se póde dizer sem injuria e affronta da nossa fé. Deixou a patria, deixou a casa nobre e rica que tinha herdado de seus paes, deixou a companhia dos parentes, o amôr dos amigos, a familiaridade dos conhecidos, para ir peregrinar entre gentes estranhas. Em fim, rompeu todas aquellas cadeias com que a creação e a natureza costumam prender o coração humano, que tudo nota e pondera a Historia Sagrada. E que tudo isto executasse com tanta promptidão de animo, um homem que pouco antes fôra gentio, e adorava os deuses falsos? Sim, diz Santo Estevão, e ninguem se espante; porque o Deus que mandou a Abrahão que fizesse este divorcio e renuncia geral de quanto tinha e amava no mundo, era o Deus da gloria: *Deus gloriæ apparuit Patri nostro Abraham, et dixit ad illum: Exi de terra tua, et de cognatione tua, et veni in terram, quam monstravero tibi.* [2] Em toda a Sagrada Escriptura se não lê, ou dá a Deus similhante titulo, ou epitheto de Deus da Gloria, senão

[1] *Genes.*, XII, 1.
[2] *Act.*, VII, 2 e 3.

neste logar unicamente. E porque usou de tal paraphrase aquelle famoso prégador apedrejado, a quem entre as mesmas pedras se lhe abriu o céo? Não foi só para encarecer a fineza do que Abrahão obrára; mas para distinguir os motivos que elle podia ter na mesma obra, e nós podemos ter nas nossas. Se não fazemos grandes coisas por amôr de Deus, porque é Deus, ao menos porque as não faremos porque é Deus da Gloria: *Deus Gloriæ?* Fazel-as por Deus, porque é Deus, é fineza: fazel-as por Deus, porque é Deus da Gloria, é conveniencia; fazel-as por Deus, porque é Deus, é amôr de Deus; fazel-as por Deus, porque é Deus da gloria, é amôr proprio. E que nem por este amôr proprio, nem porque Deus nos ha-de premiar com a gloria, lhe façamos taes serviços, que sejam merecedores della? Grande miseria!

E se é miseria grande, o pouco que fazemos por alcançar e vêr a gloria; muito maior miseria é o muito que fazemos pela perder, e não vêr. Cada peccado que commettemos, é um peccado, e duas offensas: uma offensa contra Deus, e outra offensa contra a gloria. Assim o entendeu aquelle moço Prodigo, a quem a experiencia das pagas que o mundo dá, restituiu o entendimento que o mesmo mundo lhe tinha tirado: *Pater, peccavi in cœlum, et coram te:* [1] Pae meu, (dizia elle fallando com Deus) pequei contra o céo, e pequei contra vós: contra o céo, que é a gloria, para que fui creado; e contra vós, que sois o Deus que me creastes para ella. Em primeiro logar poz a offensa do céo, e no segundo a de Deus; porque como era homem que se tinha posto á soldada, mais sentia a perda do galardão, que o desagrado do amo. Eu já me contentára que nas nossas fidalguias se usaram com o céo e com Deus estes desprimores. Se não deixamos os peccados por contrição, e por serem offensas de Deus; deixemol-os ao menos por attrição, e porque nos privam da gloria. Não offender a Deus, porque é Deus, é obrigação: não o offender por não perder a gloria, é interesse. E sendo nós tão interesseiros, ou tão servos e tão escravos dos interesses da terra, que ao menos pelos interesses do céo e da gloria não deixemos de offender a quem nol-a

[1] *Luc.*, xv, 18.

ha-de dar, ou tirar para sempre! Não foi o Prodigo o prodigo; nós o somos, e mais feiamente. Elle disse: *Peccavit in cœlum;* e não foi prodigo do céo, senão da fazenda: nós somos avarentos da fazenda, e prodigos do céo e da gloria.

Oh! como pódem temer, que não são creados para ella, os que tão pouco fazem pela vêr, ou tanto fazem pela não vêr! De quantos deixaram o coração no Egypto, nenhum chegou a vêr a Terra da Promissão; porque sem vir não ha vêr, e quem não vem de todo o coração, não se move. Desde essas moradas eternas nos está Christo glorioso chamando e convidando a todos; e dizendo como aos que lhe perguntaram onde morava: *Venite, et videte:* vinde e vêde: *venite* nos diz agora aquelle mesmo Senhor que no dia do Juizo, unidas outra vez nossas almas a estes mesmos corpos, ha-de dizer aos que ouvirem sua voz: *Venite benedicti.* [1] Vinde nos diz: e donde e para onde? Da terra para o céo, do desterro para a patria, do captiveiro para a liberdade, da guerra para a paz, da tempestade para o porto, do trabalho para o descanço, do tempo para a eternidade, do valle de lagrimas para o monte da gloria. E que haja ainda quem duvide vir? *Venite*, vinde. E não vos digo (diz o Senhor) que venhaes como eu vim pelo monte Calvario, basta-me que venhaes pelo Tabôr, o mais ameno do mundo, com tanto que venhaes em meu seguimento. E se ainda pelo Tabôr não vos atreverdes a vir, como Pedro, João e Thiago, pelo caminho estreito dos conselhos: vinde como Moysés e Elias pelo mais largo dos mandamentos, que para isso fiz dois caminhos, desejando que venham todos: *venite*. Vinde, em fim, e vereis o que antes de vir se não póde vêr: *Venite et videte.* Vereis o que nunca vistes, vereis o que nunca ouvistes, vereis o que nunca imaginastes, e vereis quão differentes, quão outras, e quão infinitamente incomparaveis são as coisas da gloria a todas as que lá vos disseram os meus Prophetas e Evangelistas: não por elles quererem mentir (que não é possivel) mas porque tudo o que ha na terra, ou desde a terra se vê no céo, nenhuma comparação tem, nem similhança, com o que

[1] *Math.*, XXV, 34.

se vê e goza na gloria. Em particular vos convido, como a homens, a vêr gloriosa em seu throno a minha Humanidade. E então julgareis se os raios de que se corôa, são de sol, e a côr de que se veste, de neve: *Resplenduit facies ejus sicut sol: vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix.*

SERMÃO

DA

Segunda Dominga da Quaresma *

Assumpsit Jesus Petrum, et Jacobum, et Joannem, et duxit illos in montem excelsum seorsum, et transfiguratus est ante eos. [1]

I

Ás portas quasi da Terra da Promissão, mandou Moysés apregoar em dois montes altos e oppostos (com vozes que todo o exercito immenso dos filhos de Israël estendido pelos campos milagrosamente ouvia) em um chamado Garizim, as felicidades dos que guardassem a Lei de Deus, e em outro que se chamava Hebel, as maldições e desgraças dos que a não guardassem. Taes se me afiguram nesta entrada da Quaresma os dois montes, tambem muito altos, e não só oppostos, mas totalmente contrarios, cuja historia evangelica neste domingo e no passado, nos representou e representa a Igreja. No primeiro monte o demonio, que ainda se chamava principe deste mundo, mostrou a Christo todos os reinos do mesmo mundo, e todas suas glorias: *Ostendit ei omnia regna mundi, et gloriam eorum.* [2] No segundo, Christo verdadeiro

---

* A proposito d'este Sermão diz o erudito padre Antonio Honorati: O exordio d'este discurso é verdadeiramente digno do seu assumpto. Note-se a ordem admiravel da argumentação, a clareza e sublimidade dos argumentos. O estylo é mavioso, cheio d'uncção e, por vezes, artificiosamente desadornado a fim de não prejudicar a attenção aos pensamentos.

[1] *Math.*, XVII.

[2] *Math.*, IV, 8.

Rei, e Senhor do céo, mostrou a alguns discipulos seus mais familiares, não todo o reino, nem toda a gloria do mesmo céo, porque não eram capazes de a vêr os olhos humanos; mas alguma parte della: *Et transfiguratus est ante eos.* [1] O' quanto vae de montes a monte! O' quanto vae de reinos a reino! O' quanto vae de glorias a gloria! Tambem um destes montes, e com mais razão, se podia chamar o das felicidades, e outro o das maldições. E tambem está bradando o pregão em cada um delles: Que as felicidades estão guardadas para os que guardarem a Lei de Deus, a que Christo transfigurado nos anima com a vista da gloria do céo: e as maldições do mesmo modo estão apparelhadas para os que desprezam e quebrantam a mesma Lei, a que o demonio tentador nos incita com a falsa apparencia das glorias do mundo.

Como ambos estes montes são de gloria, posto que tão diversas, a cada um delles responde a sua assumpção. Ao primeiro: *Assumpsit eum diabolus:* [2] ao segundo: *Assumit Jesus Petrum, et Jacobum, et Joannem.* [3] E' certo que bastava ser uma assumpção do diabo, e outra assumpção de Jesus, para todos amarem e desejarem a assumpção de Jesus, e abominarem e renegarem da assumpção do diabo. Mas que é o que vemos? O caminho do monte Tabôr, por onde se vae á gloria do céo, deserto, e quasi sem haver quem o pize: e a estrada do outro monte sem nome, por onde se vae ás glorias do mundo, cheia, e rebentando de gente de todos os estados, ainda daquelles que professam o desprezo do mesmo mundo! Lá disse David, que todo o homem que tem fé e entendimento, o que faz muito de proposito neste valle de lagrimas, é dispor a sua ascenção: *Ascensiones in corde suo disposuit, in valle lacrymarum, in loco, quem posuit.* [4] Pois se todos desejamos e esperamos que a nossa ascenção e assumpção seja para gosar eternamente as verdadeiras felicidades da bemaventurança; como deixamos o caminho do monte por onde Christo nos guia á gloria do céo, e seguimos com tanta

---

[1] *Math.*, XVII, 2.
[2] *Ibid.*, IV, 5.
[3] *Ibid.*, XVII, 1.
[4] *Psalm.*, LXXXIII, 6 e 7.

ancia e contenda, não digo já a estrada, senão os precipicios, por onde o demonio, debaixo do falso nome de glorias do mundo, nos leva ás maldições do inferno?

Ora eu com a graça divina quizera hoje desfazer esta cegueira, que tantas almas tem enganado e perdido, as quaes nesta vida a não conheceram, e agora sem nenhum remedio a choram. A este fim porei um monte á vista do outro monte, e umas glorias á vista da outra gloria: o monte da tentação, á vista do monte da Transfiguração, e as glorias do mundo, á vista da gloria do céo: comparando, não bens com males, senão bens com bens. Por este meio mais clara e manifestamente, que por nenhum outro, se verá a differença dos falsos aos verdadeiros: e já que os nossos entendimentos e vontades andam tão enganados, ao menos nos desenganarão os olhos. A luz da divina graça se sirva de nol-os abrir e allumiar por intercessão da cheia de graça: *Ave Maria.*

II

Posto o monte da tentação com as glorias do mundo, á vista do monte da Transfiguração com a gloria do céo, quem nos mostrará a differença dos bens que se prometteram no primeiro monte, e se promettem no segundo, senão quem se achou em ambos, tentado em um, e transfigurado no outro? Esta mesma duvida tiveram muitos que refere David, os quaes perguntavam: Quem nos mostrará os bens? *Multi dicunt: Quis ostendit nobis bona?* [1] E responde o mesmo propheta, que o lume do rosto do Senhor nol-os mostraria: *Signatum est super nos lumen vultus tui Domine.* [2] Nunca o rosto de Christo Senhor nosso esteve mais allumiado e mais luminoso, que neste dia de sua Transfiguração, em que resplandeceu o seu rosto como o sol: *Resplenduit facies ejus sicut sol.* [3] E em signal de que logo aqui se viram os bens, disse S. Pe-

[1] *Psalm.*, IV, 6.
[2] *Ibid.*, 7.
[3] *Math.*, XVII, 2.

dro em nome de todos: *Bonum est nos hic esse.* [1] Sendo pois o lume do rosto de Christo o que nos ha-de mostrar os bens, e sendo o lume do mesmo rosto como o do sol, tres coisas acho no lume do sol, que tão claramente como a luz do mesmo sol nos pódem mostrar a grande differença que ha entre os bens da gloria do céo, e os que tambem se chamam bens das chamadas glorias do mundo. O lume do sol é puro, e sem mancha: é tanto para cada um, como para todos: e todo se gosa junto, e não por partes. Nestas tres propriedades, pois, do lume do sol, nos mostrará o rosto de Christo tres differenças dos bens do céo aos do mundo, que tambem serão os tres pontos do nosso discurso. No primeiro veremos que os bens do mundo são bens com mistura de males, e só os bens do céo são puros, e sem mistura: no segundo, que dos bens do mundo, quando muito, logra cada um os seus, e nos bens do céo logra cada um os seus, e mais os de todos: no terceiro, que os bens do mundo, se chegam a se gosar todos, é successivamente, e por partes; porém os bens do céo sempre, todos, e juntamente. Prometti que tudo isto veriamos com os olhos, e posto que a materia de alguns destes pontos seja superior a todos os sentidos, a luz da Transfiguração a fará tão clara como o mesmo sol.

III

Diz a primeira differença da nossa proposta, que todos os bens do mundo são bens com mistura de males, e só os bens do céo bens puros, e sem mistura. E assim é. Quando Deus nosso Senhor fabricou este grande edificio do universo, dividiu-o em tres partes: uma na terra, que é este mundo em que vivemos: outra debaixo da terra, que é o inferno; outra acima da terra, que é o céo: e em todas estas tres regiões repartiu os bens e os males, mas com grande justiça e differença. No inferno ha só males sem bens; no céo ha só bens sem males; na terra ha bens e males juntamente. E porque razão? No inferno ha só males,

[1] *Math.*, XVII, v. 4.

porque ha só máus: no céo ha só bens, porque ha só bons: e na terra onde andam de mistura os bons com os máus, era justo que andassem tambem misturados os bens e os males.

A primeira mestra desta verdade é a mesma natureza em tudo o que creou para o homem. No maior mimo dos sentidos, que é a rosa, cercando-a de espinhos, nos deixou, diz Santo Ambrosio, um claro e desenganado espelho desta deliciosa e dolorosa mistura: *Spina sepsit gratiam floris tanquam humanæ speculum præferens vitæ, quæ suavitatem perfunctionis suæ finitimis curarum spinis sæpè compungat.* [1] A mesma consideração seguiu e adiantou Boecio, o qual ajuntando ao exemplo da belleza o da doçura, cantou ou chorou elegantemente: *Armat spina rosam, mella tegunt apes.* E assim como não ha nesta vida rosa sem espinho, nem mel sem abelha; assim não ha perola sem lodo, nem oiro sem fezes, nem prata sem liga, nem céo sem nuvem, nem sol sem sombra, nem lume sem fumo, nem triaga sem veneno, nem monte sem valle, nem quantidade sem pezo, nem enchente sem minguante, nem trigo sem palha, nem carne sem osso, nem peixe sem espinha, nem fructa, por saborosa que seja, sem caroço, ou casca que deitar fóra. No mesmo tempo de que se compõe a nossa vida, não ha verão sem inverno, nem dia sem noite. E nesta mesma similhança é tanta a differença, que para haver verão e inverno, é necessario um anno, e para haver noite e dia, são necessarias vinte e quatro horas; mas para haver mal e bem, basta um só momento.

Os gentios sem fé ensinados só da experiencia, disseram que Deus tinha dois tanques, um de mel, outro de fel, e que nenhuma coisa mandava aos homens, que não viesse passada por ambos: e que esta era a causa porque em todas as que chegavam á terra, vinha a doçura do bem misturada com a amargura do mal. Não poderam fallar mais ao certo, se tiveram lido a David. Diz o Real Propheta, que Deus tem na mão um calix, pelo qual dá de beber aos homens, cheio de vinho puro e misturado: *Calix in manu Domini vini meri plenus mixto.* [2] Repara e pergunta

---

[1] Ámbr. lib. 3. Exam. cap. 17.
[2] *Psalm.*, LXXIV, 9.

Santo Agostinho: *Quomodo meri si mixto?* Se o vinho era puro, como era misturado; e se era misturado, como era puro? Porque não ha bem natural e deste mundo, ainda que dado pela mão de Deus, por mais puro e defecado que seja, que não traga em si, e comsigo alguma mistura de mal. O vinho é aquelle cordeal simples, medicado pela natureza para alegrar o coração humano; mas não ha alegria ou causa de alegria tão contraria, e alheia de toda a tristeza, que não dê que penar ao coração. Se ri, o riso será misturado com dôr: se gosta, o gosto será mettido entre pezares. Assim o deixou em proverbio Salomão: de presente como experimentado, e de futuro como propheta: *Risus dolore miscebitur, et extrema gaudii luctus occupat.* [1]

E pois nomeámos o mais sabio de todos os homens, e o mais opulento e delicioso de todos os reis, elle nos dirá o verdadeiro conceito que fez, e nós devemos fazer dos bens do mundo. Eu me resolvi, diz Salomão, a me dar a todas as delicias, e gosar todos os bens desta vida: *Dixi ego in corde meo, vadam, et affluam deliciis, et fruar bonis.* [2] Com este presuposto, querendo, podendo, e sabendo fazer quanto quizesse, porque ninguem pôde tanto, nem quiz mais, nem soube melhor que Salomão, vêde o que faria? Fabricou um palacio real em Jérusalem, que depois do Templo que elle edificára, foi o segundo milagre: no monte Libano traçou varios refiros e casas de prazer, em que de mais de se vêr junto todo o raro e curioso do mundo, a amenidade dos jardins, a frescura das fontes, a espessura dos bosques, a caça e montaria de aves e féras, e até as sombras no verão, e os sóes no inverno excediam com a arte a natureza: o throno de marfim em que dava audiencia, e a carroça chamada *Ferculo*, em que passeava, eram de tal architectura e preço, que faz particular descripção delles a Escriptura: ás galas de Salomão o mesmo Christo lhes chamou gloria: os thesouros de oiro e prata que ajuntou eram immensos: os gados maiores e menores, que naquelle tempo tambem eram riquezas dos reis, não tinham numero: os cavallos estavam repartidos

[1] *Prov.*, XIV, 13.
[2] *Eccl.*, II, 1.

em quarenta mil presepios: a sumptuosidade da meza, para a qual concorriam diversas provincias, e a magestade, grandeza e ordem dos officiaes e ministros, com que era servido, foi a que encheu de pasmo a rainha Sabbá: as baixellas e vasos eram de oiro, as musicas de vozes exquisitas de ambos os sexos, e os cheiros e aromas com que tudo rescendia, quanto cria e exhala o Oriente. Não fallo na qualidade e gentileza das damas, filhas de principes, e escolhidas em differentes nações, entre as quaes só as que tinham nome e estado de rainhas, eram sessenta, servidas todas com apparato e magnificencia real. Tudo isto gosava Salomão em summa paz, e com egual fama, sem inimigo, ou receio que lhe désse cuidado, e em tudo se empregava com tal applicação e excesso, que elle mesmo confessa de si, que nenhuma coisa viram seus olhos, nem inventaram seus pensamentos, nem appeteceram seus desejos, que lhe negasse: *Omnia quæ desideraverunt oculi mei non negavi eis, nec prohibui cor meum quin omni voluptate frueretur.* [1] Estando pois nestas felicidades de Salomão, não só recompilados, mas estendidos todos os bens do mundo, saibamos por fim, que conceito fez delles. Elle o diz, e em bem poucas palavras: *Cum me convertissem ad universa opera, quæ fecerant manus meæ, et ad labores in quibus frustra sudaveram, vidi in omnibus vanitatem, et afflictionem animi:* [2] Voltando os olhos a tudo quanto tinha feito, em que debalde tinha trabalhado e suado (feito, diz, e trabalhado e suado, e não gosado, porque tudo o que gosou foi debalde, *frustra)* e o que vi, e achei em tudo, é que tudo é vaidade e afflicção de animo: *Vanitatem, et afflictionem animi.* Logo se todos os bens do mundo são vaidade, como pódem ser verdadeiros bens? E já que lhes concedemos o nome de bens, se todos causam afflicção do animo, como pódem ser bens sem mistura de males?

Mas porque não cuide alguem que do tempo de Salomão para cá terão mudado os bens do mundo, ou melhorado de natureza; oiçamos outro grande oraculo quasi de nossos dias. Quando o imperador Car-

[1] *Eccles.*, II, 10.
[2] *Ibid.*, 11.

los v fez aquella grande acção, em que teve poucos a quem imitar, e terá menos imitadores, de renunciar o imperio; dando as causas desta retirada depois de tantas victorias, confessou com lagrimas diante de todo o senado de Bruxellas, que a principal, ou uma das principaes, fôra porque em todo o tempo (diz) de minha vida, depois que puz na cabeça a corôa, nem um só quarto de hora tive de pura e verdadeira alegria, senão sempre misturada com cuidados, afflições, e dôres: *Se toto regni tempore, nec ad unum quidem horæ quadrantem puram habuisse, meramque lætitiam, sed multis illam curis, angoribus, doloribusque permixtam.* E se esta triste mistura experimentaram nas maiores felicidades do mundo, entre os reis, Salomão, e entre os imperadores, Carlos; que poderão dizer das suas particulares, ainda os mais bem vistos da fortuna?

IV

Grandes foram as que sonhou José, e sahiram-lhe tão verdadeiros os sonhos, que de vendido e escravo se viu vice-rei do Egypto, e com tal auctoridade e poderes, que só no nome e na corôa o precedia o rei. Tudo governava, tudo mandava José, tudo lhe obedecia, com nunca vista nem esperada felicidade; mas onde? No Egypto. Ninguem é, nem póde ser feliz com a alma noutra parte. O corpo, o poder, e a dignidade, estavam no Egypto, a alma, o amôr, e a saudade, andavam peregrinando em Canaan; com que toda aquella apparencia dos maiores bens da fortuna vinham a ser supplicio e desterro. No Egypto vivo, na patria morto: no Egypto applaudido, na patria chorado: no Egypto dando de comer ao mundo, na patria comido das féras: no Egypto tudo, na patria nada. Ainda que José não fôra levado ao Egypto para escravo, senão para vice-rei, egualmente ia vendido; porque muito melhor fortuna era para elle estar em casa de Jacob, sendo o filho mais mimoso do pae, que na côrte e no palacio de Pharaö, sendo o primeiro ministro, e o mais valido do rei. Abra os olhos o mundo, e não se contente com vêr os homens por fóra, penetre-os tambem, e considere-os por dentro, e achará que andam nelle

tão contrapesados os males com os bens, que ainda em comparação dos maiores se póde pôr em balança se pezam mais os males.

De José foi pai Jacob, tambem assaz ditoso. A que Jacob teve pela maior ventura de sua vida, foi quando ao cabo de tantos annos de servir, alcançou por premio a companhia de Rachel. Se o que muito se deseja, muito se préza; se o por que muito se trabalha, muito se estima, nenhum gosto, nenhuma alegria teria jámais quem tanto amava, que se egualasse com esta. Mas vêde quão pensionados dá o mundo os gostos e bens desta vida. A felicidade foi uma, as pensões foram tres, e todas assaz pesadas. A esterilidade da mesma Rachel, os enganos de Labão, e os ciumes de Lia. Por mais amadas, e por mais pretendidas que sejam as que chamamos venturas, todas no cabo são Racheis. Não ha Rachel que não tenha o seu Labão e a sua Lia. Se Rachel agrada, Labão molesta: se Rachel dá gosto, Lia dá pena. Quanto mais que para molestar, e dar pena, basta-lhe a Rachel ser Rachel. Lêde a Historia Sagrada, e achareis que foi tão mal acondicionada aquella formosura, que era necessario todo o amôr de Jacob para aturar e soffrer seus antojos. Muito mais trabalho lhe deu depois, do que tinha trabalhado por ella antes. Tão travados andam nesta vida os gostos com os desgostos, tão misturados os males com os bens. Se Rachel tem bom rosto, tem má condição: se Lia tem boa condição, tem máu rosto: e não ha bem nenhum tão inteiro, que possa encher os olhos, e mais o coração.

Estendei a vista ou o pensamento por todas as coisas do mundo, e vereis que não achaes uma só instancia, nem um só exemplo contrario a esta verdade. Muito estimam os homens a gentileza, muito estimam o valor, muito estimam o entendimento: mas perguntem os formosos a Absalão, os valentes a David, os entendidos a Achitofel, que pensão pagou o primeiro á sua gentileza, o segundo ao seu valor, e o terceiro ao seu entendimento. Era Absalão tão galhardo mancebo, que do pé até o cabello da cabeça, como falla a Escriptura, nenhum pintou a natureza mais bello. As damas lhe compravam os cabellos a pezo de oiro, e dos mesmos cabellos lhe teceu a morte o laço, com que pendurado dos ramos de um carvalho, acabou infamemente a vida, passado pelos peitos com tres lan-

ças. E esta foi a pensão que pagou Absalão á sua gentileza. Era tão valente David; que tremendo todo o exercito de Israël á vista do gigante Golias, elle só e desarmado aceitou o desafio, e derribado a seus pés, com a sua propria espada lhe cortou a cabeça. Mas foi tal a inveja e odio que desde aquella hora lhe cobrou el-rei Saül, que mais de uma vez com a lança que trazia na mão por sceptro, o quiz pregar a uma parede. De maneira que lhe foi necessario a David homiziar-se pela morte do gigante, como se matára um hebreu, e fugir da sua victoria, como se fôra delicto. E esta foi a pensão que pagou David ao seu valor. Era tão entendido Achitofel, e tão prudentes e sabios seus conselhos, que por testemunho do Texto sagrado se ouviam como oraculos do mesmo Deus. Seguiu as partes de Absalão, quando se rebellou contra seu pae, aconselhou-o como lhe convinha; e porque o moço fatal não quiz seguir senão o que já o levava ao precipicio, foi tal a sua desesperação, que atando a banda ao pescoço, e a uma trave, se afogou a si mesmo. E esta foi a pensão que pagou Achitofel ao seu entendimento. Fiae-vos lá de entendimentos, fazei lá caso de valentias, e prezae-vos de gentilezas! Têm os males tão viciados, e corrompidos os bens, que a gentileza é laço, o valor delicto, e o entendimento loucura.

Mas para que é irmos buscar exemplos ao Testamento Velho, se no Novo e no nosso Evangelho temos o maior de todos? Transfigurou-se Christo no Tabôr, appareceram alli Moysés e Elias; e quando parece que haviam de dar o parabem ao Senhor da gloria com que o viam naquelle monte, o em que lhe fallaram, foi da morte que havia de padecer no do Calvario: *Loquebantur de excessu, quem completurus erat in Jérusalem.* [1] Póde haver pratica mais alheia da occasião que esta? Quando o rosto de Christo está resplandecente como o sol, então lhe fallam no eclipse? Quando as suas roupas estão brancas como a neve, então lhe fallam nos lutos? E no dia que tem mais alegre na sua vida, então lhe fallam na morte? Sim. Porque não ha alegria neste mundo tão privilegiada, que não pague pensão á tristeza. Até no monte Tabôr, até na

[1] *Luc.*, IX, 30 e 31.

pessoa de Christo, até no milagre da Transfiguração, por mais soberanos que sejam os bens, uma vez que tocaram na terra, não póde haver gosto sem pesar, nem gloria sem pena. Tanto assim, que se faltar o motivo na presença do que é, havel-o-ha na memoria do que ha-de ser: transfigurado agora, mas crucificado depois. E sendo a Transfiguração, como logo disse o mesmo Christo, parecida com a Resurreição, e não com a morte, virão dois homens do outro mundo, que misturem a morte com a Transfiguração, e confundam o Calvario com o Tabôr.

Seja pois a conclusão destas experiencias e desenganos do mundo, fazermos tão pouco caso dos seus chamados bens, pela mistura que sempre trazem de males, como se verdadeiramente foram puros males sem nenhuma composição ou temperamento de bens. E' doutrina, que despedindo-se do mundo o Redemptor delle, nos deixou estampada com seu exemplo no mesmo monte Calvario. Duas vezes no Calvario deram fel a Christo, uma antes, outra depois de crucificado. Antes de crucificado, quando lhe deram vinho misturado com fel: *Dederunt ei vinum cum felle mixtum:* [1] depois de crucificado, quando dizendo na cruz, que tinha sède, lhe deram fel e vinagre: *Dederunt in escam meam fel, et in siti mea potaverunt mea aceto.* [2] E como se houve o Senhor em um e outro caso? Em ambos provou uma e outra bebida, e em ambos a não quiz beber. Assim o referem da primeira e da segunda os Evangelistas pelas mesmas palavras: *Cum gustasset, noluit bibere.* [3] Na primeira bebida, é certo que ia o amargo do fel moderado com o dôce do vinho, e na segunda ia o mesmo fel não moderado, senão exasperado com o azedo do vinagre. Pois se o fel ia tão differentemente temperado em uma e outra bebida, porque egualmente as regeitou o Senhor ambas, sem nenhuma differença? Porque na primeira o vinho misturado com o fel, e o dôce com o amargo, era o bem misturado com o mal: na segunda o fel junto com o vinagre, era um mal sobre outro mal, sem nenhuma mistura de bem: e provando Christo e reprovando

---

[1] *Math.*, XXVII, 34.
[2] *Psalm.*, LXVIII, 22.
[3] *Math.*, XXVII, 34.

egualmente uma e outra bebida, quiz-nos deixar por doutrina e por exemplo na confusão dos bens e males de que se compõe este mundo, que tanto devemos desprezar e aborrecer o bem misturado com o mal, como se o bem e o mal tudo fôra mal, sem nenhuma mistura de bem. Em ambas as bebidas ia fel, em uma juntamente com vinho, em outra juntamente com vinagre, que é vinho corrupto: e é tal a corrupção que causa nos bens a companhia e mistura dos males, que o bem misturado com o mal se converte totalmente em mal, e perde todo o ser que tinha de bem. Façamos pois de todos os chamados bens deste mundo, a estimação e conceito que elles merecem: indigno, qualquer que seja, de ser amado como bem, senão abominado e aborrecido como verdadeiro e puro mal, e pela mistura que tem de dôce, ainda mais abominado e mais aborrecido, como mais falso e enganoso.

V

Só os bens daquella patria celestial, só os bens daquella terra de Promissão da gloria, só os bens daquelle Tabôr da bemaventurança, só aquelles unicamente se pódem chamar bens, porque só são bens sem mistura de nenhum mal. E' o céo como o Templo de Salomão, em que nunca se ouviu golpe de martello, porque lá, como diz o Evangelista propheta, não ha coisa que cause dôr ou pena, nem tire da bocca um ai: e são os moradores do mesmo céo, como as estrellas fixas do firmamento, onde não chegam fumos dos vapores da terra que as offusquem: gosando todos em summa paz a patria do summo bem, que não seria summo, nem bem, senão excluisse todo o mal por minimo que seja. E por isso só os bens naturaes da mesma patria são puros, sinceros, e perfeitamente bens, sem corrupção, contrariedade, nem mistura de mal.

Entre todas as plantas do Paraiso Terreal houve duas arvores mais insignes, e de que só sabemos o nome, que foram a arvore da sciencia, e a arvore da vida. Mas a da sciencia continha dois contrarios, a da vida não: porque a sciencia era do bem, e juntamente do mal, que é o contrario do bem: e a da vida

sómente, e não da vida e da morte, que é o contrario da vida. Pois se ambas eram arvores do paraiso, porque havia nellas esta grande differença? Porque tambem o paraiso não era absolutamente paraiso, senão Paraiso Terreal: e por isso uma das suas plantas era parecida ás delicias da terra, e outra similhante ás do céo. A parecida á da terra, era a da sciencia do bem e do mal; porque na terra sempre o mal anda misturado com o bem: e a similhante ás do céo, era de vida sem morte; porque do céo todo o bem é puro e sincero sem mistura, nem companhia de mal. Assim o diz S. João descrevendo a Jérusalem da gloria: e não dá outra razão desta differença de coisas, senão serem umas as segundas, que são as do céo; e outras as primeiras, que são ou foram as deste mundo: *Et mors ultra non erit, neque luctus, neque dolor erit ultra, quia prima abierunt.* [1]

Para prova dos bens deste mundo sempre misturados com os males, tomei por testemunha a natureza: e para prova dos bens do céo puros, e sem mistura, tomemos por testemunha a arte. A arte para purificar o oiro, como elle é o mais precioso metal, applica-lhe tambem o mais efficaz e poderoso elemento, que é o do fogo: *Aurum quod per ignem probatur.* [2] Alli o purga e alimpa das fezes, alli o prova e lhe apura a fineza dos quilates; e então se reputa entre nós por oiro purissimo. Mas para que se veja o nosso engano, ponhamos esse mesmo oiro no céo. Diz S. João, que as ruas da cidade do céo são de oiro limpo: *Platea civitatis aurum mundum.* [3] e se perguntarmos, esta limpeza e pureza do oiro do céo, em que consiste? Depois de dizer *aurum mundum*, acrescenta: *tanquam vitrum perlucidum*, [4] que é puro e limpo, porque é diaphano, e transparente como vidro. Logo se o oiro então é puro e limpo, quando chega a sua fineza a ser diaphana e transparente como o vidro; bem se segue, que o nosso oiro crasso, espesso, opaco, e que nenhuma coisa tem de diaphano, nem transparente, por mais que nos lisongeie com a sua côr,

[1] *Apoc.*, XXI, 4.
[2] *1.ª Epist. de Petr.*, I, 7.
[3] *Apoc.*, XXI, 21.
[4] *Ibid.*

e nós nos enganemos com elle, de nenhum modo é oiro limpo e puro. De maneira, que comparando o oiro da terra, que os reis põem sobre a cabeça, com o oiro do céo, que os bemaventurados trazem debaixo dos pés, *platea ejus;* todo o da terra está penetrado de fezes, e cheio de escoria, posto que nós a não vejamos, e só o do céo é puro e limpo, *aurum mundum.* Sobre tudo, se pedirmos ao mesmo Evangelista, que nos diga com que ingredientes se purifica tanto este oiro do céo? Responde, que só com entrar no mesmo céo: *Non intrabit in eam aliquod coinquinatum.* [1] E como aquella é a natureza do céo, e esta a da terra: a mesma differença de oiro a oiro nos ensina, que assim como na terra não póde haver bem que careça da mistura de mal, assim todos os do céo são puros, e sem mistura.

Se quereis saber de mim (dizia prégando Santo Agostinho) o que ha no céo? Não vos posso dizer o que ha, sem dizer tambem o que não ha: *Ibi erit quidquid voles, et non erit quidquid nolles.* No céo ha tudo o que quizerdes, e só não ha o que não quizerdes. Logo parece que o céo é feito pela medida da nossa vontade? Não. A nossa vontade é feita pela medida do céo: e porque? Porque o objecto da nossa vontade, em quanto quer, é o bem; e o objecto da mesma vontade, em quanto não quer, é o mal: e como tudo o que ha no céo é o bem, e o que não ha no céo é só o mal; por isso ha no céo tudo que quizermos, e só não ha o que não quizermos. Se nos bens do mundo houvera esta separação, tambem na terra pudéra o homem querer e gosar o bem sem o mal: mas por mais que queira, não póde; porque sempre o mal anda não só junto, senão penetrado, e inseparavel do bem. E para que acabemos de conhecer a subtileza com que os mesmos chamados bens nos lisongeiam e alegram, e com falsas apparencias de gosto disfarçam o mal, que sempre levam comsigo, levemol-os nós ao exame do céo, e lá se descobrirá o seu engano.

Diz o mesmo Evangelista S. João (o qual é força que tornemos a ouvir, supposto que S. Paulo, que tambem viu o céo, nos não quiz dizer nada). Diz

[1] *Apoc.*, XXI, 27.

pois o Evangelista tão notavel no que diz, como nas palavras com que o diz, que a todos os que deste mundo passam ao céo, lhes enxuga Deus os olhos de toda a lagrima: *Et absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum.* [1] E que quer dizer toda a lagrima? Quer dizer todo o genero de lagrimas (como aguda, e litteralmente commenta Santo Ambrosio) porque neste mundo não só ha lagrimas de dôr e tristeza, senão tambem lagrimas de gosto e alegria: e assim de umas como de outras enxuga Deus os olhos dos que vão ao céo. As palavras do grande Doutor da Igreja são estas: *Absterget Deus omnem lacrymam, nam tristitia sæpe lacrymas educit, sæpe et lætitia, sæpe et gaudium.* Mas que as lagrimas da tristeza e da dôr não tenham logar no céo, bem está: porém as lagrimas da alegria e do gosto, e mais as do grande gosto e as da grande alegria, que só a grande alegria e o grande gosto fazem rebentar os olhos em lagrimas: porque se não hão-de admittir no céo? Porque todas essas lagrimas foram deste mundo. E lagrimas deste mundo, ainda que fossem de alegria e grande alegria, nunca podiam ser de pura alegria; e ainda que fossem de gosto e grande gosto, nunca podiam ser de puro gosto; porque no mundo não ha gosto sem mistura de pesar, nem alegria sem mistura de tristeza: e similhantes misturas de nenhum modo teem logar no céo, onde as alegrias e os gostos, como todos os outros bens, são puros e sem mistura de mal. A alegria no céo é sem tristeza, o gosto é sem pesar, o descanço é sem trabalho, a segurança é sem receio, o socego sem sobresalto, a paz sem perturbação, a honra sem aggravo, a riqueza sem cuidado, a fartura sem fastio, a grandeza sem inveja, a abundancia sem mingua, a companhia sem emulação, a amisade sem cautela, a saude sem enfermidade, a vida sem temôr da morte; emfim todos os bens puros, e sem mistura de mal, e por isso verdadeiros bens. Ó bemaventurados do céo, olhae lá de cima cá para este mundo, e tende nova gloria accidental dos bens que gozaes, não digo em comparação dos males, senão dos bens que nós padecemos!

Mas confirme-nos esta corrente de bens sem ma-

[1] *Apoc.*, VII, 17.

les um compendio dos mesmos, e similhantes attributos, com exclusão cada um do seu contrario, os quaes reduz S. Boaventura a numero de doze, como outros tantos fructos da bemaventurança. *Primus est sanitas absque infirmitate: secundus juventus sine senectute: tertius satietas sine fastidio: quartus libertas sine servitute: quintius pulchritudo absque deformitate: sextus impassibilitas absque dolore: septimus abundantia sine indigentia: octavus pax sine perturbatione: nonus securitas absque timore: decimus cognitio absque ignorantia: undecimus gloria sine ignominia: duodecimus gaudium sine tristitia.* Até aqui o Doutor Serafico, o qual nestas doze prerogativas de bens sem males nos descreveu um ineffavel zodiaco de glorias, o qual todos os bemaventurados não nos doze mezes do anno, nem nas doze horas do dia, mas sempre e sem cessar estão correndo e gosando immovelmente no circulo sem fim da eternidade. Ditosos elles que gosam tanto bem; e nós tambem ditosos, se nos dispozermos a o não perder.

VI

A segunda differença da nossa proposta, é, que dos bens do mundo, quando muito, logra cada um os seus; dos bens do céo, e no céo, logra cada um os seus, e mais os de todos. Disse, quando muito; porque muitas vezes não basta que os bens deste mundo sejam nossos, para que o mesmo mundo nol-os deixe lograr. Sua era de Naboth a vinha, e não só sua por todos os direitos humanos, mas por distribuição e doação divina, e por mais que elle a quiz lograr e defender, bastou que el-rei Achab tivesse appetite de plantar no mesmo sitio não um bosque, ou um jardim, senão uma horta de verduras populares: *Hortum olerum:* [1] para que em adulações do mesmo rei lhe fosse tirada por justiça a vinha, e mais a vida. Sua era de Miphiboseth a herança de seu pai Saül, em que vivia privadamente, quando tinha direito para aspirar á corôa, e bastou o falso testemunho de um

[1] *3.º Livr. dos Reis,* XXI, 2.

criado infiel, para que accusado falsamente de crime de lesa magestade, lhe fosse confiscada a mesma herança, e ainda depois de conhecida a verdade, se lhe não restituisse. Sua era a fazenda do Pai de familias do Evangelho, encommendada a um feitor, para que arrecadasse as rendas dos que a cultivavam, e não bastou que constasse por escriptos o que cada um devia, para que o mesmo feitor não roubasse grande parte das mesmas rendas com tal astucia, que nem demandar o pôde o Senhor, e em vez de o accusar, o louvou. Mas que muito que a cubiça e infidelidade alheia nos não deixe lograr os bens deste mundo, por mais que sejam nossos, se nós mesmos sem outro inimigo, ou ladrão, bastamos e por nossa vontade, para nos despojar delles! Poz Deus a Adão no Paraiso com obrigação de que o cultivasse e guardasse: *Ut operaretur, et custodiret illum:* [1] e esta segunda parte quando menos parece que não tinha logar naquelle estado. Outro homem de quem Adão houvesse de guardar o Paraiso, não o havia no mundo. Para os animaes tambem não era necessaria a guarda, porque todos por instincto natural e sujeição inviolavel o obedeciam: logo de quem havia de guardar Adão o Paraiso? De quem o não guardou. Havia-o de guardar de si mesmo: e porque Adão o não guardou de Adão, sendo os bens que possuia todos os do mundo, elle mesmo, e só elle se despojou de todos, sem haver outro que lhe impedisse o logral-os.

Dando a razão desta differença entre os bens do mundo, e os do céo, S. João Chrysostomo diz em uma palavra, que é porque no mundo ha meu e teu, e no céo não: *Ubi non est meum, ac tuum frigidum illud verbum.* Antes parece, que porque no mundo ha meu e teu, por isso havia de lograr cada um o seu pacificamente, e sem contenda: eu o meu, porque é meu; e vós o vosso, porque é vosso. Mas não é assim. Eu para lograr o meu, hei-me de guardar de vós: e vós para lograr o vosso, haveis-vos de guardar de mim. Por isso chama o santo ao meu e teu com elegancia verdadeiramente aurea, palavra fria: *Meum, ac tuum frigidum illud verbum.* E que frieza, ou frialdade é esta do meu e teu? E' tal frieza e tal frialdade, que

[1] *Gen.*, II, 15.

não ha amôr no mundo tão ardente por natureza, e tão intenso por obrigação, que logo não esfrie. Em havendo meu e teu, não ha amôr de amigo para amigo, nem amôr de irmão para irmão, nem amôr de filho para pai, nem amôr de pai para filho, nem amôr de proximo, por mais religioso que seja, para outro proximo, nem amôr do mesmo Deus para Deus. Antes de haver meu e teu, havia amôr, porque eu amava-vos a vós e vós a mim: mas tanto que o meu e teu se metteu de permeio, e se atravessou entre nós, logo se acabou o amôr; porque vós já me não amaes a mim, senão o meu, nem eu vos amo a vós, senão o vosso. No principio do mundo, como gravemente pondera Seneca, porque não havia guerras? Porque usavam os homens da terra como do céo. O sol, a lua, as estrellas, e o uso da sua luz é commum a todos, e assim era a terra no principio: porém depois que a terra se dividiu em differentes senhores, logo houve guerras e batalhas e se acabou a paz, porque houve meu e teu.

Que direi dos meios e dos remedios, das industrias, das artes e instrumentos que os homens teem inventado, para que cada um podesse possuir e lograr o seu segura e quietamente, mas sem proveito? Para guardar a casa inventaram as portas e as fechaduras; mas pela mesma abertura, por onde entra a chave, deixa tambem aberta a entrada para a gazua. Para assignalar os limites de cada um, inventaram os marcos; e para guardar a vinha e o pomar, inventaram os vallados, as silvas, as sebes, e as paredes de pedra ligada, ou solta; mas tudo isto se rompe e se escalla. Para guardar as cidades inventaram os muros, os fossos, as torres, os baluartes, as fortalezas, os presidios, a artilheria, a polvora; mas não ha cidade tão forte, que por bateria, ou por assalto, ou minada por debaixo da terra, ou pelo ar, se não expugne e renda. Para guardar os reinos e os imperios inventaram as armadas por mar, e os exercitos por terra, tantos mil soldados a pé, tantos mil a cavallo, com tanta ordem e disciplina, com tanta variedade de armas, com tantos artificios e machinas bellicas; mas nenhum destes apparatos tão estrondosos e formidaveis tem bastado, nem para que os Assyrios guardassem o seu imperio dos Persas, nem os Persas o seu dos Gregos, nem os Gregos o seu dos

Romanos, nem os Romanos, finalmente, o seu daquelles a quem o tinham tomado, tornando a ser vencidos dos mesmos que tinham vencido e dominado. Mais inventaram e fizeram os homens a este mesmo fim de conservar cada um o seu. Inventaram e firmaram leis, levantaram tribunaes, constituiram magistrados, deram varas ás chamadas justiças, com tanta multidão de ministros maiores e menores, e foi com effeito tão contrario, que em vez de desterrarem os ladrões, os metteram das portas a dentro, e em vez de os extinguirem, os multiplicaram: e os que furtavam com medo e com rebuço, furtam debaixo de provisões, e com immunidade. O solicitador com a diligencia, o escrivão com a penna, a testemunha com o juramento, o advogado com a allegação, o julgador com a sentença, e até o beleguim com a chuça, todos foram ordenados para conservarem a cada um no seu, e todos por differentes modos vivem do vosso.

VII

Esta é uma das razões, a qual o Divino Mestre, Christo Senhor nosso, nos allega, para que façamos os nossos thesouros dos bens do céo, e não dos bens do mundo, e na terra; porque na terra ha ladrões, e no céo não: *Nolite thesaurizare vobis in terra, ubi ærugo, et tinea demolitur, et ubi fures effodiunt, et furantur. Thesaurizate autem vobis in cœlo, ubi neque ærugo, neque tinea demolitur, et ubi fures non effodiunt, nec furantur.* [1] Nas quaes palavras se deve notar muito, que não só nos aconselha e manda o Senhor, que guardemos os nossos bens dos ladrões da cubiça, senão tambem dos ladrões da natureza: *Ubi ærugo, et tinea demolitur.* Os bens deste mundo, como são corruptiveis, ainda que não haja ladrão que os furte, elles mesmos se nos roubam; porque as roupas, por preciosas que sejam, come-as a polilha, que nasce das mesmas roupas; e os metaes, ainda que sejam oiro e prata, roe-os a ferrugem, que nasce dos mesmos metaes. Porém os bens do céo, que são in-

[1] *Math.*, VI, 19 e 20.

corruptiveis, nem delles se póde gerar vicio de corrupção, que os gaste, nem a lima surda do tempo, que tudo consome, lhes póde metter o dente; porque a sua dureza é como a sua duração, e são bens eternos. O' quanto mais nos ensinou o Divino Mestre nesta palavras, do que ellas dizem! Quando não houvera corsarios no mar, nem salteadores nos caminhos, nem ladrões publicos e secretos no povoado; quem ha tão poderoso, que possa conservar e lograr o que possue neste mundo contra os roubos inevitaveis da natureza? Que são todos os elementos, senão uns roubadores universaes de tudo o que grangea e trabalha o genero humano? O fogo nos rouba com os incendios, a agua com as inundações, o ar com as tempestades, e a mesma terra com os exercitos innumeraveis de pragas, que como semeada com os dentes de Cadmo, nascem e se levantam della, para outra vez nos roubar o que nos tem dado. Oiçamos ao propheta Joël: *Residuum erucæ comedit locusta: residuum locustæ comedit bruchus: residuum bruchi comedit rubigo.* [1] Vieram, diz Joël, quatro pragas successivas á terra, uma sobre a outra. E que fizeram? Totalmente devastaram a mesma terra, sem perdoar a quanto ella dá cultivada, ou espontaneamente cria e sem cultura. O que deixou a lagarta comeu o gafanhoto: o que deixou o gafanhoto comeu o pulgão: e o que deixou o pulgão comeu a ferrugem. De sorte, que para serem despojados os homens dos maiores bens, e mais necessarios á vida, quaes são aquelles de que ella se sustenta, não depende a sua perda e desgraça das hostilidades e roubos dos Sabeos e dos Chaldeos, que destruiram as terras, os gados, e as herdades de Job; mas bastam só as pragas naturaes da mesma terra corrupta, para que em um momento fique tão pobre como Job, qualquer que fosse tão rico e abundante como elle. Tudo o que nasce na terra, o sol e a chuva o cria; mas o mesmo sol, se é demasiado, o queima; e a mesma chuva, se é muito continuada o afoga: para que acabemos de nos desenganar da pouca firmeza ou segurança, que póde haver nos bens que não são do céo, pois as mesmas causas, que os dão, os tiram, e as mesmas que os produzem, os matam.

[1] *Joel.*, I, 4.

E como ficam baldados, ainda sem chegar a este caso, os cuidados, os trabalhos e os suores dos que toda a vida e todo o amôr empregam em adquirir e augmentar os chamados bens deste mundo, se no mesmo tempo em que cuidam que são seus, não sabem para quem trabalham? E' ponderação do grande rei e propheta David, triste verdadeiramente, e digna de quebrar as mãos e os animos a todos os que debaixo desta ignorancia se cançam. *Thesaurizat, et ignorat cui congregabit ea:* [1] Adquirem, ajuntam, enthesouram, e não sabem para quem. Cuidam que é para si o que chamam seu, e não é seu, nem para si; porque é para outrem, e talvez para o maior inimigo. Assim lhe aconteceu áquelle rico a quem o Evangelho canonisa com nome não só de nescio, mas de estolido, *stulte*. Dava o parabem á sua alma pelos muitos bens que tinha juntos para muitos annos: *Anima mea, habes multa bona in annos plurimos.* [2] E sendo mandado sahir deste mundo naquella mesma noite, a pergunta que lhe fizeram foi: *Et quæ parasti, cujus erunt?* [3] E todos esses bens que ajuntaste, e chamas bens, cujos serão? O trabalho foi teu, e os bens serão de quem não sabes. Não assim os bens do céo, diz o mesmo propheta. *Labores manuum tuarum, quia manducabis, beatus es, et benè tibi erit:* [4] Vós trabalhareis nesta vida; mas na outra sereis bemaventurado, porque comereis o fructo dos vossos trabalhos, ou os mesmos trabalhos de vossas mãos: *Labores manuum tuarum.* Aquelle foi canonisado por nescio, e este por bemaventurado: porque só os que trabalham pelos bens do céo sabem de certo que trabalham para si, e para o que é e ha-de ser seu eternamente.

VIII

Mas concedamos, ou finjamos, que houve um homem tão mimoso da fortuna, que todos os bens que possue deste mundo, ou herdados, ou adquiridos, os

---

[1] *Psalm.*, XXXVIII, 7.
[2] *Luc.*, XII, 19.
[3] *Ibid.*, 20.
[4] *Psalm.*, CXXVII, 2.

logrou pacificamente, sem que a inveja dos eguaes, nem a potencia dos maiores lhe inquietasse a posse, ou duvidasse o demonio: que felicidade é a deste homem? Primeiramente com ser fingida, e não usada, se os bens são poucos, não deve de estar contente, e se são muitos quem duvida que ainda deseja mais? Sendo certo, que em um e outro caso mais vem a padecer que a lograr o que tem. Mas se por graça especial de Deus é esse homem tão moderado e tão senhor de seus appetites, que com o seu pouco, ou o seu muito, se dá por satisfeito: possue e logra mais alguma coisa que o seu? Não. Pois esta é a differença que ha entre os bens do céo e os do mundo. Os do mundo, quando muito, e por milagre, tanto da natureza, como da fortuna, logra cada um os seus: os do céo não só logra cada um os seus, senão tambem os de todos. O' se entendessemos bem este ponto, que pouco caso fariamos dos bens da terra! Arrependido o Filho Prodigo do mal aconselhado que havia sido em sua vida passada, veiu buscar outra vez a casa do pai, e lançado a seus pés lhe disse: *Pater, peccavi in cœlum, et coram te:* [1] Pai meu, eu em vossa presença pequei contra o céo. Os peccados que se condemnam no Prodigo, todos foram commettidos na ausencia do pai e muito longe delle: *In regionem longinquam:* [2] que peccado foi logo este de que principalmente se accusa, commettido em presença do pai, e contra o céo? O unico peccado que commetteu o Prodigo em presença do pai, foi pedir que lhe désse em vida a parte da herança que lhe tocava, porque queria lograr o seu: *Pater, da mihi portionem substantiæ, quæ me contingit.* [3] E este peccado commettido em presença do pai, *coram te*, confessa o filho arrependido, que foi peccado contra o céo: *Peccavi in cœlum?* Sim; porque pedir só a sua parte e querer lograr sómente o seu, foi egualar o céo com a terra. Na terra, quando muito, logra cada um a porção dos bens que tocam a cada um: *Da mihi portionem substantiæ, quæ me contingit:* e quem é filho do Pai do céo, e creado para o céo, contentar-se só com o seu,

---

[1] *Luc.*, xv, 18.
[2] *Ibid.*, 13.
[3] *Ibid.*, 12.

é injuria, é aggravo, é peccado grande que commette contra o mesmo céo, porque no céo não só logra cada um o seu, senão o de todos. No mesmo caso o temos.

Estranhando o filho mais velho as festas com que o pai celebrava a restituição e vinda do mais moço, as palavras com que o consolou, foram estas: *Fili, tu semper mecum es, et omnia mea tua sunt:* [1] Filho, vós sempre estaes commigo, e tudo quanto tenho, é vosso. Neste tudo repara muito Santo Agostinho; porque tendo o pai outro filho, e o Prodigo outro irmão, como podia o pai dizer a um delles, que tudo o que tinha era seu? *Quid sibi vult, omnia mea tua sunt, quasi non sint et fratris?* Nem obsta, que um dos filhos nunca sahisse da casa do pai, e o outro fóra della vivesse tão perdidamente; porque já estava arrependido dessa mesma vida: e onde o pai é Deus, tanto direito tem á herança dos seus bens os arrependidos, como os innocentes. Assim que a duvida toda está, onde a põe Agostinho, que é no *Omnia: Omnia mea tua sunt.* Pois se os herdeiros e os irmãos eram dois; como diz o pai que tudo era de um irmão, sendo tambem do outro? Porque fallou como Pai do céo, e dos bens do céo, onde tudo é de todos, e tudo de cada um. *Sed sic à perfectis, et immortalibus filiis habentur omnia, ut sint et omnium singula, et omnia singulorum:* responde elegante e doutamente o mesmo Santo Agostinho. Neste mundo, onde os homens são mortaes e os bens tambem mortaes, cada um logra sómente o seu; porém no céo, onde os homens e os bens são immortaes, cada um logra o de todos, e todos o de cada um. O peccador arrependido logra a gloria do innocente, que nunca peccou, e o innocente, que nunca peccou, logra a do peccador arrependido: e nem o innocente por innocente exclue o peccador, nem o peccador por peccador desmerece o que logra o innocente; mas todos gosam o de cada um, e cada um o de todos: *Omnium singula, et omnia singulorum.*

Haverá por ventura na terra algum exemplo que nos declare esta reciproca e total communicação, tão total e toda em todos, como total e toda em cada um?

---

[1] *Luc.*, xv, 31.

Nunca houve, nem podia haver tal exemplo, ou similhança na terra; mas só a houve depois que desceu do céo. E qual é? O divinissimo Sacramento: *Panis, qui de cœlo descendit:* [1] o divissimo Sacramento é penhor da gloria e figura da gloria. Uma, e outra coisa nos ensina a Igreja: penhor da gloria, *futuræ gloriæ nobis pignus datur:* figura da gloria, *quam pretiosi corporis, et sanguinis tui temporalis perceptio præfigurat.* O penhor, para ser penhor, não é necessario que tenha a similhança, senão o preço e valor do que assegura. Assim vemos, que a baixella ou tapessaria é penhor de tanta quantia, quanta se nos fia debaixo della: e isto mesmo tem o valor e preço infinito do Sacramento, em quanto penhor da gloria. Mas para ser figura da gloria, não basta só o valor e o preço, senão tambem a similhança; porque sem similhança não póde haver figura. Logo se o Sacramento, em que não vemos a Deus, é figura da gloria, que consiste em vêr a Deus; onde está esta figura, e esta similhança? Admiravelmente o dizem as mesmas palavras da Igreja: *Quam pretiosi corporis, et sanguinis tui temporalis perceptio præfigurat.* Note-se muito a palavra *perceptio:* não consiste a figura e similhança do Sacramento com a gloria no que recebemos, posto que seja o mesmo Deus; mas consiste no modo com que o recebemos: *Temporalis perceptio præfigurat.* E porque? Porque assim como no Sacramento tanto recebe um, como todos, e tanto recebem todos, como cada um; assim na gloria tanto logram todos, como cada um, e tanto cada um, como todos. Cá na terra, como ha a divisão de meu a teu, cada um logra os seus bens, mas não participa os dos outros: porém no céo os proprios e os dos outros, tanto são communs de todos, como particulares de cada um, porque lá não tem logar esta divisão.

Daqui se entenderá o fundamento, porque S. Pedro no Tabôr foi notado pelos dois Evangelistas, S. Marcos e S. Lucas, com uma censura tão pesada como de não saber o que disse: *Nesciens quid diceret.* [2] O que disse S. Pedro, foi, que fizessem alli tres tabernaculos, um para Christo, outro para Moysés, outro

[1] *Joan.*, VI, 59.
[2] *Luc.*, IX, 33.

para Elias: *Faciamus hic tria tabernacula, tibi unum, Moysi unum, et Eliæ unum.* [1] E em que esteve o erro ou desacerto digno de tão notavel e declarada censura? Esteve em que sendo o Tabôr não só um retrato da gloria do céo, senão uma participação propria e verdadeira do que nella se gosa, quiz S. Pedro introduzir e estabelecer no Tabôr uma coisa tão impropria e alheia da mesma gloria, como teu, e teu: *Moysi unum, et Eliæ unum.* Excellentemente S. Paschasio: *Error in causa est, quia tria se promittit facere tabernacula, unum scilicet, ac privatum Jesu, alterum Moysi, et aliud Eliæ, quasi non eos caperet unum tabernaculum, seu in uno simul consistere non possent.* [2] S. Pedro, como desinteressado, não quiz introduzir na gloria o meu e o nosso, porque não disse que faria tabernaculo para si, nem para os companheiros, e até aqui não errou callando: porém tanto que fallou, e disse *unum tibi*, não parando alli, mas querendo dividir os tabernaculos, e fazer outro para Moysés, e outro para Elias, como se todos não coubessem no mesmo tabernaculo, ou o mesmo tabernaculo não fosse capaz de todos, aqui, e nesta divisão, é que esteve o seu erro, porque na gloria do céo, que o Tabôr representava, o tabernaculo de Moisés é de Elias, e o de Elias é de Moysés, e o de Moysés e Elias é de Christo, e o de Christo é de Moysés, e é de Elias, e é de Pedro, e é de João, e é de Diogo, sem excluir a ninguem, mas communicando-se não só universalmente a todos, senão particularmente a cada um.

IX

Contra esta doutrina, porém, posto que tão provada, me parece que estão replicando não só os doutos e indoutos da terra, senão tambem os bemaventurados do mesmo céo. Os doutos, porque muitas vezes lêram no Evangelho: *Tunc reddet unicuique secundum opera ejus: et in qua mensura mensi fueritis, remetietur vobis:* [3] e em S. Paulo: *Qui parcè seminat,*

---

[1] *Math.*, XVII, 4.
[2] Paschas. lib. 8. in Math.
[3] *Math.*, XVI, 27. *Marc.*, IV, 24.

parcè et metet; et qui seminat in benedictionibus, de benedictionibus et metet: et unusquisque propriam mercedem accipiet secundum suum laborem. [1] Os indoutos, porque tambem muitas vezes teem ouvido na interpretação destes Textos, que os premios do céo se hão-de distribuir a cada um por justiça; e que a medida lá do gosar, ha-de ser a mesma que cá foi do servir; e que quem semèa pouco, colherá pouco, e quem muito, muito; e que a paga que ha-de receber o trabalhador, ha-de ser conforme o seu trabalho. Os bemaventurados, finalmente, porque é certo que no céo ha muitos differentes gráus de gloria, como foram differentes na terra os da graça: e que assim como cá por fóra vèmos que no mesmo céu uma é a claridade do sol, outra a da lua, outra a das estrellas: *Alia claritas solis, alia claritas lunæ, et alia claritas stellarum: Stella enim à stella differt in claritate;* [2] assim lá por dentro ha maiores e menores dignidades, maiores e menores corôas, maiores e menores lumes da vista de Deus, e na mesma bemaventurança, maiores e menores participações, ou, como diz S. Paulo, pezos della. Pois se os bemaventurados na gloria, e as glorias dos bemaventurados não são eguaes; como póde ser primeiramente, que em tanta desegualdade do que possuem, estejam todos egualmente contentes: e que sendo o que cada um possue proprio de cada um, gosem todos egualmente o de cada um, e cada um egualmente o de todos?

Para declaração deste que parece enigma, havemos de suppòr que no céo ha vèr e gosar a Deus, em que consiste a gloria essencial: e ha gosar-se da mesma gloria dos que vèem a Deus, e o gosam, que são duas coisas muito diversas. Na gloria, que consiste em vèr e gosar a Deus, ainda que alguns possam ser eguaes, ha muitos gráus de differença e excesso, segundo o maior ou menor merecimento de cada um. Mas nesta mesma differença, posto que desigual, todos respectivamente, e cada um estão egualmente contentes; porque nenhum quer ou deseja mais do que tem: fundando-se a egualdade do mes-

[1] *2.ª ad Corinth.*, IX, 6, e *1.ª ad Corinth.*, III, 8.
[2] *1.ª ad Corinth.*, XV, 41.

mo contentamento na medida da propria capacidade, e na proporção da justiça, com que se vêem premiados. Cá, onde todos appetecemos ser maiores, não se entende isto; mas facilmente se póde comprehender por varias similhanças. Levae ao mar tres vasos, um grande, outro muito maior, outro muito mais pequeno, e enchei-os todos: neste caso o vaso menor tem menos agua, o grande tem mais, e o maior muito mais: e comtudo nesta mesma desigualdade nenhum admitte, nem póde admittir mais do que tem; porque cada um segundo a sua capacidade está egualmente cheio. Tem um pai tres filhos, um menino, outro moço, outro já homem feito: vestiu a todos da mesma téla: e qual está mais contente? Por ventura o que levou mais covados? De nenhum modo. E se não trocae os vestidos, e vereis se quer algum o do outro. Mas cada um se contenta egualmente do seu, porque é o que lhe vem mais justo, e mais proporcionado á sua estatura. O mesmo passa nos bemaventurados do céo. Porque assim como a gloria da vista clara de Deus os enche por dentro, assim os veste por fóra. Nem obsta a capacidade maior ou menor do merecimento, nem a estatura mais ou menos alta da dignidade, para alterar ou diminuir a egualdade desta satisfação e contentamento de cada um no seu estado: porque, como bem declara com outra similhança Santo Agostinho, tambem a cabeça é mais nobre que a mão, e a mão mais nobre que o pé, e nem por isso o pé deseja ser mão, nem a mão deseja ser cabeça, nem a cabeça deseja ser coração; porque assim o pede a natureza das partes, e a harmonia do todo. [1] E se esta união, conformidade, e ordem, se acha em um corpo natural e corruptivel; qual será a do corpo celestial daquella soberana e sobrenatural republica, onde a vontade do mesmo Deus que o beatifica, é a alma que o informa?

E quanto á segunda parte da objecção, em que parece difficultoso gosar-se cada um das glorias de todos, e gosarem-se todos da gloria de cada um; assim como satisfizemos á primeira difficuldade com a proporção da justiça, assim respondo á segunda com a extensão da caridade. O céo é uma republica im-

[1] August. lib. 22 de Civit. cap. 30.

mensa, mas onde todos se amam: e está lá a caridade tanto no auge da sua perfeição, que todos, e cada um, amam tanto a qualquer outro, como a si mesmo. Donde se segue, que ainda que os gráus da gloria sejam desiguaes, segundo o merecimento de cada um, a alegria e o gosto dessa mesma gloria ou glorias, é egual em todos, porque todos as estimam como proprias, e cada um como sua. Expressamente S. Lourenço Justiniano: *Tanta vis in illa cœlesti patria nos sociat, ut quod in se quisque non accipit, hoc se accepisse in altero exultet. Una cunctis erit beatitudo lætitiæ, quamvis non una sit omnibus sublimitas vitæ.* [1] Note-se muito a palavra *beatitudo lætitiæ*, em que o santo distingue na mesma bemaventurança duas bemaventuranças, uma da gloria, outra da alegria: a da gloria, é particular e determinada, porque consiste na vista de Deus, que se mede com o merecimento e graça desta vida; porém a da alegria, não tem termo nem limite, porque é immensa, e sem medida, segundo a extensão da caridade, a qual comprehendendo e abraçando a todos, se alegra e gosa da gloria de todos e cada um, como se fôra propria. E este, *como se fôra propria*, não quer dizer, que não tem, nem possue cada um a gloria dos outros, porque verdadeiramente a tem e possue, diz o santo, não em si, mas nos que ama como a si mesmo: *Ut quod in se quisque non accipit, hoc se accepisse in altero exultet.* Esta mesma razão é de Santo Agostinho, de S. Boaventura, de Santo Anselmo, e de todos. [2]

E para que o uso ou abuso da pouca caridade deste mundo nos não escureça a intelligencia desta verdade, com dois exemplos deste mesmo mundo a quero declarar, um singular em S. Paulo, outro universal em todos os homens. Era tão immensa a caridade de S. Paulo, que elle padecia os males de todos os homens, e nenhum mal temporal ou espiritual succedia neste mundo, que não acrescentasse nova e particular materia ao fogo em que ardia o seu coração: *Quis infirmatur, et ego non infirmor? Quis*

---

[1] Laurent. Justin. de Long. vitæ. Cap. 7.

[2] August. 22 de Civit. Bonav. 2 de Angel. Ansel. lib. de Similit. cap. 59.

scandalizatur, et ego non uror? [1] Assim como todo o pezo da redondeza da terra peza e carrega para o centro: assim todas as enfermidades, todas as dôres, todas as penas, todos os trabalhos, todas as afflições e tribulações, miserias, pobrezas, tristezas, angustias, infortunios, desgraças; em fim, todos os males do genero humano carregavam de toda a parte sobre o coração de Paulo, adoecendo elle de todos, e com todos: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* E assim como no mesmo centro está o fogo do inferno, em que ardem os condemnados, pagando as penas das culpas que commetteram nesta vida; assim ardia no coração de Paulo o fogo da caridade tão forte e intensamente, que todos os escandalos e culpas que de novo se commettiam, não só o atormentavam de qualquer modo, mas verdadeiramente o abrasavam e queimavam: *Quis scandalizatur, et ego non uror?* E se a caridade de Paulo o fazia padecer os males de todos; sendo mais natural á natureza humana gosar-se dos bens, que padecer os males; quem duvida que a caridade de qualquer bemaventurado, a qual no céo é mais perfeita que a dos maiores santos na terra, excite, affeiçoe, e obrigue naturalmente, e sem milagre, a cada um, a que se alegre e gose dos bens de todos?

E senão (para que cada um se persuada pelo que experimenta em si mesmo) pergunto a todos os que sois pais ou mãis: Não é certo que os pais e as mãis tanto amam e estimam os bens de seus filhos, como os proprios? Até as féras mais féras, se se lhes fizer esta pergunta, responderão que sim. E eu acrescento, que não será verdadeiro pai, nem verdadeira mãi, o que não estimar menos os seus bens que os de seus filhos. Por isso os cortesãos de Jérusalem, quando David renunciou a corôa em seu filho Salomão, a lisonja com que beijaram a mão ao mesmo David, foi, dizendo todos a uma voz, e com o mesmo conceito, que Deus fizesse o throno e reino do filho maior e mais feliz ainda que o do pai. E por isso a mãi de Nero tendo ouvido de um oraculo, que se chegasse a ser imperador seu filho, a havia de matar, respondeu: *Occidat, dummodo imperet:* Mate-me embora, com

[1] *2.ª ad Corinth.*, XI, 29.

tanto que seja imperador. Assim estimou mais a mãi a honra e imperio do filho, que a' vida propria. E se a estes extremos se estende o amôr natural da terra, que será o sobrenatural do céu? E' tão grande, ou, por fallar mais propriamente, é tão perfeito, tão puro, e tão sobrehumano o amôr com que todos os bemaventurados reciprocamente se amam, que se o amôr de todos os pais e mãis, quantos houve desde o principio do mundo, e haverá até o fim, se unisse em um só amôr, comparado este com o amôr do menor bemaventurado do céo, não só o não egualaria, mas nem pareceria amôr. Vêde agora, conclue S. Boaventura, quão immensa será a gloria dos que assim se amam, sendo elles infinitos, e a gloria de cada um, as glorias de todos!

O' bemaventurados vós, e bemaventuradas, não digo a vossa senão as vossas bemaventuranças! Lá está gosando esta verdade, quem a disse na primeira palavra que escreveu. A primeira palavra do primeiro Psalmo de David, é: *Beatus vir:* [1] bemaventurado o homem. E qual é a bemaventurança que o faz, e lhe dá o nome de bemaventurado? Não é uma, nem só muitas, senão todas as bemaventuranças de todos os bemaventurados; porque todas as bemaventuranças de todos concorrem a fazer bemaventurado a cada um. Assim o declara expressamente o mesmo Texto original hebraico, em que David escreveu, o qual tem em logar de *Beatus vir, Beatitudines viri.* E se cada um pela sua gloria particular é perfeitissimamente bemaventurado e glorioso, que será pelas glorias e bemaventuranças de todos? Pela sua gloria bemaventurado cada um pelo que elle mereceu, e pelas glorias de todos, sobre-bemaventurado tambem pelo que elles mereceram. Excesso verdadeiramente de communicação de bens, que pudéra parecer injusto, se a gloria não fôra premio da graça. De vós, pois, e de todos vós, ó felicissimos habitadores dessa patria celestial; de vós, e a vós se póde dizer com razão: *Alii laboraverunt, et vos in labores eorum introistis:* [2] Que os outros mereceram, e trabalharam, e vós gosaes os fructos de seus trabalhos, pois gosaes o que elles mereceram, e vós não merecestes.

---

[1] *Psalm.*, I, 1.
[2] *Joan.*, IV, 38.

Vós (ponderem os da terra bem o que digo) vós não fostes patriarchas, e gosaes a gloria dos patriarchas: vós não fostes prophetas, e gosaes a gloria dos prophetas: vós não fostes apostolos, e gosaes a gloria dos apostolos: vós não padecestes martyrio, e gosaes a gloria dos martyres: vós não fostes doutores, nem ensinastes, e gosaes a gloria dos doutores: vós não vivestes nos desertos, e gosaes a gloria dos anacoretas: vós não professastes continencia, e gosaes a gloria das virgens: vós fostes peccadores, e talvez grandes peccadores, e gosaes a gloria dos innocentes: vós, finalmente, sois homens com corpo, e não espiritos, e gosaes as glorias de todas as gerarchias dos anjos. Assim o discorre e contrapõe admiravelmente o Seraphim dos Doutores da Igreja, S. Boaventura, posto que com a ordem mudada, mas com o mesmo sentido: *Ibi virgo gaudebit de sanctæ viduitatis merito: ibi vidua exultabit de casto virginitatis privilegio: ibi confessor de martyris jucundabitur triumpho: ibi martyr tripudiabit de confessorum bravio: ibi propheta laudabit de patriarcharum pia conversatione: ibi patriarcha exultabit de prophetarum fide: ibi apostoli, et angeli gaudebunt de merito omnium inferiorum: ibi omnes inferiores lætabuntur de gloria, et corona superiorum.* [1]

X

Faltava-nos agora o terceiro ponto da nossa proposta, e mostrar como tudo isto se gosa no céo, não successivamente, senão por junto, reduzindo toda a eternidade a um instante, e estendendo esse mesmo instante por toda a eternidade. Sendo porém forçoso accommodar á brevidade do tempo, e suppondo que bastam as demonstrações destes dois discursos para fundar sobre ellas uma grande resolução; acabo com fazer a todos os que me ouviram uma só pergunta: Crêdes isto que ouvistes, ou não? Quem crê o primeiro e segundo ponto, é christão, quem não crê o segundo, é gentio; mas, ou sejaes gentios, ou chris-

[1] S. Bonavent. in Solil.

tãos, se totalmente não tendes perdido o entendimento e o juizo, não podeis deixar de estar persuadidos do que ouvistes, ou a despresar a falsidade de uns bens, ou a desejar juntamente a verdade dos outros.

O gentio não sabe que a alma é immortal, nem crê que ha outra vida. E comtudo, se lêrdes os livros de todos os gentios, nenhum achareis, nem philosopho, nem orador, nem poeta, que só com o lume da razão, e experiencia do que vêem os olhos, não condemne o amòr, ou cubiça dos chamados bens deste mundo, e não louve o despreso delles. Gentio houve, que reduzindo a dinheiro um grande patrimonio que possuia, o lançou no mar, dizendo: «melhor é que eu te afogue, do que tu me percas». Deixo os risos de Diogenes, que mettido na sua cuba zombava dos Alexandres e suas riquezas. Deixo a sobriedade dos Socrates, dos Senecas, dos Epithétos, e só me admira e deve envergonhar a todo christão, o exemplo do mesmo Epicúro neste conhecimento, sendo elle e a sua seita a que mais professava as delicias: *Gaudebis minus? Minus dolebis:* dizia o comico gentio, e fallando com gentios: Se tiveres menos gostos, tambem terás menos dôres. E porque na mistura dos falsos e enganosos bens, dividiam o bem do mal, e contrapezavam o que tinham de gosto, com o que causavam de dôr; antes queriam não padecer a parte do verdadeiro mal, que gosar a do falso bem. Não seria louco o que pela doçura da bebida tragasse juntamente o veneno? Esta pois era a razão e a evidencia, com que sem fé, nem conhecimento da outra vida, se desenganavam os gentios, e uns pelo pezo se descarregavam dos falsos bens, outros pelo despreso os mettiam debaixo dos pés.

E se assim os tratava o gentio, que não temia delles que o levassem ao inferno, nem lhe impedissem o céo; que deve resolver e fazer o christão, que não só reconhece nos bens do mundo a vaidade do presente, senão tambem, e muito mais, o perigo do futuro? Será bem que por um instante de gosto me arrisque eu a uma eternidade de pena, e por uma apprehensão de bem misturado com tantos males, perca a gloria da vista de Deus, e o gosar não só a minha bemaventurança, senão a de todos os bemaventurados? O' fé, ó entendimento, onde estás? Mas o certo é que nem entendimento temos, pois não fa-

zemos o que fizeram e entenderam tantos gentios: nem fé, senão morta, e sem acção vital, pois ella nos não move a viver como christãos. Se o queremos ser, e emendar o deslumbramento desta tão enorme cegueira, eu não vejo outro remedio que nos abra os olhos, senão tornar pelos mesmos passos destes nossos dois discursos, aos dois montes donde elles sahiram. O' que duas estações tão proprias de um tempo tão santo como o da Quaresma! Uma ao monte da tentação, outra ao monte da Transfiguração: uma ao monte, onde o demonio mostrou a Christo as glorias do mundo, outra, onde Christo mostrou aos Apostolos a gloria do céo. Olhae, e notae bem, quanto vae de monte a monte: vêde e considerae bem, quanto vae de glorias a gloria. Naquelle monte estão os males sobredoirados com nome de bens; neste estão os bens sem sombra, nem apparencia de mal. Alli está o falso, aqui o verdadeiro: alli o duvidoso, aqui o certo: alli o momentaneo, aqui o eterno: alli o que vae parar no fogo do inferno, aqui o que nos leva a ser bemaventurados no céo. Vêde, vêde, e considerae bem o que deveis escolher; porque qual fôr a vossa eleição nesta vida, tal será a vossa remuneração na outra: ou padecendo sem fim todas as maldições com o demonio, ou gosando na eternidade todas as felicidades com Christo.

SERMÃO

NA

SEGUNDA FEIRA

DEPOIS DA

SEGUNDA DOMINGA DA QUARESMA

(Prégado em Torres Vedras, andando o auctor em Missão, no Anno de 1652)

Ego vado, et quæretis me, et in peccato vestro moriemini. [1]

I

Entre as famosas e escuras visões do Apocalypse é notavel a de uma aguia, a qual, diz o Texto, que voando pelo meio do céo, repetiu tres vezes a grandes vozes esta, não sei se diga pequena, se grande palavra *Væ: Et vidi, et audivi vocem unius aquilæ volantis per medium cœli, dicentis voce magna: Væ, væ, væ.* [2] *Væ* quer dizer *ai;* e repetir a aguia tres vezes, *væ, væ, væ,* foi dizer outras vezes, *ai, ai, ai.* Mas se a aguia voava pelo meio do céo, *volantis per medium cœli,* e no céo não póde haver dôr, nem tristeza, que *ais* são estes, que se ouvem no céo? A mesma aguia declarou, que a causa dos *ais* não estava no céo, senão na terra: *Væ, væ, væ habitantibus in terra: Ai, ai, ai sobre os habitadores da terra.* De sorte que os

* O argumento d'este Sermão, diz ainda o padre Antonio Honorati, é terrivel e difficultoso de tractar com fructo onde a fé não esteja muito firme, mas nem por isso deixa de ser verdade evangelica que se deve prégar, sobretudo em tempo de Missão.

[1] *Joan.*, VIII.

[2] *Apoc.*, VIII, 13.

males que davam motivo aos *ais*, ou fossem males padecidos, ou ameaçados, não pertenciam aos moradores do céo, senão aos da terra. Esta declaração, porém, não tira a duvida; porque os *ais* são signal de dôr e tristeza, e no céo, como se diz no mesmo Apocalypse, não póde haver tristeza, nem dôr: *Neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra, quia prima abierunt.* [1] Que *ais* eram logo estes, e tão repetidos no céo? Responde litteralmente Aretas, que os *ais* não eram de propria e verdadeira dôr, ou tristeza, de que não é capaz a gloria, mas de compaixão e piedade, condoendo-se os bemaventurados, quanto lhes é possivel, e lamentando as desgraças e miserias, a que estamos sujeitos os homens, em quanto vivemos neste mundo: *Tripliciter væ propter cœlestium erga nos condolentiam: propter quam etiam potissimum væ ipsis triplicatur, ad signandam lamentationem maximam, quam nostri gratia suscipiunt, tanquam ob suos conservos, adeoque contigit, ut illi affluenti tristitia afficiantur.* Até aqui Aretas, que escreveu ha novecentos annos, um dos mais doutos e graves commentadores do Apocalypse, cujas palavras ainda são mais apertadas e encarecidas, do que eu referi no sentido dellas.

E porque o juizo que os bemaventurados fazem das que nós chamamos desgraças e miserias é muito differente do nosso: com muita razão se me póde perguntar, que desgraça e miseria humana será principalmente aquella que obrigue aos bemaventurados na segurança do céo a se condoer tanto de nós, e lamentar com tão repetidos *ais* o perigo dos que vivemos na terra? Confiadamente respondo, que não é, nem póde ser outra, senão o descuido continuo da salvação, com que vivem os peccadores, e a impenitencia final com que acabam a vida e morrem em seu peccado. Provo. E' verdade de fé, affirmada por bocca do mesmo Christo, que quando um peccador se converte, com verdadeira penitencia de seus peccados, se fazem maiores festas no céo, do que lá se festeja e celebra a innocencia de noventa e nove justos, que não teem necessidade de penitencia: *Gaudium erit in cœlo super uno peccatore pœnitentiam agente, quam super*

[1] *Apoc.*, XXI, 4.

nonaginta novem justis, qui non indigent pœnitentia. [1] Logo se a penitencia de um peccador verdadeiramente arrependido se celebra no céo com tantas demonstrações de festa e alegria; que outro motivo egual póde haver que cause lamentações, e tão repetidos *ais* no mesmo céo senão a vida habitualmente depravada dos peccadores, e a impenitencia ultima e final com que, morrendo como vivem, se perdem para sempre, e se condemnam? Assim se deve crêr, e assim o torno a affirmar: nem quero outra maior, ou melhor confirmação do que digo, que a auctoridade do mesmo S. João, nem outras palavras suas, senão as que tomei por thema: *Ego vado, et quæretis me, et in peccato vestro moriemini.* [2]

Perguntam os Expositores do Apocalypse, quem era, ou significava aquella aguia, que bradava a grandes vozes, *væ, væ, væ?* E resolvem Lyrano, Aurelio, e outros, que era o mesmo S. João, ao qual entre os quatro Evangelistas representados nos quatro animaes do carro de Ezechiel, pertence a aguia. De maneira, que o mesmo S. João era a aguia que viu, e a aguia que foi vista no Apocalypse. E se aquella aguia disse, *væ, væ, væ;* segue-se que o mesmo S. João, que a viu e ouviu, disse tambem o que ella disse. Mas quando? Verdadeiramente, que não póde haver correspondencia, nem mais egual, nem mais propria. S. João primeiro escreveu o Apocalypse, e depois o Evangelho. E assim como no Capitulo oitavo do seu Apocalypse viu a aguia, e ouviu o que dizia, assim hoje no Capitulo tambem oitavo do seu Evangelho disse o que ouviu, para que nós o oiçamos. Lá fallou a aguia com tres *ais: væ, væ, væ;* e cá explica S. João aquelles tres *ais* com outros tres, que são as tres clausulas do nosso thema: *Ego vado*, o primeiro *ai; et quæretis me*, o segundo; *et in peccato vestro moriemini*, o terceiro. As palavras que disse a aguia do Apocalypse não foram suas, senão de Deus, o qual lh'as poz na bocca, para que com sobrenatural instincto as dearticulasse: e do mesmo modo estas palavras, que refere S. João no Evangelho, não são suas, senão de Christo, o qual as tinha denunciado em Jérusalem, antes que elle as escre-

[1] *Luc.*, XV, 7.
[2] *Joan.*, VIII, 21.

vesse. Não queriam aquelles homens obstinados crêr que era Filho de Deus, e o verdadeiro e esperado Redemptor de Israël: e como a todos os argumentos de sua divindade cerrassem os ouvidos, e a todas as evidencias de sua omnipotencia os olhos; já que assim é, conclue o Senhor, eu me irei deste mundo, e vos deixarei; mas virá tempo em que me busqueis, e não me acheis, e todos morrereis em vosso peccado: *Ego vado, et quæretis me, et in peccato vestro moriemini.*

Esta sentença prophetica se cumpriu pontualmente nos Judeus, e se vae cumprindo ainda nos que obstinados e impenitentes vivem e morrem na mesma cegueira. Mas porque não basta só a fé a impedir a mesma desgraça, e que se não estenda a muitos christãos; para que estes oiçam, conheçam, e temam a tempo o seu perigo, ajuntaremos aos tres *ais* de S. João as tres partes da sentença de Christo, que elle refere, e verá cada um claramente, se cáem ou pódem cahir estes *ais* sobre a sua vida e morte. *Væ*, ai de vós aquelles que fordes deixados de Deus: *Ego vado! Væ*, ai de vós aquelles que o haveis de buscar debalde, *et quæretis me! Væ*, ai de vós aquelles que morrerdes no vosso peccado, *et in peccato vestro moriemini!* Da temerosa consideração destes tres *ais* se comporão os tres pontos do nosso discurso, bastante cada um delles a fazer tremer o mundo, a quebrar as pedras, e derreter os bronzes. Mas porque sem a graça de Deus, ainda ha corações mais duros; peçamol-a ao Espirito Santo, por intercessão da cheia de graça: *Ave Maria.*

II

Ao primeiro *væ* da aguia, e ao primeiro *ai* de S. João, responde a primeira clausula da sentença de Christo, em que diz o mesmo Senhor, que ha-de deixar aquelle ingrato e obstinado povo, com quem fallava, e se ha-de ir: *Ego vado.* O' que terrivel ameaça! O' que lastimosa despedida! Agora se cumpriu o que o mesmo Christo, em quanto Deus, por bocca de Oseas tinha prophetisado ao mesmo povo, e com o mesmo *ai: Væ eis, cum recessero ab eis.* [1] Ai delles,

[1] *Oseas.*, IX, 19.

quando eu me apartar delles! Só quem podesse comprehender aquelle *ego*, entenderia bastantemente o que encerra em si este *væ*. O *væ* é o *eu* trocado, e assim como o *eu* significa o summo bem, assim o *væ* é uma summa abreviada de todos os males. Nem comvosco ha mal que para mim seja mal, nem sem vós póde haver bem, que para mim seja bem, dizia a Deus Santo Agostinho. Se Deus, que me deu o ser, e de quem depende quanto sou, quanto posso, e quanto tenho, se apartar de mim, que ha-de ser de mim? Quem não penetra o fundo desta verdade, nem tem fé, nem entendimento. Vêde que bem a entendeu David, e tambem seus inimigos.

Considerando-se David nos ultimos annos da velhice, compoz o Psalmo setenta, em que fez esta oração a Deus: *Ne projicias me in tempore senectutis: cum defecerit virtus mea, ne derelinquas me. Quia dixerunt inimici mei mihi, et qui custodiebant animam meam, consilium fecerunt in unum, dicentes: Deus dereliquit eum, persequimini, et comprehendite eum, quia non est qui eripiat. Deus, ne elongéris á me.* [1] Peço-vos, Senhor, que no tempo da velhice, quando me faltarem as forças, não me lanceis de vós, nem me deixeis. Porque meus inimigos se uniram, e fizeram conselho contra mim, no qual disseram: Deus deixou a David, agora é tempo de o perseguirmos e lhe tirarmos a vida; porque não tem quem o livre, nem defenda: pelo que vos peço, Senhor, que não vos aparteis de mim. Duas grandes ponderações se encerram nestas palavras. A primeira, o fundamento que tomam os inimigos de David no seu conselho, para o destruirem a seu salvo: a segunda, o soccorro que David pede a Deus, para se defender e prevalecer contra elles. O fundamento do conselho dos inimigos é que Deus deixou a David: *Deus dereliquit eum;* e o soccorro que David pede a Deus, é que o não deixe, nem se aparte delle: *Ne elongeris á me.* De sorte que em Deus se apartar ou não apartar de David, assim no seu juizo, como no de seus inimigos, consistia, ou a sua vida, ou a sua morte; ou a sua destruição, ou a sua felicidade; ou todo seu bem, ou todo seu mal. Bem pudéra o conselho dos inimigos de David dis-

[1] *Psalm.*, LXX, 9, 10, 11 e 12.

correr, e dizer prudentemente: Agora é a occasião de prevalecermos contra elle, porque aquelle valor e brio, com que vencia e matava os gigantes, carregado com o pezo dos annos, e cançado com os trabalhos da vida, já está enfraquecido e frio: agora é a occasião, porque pretendendo por uma parte Adonias, e por outra Salomão, succeder-lhe na corôa, não só está dividido o reino, mas vacillante a fé dos vassallos entre duas parcialidades: agora é a occasião, porque estando criminoso Joab pelas duas mortes de Abner e Amaza, e tendo o governo das armas, antes se quererá defender com ellas, que expor-se desarmado ao castigo. Mas nem destas nem de nenhuma outra consideração politica fizeram caso, e toda a resolução do seu conselho se fundou em Deus ter deixado a David como suppunham: *Deus dereliquit eum et non est qui eripiat:* e do mesmo modo David nem pediu a Deus a fidelidade dos vassallos, nem a concordia das parcialidades, nem o acerto da successão, nem a obediencia do general e sujeição do exercito, senão, uma e outra vez, que Deus o não deixasse, nem se apartasse delle: *Ne derelinquas me, ne elongéris á me;* porque se Deus o não deixasse nem se apartasse delle, em qualquer estado e perigo das coisas humanas estava seguro: e, pelo contrario, deixado e apartado de Deus, nem todo o mundo, ainda que o tivesse por si, o poderia defender nem livrar: *Non est qui eripiat.*

E se queremos vêr a verdade deste discurso de David e seus inimigos reduzida á pratica, e canonisada na experiencia, ponhamos diante dos olhos a famosissima historia de Samsão na primeira e segunda parte de sua vida, ou em quanto conservou inteiros os seus cabellos, ou depois que os teve cortados. E' caso que parece fabuloso se não fôra da Escriptura Sagrada. Em quanto conservou os cabellos, era tão valente Samsão, que com as mãos nuas mettidas dentro das boccas dos leões, lhes partia os queixos e os lançava mortos aos pés: era tão valente, que cerrando as portas da cidade de Gaza os philisteus para o prenderem dentro, elle tambem, sem outro instrumento que as mãos, quebrou os ferrolhos, e tomando as mesmas portas aos hombros, lh'as foi pôr sobre um monte á vista: era tão valente, que cercado de um grande exercito dos mesmos philisteus, com a queixada que alli achou de um jumento, matou não me-

nos que mil delles: era tão valente, que dormindo, e atado com sete cordas, uma vez de linho nunca usadas, outra vez de nervos crús, outra cravadas fortemente na terra, só com o movimento de espertar rompeu tão facilmente aquellas ataduras, que poderam ter mão em sete elephantes, como se foram teias de aranha. Póde haver maior maravilha, maior assombro, maior prodigio de forças? Nem se póde imaginar maior, nem jámais o houve similhante. Assim era aquelle só homem o terror e o medo universal das cidades e dos exercitos da mais forte e bellicosa nação daquelle tempo. Voltemos agora a folha á mesma historia, e veremos outro assombro maior. Vêdes levar preso e manietado um miseravel homem, com o rosto derribado para a terra, e com a cabeça escalvada e sem cabello? Pois aquelle é o mesmo Samsão: porque uma mulher o entregou a seus inimigos, e elle o seu segredo a uma mulher. Lá o levam a um carcere, cujas cadeias elle não póde quebrar, e cujas portas não póde abrir: lá lhe arrancam ambos os olhos, com que de novo lhe atam as mãos, que já não temiam: de lá o tiram para moer em uma atafona como jumento, ou esquecidos, ou lembrados da queixada do outro: e para maior escarneo e affronta do que tantas vezes os affrontou, nos dias de festa publica o mandavam bailar nos seus banquetes: e aquelle mesmo Samsão, ao som de cujo nome emmudeciam as trombetas dos exercitos dos philisteus, agora baila adiante delles ao som das suas guitarras!

O' mudança estupenda e inaudita! E mais estupenda ainda pela causa, que pelo effeito! Em Samsão não houve outra mudança, que conservar ou não conservar os cabellos. E é possivel, que só porque perdeu os cabellos, perdesse o valor, as forças e a virtude com que obrava tantas maravilhas? E que a fama e gloria que com ellas tinha ganhado, se convertesse em tal extremo de miseria e infamia? Sim, e não; porque debaixo desta causa exterior, que se via, havia outra principal e occulta, que era haver-se Deus apartado e deixado a Samsão. O mesmo Texto sagrado o diz expressamente. Depois que Dalila lhe tinha cortado os cabellos, sem o mesmo Samsão o sentir, porque estava dormindo, ao brado de que os philisteus vinham sobre elle, espertou sem nenhum temôr, cuidando que se livraria das suas mãos tão

facilmente como as outras vezes; mas não sabia, diz o Texto, que Deus se tinha apartado delle: *Nesciens quód recessisset ab eo Dominus.* [1] Estae agora no caso e na verdadeira causa daquella tão notavel mudança. Samsão era de religião e profissão nazareno, cujo instituto principalmente consistia em conservar e nunca cortar os cabellos. Assim o declarou elle a Dalila quando lhe descobriu o segredo: *Ferrum nunquam ascendit super caput meum quia Nazaræus, idest, consecratus Deo sum ab utero matris meæ.* [2] E como naquella ceremonia e protestação exterior consistia a observancia do seu instituto, em quanto conservou os cabellos, assistiu-o Deus; tanto que se sujeitou a que lh'os cortassem, apartou-se delle. De sorte que a fortaleza dos braços de Samsão, e as maravilhas que com ella obrava, não era virtude natural que os seus cabellos tivessem, mas concurso e influxo particular de Deus, com que pela observancia da sua profissão sobrenaturalmente o assistia. Assistido Samsão de Deus, era o terror de seus inimigos, a fama, o assombro e o milagre da valentia: e, pelo contrario, deixado de Deus, era o ludibrio e escarneo dos mesmos inimigos, e não só o exemplo mais raro da mudança, mas o despojo mais vil da fraqueza, do despreso e da miseria. Assim levanta Deus a quem assiste, assim fica quem elle deixa, e assim ficou o ingrato e infeliz povo, a quem hoje disse que havia de deixar: *Ego vado.*

III

Com muita razão (quando não houvera outra) deixou Christo aquelles que sendo seus, como diz S. João, o não receberam: *In propria venit et sui eum non receperunt.* [3] E se perguntarmos quando se cumpriu a palavra *ego vado*, e quando teve seu effeito esta partida e despedida do Senhor, deixando não as pedras de Jérusalem, senão os seus habitadores mais duros que

[1] *Juizes*, XVI, 20.
[2] *Ibid.*, 17.
[3] *Joan.*, I, 11.

ellas? Segundo a historia de Josepho se póde reduzir ao tempo do cerco e destruição da mesma cidade por Tito e Vespasiano; porque então se ouviu claramente sahir do Templo uma voz que dizia: *Migremus hinc*, vamo-nos daqui: para que constasse aos de dentro e aos de fóra, que Deus deixava e desamparava aquella casa, que em todo o mundo era conhecida por sua. Assim disse fingida, mas racionavelmente o poeta, que antes de se abrazar Troya, a deixaram e se sahiram della os deuses tutelares da mesma cidade: *Excessere adytis omnes, arisque; relictis, Dii, quibus imperium hoc steterat.*

Mas o certo é que o tempo em que Deus deixou aquelle ingratissimo povo, foi o mesmo em que elles o puzeram em uma cruz, e o mesmo Senhor que da sua carne, e do seu sangue tinha tomado o corpo mortal, deu a vida tambem por elles. Ouvi e oiçam os mesmos a clareza com que o tinha prophetisado o seu propheta Jeremias: *Reliqui domum meam: dimisi hæreditatem meam: dedi dilectam animam meam in manu inimicorum ejus.* [1] Jérusalem e Judéa era a que antigamente se chamava a casa e a herdade de Deus: e diz agora o mesmo Deus, que não só deixou a sua casa, e renunciou e abriu mão de sua herdade, senão que a sua propria vida entregou nas mãos de seus inimigos: porque tudo succedeu juntamente e no mesmo dia. No dia em que Deus se entregou nas mãos de seus inimigos, e morreu pregado por elles em uma cruz, nesse mesmo dia deixaram de ser casa sua e herdade sua, porque nesse mesmo dia os deixou e os lançou de si. E para que se veja o extremo de dôr com que Christo na mesma cruz, e no mesmo dia sentiu vêr deixado por Deus, e lançado de sua protecção um povo a que tanto amava, e pelo qual tanto tinha padecido, ponderemos umas palavras do mesmo Senhor ditas naquella occasião, variamente interpretadas, e no sentido que quero dizer, propria e verdadeiramente entendidas.

A quarta palavra de Christo na cruz foi: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* [2] Deus meu, Deus meu, porque me deixastes? E como dei-

---

[1] *Jerem.*, XII, 7.
[2] *Math.*, XXVII, 46.

xou Deus, ou póde deixar a Christo? Quanto á divindade, não; porque a união da pessoa divina com a natureza humana é indissoluvel e eterna: quanto á graça, tambem não; porque a mesma graça e gloria que recebeu na Encarnação, e tem hoje no céo, teve e conservou na cruz. Nem se diz coherentemente que foi Christo deixado de Deus, porque o não livrou das dôres e affrontas daquelle tormentoso supplicio; porque elle as aceitou e se offereceu a ellas voluntariamente: *Oblatus est, quia ipse voluit.* [1] E se quizera que o Padre o livrára e defendêra de todo o poder de seus inimigos, bastando para isso um anjo, lhe daria mais de doze legiões, como disse o mesmo Senhor a S. Pedro: *An putas, quia non possum rogare Patrem et exhibebit mihi plusquam duodecim legiones angelorum?* [2] Pois se Christo não foi deixado de Deus, nem pela desunião da divindade, nem pela subtracção da graça, nem pela negação do auxilio e soccorro exterior, e muito menos pelo interior da virtude, da constancia, e da paciencia, porque se lamenta o animosissimo e fortissimo Redemptor de Deus o ter deixado: *Ut quid dereliquisti me?* A razão foi, porque estas palavras disse-as Christo quasi á hora nona, em que expirou, como nota S. Matheus: *Et circa horam nonam clamavit Jesus voce magna dicens: Deus meus, ut quid dereliquisti me?* [3] E naquella mesma hora deixou Deus, repudiou e lançou de si a nação hebrea, e passou a sua fé, o seu culto, e a sua Igreja do povo judaico para o gentilico. Assim o significou na mesma hora o véo do Templo, que cobria o *Sancta Sanctorum*, rasgando-se: e assim o ensinam S. Jeronymo, Santo Ambrosio, Origenes, Theophilato, Euthimio, e o confirma com auctoridade pontificia S. Leão Papa. *Per veli scissionem repudiatos vos, ó Judæi, debuistis agnoscere et omne jus sacerdotii perdidisse. Adeo tunc a lege ad Evangelium, á Sinagoga ad Ecclesiam, á multis sacrificiis ad unam hostiam, quæ Deus est, ejusdem est facta translatio.*

E porque Christo era da nação hebrea, e Deus naquella hora deixava e lançava de si a mesma nação,

---

[1] *Isai.*, LIII, 7.
[2] *Math.*, XXVI, 53.
[3] *Ibid.*, XXVII, 46.

por isso na mesma hora se lamentou que Deus o deixava a elle. Quando Saulo perseguia a Igreja, não lhe disse Christo: *Saule, Saule, quid me persequeris?* [1] Pois assim como Saulo perseguia a Christo, porque perseguia o seu corpo mystico, que é a Igreja; assim Deus deixava a Christo, porque deixava aquelle corpo natural e politico, de que elle tomára a carne e sangue, que era a nação hebrea. *Ut quid dereliquisti me? Idest, meum genus, meum populum Judæorum qui secundum carnem mihi cognati sunt*, disse com singular pensamento Theophilato. E porque esta razão, que eu tenho pela mais propria, natural e genuina do Texto, não fique só no testemunho de um auctor, posto que tão qualificado, eu a confirmo com outros dois, e da maior auctoridade de toda a Igreja. Os Evangelistas que relataram este caso, foram S. Matheus e S. Marcos, e ambos com outra singularidade maior escreveram as palavras de Christo na lingua que naquelle tempo era a vulgar dos hebreus, em que o Senhor as disse: *Eli, Eli, lama sabacthani.* [2] Lêam-se todos os Evangelistas, e todas as sentenças que elles referem de Christo, e nenhuma se achará escripta na lingua hebraica, senão esta, em que o Senhor se lamentava de Deus o ter deixado. Qual é logo o mysterio, por que só esta se escreveu naquella lingua, e não só por um dos Evangelistas, senão por ambos os que referem o caso? Sem duvida para que entendessemos que Christo se queixou, ou manifestou aquelle seu sentimento, não em quanto representava na cruz a todo o genero humano, senão em quanto fazia as partes do povo judaico. Christo na cruz, como segundo Adão, e pagador das suas dividas, representava a todo o genero humano, o qual então se dividia sómente em dois povos, o gentilico e o judaico. E como Deus então lançava de si o povo judaico, e passava a sua Igreja ao gentilico, por isso com tão singular novidade quizeram declarar os Evangelistas, que quando assim se queixou o Senhor, não fallava em nome de todo o genero humano, senão do povo judaico sómente, como quem actualmente estava vertendo o sangue, que delle tinha tomado.

[1] *Act.*, IX, 4.
[2] *Math.*, XXVII, 46. *Marc.*, XV, 34.

O' que admiravelmente concorda com esta lamentação de Christo, em quanto homem, aquelle *væ* do mesmo Christo, em quanto Deus, por bocca do propheta Amós, que no principio referimos: *Væ eis, cum recessero ab eis!* Onde a nossa Vulgata diz, *ai delles, quando eu me apartar delles;* a versão hebraica tem, *ai delles, quando eu tomar a carne delles: Væ eis, cum caro mea ex eis.* Assim trasladam os Setenta, aos quaes seguem todos os Padres, principalmente gregos. Pois porque Deus se havia de unir tanto com os hebreus, que havia de tomar carne delles, por isso diz, *ai delles*, e que se ha-de apartar delles: *Væ eis, cum recessero ab eis?* Sim. Assim como foi a maior felicidade do genero humano fazer-se Deus homem, assim foi a maior desgraça dos hebreus fazer-se Deus homem da sua nação. Porque antes de Deus se fazer homem, muitas vezes quiz deixar e lançar de si aos hebreus pelas grandes occasiões que para isso lhe deram com as suas ingratidões, mas sempre lhes perdoou. Porém depois que se fez homem da sua nação, e elles foram tão proterva e obstinadamente impios, que tomando delles o corpo e sangue, o corpo o pregaram em uma cruz, e o sangue o derramaram, então se fizeram indignos de todo o perdão. Ouvi quão descoberta e sentidamente lh'o declarou o mesmo Senhor: *Jérusalem, Jérusalem, quæ occidis prophetas et lapidas eos, qui ad te missi sunt.* [1] Ah Jérusalem, Jérusalem, que matas e apedrejas os prophetas, por meio dos quaes te chamou Deus, e te quiz unir a si! *Quoties volui congregare filios tuos, quemadmodum gallina congregat pullos suos sub alas, et noluisti?* E quantas vezes quiz eu fazer o mesmo, chamando os teus filhos, como a ave mais amorosa chama os seus para os abraçar comsigo, e os metter debaixo das azas, e tu não quizeste? Mas pois tu me não quizeste a mim, tambem eu te deixarei a ti: *Ecce relinquetur vobis domus vestra deserta.* [2] Porque depois deste dia me não verá mais Jérusalem, senão quando eu fizer nella a ultima entrada, que será tambem a ultima despedida: *Dico enim vobis, non me videbitis amodo, donec dicatis: Benedictus qui venit*

[1] *Math.*, XXIII, 37.
[2] *Ibid.*, 38.

in nomine Domini. [1] Então o viram para nunca mais o verem, porque entrou em Jérusalem para morrer, e morreu para a deixar e se ir: *Ego vado.*

IV

Miseravel foi Jérusalem, e, sobre toda a miseria, miseravel, quando Deus a lançou de si, e a deixou. E acabou-se então aquella miseria? Não. Porque na mesma Jérusalem, que acabou, era significada a alma que não acaba (á qual tantas vezes na Sagrada Escriptura se dá o mesmo nome de Jérusalem), e não é menor, nem menos lastimosa, mas digna de ser lamentada com maiores ais a miseria de qualquer alma, quando Deus se aparta della, e quando verdadeiramente se póde chamar alma deixada de Deus. Que succede ao corpo quando delle se aparta a alma? Tem olhos e não vê: tem ouvidos e não ouve: tem lingua e não falla: tem pés e não anda: tem mãos e não obra: tem coração e não vive; e isto mesmo é o que acontece ao homem de quem se aparta Deus, que é a alma da nossa alma. Cego para não vêr o que lhe convém, surdo para não ouvir os dictames da verdade, mudo para não confessar seus peccados, ou só por cerimonia e sem emenda: paralytico e tolhido de mãos e pés para não fazer acção, nem dar passo que não seja para sua perdição. Perdido nos pensamentos, perdido nas palavras, perdido nas obras, e, dentro e fóra de si, todo, e em tudo perdido. Considerae-me um homem sem uso de razão, e um christão sem lume de fé, e tal é o que Deus deixou e lançou de si. Cavallo no precipicio sem freio, navio na tempestade sem leme, na doença mortal sem medico. Em quanto a mão de Deus o deteve, não cahiu: em quanto as suas inspirações o guiaram, não se afogou: em quanto os seus auxilios o soccorreram, não morreu; mas logo o vereis precipitado, afogado, e morto sem remedio, porque Deus abriu mão delle, e o deixou.

O' quantos deixados de Deus enchem hoje o mundo; e quão cegos são elles, se não se vêem, e nós tam-

---

[1] *Math.*, XXIII, 39.

bem, se os não conhecemos! Quem é aquelle poderoso, que, de dia e de noite, não cuida, nem imagina, senão como ha-de fartar a cubiça, inventando novas traças de adquirir e roubar o alheio, sem escrupulo, nem pensamento de o restituir? E quem é aquelle prodigo no pedir, insensivel no dever, e insaciavel no gastar, sem conta, sem peso, sem medida, como se a culpa de não pagar, devendo, não fôra estar sempre roubando, e assim vive, porque assim ha-de morrer? E' um deixado de Deus. Quem é aquelle soberbo, que por fartar sua ambição, reconhecendo em si a falta que tem de merecimento, não repara em derribar por meios calumniosos e traidores os que quer fazer degráus para elle subir? E quem é aquelle, que com subornos, com adulações, com hypocrisias e enganos, apesar da natureza, da fortuna, da justiça e da opinião, chega a conseguir e ser o que ellas lhe negaram, e não teme que ha-de pagar na outra vida o que nesta não hão-de lograr seus descendentes? E' um deixado de Deus. Quem é aquelle sensual que por fartar seu appetite, com tanta publicidade nos vicios como se foram virtudes, sem reverencia de Deus, nem respeito do mundo, nem péjo de si mesmo, nos annos mais que da mocidade desbaratou a fazenda, a saude, a honra e a vida? E quem é aquelle que não tendo já mais que os ossos que mandar á sepultura, pelos não descarnar de todo, ainda á vista da morte, os leva a queimar no mesmo cemiterio, e por dar aquella lenha secca ao fogo, que se accende e apaga em um momento, não faz caso (como se não tivera fé) de ir arder para sempre no do inferno? E' um deixado de Deus.

Estas são as tres estradas geraes por onde são deixados de Deus os que elle deixa; mas os modos porque em cada uma dellas são deixados, não teem conto. Uma das coisas que muito tenho notado em David, é a grande frequencia com que pede a Deus que o não deixe, e os muitos e varios modos com que repete e insta nesta mesma petição. No Psalmo vinte e um, e trinta e sete: *Deus meus, ne discesseris á me:* no Psalmo vinte e seis: *Na avertas faciem tuam a me, neque despicias me, ne declines a servo tuo:* no Psalmo trinta e quatro: *Ne discedas á me:* no Psalmo cincoenta: *Ne projicias me:* no Psalmo setenta: *Ne elongéris a me:* no Psalmo cento e dezoito: *Ne re-*

pellas me: no Psalmo vinte e seis, trinta e sete, setenta, cento e dezoito, e cento e trinta e nove, cinco vezes pelas mesmas palavras: *Ne derelinquas me, ne derelinquas me, ne derelinquas me, non me derelinquas, ne derelinquas me.* Pois se Deus por um peccado de David uma só vez o deixou, e depois o restituiu á sua graça com tanta certeza e firmeza; como pede tantas vezes, e por tantos modos a Deus que o não deixe? E' certo que o propheta não multiplicaria tantos modos de pedir, se Deus não tivesse muitos modos de deixar. Mas porque razão? Tão propria da sua misericordia, como da nossa miseria. A razão é, porque Deus não deixa ao homem, senão depois de o homem o deixar a elle: e porque nós temos tantos modos de deixar a Deus, tambem Deus tem muitos modos de nos deixar a nós. Assim o escreveu o mesmo Deus por lei expressa no Capitulo trinta e um do Deuteronomio: *Ibi derelinquet me, et derelinquam eum:* [1] e assim o tirou por consequencia no segundo livro dos Paralipomenos: *Quare dereliquistis Dominum, ut derelinqueret vos?* [2] Porque deixastes a Deus, para que elle vos deixasse? De sorte que o deixar, e o ser deixado entre Deus e o homem é condição reciproca. Se Deus deixa ao homem, o deixado é o homem: se o homem deixa a Deus, o deixado é Deus; mas sempre Deus o primeiro deixado. Se Deus, pelo contrario, houvera de ser o primeiro que nos deixasse, nunca nos deixaria; mas porque nós somos os primeiros em deixar, por isso tantas vezes e por tantos modos somos os deixados de Deus.

E se me perguntardes entre estes modos de ser deixado, qual é o mais temeroso e lamentavel, e sobre o qual cae mais em cheio aquelle *ai, væ eis;* digo que é quando Deus deixa a alma e se aparta della para sempre, assim como hoje deixou, e se apartou de Jérusalem, quando disse: *Ego vado.* Chama-se este modo de deixar, em phrase do mesmo Texto de David, deixação final, ou deixação total: deixação final, *Ne repellas in finem;* [3] e deixação total, *Non me derelinquas usquequaque.* [4] Depois que o medico recei-

---

[1] *Deut.*, XXXI, 16.
[2] *2. Paralip.* XXIV, 20.
[3] *Psal.*, XLIII, 23.
[4] *Ibid.*, CXVIII, 8.

tou e applicou todos os remedios da arte, sem nenhum effeito ou proveito, antes vê que a enfermidade vae sempre de mal em peior, posto que deixa o enfermo muito contra sua vontade, deixa-o, emfim, porque é incapaz de cura. E isto mesmo é o que faz Deus: *Curavimus Babylonem, et non est sanata: derelinquamus eam:* [1] Curámos a Babylonia, não sarou, porque não quiz sarar, deixemol-a. O' que terrivel palavra, *Derelinquamus eam*, deixemol-a, e para sempre! Em quantas occasiões, ó alma, deixando-me tu tantas vezes, mereceste que eu te deixasse por uma vez? Quantas vezes te quiz trazer a mim; quantas vezes te quiz curar, e tu não quizeste: *Quoties volui, et noluisti?* [2] Appliquei-te primeiro os remedios brandos e lenitivos, vim por amôr de ti á terra, prometti-te o céo, ensinei-te o caminho da vida e da verdade, e fiz-me eu o mesmo caminho: *Ego sum via; veritas, et vita:* [3] temporalmente dei-te os que tu chamas bens da fortuna, e são meus; espiritualmente enchi-te dos verdadeiros bens, que são os da minha graça, a qual tu perdeste, e eu te tornei a restituir muitas vezes: cheguei a te dar minha propria carne e sangue por alimento e medicamento; e tu, surda aos meus conselhos, rebelde ás minhas inspirações, dura e ingrata a tanto amôr. A tudo resististe, e me voltaste sempre as costas, fugindo como de inimigo, de quem tanto te amava, e tão deveras procurava teu bem. Não aproveitando os meios e remedios brandos, passei aos asperos e sensitivos. Dei-te doenças com que te mortifiquei a saude, dei-te perdas com que te diminui a fazenda, dei-te descreditos e desares com que te magoei a honra: puz-te á vista ainda maiores trabalhos e desgostos que outros padeceram, e as causas delles, para que com o exemplo das suas chagas curasses e emendasses as tuas: cheguei-te uma e outra vez ás portas da morte com as do inferno abertas, que tantas vezes me tinhas merecido: cuidei que com uma eternidade de fogo aquecesse a tua frieza, e a tua dureza se abrandasse; mas porque nada disto bastou a te reduzir, e nem no céo, nem no inferno, nem em mim,

---

[1] *Jerem.*, LI, 9.
[2] *Math.*, XXIII, 37.
[3] *Joan.*, XIV, 6.

nem fóra de mim tenho já que te applicar; posto que o meu amôr e a minha misericordia te não quizera deixar, é força (pois assim o quer o teu depravado e obstinado alvedrio) é força que eu te deixe. Fica-te, e fica-te para sempre, que eu me vou: *Ego vado.*

Parece-vos, christãos, que ouvindo esta despedida uma alma, ainda que fosse de pedra, não se derreteria em lagrimas de dôr e arrependimento? Pois sabei que quando Deus assim deixa estas miseraveis almas, então ficam ellas mais contentes e satisfeitas, porque como não tratam mais que do presente, sem memoria do passado, nem temôr do futuro, e como Deus que as pretendia sarar, já nenhum remedio lhes applica, e nenhum appetite lhes veda, deixadas á natureza, vivem á sua vontade. Assim o diz o mesmo Deus: *Dimisi eos secundum desideria cordis eorum, ibunt in adinventionibus suis.* [1] Quando me apartei totalmente, e deixei para sempre os que me deixaram, dei-lhes liberdade e largueza para que vivessem ao sabôr dos seus desejos, com que esse pouco caminho que lhes resta, o andam todos, e cada um segundo as invenções de sua propria phantasia. Não se póde passar em silencio o conceito de Hugo Cardeal neste passo: *Ibunt: ire enim motum dicit, et terminum quærit: finis autem motus, et viæ peccatorum est infernus. Propter hoc bene dicit, ibunt in infernum et hoc in adinventionibus suis, quasi in quibusdam vehiculis, quibus portabuntur ad inferos.* Diz o Texto, que irão: *Ibunt:* e se vão, para onde vão? Para o inferno. Diz mais, que irão nas suas invenções, *in adinventionibus suis:* e que invenções são estas? São como as que os homens inventaram para andar mais descançados: *Quasi in quibusdam vehiculis.* Os da Europa andam em liteiras e carroças; os da Asia em palanquins; os da America em serpentinas: e estas duas invenções são para ir mais facil e mais descançadamente ao inferno. Os da Europa vão assentados; os da Asia e da America deitados e jazendo: os da Europa tirados por animaes; os da Asia e da America levados em hombros de homens: e estes são os que carregados dos seus captiveiros, violencias e oppressões, os levam facil e merecidamente ao inferno, para onde caminham.

---

[1] *Psal.*, LXXX, 13.

Quando tornam para a patria (sempre mais ricos do que foram), todos invejam a sua boa fortuna, e elles recebem os parabens, como favorecidos de Deus, mas não é por favorecidos, é por deixados. E se não vêde o que fazem. Caïn depois do successo de seu irmão, conheceu muito bem que era deixado de Deus, e assim o confessou: *Ecce ejicis me á facie terræ, et á facie tua abscondar.* [1] E que fez Caïn depois que ouviu que a terra e o sangue que tinha derramado, pediam ao céo justiça contra elle? E' caso verdadeiramente digno de pasmo! Diz o Texto sagrado, que se poz a edificar uma cidade (que foi a primeira do mundo), e lhe deu o nome de seu primogenito Henoch, e se chamou Henochia: *Et ædificavit civitatem, vocavitque nomen ejus ex nomine filii sui, Henoch.* [2] Quem esperára de tal homem, e em tal estado, taes pensamentos, e taes cuidados! De maneira que, condemnado por Deus, e vivo por particular indulgencia de sua misericordia, em vez de te metteres em uma cova a fazer penitencia do teu peccado, e vêr se pódes aplacar a Justiça Divina, te pões a fundar jurisdicções, e edificar palacios ao teu morgado? Mas isto é o que fazem os deixados de Deus, como Caïn, e seus imitadores. Estão as terras bradando ao céo, está o sangue, ou derramado, ou chupado violentamente, pedindo justiça a Deus, e elles, em vez de arrependidos, tornarem a repôr os cabedaes que adquiriram por força, ou por más artes, e os dispenderem nas devidas restituições, o que fazem, e o que sempre desejaram e pretenderam, por meio de tantos perigos da vida e alma, é empregar o assim adquirido em morgados para os filhos, e em edificios vãos que levantados, hão-de ser a ruina das mesmas casas. O' ambição! O' cegueira! O' falta de fé e de juizo! Mas estas são as consciencias e as consequencias dos deixados de Deus: *Dimisi eos secundum desideria cordis eorum: ibunt in adinventionibus suis.* Ai delles!

[1] *Gen.*, IV, 14.
[2] *Ibid.*, 17.

V

Ouvido o primeiro *væ* da aguia, e o primeiro *ai* da sentença de Christo, *Ego vado*, passemos a ouvir o segundo, *Et quæretis me*. Diz Christo Senhor nosso, que depois de deixar aquelle ingrato e obstinado povo, elles o hão-de buscar: e esta segunda clausula da sua sentença parece que se encontra com a primeira e com a terceira. Com a primeira, porque é promessa da palavra divina, que Deus não deixa a quem o busca: *Non dereliquisti quærentes te Domine.* [1] Pois se Deus não deixa aos que o buscam, como diz que o hão-de buscar aquelles mesmos que elle deixou: *Ego vado, et quæretis me?* Não implica. Porque mui differente coisa é não deixar Deus aos que o buscaram primeiro, ou buscarem-no depois aquelles a quem elle primeiro deixou. Os que o buscaram primeiro não os deixa, porque o acham; porém os que o buscaram depois, ainda que o busquem, não o hão-de achar: e isto é o que declara a terceira e ultima parte da mesma sentença: *Et quæretis me, et in peccato vestro moriemini.* Buscar-me-heis, e morrereis em vosso peccado. De maneira, que haverem de buscar a Deus os deixados de Deus, e não o haverem de achar, este é o segundo *væ*, e o segundo *ai* de S. João, ainda mais terrivel e mais admiravel que o primeiro. Mais terrivel porque confirma a deixação total e final, sem nenhum remedio; e mais admiravel, porque estreita e reduz a um ponto toda a immensidade da misericordia divina, reclamando contra esta estreiteza, e contra este ponto, em proprios termos, todas as vozes e exemplos da Escriptura sagrada. Ora vêde.

Primeiramente, já no Testamento Velho tinha Deus promettido, que todos os que o buscassem o achariam: assim o diz pelo propheta Jeremias: *Quæretis me, et invenietis.* [2] E para maior confirmação, o mesmo que acabava de dizer pela activa, o torna a repetir pela passiva: *Et inveniar á vobis.* Achar-me-heis, e eu serei achado de vós. No Evangelho não só nos acon-

[1] *Psal.*, IX, 11.
[2] *Jerem.*, XXIX, 13 e 14.

selha e exhorta Christo a que o busquemos (que de si e de Deus falla principalmente), mas tambem nos promette, e dá sua palavra, em que não póde haver duvida, que o acharemos: *Quærite, et invenietis.* [1] E porque não cuidasse alguem que a esta diligencia de buscar poderia faltar a ventura de achar, pela dignidade ou indignidade da pessoa, confirma o Senhor a mesma promessa com uma proposição universal, que a ninguem exclue: *Omnis enim, qui quærit, invenit.* Porque todo aquelle que me busca, me acha, seja quem fôr. Pois se é certo que todos os que buscam a Christo, o acham; como diz o mesmo Christo, que aquelles de quem elle se apartou, o hão-de buscar, *quæretis me;* porém, que nem na vida, nem na morte o hão-de achar: *Et in peccato vestro moriemini?*

Mais. Ainda que o Senhor não affirmára que o haviam de buscar, e ainda que totalmente o não buscassem, nem d'ahi se seguia, ou podia inferir, que o não achariam. Porque não só é proprio da misericordia e bondade de Deus acharem-no os que o buscam, senão tambem os que o não buscam. Assim se gloría o mesmo Deus, e com muita razão, por Isaias: *Invenerunt qui non quæsierunt me:* [2] Acharam-me os que me não buscavam. A Magdalena buscou a Christo, e achou-o: porém a Samaritana achou-o sem o buscar: ia buscar agua, e achou a Christo. Uma e outra coisa nos ensinou o mesmo Senhor em duas parabolas. Um homem, diz, indo seu caminho, achou um thesouro no campo, e foi logo vender quanto tinha, e comprou o campo para lograr o thesouro. E um mercador que andava buscando perolas, achou uma muito preciosa, e para a comprar, deu por ella todo o cabedal que tinha. De sorte que o caminhante achou o thesouro sem o buscar, e o mercante achou a perola buscando-a; e ambos deram tudo pelo thesouro e pela perola; porque na perola e no thesouro era significado o que só vale mais que tudo, que é Christo. No mercante foi cuidado e diligencia achar a perola, porque buscava perolas; no caminhante foi caso e ventura achar o thesouro, porque não buscava thesouros: e em um e outro nos ensinou o mesmo Senhor, que não só o acham os

[1] *Luc.*, XI, 9 e 10.
[2] *Isai.*, LXV, 1.

que o buscam, senão tambem os que o não buscam. Pois se tambem os que não buscam a Christo o acham, como diz o mesmo Christo, e annuncia aos de Jérusalem, que o não hão-de achar, ainda que o busquem, suppondo e affirmando que o hão-de buscar: *Quæretis me?*

Mais ainda. Não só acham a Christo os que o buscam, e os que o não buscam, senão tambem aquelles que nem o buscam, nem o pódem buscar. Havia um pastor (diz o divino Mestre) o qual tinha cem ovelhas, e como se lhe perdesse uma, deixou as noventa e nove no deserto, e foi buscar a perdida. Achou-a, e tomando-a aos hombros, a trouxe muito contente para o rebanho. Havia assim mesmo uma mulher, a qual tinha dez drachmas, que eram certa moeda daquelle tempo, e como perdesse uma, accendeu a candeia, e varreu a casa para a achar. Achou-a tambem, e convocou as visinhas para que lhe déssem o parabem de ter achado a sua drachma perdida. Aquelle pastor, e esta mulher, significam em um e outro sexo, o amôr e a diligencia com que Christo busca aos homens, por mais perdidos que sejam. A ovelha e a moeda são as almas, marcadas ambas, a moeda com a sua cruz, e a ovelha com o seu sangue. Agora pergunto: A ovelha ou a moeda podiam buscar a Christo? A ovelha não, porque não tinha entendimento; e a moeda muito menos, porque nem voz tinha para fallar. E comtudo, assim a ovelha como a moeda, foram buscadas e achadas: para nos ensinar o mesmo Christo, que é tão diligente o seu amôr, e tão amorosa a sua diligencia em buscar as almas, por mais perdidas que estejam, que não só busca e acha as que o não buscam, senão tambem as que o não pódem buscar. Ajuntemos agora todas estas demonstrações, e tiremos e apertemos a consequencia, que não póde ser, nem mais admiravel, nem mais temerosa. E' possivel que busca Christo e acha aos que o buscam, e busca e acha aos que o não buscam, e busca e acha até os que o não pódem buscar; e que ameace e prophetise ao povo hebreu duas coisas tão encontradas com estas Escripturas e estes exemplos; a primeira, que o hão-de buscar, *quæretis me;* e a segunda, que o não hão-de achar, nem ser achados delle, mas perecer em sua propria perdição: *Et in peccato vestro moriemini?*

VI

A resposta desta tão fundada e apertada duvida, quanto ao povo hebreu, é tão expressa na Escriptura, como manifesta na experiencia. Sabes, povo ingrato e cego, porque ha tantos annos que buscas e esperas com tantas ancias o teu verdadeiro Messias, e não o achas, nem elle a ti? E' porque o buscas indo para diante, sendo que o havias de buscar tornando atraz. Se um piloto para achar a terra que lhe demora ao norte, a buscasse pelo rumo do sul, e para o mesmo sul navegasse sempre, claro está que não só não havia de achar o porto que buscava, mas que quanto mais navegasse, tanto mais se havia de apartar e estar mais longe delle. Isto mesmo é o que succede aos Judeus com o seu Messias. Como o Messias ha mil e seiscentos annos que veiu, e lhe fica ao tempo passado, e elles ha outros tantos que o esperam e buscam sempre no futuro, dizendo que não veiu, senão que ha-de vir; esta é a razão porque não só o não acham, por mais que o buscam, antes quanto mais o buscam indo para diante, tanto mais se apartam delle, e se impossibilitam de o achar. Donde se segue, que para os Judeus acharem o Messias, é necessario que o busquem tornando atraz, e que quando assim o fizerem, como farão quando se converterem no fim do mundo, então o acharão. Tudo quanto digo é por bocca do propheta Oseas no mais claro e expresso Texto que se póde desejar nem fingir.

Diz assim este, que foi o primeiro entre todos os prophetas, no Capitulo 3.º: *Dies multos sedebunt filii Israël sine rege, et sine principe, et sine sacrificio, et sine altari, et sine ephod, et sine theraphim.* [1] Muitos dias estarão os filhos de Israël sem rei, sem principe, sem sacrificio, sem altar, sem sacerdocio, e o mais que a elle pertence. Oseas prophetisou oitocentos e cincoenta annos antes da vinda de Christo; e depois que os Judeus o crucificaram, e lhe tiraram a vida, ha mil e seiscentos annos que tudo isto se está cumprindo pontualmente, como vêem os olhos de todo o mundo,

[1] *Oseas*, III, 4.

e os mesmos Judeus não pódem negar. Diz que muitos tempos estarão sem rei, como tiveram em Saül e seus successores, *sine rege:* e onde está este rei dos Judeus? Diz que do mesmo modo estarão sem principe, como tiveram no tempo dos Macchabeus; e tambem estão sem principe, *sine principe.* Diz que estarão sem altar, sem ornamentos sacerdotaes, o principal dos quaes era o chamado *ephod*, e totalmente sem sacerdocio, *sine altari, sine ephod:* e tudo isto se perdeu, e acabou com a perda e assolação de Jérusalem, como o mesmo Christo lhes tinha prophetisado; e se vê experimentalmente por todo o mundo em todas as synagogas dos Judeus, onde não ha mais que um archivo, ou encerramento de madeira, onde está fechada a Lei, escripta em pergaminhos, e donde a tiram e mostram a seus tempos, sem sacerdote, nem vestes sacerdotaes, nem memoria, ou figura de altar, ou sacrificio.

E qual é a razão por que estes que o propheta chama *dies multos*, sendo já passados mais de mil e seiscentos annos, ainda continuam, sem os Judeus acharem nem descobrirem o Messias, que desde então buscam e esperam? A razão é, como dizia, porque o buscam indo para diante, sendo que o haviam de buscar voltando atraz. Admiravelmente o mesmo propheta Oseas, continuando a sua prophecia immediatamente: *Et post hæc revertentur filii Israël, et quærent Dominum Deum suum, et David regem suum, et pavebunt ad Dominum, et ad bonum ejus in novissimo dierum.* [1] A luz do sol não é tão clara como a deste Texto: *Et post hæc*, e depois de tudo o que tenho dito, isto é, depois de os filhos de Israël estarem tantos tempos sem rei nem principe, sem sacerdocio nem sacrificio, tornarão atraz buscando o seu Deus, e o seu rei Messias, descendente de David: *Revertentur filii Israël, et quærent Dominum Deum suum, et David regem suum:* e quando o acharem, ficarão attonitos e pasmados do bem que tinham perdido: *Et pavebunt ad Dominum, et ad bonum ejus:* mas isto não será senão no fim dos dias: *In novissimo dierum.* Diz que isto será no fim dos dias, quando os Judeus se hão-de converter universalmente, como consta de todas as Escripturas (posto que em particular antes desse tem-

[1] *Oseas.*, XIII, 5.

po se possam converter e convertam muitos). Mas notae que não diz o propheta *convertentur*, senão *revertentur:* não diz que se converterão, senão que tornarão atraz. Porque todo o seu erro, e engano de não acharem o Messias, é porque o buscam no futuro, havendo-o de buscar no passado: é porque o buscam indo para diante, havendo-o de buscar tornando atraz: *et revertentur.* A Igreja Catholica naquelles dias em que a misericordia divina banhada no sangue que da sua Humanidade lhe derramaram os Judeus, em vez de estar mais irada, está mais propicia, exhorta a Jérusalem, chamando-a repetidamente a que se converta: *Jérusalem, Jérusalem, convertere ad Dominum Deum tuum.* E para que vejamos a harmonia com que fallam desta mesma conversão as Escripturas, no Capitulo 6.º dos Canticos, em que Salomão descreve os successos tambem ultimos da Igreja, o que diz á mesma Jérusalem com dobrada repetição, são estas palavras: *Revertere, revertere Sulamitis, revertere, revertere, ut intueamur te:* [1] Torna atraz, Jérusalem, torna atraz: torna atraz, torna atraz para que te vejamos. Mas se esta exhortação tão repetida é para que Jérusalem se converta; porque não lhe diz Salomão *convertere*, senão *revertere;* porque não lhe diz que se converta, senão que torne atraz? Porque não só lhe persuade a conversão, mas juntamente lhe ensina o modo della, que é o que mais ignora, e uma e outra coisa prophetisa, como se dissera: *Revertere*, torna atraz, synagoga cega: *Revertere*, torna atraz, que vaes errada: *Revertere;* porque não has-de achar o Messias que buscas, em quanto caminhas para diante: *Revertere;* porque só quando tornares atraz o has-de achar: *Et revertentur ad Dominum Deum suum.*

Agora tornemos nós tambem atraz, e oiçamos a occasião que teve Oseas para prophetisar o que dissemos. E' caso singular em toda a Historia Sagrada. Mandou Deus a este propheta, que se cazasse com uma mulher adultera, como entendem muitos e graves Interpretes, e, quando menos, que a levasse para sua casa, e a sustentasse nella, e a guardasse, com tal condição, que nem havia de ter communicação com o adultero, nem com o marido, e que deste modo assim

[1] *Cant.*, VI, 12.

apartados haviam de continuar muito tempo, esperando sempre o marido reconciliar-se com ella, e ella esperando tambem reconciliar-se com o marido. Assim o assentou o propheta com a adultera, ou como marido, ou como quem o representava, e como tal disse: *Dies multos expectabis me: non fornicaberis, et non eris viro, sed et ego expectabo te:* [1] Muitos dias esperarás por mim, sem marido, nem adultero, e eu tambem esperarei por ti. Esta foi a historia e o caso sobre que se fundou a prophecia que temos declarado, da qual a mesma historia foi admiravel parabola e figura. A mulher casada e adultera representava a synagoga, e nação hebrea, com a qual se desposou Deus, e sempre lhe chamou esposa, e ella sempre lhe foi infiel, e adultera, deixando continuamente a Deus pelos idolos, como consta de todo o Testamento Velho, desde o livro do Exodo até o dos Macchabeus. Porém depois da vinda de Christo é mui differente o estylo que observa a mesma nação, porque vive apartada do adultero, e apartada tambem do Esposo: do adultero, porque já não tem idolos; e do Esposo, porque não guarda fé a Deus, negando-lhe a divindade depois que se fez homem. Isso quer dizer, e diz admiravelmente o propheta naquellas duas palavras: *Non fornicaberis, et non eris viro: non fornicaberis*, porque está apartada dos idolos, em que consistia o adulterio; *et non eris viro*, porque está apartada de Deus, que era o verdadeiro Esposo. E que se segue ou seguiu d'aqui? Um effeito sobre toda a admiração estupendo, mas visto com os olhos. O mesmo Esposo o declarou á que já não tinha uso de adultera, nem de esposa; e assim o diz o mesmo Deus á nação hebrea, que hoje nem é idolatra nem fiel: *Dies multos expectabis me:* Muitos tempos esperarás por mim; *sed et ego expectabo te;* mas eu no mesmo tempo tambem esperarei por ti. Não é isto o que todo o mundo está vendo, e só o Judaismo cego não vê? De maneira que não são só os Judeus os que esperam, senão tambem o Messias: os Judeus esperam pelo Messias; *expectabis me:* e o Messias tambem espera por elles; *sed et ego expectabo te*. E tão longa é uma esperança, como a outra; porque aquelle *dies multos* pertence egualmente a am-

[1] *Oseas*, III, 3.

bas: *Dies multos expectabis me:* ha mil e seiscentos annos que os Judeus estão esperando pelo Messias: *Sed et ego expectabo te;* e em todo este tempo está tambem o Messias esperando por elles. Elles esperando pelo Messias, porque cuidam que ainda ha-de vir, e o Messias esperando por elles, porque ha outros tantos annos, ou outros tantos seculos, que já veiu. Mas o seu erro e engano está em que o buscam caminhando para diante, sendo que só o hão-de achar voltando atraz: *Revertentur, et quærent Dominum Deum suum.*

VII

Não ha duvida que bem digna é a miseravel Jérusalem daquelle segundo *væ*, ou segundo *ai*, pela cegueira culpavel e obstinada com que ha tantos centos de annos que busca e espera, alongando-se cada dia mais do que busca, e não ha-de achar, e do que espera e não ha-de vir. Mas como na mesma Jérusalem é significada a alma de qualquer christão, tão maravilhosa como tremenda coisa é, que tambem em nós se possa verificar, que busquemos a Christo, em quem crêmos com verdadeira e firme fé, e comtudo o não achemos. Christã era e fiel aquella alma, a qual confessa de si, que buscou ao mesmo Christo, e o não achou: *Quæsivi quem diligit anima mea, quæsivi illum, et non inveni.* [1] E o propheta Isaias, que mais que todos foi propheta da Lei da graça, diz que busquemos a Christo em quanto o podemos achar: *Quærite Dominum, dum inveniri potest.* [2] Logo suppõe que ha tempo, em que o não poderemos achar, ainda que o busquemos: *Quæretis me?*

Somos entrados no ponto mais apertado e terrivel da materia presente. Se ha e póde haver tempo em que não possamos achar a Deus, ainda que o busquemos, quando, e que tempo é este? O apostolo S. Paulo fallando deste *quando*, e deste *tempo*, diz: *Ecce nunc tempus acceptabile, ecce nunc dies salutis:* [3]

---

[1] *Cant.*, III, 1.
[2] *Isai.*, LV, 6.
[3] *2.ª ad Corinth.*, VI, 2.

Agora é o tempo de achar a Deus, e este é o dia da salvação. Se é agora, *ecce nunc*, não será depois; e se é no dia de hoje: *ecce nunc dies*, não será no de ámanhã. Até um gentio, e de má vida, como era Marcial, o entendeu e aconselhou assim: *Sera nimis vita est crastina, vive hodie.* Se queres viver bem, começa e vive hoje, que ámanhã já é tarde. Todos os homens promettem a Deus o dia de ámanhã, e quasi todos dão ao demonio o dia de hoje. Este é o contrato tacito ou expresso que teem feito com o inferno: *Cum inferno fecimus pactum.* [1] E que faz o demonio? Quando chega o dia de ámanhã, se o homem diz: este dia é para Deus, replica o demonio, não é senão para mim: porque este dia de hontem era dia de ámanhã; porém hoje depois que amanheceu, já não é dia de ámanhã, senão de hoje; e assim é meu, e não de Deus. Por este modo, de manhã em manhã, e de dia em dia, leva o demonio todos os dias, e tambem leva os que lh'os dão. Elles mesmos confessam que o dia de ámanhã ha-de ser como o de hoje, e ainda peior: *Et erit sicut hodie, sic et cras, et multo amplius.* [2] Isto diziam os que tendo obrigação de governar espiritual e temporalmente o povo de Deus, e lhe dar bom exemplo, só tratavam, não de fazer, senão de levar boa vida. Hoje diziam, fartaremos nossos appetites, e ámanhã muito mais, *et cras amplius.* Por isso, como notou, e muitas vezes repete Santo Agostinho, a palavra *cras*, é voz do corvo, e o corvo uma vez que sahiu da arca, não tornou mais a ella.

Esta é, em summa, a razão por que disse Isaias que buscassemos a Deus em quanto o podiamos achar. Mas oiçamol-a de sua propria bocca: *Quærite Dominum, dum inveniri potest, invocate eum dum prope est:* [3] Buscae a Deus em quanto se póde achar, e chamae por elle em quanto está perto. Deus estando em toda a parte, está perto de uns, e longe de outros. Vêdes dois homens juntos, diz Santo Agostinho, e se perguntardes se são amigos, responderá quem os conhece, que estão muito longe disso: pela presença ambos juntos, pela amisade muito longe um do outro. Tal

[1] *Isai.*, XXVIII, 15
[2] *Ibid.*, LVI, 12.
[3] *Ibid.*, LV, 6.

é a similhança de que usa o propheta. Cada peccado grave aparta a Deus de nós; e se os peccados são muitos, e continuados por muitos dias, a cada dia e a cada peccado se vae Deus sempre apartando mais e mais. Faça agora o computo o peccador, que não ha dias, nem mezes, senão annos e muitos annos, que continua a estar fóra da graça de Deus, e conte quantos são os dias, e quantos os peccados (que ao menos de pensamentos sempre são muitos mais que os dias), e d'alli conjecturará de algum modo quanto longe estará de Deus, e Deus delle. E quando conhecer quão longe está de Deus, então entenderá tambem se poderá ser ouvido quando o invocar de tão longe. Deus longe, e a salvação longe, e não pelo não buscarmos, pois elle diz que o havemos de buscar, *quæretis me;* mas pelo não buscarmos no tempo em que se póde achar. *Longe á peccatoribus salus*, diz David: A salvação está muito longe dos peccadores: e porque? *Quia justificationes tuas non exquisierunt:* [1] Porque não buscaram os meios de a conseguir. Notae, que não diz, porque não buscam, ou porque não hão-de buscar, senão porque não buscaram, *quia non exquisierunt.* Para achar a Deus, e a salvação, não basta buscal-a, ou havel-a de buscar, é necessario tel-a buscado, porque o tempo que já passou, esse era o tempo de a achar: *Dum inveniri potest.*

E se esta desgraça succede aos que buscam a Deus na vida e na saude, que succederá aos que reservam esta diligencia para a enfermidade e para a morte, que é o nosso caso: *Et in peccato vestro moriemini?* Eu não quero desconfiar, nem metter em desesperação a nenhum peccador, por grande que seja, e por mais que se ache cercado de todos os peccados de sua vida, ainda na ultima desconfiança e perigo della, e já a braços com a mesma morte. O propheta diz, que busque o peccador a Deus em quanto o póde achar, *dum inveniri potest;* e eu lhe darei o meio com que o possa achar a qualquer tempo. Diz mais que chame por Deus em quanto está perto, *dum propé est;* e eu lhe darei o meio com que Deus o oiça, ainda que esteja muito longe. E que meio ou meios são estes maiores que toda a esperança, e que toda a desesperação?

[1] *Psal.*, CXVIII, 155.

E' um só, mas muito certo e infallivel. E qual é? Que busque a Deus, e o chame com todo o coração. Se buscar a Deus com todo o coração, ainda que seja com a candeia na mão, achal-o-ha, e não o lançará de si: *In toto corde meo exquisivi te, ne repellas me.* [1] Se chamar por Deus com todo o coração, ainda que seja com a ultima boqueada, por muito longe que esteja, Deus o ouvirá: *Clamavi in toto corde meo, exaudi me Domine.* [2] Uma e outra coisa suppõe o Real Propheta nas palavras que citei; e posto que bastava ser sua a supposição; acrescenta para maior firmeza, que é promessa infallivel do mesmo Deus, e condição expressa, em que nos promette, que sem duvida nos ouvirá, e o acharemos se o chamarmos e buscarmos, com tanto que seja com todo o coração. No Capitulo quarto do Deuteronomio: *Cum quæsieris Dominum Deum tuum, invenies eum, si tamen toto corde quæsieris:* [3] Quando buscardes a Deus, achal-o-heis, com condição porém que o busqueis com todo o coração. E no Capitulo vinte e nove de Jeremias, comprehendendo ambos os termos de chamar e buscar: *Invocabitis me, et ego exaudiam vos: quæretis me, et invenietis, cum quæsieritis me in toto corde vestro:* [4] Chamar-me-heis, e eu vos ouvirei: buscar-me-heis, e vós me achareis, com tanto que me chameis, e me busqueis com todo vosso coração. Assim que, todo aquelle que de todo seu coração chamar e buscar a Deus em qualquer dia, em qualquer hora, e em qualquer instante, ainda que seja o ultimo e mais apertado da vida, sem duvida será ouvido delle, e o achará. Mas que se segue daqui? Este é o ponto de que depende tudo.

VIII

Parece que se segue daqui, que não haverá christão algum tão perdido, se tambem não tem perdido a fé e o juizo, que se não salve. Porque, como póde

---

[1] *Psal.*, CXVIII, 10.
[2] *Ibid.*, 145.
[3] *Deut.*, IV, 29.
[4] *Jerem.*, XXIX, 12 e 13.

haver nem imaginar-se creatura racional tão inimiga de si mesma, que vendo-se ás portas da morte e do inferno, e conhecendo que só em Deus póde ter o remedio, não deseje tornar-se a elle, e invocar sua misericordia de todo coração? Tudo isto assim é (porque não quero fallar dos casos em que o subito da morte, ou dos accidentes mortaes se anticipam a estes mesmos desejos, e as miseraveis almas, que se guardaram para aquella hora, se condemnam sem remedio). Mas concedendo outra vez, que todo aquelle que na mesma hora invocar a Deus de todo o coração se salvará; e concedendo tambem que nenhum haverá que na mesma hora não deseje invocar a Deus e converter-se a elle de todo o coração, digo comtudo e concluo resolutamente, que raro ou nenhum destes se salva. Porque? Porque, como fica dito por tão repetida condicional, e excepção do mesmo Deus, nenhum se póde salvar, senão convertendo-se a elle de todo o coração: e é certo que naquella hora, rarissimos são os que se convertem, ou pódem converter a Deus de todo coração.

Toda a verdade desta ultima e temerosa conclusão se funda na probabilidade, ou certeza com que digo, que raro, ou nenhum naquella hora se converte a Deus de todo o seu coração. E esta sentença, que é commum na doutrina dos Santos Padres, se prova por dois principios, um da parte de Deus, outro da parte do mesmo homem. Começando pelo homem, a razão manifesta é, porque para o homem buscar a Deus com todo o seu coração, é necessario que o coração do homem seja todo seu, e naquella hora nem é seu, nem é todo. Quando é o coração todo, e quando é nosso? E' nosso, quando o não domina outro affecto; e é todo, quando o não diverte outro cuidado: *Tunc porro in toto corde clamatur, quando aliunde non cogitatur*, diz Santo Agostinho. Considerae-me agora um homem nas ultimas angustias da enfermidade, e quasi luctando já com a morte, e vereis, não só com o discurso, mas com os olhos, quão dividido tem o coração, para que não possa ser todo, e quão divertido e senhoreado de differentes cuidados, para que não possa ser seu.

Os que se guardam para aquella hora no principio da enfermidade, ou lisongeados dos medicos, e dos que os assistem, ou enganados do amôr da vida,

só tratam da saude do corpo, e quando esta se desconfia totalmente, e se começa a dizer entre dentes que morre o enfermo, então lembra e se acode á alma, e aos remedios da salvação: *Multiplicatæ sunt infirmitates eorum, postea acceleraverunt.* [1] Então se chama o confessor á pressa, então vem o notario para o testamento, então cresce a febre e as dôres, então se applicam os medicamentos extremos, e os martyrios mais fortes: e qual estará o coração do miseravel enfermo nesta angustia? Vêde qual será a confissão dos peccados de toda a vida? Vêde quaes serão as clausulas e declarações do testamento em quem sempre viveu com pouca conta, e com pouco ou nenhum escrupulo? A memoria perdida, o entendimento sem juizo, a vontade attonita e pasmada: os sentidos todos só vivos para a dôr, e para o mais já quasi mortos: a alma na garganta, e a respiração agonisante. O' que transe tão apertado! Ajuntae ao interior destas afflições, as lagrimas da mulher, o amparo ou desamparo dos filhos, a satisfação dos criados, a paga das dividas, a instancia dos acredores, as restituições do mal adquirido: as negociações dos interessados na herança do que se deixa por força; e sobretudo o temôr da conta tambem forçado, e não por verdadeiro arrependimento: ouvindo-se a invocação do nome de Jesus na bocca do Religioso que assiste á cabeceira, e não sahindo do coração de quem nunca o amou, e só agora o teme, porque mais não póde. Oh, valha-me Deus, quão longe estará de ouvir estas vozes sem alma o mesmo Deus, que está tão longe! E nesta perturbação, nesta confusão, neste labyrintho de cuidados e afferros (tão implicados os deste mundo com os do outro) como poderá dar todo o coração a Deus, nem offerecer-lh'o como seu, quem por dividido e alienado totalmente, já não é senhor de si, nem possue delle a minima parte? Aqui se cumpre o que disse o propheta Oseas: *Divisum est cor eorum, nunc interibunt:* [2] Ai dos que assim teem dividido o coração, que neste estado, e neste instante, lhes chegou a hora de perecerem.

Eu não nego que por algum impulso interior, ou

---

[1] *Psalm.*, xv, 4.
[2] *Oseas*, x, 2.

pelas exhortações de fóra, chamarão com a voz por Deus, e quererão chegar-se a Elle: mas naquella multidão e confusão de cuidados, e naquella bateria de perturbações e temores, é egualmente certo, que o não poderão conseguir. Texto e decreto de Deus expresso no Psalmo 31: *Pro hac orabit ad te omnis sanctus in tempore opportuno: verumtamen in diluvio aquarum multarum ad eum non approximabunt:* [1] Pela remissão dos peccados rogarão a Deus no tempo opportuno todos os que se hão-de salvar; mas no diluvio das muitas aguas, ainda que se queiram chegar a Deus, não o alcançarão. E que diluvio de muitas aguas é este? E' a multidão de afflições e angustias, que naquella hora como um diluvio afogam o coração dos que se guardaram para ella. De sorte que assim como na tempestade do Diluvio muitos se quizeram valer da Arca, e sossobrados da immensidade das aguas, e do concurso e contrariedade das ondas umas sobre outras, se afogaram e pereceram nellas; assim diz David, que naquelle tropel e tumulto de cuidados, de affectos, de dôres, de penas, de temores, de irresoluções, de assombros, e naquelle verdadeiramente diluvio de ancias e angustias mortaes, opprimido e afogado o homem dentro e fóra de si mesmo, nenhum haverá que tenha forças ou tino para nadar á arca da salvação, e nenhum que se possa chegar a Deus, ainda que quizesse: *In diluvio aquarum multarum ad eum non approximabunt.*

Esta é a razão natural e evidente, pela qual o homem reduzido áquelle ultimo conflicto, não póde invocar a Deus de todo seu coração, porque já nem é todo, nem seu. E sobre esta, que tanto devemos temer, se acrescenta da parte de Deus outra muito mais temerosa, porque não é fundada no nossa fraqueza, senão na sua justiça. Naquelle estado tão estreito, e em qualquer extremo da ultima desesperação, poderosa é a misericordia e graça divina para livrar e pôr em salvo ao maior peccador, mas justissimamente não quer Deus usar com elle da efficacia destes seus poderes na morte, porque tambem elle se não quiz converter a Deus em quanto pôde na vida. Ou o peccador naquelle apertadissimo transe se quiz con-

[1] *Psal.*, XXXI, 6.

verter a Deus, ou não chegou a querer: e de qualquer modo o castiga com exactissima egualdade a divina justiça. Porque, se quiz, justamente é condemnado a que não possa quando quer, porque não quiz quando podia: *Impius cum vult, non potest, quia cum potuit, noluit*, diz Santo Isidoro Pelusiota. E se não chegou a querer, tambem foi justamente condemnado a lhe faltar a sua propria vontade, porque bem merecedor é de que se esqueça de si na morte, quem se não lembrou de Deus na vida, diz Santo Agostinho: *Hac enim animadversione percutitur peccator, ut in morte obliviscatur sui qui in vita oblitus est Dei.* Isto mesmo dizem com os outros Padres Gregos S. Chrysostomo, e com os outros Latinos Santo Ambrosio. Mas porque a materia é tão occulta aos vivos, que só passa entre Deus, e as almas dos que morrem; oiçamos da bocca do mesmo Deus esta sentença e regra geral do seu tremendo e rectissimo juizo.

No primeiro Capitulo dos Proverbios falla Deus, não com um, senão com muitos, porque aquelles a quem succede esta desgraça, não são poucos, e diz assim: *Vocavi, et renuistis: extendi manum meam, et non fuit qui aspiceret:* [1] Chamei-vos com as vozes, e não me quizestes ouvir: chamei-vos com as mãos, e com os braços abertos, e não quizestes vir a mim: *Despexistis omne consilium meum, et increpationes meas neglexistis:* Aconselhei-vos, e desprezastes todos os meus conselhos: reprehendivos, e não fizestes caso de minhas reprehensões. E eu que farei? *Ego quoque in interitu vestro ridebo, et subsannabo, cum vobis id, quod timebatis, advenerit:* e quando vier a morte, e com ella tudo o mais que vós temieis, ou devieis temer, eu tambem zombarei, e me rirei de vós. Todos os Santos e Expositores declaram este temeroso riso de Deus com as maiores expressões de castigo, de ira, e de vingança naquella hora. Mas nós continuemos a ouvir a sentença da mesma Justiça Divina, na qual se reduzem todas por seu proprio nome ás duas do nosso discurso: *Cum irruerit repentina calamitas, et interitus quasi tempestas ingruerit, quando venerit super vos tribulatio, et angustia:* Quando a ultima calamidade da vida, que é a morte, vier sobre vós como

[1] *Proverb.*, I, *24 usq. ad 31.*

uma tempestade subita e repentina (porque a não esperaveis) e quando vos virdes afogados de afflições e angustias, então recorrereis a mim; mas assim como quando eu chamei por vós, me não quizestes ouvir, assim eu vos não ouvirei quando me chamardes: *Tunc invocabunt me, et non exaudiam:* e assim como quando vos eu busquei, vos não achei, assim vós me buscareis, e não me achareis: *Mane consurgent, et non invenient me.* Deixados pois de mim na morte como elles me deixaram na vida (diz Deus), lá irão onde comam os fructos das suas obras, e se fartem dos seus conselhos: *Comedent igitur fructus viæ suæ, suisque consiliis saturabuntur.* Vêde se cahirá bem o segundo *ai* de S. João sobre esta fartura de penas, que será insaciavel por toda a eternidade, acabando naquella hora os que se guardaram para ella, e não achando a Deus, posto que o busquem, nem sendo ouvidos delle, posto que o chamem. Ai de vós, infelizes almas, e para sempre infelizes!

Grande parte deste mundo, e não a menor dos grandes delle, acaba desta sorte. E deixam tão enganados os mortos aos vivos, que não só creem estes e celebram que morreram pia e christãmente, mas não faltam espiritos illusos ou lisongeiros que, com fingidas ou sonhadas revelações affirmam que brevemente os viram sahir do purgatorio, onde foram ditosissimos se tivessem entrado. A verdadeira revelação da boa morte é a boa vida. E para que acabem de se desenganar os que debaixo desta vã confiança assegura o demonio para que vivam e morram do mesmo modo; oiçam a Santo Agostinho: *Si quis positus in ultima necessitate ægritudinis suæ pœnitentiam accipit, et hinc vadit; fateor vobis non illi negamus quod petit, sed non præsumimus quia bene hinc exit:* Se algum obrigado da ultima necessidade da doença, nos pede o Sacramento da Penitencia, confesso-vos, diz prégando Santo Agostinho, que os bispos e sacerdotes lhes não negamos o que pede, mas nem por isso presumimos que sae bem desta vida. E Santo Ambrosio apertando o mesmo ponto: Se cuidaes que os que deixam o arrependimento de seus peccados para a enfermidade da morte, vão seguros de sua salvação, eu vos protesto que não affirmo, nem prometto, nem digo tal coisa, porque o não presumo assim, nem vos quero enganar. Notae o peso das palavras com que diz e re-

pete este desengano o eloquentissimo Doutor: *Non præsumo, non polliceor, non dico, non vos fallo, non vos decipio, non vobis promitto.* E o que Santo Agostinho e Santo Ambrosio não se atrevem a presumir, e protestam que vos não engane, isso credes vós, e celebraes, porque tambem fazeis conta de vos salvar, ou perder na mesma taboa.

A causa deste engano e falsa apprehensão dos que cá ficam são aquelles actos exteriores, com que parece morrem contritos os que viveram impenitentes; mas vae muito do medo á contrição, e da penitencia apparente á verdadeira. E para prova solida e irrefragavel no mesmo caso, ouvi outra revelação, não como as vossas, senão divina e de fé, escripta no livro dos Macchabeus. Antiocho Epiphanes, rei da Grecia, foi o mais capital inimigo da Fé e Lei de Deus e da gente hebrea, em a qual naquelle tempo estava a verdadeira Igreja. Resoluto pois este tyranno de destruir totalmente, extinguir e tirar do mundo o nome e nação dos Judeus, marchava com formidavel exercito contra Jérusalem a grandes jornadas, quando subitamente se achou opprimido de uma gravissima e mortal enfermidade, a qual obrou nelle aquelles effeitos que costuma causar nos mais obstinados animos a visinhança da morte, quando se não esperava. Foi tal a mudança em tudo o que se via e ouvia em Antiocho, que não parecia o mesmo. Era soberbissimo, e já não só conhecia, mas confessava publicamente a fraqueza e miseria de todo o poder humano: era gentio e não só prometteu de receber a Fé do verdadeiro Deus, mas de a estender e prégar por todo o mundo: ia determinado a destruir e extinguir os Judeus, e não só lhes pediu perdão dos damnos recebidos, mas lhes offereceu satisfação com vantagens eguaes aos seus mais nobres e estimados vassallos: levava no pensamento a destruição de Jérusalem e do Templo, e sobre os votos de o enriquecer com novos thesouros e ornamentos, elle tomou por sua conta as despezas de todos os sacrificios, sacerdotes e culto divino. De todas estas promessas fez Antiocho escripturas authenticas, firmadas de sua propria mão e encarregada a execução dellas depois de sua morte a seu filho e successor, com as maiores demonstrações de benignidade e encarecido affecto. Emfim morreu daquella enfermidade, e naquelle estado Antiocho, e pergunto

se se salvaria? Este homem, e senhor de tantos homens, com tantas e tão manifestas demonstrações de arrependimento, salvar-se-ia naquella hora? Bem creio que dirão que sim os que com menos milagres, e muito differentes exemplos beatificam e canonisam outras mortes. Mas que diz a revelação divina, expressa na Escriptura Sagrada? Diz que pesando mais diante do tribunal divino os peccados da vida passada que as demonstrações da emenda presente, por mais que o miseravel Antiocho orou a Deus, não foi ouvido delle: *Orabat autem hic scelestus Dominum, á quo non esset misericordiam consecuturus.* [1]

O' quanto vae dos juizos dos homens, que não passam do exterior ao juizo e conhecimento de Deus, que vê e penetra os corações! *Pœnitentia ista non fuit vera, quia non fuit propter offensam Dei, sed propter evasionem temporalis flagelli, et sic non fuit misericordiam consecutus quantum ad remissionem culpæ, et pœnæ*, diz com a voz commum dos Interpretes, Lyrano. Todo aquelle apparato de promessas e arrependimento não foi bastante para livrar a Antiocho da culpa, nem da pena eterna, porque era nascido de medo, e desejo de escapar do perigo em que se via, e não de pesar de haver offendido a Deus, nem de verdadeira contrição. Pois se a doença era verdadeira, e as dôres que padecia verdadeiras, e o perigo com a morte diante dos olhos verdadeiro, e sobre tudo verdadeiro o conhecimento de que Deus o castigava por seus peccados, e a confissão delles verdadeira; porque não foi tambem verdadeira a contrição? Ou porque não quiz, ou porque não pôde: e como o querer e o poder, uma e outra coisa dependia do auxilio efficaz da graça de Deus, *qui dat velle, et perficere:* no descuido e obstinação com que Antiocho se não quiz emendar, como podéra na vida, já se tinha condemnado a não querer, nem poder arrepender-se na morte. Notae as palavras do Texto: *Orabat Dominum, á quo non esset misericordiam consecuturus.* Não diz que não alcançou a misericordia que pediu a Deus, senão que pediu a Deus a misericordia que não havia de alcançar. Nos outros casos o desengano de não alcançar, é depois de pedir; mas neste caso antes de

[1] *2.º dos Macchab.*, IX, 13.

pedir, já estava fulminado o decreto de não alcançar: porque então decretou Deus, que não podesse alcançar o arrependimento na morte, ainda que quizesse, quando se não quiz arrepender, nem emendar na vida, como podia.

Por certo tenho, que se Antiocho escapasse na doença com vida, e se visse outra vez inteiramente convalescido, com as mesmas trombetas que lhe festejassem a saude, havia de mandar marchar o exercito contra Jérusalem, e pôr em execução quanto dantes pretendia. E senão ponhamos os olhos na experiencia, em homens de menos má vida, e de mais antiga fé que a de Antiocho. Quantos vimos que chegados áquelle extremo perigo, abraçados com um Christo, se empenharam com suas chagas de nunca mais o offender, promettendo e multiplicando votos de emendar a vida e ser santos, se escapassem? Escaparam por mercê do mesmo Senhor, e que fizeram? Depois que se puzeram em pé, a primeira jornada foi ir dar graças a Deus á Penha de França, e a segunda romaria a reconciliar-se com o idolo a quem dantes adoravam. Pois estes eram os votos? Estes os arrependimentos? Estas as contrições? Ou estas as traições? Sim. E vi eu algum que depois de assim escapar com a saude do corpo, e recahir com a da alma; lhe sobreveiu subitamente um tal accidente que logo lhe tirou a falla, e pouco depois a vida; para que no mesmo que não tinha cumprido as suas promessas, se cumprisse a de Christo: *Et in peccato vestro moriemini.*

IX

Somos chegados ao terceiro e ultimo *ai*, que será eterno no inferno, e a mim me falta o tempo para o ponderar dignamente. Abreviando pois esta grande materia, saibamos que peccado é este, em que diz Christo que hão-de morrer os ameaçados; e propriamente se chama peccado seu: *In peccato vestro?* Aquelles com quem o Senhor immediatamente fallava quando pronunciou esta sentença, era o povo de Jérusalem: e assim como todas as nações teem os seus vicios particulares, a que naturalmente são inclinadas e su-

jeitas, assim o vicio e peccado da nação hebrea, e que propriissimamente merece o nome de seu, é o errar na Fé. Não são nossos os livros, nem nossos os auctores que testemunham a uma voz esta verdade; serão os mesmos livros e Escripturas Sagradas de todo o Testamento Velho, em que elles e nós crêmos. E de nenhum modo pódem negar os hebreus haver sido sempre este o seu vicio, e o seu peccado.

As doze tribus de Israël, como filhos nasceram na Mesopotamia, e como povo no Egypto. Na Mesopotamia como filhos, na casa e familia de Jacob e no Egypto como povo; porque alli engrossaram, cresceram e se multiplicaram em grande numero. Mas passando depois de livres a captivos, devendo, como filhos, conservar a fé de seus pais, seguiram como escravos a idolatria de seus senhores. Os Egypcios adoravam a Osiris em figura de touro, e esta foi a origem do bezerro, que os Hebreus depois de libertados adoraram no deserto, attribuindo-lhe sobre tantos milagres não só impia, mas descaradamente a mesma liberdade. Moysés lhes deu a beber o bezerro desfeito em cinzas, mas elles de tal modo beberam nellas o errar na Fé, que pelos erros que commetteram nos quarenta annos do mesmo deserto, mereceram da bocca de Deus ser chamados *os que erram sempre: Quadraginta annis proximus fui generationi huic, et dixi, semper hi errant corde.* [1] *Sempre*, disse a censura divina, e foi prophecia do que sempre haviam de ser, como verdadeiramente teem sido. Entrados na Terra de Promissão, logo deixando a Deus, que os mettera de posse della, adoraram os idolos dos Cananeus, Baal, e Astaroth. No tempo em que foram governados pelos Juizes, nove vezes os castigou Deus com muitos annos de captiveiro, debaixo do jugo de differentes nações barbaras, pelo peccado da idolatria, e sempre sem nenhuma emenda tornaram a idolatrar, cada vez mais obstinados na cegueira deste seu vicio hereditario, como nota a Escriptura: *Revertebantur, et multo faciebant pejora, quam fecerant patres eorum sequentes Deos alienos, et adorantes illos.* [2] Depois que o governo se passou aos

[1] *Psalm.*, XCIV, 10.
[2] *Juizes*, II, 19.

reis, quão raros foram os que não fossem idolatras, sendo o primeiro de todos o mais sabio de todos, Salomão? Porque dividida a monarchia por este peccado em duas partes, uma que se chamou reino de Israël, outra reino de Judá, em ambas, ou se professava publicamente a idolatria, ou se por algum breve tempo cessava o publico culto dos idolos, nem por isso deixavam de ser adorados secretamente. Estes eram os brados, estes os clamores, estas as invectivas, estas as abominações, que, com o nome de adulterio contra Deus, se leem em todos os prophetas, seguindo-se ao peccado as ameaças, e ás ameaças os castigos.

No reino de Israël, que constava de dez Tribus, levantou el-rei Jeroboão um templo ou Fano, em que collocou dois bezerros de oiro, que elle e todos os reis seus successores, sem excepção, adoravam, e em pena desta devassidão sua, e de todas as dez Tribus, todos foram levados captivos aos Assyrios, donde ha mais de dois mil annos desappareceram, e não se sabe delles. No reino de Judá, cuja côrte era Jérusalem, estava o Templo da verdadeira divindade; mas nem em sua propria casa se defendeu Deus de que della o não viesse a lançar, com destruição do mesmo Templo, o culto dos falsos deuses: exceptos neste reino alguns poucos reis, todos os outros foram idolatras, e idolatras com elles o mesmo reino e povo; pelo que, conquistados, presos, e transmigrados a Babylonia, lá pagaram com o captiveiro de setenta annos, e com a vida, a obstinação do seu peccado. Com as reliquias que escaparam daquelle desterro resuscitou Esdras o Templo e a verdadeira fé; mas tambem resuscitou com ella a idolatria, como vicio immortal desta nação. E por mais que o zelo e valor dos Macchabeus trabalhava em restaurar as ruinas da verdadeira religião, no mesmo tempo chegaram os Judeus a mandar embaixadores aos reis gentios, para que lhe fosse licito adorar os seus deuses, abrindo em Jérusalem escólas publicas dos ritos com que eram venerados, collocada e adorada no mesmo logar do Templo, onde se adorava o verdadeiro Deus, a estatua de Jupiter. Tudo isto que em summa tenho referido, é o que se lê em todos os livros do Testamento Velho desde o Exodo até o segundo dos Macchabeus, que é o ultimo. E porque este vicio e pertinacia de errar sempre

na fé é o peccado seu, e proprio da nação hebrea; assim viviam e assim morriam; e assim morrem e hão-de morrer no seu peccado: *Et in peccato vestro moriemini.*

Sobre esta demonstração (que só póde negar o judeu que negar as suas mesmas Escripturas) pódem comtudo dizer, que Christo quando lhes disse, que morreriam em seu peccado, não fallou do tempo passado, senão do futuro; e é certo que os Judeus desde o tempo de Christo a esta parte já não adoravam idolos, e só reconhecem e confessam o Deus verdadeiro que creou o ceu e a terra, e nós tambem confessamos. Logo, ou não morrem hoje em peccado, ou o peccado em que morrem, não é o da idolatria? Respondo, que tanto se enganam e erram agora na fé, como dantes erraram; e tão idolatras são no tempo presente, como foram no passado. E senão digam-me elles, e diga-me todo o mundo, que coisa é idolo? Idolo não é outra coisa senão um Deus falso, ou uma coisa fingida, e vã, que não sendo Deus, se chama Deus, e se adora como Deus. Logo a fé que hoje professam os Judeus é verdadeira e propria idolatria, porque o Deus que creem e adoram, verdadeira e propriamente é Deus falso. Provo com a sua mesma fé, e por dois principios evidentes: Os Judeus confessam a unidade de Deus e negam a Trindade; logo o Deus em que creem e adoram, é Deus falso, porque Deus que não seja um, e juntamente trino é falso, e não ha tal Deus. Mais. Os Judeus confessam em Deus a divindade, e negam-lhe a humanidade; porque negam que Deus se fizesse homem: logo esse Deus que creem e adoram, é outra vez, Deus falso; porque tendo-se o verdadeiro Deus feito homem, qualquer chamado Deus, que juntamente não seja homem, não é Deus. Daqui se segue, com segunda e admiravel demonstração, por uma parte de inconstancia, e por outra de pertinacia, quão propria e natural inclinação, e quão proprio e natural vicio é da gente hebreia o errar sempre na fé. Notae muito. Quando Deus era totalmente invisivel, queriam Deus que pudessem vêr com os olhos, e por isso frequentavam e adoravam os idolos: e depois que Deus, vestindo-se da humanidade, se fez visivel, e foi visto, como diz Baruch: *Post hæc in terris visus est, et cum homi-*

nibus conversatus est; [1] logo então mudaram de vontade e de fé, e não quizeram senão Deus invisivel. Do mesmo modo, em quanto Deus sómente era espirito, queriam Deus que tivesse corpo, olhos, orelhas, bocca, pés e mãos, como Diz David: e por isso fabricavam e adoravam as estatuas: porém depois que Deus feito homem teve corpo com essa mesma figura, e esses mesmos sentidos, logo não quizeram Deus senão que fosse todo espirito. Maior energia, e ainda galanteria tem esta mudança sobre a queixa que Deus fazia delles: *Novi recentesque venerunt: Deum qui te genuit dereliquisti:* [2] Vieram os deuses novos, que são os idolos, e o meu povo, a quem eu creei, deixou-me, porque era Deus velho: mas por mais que Deus quiz remediar a antiguidade da sua velhice, não lhe aproveitou: porque depois que o mesmo Deus pela novidade do mysterio da Encarnação se fez Deus novo: *Novum creavit Dominus super terram, fœmina circumdabit virum;* [3] logo se tornaram outra vez ao Deus velho, e não quizeram o novo. De sorte que é tão propria condição, ou natureza da nação hebrea o errar sempre na fé, que basta que ella o seja para logo a trocarem: e ainda quando quizeram deixar a idolatria, se fizeram dobradamente idolatras.

E porque não cuidem que esta censura é minha, lêam e entendam as Escripturas, e verão que é divina, e definida pelo mesmo Deus. Não ha coisa mais repetida e decantada nos prophetas, que a conversão e restituição do povo hebreu lá para o fim do mundo. O que mais largamente a descreve, é o propheta Ezechiel em muitos Capitulos, e no trinta e seis da sua prophecia, que é desta materia o primeiro, depois de protestar Deus que lhe ha-de fazer aquella mercê não por merecimento delles, senão por sua mera bondade, diz assim: *Tollam quippe vos de gentibus, et congregabo vos de universis terris, et adducam vos in terram vestram: et effundam super vos aquam mundam, et mundabimini ab omnibus inquinamentis vestris, et ab universis idolis vestris mundabo vos:* [4] Porque eu vos ajuntarei de todas as ter-

---

[1] *Baruch.*, III, 38.
[2] *Deuter.*, XXXII, 17 e 18.
[3] *Jerem.*, XXXI. 22.
[4] *Ezech.*, XXXVI. 24 e 25.

ras por onde andaes desterrados, e vos trarei á vossa: e derramarei sobre vós uma agua limpa e pura, com que ficareis purificados de todos vossos peccados, e com que eu vos purificarei de todas vossas idolatrias. Aqui está o ponto: *Et ab universis idolis vestris mundabo vos.* Pois se ha mil e seiscentos annos que os Judeus andam desterrados, depois da destruição de Jérusalem pelos Romanos, e em todo este tempo é certo que não adoram idolos de oiro, ou prata, nem de pau, ou pedra, como dantes adoravam; por que não só diz Deus, que por meio daquella agua pura que derramará sobre elles (que é a do Baptismo) os ha-de purificar de todos seus peccados e maldades, senão tambem nomeadamente de todos seus idolos, *et ab universis idolis vestris?* Deem elles a solução, ou dê-a alguem, se a sabe. Signal é logo evidente, que ainda agora suppõe Deus que os Judeus são idolatras, e teem idolos; e estes idolos não são, nem pódem ser outros, senão os que elles fabricam, não de pedra, ou de metal, senão da mesma divindade do verdadeiro Deus, negando á sua unidade a trindade das Pessoas, e á sua natureza divina, a união que tem com a humana. E como este é o vicio nacional, e o peccado em que antes de Christo e depois de Christo sempre cahiram e obstinadamente perseveram os Judeus, que o não receberam, nem conheceram; este é o peccado em que vivem, e este o peccado em que morrem, e este o peccado seu em que Christo lhes prophetisou que haviam de morrer: *Et in peccato vestro moriemini.*

X

O que acabo de dizer, é o peccado, e a morte sobre que cae na obstinação final do judeu o *væ*, ou *ai* de S. João, tão justa como lastimosamente. E porque tambem tem logar, com maior lastima ainda, na fé morta, e impenitencia do christão, saibamos finalmente qual é o peccado em que elle morre, ou ha-de morrer, e se chama com a mesma propriedade peccado seu; *et in peccato vestro.* Não tem especie particular este peccado, mas póde ser de qualquer especie. E' pois aquelle vicio, a que a inclinação de cada um mais o arrasta e sujeita, o qual começando em

acto, passa a ser habito, e continuando em habito, chega a ser natureza, como diz Santo Agostinho: e como a natureza não se muda até á morte, tambem elle não tem emenda na morte, se a não teve na vida.

No Psalmo *Miserere*, em que David pede perdão a Deus, e chora o adulterio commettido com Bersabé, cinco vezes chama seu aquelle peccado: *Dele iniquitatem meam: amplius lava me ab iniquitate mea: et a peccato meo munda me: quoniam iniquitatem meam ego cognosco: et peccatum meum contra me est semper.* [1] E quanto durou David naquelle peccado? Muito, mas não chegou a um anno. E se a um peccado emendado e chorado, e que não chegou a um anno, lhe chama David tantas vezes seu; o peccado de tantos annos, e de toda a vida; o peccado que nasceu, cresceu, envelheceu e viveu sempre comvosco, porque não será vosso, *et in peccato vestro?* Vosso, porque o comprastes com a fazenda, com a honra, com a saude, e com tantos perigos da vida: vosso, porque déstes por elle a consciencia, a alma, a graça de Deus, e o mesmo Deus: vosso, porque vos vendestes ao demonio para o adquirir e possuir, sem vos poder arrancar desta continuada e escandalosa posse nem o respeito da justiça ecclesiastica, nem as ameaças da divina, nem o amôr do céo, nem o temôr do inferno: vosso, emfim, porque nem na morte o deixastes, nem a morte que tudo acaba, póde acabar que o não levasseis comvosco: *Et in peccato vestro moriemini.*

Ora eu, supposto que fallei em David, não do seu peccado, mas da sua penitencia, quero arguir e convencer, que haveis de morrer no vosso. Foi coisa mui notavel em David, e não pouco estranhada por Deus, que depois da morte de Urias (não executada com essa tenção) trocando o adulterio em matrimonio, se casou com a mesma Bersabé: *Introduxit eam in domum suam, et facta est ei uxor: et displicuit verbum hoc quod fecerat David coram Domino.* [2] Pois se David se arrependeu, detestou e chorou tanto aquelle adulterio; porque se casou com a mesma occasião e causa delle, e não apartou de si a Bersabé até á

[1] *Psal.*, L, 3, 4 e 5.
[2] *2.º Livro dos Reis*, XI, 27.

morte, antes por ser seu filho Salomão, o fez herdeiro do reino? Porque tal é a força e vehemencia do affecto humano, quando é grande. Póde deixar o peccado, mas não póde deixar o amôr. O peccado durou menos de um anno, o amôr perseverou até á morte. Toda a prudencia e ventura de David esteve em saber e poder apartar o peccado do amôr, por meio do matrimonio; porque se elle não apartára o peccado do amôr, assim como morreu com o amôr, assim havia de morrer com o peccado. Isto é o que acontece a todos os homens que não fazem o mesmo, e em todos os peccados, nos quaes se não póde fazer. Não ha melhor exemplo, nem mais propria similhança para explicar o inseparavel perigo de morrer em peccado, que o casamento. O casamento é um contrato, que de sua natureza dura até á morte, nem antes della póde haver separação dos que o contrahem. Tal é o jugo inseparavel a que estão sujeitos os que vivem casados com o seu peccado. Ainda que se queiram apartar, tanto pelo costume inveterado, que se tem convertido em necessidade, quanto pelo justo juizo e castigo de Deus, que assim o permitte; nem o peccado habitual se aparta do peccador, nem o peccador do peccado, senão mediante a morte; e por isso todos morrem geralmente no seu peccado: *Et in peccato vestro moriemini.*

Væ, ai de ti, miseravel, que se apartou Deus de ti. *Ego vado: Væ*, ai de ti, infeliz homem, que não achaste a Deus, ainda que o buscaste. *Et quæretis me: Væ*, ai de ti, mofino e maldito homem, que porque não trataste da salvação na vida, a perderás para todas as eternidades na morte: *Et in peccato vestro moriemini!* Homens, se temos uso de razão; christãos, se ainda não está apagado de todo em nós o lume da fé, reparemos bem, e consideremos nestas tres clausulas tremendas da sentença de Christo. E se queremos segurar a vida e saude eterna, não guardemos o arrependimento para a morte, nem a emenda para a enfermidade. Mas se uma e outra coisa fizermos de todo coração na vida e na saude, a enfermidade e a morte, como conclue Santo Ambrosio, nos acharão seguros: *Age pœnitentiam, dum sanus es: si enim agis pœnitentiam dum sanus es, et invenerit te novissimus dies, securus es.*

SERMÃO

DA

Segunda Quarta Feira da Quaresma

Prégado na Misericordia da Bahia, no Anno de 1638

Generatio mala, et adultera signum quærit, et signum non dabitur ei. [1]

I

Se o Evangelista o não dissera, não o crêra. Diz o Evangelista S. Matheus, que pedindo os escribas e phariseus a Christo Redemptor nosso, que fizesse algum signal milagroso com que o conhecessem por Deus, o Senhor se indignou contra elles, chamando-lhe de máus homens, e geração adultera: *Generatio mala, et adultera signum quærit.* Torno a dizer, que se o Evangelista o não dissera, não o crêra. Christo irado? Christo chamando nomes affrontosos aos homens? Christo desenterrando gerações alheias? Quem póde turbar tanta serenidade, quem póde provocar tanta mansidão, quem póde alterar tanta paciencia? Não é este Senhor o mesmo que não respondia ás blasphemias, que ouvia calado as injurias, que não acudia por si nos falsos testemunhos, que recebia as bofetadas com rosto sereno, os açoites sem se lhe ouvir uma queixa? Pois se injurias, blasphemias, falsos testemunhos, bofetadas, açoites, não foram nunca poderosos para tirar de seu compasso a serenidade de Christo, para lhe arrancar do peito uma palavra

[1] *Math.*, XII, 39.

irada; como agora diz tantas, e tão pezadas, a uns homens que chegaram a pedir-lhe uma mercê, e, segundo diz o Evangelista, com termos muito honrados: *Magister, volumus á te signum videre?* Como o caso foi tão extraordinario, e a difficuldade tão digna de reparo, notavelmente hão trabalhado os Doutores em descobrir a razão della.

Theophilato diz que se agastou o Filho de Deus contra estes homens, porque entraram adulando. Entraram chamando a Christo Mestre: *Magister*, titulo naquelles tempos tão auctorisado, quanto era bem que o fosse nestes: e ainda que o Senhor verdadeiramente era Mestre: *Vos vocatis me Magister, et bene dicitis, sum etenim;* [1] comtudo na bocca dos phariseus, e na intenção com que o diziam, vinha a ser adulação e lisonja. Eis aqui quem são os aduladores, gente que mente com a verdade, e affronta com a cortezia. Isto haviam de escrever os politicos no seu livro do Duelo, que mais affronta uma mezura de um adulador, que uma bofetada de um inimigo. Por isso Christo, que nas bofetadas se mostrou tão soffrido, quando ouviu as adulações, parece que perdeu a paciencia: *Generatio mala, et adultera signum quærit.*

S. Chrysostomo responde á duvida por outro caminho. Diz que se mostrou Christo irado, porque tendo-lhe chamado Mestre, em logar de dizerem que o queriam ouvir, disseram que queriam vêr: *Magister, volumus á te signum videre.* E' vicio este que por nossos peccados reina hoje muito no mundo, e não sei se somos cumplices nelle os prégadores. Estava Christo prégando em Jérusalem, e pedindo attenção ao auditorio, pediu-a desta maneira: *Qui habet aures audiendi, audiat:* [2] Quem tem ouvidos de ouvir, oiçame. Notavel modo de fallar! Que quer dizer, quem tem ouvidos de ouvir: *aures audiendi?* Ha ouvidos que não sejam de ouvir? Nos ouvintes dos prégadores sim. Os ouvintes dos prégadores uns teem ouvidos de ouvir, outros teem ouvidos de vêr. Uns teem ouvidos de ouvir, porque veem ouvir para ouvir — para ouvir aquella doutrina, para a tomar, para se approveitar della: outros teem ouvidos de vêr, porque veem

[1] *Joan.*, XIII, 13.
[2] *Luc.*, XIV, 35.

ouvir, não para ouvir, senão para vêr: para vêr se fallou o prégador com equivocos ao uso, ou com lhaneza e gravidade apostolica: para vêr se trouxe conceitos ou pensamentos novos, como se a verdade por antiga seja menos verdadeira, ou menos veneravel: para vêr se tocou neste ou naquelle, e mais nos maiores; e o peior é que estes ouvintes de vêr, muitas vezes são as toupeiras do logar, aquelles que sabemos que vêem menos que todos. Pois estes, que com tão contrario fim veem ouvir a palavra de Deus, provocam tanto sua ira, diz Chrysostomo, que parece que se não póde conter a paciencia divina dentro dos limites de sua immensidade, e assim sáe da madre hoje: *Generatio mala, et adultera signum quærit.*

Santo Agostinho ainda dá outra razão, e muito como sua. Diz que por dizerem: *volumus:* queremos; por isso foi sua petição tão pezadamente recebida. Entraes a pedir a Deus, e dizeis: *volumus;* máu principio. Se queremos, senhores, sahir bem despachados da mão da liberalidade de Deus, havemos de dizer: *Fiat voluntas tua*, e não a nossa. Assim como não ha coisa que mais obrigue a Deus que uma vontade sujeita; assim não ha outra que mais o provoque a ira, que uma vontade presumida. Nenhuma coisa nos deu Deus que fosse toda nossa, senão a vontade. E porque quiz que fosse toda nossa, por isso quer que seja toda sua: deu-nol-a para que tivessemos que lhe dar. E porque estes em logar de a darem a Deus, a tomaram para si, *volumus;* essa é a razão de se irar Christo contra elles, e os tratar tão asperamente: *Generatio mala, et adultera signum quærit.*

Todas estas razões, como de tão grandes Doutores, as venero, e ponho sobre a cabeça. Mas se as quizermos examinar em todo o rigor, acharemos que teem muito de encarecidas. A primeira funda-se em uma lisonja, a segunda em uma curiosidade, a terceira em um amôr proprio. E estas faltas ainda que o são, bem se vê que não haviam de provocar a ira á mansidão e paciencia de Christo; pois sabemos que a não poderam alterar noutras occasiões, nem palavras blasphemas, nem mãos sacrilegas, nem a mesma morte. Que fossem motivos bastantes para o Senhor lhes negar o signal da sua divindade que lhe pediam: *signum non dabitur ei*, sim; mas para se mostrar tão irado, para os tratar com tanta aspereza: *generatio mala, et*

adultera; parece que não. Para que vejamos se podemos alcançar outra solução desta difficuldade mais propria, e tambem menos sabida, a qual seja a materia do sermão, peçamos a graça do Espirito Santo por intercessão daquelle grande signal que S. João viu no céo: *Signum màgnum apparuit in cœlo: Mulier amicta sole.* [1] *Ave Maria.*

II

Generatio mala, et adultera signum quærit, et signum non dabitur ei. Estes dois nomes de geração má e adultera, com que Christo Senhor nosso, como juiz de vivos e mortos, hoje castiga e condemna os escribas e phariseus, nunca foram mais justificados e bem merecidos que na presente occasião, em que para crêr a divindade do Filho de Deus, lhe pediam milagres: *Volumus a te signum videre.* Nesta mesma petição procediam como geração má e adultera; porque sem o querer confessar, mostravam claramente não ser filhos legitimos, senão adulterinos daquelle honrado pai, de que tanto se prezavam. A nobreza e descendencia de que mais se prezavam os escribas e phariseus, a qual traziam sempre na bocca, e pela qual despresavam a todos os outros homens, era serem filhos de Abrahão: *Patrem habemus Abraham: semen Abrahæ sumus.* [2] E que similhança ou parentesco tinham as acções destes filhos, com as daquelle pai, como o mesmo Senhor outra vez lhes lançou em rosto: *Si filii Abrahæ estis, opera Abrahæ facite?* [3] Mandou Deus a Abrahão que sahisse da sua patria, que deixasse a casa de seu pai, e o trato e companhia de todos seus parentes, e fosse peregrino, ou verdadeiramente desterrado para outra terra que elle lhe mostraria: *Egredere de terra tua, et de cognatione tua, et de domo patris tui, et veni in terram quam monstrabo tibi.* [4] A obediencia não se póde negar que

---

[1] *Apoc.*, XXII, 1.
[2] *Math.*, III, 9. *Joan.*, VIII, 33.
[3] *Ibid.*, 39.
[4] *Gen.*, XII, 1.

por todas suas circumstancias era difficultosa e aspera. Até as arvores insensiveis quando se arrancam de uma terra para se transplantarem a outra, se seccam e murcham. Havia de romper Abrahão todas aquellas cadeias, com que o amôr natural desde o dia do nascimento, tão forte como docemente nos prende: havia-se de arrancar não daquella primeira terra, ou segunda mãi, que em seu regaço nos recebe nascidos, senão tambem daquelles primeiros ares com que respiramos e bebemos a vida: havia de deixar o presente pelo futuro, o proprio pelo estranho, o conhecido pelo ignorado, e o possuido e certo, pelo que podia parecer duvidoso: e comtudo, para se certificar e segurar Abrahão, e para crêr a Deus, pediu-lhe por ventura algum signal? Nem por pensamento. Crêu e obedeceu a olhos fechados, ou verdadeiramente abertos: *Credidit Abraham Deo, et reputatum est illi ad justitiam:* [1] e daqui começou a merecer o nome, ou antonomazia universal de *Pater credentium:* pai de todos os que crêem em Deus, e a Deus. E se Abrahão nem naquella, nem em alguma outra occasião, pediu signal a Deus para crêr; quando os escribas e phariseus, tão presados e presumidos de filhos de Abrahão, para crêr ao Filho de Deus, lhe pedem signal: *Volumus á te signum videre;* bem se vê neste seu querer vêr, que se são filhos e geração de Abrahão, não são geração legitima e boa, senão má e adulterina: *Generatio mala, et adultera signum quærit.*

Tal é a propria e litteral razão da parte dos escribas e phariseus, que Christo Senhor nosso teve para se irar contra elles, e para os tratar com palavras tão pezadas e asperas, e tão alheias da mansidão, benignidade, e paciencia do mesmo Senhor: mas aqui é que se funda toda a duvida, e difficuldade na nossa proposta. Posto que os escribas e phariseus merecessem aquelle castigo, e outros maiorés, bem pudéra o Senhor, como em outras occasiões de mais atrevidos descomedimentos contra sua Pessoa, dissimular debaixo do silencio a sua justa ira, e acrescentar este exemplo a tantos outros da sua mansidão e soffrimento. Qual é logo a razão porque quando lhe pedem signaes da sua divindade, elle responde com signaes de pouca

[1] *Genes.*, XV. 6.

paciencia? Por isso mesmo; e na segunda parte do nosso Texto temos a razão da primeira. Que diz a segunda parte do nosso Texto? *Et signum non dabitur ei.* Diz que estava decretado que a esta geração má e adultera se não desse o signal que pedia: logo daqui se segue que por forçosa e natural consequencia havia de dissimular Christo a sua paciencia, e mostrar-se no exterior pouco paciente e mal soffrido. Porque se fizesse o contrario, e dissimulasse uma tão grave offensa, e a soffresse com declarada paciencia, a mesma paciencia de Christo no tal caso era maior prova da sua divindade, do que o signal e milagre que pediam, e quantos podiam pedir. Este é o meu pensamento, e este será o argumento de todo o sermão.

Em um tempo em que tanto e por tantos modos se padece em todo este Estado, não se póde fallar em materia mais propria do tempo, nem mais util e necessaria ao Estado que a do mesmo padecer. Por isso fiz eleição della muito de proposito, e com o empenho que se verá. Só me peza de não ter presentes neste auditorio todos os que lançados e despojados das suas terras se veem recolhendo a esta não menos arriscada, para que elles saibam vencer a sua fortuna, e nós armar-nos para a nossa com a paciencia. Queira Deus que a não hajamos mister.

III

De maneira, senhores (torno a dizer) que a razão de Christo não soffrer nesta occasião aos escribas e phariseus, e lhes chamar *generatio mala, et adultera*, foi porque tinha decretado de lhes não dar o signal e milagre que pediam em prova de sua divindade: *Et signum non dabitur ei.* E a razão desta razão, ou consequencia é, porque se o Senhor no tal caso se portára com a costumada mansidão e paciencia, a sua mesma paciencia seria maior prova de sua divindade, que o signal e milagre que lhe pediam, e quantos lhe podiam pedir.

Quiz provar S. Paulo aos Corinthios que era verdadeiro apostolo mandado por Deus, e diz assim: *Signa apostolatus mei facta sunt super vos in omni patientia*,

in signis, et prodigiis: [1] Os signaes do meu apostolado, ó Corinthios, não são occultos e invisiveis, senão manifestos a todos; vós os vêdes e experimentaes. E quaes são? A paciencia com que vos soffro, e os milagres e prodigios que entre vós tenho obrado: *In omni patientia, et signis, et prodigiis.* Nota aqui S. João Chrysostomo que primeiro poz S. Paulo a paciencia, e depois os milagres: *Vide quod primum collocet, nimirum patientiam.* Os milagres são os sellos pendentes das provisões de Deus, porque só Deus, e quem tem os poderes de Deus, póde obrar sobre as forças da natureza. E esta póde ser a energia daquelle *sobre vós: Facta sunt super vos.* Pois porque põe S. Paulo em segundo logar os milagres, e no primeiro a paciencia? Porque maior prova dos poderes divinos com que obrava era a paciencia de Paulo, que os milagres de Paulo: *Ut signis, et miraculis majorem esse patientiam non dubitemus:* [2] Para que ninguem duvide, diz S. Lourenço Justiniano, que para persuadir e convencer, maior é a força da paciencia, que a dos milagres.

Daqui se entenderá um bem notavel reparo do que disse e do que calou Christo na conversão e eleição do mesmo S. Paulo: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus, et regibus, et filiis Israël: ego enim ostendam illi quanta oporteat eum pro nomine meo pati* [3] Vês este Saülo (diz Christo a Ananias) que até agora tão cruel e raivosamente perseguia a minha Igreja? Pois este tenho eu escolhido por vaso de eleição, para que leve meu nome a todas as gentilidades e reis do mundo, e para isso lhe mostrarei o muito que ha-de padecer por mim. Aqui está o reparo. S. Paulo para converter os gentios, obrava muitos e prodigiosos milagres, sarava todas as enfermidades, resuscitava os mortos, pizava os mares, enfreava os ventos, apagava os incendios, e não só domava e dominava as feras, as serpentes, os basiliscos, senão tambem os demonios. Uma vez porque em Malta o mordeu uma cobra, tirou alli o veneno a todas. Pois porque não faz menção Christo desta virtude e

---

[1] *2.ª ad Corinth.*, XII, 12.
[2] *Laurent. Just., Cap.* III, *de Patient.*
[3] *Act.*, IX, 15 e 16.

destes poderes que lhe havia de dar, senão só do muito que elle por seu nome havia de padecer: *Quanta oporteat eum pro nomine meo pati?* Porque para derrubar a idolatria, e estabelecer no mundo a fé da sua divindade, mais importava a paciencia de Paulo, que todos os seus milagres.

Note-se muito aquelle *oporteat eum pati.* O que importava, era o seu padecer, e não o seu poder. O ser padecente e paciente, e não o ser omnipotente e milagroso. Tanto assim, que para os mesmos milagres de S. Paulo serem milagres, talvez se valiam dos instrumentos e reliquias de sua paciencia. S. Lucas, que naquella occasião era companheiro do mesmo Apostolo na Asia, diz que em toda ella fazia S. Paulo *virtutes non quaslibet*, [1] não quaesquer, senão grandes milagres, e que levados os seus lenços, ou os seus cintos aos enfermos e aos endemoninhados, os doentes saravam, e os demonios fugiam: *Ita ut etiam super languidos deferrentur á corpore ejus sudaria, et semicinctia, et recedebant ab eis languores, et spiritus nequam egrediebantur.* Mas porque eram os instrumentos destes milagres os lenços e os cintos de Paulo? Porque os cintos exercitados nos seus apertos, e os lenços banhados nos seus suores, eram reliquias da sua paciencia. Della se valiam os milagres, e não ella delles. E agora cáio eu na energia com que dizia o mesmo S. Paulo: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* [2] Quem ha que adoeça, que eu não adoeça com elle? Não diz, quem ha que adoeça, que eu o não cure, senão, quem ha que adoeça, que eu não adoeça tambem? Porque o curar era milagre, o adoecer era paciencia. E como a paciencia é mais poderosa e efficaz que os milagres para persuadir, por isso o divino Mestre quando os escribas e phariseus debaixo deste nome lhe pediram que para prova de sua divindade fizesse um milagre, o que elle não quiz, por isso, digo, dissimulou a paciencia debaixo dos nomes affrontosos com que os castigou, porque se no tal caso tão gravemente offendido se mostrára soffrido e paciente, a sua mesma paciencia era maior prova da sua divindade, que o milagre ou milagres que lhe pediam.

---

[1] *Act.*, XIX, 11 e 12.
[2] *2.ª ad Corinth.*, XI, 29.

IV

Até agora vimos a força e verdade desta consequencia em commum e por comparação alheia: e vejamol-a agora propria e singularmente no mesmo Christo. Por mandado de Deus offereceu o propheta Isaias a el-rei Achaz, que em prova de certa promessa que lhe tinha feito, pedisse o signal e milagre que quizesse; ou do céo, ou da terra, ou do inferno: *Pete tibi signum á Domino Deo tuo in profundum inferni, sive in excelsum supra:* [1] respondeu Achaz, que não queria pedir, nem tentar a Deus: *Non petam, et non tentabo Dominum.* Mas pois estes escribas e phariseus, peiores que Achaz, não repararam em tentar a Deus: *tentantes eum,* e pediram signal e milagre: *Volumus á te signum videre,* [2] eu lhes mostrarei que a paciencia de Christo, que elle dissimulou debaixo dos nomes com que os definiu, seria muito maior prova da sua divindade que o milagre que pediam. E para que esta demonstração seja com a mesma largueza que Deus a offereceu a el-rei Achaz, será com signal do céo, com signal da terra, e com signal do inferno. Do céo, por testemunho do Padre: do inferno, por testemunho do demonio: e da terra, por testemunho do mesmo Christo. Grande theatro temos aberto. Comecemos pelo céo.

Transfigurou-se Christo no Tabôr, e não parou a Transfiguração na sagrada humanidade, mas della trasbordou e redundou nas roupas de que estava vestido. O rosto resplandecente como coroado do sol, as vestiduras brancas como tecidas de neve: *Resplenduit facies ejus sicut sol, vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix.* [3] Ora, escribas e phariseus, já tendes cumpridos vossos desejos: se quereis vêr um milagre, e grande milagre: *Volumus á te signum videre,* ide ao monte Thabôr, e vel-o-heis, não *á te* como dizeis, senão *in te;* não feito só por Christo, senão no mesmo Christo. Nunca o mundo viu mais illustre milagre; mas

---

[1] *Isai.,* VII, 11.
[2] *Luc.,* XXI, 38.
[3] *Math.,* XVII, 2.

se ainda vossa incredulidade se não contenta, vêde este mesmo milagre cercado de outros dois tambem nunca vistos: *Et apparuerunt illis Moysés et Elias cum eo loquentes.* Vêde resuscitado a Moysés, cuja sepultura ainda hoje se ignora: vêde apparecido a Elias, que tambem se não sabe onde está escondido. Tudo isto estavam vendo os tres Apostolos assombrados, quando se acharam cubertos de uma nuvem (cuja sombra com novo milagre juntamente era sombra e luz: *Et ecce nubes lucida obumbravit eos*) e do meio della ouviram a voz do Eterno Padre que dizia: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui:* Este é o meu Filho amado em que muito me agradei: *Ipsum audite:* ouvi-o. Cuidava eu que o Padre, neste passo tão agradado da gentileza do Filho, havia de dizer: olhae para elle, e vêde-o, e não ouvi-o. Com tão bizarras e novas galas parece que o mais formoso dos filhos dos homens mais estava então para vêr que para ouvir. Assim parece: mas oiçamos comtudo o que dizia, e em que fallava. Diz o Evangelista S. Lucas que o que fallava o transfigurado Senhor e a pratica que tinha com Moysés e Elias, era sobre o excesso do que havia de padecer em Jérusalem: *Et dicebant excessum ejus, quem completurus erat in Jérusalem:* [1] e isto é o que o Eterno Padre mandou ouvir: *Ipsum audite.* Cresce a enchente dos mysterios de monte a monte. O Filho leva os tres discipulos ao monte Tabôr para lhes encher os olhos de glorias: o pai manda-os ao monte Calvario para lhes encher os ouvidos de penas: e porque? Porque o intento do Padre era provar a divindade do Filho; *Hic est Filius meus dilectus:* e esta divindade melhor se provava pelas penas futuras do Calvario, que ouviam, que pelas glorias e milagres presentes do Tabôr, que estavam vendo. As glorias e milagres do Tabôr eram redundancias naturaes da humanidade; os excessos das penas que havia de padecer no Calvario, eram provas, ainda mais certas, da divindade.

Mais certas, digo, e não me atrevêra a o dizer, se não fôra por bocca de S. Pedro, que se achou presente no Tabôr. Diz S. Pedro que viu as glorias e milagres do Tabôr, e ouviu a voz do Padre: *Hic est*

[1] *Luc.*, XI, 31.

Filius meus dilectus. E acrescenta, que ainda tinha outro testemunho mais firme, que era a pratica dos prophetas: *Habemus firmiorem propheticum sermonem.* [1] A pratica dos prophetas era a de Moysés e Elias com Christo sobre os excessos que havia de padecer em Jérusalem: *Loquebantur de excessu.* E como o Eterno Padre depois da sua voz mandou em confirmação, que ouvissem aquella pratica: *Ipsum audite*, ainda que esta pratica, comparada com a voz do Padre, não podia ter maior firmeza, comparada com os outros milagres do Tabôr, era mais firme: *Habemus firmiorem propheticum sermonem.* Tanto se prova melhor a divindade de Christo pela sua paciencia, que pelos seus milagres!

V

Muito me detive, e mais do que quizera, neste signal do céo: vamos ao do inferno. Ao tempo em que os judeus instavam a Pilatos que sentenciasse a Christo á morte, teve elle um aviso de sua mulher, que de nenhum modo condemnasse aquelle Justo, porque em sonhos tinha padecido uma terrivel visão, na qual fôra ameaçada com grandes medos, para que assim lh'o persuadisse: *Nihil tibi, et Justo illi, multa enim passa sum hodie per visum propter eum.* [2] E' questão entre os Interpretes, se esta visão foi de anjo bom, ou de anjo máu? E posto que sejam mais os que dizem que foi de anjo bom, a opinião de S. Cypriano, S. Bernardo, Cactano, e outros, os quaes teem para si que foi visão do demonio, para mim é certa, e a provo do mesmo Texto sagrado; porque sendo certo que um anjo veiu confortar a Christo nos temores do Horto, para que bebesse o calix; como havia de vir agora o mesmo, ou outro anjo impedir que Christo padecesse? Sendo pois anjo máu e demonio, que motivo teve o demonio para se empenhar agora nesta diligencia tão apertadamente? O demonio foi o que persuadiu a Judas que vendesse a Christo: *Cum*

[1] *2.ª Epist. ad Petr.*, I, 19.
[2] *Math.*, XXVII, 19.

diabolus jam misisset in cor, ut traderet eum Judas: [1] o demonio foi o que armou os ministros da justiça para que o fossem prender, como lhes disse o mesmo Senhor: *Hæc est hora vestra, et potestas tenebrarum.* [2] Que novo motivo teve logo o demonio agora quando já os judeus bradavam: *Crucifige, crucifige*, para querer desviar a Christo da arvore da cruz, por meio da mulher de Pilatos, assim como por meio da mulher de Adão o levou á arvore da sciencia? Santo Ignacio Martyr, contemporaneo dos Apostolos, diz que agora acabou o demonio de conhecer que Christo era o verdadeiro Messias Filho de Deus, e que para impedir a salvação do genero humano, e a sua propria perdição, procurava com tanto empenho que não morresse. *Mulierculam turbans, ut á crucifixione cessarent, moliebatur, quia suam perniciem sentiebat.* [3] Pois agora, demonio cego, agora, e ainda agora se te abriram os olhos? Não viste a este mesmo homem caminhar seguro por cima das ondas? Não o viste imperar aos ventos, e ser obedecido delles? Não o viste com tão poucos pães matar a fome a tantos mil homens? Não o viste resuscitar a Lazaro sepultado de quatro dias, e aos outros que referem os Evangelistas, e muitos mais que não referem? Sobre tudo, não viste o dominio que tinha sobre os mesmos demonios, lançando-os dos corpos a legiões inteiras, e confessando elles que era Filho de Deus: *Exibant dæmonia á multis clamantia, et dicentia, quia tu es Filius Dei?* [4] Pois se a ti, espirito contumaz, protervo, e obstinado, não poderam tantos milagres persuadir a divindade deste mesmo homem; que viste agora nelle para crêres que é Deus? Viu a mansidão e paciencia com que se deixou prender pelos soldados da cohorte romana, podendo-a prostrar toda com uma palavra, como tinha feito; viu como mandou embainhar a espada a Pedro, e sarou a orelha de Malco: viu como se deixou manietar, e levar pelas ruas publicas a casa de Annaz, e de Caifaz: viu como no palacio do Pontifice, onde são mais affrontosas as af-

[1] *Joan.*, XIII, 2.
[2] *Luc.*, XXII, 53.
[3] *Ignat. Mart. in epist. ad Polycarp.*
[4] *Luc.*, IV, 41.

frontas, escarnecido, cuspido, esbofeteado, blasphemado, negado, tudo soffreu como um cordeiro, sem se alterar, nem queixar: viu como relaxado a Pilatos, e de Pilatos remettido a Herodes, nem aos ludibrios e insolencias das guardas, nem aos desprezos do rei, nem á roupa de mentecapto, de que o mandou vestir, respondeu, resistiu, ou mostrou differente semblante, senão o mesmo: viu, finalmente, que chegada a perseguição aos ultimos termos, em pé diante do tribunal do juiz impio e deshumano, ouvia as accusações, e os falsos testemunhos, como se fôra surdo, e callava como se fôra mudo, sem negar, sem contrariar, sem replicar, sem se defender, nem acudir por sua innocencia. E á vista de tudo isto o demonio, que posto que seja máu, é muito bem entendido, não póde deixar de entender que aquelle homem não era só homem, nem anjo, senão juntamente Deus, e que maior prova de sua divindade era a paciencia daquelle dia, que os milagres de tantos annos.

Lembras-te tu, demonio (já sômos entrados no terceiro signal) lembras-te do que te respondeu Christo na terceira tentação? Pois agora conhecerás, e conhecerão os escribas e phariseus (tambem tentadores como tu: *Tentantes, signum de cœlo quærebant)* [1] quão dependentes trouxe sempre este Senhor, e quão atados entre si o credito da sua divindade com a fé da sua paciencia. Quando o demonio na terceira tentação offereceu a Christo todo o mundo, se o adorasse, o que o Senhor lhe respondeu, foi: *Vade retro Satana.* [2] Vae-te daqui, Satanaz, não appareças mais diante de mim. Isto refere o Evangelista S. Matheus no Capitulo 4.°, e no Capitulo 16 diz que depois que S. Pedro confessou ao mesmo Christo por Filho de Deus: *Tu es Christus Filius Dei vivi:* [3] então começou o Senhor a fiar dos Discipulos aquelle grande segredo, de que havia de ir a Jérusalem a padecer e morrer a mãos dos principes dos sacerdotes. Diz mais, que ouvindo isto S. Pedro, tomou á parte o mesmo Christo, e lhe estranhou muito aquella reso-

---

[1] *Luc.*, XI, 16.
[2] *Math.*, IV, 10.
[3] *Ibid.*, XVI, 16.

lução, dizendo: *Absit á te, Domine.* [1] E' possivel, Senhor, que tal coisa vos ha-de entrar no pensamento? Vós arriscar vossa Pessoa, e a vossa vida! Vós ir padecer e morrer a mãos de vossos inimigos? *Non erit tibi hoc.* De nenhum modo: nem Deus ha-de permittir isto, nem vós o haveis de querer. Assim fallou S. Pedro levado do grande amôr que tinha a seu Mestre. E que vos parece que responderia o Senhor? *Vade post me, Satana.* [2] Aparta-te daqui, Satanaz, não appareças mais diante de mim. Quem haverá que não pasme na combinação destes dois casos tão differentes e tão parecidos? Basta que ao demonio e a S. Pedro mede Christo com os mesmos termos? Ao demonio e a S. Pedro lança de si? Ao demonio e a S. Pedro chama Satanaz? Tanto merece a soberba do demonio quando quer que Christo o adore, e tanto desmerece o amôr de Pedro, quando persuade a Christo que não padeça? Sim. Porque tanto offendia a fé da divindade do Filho de Deus o demonio, pedindo-lhe a adoração, como Pedro impedindo-lhe a morte. Não queres, Pedro, que eu padeça? Pois tanto me tentas tu agora como o demonio, e tão Satanaz és tu como elle. Elle em querer que eu o adore quer que o trate como Deus, e tu em quereres que não padeça, queres que eu o não seja. Pouco ha que me confessaste por Filho de Deus, e agora mostras que não sabes o que é ser Deus: *Non sapis ea quæ Dei sunt.* [3] E como a sciencia da divindade de Christo, se perde na negação da sua paciencia; claro está que havia o mesmo Senhor de negar aos escribas e phariseus os signaes de sua paciencia, chamando-lhes: *Generatio mala, et adultera*, pois estava decretado que se lhes não désse o signal da sua divindade que pediam: *Et signum non dabitur ei.*

VI

Porém como esta negação não foi absoluta, e para sempre, senão só para aquelle tempo, reservando-se o despacho da sua petição para quando se cumprisse

---

[1] *Math.*, XVI, 22.
[2] *Ibid.*, 23.
[3] *Ibid.*, 23.

em Christo o signal de Jonas propheta: *Et signum non dabitur ei, nisi signum Jonæ prophetæ;* [1] vejamos como este signal futuro da divindade de Christo, não foi outro senão o da sua paciencia. Engolido Jonas, e sepultado no ventre da baleia, foi prophecia e signal da morte e sepultura de Christo, como declarou o mesmo Senhor: *Sic erit Filius Hominis in corde terræ.* [2] Pregado, pois, Christo na cruz, tornaram a instar os mesmos escribas e phariseus com a sua petição, pedindo-lhe novo signal da sua divindade, e offerecendo-lhe a sua fé, mas tal como sua: *Si Filius Dei est* (dizem) *descendat nunc de cruce, et credimus ei:* [3] Se é Filho de Deus, como dizia, desça agora da cruz, e creremos nelle. Esta promessa de crerem, era, torno a dizer, como sua, falsa, aleivosa, e atraiçoada. S. Jeronymo os convence bem claramente. Menos era descer-se um homem vivo da cruz, que depois de morto levantar-se vivo da sepultura. Pois se vós, Judeus, não crestes fazendo elle o que era muito mais, como havieis de crêr se fizesse o que é menos? E porque não desceu Christo da cruz, como pudéra tão facilmente, sendo menor este milagre, ainda que estava com as mãos e pés pregados, do que o da resurreição de Lazaro, quando a uma voz sua não só sahiu amortalhado da sepultura, senão tambem com as mãos e pés ligados: *Et statim prodiit qui fuerat mortuus, ligatus pedes, et manus institis?* [4] Responde Santo Agostinho, que não quiz descer, porque antes quiz dar os signaes da sua paciencia, que os da sua omnipotencia: *Quare non descendit, ut eis descendendo suam potentiam monstraret? Quia patientiam docebat, ideo potentiam differebat.* [5] Quiz deferir para depois os signaes do poder, porque então estava ensinando a paciencia.

E se os judeus não foram e estiveram tão cegos, bastavam os signaes de uma tal paciencia para prova da divindade, de que duvidavam: *Si Filius Dei est.* Excellente e fortemente Tertulliano: *Hinc vel ma-*

---

[1] *Math.*, XII, 39.
[2] *Ibid.*, 40.
[3] *Ibid.*, XXVII, 40.
[4] *Joan.*, XI, 44.
[5] *August.* tract. 37 in Joan.

rime Pharisæi Dominum agnoscere debuistis patientiam hujusmodi nemo hominum perpetraret. Dizeis, ó Judeus, que creieis a divindade do Crucificado, se descesse da cruz, e dizeis que a não crêdes, porque não desceu; antes por isso mesmo devieis crêr, porque tal acto de paciencia, nenhum homem teria valor para o fazer. Entendamos, e sondemos bem o fundo deste fortissimo pensamento. Que homem haveria no mundo que condemnado a tão infame supplicio, e arguido de falsario, podendo desmentir a seus accusadores, e confundil-os, descendo da cruz, como elles lhe offereciam por partido, o não fizesse, e se deixasse padecer aquella affronta, e que os mesmos inimigos ficassem triumphando na sua opinião, e crendo e publicando que o não fazia, porque não podia: *Se ipsum non potest salvum facere?* [1] E' certo que nenhum homem, sendo sómente homem, se poderia vencer tanto, e acabar tal coisa comsigo. E que Christo podendo descer da cruz para desmentir aquella affronta, e tornar a pôr-se na mesma cruz para remir o mundo, tivesse comtudo paciencia para supportar uma tal confusão, e uma tal dôr, maior sem comparação que a da cruz, e a dos cravos? Não ha duvida que este foi o mais profundo signal, e a mais authentica prova de sua divindade: *Si enim commotus ad eorum verba descenderet, victus convitiorum dolore putaretur:* diz Santo Agostinho. Que só para tão sublimes entendimentos era aquella occulta demonstração, e não para os de gente tão grosseira.

Mas quero eu tambem fallar com ella em termos mais claros: vejamos se crêem a Moysés. Viu Moysés no monte Horeb arder a sarça que se não queimava, e disse: *Vadam, et videbo visionem hanc magnam.* [2] Quero-me chegar mais perto, e ir vêr esta grande visão. Venham agora tambem com elle os escribas e phariseus, pois tambem dizem que querem vêr: *Volumus signum videre.* Chama-se aquella visão grande, por quatro grandes circumstancias. Grande pela Pessoa, grande pelo fim, grande pelo milagre, e grande pela significação. Grande pela Pessoa, porque não era menos que Deus: *Ego sum Deus*

[1] *Math.*, XXVII. 42.
[2] *Exod.*, III, 1, 3, 6, 7 e 8.

Abraham, Deus Isaac, et Deus Jacob. Grande pelo fim, porque vinha naquella fórma livrar o seu povo: *Vidi afflictionem populi mei: descendi ut liberem eum.* Grande pelo milagre, porque a sarça ardendo não se queimava: *Quód rubus arderet, et non combureretur.* É grande, finalmente, pela significação, porque significava o altissimo mysterio de Christo crucificado. O monte era o Calvario: a arvore a cruz: os espinhos os de que estava corôado, e tambem os cravos: o fim libertar do captiveiro o genero humano: o fogo e as labaredas o odio, a perseguição, as injurias, as blasphemias: e o milagre, arder entre ellas sem se queimar, nem queimar: o queimar-se é sentir-se, o queimar é vingar-se. Que estrondo é, como notou David, o de um espinheiro ardendo: *Exarserunt sicut ignis in spinis?* [1] Parece uma carga de mosquetaria rebentando cada espinho, e estalando com furia. E de entre os espinhos daquella sarça ardente, que se ouvia? *Pater, dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt:* [2] escusar a culpa, e negociar o perdão para os que assim o maltratavam. Já agora, ó escribas e phariseus, se não fosseis totalmente cegos, podieis estar satisfeitos. Esta é a grande visão que viu e entendeu Moysés: vós tambem a vistes, mas não a quizestes entender. Este é o signal que Christo vos prometteu quando vos negou o que lhe pedieis: *Et signum non dabitur ei, nisi signum Jonæ prophetæ.* Uma sarça ardendo sem se queimar é o geroglifico mais claro, e a prova mais evidente de uma paciencia não humana só, mas juntamente divina, qual foi a de Christo. Acabae de ouvir e crêr o que disse a Moysés, e vos diz a vós o Oraculo da mesma sarça: *Ego sum Deus patris tui:* Eu sou o Deus de vossos paes: *Deus Abraham, Deus Isaac, et Deus Jacob:* o Deus de Abraham, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob. E se vos prezaes de ser descendentes de Abraham, Isaac e Jacob, acabae de reconhecer o Deus que tambem se quiz fazer descendente delles.

Convencida assim contra os escribas e phariseus a divindade de Christo pelos signaes da sua paciencia, não quero por fim deste discurso dever aos catholicos

---

[1] *Psal.*, CXVII, 12.
[2] *Luc.*, XXIII, 34.

a maior coisa que nunca se disse da paciencia de Deus combinada com a sua divindade. E' uma sentença de Tertulliano, em cuja intelligencia teem trabalhado muito todos os commentadores do mesmo auctor, e nenhum ha dos modernos, que nella, como em pedra de afiar, não tenha provado a agudeza do seu engenho. Eu que com tão pouca edade, e menos sciencia, não posso ter logar em tão veneravel consistorio, e só me é licito ouvir, ou lêr de fóra, não direi o que elles disseram, e sómente construirei o que me parece que quiz dizer Tertulliano. As suas palavras são estas: *Patientiam Dei esse naturam effectam, et præstantiam ingenitæ cujusdam proprietatis.* Ou esta sentença quer dizer que a paciencia se fez natureza de Deus, ou que a natureza de Deus, se fez paciencia. Que a paciencia se fez natureza de Deus; construindo assim: *Patientiam, effectam esse Dei naturam.* Que a natureza de Deus se fez paciencia, construindo assim: *Naturam Dei, effectam esse patientiam.* Não se podia dizer nem imaginar maior encarecimento. Mas como póde ser verdadeiro? O mesmo Tertulliano se explica: *Et præstantiam ingenitæ cujusdam proprietatis:* porque sendo a paciencia uma propriedade ingenita e natural de Deus, chegou a tal extremo, ou a tal excellencia (isso quer dizer *præstantiam)* que sendo propriedade, passou a se fazer natureza: *Naturam Dei effectam.* Aqui está outra difficuldade, ou outra maravilha. As propriedades não são natureza, mas nascem e resultam da natureza. Porém a paciencia em Deus é tal propriedade, tão natural, e tão intima sua, que do ser de propriedade de Deus se introduziu a ser natureza de Deus: *Patientiam esse Dei naturam.* Explica em theologia moral isto que na especulativa parece difficil. Não ha coisa mais commum, mais ordinaria, mais frequente, mais habituada e mais experimentada sempre, e em tudo na paciencia de Deus, que o seu soffrimento. Soffre aos gentios, que negando-lhe a adoração, idolatrem os páus e pedras, e as sevandijas mais vis: soffre aos christãos, que dentro dos lumes da razão e da fé, obedeçam aos impulsos do proprio appetite, e desprezem os seus preceitos: soffre aos magos e magas, que em logar de servirem a seu Creador e Senhor, sirvam aos seus maiores inimigos, que são os demonios. Tudo isto e muito mais é o que Deus costuma soffrer e está soffrendo sempre, e como *consuetudo* em sentença de todos os phi-

losophos *est altera natura*, este costume, este habito, e esta perpetua e quasi immutavel continuação do seu soffrimento, é a que tem convertido a sua paciencia em natureza: *Patientiam effectam esse Dei naturam.*

Já eu parece que me podéra aquietar aqui, mas ouvindo a Seneca entro em pensamento, que ainda Tertulliano quiz dizer outra coisa. *Ferte fortiter adversa, hoc enim est quo Deum antecedatis: ille extra patientiam malorum est, vos supra patientiam:* Padecei, e soffrei fortemente as coisas adversas, diz Seneca, porque isto é só o em que podeis vencer a Deus: elle quando soffre está fóra da paciencia, porém vós, soffrendo, estaes sobre a paciencia. Em parte fallou este philosopho como gentio, mas em parte como theologo. Em Deus propriamente não ha paciencia, porque a paciencia não consiste só em soffrer, senão em soffrer, padecendo; e Deus, ainda que soffre, não padece, porque é impassivel. Como se ha-de entender logo Tertulliano fallando da perfeita e inteira paciencia? Demos outra volta e outra construcção ás suas palavras, a qual verdadeiramente parece a mais corrente e natural: *Patientiam Dei esse naturam effectam:* quer dizer que a paciencia é a natureza de Deus feita. Deus depois do mysterio da Encarnação tem duas naturezas: uma feita, outra não feita. A natureza não feita é a divina, porque nem outrem a fez, nem Deus se fez a si mesmo. Por isso o Verbo encarnado segundo esta natureza se chama *genitum non factum:* gerado sim, feito não. A natureza feita é a natureza humana, e segundo esta natureza se chama o mesmo Verbo propriamente feito: *Verbum caro factum est.* E como Deus com a natureza divina, increada e não feita, era impassivel, e por excesso de perfeição lhe faltava este complemento da inteira paciencia, que era soffrer, padecendo, essa foi a razão porque tomou a segunda natureza humana creada e feita: *Dei naturam effectam.* E por este modo passou a paciencia a ser natureza de Deus, isto é, ser natural a Deus a propria e perfeita paciencia, conseguindo tambem pela mesma paciencia toda a excellencia da propriedade ingenita que lhe faltava: *Et præstantiam ingenitæ cujusdam proprietatis.*

VII

Este é, senhores, o grande parentesco que tem o soffrimento com Deus, e a sua e nossa paciencia com a sua divindade. E para que tomem exemplo na divindade do céo as divindades, ou deidades da terra, deixados já os escribas e phariseus obstinados e incredulos, fallemos brevemente com os christãos, que talvez se deixam tão mal persuadir como elles. As divindades, ou deidades da terra são os que nella com o poder sobre os demais representam a Deus. O mesmo Deus por bocca de David lhes chama deuses: *Ego dixi, Dii estis, et filii excelsi omnes.* [1] E o mesmo David diz que viu a Deus julgando a estes deuses: *Deus stetit in synagoga deorum, in medio autem deos dijudicat.* [2] Estes deuses, pois, que agora julgam, e depois hão-de ser julgados, cuidam ordinariamente que para elles é só a magestade (ainda que não sejam magestades nem altezas) e que para elles é só a soberania (quando não seja a soberba) e para os outros a paciencia. Oh que presumpção tão cega e tão ignorante! Basta, deidades ou idolos de barro, que o Deus verdadeiro se fez homem para verdadeiramente exercitar a paciencia em si mesmo; e vós, deuses de nome, como questão de vocabulo, não só vos fazeis divinos, senão tambem deshumanos! Para nós é o poder, para os outros a paciencia. Assim o dizem e fazem muitos, e quasi todos o fazem sem o dizer. Por isso quando Deus lhes chamou deuses, juntamente os desenganou que os outros homens, sem a sua fortuna, são tão bons como elles, e elles com toda essa fortuna, nem por isso são melhores que os outros: *Vos autem sicut homines moriemini.* [3]

O mesmo Tertulliano, a quem ha pouco interpretavamos, disse com egual juizo, que assim como Deus quando dá o poder, delega no homem a representação da sua divindade, assim com o mesmo poder delega nelle a imitação da sua paciencia: *Nobis*

---

[1] *Psal.*, LXXXI, 6.
[2] *Ibid.*, 1.
[3] *Ibid.*, 7.

quidem exercendæ patientiæ auctoritatem divina dispositio delegat, Deum ipsum ostendens patientiæ exemplum. De sorte que o exemplo e imitação da paciencia de Deus é uma segunda delegação com que Deus delega no homem, não a sujeição, senão a auctoridade da paciencia: *Patientiæ auctoritatem.* Para que entendam os que mandam e governam, que tão fóra está a paciencia de os desauctorisar, que antes por ella cresce e lhe dobra a auctoridade nesta segunda delegação: uma vez delegados de Deus no poder da sua divindade, e outra vez delegados do mesmo Deus na imitação e auctoridade da sua paciencia: *Patientiæ auctoritatem delegat.* Altamente ponderado, e elegantemente dito! E para que vejamos uma e outra coisa com os olhos, tornemos á grande visão da sarça. Elegeu Deus a Moysés para libertador do captiveiro do seu povo no Egypto. Trocou-lhe o cajado de pastor em bastão de general, e o titulo que lhe deu, não foi de rei ou imperador, senão de Deus: *Constitui te Deum Pharaonis:* [1] Eu te constituo e faço Deus de Pharaó. Entra Moysés com o titulo de Deus, e com a vara omnipotente no Egypto: e que fez? Parece que se competiam alli a dureza e a brandura; a dureza da parte de Pharaó, e a brandura da parte de Moysés. Começou a primeira praga: *Induratum est cor Pharaonis:* [2] Seguiu-se a segunda: *Induratum est cor Pharaonis:* continuaram as demais: *Induratum est cor Pharaonis.* Muito espera e muito soffre Moysés. Bastava a dureza, a rebeldia e a blasphemia com que Pharaó respondeu na primeira falla: *Nescio Dominum:* [3] que não conhecia a Deus, para que lh'o fizesse conhecer Moysés levantando a vara e derribando-o do throno desfeito em cinza. Mas nem esta blasphemia contra Deus, nem os desprezos do mesmo Moysés e do seu poder foram bastantes para que elle lh'os fizesse sentir como merecia, e os levasse ao cabo. Seis vezes orou a Deus pelo mesmo Pharaó, e fez cessar as pragas com que ellas vinham a ser como a mesma vara de Moysés quando se converteu em serpente. Tomada pela parte da cabeça, era um dragão medo-

[1] *Exod.*, VII, 1.
[2] *Ibid.*, v. 13 e cap. VIII, 19.
[3] *Ibid.*, V, 2.

nho e ferocissimo; tomada porém pela cauda, já deixava de ser serpente. Assim aquellas pragas e castigos no principio começavam contra Pharaó com estupendo horror e assombro, e no fim paravam na mansidão de Moysés, e cessavam com nova paz e serenidade. Cuidará alguem que eram estes effeitos do natural brando e benigno daquelle grande heroe, mas não era assim. Moysés era tartamudo, e os gagos naturalmente são coléricos; e Moysés de sua natureza o era tanto, tão impaciente, e mal soffrido, como se viu naquelle encontro, quando, vendo que um egypcio affrontava a um hebreu, arremetteu a elle, e sem mais armas que as proprias mãos, o lançou morto a seus pés. Pois se Moysés era tão arrebatado e iracundo, e tão aspero de condição; como agora se mostra tão manso e tão benigno, que dahi lhe começou o nome de *Vir mitissimus super omnes?* [1] Porque então obrava como particular, agora como Deus de Pharaó. Este nome de Deus era o santelmo, que na maior furia das tempestades lhe serenava as ondas. Que havia de fazer aquelle delegado de Deus, que debaixo do mesmo nome o representava, senão imitar a sua paciencia?

VIII

Que dirão a isto os deuses da terra (ainda que ella não seja das maiores do mundo) os quaes em se vendo com uma varinha na mão, se acaso souberam que os mordeu um mosquito, ou que uma rã abriu contra elles a bocca (posto que os mosquitos não sejam tão venenosos, nem as rãs tão desentoadas, como as que produziu no Egypto a vara de Moysés) já não cabem dentro em si de inchação, de ira, e de vingança? Já ameaçam ferros, enxovias, degredos; e se algum fôra Deus que tivesse inferno, tambem abrazariam nelle eternamente os réos da sua leza divindade. Oiçam estes deuses como se hão-de portar, não digo nas execuções furiosas, mas na moderação das palavras, e no agrado do semblante com os mesmos inferiores que os offenderam.

---

[1] *Num.*, XII, 3.

Depois que o Apostolo S. Filippe, por testemunho do Baptista, soube que Christo era o verdadeiro Messias, communicou aquella grande nova a Nathanaël, lettrado da lei, e o levou a vêr o mesmo Senhor. Vendo Christo a Nathanaël, disse delle: *Ecce verus Israelita, in quo dolus non est.* [1] Este é o verdadeiro Israelita, em quem não ha engano. Perguntou Nathanaël, donde o conhecia? E o Senhor respondeu que o tinha visto á sombra daquella figueira, onde estava antes que Philippe o chamasse: *Priusquam te Philippus vocaret, cum esses sub ficu, vidi te.* Ouvida tal resposta, disse Nathanaël: *Rabbi, tu es Filius Dei, tu es Rex Israël.* Mestre, vós sois o Filho de Deus, e o Rei promettido de Israël. Até aqui a breve e notavel historia, na qual é questão curiosa, e não facil, donde inferiu Nathanaël que Christo era Deus? Dizer o Senhor que o vira á sombra da figueira, estando ausente, e sendo o logar distante, era bom argumento para inferir que Christo era propheta, porque aos prophetas, tão presentes são as coisas ausentes e distantes, como as futuras. Mas para inferir que era Deus, não bastava esta evidencia. Qual foi logo a que teve Nathanaël para crêr e confessar que Christo era Deus: *Tu es Filius Dei?* Descubriu-a com grande subtileza e propriedade S. João Chrysostomo. Ora vêde. Quando S. Philippe disse a Nathanaël que tinha achado o Messias, acrescentou que era Jesus, filho de José de Nazareth: *Quem scripsit Moysés et prophetæ, invenimus Jesum, Filium Joseph á Nazareth.* [2] E Nathanaël quando ouviu dizer que era de Nazareth, estranhou e zombou muito, que de tal logar ou logarinho houvesse de sahir coisa tão grande: *A Nazareth potest aliquid boni esse?* Por ventura de Nazareth póde vir coisa boa? Ao ponto agora. De Christo saber o tempo e o logar onde Nathanaël estava quando S. Philippe o chamou, entendeu Nathanaël que tambem sabia o mesmo Christo o que elle lhe respondera, e o desprezo com que fallára de Nazareth, e que de tal terra não podia sahir nenhum bem. E este homem (diz comsigo Nathanaël) sabe o desprezo com que fallei de sua patria, e do seu nascimento, e recebe-me com

[1] *Joan.*, I, 47.
[2] *Ibid.*, I. 45 e 46.

palavras de tanto agrado, e dizendo de mim louvores: *Hic est verus Israelita?* Logo tal homem não é só homem, senão tambem Deus: *Tu es Filius Dei.* Se fôra só homem, ou me havia de despedir da sua presença, ou reprehender-me do que tinha dito, ou quando menos significar-m'o com alguma allusão e remoque; porém que tão offendido das minhas palavras, posto que em ausencia, as suas na presença fossem tão cortezes, e tão cheias de benignidade e amôr, como se pagára lisonjas com louvores: tal generosidade, tal mansidão, tal paciencia, só se póde achar em homem, que juntamente seja Deus: *Ex quo arboris nomen, tempusque exposuit* (são as palavras de Chrysostomo) *certissimé esse prophetam agnovit, neque hoc tantum, sed quæ invicem loquuti essent, in memoriam reducit, præsertim illud: A Nazareth potest aliquid boni esse: ex quo maxime sibi conciliet, eum ex eo non reprehendit, sed laudibus prosequutus est.* Isto quanto ao agrado das palavras.

Quanto ao do semblante depois da pessoa offendida, benevolo, amigo, e alegre, tambem resplandece nelle a face de Deus; porque no rosto carregado e sombrio basta uma carranca muda e desabrida para descobrir o fel que está escondido no coração. Quando Jacob, depois dos quatorze annos de peregrino, voltou para a patria, recebeu-o Esaü não só nos braços como irmão, mas com tal agasalho de olhos, e com tal alegria e agrado de todos aquelles signaes que redundam do coração, e com que elle sáe ao rosto, que o mesmo Jacob (o qual não esperava tão affavel correspondencia, antes temia a contraria) não achou, nem teve outros termos com que a declarar e agradecer, senão dizendo, como disse, que quando viu o rosto de Esaü, lhe pareceu que via o de Deus: *Sic vidi faciem tuam, quasi viderim vultum Dei.* [1] Que admiração haverá que não pasme, ou se não ria de tal dito? Como o rosto de Deus, o rosto de Esaü? Se Esaü algum dia se viu ao espelho, não podia o vidro ser tão lisongeiro que lhe mettesse pelos olhos similhantes reflexos. Não era Esaü um moço rustico, creado nos mattos e na charneca, em seguimento das lebres e dos gamos, com uma cara muito parecida ao seu exercicio, queimado,

[1] *Gen.*, XXXIII, 10.

grosseiro, fero, e que para satyro ainda lhe sobejava pintura? Não era a pelle agreste, e o pello espesso e rispido de Esaü, aquelle que para Rebeca o fingir nas mãos e pescoço de Jacob, o tomou das mesmas pelles do fato montesinho, donde elle fôra buscar a primeira urdidura daquelle engano? Que gentileza viu logo o mesmo Jacob no rosto de Esaü, para se lhe representar como o rosto de Deus? *Quasi viderim vultum Dei?* A gentileza foi (diz Lirano) *quia ita pacificum ac mitem eum vidit.* Roubou Jacob a Esaü o morgado, e roubou-lh'o com engano, que foi maior aggravo, fez-lhe esta mesma guerra desde o ventre da mãe, e usou do amôr da mesma mãe, para lhe roubar o do pai, ciumes ainda entre irmãos tão mal soffridos, como se viu dentro na mesma familia na venda de José: e que sobre tantas offensas não sonhadas, mas padecidas, em logar de por ellas lhe tirar Esaü a vida, como noutro tempo tinha determinado, agora festejasse sua vinda, o levasse nos braços, e o recebesse com tão bom rosto; pois tal rosto (dizem os olhos de Jacob) não tem physionomia de homem, senão de Deus: *Quasi viderim vultum Dei.* Se fôra rosto de homem, achara-o Jacob, quando menos, carregado, sem levantar para elle os olhos, as sobrancelhas cahidas, a lizura da testa em rugas, o rosado das faces murcho, a bocca sem se despegar, e tudo mudado de côr, e tinto de melancholia e desagrado. Porém como Esaü o recebeu com tantas demonstrações de alegria e amôr, e com tanto esquecimento do passado, não lhe podia parecer o seu rosto como de homem, senão como de Deus; que só em Deus se acha uma paciencia tão magnanima, e uma magnanimidade tão divina. Para que aprendam os nossos deuses cá debaixo como hão-de representar bem a figura. As palavras como as de Christo a Nathanaël, e o rosto como o de Esaü a Jacob, são os actos positivos, ou os testemunhos oculares e de ouvida, com que hão-de provar as suas divindades, tão mal endeusadas como mal soffridas. E porque Christo não havia de dar aos escribas e phariseus os signaes que lhe pediam da sua: *Et signum non dabitur ei;* por isso em natural consequencia, com rosto severo, e palavras tão desabridas, lhes disse quem elles eram: *Generatio mala, et adultera signum quærit.*

IX

Tenho acabado o sermão. E para que delle possam colher algum fructo os que mais necessidade teem da paciencia; consideremos que a divindade neste mundo está repartida em tres partes: em um, em muitos, e em todos. Em um, por realidade, que é Christo verdadeiro Filho de Deus: em muitos, por representação, que são os que teem o mando e o governo: e em todos, por desejo e appetite, porque todos somos filhos de Adão, do qual herdamos aquella inclinação e desejo com que o tentou o diabo de ser como Deus: *Eritis sicut Dii.* E toda esta divindade, ou verdadeira, ou representada, ou appetecida, se reduz por diversos modos á paciencia. Christo, verdadeiro Deus, quando quiz encobrir a divindade, foi dissimulando e eclipsando a paciencia com uma nuvem contraria. Os deuses da terra, que a representam, já ouviram como a hão-de representar com a paciencia: e todos os que a appetecem desejando ser como Deus, só imitando a paciencia do mesmo Deus o pódem conseguir. A todos sem excepção de pessoa, qualidade, ou estado, diz Christo Senhor nosso: *Estote perfecti sicut Pater vester cœlestis perfectus est.* [1] Sêde perfeitos, como Deus vosso Pai celestial, que vos creou, é perfeito. E em que consiste esta perfeição que havemos de imitar em Deus? Na paciencia: *Qui solem suum oriri facit super bonos, et malos, et pluit super justos, et injustos.* [2] Não ha paciencia mais offendida, mais provocada, e quanto é de nossa parte, mais forçada e constrangida a não soffrer, que a de Deus. E elle que faz? Diga-o o seu sol, que a bons e máus allumia: *Quia solem suum oriri facit super bonos, et malos:* diga-o a sua chuva, que aos justos e aos injustos, a todos rega e fertiliza os campos: *Et pluit super justos, et injustos.* No Egypto os hebreus tinham luz, e os egypcios estavam em trevas: sobre as searas dos hebreus chovia agua, sobre as dos egypcios fogo e raios. Esta mesma differença pudéra a

[1] *Math.*, v, 48.
[2] *Ibid.*, 45.

Justiça Divina observar em todo o mundo, e comtudo é tanta a sua paciencia, que, negado de uns, blasphemado de outros, e continuamente desobedecido e offendido de todos, allumia, sustenta, conserva, e provê de tudo o necessario aos máus, como se foram bons, e aos injustos, como se foram justos.

E porque ninguem me diga que Deus é impassivel, e não é muito que tenha tanta paciencia; desçamos do céo e das nuvens ao Calvario. E aquelle Deus pregado em uma cruz, cujo rosto que noutro monte resplandeceu como o sol, em logar de raios está coroado de espinhos, e cujos pés e mãos, em logar de agua do céo, estão chovendo sangue divino: é passivel, ou impassivel? Não só tudo isto está padecendo com invencivel paciencia, muda para a queixa, e só com voz para pedir perdão pelos mesmos que o crucificaram; mas sem responder nem confundir os que no mesmo tempo o estão arguindo de que falsamente se fez Filho de Deus: *Quia Filium Dei se fecit.* [1] Pasmae neste passo tanto da paciencia do Filho, como do Pai: *Ut sitis Filii Patris vestri.* [2]

Quando Christo se fez baptisar no Jordão, testemunhou a voz do Padre que era seu Filho: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi complacui.* [3] E quando o mesmo Senhor se transfigurou no Thabôr, a voz do mesmo Padre deu segundo testemunho pelas mesmas palavras de ser seu Filho: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui, ipsum audite.* [4] Pois se no Jordão e no Thabôr deu uma e outra vez o Eterno Padre este testemunho de ser Christo seu Filho, quando ninguem lhe negava esta geração, e esta divindade; agora que no Calvario lhe negam uma e outra: *Quia Filium Dei se fecit;* porque não acode a voz do Padre a confundir aquella blasphemia, e dar o mesmo testemunho? Primeiramente, porque a mesma paciencia de Christo, como deixamos provado, era o mais forte, o mais authentico, e o mais evidente testemunho da sua divindade, sem ser necessario que o proprio Pai o confirmasse com o seu. Assim o en-

---

[1] *Joan.*, XIX, 7.
[2] *Math.*, V, 45.
[3] *Ibid.*, III, 17.
[4] *Ibid.*, XVII, 5.

tendeu o Centurião romano e gentio, que disse: *Veré Filius Dei erat iste:* [1] Verdadeiramente este homem era Filho de Deus: e assim o entenderam os Judeus menos cegos, que do Calvario voltaram para a cidade batendo nos peitos: *Percutientes pectora revertebantur.* [2]

Mas a principal e mais universal razão foi, para que na paciencia do Pai e Filho, aprendessemos todos a ser filhos do mesmo Pai pela imitação da paciencia de ambos: *Ut sitis Filii Patris vestri.* O' quão pouco sabemos estimar as occasiões da paciencia, e quão cegos somos em conhecer a grande providencia e amôr com que Deus as dá maiores aos que mais estima e ama! A quem mais estimou e amou Deus na Lei da natureza que a Job? E a quem deu maiores occasiões de padecer que a elle: *Sufferentiam Job audistis?* [3] A quem mais estimou e amou na Lei escripta que a Tobias? E quaes foram os trabalhos e tormentos na propria pessoa e familia, com que exercitou a sua paciencia: *Ut posteris daretur exemplum patientiæ ejus, sicut et sancti Job?* [4] Mas que comparação tem a paciencia deste segundo Job, e do primeiro, com a do Filho de Deus, a quem elle em um e outro testemunho chamou o seu muito amado: *Filius meus dilectus, in quo mihi bené complacui?*

Agora quizera aqui, como dizia no principio, todos os retirados de Pernambuco, martyres da fé divina e da humana, por não ficarem sujeitos a homens tão hereges de uma, como rebeldes á outra. Dizei-me, verdadeiros christãos, e verdadeiros portuguezes, que queixas são as da vossa fortuna, e que repugnancias as da vossa paciencia nesta retirada tão honrada, e tão fiel a Deus, e ao rei? Se é verdes-vos desterrados da vossa patria, ponde-vos com o Filho de Deus no Egypto entre barbaros, tambem desterrado, e por fugir a sua innocencia da espada e violencias do mais cruel tyranno. Se é por haverdes deixado a vossa casa, e commodidades della, ouvi ao mesmo Filho de Deus, dizendo que os animaes da terra teem covas, e os do

---

[1] *Math.*, XXVII, 54.
[2] *Luc.*, XXIII, 48.
[3] *Job.*, V, 11.
[4] *Tob.*, II, 12.

ar ninhos, e elle não tem onde reclinar a cabeça. E se acaso a pouca caridade daquelles a cujo amparo vos recolhestes, vos não receber na sua casa, dae outra vista com o pensamento a Belem, e vel-o-heis em um presepio: *Quia non erat ei locus in diversorio.* Finalmente, se é grande a vossa pobreza, e todas as outras penas e trabalhos que della se seguem, vêde-o despido na cruz, e que os soldados inimigos estão jogando as suas roupas: vêde que lhe dão a comer fel, e a beber vinagre: vêde que está reduzido a tanta estreiteza, que sendo Cruz o logar, não lhe cabem divididos nelle ambos os pés. E se uns vistes derramar o sangue dos filhos, outros o dos pais e irmãos, ou mortos na guerra ou nos tormentos, que é muito maior dôr: naquellas quatro fontes de sangue, abertas a ferro nos pés e mãos do mesmo Filho de Deus, podeis refrigerar, lavar, e ainda afogar gloriosamente a vossa.

Sobretudo, e por fim de tudo, sabei vós, e saibam todos, que para a bemaventurança que esperamos, e Deus nos tem promettido, é necessaria e forçosa a paciencia: *Patientia vobis necessaria est, ut reportetis promissionem.* [1] Saibamos, outra vez, e saibam todos, que nenhum homem de qualquer estado que seja, póde entrar no céo, senão pela porta da paciencia: *Per multas tribulationes oportet nos intrare in regnum Dei.* [2] Assim que animados e armados com estes dois Textos de fé, mandados apregoar a todo o mundo por bocca de S. Paulo, quando mais vos apertar a paciencia, ainda que vos vejaes reduzidos ás miserias de outro Job, respondei-lhe constantemente com o fim delle e della: *Sufferentiam Job audistis, et finem Domini vidistis.* [3] Este fim foi na terra, e mais no céo: na terra, recuperando-lhe Deus em dobro a felicidade temporal, como nós tambem esperamos: e no céo, coroando-lhe a paciencia passada com a eterna bemaventurança da gloria: *Quam mihi, etc.*

---

[1] *Hebr.*, x, 36.
[2] *Act.*, xiv, 21.
[3] *Jacob*, v, 11.

SERMÃO

DA

Terceira Dominga da Quaresma *

(Prégado na Capella Real, no Anno de 1655)

Cum ejecisset dæmonium, locutus est mutus: et admiratæ sunt turbæ. [1]

I

Quando ou as côrtes eram mais christãs ou os prégadores menos de côrte: quando se fazia menos caso da graça dos ouvintes, para que elles só fizessem caso da graça de Deus: quando a doutrina que se tirava do Evangelho eram verdades solidas e evangelicas, e não discursos vãos e inuteis: quando finalmente as vozes dos Precursores de Christo chamavam os peccadores ao Jordão e os levavam ás fontes dos Sacramentos; o argumento commum deste Evangelho, e a materia utilissima deste dia, era a da Confissão. Esta antiguidade determino desenterrar hoje: esta velhice determino prégar, e só me peza que ha-de ser (ainda que eu não queira) com grande novidade.

O peior estado desta vida e o mais infeliz de todos é o do peccado. Mas se neste extremo de mal póde haver ainda outro mal maior, é o de peccado e mudo. O mais desventurado homem (de que Christo nos quiz

---

* Este celebre sermão resume a exposição catechetica da doutrina sobre a Confissão. Prégado na presença da Côrte este sermão não é menos elevado e sublime do que os grandes *sermões de mysterio* e os mais brilhantes panegyricos prégados pelo genial orador.

[1] *Luc.*, II.

deixar um temeroso exemplo) foi aquelle da parabola das bodas, a quem o rei, atado de pés e mãos, mandou lançar para sempre no carcere das trevas. O rei era Deus, o carcere o inferno, e o homem foi o mais desventurado de todos os homens, porque no dia e no logar em que todos se salvaram, só elle se condemnou. E em que esteve a sua desgraça? Só em peccar? Não, porque muitos depois de peccar se salvaram. Pois em que esteve? Em emmudecer depois de peccar. Estranhou-lhe o rei o descomedimento de se assentar á sua meza e em tal dia, com vestido indecente; e elle em vez de sollicitar o perdão da sua culpa, confessando-a, confirmou a sua condemnação emmudecendo: *At ille obmutuit.* [1] E elle (diz o Evangelista) emmudeceu. Aqui esteve o remate da desgraça. Mais mofino em emmudecer que em peccar; porque commettido o peccado, tinha ainda o remedio da confissão; mas emmudecida a confissão, nenhum remedio lhe ficava ao peccado. Peccar é enfermar mortalmente; peccar e emmudecer, é cahir na enfermidade, e renunciar o remedio. Peccar é fazer naufragio o navegante; peccar e emmudecer, é ir-se com o pezo ao fundo, e não lançar mão da taboa em que se póde salvar. Peccar é apagarem-se as alampadas ás virgens nescias; peccar e emmudecer, é apagar-se-lhes as alampadas, e fechar-se-lhes a porta. O peccado tem muitas portas para entrar, e uma só para sahir, que é a confissão. Peccar é abrir as portas ao demonio, para que entre á alma; peccar e emmudecer, é abrir-lhe as portas para que entre, e cerrar-lhe a porta para que não possa sahir. Isto é o que em allegoria commum temos hoje no Evangelho. Um homem endemoninhado e mudo. Endemoninhado, porque abriu o homem as portas ao peccado; mudo, porque fechou o demonio a porta á confissão.

E que fez Christo neste caso? Maior caso ainda! *Erat ejiciens dæmonium.* [2] Não diz o Evangelista que lançou Christo o demonio fóra, senão que o estava lançando. Achava Christo repugnancia, achava força, achava resistencia; porque não ha coisa que resista a Deus neste mundo, senão um peccador mudo. Tantas vozes de Deus aos ouvidos, e o peccador mudo?

---

[1] *Math.*, XXII, 12.
[2] *Luc.*, XI, 14.

Tantos raios e tantas luzes aos olhos, e o peccador mudo? Tantas razões ao entendimento, tantos motivos á vontade, tantos exemplos, e tão desastrados, e tão repetidos á memoria, e o peccador mudo? Que fez affim Christo? Applicou a virtude de seu poder efficaz: bateu á porta; porque não bastou bater á porta, insistiu, apertou, venceu, sahiu rendido o demonio, e fallou o mudo: *Cum ejecisset dæmonium, locutus est mutus.* Este foi o fim da batalha, glorioso para Christo, venturoso para o homem, affrontoso para o demonio, maravilhoso para os circumstantes, e só para o nosso intento, parece que menos proprio, e menos airoso. Diz que primeiro sahiu o demonio, e depois fallou o mudo: *Cum ejecisset dæmonium, locutus est mutus.* E nesta circumstancia, parece que se encontra a ordem do milagre com a essencia do mysterio. Na confissão primeiro falla o mudo, e depois sáe o demonio: primeiro se confessa o peccador, e depois se absolve o peccado. Logo (se neste milagre se representa o mysterio da confissão) primeiro havia de fallar o mudo, e depois havia de sahir o demonio. Antes não, e por isso mesmo; porque aqui não só se representa a confissão, senão a confissão perfeita; e a confissão perfeita não é aquella em que primeiro se confessa o peccado, e depois se perdôa, senão aquella em que primeiro se perdôa, e depois se confessa.

Resolveu-se o Prodigo a tornar para casa do pai, e confessar sua culpa; e como bom penitente, dispoz e ordenou primeiro a sua confissão: *Ibo ad patrem meum, et dicam ei: Pater, peccavi in cœlum, et coram te.* [1] Feita esta primeira diligencia, poz-se a caminho; e estando ainda muito longe: *Cum adhuc longe esset*, eis que subitamente se acha entre os braços do pai, apertando-o estreitamente nelles, e chegando-o ao rosto com as maiores caricias: *Accurrens cecidit super collum ejus, et osculatus est eum.* Então se lançou o Prodigo a seus pés, e fez a sua confissão como a trazia prevenida: *Et dixit ei filius: pater peccavi in cœlum, et coram te.* Pois agora, filho prodigo? Não era isso o que vos tinheis ensaiado. Emfim, temos a comedia turbada. O pai sahiu cedo, o filho fallou

[1] *Luc.*, xv, 18.

tarde, perderam as figuras as deixas, erraram a historia, trocaram o mysterio. Esta historia do Prodigo não é a comedia, ou o acto sacramental da confissão? Sim. Logo primeiro havia o Prodigo de lançar-se aos pés do pai, e fazer o papel da sua confissão (como a trazia estudada) e depois havia o pai de lançar-lhe os braços, e restituil-o á sua graça. Pois porque se troca toda a ordem, e primeiro lhe lança os braços o pai, e depois se confessa o filho? Porque representavam ambos não só o acto sacramental da confissão, senão da confissão perfeitissima. Na confissão menos perfeita primeiro se confessa o peccado, e depois se recebe a graça: na confissão perfeitissima primeiro se recebe a graça, e depois se confessa o peccado. A confissão menos perfeita começa pelos pés de Deus, e acaba pelos braços: a confissão perfeitissima começa pelos braços, e acaba pelos pés, como aconteceu ao Prodigo. A razão é clara; porque a confissão perfeitissima é aquella em que o peccador vae aos pés de Deus verdadeiramente contricto e arrependido de seus peccados. Vae verdadeiramente contricto e arrependido? Logo já vae em graça, já vae perdoado, já vae absolto. E esta é a confissão que hoje temos no milagre do Evangelho. Confissão em que primeiro se recebe a graça, e depois se confessa o peccado. Confissão em que primeiro sáe o demonio, e depois falla o mudo: *Cum ejecisset dæmonium, locutus est mutus.*

Senão houvera no mundo mais modos de confissões que estes dois que tenho dito, não me ficava a mim para fazer hoje mais que seguir (como dizia) as pizadas dos nossos prégadores antepassados, e exhortar á frequencia deste Sacramento, e á Confissão e arrependimento dos peccados. Mas se me não engano, ainda ha outro modo de Confissão, e mui propria da côrte. Deve ser como os trajes, confissão alamoda. Dissemos que havia confissão, em que primeiro sáe o demonio, e depois falla o mudo: e confissão em que primeiro falla o mudo, e depois sáe o demonio. Ainda ha mais confissão. E qual é? Confissão em que o mudo falla, e o demonio não sáe; confissão em que o mudo falla, e o demonio fica. Judas quer dizer: *Confessio.* Confissão. E assim como no Apostolado de Christo houve um Judas traidor, e outro Judas santo; assim ha hoje na Igreja confissões santas, e confissões traidoras. Judas, o traidor, não foi traidor

mudo; antes a bocca e a lingua foi o principal instrumento de sua traição: *Ave Rabbi, et osculatus est eum.* [1] Desta sorte são muitas das confissões que hoje vemos no mundo; e por isso eu ha muito que me temo muito mais das confissões que dos peccados. E' de fé que toda a verdadeira confissão causa graça na alma: nunca houve tanta frequencia de confissões como hoje; comtudo, vemos muito poucos effeitos da graça. Qual será a causa disto? Tanta confissão e tão pouca graça? Eu não sei a causa que é, mas sei a causa que só póde ser. A causa que só póde ser, é que são confissões em que fallam os mudos, mas não sáem os demonios. A confissão bem feita é sacramento; a mal feita é sacrilegio: a confissão bem feita tira todos os peccados; a mal feita acrescenta mais um peccado: a confissão bem feita lança o demonio fóra; a mal feita mette-o mais dentro. E se cada dia vos vemos mais entrados e mais penetrados do demonio, que fé quereis que tenhamos nas vossas confissões? Ora eu hoje hei-de tratar da confissão como prometti. Mas porque o remedio se deve applicar conforme a chaga, não hei-de fratar da confissão dos peccados, senão da confissão das confissões. Eis aqui a velhice e a novidade do assumpto que trago hoje. Não vos hei-de exhortar a que confesseis os peccados, senão a que confesseis as confissões. Os escrupulos que a isto me movem irei discorrendo em um exame particular. Eu farei o exame, para que vós façaes a confissão; eu serei o escrupuloso, para que vós sejaes os confessados.

Mas como a materia é tanto das portas a dentro da alma, e poderia parecer temeridade querel-a julgar de fóra, direi primeiro qual é a minha tenção em tudo o que disser. Este milagre do diabo mudo fez differentes effeitos nos animos dos presentes. Houve quem louvou, houve quem condemnou, e houve quem admirou. Uma mulher devota louvou: *Beatus venter, qui te portavi.* [2] Os escribas e pharsieus condemnaram: *In Beelzebub, Principe dæmoniorum, ejicit dæmonia.* As turbas, a gente do povo admirou: *Et admiratæ sunt turbæ.* A estes ultimos me hei-de acostar

[1] *Math.*, XXVI, 49.
[2] *Luc.*, XI, 27.

hoje. Não hei-de ser dos que louvam, nem hei-de ser dos que condemnam; só hei-de ser dos que admiram. As vossas confissões vistas a uma luz parece que teem que louvar: vistas a outra luz parece que teem que condemnar; eu nem as louvarei, nem as condemnarei, sómente me admirarei dellas. Estas minhas admirações são as que haveis de ouvir. Não será o sermão admiravel, mas será admirativo: *Et admiratæ sunt turbæ.*

II

Cum ejecisset dæmonium, locutus est mutus, et admiratæ sunt turbæ. Hão-se de confessar as confissões (como diziamos) e as confissões que se hão-de confessar, são aquellas em que o mudo falla e o demonio fica. Mas como póde ser (fallando em termos de confissão) que o demonio fique, se o mudo falla? No material das palavras temos a resposta. *Locutus est mutus:* Fallou o mudo. Se elle fallou como lhe chamam mudo? Porque na confissão ha homens que ainda depois de fallar são mudos. Fallam pelo que dizem, e são mudos pelo que callam: fallam pelo que declaram, e são mudos pelo que dissimulam: fallam pelo que confessam, e são mudos pelo que negam. Fez o Baptista aquella sua famosa confissão (posto que confissão em outro genero) e diz o Evangelista: *Confessus est, et non negavit, et confessus est.* [1] Confessou, e não negou, e confessou. Notavel duplicação de termos! Se tinha dito que confessou, porque acrescenta que não negou: *Confessus est, et non negavit?* E depois de dizer que confessou e não negou, porque torna a repetir que confessou: *Confessus est, et non negavit, et confessus est?* Não bastava dizer que confessou? Não, porque nem todo o confessar é confessar. Quem confessa e nega, não confessa; só confessa; só confessa quem confessa sem negar. E porque João confessou e não negou, por isso diz o Evangelista que confessou: *Confessus est, et non negavit: et confessus est.* Ah quantas confissões negadas! ah quantas con-

[1] *Joan.*, I, 20.

fissões não confessadas se absolvem sem absolução neste sacramento! Virá o dia do Juizo, virá o dia daquelle grande cadafalso do mundo: quantos se verão alli confessos e negativos? Confessos e diminutos? Confessos e não confessos, e por isso condemnados?

Admiravel coisa é vêr muitos peccados como se fazem, e ouvir como se confessam! Vistos fóra da confissão e em si mesmos, são peccados e graves peccados: ouvidos na confissão, e com as côres de que alli se revestem, ou não parecem peccados, ou parecem virtudes. Seja exemplo (para que nos accommodemos ao logar) o peccado e a confissão de um grande ministro.

Trataram os Hebreus de ter um deus, ou um idolo, que em logar de Moysés os guiasse pelo deserto. Vão-se ter com Arão, e dizem-lhe: *Fac nobis deos, qui nos præcedant:* [1] Arão, fazei-nos um deus ou uns deuses que vão diante de nós. Arão neste tempo era supremo ministro ecclesiastico e secular; porque em ausencia de Moysés ficara com o governo do povo; e como cabeça espiritual e temporal, tinha dobrada obrigação de não consentir com os intentos impios dos idolatras, e de os reprehender e castigar, como um atrevimento tão sacrilego merecia, e de defender e sustentar a fé, a religião, o culto divino, e quando mais não pudesse, dar a vida e mil vidas em sua defeza. Isto é o que Arão tinha obrigação em consciencia de fazer. Mas que é o que fez? Ide advertindo as palavras e acções todas, porque todas importam muito para o caso. Respondeu Arão em consequencia da proposta daquella gente, que fossem a suas casas, que tirassem as arrecadas das orelhas a suas mulheres, a suas filhas e a seus filhos (conforme o uso da Asia) e que lh'as trouxessem todas: *Tollite in aures aureas de uxorum, filiorumque, et filiarum vestrarum auribus, et afferte ad me.* Trazidas as arrecadas, tomou-as Arão, derreteu o oiro, e feitas suas fórmas segundo a arte, fundiu e fez um bezerro: *Quas cum ille accepisset formavit opere fusorio, fecitque ex eis vitulum conflatilem.* Tanto que appareceu acabada a nova imagem, acclamaram logo todos em presença de Arão, que aquelle era o deus que os tinha livrado do captiveiro

[1] *Exod.*, XXXII, 1.

do Egypto. E por se não mostrar menos religioso o Sacerdote Supremo: *Ædificavit altare coram eo, et præconis voce clamavit, dicens: Cras solemnitas Domini est:* Edificou Arão um altar, poz sobre elle o idolo, e mandou lançar pregão por todos os arraiaes, que no dia seguinte se celebrava a festa do Senhor, chamando Senhor ao bezerro. Ha ainda mais blasphemias e mais indignidades? Ainda. *Surgentesque mane obtulerunt holocausta, et hostias pacificas; et sedit populus manducare, et surrexerunt ludere.* Amanheceu o dia solemnissimo, fizeram os sacerdotes muitos sacrificios, seguiram-se aos sacrificios banquetes, e aos banquetes festas e danças, tudo em honra e louvor do novo deus. Até aqui ao pé da lettra a primeira parte da historia.

Pergunto agora: E se Arão houvesse de confessar este peccado parece-vos que tinha bem que confessar? Pois assim aconteceu. Houve de confessar o seu peccado Arão, confessou-o, mas vêde como o confessou, que é muito para vêr e para aprender. Desceu Moysés do monte no mesmo ponto em que se estavam fazendo as festas; vê o idolo, accende-se em zelo, abomina o caso, argúe a Arão de tudo o succedido: *Quid tibi fecit hic populus, ut induceres super eum peccatum maximum?* Que te fez este pobre povo para o fazeres réo diante de Deus do maior de todos os crimes? Confessou Arão a sua culpa e confessou-a por estes termos. *Tu nosti populum istum, quód pronus sit ad malum:* Vós, Senhor, bem sabeis que este povo é inclinado ao mal: *Dixerunt mihi: Fac nobis Deos, qui præcedant nos:* Disseram-me que lhes fizesse deuses a quem seguissem. Agora vae a confissão. Ide-vos lembrando de tudo o que temos dito. *Quibus ego dixi: Quis vestrum habet aurum? Tulerunt, et dederunt mihi, et projeci illud in ignem egressusque est hic vitulus.* Perguntei quem tinha oiro? Foram'-no buscar e trouxeram-m'o, e eu lancei-o no fogo, e sahiu este bezerro. Ha tal confissão? Ha tal verdade? Ha tal caso no mundo? Vinde cá Arão, estae a contas commigo diante de Deus. Vós não mandastes a todos estes homens (mandado lhe chama o Texto: *Fecit populus, quæ jusserat).* Vós não mandastes a todos estes homens que fossem buscar as arrecadas de oiro de suas mulheres, de suas filhas e de seus filhos, e que lh'as tirassem das orelhas, e vol-as trouxessem? Pois

como agora na confissão dizeis que perguntastes sómente: Quem tinha oiro: *Dixi illis: Quis vestrum habet aurum?* Mais. Vós não tomastes o oiro, não o derretestes, não o fundistes, não formastes e fizestes o bezerro: *Formavit opere fusorio, fecitque vitulum conflatilem?* Pois como dizeis agora na confissão que lançastes o oiro no fogo, e que o idolo se fez a si mesmo, e não vós a elle: *Projeci illud in ignem egressusque est hic vitulus?* Mais ainda. Vós não fabricastes o altar? Não puzestes nelle o idolo? Não lhe dedicastes dia santo? Não lhe chamastes senhor? Não lhe fizestes ou mandastes fazer sacrificios, holocaustos, banquetes, jogos, festas? Pois como na confissão agora callaes tudo isto, e não se vos ouve nem uma só palavra em materias de tanto pezo? Eis aqui como dizem os peccados com as confissões e as confissões com os peccados! E assim confessou os seus o maior ministro ecclesiastico e secular do povo de Deus.

Fallou Arão no que disse, e foi mudo no que callou: *Locutus est mutus.* Mas notae que se fez grande injuria á pureza da confissão no que callou, muito maior injuria lhe fez no que disse pelo modo com que o disse: porque no que callou, callou peccados, no que disse fez de peccados virtudes. Que é o que callou Arão? Callou o altar que levantara ao idolo, a adoração que lhe dera, o nome do senhor com que o honrara, os pregões, o dia solemne, as offertas, os sacrificios, as festas, e sobre tudo abrir a primeira porta, e dar principio ás idolatrias do povo de Israël que duraram com infinitos castigos por mais de dois mil annos. São boas venialidades estas para se callarem na confissão? Pois isto é o que callou Arão. E que é o que confessou, ou como o confessou? O que confessou foi o seu peccado, mas o modo como o confessou foi tão diverso, que sendo o maior peccado parecia a maior virtude. De maneira que se Deus não tivera revelado a Moysés o que se passava, pudéra Moysés por esta confissão de Arão pôl-o no mesmo altar que elle tinha edificado. O que Arão disse a Moysés foram estas palavras formaes: *Dixi illis: Quis vestrum habet aurum; et tulerunt mihi, et projeci illud in ignem.* Pediram-me que lhes fizesse um idolo, perguntei-lhes se tinham oiro? Trouxeram-m'o e eu arremecei-o no fogo. Olhae como referiu a historia! Olhae como despintou a acção! Olhae como enfeitou o peccado! Pe-

dir o oiro para fazer o idolo e derretel-o, e fundil-o, e formal-o, e expol-o para ser adorado, isso não era só concorrer para a idolatria, mas ser auctor e dogmatista della. E isto é o que fez Arão. Pelo contrario pedir o oiro de que o povo cego queria se formasse o idolo, e arremeçal-o no fogo, era pôr o fogo á idolatria, era abrazal-a, era queimal-a, era fazel-a em pó e em cinza. E isto Arão confessou que fizera. Julgae agora se tem muito que confessar similhantes confissões? E se são boas para lançar o demonio fóra da alma, ou para o metter mais dentro. Fallo da confissão de Arão: cada um examine as suas. Se as vossas confissões são como a de Arão, teem muito que condemnar, se são como as do Baptista, teem muito que louvar. Mas eu nem louvo com Marcella, nem condemno com os phariseus, admiro-me sómente com as turbas: *Et admiratæ sunt turbæ.*

III

Supposto pois que ha confissões que merecem ser confessadas, bem será que desçamos com a nossa admiração a fazer um exame particular dellas, para que cada um conheça melhor os defeitos das suas. E para que o exame se accommode ao auditorio, não será das consciencias de todos os estados, senão só dos que tem o Estado á sua conta. Será um confessionario geral de um ministro christão. Os Theologos moraes reduzem ordinariamente este modo de exame a sete titulos: *Quis*, *Quid*, *Ubi*, *Quibus auxiliis*, *Cur*, *Quomodo*, *Quando?* A mesma ordem seguiremos: eu para maior clareza do discurso: vós para maior firmeza da memoria. Deus nos ajude.

Quis? Quem sou eu? Isto se deve perguntar a si mesmo um ministro, ou seja Arão secular, ou seja Arão ecclesiastico. Eu sou um desembargador da casa da supplicação, dos aggravos, do paço. Sou um procurador da corôa. Sou um chanceller-mór. Sou um regedor da justiça. Sou um conselheiro de estado, de guerra, do ultramar, dos tres estados. Sou um vedor da fazenda. Sou um presidente da camara, do paço, da meza da consciencia. Sou um secretario de estado, das mercês, do expediente. Sou um inquisidor. Sou

um deputado. Sou um bispo. Sou um governador de bispado etc. Bem está, já temos o officio: mas o meu escrupulo, ou a minha admiração, não está no officio, senão no *um*. Tendes um só desses officios, ou tendes muitos? Ha sujeitos na nossa côrte que teem logar em tres e quatro, que têm seis, que têm oito, que têm dez officios. Este ministro universal, não pergunto como vive, nem quando vive. Não pergunto como acode a suas obrigações, nem quando acode a ellas. Só pergunto como se confessa? Quando Deus deu fórma ao governo do mundo, poz no céo aquelles dois grandes planetas, o sol e a lua, e deu a cada um delles uma presidencia: ao sol a presidencia do dia: *Luminare majus, ut præesset diei;* [1] e á lua a presidencia da noite: *Luminare minus, ut præesset nocti.* E porque fez Deus esta repartição? Por ventura porque se não quêixasse a lua e as estrellas? Não, porque com o sol ninguem tinha competencia, nem podia ter justa queixa. Pois se o sol tão conhecidamente excedia a tudo quanto havia no céo; porque não proveu Deus nelle ambas as presidencias? Porque lhe não deu ambos os officios? Porque ninguem póde fazer bem dois officios, ainda que seja o mesmo sol. O mesmo sol quando allumia um hemispherio, deixa o outro ás escuras. E que haja de haver homem com dez hemispherios! E que cuide, ou se cuide, que em todos póde allumiar! Não vos admiro a capacidade do talento, a da consciencia sim.

Dir-me-heis (como doutos que deveis ser) que no mesmo tempo em que Deus deu uma só presidencia e um só hemispherio ao sol, deu tres presidencias e tres hemispherios a Adão. Uma presidencia no mar, para que governasse os peixes; outra presidencia no ar, para que governasse as aves; outra presidencia na terra, para que governasse os outros animaes: *Et præsit piscibus maris, et volatilibus cœli, et bestiis, universæque terræ.* [2] E o mesmo é governar a animaes que governar a homens? E o mesmo é o estado da innocencia (em que então estava Adão) e o estado da natureza corrupta e corruptissima em que estamos hoje? Mas quando tudo fôra egual, o exemplo nem faz

[1] *Gen.*, I, 16.
[2] *Gen.*, I, 26.

por vós, nem contra mim. Por vós não; porque naquelle tempo não havia mais que um homem no mundo, e era força que elle tivesse muitos officios. Contra mim não, antes muito por mim; porque Adão com esses officios, bem se vê a boa conta que delles deu. [1] Não eram passadas vinte e quatro horas em que Adão servia os tres officios, quando já tinha perdidos os officios, e perdido o mundo, e perdido a si, e perdidos a nós. [2] Se isto aconteceu a um homem que sahia flammante das mãos de Deus com justiça original, e com sciencia infusa; que será aos que não são tão justos, nem tão scientes, e aos que teem outros originaes, e outras infusões? Não era christão Platão, e mandava na sua Republica, que nenhum official podesse aprender duas artes. E a razão que dava era, porque nenhum homem póde fazer bem dois officios. Se a capacidade humana é tão limitada que para fazer este barrete são necessarios oito homens de artes e officios differentes; um que crie a lã, outro que a tosquie, outro que a carde, outro que a fie, outro que a teça, outro que a tinja, outro que a toze, e outro que a córte e a coza: se nas cidades bem ordenadas, o official que molda o oiro, não póde lavrar a prata, se o que lavra a prata, não póde bater o ferro; se o que bate o ferro, não póde fundir o cobre; se o que funde o cobre, não póde moldar o chumbo, nem tornear o estanho; no governo dos homens, que são metaes com uso de razão, no governo dos homens, que é a arte das artes, como se hão-de ajuntar em um só homem, ou se hão-de confundir nelle tantos officios? Se um mestre com carta de examinação dá má conta de um officio mecanico, um homem (que muitas vezes não chegou a ser obreiro) como ha-de dar boa conta de tantos officios politicos? E que não faça disto consciencia este homem! Que se confesse pela Quaresma, e que continue a servir os mesmos officios, ou servir-se delles depois da Paschoa! Isto me admira!

Em similhantes obrigações se viu mettida uma hora a alma santa; mas vêde como ella confessou a sua insufficiencia, e depoz o seu escrupulo: *Posuc-*

---

[1] *Gen.*, III, 23.

[2] Irenæus, Cyrillus, Epiphanius, Efrem, et communiter Patres.

runt me custodem in vineis; vineam meam non custodivi. [1] Puzeram-me por guarda das vinhas, e eu não guardei a minha vinha. Pois ao menos, alma santa, a vossa vinha por vossa, porque a não guardastes? Porque a quem entregam muitas vinhas não póde guardar nenhuma. Assim o confessa uma alma que se quer salvar. Confessou a sua insufficiencia, e confessa a sua culpa. Se alguem parece que pudera ter desculpa em tal caso, era esta alma, pelo que ella mesma diz: *Posuerunt me.* Puzeram-me. Ainda quando vos puzessem nesses officios, tinheis obrigação de depôr os officios e confessar os erros. E que será quando vós sois o que vos puzestes nelles, o que os pretendestes, o que os buscastes, o que os subornastes, e o que por ventura os tirastes a outrem para os pôr em vós? Moysés (aquelle grão ministro de Deus e da sua Republica) mettendo-lhe o mesmo Deus na mão a vara, e mandando-o que fosse libertar o povo, respondeu: *Quis ego sum, ut vadam ad Pharaonem?* [2] E quem sou eu, Senhor, ou que capacidade ha em mim para essa commissão? *Mitte quem missurus es.* [3] Mandae a quem vos possa servir como convém. Oh ministro verdadeiramente de Deus! Antes de aceitar o cargo representou a insufficiencia; e para que se visse que esta representação era consciencia, e não cortezia, repugnou uma e outra vez, e não aceitou senão depois que Deus lhe deu a Arão por adjunto. Tinha já Moysés muitos annos de governo do povo, muitas cãs, e muita experiencia; tornou a fazer outra proposta a Deus (e quero referir os termos do memorial, para que se veja quão apertados foram). *Non possum solus sustinere omnem hunc populum.* [4] Eu, Senhor, não posso só com o peso do governo deste povo: *Sin aliter tibi videtur, obsecro, ut interficias me et inveniam gratiam in oculis tuis.* E quando vossa Divina Magestade não fôr servido de me alliviar, peço e protesto a vossa Divina Magestade me tire a vida, e receberei nisso muito grande mercê. Não pediu o officio para toda a vida, nem para muitas vi-

[1] *Cant.*, I, 6.
[2] *Exod.*, III, 11.
[3] *Ibid.*, IV, 14.
[4] *Num.*, XI, 14.

das, senão que lhe tirasse a vida, só para não ter o officio; e com muita razão, porque melhor é perder o officio e a vida, que reter o officio e perder a consciencia. E que fez Deus neste caso? Mandou a Moysés que escolhesse setenta anciãos dos mais prudentes e auctorisados do povo; e diz o Texto, que tirou Deus do espirito de Moysés, e repartiu delle por todos os setenta: *Auferens de spiritu, qui erat in Moyse, et dans septuaginta viris.*.[1] Eis aqui quem era aquelle homem que se escusou do officio. De maneira que um homem que vale por setenta homens, não se atreve a servir um só officio! E vós, que vos fará Deus muita mercê que sejaes um homem, atreveis-vos a servir setenta officios! Não louvo, nem condemno; admiro-me com as turbas: *Et admiratæ sunt turbæ.*

IV

Quid? Que? Depois de o ministro examinar, que ministro ou que ministros é; segue-se vêr o que faz. Um dia de Juizo inteiro era necessario para este exame. *Quid?* Que sentenças? Que despachos? Que votos? Que consultas? Que eleições? Mas paremos nesta ultima palavra, que é a de maiores escrupulos, e a que involve commummente todo o *Quid*.

Não me atrevo a fallar nesta materia, senão por uma parabola, e ainda essa não ha-de ser minha, senão do propheta Isaias. Foi um homem ao matto, diz Isaias (ou fosse esculptor de officio, ou imaginario de devoção). Levava o seu machado, ou a sua acha ás costas; e o seu intento era ir buscar um madeiro para fazer um idolo. Olhou para os cedros, para as faias, para os pinhos, para os cyprestes; cortou donde lhe pareceu um tronco, e trouxe-o para casa. Partido o tronco em duas partes, ou em dois cepos, a um destes cepos metteu-lhe o machado e a cunha, fendeu-o em achas, fez fogo com ellas, e aquentou-se, e cozinhou o que havia de comer. O outro cepo pozlhe a regra, lançou-lhe as linhas, desbastou-o, e tomando já o maço e o escopro, já a goiva e o buril,

---

[1] *Num.*, II, 25.

foi-o afeiçoando em fórma humana. Alizou-lhe uma testa, rasgou-lhe uns olhos, afilou-lhe um nariz, abriu-lhe uma bocca, ondeou-lhe uns cabellos ao rosto, foi-lhe seguindo os hombros, os braços, as mãos, o peito, e o resto do corpo até os pés. E feito em tudo uma figura de homem, pôl-o sobre o altar e adorou-o. Pasma Isaias da cegueira deste esculptor; e eu tambem me admiro dos que fazem o que elle fez. Um cepo, conhecido por cepo, feito homem, e posto em logar onde ha-de ser adorado! *Medietatem ejus combussi igni, et de reliquo ejus idolum faciam?* [1] Duas ametades do mesmo tronco, uma ao fogo, outra ao altar! Se são dois cepos, porque os não haveis de tratar ambos como cepos? Mas que um cepo haja de ter a fortuna de cepo, e vá em achas ao fogo; e que o outro cepo, tão madeiro, tão tronco, tão informe, e tão cepo como o outro, o haveis de fazer á força homem, e lhe haveis de dar auctoridade, respeito, adoração, divindade? Dir-me-heis que este segundo cepo, que está muito feito, e que tem partes. Sim, tem; mas as que vós fizestes nelle. Tem bocca, porque vós lhe fizestes bocca; tem olhos, porque vós lhe fizestes olhos; tem mãos e pés, porque vós lhe fizestes pés e mãos. E senão dizei-lhe que ande com esses pés, ou que obre com essas mãos, ou que falle com essa bocca, ou que veja com esses olhos. Pois se tão cepo é agora como era dantes; porque não vae tambem este para o fogo? Ou porque não vem tambem o outro para o altar? Ha quem leve á confissão estas desigualdades? Ha quem se confesse dos que fez, e dos que desfez? A um queimastes, a outro fizestes; e de ambos deveis restituição egualmente. Ao que queimastes deveis restituição do mal que lhe fizestes; ao que fizestes deveis restituição dos males que elle fizer. Fizestes-lhe olhos, não sendo capaz de vêr; restituireis os damnos das suas cegueiras. Fizestes-lhe bocca, não sendo capaz de fallar; restituireis os damnos de suas palavras. Fizestes-lhe mãos, não sendo capaz de obrar; restituireis os damnos das suas omissões. Fizestes-lhe cabeça, não sendo capaz de juizo; restituireis os damnos de seus desgovernos. Eis aqui o encargo de ter feituras. Então prezaes-vos de poder fa-

[1] *Isai.*, XLIV, 19.

zer e desfazer homens? Quanto melhor fôra fazer consciencia dos que fizestes, e dos que desfizestes! Deus tem duas acções que reservou só para si; crear e predestinar. A acção de crear já os poderosos a tem tomado a Deus, fazendo creaturas de nada: a de predestinar tambem lh'a vejo tomada neste caso. Um para o fogo, e outro para o altar Basta que tambem haveis de ter precitos, e predestinados! Se fostes precito, (não sei de quem) fostes mofino, haveis de arder; se fostes seu predestinado, fostes ditoso, haveis de reinar.

E haverá algum destes omnipotentes que se tenha accusado alguma hora deste peccado de predestinação? Accusado não, escusado sim. E por galante modo. Sahiu fulano com tal despacho; sahiu fulano com tal mercê. E o que fez a mercê, e o que fez o despacho, e o que fez o fulano, é o mesmo que isto diz. Se vós o fizestes, para que dizeis que sahiu? O nosso Arão ao pé da lettra. Que fez Arão, e que disse no caso do outro idolo? O que Arão fez foi que fundiu e forjou, e formou o bezerro: *Formavit, fecitque vitulum conflatilem.* [1] E o que o mesmo Arão disse foi que o bezerro sahira: *Egressusque est hic vitulus.* Sahiu. Pois se vós o fizestes, e se vós o fundistes, e se vós o forjastes, e vós o limastes; se é certo que vós pedistes o oiro das arrecadas, ou arrecadastes o oiro que não pedistes; porque dizeis que sahiu? *Egressus est?* Porque assim dizem os que fazem bezerros. São tres as vossas feituras, que vos affrontaes de dizer que vós as fizestes. Mas já que as negaes aos olhos dos homens, porque as não confessareis aos pés de Deus? Pois crêde-me que o bezerro de oiro tem muito mais que confessar que oiro e bezerro. E que tem mais que confessar? Os damnos particulares e publicos que dalli se seguiram. Seguiu-se deste peccado quebrar Moysés as Taboas da Lei escripta pela mão de Deus: *Projecit de manu tabulas, et confregit eas.* [2] Seguiu-se ficar o povo pobre e despojado das suas joias, que eram o preço de quatrocentos annos de serviço seu e de seus antepassados no Egypto: *Spoliaverat enim eum Aaron,*

[1] *Exod.*, XXXII, 4.
[2] *Ibid.*, 19.

et nullum constituerat. [1] Seguiu-se morrerem naquelle dia á espada a mãos de Moysés, e dos Levitas, vinte e tres mil homens: *Ceciderunt que in die illa quasi viginti tria millia hominum.* [2] Seguiu-se deixar Deus o povo, e não o querer acompanhar, nem assistir com sua presença, como até alli fizera: *Non ascendam tecum, quia populus duræ cervicis es.* [3] Seguiu-se querer Deus acabar para sempre o mesmo povo, como sem duvida fizera se as orações de Moysés não aplacaram sua justa ira: *Dimitte me, ut irascatur furor meus, et deleam eos.* [4] Seguiu-se, finalmente, e seguiram-se todos os outros castigos que Deus então lhes ameaçou, e reservou para seu tempo, de que em muitas centenas de annos, e de horrendas calamidades, se não viram livres os hebreus: *Ego autem in die ultionis visitabo et hoc peccatum eorum.* Que vos parecem as consequencias daquelle peccado? Cuidaes que não ha mais que fazer um bezerro? Cuidaes que não ha mais que enthronisar um bruto; ou seja cepo de páu, ou cepo de oiro? As mesmas consequencias se seguem dos indignos que vós fazeis, e pondes nos logares supremos. E senão olhae para ellas. As leis divinas e humanas quebradas; os povos despojados e empobrecidos; as mortes de homens a milhares, uns na guerra por falta de governo, outros na paz por falta de justiça, outros nos hospitaes por falta de cuidado; sobre tudo a ira de Deus provocada; a assistencia de sua protecção desmerecida; as provincias, o reino, e a mesma nação inteira arriscada a uma extrema ruina, que se não fôra pelas orações de alguns justos, já estivera acabada; mas não estão ainda acabados os castigos. E sobre quem carrega o peso de todas estas consequencias? Sobre aquelles que fazem e que sustentam os auctores e causadores dellas: *Ego feci, Ego feram.* [5] Vós o fizestes, vós o pagareis. E que com esta carga ás costas andem tão leves, como andam! Que lhes não pese este peso na consciencia! Que os não morda este escrupulo na

[1] *Exod.*, XXXII, v. 25.
[2] *Exod.*, XXXII 3.
[3] *Ibid.*, XXXIII, 3.
[4] *Ibid.*, XXXII, 9.
[5] *Isai.*, XLVI, 4.

alma! Que os não inquiete, que os não assombre, que os não traga fóra de si esta conta que hão-de dar a Deus! E que sejam christãos! E que se confessem! Mas não condemno nem louvo; admiro-me com as turbas: *Et admiratæ sunt turbæ.*

V

Ubi? Onde? Esta circumstancia, *onde*, tem muito que reparar em toda a parte; mas no reino de Portugal muito mais, porque ainda que os seus *Ubis*, ou os seus *ondes*, dentro em si pódem comprehender-se facilmente, os que tem fóra de si, são os mais diversos, os mais distantes e os mais dilatados de todas as monarchias do mundo. Tantos reinos, tantas nações, tantas provincias, tantas cidades, tantas fortalezas, tantas igrejas cathedraes, tantas particulares na Africa, na Asia, na America, onde põe Portugal vice-reis, onde põe governadores, onde põe generaes, onde põe capitaes, onde põe justiças, onde põe bispos e arcebispos, onde põe todos os outros ministros da fé, da doutrina, das almas. E quanto juizo, quanta verdade, quanta inteireza, quanta consciencia é necessaria para considerar e distribuir bem estes *ondes*; e para vêr onde se põe cada um? Se pondes o cubiçoso onde ha occasião de roubar, e o fraco onde ha occasião de defender, e o infiel onde ha occasião de renegar, e o pobre onde ha occasião de desempobrecer; que ha-de ser das conquistas, e dos que com tanto e tão honrado sangue as ganharam? Oh que os sujeitos, que se põem nestes logares são pessoas de grande qualidade e de grande auctoridade: fidalgos, senhores, titulos! Por isso mais. Os mesmos eccos de uns nomes tão grandes em Portugal, parece que estão dizendo onde se hão-de pôr. Um conde? Onde? Onde obre proezas dignas de seus antepassados: onde dispenda liberalmente o seu com os soldados e benemeritos, onde peleje, onde defenda, onde vença, onde conquiste, onde faça justiça, onde adiante a fé e a christandade; onde se honre a si, e á patria, e ao principe que fez eleição de sua pessoa. E não onde se aproveite e nos arruine; onde se enriqueça a si, e deixe pobre o Estado; onde perca as victo-

rias e venha carregado dos despojos. Este ha-de ser o *Onde: Ubi.*

E quanto este *Onde* fôr mais longe, tanto hão-de ser os sujeitos de maior confiança e de maiores virtudes. Quem ha-de governar e mandar tres, e quatro mil leguas longe do rei, onde em tres annos não póde haver recurso de seus procedimentos, nem ainda noticias; que verdade, que justiça, que fé, que zelo deve ser o seu? Na Parabola dos talentos diz Christo, que os repartiu o rei: *Unicuique secundum propriam virtutem.* [1] A cada um conforme a sua virtude, e que se partiu para outra região dalli muito longe a tomar posse de um reino: *Abiit in regionem longinquam accipere sibi regnum.* [2] Se isto fôra historia, pudera ter succedido assim: mas se não era historia, senão parabola; porque não introduz Christo ao rei, e aos criados dos talentos na mesma terra, senão ao rei em uma região muito longe, e aos criados dos talentos em outra? Porque os criados dos talentos ao longe do rei é que melhor se experimentam; e ao longe do rei é que são mais necessarios. Nos Brazis, nas Angolas, nas Goas, nas Malacas, nos Macáus, onde o rei se conhece só por fama, e se obedece só por nome; ahi são necessarios os criados de maior fé, e os talentos de maiores virtudes. Se em Portugal, se em Lisboa, onde os olhos do rei se vêem e os brados do rei se ouvem, faltam á sua obrigação homens de grandes obrigações, que será *in regionem longinquam?* Que será naquellas regiões remotissimas, onde o rei, onde as leis, onde a justiça, onde a verdade, onde a razão, e onde até o mesmo Deus parece que está longe?

Este é o escrupulo dos que assignalam o *Onde;* e qual será o dos que o aceitam? Que me mandem onde não convem, culpa será (ou desgraça) de quem me manda; mas que eu não repare aonde vou! Ou eu sei aonde vou, ou o não sei. Se o não sei, como vou onde não sei? E se o sei, como vou onde não posso fazer o que devo? Tudo temos em um propheta, não em prophecia, senão em historia. Ia o propheta Habacuc com uma cesta de pão no braço, em que le-

[1] *Math.*, XXV, 15.
[2] *Luc.*, XIX, 12.

vava de comer para os seus segadores, quando lhe sáe ao caminho um anjo, e diz-lhe que leve aquelle comer a Babylonia, e que o dê a Daniel, que estava no lago dos leões. Que vos parece que responderia o propheta neste caso? *Domine, Babylonem non vidi, et lacum nescio.* [1] Senhor, se eu nunca vi Babylonia, nem sei onde está tal lago, como hei-de levar de comer a Daniel ao lago de Babylonia? Eu digo que o propheta respondeu prudente; vós direis que não respondeu bizarro: e segundo os vossos brios assim é. Se os segadores andaram aqui nas lezirias, e o recado se vos déra a vós, como havieis de aceitar sem replica? Como vos havieis de arrojar ao lago, á Babylonia, e aos leões? Avisam-vos para a armada, para capitão de mar e guerra, para almirante, para general; e sendo o lagosinho o mar Oceano, na costa onde elle é mais soberbo, e mais indomito, vêr como vos arrojaes ao lago! Acenam-vos com o governo do Brazil, de Angola, da India; com a embaixada de Roma, de Paris, de Inglaterra, de Hollanda; e sendo estas as Babylonias das quatro partes do mundo, vêr como vos arrojaes á Babylonia! Ha-de-se prover a gineta, a bengala, o bastão para as fronteiras mais empenhadas do reino; e sendo a guerra contra os leões de Hespanha, tanto valor, tanta sciencia, tanto exercicio; vêr como vos arremeçaes aos leões! Se vós não vistes o mar mais que no Téjo; se não vistes o mundo mais que no mappa; se não vistes a guerra mais que nos pannos de Tunis; como vos arrojaes ao governo da guerra, do mar, do mundo?

Mas não é ainda este o mais escandaloso reparo. Habacuc levava no braço a sua cesta de pão; mas elle não reparou no pão, nem na cesta, reparou sómente na Babylonia e no lago: vós ás avessas: na Babylonia e no lago, nenhum reparo; no pão e na cesta, ahi está toda a duvida, toda a difficuldade, toda a demanda. Babylonia, Daniel, lago, leões, tudo isso é mui conforme ao meu espirito, ao meu talento, ao meu valor. Eu irei a Babylonia, eu libertarei a Daniel, eu desqueixarei os leões se fôr necessario: não é essa a difficuldade; mas ha-de ser com as conveniencias de minha casa. Não está a duvida na Ba-

[1] *Dan.*, XIV, 35.

bylonia, está a duvida e a Babylonia na cesta. O pão desta cesta é para os meus segadores; ir e vir a Babylonia, e sustentar a Daniel á custa do meu pão, não é possivel nem justo. Os meus segadores estão no campo, a minha casa fica sem mim, Babylonia está daqui tantos centos de leguas, tudo isto se ha-de compôr primeiro; hão-de-me dar pão para os segadores, e pão para a minha casa, e pão para a ida, e pão para a volta, e para se acaso lá me comer um leão (que só neste caso se suppõe o caso) e por se acaso eu morrer na jornada, esse pão ha-de-me ficar de juro, e quando menos em tres ou quatro vidas. Não é isto assim? O ponto está em encher a cesta, e segurar o pão, e o demais? Succeda o que succeder: confunda-se Babylonia, pereça Daniel, fartem-se os leões, e leve o peccado tudo. Por isso leva tudo o peccado. E quantos peccados vos parece que vão envoltos nesta envolta, de que nem vós nem outros fazem escrupulo? Mas dir-me-heis (se acaso vos quereis salvar): Pois, padre, como me hei-de haver neste caso? Como se houve o propheta. Primeiro escusar, como se elle escusou: e se não valer a escusa, ir como elle foi. E como foi Habacuc? Tomou-o o anjo pelos cabellos, e pôl-o em Babylonia. Se vos não aproveitar uma e outra escusa, ide, mas com anjo, e pelos cabellos; com anjo que vos guie, que vos encaminhe, que vos allumie, que vos guarde, que vos ensine, que vos tenha mão, e ainda assim muito contra vossa vontade; pelos cabellos. Mas que seria se em vez de ir pelos cabellos, fosseis por muito gosto, por muito desejo, e por muita negociação? E em vez de vos levar da mão um anjo, vos levassem da mão dois diabos, um da ambição, outro da cubiça? Se estes dois, espiritos infernaes são os que vos levam a toda a parte onde ides, como não quereis que vos levem ao inferno? E que nestes mesmos caminhos seja uma das alfaias delles o confessor! E que vos confesseis quando ides assim, e quando estaes assim, e quando tornaes assim! Não quero condemnar nem louvar, porque o prometti; mas não posso deixar de me admirar com as turbas: *Et admiratæ sunt turbæ.*

VI

Quibus auxiliis? E com que meios se fazem, e se conseguem todas estas coisas que temos dito? Com um papel, e com muitos papeis: com certidões, com informações, com decretos, com consultas, com despacho, com portarias, com provisões. Não ha coisa mais escrupulosa no mundo que papel e penna. Tres dedos com uma penna na mão, é o officio mais arriscado que tem o governo humano. Aquella Escriptura fatal que appareceu a el-rei Balthazar na parede, diz o Texto que a formavam uns dedos como de mão de homem: *Apparuerunt digiti, manus hominis.* [1] E estes dedos quem os movia? Dizem todos os Interpretes com S. Jeronymo, que os movia um anjo. De maneira que quem escrevia era um anjo, e não tinha de homem mais que tres dedos. Tão puro como isto ha-de ser quem escreve. Tres dedos com uma penna pódem ter muita mão; por isso não hão-de ser mais que dedos. Com estes dedos não ha-de haver mão, não ha-de haver braço, não ha-de haver ouvidos, não ha-de haver bocca, não ha-de haver olhos, não ha-de haver coração, não ha-de haver homem: *Quasi manús hominis.* Não ha-de haver mão para a dadiva, nem braço para o poder, nem ouvidos para a lisonja, nem olhos para o respeito, nem bocca para a promessa, nem coração para o affecto, nem finalmente ha-de haver homem; porque não ha-de haver carne nem sangue. A razão disto é, porque se os dedos não forem muito seguros, com qualquer geito da penna pódem fazer grandes damnos.

Quiz Pharaó destruir e acabar os filhos de Israël no Egypto: e que meio tomou para isso? Mandou chamar as parteiras egyptanas, e encommendou-lhes que quando assistissem ao parto das hebreas, se fosse homem o que nascesse, lhe torcessem o pescoço, e o matassem, sem que ninguem o entendesse. Eis aqui quão occasionado officio é o daquelles em cujas mãos nascem os negocios. O parto dos negocios são as re-

[1] *Dan.*, v, 5.

soluções; e aquelles em cujas mãos nascem estes partos, (ou seja escrevendo ao tribunal, ou seja escrevendo ao principe) são ministros de penna. E é tal o poder, a occasião, e a subtileza deste officio, que com um geito de mão, e com um torcer de penna pódem dar vida, e tirar vida. Com um geito pódem-vos dar com que vivaes, e com outro geito pódem-vos tirar o com que viveis. Vêde se é necessario que tenham muito escrupulosas consciencias estas egyptanas, quando tanto depende dellas a buenadicha dos homens, e não pelas riscas da vossa mão, senão pelos riscos das suas! *Si dormiatis inter medios cleros (hoc est inter medias sortes) pennæ columbæ deargentatæ.* [1] Se estaes duvidoso da vossa sorte, pennas prateadas, diz David. O sentido deste Texto ainda se não sabe ao certo; mas tomado pelo que sôa, terrivel coisa é que a boa ou má sorte de uns, dependa das pennas de outros! E muito mais terrivel ainda, se essas pennas por algum reflexo se poderem pratear ou doirar: *Pennæ columbæ deargentatæ, et posteriora dorsi ejus in pallore auri.* Estas pennas são as que escrevem as sortes, estas as que as tiram e as que as dão, e talvez a boa aos máus, e a má aos bons. Quantos delictos se enfeitam com uma pennada? Quantos merecimentos se apagam com uma risca? Quantas famas se escurecem com um borrão? Para que vejam os que escrevem, de quantos damnos pódem ser causa, se a mão não fôr muito certa, se a penna não fôr muito aparada, se a tinta não fôr muito fina, se a regra não fôr muito direita, se o papel não fôr muito limpo?

Eu não sei como não treme a mão a todos os ministros de penna, e muito mais áquelles que sobre um joelho aos pés do rei recebem os seus oraculos, e os interpretam, e estendem. Elles são os que com um adverbio pódem limitar ou ampliar as fortunas: elles os que com uma cifra pódem adiantar direitos, e atrazar preferencias; elles os que com uma palavra pódem dar ou tirar peso á balança da justiça; elles os que com uma clausula equivoca ou menos clara, pódem deixar duvidoso, e em questão, o que havia de ser certo e effectivo; elles os que com metter ou não met-

[1] *Psalm.*, LXVII, 14.

ter um papel, pódem chegar e introduzir a quem quizerem, e desviar e excluir a quem não quizerem; elles, finalmente, os que dão a ultima fórma ás resoluções soberanas, de que depende o ser ou não ser de tudo. Todas as pennas, como as hervas, teem a sua virtude: mas as que estão mais chegadas á fonte do poder são as que prevalecem sempre a todas as outras. São por officio, ou artificio, como as pennas da aguia, das quaes dizem os naturaes, que postas entre as pennas das outras aves, a todas comem e desfazem. Oiçam estas pennas pelo que teem de reaes, o que dellas diz o Espirito Santo: *In manu Dei potestas terræ, et utilem rectorem suscitabit in tempus super illam. In manu Dei prosperitas hominis, et super faciem Scribæ ponet honorem suum.* [1] Escriba [2] neste logar como notam os Expositores) significa o officio daquelles que junto á pessoa do rei escrevem e distribuem os seus decretos. Assim se chama na Escriptura Saraïs escriba de el-rei David, e Sobna escriba del-rei Ezechias. Diz pois o Espirito Santo: O poder e imperio dos reis está na mão de Deus; porém a honra de Deus pôl-a o mesmo Deus na mão dos que escrevem aos reis: *Et super faciem Scribæ imponet honorem suum.* Póde haver officio mais para gloriar por uma parte, e mais para tremer por todas? Grande credito, e grande confiança argue, que nestas mãos e nestas pennas, ponham os reis a sua honra: mas muito maior credito e muito maior confiança é que diga o mesmo Deus que põe nellas a sua. Quantas emprezas de grande honra de Deus poderam estar muito adiantadas, se estas pennas (sem as quaes se não póde dar passo) as zelaram e assistiram como era justo! E quantas pelo contrario se perdem e se sepultam, ou porque falta o zelo e diligencia, ou porque sobeja o esquecimento e o descuido, quando não seja talvez a opposição!

Do rei, que logo direi, fallava o propheta Malachias debaixo do nome de Sol de justiça, quando disse que nas suas pennas estava a saude do mundo: *Orie-*

---

[1] *Eccles.*, x, 4 e 5.

[2] Cornelius, hic Scribæ vocabantur qui erant proximi à rege, quorum erat nomine regis decreta concipere, scribere, promulgare, conservare.

tur vobis sol justitiæ, et sanitas in pennis ejus. [1] Chama pennas aos raios do sol; porque assim como o sol por meio de seus raios allumia, aquenta, e vivifica a todas as partes da terra; assim o rei (que não póde sahir do seu zodiaco) por meio das pennas que tem junto a si, dá luz, dá calor, e dá vida a todas as partes da monarchia, ainda que ella se estenda fóra de ambos os tropicos, como a do sol, e a nossa: *Et sanitas in pennis ejus.* Se as suas pennas forem sãs, e tão puras como os raios do sol, dellas nascerá todo o bem e felicidade publica. Mas se em vez de serem sãs, forem corruptas, e não como raios do sol, senão como raios; ellas serão a causa de todas as ruinas, e de todas as calamidades. Se perguntardes aos grammaticos, donde se deriva este nome calamidade: *calamitas?* Responder-vos-hão, que de *calamo.* E que quer dizer *calamo?* Quer dizer canna e penna; porque as pennas antigamente faziam-se de certas cannas delgadas. Por signal que diz Plinio, que as melhores do mundo eram as da nossa Lusitania. Esta derivação ainda é mais certa na politica que na grammatica. Se as pennas de que se serve o rei não forem sãs, destes calamos se derivarão todas as calamidades publicas, e serão o veneno, e enfermidade mortal da monarchia, em vez de serem a saude della: *Sanitas in pennis ejus.*

O rei, de que falla neste logar Malachias, é o Rei dos Reis, Christo. E as pennas com que elle deu saude ao mundo, todos sabemos que são as dos quatro Evangelistas: e essas assistidas do Espriito Santo. Para que advirtam os evangelistas dos principes a verdade, a pureza, a inteireza, que devem imitar as suas pennas; e como em tudo se hão-de mover pelo impulso soberano, e em nada por affecto proprio. Se as suas Escripturas as pomos sobre a cabeça como sagradas, seja cada uma dellas um Evangelho humano.

Porém se succedesse alguma vez não ser assim (ou por desattenção das pennas maiores, ou por corrupção das inferiores, de que ellas se ajudam) julguem as consciencias, sobre que carregam estes escrupulos, se teem muito que examinar, e muito que confessar, e muito que restituir em negocios e materias tantas, e

[1] *Malach.*, IV, 2.

de tanto peso! Que possa isto succeder, e que tenha já succedido o propheta Jeremias o affirma: *Vere mendacium operatus est stylus mendax Scribarum.* [1] Ou como lê o Caldaico: *Fecit scriba calamum mendacii ad falsandas scripturas.* E supposto que isto não só é possivel, mas já foi praticado e visto naquelle tempo; bem é que saiba o nosso, quanto bastará para falsificar uma Escriptura. Bastará mudar um nome? Bastará mudar uma palavra? Bastará mudar uma cifra? Digo que muito menos basta. Não é necessario para falsificar uma Escriptura mudar nomes, nem palavras, nem cifras, nem ainda lettras; basta mudar um ponto ou uma virgula.

Perguntam os Controversistas, se assim como na Sagrada Escriptura são de fé as palavras, serão tambem de fé os pontos e virgulas? E respondem que sim; porque os pontos e virgulas determinam o sentido das palavras; e variados os pontos e virgulas tambem o sentido se varia. Pro isso antigamente havia um conselho chamado dos *Masoretas*, cujo officio era conservar incorruptamente em sua pureza a pontuação da Escriptura. Esta é a galanteria mysteriosa daquelle Texto dos Canticos: *Murenulas aureas faciemus tibi, vermiculatas argento.* [2] Diz o Esposo Divino que fará a sua Esposa umas arrecadas de oiro, esmaltadas de prata: e o esmalte (segundo se tira da raiz hebrea) era de pontos e virgulas; porque em logar de *Vermiculatas:* lêem outros: *Punctatas; virgulatas argento.* Mas se as arrecadas eram de oiro porque eram os esmaltes de prata, e formados de pontos e virgulas? Porque as arrecadas são ornamentos das orelhas onde está o sentido da fé: *Fides ex auditu:* [3] e nas palavras de fé, ainda que os pontos e virgulas pareçam de menos consideração (assim como a prata é de menos preço que o oiro) tambem pertencem á fé tanto como as mesmas palavras. As palavras, porque formam a significação: os pontos e virgulas, porque distinguem e determinam o sentido. Exemplo. *Surrexit; non est hic.* [4] Resuscitou; não está aqui.

---

[1] *Jerem.*, VIII, 8.
[2] *Cant.*, I, 11.
[3] *Ad Rom.*, X, 17.
[4] *Marc.*, XVI, 6.

Com estas palavras diz o Evangelista que Christo resuscitou: e com as mesmas (se se mudar a pontuação) póde dizer um herege, que Christo não resuscitou. *Surrexit? Non; est hic.* Resuscitou? Não; está aqui. De maneira que só com trocar pontos e virgulas, com as mesmas palavras se diz, que Christo resuscitou; e é fé: e com as mesmas se diz, que Christo não resuscitou; e é heresia. Vêde quão arriscado officio é o de uma penna na mão. Officio que, com mudar um ponto, ou uma virgula, da heresia póde fazer fé, e da fé póde fazer heresia. Oh que escrupuloso officio!

E se a mudança de um ponto e de uma virgula, póde fazer tantos erros e tantos damnos, que seria se se mudassem palavras? Que seria se se diminuissem palavras? Que seria se se acrescentassem palavras? Torno a dizer. Se a mudança de um ponto e de uma virgula póde ser causa de tantos damnos; que seria se se calassem regras? Que seria se se saltassem capitulos? Que seria se se sepultassem papeis e informações inteiras? E que seria se (em vez de se apresentarem a quem havia de pôr o remedio) se entregassem a quem havia de executar a vingança? Tudo isto póde caber em uma penna; e eu não sei, como póde caber em uma confissão. Pois é certo que se confessam e muitas vezes os que isto fazem; e que não falta quem absolva estas confissões, ou quem se queira condemnar pelas absolver. Mas eu nem absolvo os confessados, nem condemno os confessores; porque só me admiro com as turbas: *Et admiratæ sunt turbæ.*

VII

Cur? Porque? Esta materia dos *porquês* era bem larga; mas vae-nos faltando o tempo, ou vou eu sobejando a elle: e assim neste ponto e nos seguintes usarei mais cortezmente da paciencia, com que ouvis: mas não ha confissão sem penitencia. *Cur?* Porque? De todas estas semrazões que temos referido ou admirado, quaes são as causas? Quaes são os motivos? Quaes são os *porquês?* Não ha coisa no mundo, porque um homem deva ir ao inferno: comtudo nin-

guem vae ao inferno sem seu *porquê*. Que *porquês* são logo estes, que tanto pódem, que tanto cegam, que tanto arrastam, que tanto precipitam aos maiores homens do mundo? Já vejo que a primeira coisa que occorre a todos é o dinheiro. *Cur?* Porque? Por dinheiro que tudo póde; por dinheiro que tudo vence; por dinheiro que tudo acaba. Não nego ao dinheiro os seus poderes, nem quero tirar ao dinheiro os seus escrupulos: mas o meu não é tão vulgar, nem tão grosseiro como este. Não me temo tanto do que se furta, como do que se não furta. Muitos ministros ha no mundo, e em Portugal mais que muitos, que por nenhum caso os peitareis com dinheiro. Mas estes mesmos deixam-se peitar da amisade, deixam-se peitar da recommendação, deixam-se peitar da dependencia, deixam-se peitar do respeito. E não sendo nada disto oiro nem prata, são os *porquês* de toda a injustiça do mundo. A maior semjustiça que se commetteu no mundo foi a que fez Pilatos a Christo, condemnando á morte a mesma Innocencia. E qual foi o *porquê* desta grande injustiça? Peitaram-no? Deram-lhe grandes sommas de dinheiro os principes dos sacerdotes? Não. Um respeito, uma dependencia foi a que condemnou a Christo. *Si hunc dimittis, non es amicus Cæsaris:* [1] Se não condemnaes a este não sois amigo de Cesar. E por não arriscar a amisade e graça do Cesar perdeu a graça e amisade de Deus, não reparando em lhe tirar a vida. Isto fez por este respeito Pilatos: e no mesmo tempo: *Aqua lavit manus suas:* [2] pediu agua, e lavou as mãos. Que importa que as mão de Pilatos estejam lavadas, se a consciencia não está limpa? Que importa que o ministro seja limpo de mãos, se não é limpo de respeitos? A maior peita de todas é o respeito.

Se se puzer em questão qual tem perdido mais consciencias e condemnado mais almas, se o respeito, se o dinheiro? Eu sempre dissera, que o respeito: por duas razões. Primeira, porque as tentações do respeito são mais e maiores que as do dinheiro. São mais, porque o dinheiro é pouco, e os respeitos muitos. São maiores, porque em animos generosos mais facil é des-

[1] *Joan.*, XIX, 12.
[2] *Math.*, XXVII, 24.

presar muito dinheiro, que cortar por um pequeno respeito. Segunda, e principal, porque o que se fez por respeito tem muito mais difficultosa restituição, que o que se fez por dinheiro. Na injustiça que se fez, ou se vendeu por dinheiro (como o dinheiro é coisa que se vê e que se apalpa) o mesmo dinheiro chama pelo escrupulo: o mesmo dinheiro intercede pela restituição. A luz do diamante dá-vos nos olhos; a cadeia tira por vós; o contador lembra-vos a conta; a lamina e o quadro peregrino (ainda que seja com figuras mudas) dá brados á consciencia: mas no que se fez por respeito, por amisade, por dependencia (como estas apprehensões são coisas que se não vêem; como são coisas, que vos não armam a casa, nem se penduram pelas paredes) não tem o escrupulo tantos despertadores que façam lembrança á alma. Sobre tudo se eu vendi a justiça por dinheiro, quando quero restituir (se quero) dou o que me deram, pago o que recebi, desembolso o que embolsei, que não é tão difficultoso. Mas se eu vendi a justiça, ou a dei de graça pelo respeito, haver de restituir sem ter adquirido, haver de pagar sem ter recebido, haver de desembolsar sem ter embolsado, oh que difficuldade tão terrivel! Quem restitue o dinheiro paga com o alheio; quem restitue o respeito ha-de pagar com o proprio: e para o tirar de minha casa, para o arrancar de meus filhos, para o sangrar de minhas veias, oh quanto valor, oh quanta resolução, oh quanto poder da graça divina é necessario! Os Juizes de Samaria [1] por respeito de Jezabel condemnaram innocente a Naboth, e foi-lhe confiscada a vinha para Acab que a desejava. Assim Acab, como os Juizes, deviam restituição da vinha; porque assim elle, como elles, a tinham roubado. E a quem era mais facil esta restituição? A Acab era mais facil, e aos Juizes muito difficultosa, porque Acab restituia a vinha, tendo recebido a vinha: e os Juizes haviam de restituir a vinha, não a tendo recebido. Acab restituia tanto por tanto, porque pagava a vinha pela vinha: os Juizes restituiam tudo por nada, porque haviam de pagar a vinha por um respeito. Quasi estou para vos dizer que se houverdes de vender a alma, seja antes por dinheiro, que

[1] *3.º Liv. dos Reis.*, XXI, 11.

por respeitos; porque ainda que o dinheiro se restitue poucas vezes, os respeitos nunca se restituem. Torne Pilatos.

Entregou Pilatos a Christo; e Judas tambem o entregou. Pilatos: *Tradidit eum voluntati eorum.* [1] Judas: *Quid vultis mihi dare, et ego eum vobis tradam?* [2] Conheceu Pilatos e confessou a innocencia de Christo, e Judas tambem a conheceu e a confessou. Pilatos: *Innocens ego sum á sanguine justi hujus:* [3] Judas: *Peccavi tradens sanguinem Justum.* [4] Fez mais alguma coisa Pilatos? Fez mais alguma coisa Judas? Judas sim, Pilatos não. Judas restituiu o dinheiro, lançando-o no Templo: Pilatos não fez restituição alguma. Pois porque restitue Judas, e porque não restitue Pilatos? Porque Judas entregou a Christo por dinheiro: Pilatos entregou-o por respeitos. As restituições do dinheiro alguma vez se fazem: as dos respeitos nenhuma. E senão dizei-o vós. Fazem-se nesta côrte muitas coisas por respeitos? Não perguntei bem. Faz-se alguma coisa nesta côrte, que não seja por respeitos? Ou nenhuma, ou muito poucas. E ha alguem na vida, ou na morte que faça restituição disto que fez por respeitos? Nem o vemos, nem o ouvimos. Pois como se confessam disto os que o fazem, ou como os absolvem os que os confessam? Se eu estivera no confessionario eu vos prometto que os não houvera de absolver, senão condemnar: mas como estou no pulpito, não absolvo, nem condemno; admiro-me com as turbas: *Et admiratæ sunt turbæ.*

VIII

Quomodo? Por que modo, ou por que modos? Somos entrados no labyrintho mais intrincado das consciencias, que são os modos, as traças, as artes, as invenções de negociar, de entremetter, de insinuar, de persuadir, de negar, de annullar, de provar, de

[1] *Luc.*, XXIII, 25.
[2] *Math.*, XXVI, 15.
[3] *Ibid.*, XXVII, 24.
[4] *Ibid.*, 4.

desviar, de encontrar, de preferir, de prevalecer; finalmente de conseguir para si, ou alcançar para outrem tudo quanto deixamos dito. Para eu me admirar, e nos assombrarmos todos do artificio e subtileza do engenho, ou do engano com que estes modos se fiam, com que estes teares se armam, com que estes enredos se tramam, com que estas negociações se tecem, não nos serão necessarias as teias de Penelope, nem as fabulas de Ariadne, porque nas Historias Sagradas temos uma tal tecedeira, que na casa de um pastor honrado nos mostrará quanto disto se tece na côrte mais côrte do mundo.

O maior morgado que houve no mundo foi o de Jacob, em que succedeu Christo: *Regnabit in domo Jacob.* [1] Sobre este morgado pleitearam desde o ventre da mãe os dois irmãos, Jacob e Esaü. Esaü tinha por si todo o direito, tinha por si a natureza e a edade, tinha por si o talento e o merecimento, tinha por si o favor, o amôr, a vontade, e o decreto e a promessa do pai, que lhe havia de dar a benção, ou a investidura. De maneira que de irmão a irmão, de homem a homem, e de favorecido a favorecido, tudo estava da parte de Esaü e contra Jacob. Tinha da sua parte Esaü a edade e a natureza, porque ainda que eram gemeos, e batalharam no ventre da mãe sobre o logar, Esaü nasceu primeiro. Tinha mais da sua parte Esaü o talento e o valor, porque era forte, robusto, valente, animoso, inclinado ao campo e ás armas: e que com a aljava pendente do hombro, e o arco e settas na mão, se fazia temer do leão no monte, do urso e javali no bosque. Pelo contrario Jacob: *Habitabat in tabernaculis.* [2] Nunca sahia do estrado da mãi: mais para a almofada, que para a lança: mais para as bainhas, que para a espada. Finalmente Esaü tinha da sua parte o favor, o amôr, e o agrado, porque era as delicias da velhice de Isaac seu pai, a quem elle sabia mui bem merecer a vontade; porque quando vinha do campo, ou da montaria, com a caça miuda lhe fazia o prato, e da maior enramada lhe dedicava os despojos. Este era Esaü, este era o competidor de Jacob, este era o seu direito, estes eram os seus ser-

[1] *Luc.*, I, 32.
[2] *Gen.*, XXV, 27.

viços, este era o seu merecimento, estas eram as vantagens com que a natureza e a graça o tinham feito herdeiro sem controversia da casa de Isaac. E comtudo (quem tal cuidára)? Jacob foi o que venceu a demanda, Jacob o que levou a benção, Jacob o que ficou com o morgado. Pois se o morgado por lei da natureza se deve ao primogenito, e Esaü nasceu primeiro: se o primeiro logar por lei da razão se deve ao de melhor talento; e o talento e valor de Esaü era tão avantajado: se a vantagem e a maioria do premio por lei de justiça se deve ao maior merecimento: e os serviços de Esaü eram tão conhecidamente maiores, e sem competencia: se finalmente a benção, e a investidura do morgado dependia do pai, e o pai era tão affeiçoado a Esaü e lh'o tinha promettido, e com effeito lh'o queria dar: como foi possivel que prevalecesse Jacob sem direito, Jacob sem talento, Jacob sem serviços, Jacob sem favor? Porque tudo isto póde a traça, a arte, a manha, o engano, o enredo, a negociação.

Naquelle mesmo dia tinha determinado Isaac de dar a benção a Esaü: e porque esta solemnidade havia de ser sobremeza, quiz o bom velho, para mais sazonar o gosto, que se lhe fizesse um guisado do que matasse na caça o mesmo filho. Parte ao campo alegre e alvoroçado Esaü; porém Rebecca, que queria o morgado para Jacob, a quem mais amava, aproveitando-se da ausencia do irmão, e da cegueira do pai, já sabeis o que traçou. Manda a Jacob ao rebanho: vem cabritos em vez de lebres; da carne faz o guisado; das pelles guisa o engano: e vestido Jacob das roupas de Esaü, e calçado (que é mais) de mãos tambem de Esaü, apparece em presença do cego pai, e põe-lhe o prato diante. Perguntou Isaac quem era? E respondeu mui bem ensaiado Jacob, que era seu primogenito Esaü. Admirou-se de que tão depressa pudesse ter achado a caça; e respondeu com singeleza santa, que fôra vontade de Deus. E com estas duas respostas, depois de lhe tentar as mãos, lhe lançou Isaac a benção, e ficou o bemdito Jacob com o morgado e casa de seu pai, e Esaü com o que tivesse no cinto. Ha tal engano? Ha tal fingimento? Ha tal crueldade? Pois estes são os modos de negociar e vencer. Sete enganos fingiu Rebecca para tirar a casa a cuja era. Fingiu o nome a Jacob, porque disse

que era Esaü. Fingiu-lhe a edade, porque disse que era o primogenito. Fingiu-lhe os vestidos, porque eram os do irmão. Fingiu-lhe as mãos, porque a pelle e o pello era das luvas. Fingiu-lhe o guisado, porque era do rebanho, e não do mato. Fingiu a diligencia, porque Jacob não tinha ido á caça. E para que nem a Summa Verdade ficasse fóra do fingimento, fingiu que fóra vontade de Deus, sendo duas vontades de Rebecca: uma, com que queria a Jacob; e outra, com que desqueria a Esaü. E com nome fingido, com edade fingida, com vestidos fingidos, com mãos fingidas, com obras e serviços fingidos, e até com Deus fingido, se tirou o direito, a justiça, a fazenda, a honra, a successão, a quem a tinha dado o nascimento uma vez, e o merecimento muitas.

Parece-vos grande semrazão esta? Tendes muita razão. Mas esta tragedia que uma vez se ensaiou em Hebron, quantas vezes se representa na nossa côrte? Quantas vezes com nomes suppostos, com merecimentos fingidos, e com abonações falsificadas, se roubam os premios ao benemerito, e triumpha com elles o indigno? Quantas vezes rende mais a Jacob a sua Rebecca, que a Esaü o seu arco? Quantas vezes alcança mais Jacob com as luvas calçadas, que Esaü com as armas nas mãos? Se no ocio da paz se medra mais que nos trabalhos da guerra, quem não ha-de trocar os sóes da campanha, pela sombra destas paredes? Não o experimentou assim David, e mais servia a um rei injusto e inimigo. David serviu em palacio, e serviu na guerra: em palacio com a harpa, na guerra com a funda. E onde lhe foi melhor? Em palacio medrou tão pouco, que da harpa tornou ao cajado; na guerra montou tanto, que da funda subiu á corôa. Se se visse que David crescia mais á sombra das paredes de palacio, que com o sol da campanha: se se visse que medrava mais lisongeando as orelhas com a harpa, que defendendo e honrando o rei com a funda: se se visse que merecia mais galanteando a Micol, que servindo a Saül; não seria uma grande injustiça, e um escandalo mais que grande? Pois isto é o que padecem os Esaüs nas preferencias dos Jacobs.

Mas eu não me queixo tanto de Jacob e de Rebecca, que fizeram o engano, quanto de Isaac, que o não desfez depois de conhecido. Que Esaü padeça, Jacob possua, Rebecca triumphe, e que Isaac dissimule!

Que esteja tão poderosa a arte de furtar bençãos, que tire Jacob a benção da algiberia de Esaü, não só depois de promettida e decretada, senão depois de firmada e passada pela chancellaria! E que haja tanta paciencia em Isaac, que lhe não troque a benção em maldição! O mesmo Jacob o temeu assim. Quando a mãe o quiz metter nestes enredos, disse elle que temia que seu pai descobrisse o engano; e que em logar da benção lhe deitaria alguma maldição: *Timeo ne putet me sibi voluisse illudere, et inducam super me maledictionem pro benedictione.* [1] Mas Rebecca não fez caso deste reparo, porque conhecia bem a Isaac, e sabia que não tinha o velho cólera para tanto. Se Isaac tivera outro valor, a benção se restituira a Esaü, e Rebecca sentira o fingimento, e Jacob amargara o engano. Mas nem Isaac era pai para aquelle Jacob, nem marido para aquella Rebecca. E que Esaü fique privado do seu morgado para sempre; e que nem Rebecca que lh'o tira, nem Jacob que lh'o possue, nem Isaac que lh'o consente, façam escrupulo deste caso! Doutores ha que condemnam tudo isto; e outros ha que o escusam. Eu não escuso nem condemno; admiro-me com as turbas: *Et admiratæ sunt turbæ.*

IX

Quando? Esta é a ultima circumstancia do nosso exame. E quando acabaria eu, se houvera de seguir até o cabo este *quando?* Quando fazem os ministros o que fazem? E quando fazem o que devem fazer? Quando respondem? Quando deferem? Quando despacham? Quando ouvem? Que até para uma audiencia são necessarios muitos *quandos*. Se fazer-se hoje o que se pudera fazer hontem: se fazer-se ámanhã o que se devera fazer hoje, é materia em um reino de tantos escrupulos, e de damnos muitas vezes irremediaveis; aquelles *quandos* tão dilatados: aquelles *quandos* tão desattendidos; aquelles *quandos* tão eternos, quanto devem inquietar a consciencia de quem tiver consciencia!

---

[1] *Gen.*, XXVII, 12.

Antigamente na republica hebrea (e em muitas outras) os tribunaes e os ministros estavam ás portas das cidades. Isso quer dizer nos Proverbios: *Nobilis in portis vir ejus, quando sederit cum senatoribus terræ.* [1] Para qualificar a nobreza do marido da mulher forte, diz que tinha assento nas portas com os senadores e conselheiros da terra. A isto alludiu tambem Christo, quando disse da Igreja que fundava em S. Pedro: *Portæ inferi non prævalebunt adversus eam:* [2] Que as portas do inferno não prevaleceriam contra ella; entendendo por portas do inferno os conselhos do inferno, porque os conselhos, os ministros, os tribunaes, tudo costumava estar ás portas das cidades. Mas que razão tiveram aquelles legisladores para situarem este logar aos tribunaes, e para pôrem ás portas das cidades os seus ministros? Varias razões apontam os historiadores e politicos; mas a principal em que todos convém, era a brevidade do despacho. Vinha o lavrador, vinha o soldado, vinha o estrangeiro com a sua demanda, com a sua pretenção, com o seu requerimento; e sem entrar na cidade, voltava respondido no mesmo dia para sua casa. De sorte que estavam tão promptos aquelles ministros, que nem ainda dentro na cidade estavam, para que os requerentes não tivessem o trabalho, nem a despeza, nem a dilação de entrarem dentro. Não saibam os requerentes a differença daquella era á nossa, para que se não lastimem mais. Antigamente estavam os ministros ás portas das cidades; agora estão as cidades ás portas dos ministros. Tanto coche, tanta liteira, tanto cavallo: (que os de a pé não fazem conto, nem delles se faz conta) as portas, os pateos, as ruas rebentando de gente, e o ministro encantado, sem se saber se está em casa, ou se o ha no mundo: sendo necessaria muita valia, só para alcançar de um criado a revelação deste mysterio. Uns batem, outros não se atrevem a bater; todos a esperar, e todos a desesperar. Sáe finalmente o ministro quatro horas depois do sol, apparece e desapparece de corrida; olham os requerentes para o céo, e uns para os outros; aparta-se desconsolada a cidade, que esperava

[1] *Prov.*, XXXI, 23.
[2] *Math.*, XVI, 18.

junta. E quando haverá outro *quando?* E que vivam e obrem com esta inhumanidade homens que se confessam, quando procediam com tanta razão homens sem Fé, nem Sacramento! Aquelles ministros, ainda quando despachavam mal os seus requerentes, faziam-lhes tres mercês. Poupavam-lhes o tempo, poupavam-lhes o dinheiro, poupavam-lhes as passadas. Os nossos ministros, ainda quando vos despacham bem, fazem-vos os mesmos tres damnos. O do dinheiro, porque o gastaes; o do tempo, porque o perdeis; o das passadas, porque as multiplicaes. E estas passadas, e este tempo, e este dinheiro quem o ha-de restituir? Quem ha-de restituir o dinheiro a quem gasta o dinheiro que não tem? Quem ha-de restituir as passadas a quem dá as passadas que não póde? Quem ha-de restituir o tempo a quem perde o tempo que havia mister? Oh tempo tão precioso e tão perdido! Dilata o julgador oito mezes a demanda que se pudera concluir em oito dias; dilata o ministro oito annos o requerimento que se devêra acabar em oito horas. E o sangue do soldado, as lagrimas do orphão, a pobreza da viuva, a afflicção, a confusão, a desesperação de tantos miseraveis? Christo disse que o que se faz a estes, se faz a elle. E em ninguem melhor que nelle se pódem vêr os effeitos terriveis de uma dilação.

Tres horas requereu Christo no Horto. Nestas tres horas fez tres petições sobre a mesma proposta: a nenhuma dellas foi respondido. E como o sentiu, ou que lhe succedeu? Foi tal a sua dôr, a sua afflicção, a sua agonia, que chegou a suar sangue por todas as veias: *Factus est sudor ejus, sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram.* [1] Toda a vida de Christo em trinta e tres annos foi um continuo exercicio de heroica paciencia; mas nenhum trabalho lhe fez suar gottas de sangue senão este de requerer uma, outra, e tres vezes, sem ser respondido. Se tres horas de requerimento sem resposta fazem suar sangue a um Homem Deus, tantos annos de requerimentos e de repulsas, que effeitos causarão em um homem homem: e tanto mais quanto fôr mais homem? O requerimento de Christo: *Pater si possibile est,* [2] supposto o de-

[1] *Luc.*, XXII, 44.
[2] *Math.*, XXVI, 39.

creto do Padre, e a presciencia do mesmo Christo, era de materia não possivel. E se não ser respondido a um impossivel custa tanto; não ser respondido no que talvez se faz a todos, quanto lastimará? O que mais se deve sentir nestas desattenções dos que teem officio de responder, são os damnos publicos que dellas se seguem. Não estivera melhor á republica, que o sangue que se sua no requerimento se derramára na campanha? Pois isso mesmo succedeu neste caso. Se Christo não suára sangue no Horto, havia de derramar mais sangue no Calvario; porque havia de derramar o sangue que derramou, e mais o que tinha suado. Se no requerimento se esgottarem as veias, a quem ha-de ficar sangue para a batalha? Nem fica sangue, nem fica brio, nem fica gosto, nem fica vontade; tudo aqui se perde. Começou Christo a orar, ou a requerer no Horto, e começou juntamente, a que? A enfastiar-se, a temer, a entristecer-se: *Cœpit pavere, et tædere, contristari, et mœstus esse.* [1] O mesmo acontece na côrte ao mais valoroso capitão, ao mais brioso soldado. Vae um soldado servir na guerra, e leva tres coisas. Leva vontade, leva animo, leva alegria. Torna da guerra a requerer, e todas estas tres coisas se lhe trocam. A vontade troca-se em fastio: *Tædere.* O animo troca-se em temôr: *Pavere.* A alegria troca-se em tristeza: *Et mœstus esse.* E quem tem a culpa de toda esta mudança tão damnosa ao bem publico? As dilações, as suspensões, as irresoluções, o hoje, o ámanhã, o outro dia, o nunca dos vossos *quandos.* E faz consciencia destes damnos algum dos causadores delles? Pois saibam (ainda que o não queiram saber) e desenganem-se (ainda que se queiram enganar) que a restituição que devem, não é só uma, senão dobrada. Uma restituição ao particular, e outra restituição á republica. Ao particular, porque serviu; á republica, porque não terá quem a sirva. Dir-me-heis que não ha com que despachar, e com que premiar a tantos. Por essa escusa esperava. Primeiramente elles dizem, que ha para quem quereis, e não ha para quem não quereis. Eu não digo isso, porque o não creio; mas se não ha com que, porque lhes não dizeis que não ha? Porque os trazeis suspensos?

[1] *Marc.*, XIV, 33; *Math.*, XXVI, 37.

Porque os trazeis enganados? Porque os trazeis consumidos, e consumindo-se? Esta pergunta não tem resposta; porque ainda que pareça meio de não desconsolar os pretendentes, muito mais os desconsola a dilação e a suspensão, do que os havia de desconsolar o desengano. No mesmo passo o temos.

Estando Christo na maior afflicção do seu requerimento, desceu um anjo do céo a confortal-o: *Apparuit illi angelus de cœlo confortans eum.* [1] E em que consistiu o conforto, se a resposta foi que bebesse o calix, contra o que Christo pedia? Nisso mesmo esteve o conforto; porque ainda que lhe não responderam com o despacho, responderam-lhe com o desengano. Vêde quanto melhor é desenganar aos homens, que dilatal-os e suspendel-os. A dilação e a suspensão para Christo era agonia: o desengano foi alento. A dilação sem despacho são dois males: o desengano sem dilação, é um mal temperado com um bem; porque se me não daes o que peço, ao menos livraes-me do que padeço. Livraes-me da suspensão, livraes-me do cuidado, livraes-me do engano, livraes-me da ausencia de minha casa, livraes-me da côrte, e das despezas della, livraes-me do nome, e das indignidades de requerente, livraes-me do vosso tribunal, livraes-me das vossas escadas, livraes-me dos vossos criados, em fim, livraes-me de vós. E é pouco? Pois se com um desengano dado a tempo os homens ficam menos queixosos, o governo mais reputado, o rei mais amado, e o reino mais bem servido, porque se ha-de entreter, porque se ha-de dilatar, porque se não ha-de desenganar o pobre pretendente, que tanto mais o empobreceis, quanto mais o dilataes? Se não ha cabedal de fazenda para o despacho, não haverá um *não* de tres lettras para o desengano? Será melhor que elle se desengane depois de perdido? E que seja o vosso engano a causa de se perder? Quereis que se cuide que o sustentaes na falsa esperança, porque são mais rendosos os que esperam que os desenganados? Se lhe não podeis dar o que lhe negaes, quem lhe ha-de restituir o que lhe perdeis? Oh restituições! oh consciencias! oh almas! oh exames! oh confissões!

---

[1] *Luc.*, XXII, 43.

Seja a ultima admiração esta, pois não louvo, nem condemno, e só me admiro com as turbas: *Et admiratæ sunt turbæ.*

X

De todo este discurso se colhe (se eu me não engano) com evidencia, que ha muitos escrupulos do mundo, de que se faz pouco escrupulo: que ha confissões, em que falla o mudo e não sáe o demonio, e que supposta a obrigação de se confessarem todos os peccados, se devem tambem confessar estas confissões. Grande mal é não sarar com os remedios; mas adoecer dos remedios, ainda é mal maior. E quando se adoece dos remedios, que remedio? O remedio é curar-se um homem dos remedios, assim como se cura das enfermidades. Este é o caso em que estamos. O remedio do peccado é a confissão: mas se as minhas confissões em logar de me tirarem os peccados, por minha desgraça m'os acrescentam mais, não ha outro remedio senão dobrar o remedio sobre si mesmo, e confessar as confissões, assim como se confessam os peccados. Daquelles que tornam a recahir nos peccados passados, dizia Tertulliano, que faziam penitencia da penitencia e que se arrependiam do arrependimento. Se os máus se arrependem dos arrependimentos, os que devem e querem ser bons, porque se não confessarão das confissões? Uns o devem fazer pela certeza, outros o deverão fazer pela duvida, e todos é bem que o façam pela maior segurança.

Para que esta confissão das confisões sáia tal que não seja necessario tornar a ser confessada, devemos seguir em tudo o exemplo presente de Christo, na expulsão deste diabo mudo. Primeiramente: *Erat ejiciens.* [1] Todos os outros milagres fazia-os Christo em um instante: este de lançar fóra o demonio não o fez em instante, nem com essa pressa, senão devagar e em tempo. E' necessario primeiro que tudo, a quem houver de reconfessar as suas confissões, tomar tem-

[1] *Luc.*, XI, 14.

po competente, livre e desembargado de todos os outros cuidados, para o occupar só neste, pois é o maior de todos. *Cum accepero tempus, ego justitias judicabo.* [1] Eu tomarei tempo, diz Deus, para julgar as justiças. Se Deus para examinar e julgar as consciencias dos que governam, diz que ha-de tomar tempo; como poderão os mesmos que governam julgar as suas consciencias, e examinar os seus exames, se não tomarem tempo para isso? Dirá algum que é tão occupado que não tem esse tempo. E ha tempo para o jogo? E ha tempo para a quinta? E ha tempo para a conversação? E ha tempo e tantos tempos para outros divertimentos de tão pouca importancia, e só para a confissão não ha tempo? Se não houver outro tempo, tome-se o do officio, tome-se o do tribunal, tome-se o do conselho. O tempo que se toma para fazer melhor o officio, não se tira ao officio. Mas para acurtar de razões, pergunto: Se agora vos déra a febre maligna (como póde dar) havieis de cortar por tudo para acudir á vossa alma, para tratar de vossa consciencia? Sim. Pois o que havia de fazer a febre, porque o não fará a razão? O que havia de fazer o medo, e a falsa contrição na enfermidade, porque o não fará a verdadeira resolução na saude?

Tomado o tempo (e tomado a qualquer força e qualquer preço) segue-se a eleição do confessor. Quem aqui obrou o milagre foi Christo: *Erat Jesus ejiciens dæmonium.* [2] O confessor está em logar de Christo, e quem ha-de estar em logar de Deus Homem, é necessario que seja muito homem, e que tenha muito de Deus. *Non confundaris confiteri peccata, et ne subjicias te omni homini pro peccato.* [3] Não vos corraes de confessar os vossos peccados, (diz o Espirito Santo) mas adverti que na confissão delles não vos sujeiteis a qualquer homem. Se a saude do corpo (que alfim é mortal e ha-de acabar) a não fiaes de qualquer medico, a saude da alma, de que depende a eternidade, porque a haveis de fiar de qualquer confessor? Indouto, claro está que não deve ser, mas não basta só que seja douto, senão douto e timorato. Confessor que saiba guiar a vossa alma, e que tema perder a

[1] *Psal.*, LXXIV, 3.
[2] *Luc.*, XI, 14.
[3] *Eccles.*, IV, 31.

sua. Confessou Judas o seu peccado aos principes dos sacerdotes: *Peccavi tradens sanguinem justum.* [1] E elles que lhe responderam? *Quid ad nos? Tu videris:* E a nós que se nos dá disso? Lá te havém. Vêde que sacerdotes, que nem se lhes dava da sua consciencia, nem da do penitente que se lhes ia confessar! Haveis de escolher confessor que se lhe dê tanto da vossa consciencia, como da sua. E basta que seja douto e timorato? Não basta. Ha-de ser douto, e timorato, e de valor. E' tal a fraqueza humana, que até no tribunal de Christo se olha para os grandes, como grandes, e se lhes guardam respeitos, quando se lhes não faça lisonja. Andando Filippe II á caça, foi-lhe necessario sangrar-se logo, e chamaram o sangrador de uma aldeia, porque não havia outro. Perguntou-lhe o rei, se sabia a quem havia de sangrar? Respondeu: sim; a um homem. Estimou o grande rei este homem, como merecia, e serviu-se delle d'alli em diante. Com similhantes homens se hão-de curar no corpo e na alma os grandes homens. Com homens que sangrem a um rei, como a um homem.

Posto aos pés deste homem, e nelle aos pés de Deus, falle o mudo com tal verdade, com tal inteireza, e com tal distincção do que confessou, ou não confessou: dos propositos que teve, ou não teve; da satisfação que fez, ou deixou de fazer; que de uma vez, e por uma vez acabe de sahir o demonio fóra. E seja com tão viva detestação de todos os peccados passados, com tão firme resolução da emenda de todos elles, e com tão verdadeira e intima dôr de haver offendido a um Deus infinitamente amavel e sobre todas as coisas amado, que não só sáia o demonio para sempre, e para nunca mais tornar, mas que já esteja lançado da alma, quando fallar o mudo: *Et cum ejecisset dæmonium, locutus est mutus.*

[1] *Math.*, XXVII, 4.

SERMÃO

DA

Terceira Quarta Feira da Quaresma

Prégado na Capella Real, no Anno de 1651

Dic ut sedeant hi duo filii mei, unus ad dexteram tuam, et unus ad sinistram, in regno tuo. [1]

I

Esta foi a petição da mãi dos Zebedeus a Christo, tantas vezes ouvida neste real auditorio, como variamente ponderada deste sagrado logar. Mas porque o Soberano Senhor respondeu aos filhos, para que o entendesse a mãi, eu determino hoje responder á mãi, para que me entendam os filhos, e os que não são filhos tambem. Com uma só hei-de fallar; mas para todos hei-de dizer. E porque seria impropriedade allegar a Maria Salomé, ou Escriptura, ou exemplo, ou auctor, que não fosse daquelle tempo; resumindo-me ao mesmo dia em que foi feita esta petição (que, segundo a chronologia mais certa, foi o decimo ou nono dia antes da Paixão de Christo), de tudo o mais quanto succedeu, e se disse no mundo desde então até o presente, me não aproveitarei em uma só palavra. De grandes thesouros das Escripturas, de grandes parallelos de exemplos, de grandes auctoridades e sentenças, assim sagradas como profanas, me privo; mas espero que nos não farão falta. Começando pois a fallar com a mãe dos Zebedeus, o que lhe digo (ou dissera) é desta maneira:

[1] *Math.*, XX.

II

Visto, senhora, este vosso memorial (o qual considero, antes que se presentasse a Christo) posto que eu não tenha auctoridade para o emendar, nem ainda confiança para o arguir; a muita devoção que professo com vossos filhos, e o grande respeito que por elles, e por vossa veneravel pessoa vos é devido, excita, persuade, e ainda obriga o meu zelo, a que repare e advirta, por vos servir, o que nesta petição me faz duvida. E para que seja com distincção, clareza e brevidade, examinando uma por uma todas as palavras della, direi sobre cada uma, o que eu noto, mas não condemno, posto que outros o pódem estranhar.

A primeira coisa, pois, em que a minha consideração repara neste memorial, é a primeira palavra delle: *Dic: Dizei.* Não é este o estylo por onde começam, nem devem começar as petições. As petições começam por *Diz*, e não por *Dizei.* Mas como vós, Salomé, sois mãi do valido, parece-me que o valimento vos dictou a petição. Os outros nas suas petições começam: *Diz Fulano:* os validos não dizem, *Diz:* dizem, *Dizei.* Tal estylo de pedir não é pedir, é ensinar ou mandar. O principe que assim despacha, não concede, obedece; não dá a mercê, dá a lição: Christo é Mestre e Senhor: *Vós vocatis me Magister, et Domine;* [1] e nem como Senhor deve ser mandado, nem como Mestre ensinado.

Se o que pedis, que diga: *Dic:* é que os vossos dois filhos tenham os dois logares do lado; como quereis que vos despache Christo logo, e em uma palavra? Tão leve negocio é a eleição de um primeiro ministro, e muito mais a de dois ministros, ambos primeiros, que por uma simples petição, sem mais consulta nem conselho, se haja de conceder? Se o pedira todo o reino, ainda havia muito que duvidar; porque não cuidassem os vassallos, que juntos nem divididos podiam ter acção ou impulso nas resoluções soberanas. Quanto mais que similhantes lugares não se

[1] *Joan.*, XIII, 15.

dão a quem os deseja e os pede; antes quando os desejam, então começam a os desmerecer, e quando se atrevem a os pedir, então os desmerecem de todo. O pedir e o despedir em taes casos hão-de ser correlativos. Oh quanto melhor tiveram negociado os vossos dois pretendentes, se quando Christo os estremava dos outros, para lhes fiar os casos de maior importancia, elles se retirassem com modestia, e com discreta resistencia se escusassem! Quando Moysés se escusou de primeiro ministro de Deus sobre o Egypto, então o levantou Deus ao seu lado, e lhe delegou o seu poder, e mais o seu nome: *Constitui te Deum Pharaonis.* [1]

Eu bem sei que esta pequena palavra *Dic*, encerra em tres lettras todo o poder das tres Pessoas Divinas, uma das quaes é Christo. Por isso o mais bem entendido de todos os anjos, quando quiz provar se o mesmo Christo era Filho de Deus, o fez com a mesma palavra: *Si Filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant.* [2] Mas ainda que Christo com um *Dic* podia fazer das pedras pão, e, o que é mais, Filhos de Abrahão; para fazer homens, de quem ha-de fiar a superintendencia do mundo, nunca elle usou, nem usará jámais só de palavras. Não são estas as feituras que se fazem com um *Dic*, ainda que seja Deus o que o faça. O sol, a lua, as estrellas, as plantas, os animaes do ar, do mar e da terra, fel-os Deus, dizendo: *Ipse dixit, et facta sunt.* [3] Mas quando veiu a fazer o homem, que havia de ter o manejo de todas essas creaturas, primeiro o decretou Deus com grande conselho, e não disse: *Digamos*, senão, *Façamos: Faciamus hominem ad imaginem, et similitudinem nostram, et præsit.* [4] Não se fazem assim ministros tamanhos. Ha-os de fazer quem os faz, e elles tambem se hão-de fazer para serem feitos. Bem lembrada estareis, senhora, daquelle mais fausto dia que nunca amanheceu á vossa casa, quando Christo elegeu e chamou para seu serviço estes mesmos vossos filhos: e que é o que lhes disse então? *Faciam vos fieri piscatores homi-*

---

[1] *Exod.*, VII, 1.
[2] *Math.*, IV, 3.
[3] *Psal.*, CXLVIII, 5.
[4] *Gen.*, I, 26.

num: [1] Farei que vos façaes pescadores de homens. Se é necessario que Christo faça muito nelles, e elles façam muito em si, para passarem de pescadores; para subirem aos logares supremos que lhes pretendeis, como quereis que seja com um *Dic?*

Mas caso negado, que Christo dissesse o que vós pedis que diga; que havia de dizer o mundo? Não sabeis que Christo é um Senhor, que em quanto Deus, e em quanto Homem, sempre fez grande caso do *que dirão?* Em quanto Deus, com isto lhe atavam as mãos os prophetas, ainda nos mais justificados castigos: *Nequando dicant gentes:* [2] *Ne quæso dicant Ægyptii.* [3] Em quanto Homem, vossos mesmos filhos lhe ouviram perguntar: *Quem dicunt homines esse Filium hominis:* E logo: *Vos autem quem me esse dicitis.* [4] Porque não só lhe dava cuidado o que dizia o mundo por fóra, senão tambem os discipulos dentro da sua mesma escola. Como não reparaes logo muito no que se dirá da Pessoa, e governo de Christo, se elle disser o que vós quereis que diga: *Dic?* Das portas a dentro, que dirá Pedro, a quem já estão promettidas as chaves? Que dirão as cãs de André? Que dirá a renuncia de Matheus? Que dirá o zelo de Simão? Que dirá o sangue real de Bartholomeu? Que dirá a santidade do outro Jacobo, a quem só é licito entrar no *Sancta Sanctorum?* E que dirá o desapego e desinteresse de Philippe, a quem para si, e para todos, basta só a vista do Padre? E se isto se póde dizer dentro das paredes domesticas, sem entrarem nesta conta as murmurações de Judas; que se dirá das portas a fóra? Será bem que se diga, que com o Mestre da justiça e da verdade, póde mais a affeição que o merecimento, e que se dá um lado a João, porque é o querido, e outro a Jacobo, porque é seu irmão? Será bem que se diga e se moteje, que se Christo provou sua divindade com os milagres, tambem com esta eleição tem dado bem a conhecer sua humanidade, pois tanto se deixa levar de respeitos humanos? Sobretudo, será bem que se diga, que no governo de uma

---

[1] *Math.*, IV, 19.
[2] *Psal.*, CXIII, 2.
[3] *Exod.*, XXXII, 12.
[4] *Math.*, XVI, 13 e 15.

monarchia, que ha-de ser o exemplo de todas, se distribuem os postos por intervenção de uma mulher? Eis aqui o que quereis que se diga de Christo com este vosso *Dic*.

E não cuideis, senhora, que ficaram de fóra nestes ditos os mesmos por quem rogaes. Se tanto quereis a vossos filhos, pelo mesmo amôr que lhes tendes, vos rogo que os não queiraes expôr com este *Dic*, ao que delles se dirá. O seu maior louvor até agora era que Pedro e André deixaram as redes; porém João e Jacobo não só deixaram as rêdes, senão tambem o pai: *Relictis retibus, et Patre.* [1] Agora dir-se-ha, que, se deixaram as rêdes e o pai, não deixaram a rêde e a mãi, pois por meio della quizeram pescar de um lanço os maiores dois logares do reino, que é o mesmo que todo elle, pois contém o manejo de todo. Até agora se dizia, que sendo dois dos tres que foram escolhidos para a gloria do Thabôr, foram tão discretos, que viram e callaram; quando Pedro, que era o companheiro, ficou tido por nescio, porque fallou: e agora dir-se-ha que foram tão ingratos ao mesmo Pedro, que tendo-os elle incluido na sua petição, quando disse: *Bonum est nos hic esse;* [2] elles não só o não introduziram na sua, mas expressa e cavillosamente o desviaram e o excluiram, pois era só o que temiam lhes podia fazer opposição. Até agora eram reputados em toda a escola de Christo por dois dos tres melhores discipulos, e por isso preferidos tantas vezes aos demais; agora dir-se-ha que são os menos provectos, ou os mais rudes de todos; porque na questão que se altercou, sobre qual havia de ser o maior, resolvendo o Divino Mestre, que o seria o que se fizesse mais pequeno, elles entenderam tão mal a doutrina, e tomaram tão mal a lição, que em vez de se metter cada um no ultimo logar, ambos pretendem os primeiros.

Isto se dirá, senhora, dos filhos do Zebedeu sobre o vosso *Dic*. E da mãi tambem haverá quem diga. Que cuidaes que dirão, e não sem fundamento, as outras Marias? Ellas são muito devotas e pias; mas assim como as vossas contemplações vos não morti-

---

[1] *Math.*, IV, 22.
[2] *Math.*, XVII, 4.

ficaram de todo a ambição, tambem no exercicio das suas poderá ser que não esteja mortificada a inveja. Ellas tambem teem filhos, e a que não tem filhos, tem irmão. E deixando as demais (em que a egualdade do estado e do parentesco, é assás bastante motivo para estranharem muito esta differença) que dirá a Magdalena por parte de Lazaro? E se ella callar, como costuma, que dirá e que poderá dizer Martha, pois sabeis que é mulher que se sabe queixar? Não dirá (ao menos dentro em si): E' possivel que não entrassem em tal altiveza de pensamentos as irmãs do Senhor de Bethania, e que os tenha, e se atreva a os declarar a Mãi dos pescadorsinhos de Tiberiades? Se Christo não mede estas distancias com os mesmos compassos com que as distingue o mundo; ao menos nem a sua modestia póde negar, que para a auctoridade do rei, e para o respeito dos ministros, e para a decencia dos mesmos officios, faz muito a qualidade e supposição das pessoas. Se Salomé funda a sua confiança na graça do seu João, não é menor a de Lazaro porque se um tem o titulo de *Quem diligebat;* [1] o outro tem o de *Quem amas.* [2] Oito dias faz hoje que Christo o resuscitou morto de quatro. E que sujeito mais digno do lado de um Principe, que um homem vindo do outro mundo? Quem não aceitará e venerará todas suas disposições, e não ouvirá como oraculos todas suas palavras? Todos os erros dos ministros não nascem de outra causa, senão de tratarem só desta vida, e não se lembrarem da outra: mas um homem que sabe por experiencia o que é viver e morrer: que coisa intentará ou fará que não seja muito acertada? Só por esta prerogativa era merecedor Lazaro, não de um, mas de ambos os lados. Quando Christo na Transfiguração do Thabôr deu as primeiras mostras da magestade do seu reino, a um lado poz Moysés, e a outro Elias; porque um era vivo, e outro morto. E ambas estas propriedades se ajuntam em um resuscitado. Como vivo remunerará os merecimentos dos vivos que o requerem: e como morto os dos mortos que o não pódem requerer. Ouvindo el-rei Herodes os milagres de Christo, enten-

---

[1] *Joan.*, XXI, 7 e 20.
[2] *Ibid.*, XI, 3.

deu que era o Baptista resuscitado; porque de um resuscitado não se pódem esperar senão milagres. E tal é hoje Lazaro. Tudo isto poderiam dizer Martha e Maria por parte de seu irmão, ainda sem o considerarem herdeiro dos serviços de ambas. Os alabastros quebrados da Magdalena, os unguentos derramados, as lagrimas e os cabellos tambem eram desta occasião. E se Martha se não jactasse (como não faria) de que Christo tinha comido o pão em sua casa, ao menos podia allegar a sua diligencia, o seu cuidado, e a mesma largueza que o Senhor estranhou e chamou superflua, para que havendo de acrescentar alguma casa, fosse a sua.

Mas quando as duas irmãs por sua virtude callam tudo isto; quem tapará a bocca ás demais, para que não digam que este vosso *Dic* encerra maior ambição que a mesma que declaraes? Dirão que não só pretendeis o augmento e promoção dos filhos, senão tambem a vossa; e que quando para elles pedis as cadeiras, para vós negociaes a almofada. Como as prophecias que tratam do reino de Christo, fallam tambem da Esposa (de que só Salomão escreveu livros inteiros) não só esperamos Rei, mas tambem Rainha. Dirão, pois, que para os filhos quereis os lados do throno, e para vós o do estrado: e que sendo por natureza a maior valia dos validos, aspiraes a governar juntamente ambos os quartos de palacio. Oh como vos considero já carregada de memoriaes, quando sobre a carga dos annos vos pareceram melhor nas mãos em logar desses papeis, ou o Psalterio de David, ou os Threnos de Jeremias? Tudo isto, senhora, e muito mais encerra o vosso *Dic*, o qual não só desdiz muito do que sois, e do que vossos filhos professam, mas tambem desdiria muito do mesmo Christo, se tal dissesse. Mas passemos á segunda palavra.

III

Ut sedeant: Que se assentem. [1] Tambem este termo não é curial, antes muito improprio, e ainda indecente. Que sejam, Salomé, vossos filhos muito assen-

[1] *Math.*, xx, 21.

lados, isso procurae vós; mas que estejam assentados, é implicação do que pedis. Pedis o lado, e dizeis que se assentem? Não sabeis que em palacio, assim como não ha mais que um docel, ha tambem uma só cadeira? Não sabeis que os grandes alli se cançam de estar em pé, e só descançam de joelhos, arrimados, quando muito, a uma credencia daquelles idolatrados altares? Bastava para isto, ser Christo Rei, quanto mais sendo Rei, e Deus juntamente: *Tu es ipse Rex meus, et Deus meus.* [1] O throno de Deus no templo é o Propiciatorio donde ouve e responde: e posto que nem vós nem vossos filhos entrasseis naquelle sagrado, porque é vedado a todos, bem deveis de ter ouvido que ao lado direito do Propiciatorio está um cherubim, e ao lado esquerdo outro; mas ambos em pé. Logo se quereis que os vossos dois filhos succedam no logar destes cherubins, e que occupem um e outro lado do throno de Christo, como pedis que se assentem: *Ut sedeant?* Os cherubins estão em pé; e os filhos do Zebedeu hão-de estar assentados?

Mais teem estes cherubins. Não só estão em pé, mas tambem com as azas estendidas: *Extendentes alas.* [2] E porque razão com as azas estendidas? Porque aos lados do throno onde elles estão, ninguem e de nenhum modo póde estar assentado, senão sempre e de todos os modos em pé. Se sómente tem pés como homem, ha-de estar em pé com os pés; e se tem pés, e mais azas, como cherubim, ha-de estar em pé com os pés, e tambem em pé com as azas. Vêde, senhora, o que digo, para que vejaes que não dizeis bem. Bem sabeis que os cherubins não teem pés, nem azas, nem corpo, porque são espiritos. E porque os pinta e representa a Escriptura em figura humana e com azas? Pinta-os em figura humana, para mostrar que são creaturas racionaes, como nós; e sobre isso acrescenta-lhes azas, para que reconheçamos que a sua natureza é superior e mais levantada que a nossa. E como os cherubins representados nesta fórma veem a ser compostos de duas naturezas differentes, parte homem, e parte ave, por isso com a parte que teem de homem, estão em pé com os pés, e com a parte que teem de

[1] *Psal.*, XLI, 6.
[2] *Exod.*, XXXVII, 9.

ave, estão em pé com as azas; porque aos lados do throno, nem como homens, nem como superiores aos homens, pódem estar assentados. O homem quando está assentado não se firma sobre os pés; a ave tambem quando está assentada não se firma sobre as azas, antes as encolhe. Mas os cherubins estão firmados sobre os pés, e firmados juntamente sobre as azas (que por isso as teem estendidas) porque nem a um nem a outro lado do throno, nem como homens, nem como mais que homens, pódem estar assentados, senão com os pés, e com azas, sempre, e de todo o modo em pé. Isto mesmo é o que notou Isaias aos dois Serafins que assistiam aos lados do throno de Deus: *Vidi Dominum sedentem super solium excelsum, et elevatum, Seraphim stabant, et volabant.* [1] *Stabant*, porque estavam em pé com os pés: *Volabant*, porque estavam em pé com as azas; e o que estava assentado era só Deus: *Vidi Dominum sedentem*. Um dos vossos filhos, senhora, que é João, não posso eu negar que seja como cherubim, homem com azas, e não quaesquer, senão de aguia (que assim o viu e pintou Ezechiel na descripção do seu carro) mas ainda que elle tenha azas, e seu irmão as tivesse, e Christo lhes conceda, como quereis, os dois logares de cherubins a um e outro lado; nem por isso pódem estar ou hão-de estar assentados, como diz o vosso memorial: *Ut sedeant.*

Mais vos digo, que os logares que pedis, não só não são para estar assentados, mas nem ainda para estar. E para prova desta verdade, ou deste desengano, bem lhes bastava a vossos filhos lembrarem-se da sua vocação. Quando Christo os chamou, que é o que lhes disse? *Venite post me:* [2] Vinde após mim. Logo não os chamou para estar assentados, nem para estar, senão para seguir e andar. E por isso os chamou o mesmo Senhor, não estando assentado, nem estando, senão andando: *Ambulans Jesus juxta mare Galilææ.* [3] Sendo pois expressamente chamados para andar após Christo, quererem agora não andar, senão estar assentados; nem após Christo, senão aos lados

[1] *Isaias*, VI, 1 e 2.
[2] *Math.*, IV, 19.
[3] *Ibid.*, 18.

de Christo; quem não dirá que é renunciar declaradamente a vocação, ou apostatar della? Oh, como temo que não só não hão-de sahir bem despachados, mas tratados como nescios! Como nescio foi tratado Pedro no Thabôr. E porque? Porque queria que Christo fizesse alli seu assento, e fixasse tabernaculo naquelle monte. Os mesmos raios do sol que lhe davam nos olhos, e sahiam do rosto de Christo, lhe deviam advertir que Christo não viera ao mundo para estar parado, e que não era o logar do seu tabernaculo um monte que não se move: *In Sole posuit tabernaculum suum:* [1] diz vosso ascendente David, que havia Christo de pôr seu tabernaculo no sol, para que não só o morador, senão a casa, nem só a casa e o pavimento della, senão o mesmo sitio e logar em que estivesse fundada, andasse em perpetuo movimento. Do circulo de cada dia, com que o sol sem cessar anda sempre rodeando, e torna a rodear o mundo, disse Salomão: *Girat per meridiem et flectitur ad aquilonem, lustrans universa in circuitu.* [2] E isto é o que faz e fez sempre Christo, depois que se manifestou ao mundo para o allumiar, sendo certo que quando sua vida e acções se escreverem, será a mais frequente palavra na sua historia: *Circuibat: perambulabat.* [3]

Boas testemunhas pódem ser os mesmos que agora pedem estar assentados, destes continuos passos de seu Mestre, sem descançar nem parar, sempre em roda viva; já nas cidades, já nos desertos, já nas praias; já na Judea, já na Galilea, já na Samaria: já em Jérusalem, já em Cafarnaum, já em Tyro, já em Sidonia, já em Caná, já em Jericó: já em Cesaréa de Philippe, já na região dos Genezarenos, já nos confins da Decapolis: já em Bethsaïda, Naïn, Betania, Nazareth, Efrem: sem haver terra grande e populosa, nem logar pequeno ou aldeia, que Christo para allumiar a todos com sua luz, não santificasse com seus passos. Finalmente, nos mesmos secretos que agora acaba de revelar o Senhor a seus discipulos, bem claramente lhes disse que o caminho que o leva a Jérusalem, é a morrer pregado em uma cruz: para que ve-

[1] *Psal.*, XVIII, 6.
[2] *Eccl.*, I, 6.
[3] *Math.*, IV, 23; *Luc.*, XIX, 1.

jaes se é justo, nem decente, que peçam os lados de um Rei, que vae a morrer em pé, aquelles que os pretendem para estar assentados: *Ut sedeant.*

IV

Hi. A palavra é muito breve, mas não digna de menor reparo. Vós dizeis: *Hi:* Estes. E quem não dirá: Quem são estes? Muitos é de crêr se embaraçaram logo com as rêdes e com a barca; mas eu tão longe estou de encalhar neste baixo (posto que o seja) que antes o exercicio de pescadores me parece o melhor noviciado que estes Apostolos podiam ter para a profissão de primeiros ministros. Que é uma barca, senão uma republica pequena? E que é uma monarchia senão uma barca grande? Nas experiencias de uma se aprende a pratica da outra. Saber deitar a o leme a um e a outro bordo, e cerral-o de pancada, quando convém: saber vogar, quando se ha-de ir adiante; e seiar, quando se ha-de dar volta, e suspender ou fincar o remo, quando se ha-de ter firme: saber esperar as marés e conhecer as conjunções, e observar o cariz do céo: saber temperar as velas conforme os ventos, largar a escota, ou carregar a bolina, ferrar o penno na tempestade, e na bonança içar até os topes. Tão politica como isto é a arte do pescador na mareação, e mais ainda nas industrias da pesca. Saber tecer a malha, e segurar o nó: saber pezar o chumbo e a cortiça: saber cercar o mar para prover e sustentar a terra: saber estorvar o anzol, para que o peixe o não corte, e encobril-o para que o não veja: saber largar a sedela, ou tel-a em tezo: saber aproveitar a isca, e esperdiçar o engodo. Só um defeito reconheço no pescador para os logares do lado, que é o exercicio de puxar para si. E este é, senhora, o que não só se argue, mas se prova do mesmo que vossos filhos pretendem, e vós pedis.

Dir-me-heis que na mesma palavra *Hi* se responde a este escrupulo, pois estes por quem intercedeis, são tão livres de interesses, que deixaram tudo: e não menos delles, que dos outros dez disse Pedro: *Ecce nos reliquimus omnia.* [1] Algum dia terá esta proposição

[1] *Math.*, XIX, 27.

uma grande replica em um dos mesmos doze, como está prophetisado no Psalmo quarenta, onde se diz, que depois de deixar o proprio por cubiça do alheio, chegará a vender a seu Senhor. Mas pois o mesmo Senhor não replicou a ella, nem eu quero replicar, só vos digo, Salomé, que se vossos filhos agora são estes, *Hi*, depois que se virem ao lado, póde ser que sejam outros. Ainda não sabeis que os officios mudam os costumes, e os logares as naturezas? Quem mais innocente, quem mais humilde, quem mais modesto, quem mais santo que Saül antes de subir ao throno? E depois que nelle se viu, todas estas virtudes se trocaram nos vicios contrarios, e mereceu ser tão indignamente deposto do logar, quão dignamente fôra levantado a elle? Mas o levantado e o deposto propriamente não foi o mesmo Saül, porque já era outro. Ninguem subiu a uma torre muito alta, que olhando para baixo se lhe não fosse o lume dos olhos, e lhe andasse a cabeça á roda. Temei a vossos filhos estas vertigens, e não vos fieis de serem agora o que são, *Hi*, porque depois não serão estes. Em quanto Adão foi particular, conservou-se na innocencia original em que fôra creado; mas tanto que se lhe deu a investidura do governo, e a superintendencia das outras creaturas, logo a mesma alteza da dignidade lhe desvaneceu a cabeça, e lhe fez perder o juizo: *Homo, cum in honore esset, non intellexit.* [1] Tal mudança fez em Adão a differença do estado, que já não era elle, senão outro, e duas vezes outro. Outro, porque quiz ser como Deus; e outro, porque ficou como bruto. O mesmo Deus lhe declarou ambas estas mudanças: a de homem em Deus pelo pensamento: *Ecce Adam quasi unus ex nobis factus est:* [2] E a de homem em bruto pelo castigo: *Comparatus est jumentis, et similis factus est illis.* [3] Não vos fieis no entendimento de vossos filhos, nem na sua virtude. Olhae que se são filhos vossos, tambem são filhos de Adão. O que agora nelles é modestia, depois será soberba; o que agora nelles é sciencia, depois será ignorancia: e tanto mais, quanto levantados de mais humilde fortuna. Considerae aquellas palavras de Job:

---

[1] *Psal.*, XLVIII, 13.
[2] *Genes.*, III, 22.
[3] *Psal.*, XLVIII, 13.

De terra surrecturus sum, et videbo Deum ego ipse, et non alius. [1] Hei-me de levantar da terra, e hei-de vêr a Deus eu mesmo, e não outro. Parece que para um homem levantado da terra ser o mesmo, e não outro, é necessario ser confirmado em graça, e mais em gloria. Vêde se se arriscam vossos filhos a ser outro, e muitos outros, ainda que agora sejam estes: *Hi.*

Mas eu não quero que sejam outros, senão estes mesmos que são, para que de nenhum modo convenham elles aos lados de Christo, nem os lados a elles. Quando Christo chamou estes dois moços, para que o seguissem, bem sabeis que lhes deu por nome Boanerges, que quer dizer: *Filii tonitrui:* Filhos do trovão. [2] E bem sabeis tambem que filhos de trovão na phrase hebrea é o mesmo que raios, porque os raios são partos do trovão. Parece-vos logo bem, que Christo quando reinar esteja no seu throno cercado de raios? Seria muito bom, para que todos fugissem de palacio, e ninguem quizesse apparecer numa audiencia. Quando Deus deu a primeira lei no monte Sinaï entre relampagos e raios (porque era lei de rigor) todos fugiam do monte, e diziam: *Non loquatur nobis Dominus.* [3] Mas na lei de Christo, que elle chamou suave, e convida que vão todos a elle: *Venite ad me omnes. Jugum enim meum suave est:* [4] não dizem bem os raios com a mansidão e clemencia de tão benigno Principe. Bom seria que tivesse a seu lado taes ministros; que cada resposta sua fosse uma trovoada, cada olhadura um relampago, e cada resolução um raio. Se João é aguia, e Jacobo quer ser como elle; uma aguia com um raio na mão dirá muito bem ao lado de Jupiter; mas não ao de Christo. Em summa, que estes vossos filhos são muito fogosos, e muito ardentes, e não se quer tanta bravosidade para os lados do rei. E porque não cuideis, que o nome estrondoso de Boanerges, ou filhos do trovão, tem mais de ruido que de realidade, ou que eu o interpreto contra o natural de vossos filhos, contem elles o que lhes aconteceu em Samaria. Não quizeram os Samaritanos

---

[1] *Job.*, XIX, 25, 26 e 27.
[2] *Marc.*, III, 17.
[3] *Exod.*, XX, 19.
[4] *Math.*, XI, 28 e 30.

que Christo em certa occasião se detivesse na sua terra: e qual foi no mesmo instante a braveza, e o orgulho só do vosso João, e do vosso Jacobo? *Domine, vis dicimus, ut ignis descendat de cœlo, et consumat illos?* [1] Quereis, Senhor, que mandemos descer fogo do céo, que consumma a todos estes? Vêde se eram raios. De sorte, que não menos que toda Samaria queriam abrazar com fogo do céo em um momento. Com taes conselhos, ou furias como estas, em oito dias não haveria mundo, quanto mais monarchia. Voltou-se o Senhor para elles, e o que lhes disse foi: *Nescitis cujus spiritus estis:* [2] Não sabeis de cujo espirito sois. Esse espirito é de Elias, e não meu. E quem não é do espirito de Christo, como ha-de estar ao lado de Christo? Mais espirito, e menos espiritos. Espiritos tão arrebatados, nem os principes os teem junto a si, nem elles se conteem em si. E estes são, Salomé, aquelles para quem pedis, não um, senão ambos os lados: *Hi.*

V

Duo. Ainda este *Duo* tem maior dissonancia. Pretendeis o valimento do rei, e quereis que os validos sejam dois: *Duo?* Se convém que os reis tenham valido, ou não, é problema que ainda não está decidido entre os politicos. Mas dois validos, ninguem ha que tal dissesse, nem imaginasse. Se os vossos filhos tiveram lido as historias sagradas e prophanas desde o principio do mundo até hoje, não lhes havia de passar tal coisa pelo pensamento. Creou Deus a Adão no sexto dia do mundo, para que no governo delle fosse sua imagem, e logo no dia seguinte se diz que descançou Deus, porque os supremos principes é bem que tenham uma causa segunda, que os represente, e sobre quem descancem. Mas este homem (que se suppõe ser em tudo o primeiro homem) ha-de ser um, e não dois; por isso fez Deus um Adão, e não dois Adões. Entre os Chaldeus foi primeiro ministro

[1] *Luc.*, IX, 54.
[2] *Ibid.*, 55.

de Nabucodonosor, Daniel, mas só Daniel: entre os Egypcios José, de Pharaó, mas só José, entre os Gregos Efestião, de Alexandre, mas só Efestião: entre os Persas Aman e Mardocheu, de Assuero, mas não juntos, senão em diversos tempos, e sempre um só. Se algum exemplo houve de dois juntamente, foi para ruina do rei, e perdição da corôa. Nenhum rei teve a seu lado maior e melhor ministro que Absalão, quando começou a reinar: porque teve a Achitofel, cujos conselhos, por testemunho da mesma Escriptura Sagrada, eram como oraculos de Deus. E porque David quiz tirar a corôa a Absalão, como a rei intruso e rebellado; que fez? A traça de que usou, como tão prudente, foi metter-lhe do outro lado outro ministro, que foi Chusay. E assim succedeu. Encontraram-se os dois ministros nos pareceres, seguiu Absalão o de Chusay, e não o de Achitofel: e sendo que com este se conservara sem duvida, como diz o mesmo Texto, porque teve dois, se perdeu.

A razão natural deste inconveniente é porque onde ha dois entendimentos, duas vontades, duas naturezas, e duas pessoas differentes, não póde haver união. A união hypostatica em Christo (que foi o maior milagre da sabedoria, e omnipotencia divina) uniu duas naturezas, dois entendimentos e duas vontades. Mas notae que neste mesmo composto, com ser milagroso, as pessoas não são duas, senão uma só. Em uma pessoa por milagres pódem estar unidas duas naturezas, dois entendimentos, e duas vontades: mas em duas pessoas differentes (como dois homens - *Duo*) é milagre que nem Deus fez jámais, nem fará. Na Santissima Trindade ha tambem união deste genero por outro modo ainda mais admiravel. As pessoas são tres realmente distinctas, e todas entendem o mesmo, e querem o mesmo. Mas ainda que as pessoas são tres, as naturezas, os entendimentos, e as vontades não são tres, senão uma só natureza, um só entendimento, e uma só vontade. Vêde agora se em dois homens em que as naturezas, os entendimentos, as vontades, e as pessoas são diversas, e em tão diversas materias, como são as que concorrem numa monarchia, poderá haver união, nem concordia.

Para haver união de vontades entre dois sujeitos differentes, instituiu Deus o matrimonio, do qual disse:

Erunt duo in carne una: [1] Mas como são dois, posto que atados com tão estreito laço, nem por isso as vontades se deixam atar, ainda onde os motivos são os mesmos. Jacob e Esaü eram filhos do mesmo Isaac e da mesma Rebecca: e sendo os motivos os mesmos, e tão naturaes, Rebecca inclinava a uma parte, e amava a Jacob, Isaac á outra, e amava a Esaü. E se isto succede aos pais, só por serem dois, *Duo*, que succederá aos vossos dois, não sendo pais? E como será a sua vontade egual para todos (como deve ser) não sendo filhos, mas estranhos, os que houverem de governar? Os entendimentos não são tão livres como as vontades, mas nem por isso discrepam menos no julgar, ainda quando as informações são as mesmas.

Desciam do monte Sinaï Moysés e Josuë, ao tempo em que nos arraiaes de Israël se faziam as festas do novamente fundido e adorado idolo: ouviram ambos as vozes do que lá soava; mas vêde que differente juizo formaram. A Josuë pareceu-lhe que era tumulto de guerra: *Ululatus pugnæ auditur in castris.* [2] E a Moysés, que não eram trombetas nem caixas, senão muitos que cantavam: *Vocem cantantis ego audio.* [3] De sorte, que sendo as vozes as mesmas, e ambos egualmente informados, e pelo proprio sentido por onde se recebem todas as informações, bastou que fossem dois os que ouviam, para que um julgasse uma coisa, e outro outra; e não só differentes, mas contrarias. Um disse, cantam; outro disse, pelejam: e a guerra não estava nos arraiaes, senão nos juizos dos que ouviam o mesmo. Logo de nenhum modo convém que na côrte de Christo, como vós a formaes na vossa ideia, haja dois primeiros ministros; porque ainda que sejam tão grandes homens como Moysés e Josuë, (o que difficultosamente se acha) basta sómente que sejam dois, para, assim nos entendimentos como nas vontades, ou sempre ou quasi sempre andem encontrados. Deixo o appetite natural de querer cada um luzir, em que vem a ser necessidade a divisão, como nos dois primeiros planetas. A lua para luzir apar-

[1] *Genes.*, II, 24.
[2] *Exod.*, XXXII, 17.
[3] *Ibid.*, 18.

ta-se necessariamente do sol, porque se o segue pelos mesmos passos, não apparece. E que entendimento ou vontade ha tão recta, que não torça de parecer por apparecer? Quantas vezes folgára um de saber votar o que votou o companheiro, e só porque o voto é alheio e não seu, vota o contrario? Assim ficaria parado o curso dos negocios, e esta discordia de pareceres seria a remora da monarchia; tudo por serem dois, e não um só, os que estivessem ao leme: *Duo*.

VI

Filii mei. Em dizer que são vossos filhos, estou vendo, Salomé, que desprezaes todo este meu discurso, imaginando como mulher e mãi, que todos os inconvenientes e temôres de discordia se seguram com serem irmãos, posto que sejam dois. São irmãos, e irmãos inteiros, filhos do mesmo pai e da mesma mãi, segura está logo, e estará sempre nelles a união e concordia. Ah, senhora, que mal sabeis quão fraca significação é a deste especioso nome que entre os homens se chama irmandade! Basta ser fundado em carne e sangue, para não ter subsistencia nem firmeza. Differente poder é o da ambição, da cubiça, da emulação, da inveja, e de todas as outras pestes da união e sociedade humana, com que os mais sagrados vinculos da natureza se profanam e rompem. E como a má semente destes vicios nasce e se dá melhor entre eguaes, por isso entre os que nasceram dos mesmos pais, é mais natural a discordia. Da mesma fonte nascem os rios do paraiso, e nenhum faz companhia com outro; cada um segue differente carreira, não só divididos, mas oppostos. E se isto se acha na fineza da agua, que será no calor do sangue? Diga-o o de Abel derramado por Caïn, e o de Remo por Romulo. Se dois irmãos fundadores daquella portentosa cidade, que hoje não cabe no mundo, não couberam juntos na mesma cidade: se dois irmãos primogenitos da natureza para propagação do genero humano, não couberam em toda a terra, onde não havia outros; como caberão os vossos dois, e como estarão conformes em um gabinete onde cada memorial, cada consulta, e cada requerimento, é uma maçã da discordia? Ainda

que não foram uma só vez, senão setenta vezes irmãos, eu lhes não segurára a paz, nem ainda a vida. Setenta irmãos matou Abimelech, filho elle e elles do famoso Gedeão, só por mandar só. Tão furiosa é a sêde de dominar, que ainda entre irmãos se não farta com menos sangue. Onde setenta não estão seguros de um, como o estará um de outro? Eis aqui quão pouco se desfaz a objecção de João e Jacobo serem dois: *Duo:* Com a excepção de serem filhos vossos: *Filii mei.*

Se a ambição tão declarada destes mesmos dois irmãos atropella tantos outros respeitos; como lhe podeis esperar união nem concordia que dure muito tempo? Agóra são amigos, agora conformes, agora verdadeiramente irmãos, e só desejam ser companheiros; mas assim como agora se unem para subir, assim se dividirão depois para se derrubar. Quantos se uniram para a batalha, que depois se mataram sobre os despojos? A ambição que agora os une, essa mesma os ha-de apartar depois, e de um lado contra outro lado, como de dois montes oppostos, se hão-de combater e fazer a guerra. Assim como agora excluiram os outros dez Apostolos, assim depois se hão-de excluir e impugnar um ao outro, e de qualquer que seja a victoria, será vossa a dôr e o luto. Oh queira Deus, Salomé, que estes mesmos logares que agora procuraes com tanto desejo e empenho, não vos obriguem depois, se os conseguirdes, a maior arrependimento! Não vos fieis do amôr de vossos filhos, temei-vos dos seus ciumes. Lembrae-vos da batalha de Jacob e Esaü dentro no ventre da mesma mãi, que não só eram irmãos, mas gemeos. Quem vos segurou que Jacobo não será Jacob para João, e João para Jacobo Esaü? Considerae as penas que causaram a sua mãe estes dois filhos (de que descendem os vossos) e os desgostos que lhe deram antes de nascerem, e depois de nascidos. Antes de nascerem, sentindo Rebecca a guerra que se faziam dentro das proprias entranhas, dizia: *Si sic mihi futurum erat, quid necesse fuit concipere?* [1] Se tanto trabalho me haviam de dar estes filhos, quanto melhor me fôra nunca os haver concebido? E depois de nascidos e crescidos, quando Esaü

[1] *Genes.*, XXV, 22.

determinou matar a Jacob, ainda disse a mesma Rebecca com maior afflicção: *Cur utroque orbabor filio in uno die?* [1] E' possivel que em um dia hei-de perder e ficar orphã de um e outro filho? De um e outro disse, e com razão, porque a um havia de chorar morto, e ao outro homicida. O meio que tomou Rebecca para salvar a vida a ambos, foi desterrar de seus olhos o mais amado, para o livrar das mãos do mais offendido: e o vosso amôr, Salomé, é tão cego, que em vez de apartar os vossos filhos da occasião, os metteis ou quereis metter no maior perigo. Já que não amaes como mãi, nem os amaes como filhos, não lhes chameis filhos vossos: *Filii mei.*

VII

Unus ad dexteram, et unus ad sinistram. [2] Oh quem me dera saber-vos ponderar o perigo, o precipicio, e o labyrintho de penas e afflicções que envolveis, e não vêdes nestas palavras! Um quereis á mão direita, outro á esquerda indifferentemente: e quem vos disse que se accommodará qualquer delles com este partido? Estae certa que ambos esperam a direita, e nenhum quer a esquerda. Jacobo cuida que se deve a direita á edade; João está confiado em que se ha-de dar ao amôr: e sendo força que um seja preferido; como hão-de ficar ambos contentes? Se Christo tivera duas mãos direitas, ainda assim não era segura a egualdade. Mas sendo os logares deseguaes, e a ambição em ambos a mesma, qual dos dois poderá soffrer, ou no outro a preferencia, ou em si a desegualdade? Quando a Rachel lhe nasceu o segundo filho (o qual tambem lhe tirou a vida) poz-lhe por nome Benoni, que quer dizer o filho das dôres: e Jacob seu pai lhe mudou logo o nome de Benoni em Benjamim, que quer dizer o filho da mão direita. Mas no caso ou controversia presente, em que um dos filhos ha-de levar a mão direita, outro a esquerda, não ha duvida que o filho que fôr o da mão direita, será tambem o das dôres. O que

[1] *Gen.*, XXVII, 21.
[2] *Math.*, XX, 21.

fôr o Benjamim do principe, será o Benoni do irmão; porque o não poderá soffrer sem a maior de todas as dôres, que é o vêr-se preferido no logar, quem merecia ou aspirava ao primeiro. Grande foi a dôr da mesma Rachel, quando viu preferida a Lia pela edade, e grande a dôr de Esaü, quando viu preferido a Jacob pelo amôr. E assim como em um e outro caso não bastaram a consolar a justa dôr os respeitos da irmandade, assim será na preferencia de qualquer dos dois irmãos, ou a faça a edade em Jacobo, ou o amôr em João: mas em qualquer dos filhos que seja a dôr, tambem o será da mãi.

Fingi, senhora, que já os tendes, um á mão direita, outro á esquerda: mas lembrae-vos que disse Christo: *Nesciat sinistra tua quid faciat dextera tua.* [1] Não saiba a vossa mão esquerda, o que fizer a direita. E se Christo seguir este seu conselho, e ao irmão que estiver á mão direita communicar alguns segredos, que não participar ou não fiar ao que estiver á esquerda, qual será a sua dôr, qual a sua tristeza, e qual por ventura a sua inveja, quando não passe a odio e a vingança? Porque se voltaram Arão e Maria contra seu irmão Moysés, senão porque Deus lhe communicava os secretos, que a elles encubria? Porque matou Caïn a seu irmão Abel, senão porque o viu mais bem visto de Deus, e que aceitava com mais agrado os serviços que lhe fazia? Para se vêr preferido na confiança e na graça, não ha irmandade que tenha paciencia. A primeira coisa que occorre, é fazer perder a mesma graça a quem a tem, ainda que ambos se percam. Se os irmãos de José não soffreram uma preferencia sonhada; como haverá irmão que a soffra experimentada e conhecida? Não conhece a violencia da ambição humana, quem presume soffrimento para tamanha dôr.

Mas adverti, que se a mão esquerda está exposta a estes perigos, nem por isso a direita está segura de outros e não menores receios. Não ha coisa menos segura que a graça dos principes, nem mais facil no supremo poder, que trocar as mãos. Nas materias de justiça não teem liberdade os reis de inclinar á mão direita, nem á esquerda, que assim lh'o mandou Deus:

---

[1] *Math.*, VI, 3.

Neque declinet ad partem dexteram, vel sinistram: [1] Mas não do favor e da graça, pódem trocar as mãos quando quizerem, e quando menos se cuida. Quando José presentou a Jacob os dois irmãos Manassés e Efraim, filhos seus, para que lhes lançasse a benção, poz-lhe á mão direita a Manassés, que era o primogenito, e á esquerda Efraim, que era o segundo; porém Jacob cruzando e trocando as mãos, a Efraim, que estava á mão esquerda, deu a direita e a Manassés que estava á direita, a esquerda. Assim póde trocar as mãos e os lados, quem reparte e tem em seu arbitrio a benção. E isto mesmo que succedeu áquelles dois irmãos, com serem filhos de José, póde tambem succeder aos vossos; porque a roda que dá estas voltas, não está aos pés da fortuna, como se pinta, senão nas mãos do principe, de quem depende.

Deste supremo arbitrio se segue, que os dois que tiverem ambos os lados, não só se devem temer um do outro, senão tambem dos que elles costumam afastar, que são os que estão de fóra. De fóra estava Mardocheu, e muito de fóra, e de repente entrou no logar de Amam, não só quando elle o não cuidava, mas quando lhe tinha negociado e prevenido a ruina. Quem vos segurou que vossos filhos, quando consigam os logares que pretendem, se hão-de conservar nelles, ou quem os póde segurar a elles da natural ou violenta inconstancia dos mesmos logares? Para a barca em que remavam, havia porto e ancora; para os assentos que desejam, não ha logar, nem instrumento que os tenha firmes. Como não temerão a mudança nas vontades mais livres e mais mudaveis, os que sabem quão facilmente se mudam os ventos? Olhae, que se virem que o principe põe os olhos em outro, já não hão-de comer naquelle dia, nem dormir naquella noite: olhae, que se o virem fallar meia hora, ou ouvir o que elles não ouvirem, já se hão-de dar por cahidos: olhae que tudo o que se fizer bem não lh'o hão-de attribuir, e de tudo o que succeder mal, hão-de ser elles os auctores. Considerae nelles quantas virtudes quizerdes, mas nenhuma, nem todas juntas bastarão a os livrar do temôr, da suspeita, do ciume, e da justa desconfiança; porque contra a inveja não ha sagrado.

---

[1] *Deut.*, XVII, 20.

Quizeram os emulos de Daniel apartal-o do lado do rei: buscaram algum pretexto ou occasião para isso: *Quærebant occasionem, ut invenirent Danieli ex latere Regis:* [1] E sendo tal a sua innocencia na vida, e tal a sua inteireza no officio, que, como testemunha o mesmo Texto, nem puderam achar causa, nem ainda suspeita: *Nullamque causam, et suspicionem reperire potuerunt:* Em fim, não só o derrubaram do lado do rei, mas o metteram no lago dos Leões, só porque fazia oração a Deus tres vezes no dia: *Tribus temporibus in die flectebat genua sua, et adorabat coram Deo suo.* [2] Póde haver causa mais injusta? Póde haver pretexto mais barbaro? Pois esta causa, que não era causa, e este pretexto, que não podia ser pretexto, foi traçado com tal arte pelos inimigos de Daniel, que nem o rei pôde deixar de o condemnar, nem elle de ser tirado do lado, e lançado no lago dos Leões. Vêde agora, senhora, para onde levaes, ou encaminhaes vossos filhos. O que só vos digo sem encarecimento é, que para serem lançados aos leões, não é necessario o lago, basta o lado. O throno de Salomão, que era figura do de Christo, tinha sete leões de um lado, e sete do outro; e estes são os lados que pretendeis para dois filhos, onde ha quatorze leões para ambos, e sete para cada um. E se me disserdes que os leões do throno de Salomão eram de marfim, eu vos digo que nem por isso são menos para temer. Os leões naturaes só teem dentes na bocca; os de marfim todos são dentes. Por isso vemos tão mordidos, e tão roidos quantos sóbem áquelles logares. E porque vos não quero cançar mais com os meus reparos, passemos, ou paremos já na ultima palavra, ou clausula do vosso memorial.

VIII

In Regno tuo: no Reino vosso. Logo iremos ao vosso; vamos primeiro ao reino. Se vós soubereis que coisa é um reino, e o pezo delle, e mais quando car-

[1] *Dan.*, VI, 4.
[2] *Ibid.*, 10.

rega sobre causas segundas, eu vos prometto que vos benzereis de tal pensamento, quanto mais desejal-o para os filhos, a quem tanto bem quereis. Que Hercules é João, ou que Atlante Jacobo, para tomarem sobre seus hombros uma monarchia? Em que côrtes se crearam, que terra viram, que historias lêram, que negocios manejaram? Até fallar, e como hão-de fallar não sabem, porque o tratar com as gentes, não se aprende com os peixes mudos. Se com o leme e o remo governavam bem a barquinha; os instrumentos que em pequenos desenhos correm felizmente reduzidos a machinas grandes, não teem successo. Das aranhas aprenderam os pescadores a tomar em rêdes peixes pequenos: dizei-me ora, que tomem com ellas baleias? Dizei-me, ou dizei-lhes, que sobre as duas tabuas estroncadas, com que passam o lago de Tiberiades, se mettam nas ondas do Oceano, onde se perde a terra de vista, e muitas vezes o céo, com as tempestades! Pois estas são as mal entendidas fortunas que solicitaes a vossos filhos. Já que lhes déstes a vida, deixae-os viver: já que vos devem o ser, deixae-os ser o que são: já que vos custaram dôres, não as queiraes acrescentar a elles e mais a vós. As dôres com que os paristes filhos, passaram: as com que os procuraes valídos, hão-de durar toda a vida. (Toda a vida digo, se elles durarem tanto: que não lhes desejaes fortuna de muita dura). Se todas as vezes que se embarcavam naquelle lago, não se levantava nelle mais um sopro de vento, que o vosso coração não fluctuasse nas mesmas ondas; como o podereis ter seguro, nem quieto, quando os virdes engolfados naquelle mar immenso, sempre turbulento, onde tantos fizeram naufragio?

Ouvi o que diz Job, piloto bem experimentado destes mares, e que nelles correu e escapou de ambas as fortunas, posto que nunca dellas sahiu á terra, não só nú dos vestidos, mas da pelle: *Ecce gigantes gemunt sub aquis.* [1] Até os gigantes (diz elle) gemem debaixo da agua. Estes gigantes são aquelles que entre os outros homens seus eguaes chegam a ser maiores que todos no poder, na privança, na dignidade, no posto. Mas nenhum ha tão grande, nem tão agigan-

[1] *Job.*, XXVI, 5.

tado, que possa vadear aquelle pego, nem tomar pé naquelle fundo; por isso todos gemem. E notae que não gemem sobre a agua como o marinheiro ou pescador na tormenta, senão debaixo da agua: *Sub aquis gemunt.* Oh que grande advertencia, e quão verdadeira! Quem geme fóra da agua, respira: quem geme debaixo da agua, não póde respirar. E' necessario que tape a bocca, e que afogue os gemidos, para que os mesmos gemidos o não afoguem: *Laboravi in gemitu meo,* [1] dizia David quando servia junto á pessoa de el-rei Saül, porque entre outros muitos desgostos que se tragam na privança, é necessario engulir os gemidos. A tristeza do coração não vos ha-de sahir á cara, e não só haveis de mostrar bom rosto aos favores, senão tambem aos desprezos e ás injurias. Neste perpetuo martyrio de corpo e alma, vêde quanta paciencia será necessaria aos que desejaes valídos, e se poderão ter bastante cabedal desta virtude, em um logar onde se perdem todas. Oh como ides enganada, senhora, com as de vossos filhos!

O Paço a ninguem fez melhor: a muitos que eram bons, fez que o não fossem. Lembrae-vos que Moysés deixou o paço de Pharaó, tendo nelle o logar de filho, e não de criado. Jessé tirou a seu filho David do paço de Saül: Barcellaï não quiz morrer, nem viver no paço de David; e se o aceitou para seu filho, como vós o desejaes para os vossos, foi porque tão enganado como vós, não conhecia o que é. Bem parece que fostes creada longe da côrte, e nos ares innocentes das praias de Galilea. Ide a Jérusalem, para onde agora caminha Christo: entrae, se vol-o permittirem as guardas, ou no palacio profano de Herodes, ou no sagrado de Caiphaz; e naquelle tropel e concurso de pretendentes esfaimados (que todos procuram comer, e todos se comem) vereis se entre tanto tumulto póde haver quietação, entre tanta perturbação socego, entre tanta variedade firmeza, entre tanta mentira verdade, entre tanta negociação justiça, entre tanto respeito inteireza, entre tanta inveja paz, entre tanta adulação e adoração modestia, temperança, nem ainda fé. Vêde, sobretudo, se tanta sêde de ambição e cubiça insaciavel, póde ter satisfação que a farte ou

[1] *Psal.*, VI, 7.

modere: e se a pódem dar vossos filhos a tantos que pretendem e batalham sobre a mesma coisa, que ou se deve negar a todos, ou conceder-se a um só? Daqui se seguem os descontentamentos, as queixas, as murmurações do governo, as arrogancias dos grandes, as lagrimas e lamentações dos pequenos, as dissenções, as parcialidades, os odios, sendo o alvo de todas estas settas envenenadas, os que assistem mais chegados ao throno do supremo poder, os que respondem em seu nome, os que declaram seus oraculos, os que distribuem seus decretos. E se isto é o que se experimenta e padece, não em Babylonia ou Ninive, senão em Jérusalem; nem no imperio dos Assyrios, Persas, Gregos, ou Romanos, senão em uma republica tão arruinada hoje, e tão limitada como a de Judéa; que será no reino universal de Christo: *In regno tuo?*

IX

Tuo. Dizeis, sem advertir ou saber o que encerra esta breve palavra. O propheta David diz que o reino de Christo dominará de mar a mar, e desde o rio Jordão até os fins da terra: o propheta Isaias, que se lhe sujeitarão e o virão a adorar os do Oriente e os do Occidente, os do Septentrião e os do Meio-Dia: o propheta Daniel, que todas as gentes, todos os povos, todas as linguas o confessarão, e que será obedecido e servido de todos os reis e monarchas do mundo. Esta é a grandeza do reino. E que capacidade, que talentos vos parece que são necessarios para mover com proporção, e sustentar os dois pólos de uma machina tão immensa? Bastará o vosso João, e o vosso Jacobo, que nunca tomaram compasso na mão, nem viram carta, para conhecer as regiões e as gentes, para perceber e entender as linguas, para comprehender os negocios de estado, e de tantos estados, para responder ás embaixadas, para aceitar as obediencias, para capitular as condições, para estabelecer as pareas, para ajustar os tratamentos; em fim, para concordar as vontades, e compôr os interesses de todos os reis e principes do universo? O certo é que ou não conheceis vossos filhos, ou não tomastes bem as medidas aos postos, onde os quereis levantar. José

e Daniel, dois sujeitos de tamanha esphera, toda ella empregaram cada um em um só reino: José no do Egypto, Daniel no de Babylonia. E que proporção tem uma Babylonia, nem cem Babylonias; um Egypto, nem mil Egyptos com o reino e monarchia de Christo? Dentro em casa temos ainda maior exemplo. Moysés, aquelle homem mais que homem, que no nome trazia a divindade, e na mão a omnipotencia, quantas vezes se queixou a Deus, de não poder com o pezo de um só povo, e povo da sua lei, da sua nação e da sua lingua? Aceitou-lhe Deus a escusa, substituiu-lhe o logar; mas com quem, e com quantos? Não com menos, que com setenta anciãos do mesmo povo, escolhidos dos maiores e melhores de todo elle. Se para o pezo de um reino, que ainda então o não era, foram necessarias setenta columnas tão fortes; como quereis vós que sobre duas tão fracas se sustente aquelle immenso edificio que ha-de recolher dentro em si tudo quanto rodeiam e cobrem as abobadas do firmamento? Não é phrase poetica, ou minha, senão do propheta Daniel: *Et magnitudo regni, quæ est subter omne cælum, detur populo Sanctorum Altissimi.* [1]

Dir-me-heis que no reino de Christo por seu: *In regno tuo*, não haverá tantos perigos e difficuldades, como nos outros, quanto vae de tal Rei aos outros reis. No que toca á Pessoa, justiça e bondade do Rei, tendes razão. A maior desgraça dos privados dos reis deste mundo, e o maior precipicio das mesmas privanças é serem elles não só ministros do seu governo, senão de suas paixões; aduladores de seus appetites, e cumplices de seus vicios. Assim desprezam e perdem a graça de Deus, por não arriscar a dos reis, ou por mais se insinuar e conservar nella. Chegando Abrahão ao Egypto acompanhado de Sára, mulher sua, mas com nome de irmã, as novas que logo levaram ao rei os do seu lado, não foram, que era chegado á côrte um homem santo, senão uma mulher dotada daquellas prendas que estimam e idolatram os que não são santos. Se el-rei Herodes quer a Herodias, ou el-rei David a Bersabé, os privados são os que facilitam os adulterios, e os que por si e por outros appro-

[1] *Dan.*, VII, 27.

vam os homicidios. Se o rei é avarento como Roboão, ou vão como Assuero, elles são os que aconselham os tributos, elles os que louvam as prodigalidades, e celebram as ostentações. Em fim, elles são os adoradores da estatua de Nabuco, e os que servem de lançar lenha, e assoprar as fornalhas de Babylonia, ou procurando, ou não fazendo escrupulo de que nellas se abrazem os innocentes. Isto não haverá no reinado de Christo, porque da parte do Rei tudo será egualdade, justiça, modestia, temperança. Nem os que assistirem a seu lado, se atreverão a abusar ou exceder do poder que lhes fôr commetido, que só será o justo e necessario. Não se vingará Aman com a mão real, dos aggravos de Mardocheu, nem as invejas de Doeg com a lança de Saül, nem os odios de Joab com a dissimulação de David. Mas ainda que da parte do Rei estarão os que estiverem ao lado de Christo seguros destes perigos; da parte dos subditos, e das leis não deixarão de ter grandes difficuldades que vencer, e grandes repugnancias que contrastar.

Está prophetisado, que no reinado de Christo tudo será novo: *Ecce nova facio omnia:* [1] E novidades, ainda que sejam uteis, bem vêdes quão difficultosas são de introduzir. Se se ha-de fundir de novo o mundo, é força, que se desfaça e derreta primeiro; e isto não póde ser sem fogo, o mais violento de todos os elementos. Está prophetisado (e assim o publicou em nossos dias o Precursor do mesmo Christo) que os vales se encherão, e os montes e oiteiros serão abatidos, e não alguns, senão todos: *Omnis vallis implebitur, et omnis mons, et collis humiliabitur:* [2] E abater os grandes, e levantar os pequenos em tanta desigualdade de nascimentos e de fortunas, e fazer que pequenos e grandes, todos sejam eguaes; quem será tão valente e animoso que tome sobre si esta conquista? Se os cavadores da vinha não soffreram que os egualassem, sem lhes tirarem nada do que lhes deviam; quem reduzirá a esta moderação a arrogancia, a soberba e a inchação dos grandes do mundo, que cuidam que tudo lhes é devido, e a ninguem dão o que se lhe deve? Está prophetisado, que no mesmo reinado o lobo mo-

[1] *Apoc.*, XXI, 5.
[2] *Luc.*, III, 5.

rará com o cordeiro, e que o leão, como o boi, comerá palha: *Habitabit lupus cum agno, et leo quasi bos comedet paleas.* [1] Mas quem poderá conter a voracidade do lobo, a que observe esta abstinencia, e a ferocidade e gula real do leão, a que se sustente, como o boi, da eira, e não da montaria e do bosque? A lei não póde ser mais justa nem mais benigna; porque assás indulgencia e favor se faz ao leão, que passeia e não trabalha, em que coma egualmente á custa do boi, o que elle puxando pelo arado, pela grade, pelo carro, e pela trilha, começou e acabou com tanto trabalho. Mas como este máu fôro está tão introduzido pelo costume, e tão canonisado pelo tempo; que zelo, que força, e que resolução haverá de ministros tão intrepidos e constantes, que contra tão poderosos contrarios a pratique, a estabeleça, e a defenda? Assim que, senhora, deixando o muito que ainda pudéra dizer, e resumindo o que tenho dito, nem ao credito do Rei, nem ao bem do reino, nem a vós, nem a vossos filhos convém que os logares que para elles pedis, se lhes concedam: e ainda que lh'os dessem sem os pedir, os aceitem. Pelo que, se o peso de todas estas razões tem comvosco alguma auctoridade, o meu conselho e parecer é que vós mesma vos despacheis com o mais breve, mais facil, e mais seguro despacho, que é não desejar, nem pretender, nem pedir.

X

Estes são, Senhor, os reparos (e não todos) que respondendo á mãi dos Zebedeus se me offereceram contra o seu memorial. Se em todos se fizessem similhantes considerações, e tão verdadeiras, póde ser que os memoriaes e os pretendentes seriam menos, e os reis e os ministros menos importunados. Duvidei se sahiria a publico com os ditos reparos, como fiz neste discurso, receiando que se me poderia imputar a crime quasi de lesa magestade, por parecer que com estes desenganos, ou apartava os vassallos do serviço real, ou os exhortava a isso. Mas finalmente me resolvi a

[1] *Isaias*, XI, 6 e 7.

não calar o que fica dito. satisfazendo a este escrupulo com um dilema que tenho por certo: ou os que me ouviram se hão-de persuadir, ou não: se não se persuadirem, ficaremos no mesmo estado, e haverá muitos que pretendam estes logares: se se persuadirem (o que não espero) ninguem os appetecerá nem procurará. E quando estes logares não forem appetecidos, nem procurados, então será vossa magestade mais bem servido.

SERMÃO

DA

Terceira Quarta Feira da Quaresma *

(Prégado na Capella Real, no Anno de 1669)

Nescitis, quid petatis. [1]

I

Dois logares e dois pretendentes, um memorial e uma intercessora, um principe e um despacho, são a representação politica, e a historia christã deste Evangelho. Nos logares temos as mercês, nos pretendentes as ambições, na intercessora as valias, no memorial os requerimentos, no principe o poder e a justiça, no despacho o desengano e o exemplo. Este ultimo ha-de ser a veia que hoje havemos de sangrar. Queira Deus que a acertemos, que é muito funda. A enfermidade mais geral de que adoecem as côrtes, e a dôr ou o achaque de que todos commummente se queixam, é de mal despachados. Em alguns se queixa o merecimento, em outros a necessidade, em muitos a propria estimação, e em todos o costume. O benemerito chama-lhe semrazão, o necessitado diz que é crueldade, o presumido toma-o por aggravo, e o mais modesto dá-lhe nome de desgraça e pouca ventura. E que não houvesse até agora no pulpito, quem tomasse por assumpto a consolação desta queixa, o allivio

---

* E' este um dos sermões, commenta o padre Honorati, mais perfeitos que sahiram da penna do grande Vieira. Invenção, disposição, elocução, tudo n'elle é summamente admiravel; porque é claro, pratico e sublime ao mesmo tempo. Merece ser lido e muito estudado.

[1] *Matth.*, xx.

desta melancolia, o antidoto deste veneno, e a cura desta enfermidade! Muitos dos enfermos bem haviam mister um hospital. Mas á obrigação desta cadeira (que é de medicina das almas) só lhe toca disputar a doença, e receitar o remedio. E se este fôr provado, e pouco custoso, será facil de applicar. Ora eu movido da obrigação e da piedade; e parecendo-me esta materia uma das mais importantes para todas as côrtes do mundo, e a mais necessaria para a nossa no tempo presente, determino prégar hoje a consolação dos mal despachados. Nem com a ambição dos Zebedeus hei-de condemnar os pretendentes, nem com a negociação da mãi hei-de arguir os principes e os ministros: só com o desengano do requerimento: *Nescitis quid petatis*, pretendo consolar efficazmente a todos os que se queixam dos seus despachos, ou se sentem dos alheios. Consolar um mal despachado é o assumpto do sermão. Se com a graça divina se conseguir o intento, sahirão hoje daqui os pretendentes comedidos, os ministros alliviados, os bem despachados confusos, e os mal despachados contentes. Ajude Deus o zelo, com que elle sabe que fiz eleição deste ponto.

II

Nescitis quid petatis

Havendo pois de consolar hoje os mal despachados, aquella gente muita, e não vulgar, de quem se póde dizer: *Non est qui consoletur eam;* [1] para que procedamos distinctamente, e fallemos só com quem devemos fallar, é necessario excluir primeiro desta honrada lista, os que importunamente, e sem razão, se querem metter nella. E quem são estes? São aquelles, que sendo hoje tanto mais do que eram, e tendo tanto mais do que tinham, e estando tanto mais levantados do que estavam, ainda se queixam, e se chamam mal despachados.

Adão antes de Deus o formar não era nada, for-

[1] *Jerem. Thren.* I, 17.

mado era uma estatua de barro lançada naquelle chão; bafejou-o Deus, pôz-se Adão em pé, começou a ser homem; e foi com tão extraordinaria fortuna, que tinha (diz o Texto) elle só tres presidencias: a presidencia da terra sobre todos os animaes, a presidencia do ar sobre todas as aves, a presidencia do mar sobre todos os peixes. Estava bem despachado Adão? Parece que não podia ser mais nem melhor. Comtudo, nem elle, nem sua mulher ficaram contentes, ainda pretendiam. E que? Não mais que ser como Deus: *Eritis sicut Dii.* [1] Ha tal ambição de subir? Ha tal desatino de crescer? Antehontem nada, hontem barro, hoje homem, ámanhã Deus? Não se lembrará Adão do que era hontem, e muito mais do que era antehontem? Quem hontem era barro, não se contentará com ser hoje homem, e o primeiro homem? Quem antehontem era nada, não se contentará com ser hoje tudo, e mandar tudo? Não: porque já então era Adão como hoje são muitos de seus filhos, que sáem como elle ao barro, e ao nada de que foram creados. Mal creados, e máus creados. Por isso descontentes e ingratos, quando deveram estar mui contentes e mui agradecidos. E a razão desta semrazão é, porque dos sentidos perderam a vista, e das potencias a memoria; nem olham para o que são, nem se lembram do que foram.

Mas do que ereis, e do que sois, passemos ao que tinheis, e ao que tendes. Enthronisado José no governo e imperio do Egypto, soube el-rei Pharaõ que tinha pai e irmãos na terra de Canaan, e mandou-os logo chamar, para que viessem ser companheiros da fortuna de seu irmão. O recado foi notavel, e dizia assim: *Properate, nec dimittatis quidquam de supellectilli vestra, quia omnes opes Ægypti vestræ erunt.* [2] Vinde logo e não deixeis coisa alguma das vossas alfaias; porque todas as riquezas do Egypto hão-de ser vossas. Este porque, não entendo. Antes porque todas as riquezas do Egypto haviam de ser suas, não era necessario, que trouxessem coisa alguma, do que tinham em Canaan. Pois por que lhes manda Pharaó que tragam todas as suas alfaias? Por isso mesmo:

---

[1] *Genes.* III, 5.
[2] *Genes.* XLV, 20.

para que cotejando as alfaias da fortuna presente com as da fortuna passada, conhecessem melhor a mercê que o rei lhes fizera. Eram os irmãos de José uns pobres lavradores e pastores; sahiam de cabanas, e telhados de colmo, para virem morar em palacios doirados debaixo das pyramides e obeliscos do Egypto. Pois tragam as suas pelles, as suas mantas, os seus pellotes de panno da serra; tragam as suas samarras, as suas alparcas, as suas gualteiras; tragam as suas escudellas de pau, e os seus tarros de cortiça, para que quando se virem com as paredes ricamente entapisadas, a prata rodar pelas mezas, a seda e oiro das galas, as perolas e os diamantes das joias, os criados, os cavallos, as carroças, conheçam quanto vae de tempo a tempo, e de fortuna a fortuna, e dêem muitas graças a Pharaö. Quer cada um conhecer e vêr, e apalpar a muita mercê que o rei lhe tem feito? Coteje as suas alfaias; as de casa, e as da rua: as suas e as dos seus. A comparação deste muito com aquelle pouco, oh quanto serviria para o agradecimento e para a modestia, e ainda para fazer lastro á mesma fortuna!

Visto já o que ereis, e o que sois; o que tinheis, e o que tendes, resta a combinação dos logares onde estaveis e onde estaes. No segundo Livro dos Reis, Capitulo setimo, estão registradas as mercês que Deus tinha feito a David, e diz assim o registro: *Ego tuli te de pascuis sequentem greges, ut esses dux super populum meum.* [1] Eu (diz Deus) tirei a David de entre os pastores, onde guardava as ovelhas de seu pai, e o fiz capitão e governador sobre todo o meu povo. Não só diz Deus o logar onde o pôz, senão tambem o logar donde o tirou; o onde e mais o donde. Pois (Senhor meu, que tão grandioso sois) se quereis que fiquem registradas em vossos livros as mercês que fizestes a David, por que mandaes que se registrem tambem nelles o exercicio de que vivia, e o logar humilde, de que o levantastes? Para que á vista deste logar conheça melhor David a grande mercê que lhe tenho feito. Quando se vir com o bastão na mão, lembre-se que na mesma mão trazia o cajado. Se algum dia (que tudo se póde temer dos homens) lhe pare-

[1] *2.º Livro dos Reis*, VII, 8.

cerem pequenas a David as mercês que lhe fiz, lembrar-se-ha do logar que tinha antes, e do que tem agora; lembrar-se-ha donde o tirei, e onde o puz; e logo lhe parecerão grandes. Estes ondes, e estes dondes, não se costumam registrar nos livros das mercês. Seria bem que ao menos se registrassem nas memorias dos que as recebem. Já que tivestes tanta estrella, ponde-lhe uma estrellinha á margem. Lembre-se o descontente, com David, onde estava e onde está; lembre-se, com os irmãos de José, do que tinha e do que tem; lembre-se, com Adão, do que era e do que é, e logo verá qual deve ser o queixoso, se o despacho, ou o despachado?

Não despachou Christo hoje os nossos pretendentes; mas eu noto que nenhum delles se queixou. Pediram as duas supremas cadeiras do Reino; pediram que Christo os despachasse logo, com tres lettras: *Dic: Dic, ut sedeant hi duo filii mei.* E foram respondidos logo com outras tres: *Non: Non est meum dare vobis.* E sendo este *não* tão claro, tão secco, tão desenfeitado, queixou-se por ventura a intercessora? Queixaram-se os pretendentes? Nem uma palavra disseram. E porque? Porque eram gente, que sabia tomar as medidas á sua fortuna. Compararam o que tinham sido, com o que eram; e o que eram com o que pretendiam ser. Na comparação do que tinham sido, com o que eram, viam a melhoria do seu estado; na comparação do que eram, com o que pretendiam ser, reconheciam o excesso da sua ambição. E estas duas comparações lhes taparam a bocca de maneira, que não teve por onde brotar a queixa. Hontem remando a barca, e remendando as rêdes, hoje despachados cada um de nós com uma das doze cadeiras do reino de Christo; e que ainda não estejamos contentes, e nos atrevamos a pretender os dois logares supremos? Mais razão tem logo nosso Mestre de negar, do que teve nossa mãi, e nós de pedir. Elle negou como justo, nós pedimos como demasiados e nescios: *Nescitis quid petatis.*

III

Excluidos já os queixosos e descontentes sem causa (e que por ventura são a causa de haver tantos descontentes) oiçam agora os benemeritos, mal despachados, a muita razão que teem de se consolar. A do Evangelho, como logo mostrarei, é a mais forte de todas. Mas sem recorrer a motivos da fé: se eu fôra um dos benemeritos, em mim mesmo e no meu proprio merecimento achára tão grandes razões de me consolar, que sem outra mercê, nem despacho, me déra por mui contente e satisfeito. Discorrei um pouco commigo.

Ou mereceis os premios que vos faltam, e com que vos faltam, ou não: se os não mereceis, não tendes de que vos queixar; se os mereceis muito menos. Ainda não sabieis, que não ha virtude, nem merecimento, sem premio? Assim como o vicio é o castigo, assim a virtude é o premio de si mesma. O maior premio das acções heroicas é fazel-as. Com melhores palavras o disse Seneca, porque fallava em melhor lingua: *Quid consequar (inquis) si hoc fortiter, si hoc grate fecero? Quod feceris.* [1] Se me perguntas, que has-de conseguir pelo que fizeste, ou forte, ou generosamente? Respondo-te, que tel-o feito. *Rerum honestarum pretium in ipsis est.* O premio das acções honradas, ellas o teem em si, e o levam logo comsigo; nem tarda, nem espera requerimentos, nem depende de outrem; são satisfação de si mesmas. No dia em que as fizestes, vos satisfizestes.

E se fóra de vós mesmo esperaveis outro premio, contentae-vos com o da opinião e da honra. Se vossos serviços são mal premiados, baste-vos saber que são bem conhecidos. Este premio mental assentado no juizo das gentes, ninguem vol-o póde tirar, nem diminuir. Que importa que subaes mal consultado dos ministros, se estaes bem julgado da fama? Que importa que sahisses escusado do tribunal, se o tribunal fica accusado? Passae pela chancellaria esse despacho, deixae-o por brazão a vossos descendentes, e sereis

[1] Sen. *de beneficiis, lib.* IV, cap. 1.

duas vezes glorioso. Só vos dou licença que vos arrependaes de ter pretendido. Pouco fez, ou baixamente avalia suas acções, quem cuida que lh'as podiam pagar os homens.

Se servistes a patria, que vos foi ingrata, vós fizestes o que devieis, ella o que costuma. Mas que paga maior para um coração honrado, que ter feito o que devia? Quando fizestes o que devieis, então vos pagastes. Ouvi ao Mestre Divino, que tudo nos ensinou. Dizia Christo a seus soldados, a quem encarregou não menos, que a conquista do mundo, em que todos deram a vida: *Cum feceritis omnia, dicite: servi inutiles sumus.* [1] Quando fizerdes tudo, dizei que sois servos inuteis. Notavel sentença! O servo inutil é aquelle que não faz nada; mas o que faz muito, e muito mais o que faz tudo, ha-de cuidar, e dizer que é servo inutil? Sim. Ninguem entendeu melhor este Texto, que o veneravel Beda. Não falla Christo da utilidade que recebe o senhor, senão da utilidade que não recebe o servo. O servo não recebe utilidade do seu serviço, porque é obrigado a servir: e assim ha-de servir quem serve generosamente. O mesmo Christo se declarou, e deu a razão muito como sua: *Quod debuimus facere, fecimus:* O que deviamos fazer, isso fizemos. Quem fez o que devia, devia o que fez; e ninguem espera paga de pagar o que deve. Se servi, se pelejei, se trabalhei, se venci, fiz o que devia ao rei, fiz o que devia á patria, fiz o que me devia a mim mesmo: e quem se desempenhou de tamanhas dividas, não ha-de esperar outra paga. Alguns ha tão desvanecidos, que cuidam que fizeram mais do que deviam. Enganam-se. Quem mais é, e mais póde, mais deve. O sol e as estrellas servem sem cessar, e sempre com grande utilidade; mas essa toda é do universo, e nada sua. Presae-vos lá de filhos do sol, e tão illustres como as estrellas, e abatei-vos a mendigar outra paga!

Eu não pretendo com isto escusar os que vós accusaes. Porque vós sois benemerito, não devem elles ser injustos: antes aprender da vossa generosidade a ser generosos, e liberaes. Que dão, ou que pódem dar, a quem deu por elles o sangue? Mas porque ainda com o pouco que pódem, faltam ao agradecimento, quero

[1] *Luc.*, XVII, 10.

eu que vos falte a consolação. Se vossos feitos foram Romanos, consolae-vos com Catão, que não teve estatua no Capitolio. Vinham os estrangeiros a Roma, viam as estatuas daquelles varões famosos, e perguntavam pela de Catão. Esta pergunta era a maior estatua de todas. Aos outros poz-lhes estatua o Senado; a Catão o mundo. Deixae perguntar ao mundo, e admirar-se de vos não vêr premiado. Essa pergunta, e essa admiração é o maior e melhor de todos os premios. O que vos deu a virtude, não vol-o póde tirar a inveja, o que vos deu a fama, não vol-o póde tirar a ingratidão. Deixae-os ser ingratos, para que vós sejaes mais glorioso. Um grande merecimento sobre uma grande ingratidão fica muito mais subido. Se não houvesse ingratidões, como haveria finezas? Não deis logo queixas ao desagradecimento, dae-lhe graças.

Dir-me-heis que vêdes differentemente premiados os que fizeram menos, ou não fizeram nada. Dôr verdadeiramente grande! Já disse uma rainha de Castella [1] que os seus serviam como vassallos, os nossos como filhos. E não póde deixar de ser grande escandalo do amôr, e grande monstruosidade da natureza, que fossem uns os filhos, e sejam outros os herdeiros. Mas essa mesma injustiça vos deve servir de consolação. Se o mundo e o tempo fôra tão justo, que distribuira os premios pela medida do merecimento, então tinheis muita razão de queixa, porque vos faltava o testemunho da virtude, para que os mesmos premios foram instituidos. Mas quando as mercês não são prova de ser homem, senão de ter homem, e quando não significam valor, senão valia, pouca injuria se faz a quem se não fazem. Dizia com verdadeiro juizo Marco Tullio, [2] que as mercês feitas a indignos não honram os homens, affrontam as honras. E assim é. As commendas em similhantes peitos não são cruz, são aspa: e quando se vêem tantos ensambenitados da honra, bem vos podeis honrar de não ser um delles. Sejam esses embora exemplo da fortuna, sêde-o vós da virtude. *Virtutem ex me, Fortunam ex aliis.* [3]

Finalmente se os homens vos são ingratos, não se-

[1] *In vita Joan.*, II.
[2] Sent. Tul laud. e D. Hier.
[3] Virg, *Æneid.*, 12.

jaes vós ingrato a Deus. Se os reis vos não dão o que pódem, contentae-vos, com que vos deu Deus, o que não pódem dar os reis. Os reis pódem dar titulos, rendas, estados; mas animo, valor, fortaleza, constancia, despreso da vida, e as outras virtudes, de que se compõe a verdadeira honra, não pódem. Se Deus vos fez estas mercês, fazei pouco caso das outras, que nenhuma vale o que custa. Sobre tudo lembre-se o capitão e soldado famoso de quantos companheiros perdeu, e morreram nas mesmas batalhas, e não se queixam. Os que morreram, fizeram a maior fineza, porque deram a vida por quem lh'a não póde dar. E quem por mercê de Deus ficou victorioso, e vivo, como se queixará de mal despachado? Se não beijastes a mão real pelas mercês, que vos não fez, beijae a mão da vossa espada, que vos fez digno dellas. Olhe o rei para vós como para um perpetuo acredor: e gloriae-vos de que se não possa negar de devedor vosso, o que é senhor de tudo. Se tivestes animo para dar o sangue, e arriscar a vida, mostrae que tambem vos não falta para o soffrimento. Então batalhastes com os inimigos, agora é tempo de vos vencer a vós. Se o soldado se vê despido, folgue de descobrir as feridas, e de envergonhar com ellas a patria, por quem as recebeu. Se depois de tantas cavallarias se vê a pé, tenha essa pela mais illustre carroça de seus triumphos. E se em fim se vê morrer á fome, deixe-se morrer, e vingue-se. Perdel-o-ha quem o não sustenta, e perderá outros muitos com esse desengano. Não faltará quem diga por elle: *Quanti mercenarii abundant panibus, ego autem hic fame pereo!* [1] E este ingrato, e escandaloso epitaphio será para sua memoria muito maior, e mais honrada commenda, de quantas pódem dar os que as dão em uma e muitas vidas.

IV

Estes são os motivos gloriosos, com que eu não só me consolára, mas ainda me desvanecera, se fôra um dos mais benemeritos. Mas (porque: *Non omnes ca-*

[1] *Luc.*, xv, 17.

piunt verbum istud [1] vamos á razão divina do Evangelho, com que se não pódem deixar de consolar, e conformar todos os que teem fé, e ainda os que a não teem. Ouvi-me ao principio como homens, e depois como christãos.

Nescitis quid petatis: Não sabeis o que pedis. Nenhum homem ha neste mundo (fallando do céo abaixo) que saiba o que deseja, nem o que péde. Fundemos esta verdade na experiencia, para que as consequencias della sejam de maior, e mais segura consolação. E porque a petição do Evangelho foi de uma mãe, e dois filhos, ponhamos tambem o exemplo em dois filhos, e uma mãe.

A mais encarecida, a mais empenhada, e a mais importuna, e impaciente petição, que fez mulher neste mundo, foi a de Rachel a seu marido Jacob: *Da mihi liberos, alioquin moriar:* [2] Jacob, dae-me filhos, senão hei-de morrer. Respondeu-lhe Jacob, que os filhos só Deus os dá, e só elle os póde dar. E com ser esta razão tão certa, e tão experimentada, não se conformava com ella Rachel. Instava: *Da mihi liberos.* Dizia-lhe que advertisse, como estava na primavera de seus annos, e que ainda lhe restavam muitos, em que podia ter, naturalmente, o que tanto desejava. Mas esta mesma esperança a inquietava mais: *Da mihi liberos.* Animava-a com o exemplo de sua avó Sarah, que depois de tão comprida esterilidade houvera a Isaac seu pai. Mas Rachel sempre mais impaciente: *Da mihi liberos.* Ajuntava Jacob a estas razões as da lisonja, mais poderosa muitas vezes com a fraqueza, e presumpção daquelle sexo: dizia-lhe que olhasse para si, e se consolasse com a rosa, a qual sendo a belleza dos prados, e a rainha das flôres, é flôr que não dá fructo. Mas nem a lisonja, nem a razão, nem o exemplo, nem a esperança bastava, a lhe moderar as ancias, nem as vozes: *Da mihi liberos: Da mihi liberos.* Esta era a petição, este o aperto, estas as instancias. Mas qual foi o despacho, e o successo? Caso verdadeiramente admiravel! O despacho foi assim como Rachel pedia, e o successo em tudo contrario ao que pedia. O que pedia Rachel não só era filho, senão fi-

[1] *Math.*, XIX, 11.
[2] *Gen.*, XXX, 1.

lhos: *Da mihi liberos;* e assim lh'o concedeu Deus, porque a fez mãi de José e de Benjamin. Mas o successo foi em tudo contrario ao que pedia, porque parindo felizmente o primeiro filho, morreu de parto, e no mesmo parto do segundo. Lembrae-vos agora dos termos com que Rachel pedia os filhos: *Da mihi liberos, alioquin moriar:* Dae-me filhos (dizia) senão hei-de morrer. E quando cuidava que havia de morrer se não tivesse filhos, porque teve filhos, e no mesmo ponto em que os teve, morreu. Cuidava que pedia a vida, e pedia a morte; cuidava que pedia a alegria sua, e de sua casa, e pedia a tristeza, o luto, a orphandade della, e os que lhe haviam de trocar a mesma casa em sepultura. Tão errados são os pensamentos, e desejos humanos; e tão certo é, que no que pedimos com maiores ancias, não sabemos o que pedimos: *Nescitis quid petatis!*

Confirmado o desengano da mãi dos Zebedeus com o exemplo desta mãi, confirmemos o de seus dois filhos com o exemplo de outros dois, posto que filhos de differentes pais. Sabida é a historia de Samsão, e sabida a do Prodigo; ambos famosos por seus excessos. Deixados pois os principios, e progressos de uma e outra tragedia, ponhamo-nos ao fim de ambas, e vejamos o estado de extrema miseria, a que os passos de cada um os levaram por tão diversos caminhos. Vêdes aquelle homem robusto e agigantado, que com aspecto ferozmente triste, tosquiados os cabellos, cavados os olhos, e correndo sangue, atado dentro em um carcere a duas fortes cadeias, anda moendo em uma atafona? Pois aquelle é Samsão. Vêdes aquelle mancebo macilento e pensativo, que, roto, e quasi despido, com uma corneta pendente do hombro, arrimado sobre um cajado, está guardando um rebanho vil do gado mais asqueroso? Pois aquelle é o Prodigo. Quem haverá que se não admire de uma tal volta de fortuna em dois sujeitos tão notaveis: um tão valente, outro tão altivo! E' possivel que nisto pararam as riquezas e bizarrias do Prodigo? Nisto pararam, ou para melhor dizer, não pararam só nisto: porque o Prodigo perecendo á fome no meio do montado, não tinha licença para se sustentar das bolotas, com que apascentava o seu gado: e Samsão tirado em publico para ludibrio do povo, foi tratado com taes escarneos, e indecencias, que de corrido e affronta-

do, com suas proprias mãos se tirou a vida. Mas qual seria a causa destes successos, e de duas mudanças tão estranhas? Agora não vos peço admiração, senão pasmo. Ambas estas mudanças de fortuna não tiveram outra causa que o bom despacho de duas petições, em que Samsão, e o Prodigo se empenharam. Pediu Samsão a seus pais, que lhe déssem por mulher uma philisthéa: *Quam quæso ut accipiatis mihi uxorem.* [1] Concederam-lhe os pais o que pediu: e esta philisthea foi a causa das guerras que Samsão teve com os philistheus, e dos enganos e traições de Dalila, e da sua prisão, e do seu captiveiro, e da sua cegueira, e das suas affrontas, e do fim lastimoso e tragico de seu valor. Da mesma maneira pediu o Prodigo a seu pai lhe désse em vida a herança que lhe havia de caber por sua morte: *Da mihi portionem substantiæ, quæ me contingit.* [2] Concedeu-lhe o pai o que pedia: e esta herança consumida em larguezas, e vicios da mocidade, foi causa da sua pobreza, da sua vileza, da sua miseria, da sua fome, da sua servidão, da sua deshonra, que só tiveram de desconto o pesar e arrependimento. Torne agora Rachel, e perguntemos áquella mãi, e a estes dois filhos, se pediriam depois de tão pesadas e contrarias experiencias, o que antes dellas pediram? Pediria Rachel filhos, se soubesse que o ter filhos lhe havia de custar a vida? Pediria Samsão a Philisthéa, se soubesse que ella havia de ser a causa de sua affronta, de sua morte, e de perder os olhos com que a vira? Pediria o Prodigo a herança antecipada, se soubera que com ella havia de comprar a miseria, a servidão, a deshonra? Claro está que não. Pois se agora não haviam de pedir nada do que pediram, senão antes o contrario, por que o pediram então? Já sabeis a resposta. Pediram-no, porque não sabiam o que pediam: pediram-no, porque ninguem sabe o que pede: e pediram-no, porque foram aquella mãi, e aquelles dois filhos, como a mãe, e os dois filhos do nosso Evangelho: *Nescitis quid petatis.*

Supposto este principio certo e infallivel, que ninguem sabe o que pede, tirem agora a consequencia os

---

[1] *Juizes*, XIV, 2.
[2] *Luc.*, XV, 12.

que se teem por mal despachados. Se vós soubesseis que vos estava bem o que pedistes, então tinheis razão de estar contente se vol-o concederam, ou descontente se vol-o negaram. Mas quando ignoraes egualmente se vos estava bem ou mal, o que pretendieis, por que vos desconsolaes? Se me desconsolo, porque cuido que me podia estar bem, por que me não consolo considerando que me podia estar mal; e mais quando nas coisas deste mundo o mal é o mais certo? Consolae-vos com a desgraça de Rachel, consolae-vos com a tragedia de Samsão, consolae-vos com o arrependimento do Prodigo. E se estes exemplos vos movem menos por serem de longe, consolae-vos com os de mais perto, e com os que vistes, e vêdes com vossos olhos. Quantos vistes, que cuidavam que estava o seu remedio onde acháram a sua perdição? Quantos vistes, que cuidavam que estava a sua honra donde tiraram o seu descredito? Quantos vistes, que cuidavam que estava o seu augmento onde experimentaram a sua ruina? Quantos finalmente vistes, que os esperava a morte, onde elles esperavam os maiores interesses, e felicidades da vida? Alcançaram o que pediram; aceitaram muito contentes o parabem do despacho; mas o despacho não era para bem: *Pœnam pro munere poscis:* [6] disse o sol a Phaetonte, quando lhe pediu o governo do seu carro. Olha, filho, que cuidas que pedes mercê, e pedes castigo. O auctor é fabuloso, mas a sentença verdadeira. E senão perguntae-o aos nossos Phaetontes: aos do oriente na Asia: aos do meio-dia na Africa: aos do occidente na America. O mesmo carro que pediram foi o seu precipicio, e o mesmo excesso dos raios o seu incendio. Se lhes buscardes os ossos fulminados (como se buscaram os de Phaetonte), uns achareis nas ondas, outros nas areias, outros nos hospitaes, outros nos carceres e nos desterros, e poucos nas mesmas terras, que perderam, que fôra mais honrada sepultura. Estes são os vossos bem despachados. Quando partiram, levavam após si as invejas; quando tornaram, ou não tornaram, trouxeram as lagrimas. E se elles se enganaram com o seu desejo, e com a sua fortuna, porque não souberam o que pediram, vós que tam-

[6] Ovid., *Metamorph.*, II.

bem o não sabeis, porque vos haveis de enganar? Desenganae-vos com o seu engano, e consolae-vos com o seu erro, pois nem elles, nem vós sabeis o que pedis: *Nescitis quid petatis.*

V

Oh se soubessemos o que pedimos! Oh se soubessemos o que nos está bem, ou mal, como nos haviamos de dar muitas vezes por bem despachados com aquelle mesmo que chamamos máu despacho! O que nos está bem ou mal, só Deus o sabe, todos os mais o ignoramos. E esta sciencia de Deus, e esta ignorancia nossa, são os dois pólos em que ha-de estribar toda a indifferença de nossas petições, e tambem a resignação nos despachos. As petições havemol-as de fazer, como quem não sabe o que pede; e os despachos havemol-os de aceitar, como de quem só sabe o que dá. Cuidamos que os homens são os que nos despacham, e por isso murmuramos, e nos queixamos delles; e não advertimos, que em todos os conselhos assiste invisivelmente Deus, como presidente supremo; e que Elle é o que nos dá, ou nega o que pedimos, como quem só sabe o que nos está bem ou mal. As sortes (diz Salomão) não dependem da mão do homem que as tira, senão da mão de Deus que as governa: *Sortes mittuntur in sinum, et á Domino temperantur.* [1] Se vos sahiu a sorte em branco, se vos não responderam como pedieis, consolae-vos, e aceitae esse despacho como da mão de Deus, que só sabe o que vos convém. Os homens só fazem mercê quando dão; Deus não só faz mercê quando dá senão tambem quando nega.

Petite, et dabitur vobis, [2] pedi e recebereis, diz Christo. E para maior confirmação desta promessa, acrescenta: *Omnis enim qui petit, accipit;* [3] porque todo o que pede recebe. A proposição não póde ser mais universal nem mais clara, mas tem a replica e a

[1] *Prov.*, XVI, 33.
[2] *Luc.*, XI, 9.
[3] *Ibid.*

instancia muito á flôr da terra; e apenas haverá neste mesmo auditorio, quem não possa testemunhar nella com a propria experiencia. Quantos senhores de ricas e grandes casas pediram a Deus um herdeiro e não o alcançaram? Quantos pobres carregados de filhos pediram para elles o sustento, e não teem com que lhes matar a fome? Quantos na enfermidade fizeram votos pela saude e morreram sem remedio? Quantos na tempestade bradando ao céo, foram comidos das ondas? Quantos no captiveiro, orando continuamente pela liberdade, acabaram a miseravel vida nos ferros e nas masmorras? E para que não vamos mais longe, no mesmo caso do nosso Texto temos a mãi dos filhos de Zebedeu pedindo e pedindo de joelhos: *Adorans, et petens aliquid ab eo.* E a resposta da sua petição (sendo o mesmo Christo a quem pediam) foi um *não*, muito desenganado e muito liso: *Non est meum dare vobis.* Pois se é verdade, certa e evangelica, experimentada, ordinaria, e manifesta, que muitos pedem a Deus, e não alcançam o que pedem, como diz Christo: pedi e recebereis? E como affirma absoluta e universalmente que todos os que pedem recebem? A duvida não póde ser mais apertada, mas é da casta daquellas que se fundam na falsa intelligencia, ou errada apprehensão do Texto. Ponderae e reparae bem no que dizem as palavras, e no que não dizem: *Petite, et accipietis: omnis enim qui petit, accipit.* Não diz Christo; pedi e recebereis o que pedis, senão: pedi e recebereis. Nem diz, todo o que pede recebe o que pede, senão: todo o que pede, recebe. E que é o que recebe? O que Deus sabe que lhe está melhor. Se pedis o que vos convém, recebeis o que pedis, mas se pedis o que vos não convém, recebeis o não se vos dar o que pedieis. Deste modo todo o que pede recebe: *Omnis qui petit, accipit*, porque ou recebe o que pede; ou recebe o que havia de pedir, se soubera o que pedia. Quando um homem pede o que lhe não convém, se soubera o que pedia, havia de pedir que lh'o negassem; e porque só Deus sabe o que nos convém, suppre com a sua sciencia a nossa ignorancia, e por isso nos responde como aos Zebedeus com um *não*, e nos nega o que pedimos.

O mesmo Christo declarou a sua proposição, e a fez evidente com tres exemplos familiares e caseiros, que se eu os trouxera havieis de dizer que eram bai-

xos. Tão altiva é a nossa rudeza, e tão humana a sabedoria divina: *Quis autem ex vobis patrem petit panem, nunquid dabit illi? aut piscem, nunquid pro pisce serpentem dabit illi? aut si petierit ovum, nunquid porriget illi scorpionem?* Se um filho (diz Christo) pedir pão a seu pai, dar-lhe-ha uma pedra? Se lhe pedir peixe, dar-lhe-ha uma serpente? Ou se lhe pedir um ovo, dar-lhe-ha um escorpião? Pois esta é a razão porque Deus, que nos trata como filhos, nos diz muitas vezes de *não*, e nos nega o que pedimos; porque pedimos pedras, porque pedimos serpentes, porque pedimos escorpiões. Cuidamos que pedimos o necessario, e pedimos o inutil; cuidamos que pedimos o proveitoso, e pedimos o nocivo; e isto é pedir pedras. Cuidamos que pedimos sustento, e pedimos veneno; cuidamos que pedimos o que havemos de comer, e pedimos o que nos ha-de comer; cuidamos que pedimos com que viver, e pedimos o que nos ha-de matar; e isto é pedir serpentes e escorpiões. Quando somos tão nescios ou tão meninos, que não distinguimos o escorpião do ovo, nem a serpente do peixe, nem o pão da pedra, Deus, que é pai e tão bom pai, porque nos não ha-de negar o que tão ignorante e tão perigosamente pedimos? Oh ditosos aquelles a quem Deus assim despacha, porque sabe que não sabem o que pedem: *Nescitis quid petatis!*

E por que vos consoleis dobradamente, não tendo nenhumas invejas aos que o mundo chama bem despachados; sabei, e saibam elles que Deus assim como tem um *não* para as mercês, tambem tem um *sim* para os castigos. Entre os homens o melhor despacho das petições é: *como pede;* no tribunal de Deus muitas vezes é o contrario. Deus nos livre de um *como pede* de Deus, quando os homens não sabem o que pedem. Caminhavam pelo deserto os filhos de Israël, e enfastiados do manná, e lembrados das olhas do Egypto, pediram carne. Levou Moysés a Deus a petição, não porque elle a approvasse, mas importunado do povo. E que responderia Deus? Pedem carne? Sou muito contente; faça-se assim como pedem. Não só lhes darei carne, senão muita, e muito regalada. No mesmo ponto á maneira de chuva começaram a cahir sobre os arraiaes infinitas aves de penna, que assim falla o Texto: *Pluit super eos sicut pul-*

verem carnes, et sicut arenam maris volatilia pennata. [1] Ora grande é a paciencia e liberalidade de Deus! A uns homens tão ingratos, despresadores do manná do céu, assim lhes concede o que pedem? A um appetite tão desordenado tanto favor? A uma petição tão descomedida tanta mercê? Esperae um pouco pelo fim, e logo vereis. Muito contente o povo com a chuva nunca vista das aves de penna, começam a matar, a depennar, a guisar de varios modos; assentam-se ás mezas com grande festa: e que succedeu? *Adhuc esca eorum erant in ore ipsorum, et ira Dei ascendit super eos.* [2] Ainda tinham o comer na bocca, quando veiu a ira de Deus sobre elles. Comiam das aves, e como se foram serpentes, ou escorpiões, cada boccado era outro tanto veneno, e cahiam mortos. Eis-aqui o fim do *como pedem*. Parecia favor, e era castigo, parecia mercê de Deus, e era ira de Deus; *Et ira Dei ascendit super eos.* Por este e outros exemplos disse altamente Santo Agostinho: *Multa Deus concedit iratus, quæ negaret propitius:* Deus irado concede muitas coisas, as quaes havia de negar se estivera propicio. Se Deus estivera propicio ao povo havia-lhe de negar o que pedia: concedeu-lh'o porque estava irado contra elle. Cuidaes que esse despacho tão venturoso e tão invejado é mercê? Esperae-lhe pelo fim e vereis que é castigo.

E se Deus concede por peccados, para que os bem despachados se não desvaneçam: tambem nega por merecimentos para que os mal despachados se consolem. Ouvi um grande reparo sobre o nosso Evangelho. Pedem os Zebedeus as cadeiras, não lh'as quer Christo conceder, porque não sabiam o que pediam, como pouco ha dissemos, mas antes de lh'as negar, pergunta-lhes se se atreviam a beber o calix, isto é, se se atreviam a morrer por elle, e como elle: *Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum?* Responderam ambos animosamente, que sim. E porque o testemunho deste valor e serviço não ficasse só na fé dos pretendentes, o mesmo Christo o qualificou e justificou, e lhes deu certidão authentica de que assim era ou havia de ser: *Calicem quidem meum bibetis:* e de-

---

[1] *Psal.*, LXXVII, 27.
[2] *Ibid.*, 30.

pois destas provanças, tão miudas e tão exactas, então lhes respondeu: *Non est meum dare vobis.* Pois se o Senhor lhes havia de negar o que pediam, para que lhes pede serviços? Para que lhes examina merecimentos? Para que lhes prova o valor? Para que lhes certifica a morte, e o sangue do calix? Se todas estas diligencias foram feitas para sobre ellas lhes fazer a mercê, bem estava; mas para lhes negar o que pediam? Sim. Porque tambem o negar é mercê. E porque mercês, e mais se são grandes, se não devem fazer senão por grandes serviços e muito justificados, por isso Christo lhes pediu primeiro os serviços e os justificou por verdadeiros, para lhes fazer a mercê de lhes negar o que pediam. De maneira que aos filhos de Israël concedeu-lhes Deus a sua petição por peccados, e aos filhos de Zebedeu negou-lhes Christo a sua por merecimentos, porque no primeiro caso o conceder era castigo, e no segundo o negar foi mercê. E como o despacho dos que se teem por bem despachados, póde ser castigo e grande castigo, e pelo contrario o dos que se teem por mal despachados póde ser mercê e grande mercê, tão pouca razão teem uns de se desvanecer como outros de se desconsolar, pois uns e outros não sabem o que lhes deram, assim como não sabem o que pedem. *Nescitis quid petatis.*

VI

Estou vendo, senhores, que já me haveis por desempenhado do que ao principio prometti: entendendo que na primeira parte deste discurso vos préguei como a homens, e na segunda como a christãos. Não é assim, posto que nesta segunda parte fallei tantas vezes em Deus, attribuindo á sua justiça e providencia os vossos bons ou máus despachos. Até os gentios fallaram deste modo, e conheceram isto mesmo só pelo lume da razão, e por serem homens, posto que sem fé. Socrates, aquelle grande philosopho da Grecia, dizia que nenhuma coisa em particular se havia de pedir aos deuses, senão em geral o que estivesse bem a cada um, porque isto só elles o sabem, e os homens ordinariamente appetecemos o que nos fôra melhor não alcançar. *Nihil ultra petendum á diis im-*

mortalibus arbitrabatur, quám ut bona tribuerent: quia ii demum scirent, quid unicuique esset utile? Nos autem plerumque id votis expetere, quod non impetrasse melius foret, diz Valerio Maximo, fallando de Socrates. E Platão para ensinar o methodo com que haviamos de pedir a Deus compoz esta oração: *Jupiter da nobis bona, sive ea petamus, sive non: arce verò mala, etiam si ea ex errore petamus.* Quer dizer: Jupiter, dae-me o bem ainda que vol-o não peça, e livrae-me do mal, ainda que vol-o peça. Sabiamente por certo. Não conheciam a Deus aquelles philosophos, mas sabiam o que se deve pedir, e como se deve pedir a Deus. Pedir-lhe que nos dê o bem, ainda que lh'o não peçamos, porque muitas vezes pedimos o mal cuidando que é bem, e não pedimos o bem cuidando que é mal; e só Deus, que sabe o que nos está bem ou mal, nos póde dar o que nos convém. Assim que até agora sómente préguei como a homens, e por isso todos os bens ou males de que fallei, foram do céo abaixo: agora subamos mais acima, e dae-me attenção como christãos ao que brevemente me resta por dizer, que é o que sobre tudo importa.

Nescitis quid petatis. São tão nescias, christãos, as nossas petições, são tão arriscadas e tão perigosas muitas vezes, que cuidando que pedimos os bens temporaes, pedimos os males eternos; cuidando que pedimos nossas conveniencias, pedimos a nossa condemnação. Não é consequencia ou consideração minha, senão doutrina e conclusão expressa do mesmo Christo: *Sedere autem ad dexteram meam, vel sinistram, non est meum dare vobis, sed quibus paratum est á Patre meo.* Notavel e profunda resposta! Os dois discipulos e sua mãi, pediam as duas primeiras cadeiras do reino temporal de Christo, entendendo erradamente que o Senhor havia de reinar temporalmente neste mundo, assim como David, Salomão e os outros reis seus primogenitos. Este era o seu pensamento, e esta a sua petição conforme a esperança vulgar, a que todos estavam persuadidos, ainda depois da resurreição de Christo, quando perguntaram: *Domine, si in tempore hoc restitues regnum Israël?* [1] Pois se pediam logares e dignidades temporaes, como lhes res-

[1] *Act.*, I, 6.

ponde Christo quando lh'as nega com os decretos da predestinação do Padre: *Sed quibus paratum est á Patre meo?* Porque os despachos das nossas petições, ainda que sejam de coisas temporaes, são effeitos muitas vezes da predestinação eterna. Muitas vezes sáe despachado o pretendente, porque é precito, e não sáe despachado, porque é predestinado. Pediu o demonio a Deus que lhe désse poder sobre os bens e pessoa de Job, e concedeu Deus ao demonio o que pedia o demonio. Pediu S. Paulo a Deus, e pediu-lhe tres vezes, que o livrasse de uma tentação, e negou Deus a S. Paulo o que pedia S. Paulo. Pois a Paulo se nega o que pede, e ao demonio se concede? Sim, diz Santo Agostinho. Ao demonio para maior confusão, a Paulo para maior gloria; a Paulo como a predestinado; ao demonio como a precito. Quantos precitos estão hoje no inferno arrenegando dos seus despachos! E quantos predestinados estão no céo dando eternas graças a Deus porque os não despacharam! Dois destes predestinados não despachados eram os dois Apostolos do nosso Evangelho, que por isso lhes disse Christo, que não sabiam o que pediam. Cuidavam que pediam dignidades e honras do mundo, e pediam, sem saber o que pediam, a sua condemnação: *Unus ad dexteram, et unus ad sinistram.* A mão direita de Christo, como se verá no dia do Juizo, é o logar dos que se hão-de salvar: a mão esquerda é o logar dos que se hão-de condemnar. E como cada um dos dois Apostolos pedia indifferentemente a mão direita ou esquerda, ambos se expunham e se offereciam sem o saberem ao logar da condemnação. S. João Chrysostomo: *Ego vos elegi ad dexteram, et vos vestro judicio curritis ad sinistram:* eu (diz Christo) escolhi-vos para a mão direita, e vós por vosso juizo, e por vossa vontade (sem saber o que pedis) pedis e fazeis instancias pela mão esquerda. Oh quantos requerentes da mão esquerda, oh quantos pretendentes da condemnação andam hoje em todas as côrtes da christandade, sem saberem o que pedem e o que requerem! Andam requerendo e sollicitando, e contendendo sobre quem ha-de levar o inferno. E os que o alcançam ficam muito contentes, e os que o não conseguem muito tristes.

Então tudo é queixar e infamar os ministros, e talvez com tanto excesso e atrevimento, que ainda só-

bem as queixas mais acima. Eu não tenho tanta opinião dos nossos tribunaes na justiça distributiva, como noutras especies desta virtude; mas para o fim da predestinação e salvação (que é o ultimo despacho e o que só importa) tanto se serve Deus de ministros justos, como dos injustos; e tanto da sua justiça, se a observam, como da sua injustiça. Quiz Deus salvar o genero humano naquelle dia fatal em que deu a vida por elle; e de que ministros se serviu sua Providencia? Caso estupendo! Serviu-se de Judas, de Annaz, de Caiphaz, de Pilatos, de Herodes; e por meio da injustiça e impiedade de homens tão abominaveis, se conseguiu a salvação de todos os predestinados. Se esperaes ser um delles, não vos queixeis. E se me dizeis que foram injustos os ministros comvosco, tambem vol-o concedo, posto que o não creio. Mas que importa que ou neste conselho fossem Judas, ou naquelle Annazes e Caiphazes, ou no outro Herodes e Pilatos, se por meio da sua injustiça tinha Deus predestinado a vossa salvação? Elles irão ao inferno pela injustiça que vos fizeram, e vós por occasião da mesma injustiça ireis ao céo.

Notae neste mesmo dia dois concursos dignos de toda a ponderação, para que vos não queixeis de vêr preferidos os que concorreram comvosco. O primeiro concurso foi de Christo com Barrabás, e ambos foram julgados com summa injustiça; porque Barrabás ladrão, adultero, homicida e traidor, sahiu absolto; e Christo summamente innocente e summamente benemerito, condemnado. O segundo concurso foi de Dimas e Gestas (o bom e o máu ladrão) e ambos foram condemnados com egual justiça, porque ambos como ladrões mereciam a força. E que tirou Deus destes dois concursos, e destes dois juizos tão encontrados? O primeiro foi por ambas as partes injusto, o segundo por ambas as partes justo, e de ambos tirou Deus egualmente a condemnação dos precitos, e a salvação dos predestinados. Do primeiro tirou a condemnação de Barrabás e a gloria de Christo, do segundo tirou a gloria do bom ladrão e o inferno do máu; porque para salvar ou não salvar, tanto se serve Deus da justiça dos homens, como da sua injustiça. Concedo-vos que podeis ser consultado, julgado e despachado, ou injustamente, como vós dizeis, ou justamente, como não confessaes; mas nem da justiça, nem da injustiça

dos ministros, vos deveis queixar, se tendes fé, porque tanto póde pender dessa justiça a vossa condemnação, sahindo bem despachados para o inferno, como depender dessa injustiça a vossa salvação, sahindo mal despachados para o céo.

E se não tendes razão para vos queixar dos ministros, muito menos a tem a vossa temeridade, para subirem talvez as queixas até o sagrado, onde se decretam as resoluções. E porque? Porque ainda que os reis são homens, Deus é o que tem nas suas mãos os corações dos reis: *Cor regis in manu Domini: quocumque voluerit, inclinabit illud:* [1] o coração do rei (diz Salomão) está na mão de Deus, e a mão de Deus é a que o move e inclina a uma ou a outra parte, segundo a disposição de sua providencia. Como o coração do rei está na mão de Deus, se Deus abre e alarga a mão, alarga-se tambem o coração do rei, e faz-vos mercê com grande liberalidade; e se Deus aperta e estreita a mão, estreita-se do mesmo modo o coração do rei, e, ou vos dá muito menos, ou nada do que pedieis. De maneira que ainda que o rei é o senhor que dá ou não dá, tem sobre si outro Senhor maior, que é o que lhe alarga ou estreita o coração, para que dê ou não dê. Rei era Cyro e rei era Pharaó; Cyro dominava os hebreus no captiveiro de Babylonia: e Pharaó dominava os mesmos hebreus no captiveiro do Egypto; mas a causa superior de serem tão differentemente tratados, não foi Cyro nem Pharaó, senão Deus. Como Deus tinha na mão o coração daquelles reis alargou a mão ao coração de Cyro, e deu Cyro liberdade aos hebreus, e estreitou a mão ao coração de Pharaó, e não só os não libertou Pharaó, antes lhes apertou mais o captiveiro. Adverti porém para consolação vossa, que este mesmo aperto, e esta mesma estreiteza e dureza do coração de Pharaó, foi a ultima disposição que Deus traçava para levar os hebreus (como levou) á Terra de Promissão. Se o coração do rei, tão largo e tão liberal com outros, é para comvosco estreito e ainda duro, alargae vós o vosso coração, e consolae-vos, e entendei que por esse meio vos quer Deus levar á Terra de Promissão do céo, para que vos tem predestinado. Póde haver maior consolação que esta? Não póde.

---

[1] *Prov.*, XXI, 1.

Agora acabaremos de entender a providencia que está escondida em uma desegualdade, que cada dia experimentamos, e não sei se advertimos bem nella? Requere um pretendente: sollicita, negoceia, insta, e talvez peita e suborna, e sahe despachado. O outro seu competidor, que não tem tanta valia, nem tanto do que vale, encommenda o seu negocio a Deus, mette a sua petição na mão de Santo Antonio, manda dizer Missas a Nossa Senhora do Bom Despacho, e sahe escusado. Pois este é o fructo de negociar com Deus? Estes são os poderes da oração? Esta é a valia e a intercessão dos santos? Sim: esta é. Porque elles intercederam por vós, por isso não sahistes despachado. Um santo que prégou neste mesmo pulpito, nos ha-de dar a prova. Havia na India um fidalgo mui devoto de S. Francisco Xavier; tinha suas pretenções com o senhor rei D. João o III, pediu uma carta de favor ao santo para seu companheiro, o padre mestre Simão, que era mestre do principe, e muito bem visto de el-rei. Escreveu S. Francisco Xavier, e dizia assim o capitulo da carta: Dom fulano é muito amigo da Companhia, tem requerimentos com sua alteza; peço a vossa reverencia, pelas obrigações que devemos a este fidalgo, que procure desviar os seus despachos, quanto fôr possivel, porque todo o que vem bem despachado para a India, vae bem despachado para o inferno. Eis-aqui as intercessões dos santos. Sabeis porque sahiu o outro despachado, e vós não? Porque elle teve a valia dos homens, e vós a intercessão dos santos. Esperaveis que vos despachassem bem para o inferno, quando tinheis encommendado o vosso requerimento á Senhora do Bom Despacho? Dae graças a Deus e a sua Mãi, e ouvi tudo o que tenho dito, e tudo o que se póde dizer nesta materia, em um Texto estupendo de S. Paulo.

Quid oremus, sicut oportet, nescimus: ipse autem Spiritus postulat pro nobis gemitibus inenarrabilibus: [1] Nós não sabemos o que pedimos: *Nescitis quid petatis:* Nós não sabemos pedir o que nos convém: *Quid oremus, sicut oportet, nescimus.* E que faz Deus, auctor da nossa predestinação e salvação, quando pedimos o que é contrario a ella? *Ipse autem Spiritus pos-*

[1] *Ad Rom.* VIII, 2.

tulat pro nobis gemitibus inenarrabilibus: O mesmo Espirito Santo (diz S. Paulo) por sua infinita bondade e misericordia, troca, emenda e ordena as nossas petições; e elle mesmo pede por nós a si mesmo com gemidos que se não pódem declarar: *Gemitibus inenarrabilibus.* De sorte que quando pretendemos o que encontra a nossa salvação, nós pedimos na terra, e o Espirito Santo geme no céo; nós fazemos instancias, e elle dá ais. Ai homem cégo, que não sabes o perigo em que te mettes! Ai, que se quer perder aquella pobre alma! Ai, que anda sollicitando sua condemnação! Ai, que pretende aquelle officio! Ai, que pretende aquella judicatura! Ai, que pretende aquelle conselho! Ai, que pretende aquelle governo! Ai, que se alcança o que pretende se vae ao inferno! Pretende o Brazil: se vae ao Brazil, perde-se: pretende Angola: se vae a Angola condemna-se; pretende a India; se passa o Cabo de Boa Esperança lá vae a esperança da sua salvação. Assim geme o Espirito Santo por nos desviar do que pretendemos com tantas ancias, porque não sabemos o que pedimos. *Quid oremus, sicut oportet, nescimus.*

Pois que ha-de fazer um homem depois de servir tantos annos? Não ha-de pretender? Não ha-de requerer? Póde ser que esse fôra o melhor conselho. Mas não digo tanto, porque não vejo tanto espirito. O que só digo é, pelo que cada um deve á sua salvação, que o nosso modo de requerer seja este. Ponde a petição na mão do ministro e o despacho nas mãos de Deus. Senhor, eu não sei o que peço: o que mais convém a minha salvação só vós o sabeis, vós o encaminhae, vós o disponde, vós o resolvei. Com isto ou sahireis despachado, ou não: se sahirdes despachado, aceitae embora a vossa portaria ou a vossa provisão, e começae a temer e tremer; porque póde ser que aquella folha de papel seja uma carta de Urias. [1] Urias levava no seio a sua carta, cuidando que era um grande despacho, e era a sentença da sua morte. Cuidaes que levaes no vosso despacho o vosso remedio e o vosso augmento, e póde ser que leveis nelle a sentença de vossa condemnação. Não lhe fôra melhor a Pilatos não ser julgador? Não lhe fôra melhor a Caiphaz não

[1] *2.º Livro dos Reis,* XVII, 15.

ser pontifice? Não lhe fôra melhor a Herodes não ser rei? Todos estes se condemnaram pelo officio, e mais com Christo diante dos olhos. Mas se fordes tão venturosamente desgraçado que não consigaes o despacho, consolae-vos com estes exemplos, e com o de S. João e S. Thiago. Se Christo não despacha a dois vassallos tão benemeritos, folgae de ser assim benemeritos. Se Christo não despacha a dois criados tão familiares de sua casa, folgae de ser assim da casa de Christo. Se Christo não despacha os dois discipulos tão amados, folgae de ser assim amado seu; e entendei que vos não despachou Deus, nem quiz que vos despachassem, porque não sabeis o que pedieis, porque sois predestinado. Lá na outra vida haveis de viver mais que nesta: se aqui tiverdes trabalhos, lá tereis descanço; se aqui não tiverdes grandes logares, lá tereis o logar que só é grande; e se aqui vos faltar a graça dos homens, lá tereis a graça de Deus e o premio desta graça, que é a gloria.

SERMÃO

DA

Terceira Quarta Feira da Quaresma *

Prégado na Capella Real, no Anno de 1670

Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est á Patre meo. [1]

I

Estamos em sermão de pretendentes; e segundo a experiencia e queixa commum, ou seja com razão ou sem ella, acho eu que os pretendentes das côrtes em seus requerimentos são como os nossos argonautas, e primeiros descobridores da India; senão que navegam ao revez, e fazem a viagem ás avessas. Os nossos descobridores primeiro passaram o cabo de Não, e depois o cabo da Boa Esperança; os pretendentes pelo contrario. Começam pelo cabo da Boa Esperança, e acabam pelo cabo de Não. Assim succedeu hoje aos filhos do Zebedeu, que tambem eram navegantes. Começaram pelo cabo da Boa Esperança, e com tão boa monção que o passaram em uma san-

---

* Este sermão, em fórma de conferencia moral, tem por assumpto ensinar aos que governam a politica com que devem promover a obediencia das leis, segundo as prescripções do Evangelho. E' um maravilhoso sermão, commenta o padre Honorati, cheio de pensamentos nobres, prégado n'um estylo elegantissimo, e que deveria ser bem estudado por todos quantos no ecclesiastico e no civil têm que governar. O ultimo numero, attendendo ás circumstancias em que o orador fallava, accrescenta ainda o erudito commentador, julgar-se-ha superior a todos os elogios. (Vid, *Chrysost. Port.*, vol. 1.º, pag. 275).

[1] *Math.*, XX.

gradura, porque o vento era galerno e o mar bonança. Fundavam a esperança na graça de Christo, na eleição que delles tinha feito, e na promptidão com que tinham deixado, não só a barca e as rêdes, como Pedro e André, senão tambem o proprio pai; fundavam a esperança no valimento de João, conhecidamente o mais aceite a Christo, e descobertamente o amado entre todos os Discipulos; fundavam a esperança na propinquidade do sangue, por serem primos do mesmo Senhor, não reparando que os principes não teem parentes, e muito menos ao perto; fundavam, finalmente, a esperança na intercessão de sua mãi, que por mulher era digna de todo o respeito, e por viuva, de toda a piedade. Mas ainda que passaram tão felizmente o cabo da Boa Esperança, e se promettiam prompto e inteiro despacho, alfim acabaram como os de mais pelo cabo de Não: *Non est meum dare vobis.*

Terrivel palavra é um *Non*. Não tem direito nem avesso: por qualquer lado que o tomeis, sempre sôa e diz o mesmo. Lêde-o do principio para o fim, ou do fim para o principio, sempre é *non*. Quando a vara de Moysés se converteu naquella serpente tão feroz, que fugia della porque o não mordesse; dsise-lhe Deus que a tomasse ao revez, e logo perdeu a figura, a ferocidade e a peçonha. O *non* não é assim: por qualquer parte que o tomeis sempre é serpente, sempre morde, sempre fere, sempre leva o veneno comsigo. Mata a esperança, que é o ultimo remedio que deixou a natureza a todos os males. Não ha correctivo que o modere, nem arte que o abrande, nem lisonja que o adoce. Por mais que confeiteis um *não* sempre amarga; por mais que o enfeiteis sempre é feio; por mais que o doureis sempre é de ferro. Em nenhuma solfa o podeis pôr que não seja mal soante, aspero e duro. Quereis saber qual é a dureza de um *não?* A mais dura coisa que tem a vida é chegar a pedir e depois de chegar a pedir ouvir um *não:* vêde o que será? A lingua hebraica, que é a que fallou Adão, e a que mais naturalmente significa e declara a essencia das coisas, chama ao negar o que se pede, envergonhar a face. Assim disse Bersabé a Salomão: *Petitionem unam precor á te, ne confundas faciem meam:* [1] tra-

[1] *3.º Livro dos Reis*, II, 16.

go-vos, Senhor, uma petição, não me envergonheis a face. E porque se chama envergonhar a face negar o que se pede? Porque dizer *não* a quem pede, é dar-lhe uma bofetada com a lingua. Tão dura, tão aspera, tão injuriosa palavra é um *não*. Para a necessidade dura, para a honra affrontosa, e para o merecimento insoffrivel.

E se um *não* é tão duro para quem o ouve, creio eu que não é menor a sua dureza para quem o diz; e tanto mais quanto mais generoso fôr o coração, e mais soberano o animo que o houver de pronunciar. Dos tres anjos que appareceram a Abrahão no valle de Mambré os dois que representavam ministros, partiram a executar o castigo nas cidades infames, e o terceiro ou primeiro que representava a Deus, ficou com Abrahão. E porque o estar só por só com Deus, é o melhor tempo e modo de negociar com Elle; animou-se então o santo patriarcha a pedir a revogação da sentença. Eram as cidades cinco, e disse assim: Senhor, se naquellas cinco cidades houver cincoenta justos, não lhe perdoará Vossa Magestade? Sim, perdoarei, respondeu Deus, ou o anjo em seu nome. E se não chegarem a cincoenta, e forem sómente quarenta e cinco? Tambem perdoarei. Alentado com esta partida, continuou Abrahão a outras menores. E se forem só quarenta? Perdoarei por quarenta. E se trinta, Senhor? Tambem por trinta. E se vinte? Por vinte. E se dez sómente? Tambei perdoarei por dez. E dizendo isto, desappareceu o anjo: *Abiitque Dominus.* [1] Notavel despedida! Não aguardou o anjo a que Abrahão instasse mais e offerecesse ou rogasse com menor partido. A submissão, o comedimento, e a santa cortezania com que Abrahão instava e passava de uma petição a outra, é admiravel, e dignissima de que todos a leiam, e de que o anjo só pelo ouvir se detivesse. Pois se tinha aguardado não só com paciencia, mas com tão particular agrado, desde a primeira instancia até á sexta, porque não esperou a setima, porque se retirou e escondeu tão subita e improvisamente? Por não chegar a dizer um *não*. A commissão que trazia o anjo, eram dois decretos: um condicional, outro absoluto. O condicional, que se

[1] *Gen.*, XVIII, 33.

nas cinco cidades houvesse até dez justos, suspendesse o castigo; o absoluto, que se fossem menos de dez, executasse e ardessem. E como o anjo que a seis petições de Abrahão tão benevolamente tinha sempre dito sim, se elle continuasse e instasse com a setima, era forçado a dizer *não*, por se não atrever a pronunciar esta durissima palavra, desappareceu e escondeu-se. Naquellas cinco cidades não ha mais que quatro justos, de que consta a familia de Loth, sobrinho de Abrahão; se Abrahão, como é certo, descer a este numero, eu, diz o anjo, não lhe posso conceder o partido, e é força responder-lhe de *não:* pois para que nem eu tenha o dissabôr de dizer tal palavra, nem elle o desgosto e pena de a ouvir, fugir e desapparecer é o melhor meio: *Abiitque Dominus.*

Os reis e principes soberanos representam e teem as vezes de Deus na terra, como tinha este anjo. Tambem como o mesmo anjo nesse caso, não pódem deixar de ouvir petições e ser importunados de requerimentos a que não devem deferir. E porque dizer *não* aos pretendentes é coisa tão dura para elles, como para o mesmo principe, será materia mui propria deste logar e deste Evangelho pôr hoje em questão e averiguar duas coisas. Primeira: se é conveniente e decente a um rei dizer *não?* Segundo: qual é o modo com que o deve dizer, no caso que convenha? Uma e outra resolução nos darão as palavras do thema: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est á Patre meo.*

II

Dos imperadores, que precederam ao imperio de Trajano, diz o seu panegyrista Plinio, que desejavam muito ser rogados e que todos lhes pedissem, só pelo gosto que tinham de dizer — *não: Priores principes á singulis rogari gestiebant, non tam præstandi animo, quam negandi.* Mas como estes que elle chama principes, verdadeiramente eram tyrannos, e mais monstros da natureza humana, que homens, excluido sem controversia este escandalo da razão e da humanidade, e começando a nossa questão pelas razões provaveis de duvidar, parece que não é conveniente, nem decente á magestade e auctoridade de um rei, que pro-

nuncie de palavra, ou firme com a pena um *não*. Ou o rei diz *não*, porque não quer, ou porque não póde: se porque não quer, offende o amôr; se porque não póde, desacredita a grandeza. E se as petições e requerimentos são taes, que se não devem conceder, entendam os pretendentes o *não*, mas não o ouçam; seja discurso seu e não resposta ou resolução real. Mais decente negativa é para o Governo, e menos descuberta desconsolação para os que requerem, que elles tomem por si o desengano. Desengane-os a dilação, desengane-os o tempo; e se de dia não cuidam, nem de noite sonham mais que no seu despacho, os mesmos dias e noites lhes digam, o que se lhes não diz: e por ellas saibam o que não querem entender. Sustentem-se na sua esperança, posto que falsa, e fique sempre inteiro ao principe o pundonor de que não negou. Se por este modo se estendem os requerimentos, e se entretêm e multiplicam os que veem requerer, isso mesmo é um certo genero de grandeza e auctoridade haver muitos pretendentes. O que elles gastam e despendem sustenta a magestade da côrte, e tambem as côrtes dos que não são magestades. Já que pretendem sem merecimento, paguem as custas da sua ambição, e sirva-lhes a elles de castigo, e aos mais de exemplo.

Contra o sophistico destas razões (que verdadeiramente teem muito de vaidade) parece que são mais solidas as do dictame contrario. Tão vil é na mentira o *sim*, como honrado na verdade o *não*. A verdade (que por isso se pinta despida) não sabe encobrir, nem fingir, nem enfeitar, nem corar, e muito menos enganar: e a primeira virtude do throno, ou seja da justiça ou da graça, é a verdade. Todo o artificio é coisa mechanica e não nobre, quanto mais real. O sol abranda a cêra, e endurece o barro, porque obra conforme a disposição dos sujeitos; mas em todos e com todos descobertamente; por isso o calor é inseparavel da luz. Importa distinguir o bastão do sceptro. Os estratagemas não são para o despacho; sejam embora para a campanha, mas não para a côrte; para os inimigos e não para os vassallos. Saibam os pretendentes se pódem esperar ou não, para que no fim não desesperem. Quem diz que é arte de não desgostar, não diz nem cuida bem. Melhor é dar um desgosto que muitos. Queixem-se de que os

não satisfizeram; mas não possam dizer justamente, que os enganaram. Se é dura palavra um *não*, mais duras são as boas palavras que suspendem e encobrem o mesmo *não*, até que o descobre o effeito. Quem fez o *não* tão breve, não quiz que se dilatasse.

Pediu Philippe, rei de Macedonia á republica de Athenas o deixasse passar com exercito pelas suas terras, o que o Senado lhe não quiz conceder: e porque o estylo dos Athenienses (que ainda hoje se chama estylo laconico) era resumir tudo o que se havia de dizer ás palavras mais breves; tomaram um grande pergaminho (que era o papel daquelle tempo) e escreveram nelle um *não* com tamanhas lettras, que o enchia todo; e cerrado e sellado, esta foi a resposta que deram aos embaixadores de Philippe. E' mui celebre nas historias gregas este breve e grandissimo *não;* mas na nossa Athenas ainda os ha maiores. Tantas petições, tantas remissões, tantas provisões, tantas patentes, tantas certidões, tantas justificações, tantas folhas corridas, tantas vistas, tantas informações, pedidas muitas vezes á Asia e á America, tantas consultas, tantas interlocutorias, tantas replicas, e tantas outras cerimonias e mysterios por escripto, a que não se sabe o numero nem o nome; e ao cabo de quatro, de seis e de dez annos, ou o despacho, ou o que significa o despacho, em meia resma de papel, é um *não*. Não fôra melhor este desengano ao principio? E as despezas deste injusto intertenimento que se devem restituir nesta vida, ou se hão-de pagar na outra, por cuja conta correm? Já que não haveis de fazer ao pretendente a mercê que pede, porque não lh'a fareis ao menos do que ha-de gastar inutilmente na pretenção? Ao outro, que presentava o seu memorial disse el-rei D. João II na primeira audiencia, que não tinha logar o que pedia; e elle beijou-lhe a mão. Entendestes-me? — replicou el-rei — Senhor, sim. Porque me beijaes logo a mão? Porque me fez vossa alteza mercê do dinheiro que trazia para gastar na côrte, e agora o torno a levar para minha casa. Estas são as mercês do desengano, e os despachos do *não*, dito a seu tempo. Não o dizer será maior politica, maior auctoridade e decencia; mas dizel-o em muitos casos é obrigação e consciencia.

III

Disputada assim problematicamente a nossa questão, de umas e outras razões de duvidar se conclue com certeza que o não, sem ser coisa alguma, é como as outras coisas deste mundo, que todas teem seus bens e seus males, suas utilidades e seus inconvenientes. Para não cahir ou tropeçar nestes que a cada passo se offerecem, ou atravessam em tanta multidão de requerimentos, o primeiro cuidado, ou cautela do prudente principe deve ser evitar, quanto fôr possivel, as occasiões de dizer *não*. Mas como se pódem evitar ou atalhar esfas occasiões, sendo os pretendentes e as pretenções, os requerentes e os requerimentos tantos? Digo que fazendo com destreza e constancia que sejam menos e muito menos; e usando para isso dos meios que agora apontarei, e nos ensina o nosso Evangelho.

O primeiro meio é que os validos ou privados, por mais juntos que estejam á pessoa real, e por mais dentro que estejam na graça, sejam os primeiros a quem se não conceda o que pretenderem. A razão ou consequencia é manifesta. Porque se os que estão de fóra virem que os que estão de dentro, e tão de dentro, não alcançam o que pretendem como se atreverão elles a pretender, nem pedir? Tinha Deus determinado castigar o povo de Israël, com quatro pragas ou açoutes: de fome, de guerra, de peste e de bestas feras; e para que entendessem que por nenhuns rogos ou intercessões se suspenderia a execução destes castigos, acrescenta, que ainda que lh'o pedisse Noë, Job e Daniel, não lh'o havia de conceder. O modo desta comminação pelo propheta Ezechiel é muito singular, porque diz assim: Se mandar fome, ainda que interceda Noë, Job e Daniel, hão-se de seccar os campos e as seáras; se mandar guerra, ainda que interceda Noë, Job e Daniel, tudo ha-de levar a espada; se mandar peste, ainda que interceda Noë, Job e Daniel, tudo ha-de consumir a morte; se mandar bestas feras, ainda que interceda Noë, Job e Daniel, tudo hão-de destruir e devastar as feras. Com razão chamei a este modo de comminação singular, porque se não lê outro similhante em toda a Escriptura. Pois porque o faz Eze-

chiel, e o manda fazer Deus com tão expressa e tão multiplicada repetição, de que não hão-de valer ao povo as orações de Noë, de Job e de Daniel? Porque estes tres em differentes seculos foram os maiores validos de Deus; e para persuadir e desenganar a todos de que lhe não ha-de conceder o que pedirem, o meio, e exemplo mais efficaz, é negar e não conceder aos validos as suas petições. Se a Noë, se a Job, se a Daniel se nega o que pedirem, como se me ha-de conceder a mim? Não quero pedir. No nosso Texto o temos.

Os Apostolos antes de descer sobre elles o Espirito Santo, eram muito tocados da ambição e appetite de ser, como homens alfim levantados do pó da terra, ou das arêas da praia. Daqui nasceu aquella contenda tão indigna do sagrado Collegio: *Facta est contentio inter eos, quis eorum videretur esse major.* [1] Descobertamente disputaram e altercaram entre si sobre a preferencia, cuidando e defendendo cada um, que elle era o maior. E tão aferrados estavam todos á propria opinião, que ainda consultando a seu Divino Mestre sobre a materia, não se sujeitaram a que elle absolutamente a definisse; circumstancia digna de grande ponderação: *Quis putas major est in regno cœlorum?* [2] Não disseram: quem de nós é o maior? Senão: *Quis putas:* quem vos parece que o é? Para que ainda depois da resposta ficasse a maioria em opinião, e cada um seguisse a sua, e se não descesse della. Pois se esta ambição era de todos, e não só de João e Diogo; como foram só estes dois os que pretenderam e pediram as primeiras cadeiras, e nenhum dos outros que tanto como elles o desejavam intentou tal coisa? Por isso mesmo. João e Diogo eram conhecidamente os maiores validos de Christo e os mais entrados na sua graça, e os que a tinham mais bem fundada, ainda naquella razão natural que corre pelas veias: e como os outros Apostolos viram que os logares que todos appeteciam se negaram aos validos, todos amainaram as vellas, e recolheram os remos da sua ambição, e nenhum teve confiança, nem atrevimento para pretender, nem pedir, quando a elles se tinha negado.

---

[1] *Luc.*, XXII, 24.
[2] *Math.*, XVIII, 1.

Vêde a virtude de um *não* para evitar muitos. Com o Senhor dizer uma vez *não: Non est meum dare vobis*, se livrou de o dizer oitenta e duas vezes. Se Christo concedera ou condescendera com esta petição dos dois Apostolos, logo os outros dez haviam de vir com as suas, e apoz os dez Apostolos os setenta e dois Discipulos, que todos se haviam de querer aproveitar de tão boa maré; mas com um *não* que disse aos validos, se livrou o Senhor de dizer dez *nãos* e setenta *nãos*.

Porque os reis não imitam este exemplo do Rei dos Reis, por isso se veem tão perseguidos de petições, e tão attribulados de requerimentos, de que se não pódem desembaraçar, mais constrangidos da consequencia que obrigados da razão, devendo e querendo negar a muitos, e não o podendo fazer, pelo que teem concedido a poucos. Diga-se um *não* a João e a Diogo, ainda que sejam validos, e logo não só se poderá dizer com liberdade aos mais, mas cessarão as occasiões de ser necessario dizer-se. Dirão, porém, os mesmos validos, ou alguem por elles, que não parece nem é justiça, nem ainda bom exemplo e credito do mesmo rei, que aos que servem e trabalham junto á sua pessoa, e sustentam o pezo da monarchia, devendo ser os primeiros e mais remunerados, fiquem sem mercê e sem premio. E é pouca mercê e pouco premio o ser validos? E' pouca mercê e pouco premio estar sempre junto á pessoa real? O premio que Christo prometteu a seus ministros foi que estariam onde elle está: *Ubi ego sum illic et minister meus erit.* [1] Nem o rei póde dar maior premio, nem o ministro desejar mais avantajada mercê. E' verdade que isto mesmo se concedeu a um ladrão venturoso: *Hodie mecum eris:* [2] o que tambem póde ter sua propriedade e sua applicação. Mas ouçamos o que succedeu a S. Paulo, e como Christo o tratou em uma só petição que lhe fez, sendo o ministro que mais trabalhou que todos em seu serviço.

Pediu S. Paulo a Christo, que o isentasse de certa pensão que pagava por conta de uma pouca de terra que herdara de seus pais, e nossos, cujo exactor o

---

[1] *Joan.*, XII, 26.
[2] *Luc.*, XXIII, 43.

apertava e molestava muito; e fazendo tres vezes esta petição: *Propter quod ter Dominum rogavi:* [1] nem á primeira, nem á segunda, nem á terceira se serviu o Senhor de lhe deferir: sempre sahiu escusado. Pois a Paulo, que se não era o primeiro valido, não era o segundo, porque dos dois primeiros ministros da casa e reino de Christo elle era um — a Paulo, que só para o metter em seu serviço, desceu o mesmo Christo segunda vez do céo á terra, e o levou em vida ao céo, para lhe communicar seus segredos — a este ministro, a este valido, a este que tanto privava com o seu Principe, nega o Senhor uma pretenção tão justa e tão facil, e não uma só vez na petição, senão outra vez na nova instancia, e terceira na replica? Sim, para que nem os validos estranhem as negativas, nem os principes se encolham e desanimem, ou cuidem que os aggravam e faltam á sua obrigação em lhes negar o que pedirem. Não era Paulo ministro que servisse em palacio á sombra de tectos dourados, sem molhar o pé no mar, nem o metter na campanha, mas era um ministro que em serviço e honra de seu principe, peregrinava e corria o mundo em roda viva, desde levante até poente, sempre com o montante na mão em perpetuas batalhas e conquistas, por mar e por terra, e supportando no mar taes tempestades e naufragios, que tal vez passou um dia e uma noite debaixo das ondas: *Die ac nocte in profundo maris fui.* [2] E com que rosto (para que o digamos assim) ou com que palavras se atreveu Christo a negar a um tal ministro o que lhe pedia? O mesmo S. Paulo as referiu, e são dignissimas de quem as disse: *Et dixit mihi: sufficit tibi gratia mea:* [3] nego-te, Paulo, o que me pedes, porque te basta a minha graça. Aos validos e que logram a graça do principe basta-lhes a mercê da mesma graça, e todas as outras se lhes pódem negar confiadamente. Confiadamente, digo, e podera dizer, que com resaibos de desconfiança, porque o ministro que se não contenta com a graça, e além da graça quer outra mercê, não só é indigno da mercê, senão tambem da graça. Mas ha muitos que não co-

[1] *2.ª ad Corinth.*, XII, 8.
[2] *Ibid.*, XI, 25.
[3] *Ibid.*, XII, 9.

nhecem o preço della, e por isso com injuria da mesma graça e do principe, fazem da graça degráu para outros interesses, que é o mesmo que pizal-a.

Mas ouçamos o que diz S. Paulo da sua graça, que póde ser tenha alguma escusa. *Gratia Dei sum id quod sum:* [1] todo o ser que tenho o devo á graça de meu Senhor. Assim o devem dizer e confessar, ainda os que por merecimentos seus e não por nossos peccados estiverem na graça, porque o contrario seria muita soberba e maior ingratidão. Por diante: *Et gratia ejus* (continua Paulo) *in me vacua non fuit:* e a sua graça não foi em mim vazia. Aqui parece que entra a escusa. Logo se a graça não ha-de ser vazia, ha se de encher? Por isso vemos os cheios de graça tão cheios: para se encher se aproveitam da graça. Mas Paulo não diz que se encheu a si com a graça, senão que a graça se encheu nelle: *Gratia ejus in me vacua non fuit:* E como se encheu nelle a graça? Muito havia mister para se encher, porque o vazo era muito grande: *Vas electionis est mihi iste:* e assim o fez o famoso Paulo: *Gratiæ ejus in me vacua non fuit, sed abundantius omnibus laboravi:* [2] o modo com que a graça se encheu em mim, foi trabalhando e servindo não só muito, senão mais que todos. Porque essa é a differença que hão-de fazer aos demais os que estão na graça. Não se hão-de encher com a graça, nem hão-de encher a graça com mercês, senão com novos e maiores serviços. E segundo esta obrigação bem lhes póde o principe negar o que pedirem, e elles prezarem-se muito dessas negações.

Os philosophos distinguem dois generos de negações: umas se chamam puras negações, e outras a que deram nome de privações. A pura negação nega o acto e mais a aptidão; a privação suppõe a aptidão, e nega o acto. O silencio é negação de fallar, mas com grande differença no homem e na estatua: na estatua é pura negação, porque a estatua não falla nem é apta para fallar, senão inepta; porém no homem é privação, porque ainda que o homem não falle, é apto e capaz de fallar. Daqui se segue que assim como o silencio na estatua é incapacidade, e no homem virtude, assim o

[1] *2.ª Epist. ad Corinth.*, XIV, 10.
[2] *Ibid.*, XV, 10.

que se nega ao indigno, é pura negação, a qual o affronta, e o que se nega ao digno, é privação que o honra e acredita, e tanto mais, quanto fôr mais digno. Taes são as negações que os principes fizerem e devem fazer aos seus validos. São privações com que não só se acredita a si, senão tambem a elles, porque o maior credito do valido é que a sua privança seja privação. Por isso os validos com mais nobre e heroica etymologia se chamam privados. E quando elles folgarem de o ser, ou o principe fizer que o sejam, ainda que não folguem, as privações dos privados farão mais toleraveis as negações dos que o não são. E desenganados os demais com este exemplo, nem elles se atreverão a pedir o que se lhes deve negar, nem o principe será forçado a negar o que lhe pedirem, ficando livre por este meio de muitas e molestas occasiões, em que contra o decoro e agrado da magestade seja obrigado a dizer *não*.

IV

O segundo meio ou industria de prevenir e atalhar o *não*, e as occasiões de o dizer é que o principe em todos seus despachos e resoluções seja inteiro, justo e recto, e conhecido por tal. Desta justiça e inteireza (que por outra parte é a sua primeira obrigação) se seguirão dois effeitos notaveis. O primeiro que ninguem se atreverá a pedir senão o que fôr justo: o segundo, que pedindo todos sómente o justo, a todos concederá o principe o que pedirem e nunca dirá *não*.

O mais justo, recto, inteiro e constante homem que houve entre os Romanos, foi Marco Porcio Catão. E que conseguiu com esta inteireza e constancia de sua justiça inflexivel? Conseguiu, como refere Plinio, que ninguem no seu consulado se atreveu a lhe pedir coisa que não fosse justa. Assim lh'o disse com admiração a eloquencia de Tullio: *O te felicem, Marce Porci, á quo rem improbam petere nemo audet!* Tal será a reverencia do governo e tal a felicidade do rei, que em todas suas resoluções e despachos observar constantemente a justiça. A justiça, como a definem os theologos e juristas, não é outra coisa que uma perpetua e constante vontade de dar a cada um o que

merece. Se esta vontade (que ordinariamente é tão mudavel nos affectos humanos) fôr constante e perpetua no principe, todos se desenganarão, que não hão-de alcançar delle senão o que fôr devido a seus serviços, e proporcionado a seus merecimentos. E por meio deste desengano conseguirá a felicidade de que ninguem se atreva a lhe pedir senão o que fôr justo. *O te felicem, á quo rem improbam petere nemo audet!* Feliz; porque não se atrevendo ninguem a pedir senão o justo, serão muito menos as petições e requerimentos; feliz, porque não pedindo ninguem senão o que lhe é devido, haverá com que satisfazer a todos; feliz, porque sendo as petições e requerimentos justificados, sempre o principe concederá o que se lhe pedir, e nunca dirá *não*. Não é melhor e mais decente, e mais breve e mais util, que o *não* o digam a si mesmo aquelles que haviam de pedir, do que dizer-lh'o a elles o principe depois de pedirem? Pois isso é o que succederá se ninguem se atrever a pedir senão o que merecer.

Disse Isaias a el-rei Acab, que em prova do que lhe tinha annunciado desde o céo até o inferno, pedisse livremente o signal que quizesse; *Pete tibi signum a Domino in profundum inferni, sive in excelsum supra.* [1] E que responderia Acab? *Non petam:* não pedirei tal coisa. Assim o disse resolutamente, e assim o cumpriu. Mas porque? Se o propheta o assegurava e exhortava a que pedisse aquelle signal, e com tanta largueza de eleição, quanto vae do céo ao centro da terra, porque não quer pedir Acab? Elle mesmo deu a razão: *Non petam et non tentabo Dominum.* Não pedirei tal coisa, porque não quero tentar a Deus. Tentar a Deus é querer que Deus faça o que não deve, assim como o demonio nos tenta para que façamos o que não devemos. E fez este discurso Acab: Deus é justo e justissimo, antes a mesma justiça; eu não lhe tenho feito nenhuns serviços (porque sirvo a outros deuses) para que me faça tamanhas mercês; pois como terei eu atrevimento para lhe pedir o que me promette Isaias? Isto será tentar a Deus, e querer que o Justo e Justissimo faça o que não deve; e assim me resolvo

[1] *Isai.*, VII, 11.

a não pedir: *Non petam.* Seja o principe justo, e tão constantemente justo, que por nenhum outro motivo nem respeito dê a ninguem senão o que merecer e lhe fôr devido; e logo os vassallos se não atreverão a pretender as semrazões e exhorbitancias que vemos, e se benzerão de pedir como de tentação: *Non petam et non tentabo Dominum.* [1]

Oh se os reis tantas vezes e tão injuriosamente tentados, ao menos não consentissem na tentação! Não digo que castiguem severamente algumas petições, posto que imitariam nisso a Salomão, o qual por uma petiçãosinha (que assim lhe chamou a intercessora: *Petitionem parvulam)* [2] mandou cortar a cabeça a Adonias. E verdadeiramente ha petições que bem interpretadas são libellos infamatorios dos mesmos principes, em cujas mãos se mettem; porque se são dolosas, como era esta de Adonias, suppõem que são nescios: se são exorbitantes suppõem que são prodigos: se são contra os Canones Apostolicos (como são muitas) suppõem que não são catholicos; e de qualquer modo que peçam o que não é justo, suppõem que são injustos. Mas se antes de fazerem as petições suppozerem e se desenganarem que nenhuma coisa hão-de conseguir senão o que dictar a inteira e recta justiça, elles se comporão com a sua ambição, e tomarão por partido o não pedir: *Non petam.* Notae onde está o *non*, e vêde quanto mais conveniente é para o vassallo, e mais expediente para o governo, e mais decente para o rei o *não* antes do *petam*, que depois da petição. E' mais conveniente para o vassallo, porque melhor lhe está que desenganado tome por si mesmo o *não*, e o ponha antes das suas petições, que ouvido depois dellas. E' mais expediente para o governo, porque cessando o tumulto e inundação dos requerimentos, que verdadeiramente o afogam, terão mais facil expedição os negocios. E finalmente, é mais decente e decoroso para o rei, porque nenhum que vier buscar o premio, ou o remedio, aos pés da magestade se apartará delles descontente. Virão a ser por esta via todas as petições da nossa côrte como as que se despacham na do céo. David dizia

[1] *Isaias.*, VII, 11.
[2] *3.º Livro dos Reis*, II, 20.

a Deus: *Intret postulatio mea in conspectu tuo:* [1] entre, Senhor, a minha petição ao vosso conspecto. Nas côrtes da terra deseja o pretendente que sáia a sua petição, na do céo deseja que entre, porque uma vez que a petição foi tal que podesse entrar, infallivelmente sáe despachada. Assim será cá tambem se ninguem pedir senão o que fôr justo, porque o rei justo, á petição justa nunca póde dizer *não*.

Mas que fará o rei para adquirir este credito e reputação universal de justo, e por meio della evitar as petições e requerimentos injustos, sem os quaes fique livre dos inconvenientes e dissabores do *não?* Digo que só o poderá conseguir applicando o *não* tambem a si, e primeiro a si que aos subditos. E' um grande documento do nosso Texto, e digno de se reparar muito nelle: *Non est meum dare vobis:* diz o Senhor, que o dar não é seu; e o *não* primeiro cáe sobre elle que sobre os dois a quem negou o que pretendiam: o primeiro sobre o *meum*, e depois sobre o *vobis*. Assim ha-de fazer o rei que quer ser justo e ter opinião de tal. Cuidam os reis que o dar é seu; e o Rei dos Reis diz que não é seu o dar: *Non est meum dare.* Pois Christo em quanto Deus e em quanto homem não é senhor de tudo? Sim é. Logo póde-o dar a quem quizer e como quizer? Distingo. Com justiça sim, sem justiça não. Santo Ambrosio: *Non est meum qui justitiam servo, non gratiam:* Eu dou por justiça, e não por graça: por justiça é meu o dar; por graça, como vós quereis, não é meu: *Non est meum dare vobis.* A razão disto é, porque Christo fundou e ordenou o seu reino em tal fórma, que nenhuma coisa se désse nelle de graça, e por graça, senão por merecimento e por justiça. Por isso S. Paulo chamou á corôa que o esperava corôa de justiça, e que lh'a havia de dar o Senhor, não como Senhor, mas como justo Juiz: *Reposita est mihi corona justitiæ, quam reddet mihi Dominus justus judex.* [2] Os logares da mão direita e esquerda, que pretendiam os dois irmãos, eram do reino de Christo: *Ad dexteram et sinistram in regno tuo:* [3] O modo porque os pediam, não

[1] *Psal.*, CXVIII, 170.
[2] *2.ª ad Thimot.*, IV, 8.
[3] *Math.*, XX, 21.

era por merecimento e por justiça, senão por graça e por parentesco: *Dic ut sedeant hi duo filii mei;* e por isso respondeu o Senhor, que não era seu o dar, porque o dar por justiça é seu, o dar por graça não é seu: *Non est meum dare, qui justitiam servo, non gratiam.*

Nenhuma coisa anda mais mal entendida e peior praticada nas côrtes que a distinção entre a justiça e a graça. Donde se segue que apenas ha mercê das que se chamam graça, que não seja injustiça, e contenha muitas injustiças. Não nego que os reis pódem fazer graças, e que o fazel-as é muito proprio da beneficencia e magnificencia real; mas isso ha-de ser depois de satisfeitas as obrigações da justiça. Zacheu disse, que daria ametade da sua fazenda aos pobres, e que da outra ametade pagaria as suas dividas e os damnos dellas: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus, et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum.* [1] Disse bem, mas preverteu e trocou a ordem; porque em primeiro logar estava o pagar as dividas, que é obrigação de justiça, e depois o dar as esmolas, que é acto de liberalidade. E que desordem seria se se tomasse aos pobres, e não se pagasse aos acredores? Que desordem seria (por lhe não dar outro nome) se a uns se tomasse violentamente o necessario, para se dar a outros prodigamente o superfluo? Como o pagar é especie de sujeição, e o dar é soberania e grandeza, gostam mais os principes de dar que de pagar. Deem; mas deem do seu, se o tiverem; que dar e não pagar, é dar do alheio. E se os Zebedeus (que são os que levam as graças) os importunarem que deem, respondam como Christo: *Non est meum dare.* O que perde não só o governo, mas as consciencias e almas dos principes, é cuidarem que pódem tudo, porque pódem tudo. Se assim lh'o dizem, é lisonja, e se o crêem, é engano. O rei póde tudo o que é justo; para o que fôr injusto nenhum poder tem. Esta é a verdadeira e maior lisonja que se póde dizer aos reis, porque é fazel-os poderosos como Deus. Deus é omnipotente: e poderá Deus fazer uma injustiça? De nenhum modo. Pois assim devem entender os reis, que são poderosos. E se os subditos se persuadirem

[1] *Luc.*, XIX, 8.

que o rei assim o entende, e assim o observa, nem elles desenganados pedirão senão o que fôr justo, nem o rei importunado terá occasiões de dizer *não*.

V

O terceiro meio de se cortarem as occasiões de dizer *não*, é a observancia inviolavel das leis. Se as leis se conservarem em todo seu vigor sem dispensação, sem privilegio, sem excepção da pessoa, o *não* dil-o-ha a lei e não o rei. As leis de Deus prohibitivas todas começam por *não: Non occides: non mœchaberis: non furaberis: non falsum testimonium dices.* Houve algum homem até hoje, por atrevido e insolente que seja, que fizesse petição a Deus para matar, para adulterar, para furtar, para levantar falso testemunho? Nenhum, porque estas leis são inviolaveis e indispensaveis. Pois o mesmo succederá ao principe, se conservar e mantiver as suas inviolavel e indispensavelmente. E por este modo tão decoroso e tão facil se livrará de muitas occasiões de dizer *não*, porque já o tem dito a lei.

Pronunciou Deus depois do primeiro peccado a lei universal da morte, á qual quiz que ficasse sujeito Adão, e todo o genero humano; e no mesmo ponto em que fez a lei, fez tambem que fosse inviolavel. A lei da morte parece inviolavel de sua mesma natureza; mas naquelle tempo podia-se violar facilmente, porque comendo Adão, e qualquer outro homem do fructo da arvore da vida, ficava isento de morrer. E que fez Deus? *Ne forte sumat etiam de ligno vitæ, et comedat, et vivat in æternum:* [1] Porque não aconteça que Adão assim como quebrou a primeira lei, comendo da arvore da sciencia, quebre tambem a segunda, comendo da arvore da vida, e fique immortal: *Collocavit ante paradisum Cherubim, et flammeum gladium ad custodiendam viam ligni vitæ:* [2] pôz á porta do paraizo um Cherubim com uma espada de fogo, para que sem excepção defendesse a entrada a todos, e se algum inten-

---

[1] *Genes.*, III, 21.
[2] *Ibid.*, 24.

tasse eximir-se da lei de morrer, morresse primeiro. Esta foi a ordem cerrada do Cherubim, e este o rigor indispensavel da lei, da qual não quiz Deus que fosse privilegiado nem seu proprio Filho. O privilegio chama-se em direito *vulnus legis*, ferida da lei: e o poder e espada do legislador não ha-de ser para ferir as leis, senão para ferir, matar e queimar a quem intentar quebral-as, que por isso a espada do Cherubim era espada, e de fogo. Bem pudéra Deus cortar ou seccar a arvore da vida, com que se escusavam todos aquelles aparatos de horror; quiz porém que a arvore ficasse em pé, e a lei se guardasse comtudo inviolavelmente, para que entendessem os legisladores, que ainda que elles possam dispensar nas leis, e o modo da dispensação seja facil, nem por isso o hão-de permittir. Mas, Senhor, a arvore da vida está carregada de fructos, uns nascem, outros cáem, e todos se perdem, podendo-se aproveitar com tanta utilidade. Oh malditas utilidades! Este é o engano que perde aos principes. Dispensam-se as leis por utilidade (que ordinariamente são dos particulares e não suas) e abre-se a porta á ruina universal, que só se póde evitar com a observancia inviolavel das leis. Percam-se os fructos da arvore da vida, que são a mais preciosa coisa que Deus creou: percam-se as mesmas vidas, e não se recupere a immortalidade: morra e sepulte-se o mundo todo; mas a lei não se quebre, nem se dispense.

E que se seguiu deste rigor indispensavel da lei? Seguiu-se aquelle desengano universal que prégou David: *Quis est homo, qui vivet, et non videbit mortem?* [1] Que homem ha que viva e não haja de morrer? E desenganados uma vez os homens, de que a lei era inviolavel, sendo a morte a coisa mais aborrecida, e a vida a mais amada, ninguem houve jámais que se atrevesse, nem lhe viesse ao pensamento intentar ser dispensado para não morrer. Guardem-se as leis tão severa e inviolavelmente, que se desenganem todos que se não hão-de dispensar, e com o *não* que ellas dizem se livrarão os principes de o dizer. Mas porque alguns principes são de tão bom coração, ou de tão pouco, que nem á mãi dos Zebedeus, nem a seus filhos se atrevem a dizer: *Nescitis quid petatis:* [2] elles tomam

---

[1] *Psal.*, LXXXVIII, 4.
[2] *Math.*, XX, 22.

confiança para pedir, as petições sáem despachadas, e o *não* das leis cáe sobre ellas, e não sobre o que prohibem. Tanto que o prohibido se dispensa, logo a lei não é lei, não só porque o que se concede a um não se póde negar aos outros, senão tambem, e muito mais, porque o que se concede a um, que o pede, tambem se ha-de conceder aos outros, ainda que o não peçam.

Pediu o Filho Prodigo a seu pai, que lhe désse em vida a parte da herança que lhe pertencia: *Pater, da mihi portionem substantiæ, quæ me contingit.* [1] Bem mostrou na petição o que havia de ser, ou o que já era. Vem cá, moço, louco e atrevido, não sabes que os filhos não herdam a seus pais senão depois da morte? Pois como te atreves a pedir a teu pai que te dê a tua herança estando vivo, e como se te mette em cabeça, que elle te ha-de conceder uma coisa tão alheia de toda a razão, e de toda a lei? Fiou-se no grande amôr que o pai lhe tinha, e o amôr assim como é cego para conceder, assim é fraco para negar. Emfim, o bom velho dispensou na lei commum, e deu-lhe a parte da herança que lhe pertencia, mas com uma circumstancia notavel, porque os filhos eram dois, e quando deu a sua parte a este, deu tambem a sua ao outro: *Divisit illis substantiam.* [2] Repara muito no caso S. Pedro Chrysologo, e admira-se com razão, de que sendo um só filho o que pediu esta dispensação, o pai a concedeu logo a ambos: *Uno petente ambobus totam substantiam mox divisit.* Que o pai em sua vida dê a parte da herança a um filho, porque lh'a pede, muito tinha que duvidar; mas passe: porém a outro filho que não teve tal desejo, nem pediu tal coisa, porque lhe dá tambem logo a sua parte, e não o deixa esperar pelo fim de seus dias? E' certo que o pai não obrou prudentemente no que concedeu áquelle filho, e mais quando o devia conhecer; mas uma vez que lhe deu a elle a sua parte, procedeu coherentemente em dar tambem ao outro a sua; porque a dispensação que se concede a um, porque a pede, não se póde negar a outro, ainda que a não peça: *Uno petente ambobus mox divisit.* E' o caso do nosso Evangelho, mas de-

[1] *Luc.*, XV, 12.
[2] *Ibid.*, 12.

cidido mais altamente por Christo. Os Apostolos eram doze: dois pediram, dez não pediram; e se o Senhor concedesse aos dois o que pediam, porque pediram, tambem o havia de conceder aos dez, posto que não pedissem. Pois assim como o pai do Prodigo obrou coherentemente em conceder ao filho que não pediu o que tinha concedido ao que pedira; assim o Senhor com mais alta coherencia negou aos dois que pediram o que se não devia conceder, nem a elles, nem aos dez que não tinham pedido. O pai pela petição de um despachou a ambos, e Christo pelo despacho dos dois respondeu a todos: mas o pai imprudentemente, porque relaxou a lei concedendo, e o Senhor divinamente, porque a estabeleceu negando.

Eu não nego que em materia de conceder e negar póde haver maior razão em uns que em outros; mas a consequencia de *concedestes a outro, logo não me haveis de negar a mim*, é argumento que se não solta com maior razão. Vendo-se Rachel esteril, e que sua irmã Lia tinha muitos filhos, pediu a Jacob, [1] que admittisse ao thalamo uma escrava sua, por nome Bala, para que os filhos que della houvesse, por serem da sua escrava, fossem de algum modo seus. Já o casamento de Rachel lhe tinha custado a Jacob o casamento aborrecido de Lia, e agora lhe havia de custar o indecente de Bala: mas a tudo se sujeita quem ama. Nasceram filhos a Bala, e não contente Lia com quatro legitimos, que já tinha, pediu tambem a Jacob que admittisse outra escrava sua chamada Zelfa. Ha tal perseguição de mulheres? Que vos parece que faria Jacob neste caso? Para conceder aquella consolação a Rachel, além das obrigações do amôr, alguma razão tinha; mas a Lia não amada, e cercada de filhos? Comtudo condescendeu Jacob com esta segunda petição, e admittiu a Zelfa. Pois se Lia nenhuma razão tinha para o que pedia, e pedia só por emulação e appetite; um homem tão racional e tão justo como Jacob, porque lhe concede o que pede? Porque já o tinha concedido a Rachel. Se Jacob negára a Lia esta petição, havia-o de reconvir com a de sua irmã, e não havia de soffrer que se lhe negasse a ella o que a Rachel se tinha concedido. E posto que a disparidade era tão

[1] *Genes.*, xxx, 4, 5 e 9.

manifesta como ser Rachel esteril, e Lia fecundada; Lia ter tantos filhos, e Rachel nenhum; nenhuma destas considerações havia de bastar para que Lia se socegasse, porque contra o argumento de negar a um o que se concede a outro, e contra a força (ou forçosa ou forçada) desta consequencia não valem soluções de maior razão.

Persuada-se o principe que o que se concede a um, porque o pede, tambem se ha-de conceder aos outros, ainda que o não peçam. Entenda que as disposições e privilegios não só são feridas da lei, mas feridas mortaes, e que a lei morta não póde dar vida á republica: considere que as leis são os muros della, e que se hoje se abriu uma brecha por onde possa entrar um só homem, ámanhã será tão larga que entre um exercito inteiro. Olhe para as leis politicas, para as ordenanças militares, e para tantas pragmaticas economicas que sendo instituidas para remedio, vieram por esta causa a ser descredito. E seja a ultima e unica resolução do principe justo, tratar as suas leis como suas, sustentando-as e mantendo-as em seu vigor inviolavel e indispensavelmente; porque o que a lei nega a todos sem injuria, depois que se concede a um (ainda que seja com razão) não se póde negar a outro sem aggravo. E é melhor, mais facil, e mais decente, que as mesmas leis digam o *não* conservando-se, do que quebral-as o principe pelo não dizer.

VI

O quarto e ultimo meio ou industria de evitar o *não*, é anticipar os provimentos, e não ter logares vagos, porque tanto que o logar está provido, cessam as pretenções. Admiravel é a diligencia e cuidado que a natureza põe em impedir o vacuo, e que em todo o universo não haja logar vazio. A este fim vemos subir a agua, e descer o ar, mover-se a terra, romperem-se os marmores, estalarem os bronzes, e correrem todas as creaturas com ímpeto contra suas proprias inclinações. Daqui nascem os frequentes terramotos, e os extraordinarios e horrendos que não poucas vezes derrubaram e destruiram cidades inteiras. O mesmo que faz a natureza por impedir o vacuo,

faz a ambição pelo occupar. Em havendo logares vagos, de todas as partes concorrem tumultuariamente a elles os pretendentes, não por impedir (que só se impedem uns a outros) mas por occupar o vacuo, e tanto com maior e mais violento impeto, quanto a natureza acode ao bem commum do universo, e a ambição ao particular de cada um. E quaes sejam os terramotos e perturbações da republica que daqui se levantam, basta que o digam as batalhas interiores de Roma no concurso dos consulados. No governo monarchico é muito facil atalhar todos estes inconvenientes, anticipando o vacuo de tudo aquillo que se póde pretender ou pedir, com prevenir vigilantemente que não haja logares vagos. E assim o deve fazer todo o prudente principe.

Partindo-se Christo para o céo, mandou a seus Apostolos e Discipulos que se recolhessem a Jérusalem, e que alli esperassem a vinda do Espirito Santo, que não tardaria muitos dias. Fizeram-no assim recolhidos ao Cenaculo; e S. Pedro, que já tinha recebido a investidura de principe da Igreja, sem esperar que o Espirito Santo viesse, a primeira e unica coisa que logo fez, foi prover, como proveu em S. Mathias, o logar que estava vago pela morte de Judas. Ninguem haverá que se não admire desta notavel resolução e acção de S. Pedro, em tal logar e tal tempo. O tempo em que os Apostolos se haviam de repartir pelo mundo, não era chegado, nem havia de ser, como não foi, senão dahi a alguns annos, depois de compostos e bem assentados os fundamentos de um tão grande edificio, como era o da nova e universal Igreja. Pois porque não dilata S. Pedro este provimento, ao menos por alguns dias, e porque não espera que desça o Espirito Santo sobre elle para fazer com mais infallivel acerto a eleição daquelle logar? Porque tanto importa, e tanto entendeu S. Pedro que importava que os logares não estejam vagos nem por um momento. *Oportet*, foi a primeira palavra com que começou a sua proposta o grande principe do Apostolado; e as ultimas com que concluiu a sua oração: *Accipere locum ministerii hujus, et apostolatus, de quo prævaricatus est Judas, ut abiret in locum suum.* [1] Os que alli se achavam, como nota o

[1] *Act.*, I, 25.

Evangelista, eram cento e vinte homens: (que bastava serem homens para se temer algum inconveniente: *Erat autem turba hominum simul fere centum viginti.* [1] Os que se converteram, e se lhe agregaram no mesmo dia em que desceu o Espirito Santo, foram tres mil: *Et appositæ sunt in die illa animæ circiter tria millia:* [2] o numero que depois acresceu, foi muito maior; e em tanta multidão de gente, toda capaz de aspirar e pretender aquelle logar, se estivesse vago, bem se vê quão perigosa occasião podia ser perturbar a paz, e esfriar a união dos que convinha que fossem, como verdadeiramente diz o Evangelista que eram: *Cor unum, et anima una:* [3] pois para prevenir este perigo, e os inconvenientes que delle humanamente se podiam temer, proveja-se logo o logar (diz S. Pedro) e não esteja um momento vago: donde se seguirá, que vendo-o os presentes, e achando-o os que vierem provido, a todos se tire a occasião de o pretender ou pedir. Nem se podia duvidar que o provimento que parecia anticipado, a eleição delle seria acertada, porque como S. Pedro por razão do seu officio tinha segura a assistencia do Espirito Santo (posto que o mesmo Espirito desceu sobre todos visivelmente ao decimo dia) naquelle mesmo dia desceu invisivelmente sobre S. Pedro, como já tinha descido, quando efficazmente lhe inspirou que não dilatasse o provimneto.

Se assim o fizerem os principes seculares a quem tambem por seu modo não falta a assistencia do Espirito Santo, esta será uma discreta politica com que livrem aos pretendentes do trabalho ou tentação de pedir, e a si mesmos das occasiões de negar. A maior e mais difficultosa occasião que tem havido neste genero, foi o provimento da successão de David. Queria David e sabia que era conveniente ao bem do reino, que o seu successor fosse Salomão, e que assim o tinha Deus decretado. Contra isto estava ser Salomão illegitimo, e menor, e Adonias seu competidor, não só legitimo, mas de todos os filhos de David que então viviam, o primogenito, e como tal assistido do se-

[1] *Act.*, I, 15.
[2] *Act.*, II, 41.
[3] *Ibid.*, IV, 32.

quito commum do ecclesiastico e popular, e de grande parte da milicia. Era chegado o negocio a termos, que em um banquete que naquelle dia tinha dado Adonias a todos os principes e senhores da sua parcialidade, já se lhe faziam os brindes á saude de el-rei. Teve noticia disto naquella mesma hora David; e que resolução tomaria? Selle-se, diz, a minha mula (que eram os cavallos de que então usavam os reis) monte nella Salomão, e ungido pelo propheta Nathan, saia por Jérusalem com trombetas e atabales diante, e digam todos: Viva el-rei. Assim se executou no mesmo ponto: ouviu-se no banquete com assombro o som das trombetas, soube-se o que passava, retiraram-se cheios de medo os convidados, e todos no mesmo dia beijaram a mão a Salomão. Mas que razão deu de si David, e do que tinha mandado? Como respondeu ao direito e pretenção de Adonias? E como enfeitou ou adoçou o *não* de o não ter nomeado a elle? Nenhuma coisa lhe disse, nem teve necessidade de lh'a dizer; porque vendo Adonias o logar provido, compoz-se com a sua fortuna, foi beijar a mão a Salomão, e nem a elle, nem a seu pai replicou uma só palavra. Tanto importa o prompto provimento dos logares, para pôr silencio á ambição dos pretendentes, e tambem ao *não* do principes.

A praxe desta politica exercitou gloriosamente no nosso reino el-rei D. João o segundo, digno de ser chamado D. João, o do bom memorial, assim como D. João o primeiro se chamou o de boa memoria. Tinha este prudentissimo rei um memorial secreto, no qual trazia apontados todos os que se avantajavam em seu serviço, ou fossem ministros do estado, ou da justiça, ou da fazenda, ou da guerra; e segundo o merecimento de cada um lhes tinha destinado os logares e os premios, assim como fossem vagando. Era proverbio dos hebreus, de que tambem usou Christo: *Ubicumque fuerit corpus, illuc congregabuntur et aquilæ.* [1] Onde houver corpo morto, logo alli correrão as aguias. Falla das aguias vulturinas, que são aves de rapina, as quaes teem agudissima vista, e subtilissimo olfato, e em vendo ou cheirando corpo morto, logo correm a empolgar e cevar-se nelle. Assim succede com a am-

[1] *Luc.*, XVII, 37.

bição dos pretendentes a todos aquelles por cuja morte vaga officio, commenda, vara, cadeira, mitra, governo, ou outro emolumento util, e pingue, em que empregar (não digo as unhas) as mãos. Mas que fazia nestes casos quotidianos o rei do bom memorial? Como nelle tinha já destinadas as pessoas a quem havia de fazer o provimento, respondia que já o logar, officio ou beneficio estava provido; e as aguias que corriam famintas aos despojos do morto, encolhiam as azas, embainhavam as unhas, e ainda que queriam grasnar, tapavam o bico.

E' o que aconteceu hoje aos nossos dois pretendentes. A razão, com que Christo lhes tapou a bocca, foi com dizer que aquelles logares já estavam destinados, e dados a outrem: *Non vobis, sed quibus paratum est á Patre meo.* Se vós soubereis que para se proverem os logares do meu reino não se espera que concorram os pretendentes a pedil-os, senão que muito antes disso estão já destinados, é certo que os não pretendereis, nem pedireis; mas porque não sabeis este estylo do meu governo, por isso pedis, e não sabeis o que pedis: *Nescitis quid petatis.* No mesmo caminho em que se fez esta petição, acabava Christo de dizer que ia a Jérusalem a morrer. João era a aguia, e Diogo seu irmão, e como lhes cheirou a corpo morto, tambem quizeram empolgar e aproveitar-se da occasião; mas ainda que os logares que pediam, tivessem sido do morto, e elle fôra como os outros mortos que morrem, e não resuscitam, nem por isso sabiam o que pediam, porque o segredo altissimo de destinar os logares antes que vaguem, faz que ainda que morram as pessoas, os officios sempre ficam e estão vivos. Imitem pois os principes aquella regra universal da natureza: *Corruptio unius est generatio alterius;* e assim como ella não permitte que a materia esteja sem fórma, nem por um instante, assim elles tirem do mundo a vacancia dos logares, e não consintam que vaguem, ou estejam vagos um só momento, senão sempre providos e vivos.

Pódem replicar a isto os nossos pretendentes, que os logares que pediam não eram vacantes, senão creados, ou que se haviam de crear de novo. Mas tambem esta instancia se desfaz com o *quibus paratum est;* e com a prevenção ou predestinação dos providos. Deus quando cria officios de novo, primeiro cria os

officiaes que os officios: e assim já nascem providos sem terem instante de vagos. No principio do mundo creou tres presidencias, duas no céo, e uma na terra; mas primeiro criou os presidentes que as presidencias. A primeira presidencia do céo foi a do sol, para que presidisse ao dia, e a segunda a da lua, para que presidisse á noite; mas antes que creasse estas presidencias, já tinha creado um e outro presidente: *Fecit duo luminaria magna, luminare majus, ut præesset diei, et luminare minus, ut præesset nocti.* [1] A presidencia da terra foi a do homem sobre todos os animaes do mar, do ar, e da mesma terra, mas tambem estava já creado o presidente, antes que se creasse a presidencia: *Faciamus hominem ad imaginem, et similitudinem nostram, et præsit piscibus maris, et volatilibus cœli, et bestiis, universæque terræ.* [2] O mesmo estylo observou Deus em todos os officios que creou de novo. Houve de crear de novo o reino de Israël, e primeiro creou o rei e mandou ungir a Saül por Samuel, do que creasse e lhe désse o reino. Houve de crear de novo o officio de restaurador do mundo, e primeiro, e cem annos primeiros nomeou a Noë e lhe mandou fabricar a arca, do que lhe désse e exercitasse o officio. Não posso deixar de me lembrar neste passo de quantas vezes se teem visto as náus da India de vergas de alto, sem se saber, nem estar nomeado quem as ha-de governar. Nós começamos as nossas náus pela quilha, Deus começou a sua pelo piloto. Assim o fez tambem Christo. Muito antes de morrer nomeou a S. Pedro, e depois de resuscitar lhe entregou a barca. Imitem esta politica do céo os principes da terra: nos officios que se crearem, façam primeiro os officiaes que os officios: e nos ordinarios e de successão tenham-lhe prevenidos os successores, para que vagando, não estejam vagos: E desta sorte activa e passivamente cessará em grande parte o desagrado do *não*.

---

[1] *Genes.*, I, 16.
[2] *Ibid.*, 26.

VII

Temos apontado os meios com que anticipadamente se pódem atalhar ou diminuir as occasiões de se dizer nem ouvir este tão duro adverbio. Mas porque se pódem offerecer comtudo algumas em que seja forçoso negar, vejamos agora o modo, ou modos, com que nos taes casos com menos sentimento dos vassallos e menor mortificação do principe se ha-de dizer o *não*. El-rei que está no céo, disse a um seu confidente, que tinha vinte e quatro modos de negar: teve esta noticia um embaixador que havia tempos requeria certo despacho, e com a confiança de criado antigo, que tinha sido de sua magestade, começou uma nova instancia com estas palavras: cá ouço que vossa magestade tem vinte e quatro modos de negar: senhor, se vossa magestade tem vinte e quatro modos de negar, eu tenho vinte e cinco de pedir. Quaes fossem estes vinte e quatro modos de negar, eu o não sei, nem me occorrem; mas como são e pódem ser mais os modos de pedir, necessario será contra a importunidade dos pretendentes repulsal-os talvez com um *não*, mais ou menos desenganado, segundo o que pedir a materia.

Primeiramente me parece, que são merecedores de um *não* muito claro e muito secco, certo genero de alvitreiros, que inventando e offerecendo novos arbitrios e industrias de acrescentar o erario, ou fazenda real, juntamente dizem (e aqui bate o ponto) que elles hão-de ser tambem os executores, e para isso pedem meios e jurisdições. Nasceu sizania, diz Christo, entre a seara de um pai de familias, o que vendo os criados, vieram logo mui zelosos encarecendo aquella perda da fazenda de seu amo, e offerecendo-se a ir mondar a seara e arrancar a sizania: *Vis, imus, et colligimus ea?* [1] Quereis, senhor, que a vamos colher? Colher, disseram, e não arrancar, porque estes zelos e offerecimentos sempre se encaminham á colheita. Respondeu o Pai de familias, sem lhes agradecer o cuidado. E que respondeu? *Ait illis: Non.* [2] Disse-

[1] *Math.*, XIII, 28.
[2] *Ibid.*, 29.

lhes: *não.* Assim se ha-de responder com um *não* muito secco e muito resoluto a similhantes propostas. O Pai de familias entendia melhor da lavoura que os creados: os creados representavam a utilidade, e o amo reconhecia os inconvenientes; elles diziam que queriam mondar a seára, e elle reconhecia que haviam de arrancar o trigo: *Ne colligentes zizania, eradicetis simul et triticum.* [1] Nem se ha-de fazer o que quereis, nem o haveis de fazer vós: fazer-se-ha a seu tempo, e falo-hão os segadores, que é seu officio e o entendem: *In tempore messis dicam messoribus.* [2] Quando os que não entendam as coisas, nem teem experiencia dellas, offerecem alvitres, e se offerecem para os executar, sendo as utilidades só apparentes, as occasiões intempestivas, e os damnos certos (como ordinariamente acontece) despida-os o Pai de familias a elles e ás suas propostas, e diga-lhes um *não* muito resumido e muito claro: *Ait illis: Non.*

Em outras occasiões de negar se costuma escusar um *não* com outro: e porque é modo muito ordinario e usado, não é bem que passe sem exame, e sem censura. Negou Labão a Jacob o premio de sete annos de serviço, em que se concertaram, e em logar de Rachel (que foi peior que negar) como quem paga com moeda falsa, lhe introduziu a Lia. Descobriu a luz do dia o engano: queixou-se Jacob a Labão de lhe não ter dado a Rachel: *Nonne pro Rachel servivi tibi?* [3] E que satisfação lhe daria Labão, que quer dizer o candido? Desculpou um *não* com outro *não*, dizendo que não era costume da sua terra casarem em primeiro logar as filhas segundas: *Non est in loco nostro consuetudinis, ut minores ante tradamus ad nuptias.* [4] E é costume da vossa terra não cumprir o promettido? E' costume da vossa terra enganar? E' costume da vossa terra mentir? E' costume da vossa terra faltar á justiça e á razão, e dar por escusa, que não é costume? Passemos da terra de Labão á nossa. Em toda a terra, como demonstra Aristoteles, é lei natural, que os sabios governem e mandem, e os que menos sabem,

---

[1] *Math.*, XIII, 29.
[2] *Ibid.*, 30.
[3] *Genes.*, XXIX, 25.
[4] *Ibid.*, 26.

obedeçam e sirvam. Em toda a terra é lei natural, confirmada com as civis, que os que forem mais eminentes em cada genero, subam aos maiores logares, e tenham os primeiros premios. Mas tira-se por excepção a nossa terra, na qual para alcançar estes premios, e para subir a estes logares, não basta a eminencia dos talentos, nem dos merecimentos, se falta certo grão de qualidade, bastando só essa qualidade sem outro merecimento, nem talento, para pretender e alcançar, ou alcançar sem pretender os mesmos logares. E se os estrangeiros se admiram e pasmam de vêr que os homens, que elles e o mundo venera, não occupem aquelles postos; responde-se a este *não* com outro *não: Non est in loco nostro consuetudinis.* Se um dos nossos pretendentes do Evangelho (e seja S. Thiago que veiu a Portugal) viera hoje, e em logar da cadeira que pediu, pretendera a de qualquer bispado do reino, haviam-lhe de responder, que no reino *não*, porque era filho de um pescador; que o maior favôr que se lhe podia fazer, era dar-lhe um bispado ultramarino; e logo lhe nomeariam satyricamente o de Meliapôr, por ser na costa da pescaria. Se Josuë conquistador de trinta e tres reinos, e de quem se presou o sol ser soldado, quizesse ser capitão general, tambem lhe haviam de oppôr, que tinha sido creado de Moysés; e Joseph, o qual teve maior industria que todos os homens, para adquirir fazenda a seu rei, e maior fidelidade para a conservar, se quizesse ser vedôr da fazenda, vêde se lh'o consentiriam as ovelhas que tinha guardado seu pai? Não fallo em Bartholo, se lhe viesse ao pensamento a regencia da justiça, ou a Navarro a da consciencia, porque o segundo tendo ensinado em Portugal com assombro de todas as universidades, o que aprendeu na de Coimbra, foi a tomar por si o *não*, e ir morrer em terras estranhas, porque se lhe não dissesse na nossa: *Non est in loco nostro consuetudinis.* A censura deste, que se chama costume é que não é costume, senão abuso contrario á natureza, á razão, á virtude, e prejudicial á republica; e que os principes, que se escusam com este modo de *não*, elle não só os não escusa, mas accusa e condemna mais, fazendo-os odiosos aos vassallos, ao mundo, e ao mesmo Deus, o qual por isso fez a todos os homens filhos do mesmo Pai e da mesma Mãe.

Excluido pois este abuso particular da nossa terra, o modo que em todas, e todos approvam, e os melhores politicos ensinam como mais decente, é, que nas occasiões de negar para abrandar a dureza do *não*, depois de mandar consultar as materias, se escuse o sabio principe com os seus conselhos. E' necessario porém advertir neste meio, que deve ser applicado com tal moderação e cautela, que por enfeitar o *não*, não se affêe a auctoridade do rei, nem o credito dos conselhos, nem as mesmas razões da escusa. Negou el-rei Achiz a David a licença, que lhe pedia para o servir em certa guerra como aventureiro entre suas mesmas tropas, e escusou o *não* com os seus conselheiros: *Non places satrapis*. Porém antes de chegar a pronunciar este *não*, e depois delle, fez com juramento um protesto mais honrado, para quem o ouvia, que para quem o jurava: *Vivit Dominus, quia rectus es tu, et bonus in conspectu meo, sed non places satrapis: scio quia bonus es tu in oculis meis sicut angelus Domini.* [1] Juro-vos, David, que no meu conceito sois recto e bom, e me pareceis tão bom, e tão recto como um anjo de Deus; mas não contentaes aos do meu conselho. Quantas coisas se negam aos grandes sujeitos como David, não porque não sejam dignos, e dignissimos dellas, mas porque não contentam aos do conselho dos reis. Se dissera que lhe não contentavam os offerecimentos de David, motivos podia ter para isso; mas que lhe não contentava a pessoa: *Non places?!* E se o conceito do rei era tão diverso que o tem por homem justo e bom, e que mais lhe parece anjo que homem; porque se não conforma o rei antes com o seu parecer, e com o seu juizo, que com o descontentamento dos conselheiros? E já que se conforma com elles na resolução, porque a intima a David floreada de tantos louvores, que os mesmos louvores confutam e condemnam a negativa? Tudo isto disse Achiz para enfeitar o *não* com que negava a David o que lhe pedia; mas com estes mesmos enfeites afeou primeiramente a auctoridade e soberania de rei, porque seguindo o voto dos conselheiros contra o juizo e experiencia propria, mostrou que era subdito dos seus conselhos, e não superior e senhor: afeou tam-

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XXIX, 6.

bem o credito dos mesmos conselhos, porque dizendo que David lhe não contentava, mostrou que se governavam mais pelo affecto das pessoas, que pelo merecimento das causas: e afeou finalmente a mesma razão com que se escusava, porque sendo os procedimentos de David tão rectos como elle reconhecia, jurava, e tinha experimentado, elles mesmos desfaziam toda a chamada razão da escusa, e convenciam ser pretexto. Havendo pois o principe de se escusar ou escudar com os seus conselhos, diga que mandou considerar a materia, e que se conformou com elles, e não diga mais.

VIII

Isto é, senhor, o que prudentemente ensina a politica humana, confirmada mais altamente com os documentos da sagrada que tenho referido: o meio, porém, que sobre todos represento e offereço a vossa alteza para a feliz administração do sceptro, que com tão particular providencia poz nas reaes mãos de vossa alteza a Divina, é o exemplo do Filho de Deus nas palavras que tomei por thema, tão proprias do tempo, circumstancias e occasião presente que parecem ditadas e escriptas só por ella. Negou Christo aos dois irmãos os logares que pediam, e o meio com lhes adoçou a elles o *não*, e com que o fez decoroso e decentissimo para si, foi com allegar os decretos e disposições de seu Pai: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est á Patre meo.* Não é meu, diz o Senhor, conceder-vos o que pedis, porque esses logares já meu Pai os decretou para outros; e assim como delle herdei o poder, assim delle hei-de seguir e confirmar os decretos. Isto é o que devem imitar os principes herdeiros, e tanto mais gloriosamente, quanto filhos de pais mais gloriosos. E' consequencia natural que com o sol que se põe, se escureçam uns logares, e com o que nasce se alumiem outros: e esta é a alva ou o alvo das pretenções no oriente dos reis que começam, e occaso dos que acabam. Mas o principe que teve a fortuna de succeder a um pai tão digno das saudades dos vassallos, como da imitação dos filhos, com se referir ás eleições de seu pai, se livra de innovar outras. Se João e Diogo, ou por si ou por ou-

trem fizerem instancias, responda com o formulario do Rei dos Reis: *Non vobis, sed quibus paratum est á Patre meo.* E ser-lhe-ha tão facil o *não*, como decoroso e reverente.

Haverá, não duvido (como sempre ha nos novos reinados) ambições desejosas de se introduzir, que aconselhem e persuadam o contrario. Mas quaes sejam os effeitos destas novidades, que tão docemente se ouvem, e tão facilmente se abraçam, bem o pódem vêr os conselheiros e os aconselhados, e escarmentar (se quizerem) no novo e infausto reinado de Roboão, filho de el-rei Salomão, por cuja morte o juraram todas as doze tribus de Israël nas côrtes de Sichem. Assentaram tambem nas mesmas côrtes pedir ao novo rei os allíviasse dos tributos que pagavam no tempo de seu pai, os quaes por occasião das fabricas, assim do Templo como dos palacios reaes, e muito mais pela excessiva despeza com que Salomão sustentava tanto numero de rainhas, chegaram a ser insupportaveis. Feita esta petição, diz o Texto sagrado, que chamou Roboão a conselho os velhos do tempo de seu pai, e que todos lhe aconselharam concedesse benignamente aos povos o que tão justamente pediam, porque assim lhes ganharia as vontades, e se conservaria no reino. Não se aquietando porém Roboão com este conselho, diz o mesmo Texto, que consultou o negocio com os moços com quem se tinha creado e o assistiam, e que aconselhado por elles, respondeu ao povo, que o seu dedo meminho era mais grosso que seu pai pela cintura, e que conforme esta differença da sua grandeza, não só lhes não havia de moderar o açoute dos tributos, mas que se as correias no tempo de seu pai eram de couro, no seu haviam de ser de ferro: *Pater meus cecidit vos flagellis, ego autem cædam vos scorpionibus.* [1] Este foi o conselho, esta a resposta, e o successo em summa, qual se podia esperar de tal resposta e de tal conselho. Porque das doze tribus que juraram a Roboão por rei, as dez lhe negaram logo a obediencia, e a deram a Jeroboão, creado que tinha sido de seu pai, querendo antes ser vassallos de um creado de Salomão, que de um tal filho de Salomão.

---

[1] *3.º Livro dos Reis*, XII, 14.

E se buscarmos a origem de tão infeliz e desastrado successo em que um rei sem batalha perdeu as dez partes do seu reino, para si e para todos seus descendentes em uma hora, acharemos que foi por não querer conservar os ministros antigos que assistiam ao lado de seu pai, e tomar outros. Assim o diz e pondera a Escriptura: *Reliquit consilium senum, qui assistebant coram Salomone patre ejus, cum adhuc viveret: et adhibuit adolescentes, qui nutriti fuerant cum eo, et assistebant illi.* [1] Notae este e aquelle *assistebant.* A causa proxima da ruina de Roboão, foi deixar o maduro conselho dos velhos experimentados, e tomar o dos moços orgulhosos e sem experiencia. Mas a origem dessa mesma causa esteve um passo mais atraz, que foi mudar os ministros que assistiam ao lado de seu pai: *Qui assistebant coram Salomone patre ejus*, e crear de novo aquelles com que se tinha creado para que o assistissem a elle: *Qui nutriti fuerant cum eo, et assistebant illi.* A ultima decocção dos negocios faz-se entre os ministros que estão ao lado dos reis, como se viu neste mesmo caso; e se os mesmos que assistiam a Salomão, assistissem a seu filho, o voto destes havia de ser o que prevalecesse, e os povos ficariam contentes, o reino inteiro, o rei obedecido e amado, e Roboão, que dizia que era maior que seu pai, tão grande como elle.

Nem deve passar sem advertencia a repetição emphatica, com que o Texto sagrado depois de dizer: *Assistebant coram Salomone*, acrescenta: *patre ejus.* Parece desnecessaria esta nova expressão, pois de toda a narração da historia constava ser Salomão pai de Roboão. Mas foi nota e ponderação dignissima de se não dissimular, como de uma maior circumstancia que notavelmente aggrava o caso. Porque ainda que os ministros de quem Salomão em sua vida se tinha servido junto a sua pessoa, por serem ministros do rei mais sabio que teve o mundo, mereciam ser estimados, honrados e conservados no logar que com elle tinham; só por serem ministros de seu pai (ainda que esse pai não fôra Salomão) se devia Roboão servir delles, e tel-os sempre junto a si, e fazer maior confiança da sua fidelidade, da sua verdade, do seu zelo

[1] *2.º Livro dos Reis*, XII, 8.

e do seu amôr, que do de todos os outros: *Amicum tuum, et amicum patris tui ne dimiseris:* [1] diz o Espirito Santo por bocca do mesmo Salomão: o amigo que foi amigo de teu pai, não o apartes de ti. E que mais teem os amigos que foram amigos dos pais, do que os amigos novos e particulares dos filhos? Teem de mais aquella differença que ha entre o certo e o duvidoso. Os amigos novos que os filhos elegem, poderá ser que sejam bons e fieis amigos; mas os que foram amigos dos pais, já é certo que o são, porque estes já estão experimentados e provados, aquelles ainda não. Até em Deus tem sua força esta consequencia. Quando Deus appareceu a Moysés na sarça, não sabendo elle quem era, disse-lhe: *Ego sum Deus patris tui:* [2] Eu sou o Deus de teu pai: irás libertar o povo e dir-lhe-has, para que te deem credito, que o Deus de seus pais te manda: *Deus patrum vestrorum misit me ad vos.* [3] Queria-os libertar do captiveiro de Pharaó, e para os assegurar deste grande beneficio, não só disse que era Deus que o podia fazer, mas que era Deus de seus pais, para que estivessem certos que o faria. Por isso disse sabiamente Socrates, que os mais seguros amigos são os que se herdaram. A amisade dos que se fazem de novo é duvidosa, a dos que se herdaram, e vem de pais a filhos, certa. E daqui conclue este famosissimo Philosopho: *Liberos hæredes esse non modo facultatum, sed amicitiarum paternarum.* Que os filhos não só são, e devem ser herdeiros da fazenda dos pais, senão tambem dos amigos. Se Roboão assim como herdou a Corôa, herdára tambem os amigos de seu Pai, elle não perdera o Reino; mas porque herdando o Reino, quiz fazer novos amigos, elles o perderam.

Quando estes se quizeram introduzir á assistencia da pessoa, e lugares do lado de Roboão, facilmente, e sem os escandalizar lhe podéra elle dizer, que estavam diante, os que tinham servido a seu Pai, e de quem elle tinha feito eleição: *Non vobis, sed quibus paratum est á Patre meo:* mas o erro de Roboão esteve, em que os que se tinham criado com elle, a primeira

---

[1] *Prov.*, XXVII, 10.
[2] *Exod.*, III, 6.
[3] *Ibid.*, 13.

coisa, que lhe persuadiram, foi que as suas eleições haviam de ser melhores. Porque se poderam tanto com as suas lisonjas, e se cegou tanto com ellas o pobre moço, que se persuadiu, e se atreveu a dizer, que o seu annel tinha maior roda que o cinto de seu pai; como lhe não metteriam tambem em cabeça, que sendo seu pai Salomão, sabia mais que elle? Esta é a cegueira, em que ordinariamente cáem os filhos dos Reis, e por isso em succedendo no governo, mudam criados, e officios, e quanto seus pais tinham ordenado; não advertindo, que em materia de prover lugares, sabem mais os pais com os olhos fechados, que os filhos, por mais sabios que sejam, com elles abertos. Estava Jacob já cego com a velhice, quando seu filho Joseph lhe apresentou os dois netos, Manassés e Efraim, para que lhes lançasse a benção. Era Manassés o maior, e por isso lh'o poz Joseph á mão direita, como a Efraim, porque era o menor, á esquerda: porém Jacob cruzou, e trocou as mãos, e póz a direita sobre a cabeça de Efraim, e a esquerda sobre a de Manassés. Não, Senhor, replicou Joseph, que este sobre que pondes a mão direita, é o menor, e o maior fica á esquerda. E que responderia Jacob? [1] Que responderia o pai cego? *Scio, fili mi, scio:* bem sei, filho meu, qual é o maior, e o menor, e bem sei tambem o que faço. Sei qual é o maior, e o menor, porque sei o que vós vêdes: e sei tambem o que faço, porque sei o que não vêdes. Vós vêdes só as idades desses dous meninos, eu vejo-lhe as idades, e mais as fortunas. E porque a fortuna de Efraim ha-de ser muito maior que a de Manassés: por isso ponho a mão direita sobre o que vós tendes por menor, e a esquerda sobre o outro. Joseph era tão sabio, como todos sabem, e como experimentou, e admirou o Egypto, onde succedeu este caso. E com tudo Jacob estando cego, via duas vezes mais que Joseph, e sabia duas vezes mais que elle: *Scio, fili mi, scio:* porque mais sabe, como dizia, um pai com os olhos fechados, que o mais sabio filho com elles abertos. Cuidem os filhos, e não desconfiem de que se cuide, que seus pais sabem mais que elles.

Uma vez perguntaram os Discipulos a Christo,

[1] *Gen.*, XLVIII, 19.

quando havia de restituir o Reino de Israël, e outra vez, quando havia de ser o dia do Juizo: e de ambas as vezes se escusou o Senhor com responder, que estes segredos só os sabia seu Pai. Pois, Mestre divino, em quem o mesmo Pai tem depositado os thesouros de sua sabedoria, não sabeis vós tambem estes dous segredos? Sim sei; mas sei-os para os guardar, não os sei para os dizer. Excellente solução: e esta é a verdadeira destes dous textos. Será bem, com tudo, Senhor, que cuidem os vossos Discipulos, que não sabeis tudo? Como a comparação não é mais que entre meu Pai, e mim, cuidem embora. Nenhum filho deve desconfiar, de que se cuide, que seu pai sabe mais que elle. E assim o ha-de entender, e suppôr, como tambem Christo o suppunha, em quanto homem. E se alguem me replicar, que este, ou seja conhecimento, ou modestia, não é tão decente, nem tão decorosa nos outros filhos, como em Christo, porque seu Pai é Deus; digo, que os outros pais, em respeito de seus filhos, tambem são deuses: ou quando menos, que os filhos os devem estimar, e venerar como taes, para seguir seus dictames: *Filii probi parentes suos tanquam Deos quosdam visibiles colunt et observant:* diz Philo, os bons filhos venerarão a seus pais como a deuses visiveis e de taes observem seus exemplos. Esta sentença tomou o Platão dos Hebreus do Platão dos Gregos, o qual chamou aos pais *Domestica Numina*, deuses domesticos: e acrescenta, que os dictames dos pais, como de deuses, hão-de ser recebidos, e observados dos filhos, não como conselhos, ou preceitos, senão como oraculos: *Parentum dogmata á filiis velut oracula excipienda funt.* Finalmente porque não faça duvida esta doutrina, que Platão ditou sem fé de Deus, e Philo sem fé de Christo, e para que della possamos colher, e gosar os abundantes e felicissimos fructos que nossas esperanças nos promettem; fechemos este tão importante discurso, com o oraculo irrefragavel do Espirito Santo, o qual mandou prégar pelo filho de Syrach a todos os filhos: *Judicium patris audite filii, et sic facite, ut salvi sitis.* [1] Filhos, ouvi o juizo de vosso pai, e fazei-o assim, para que vos conserveis nesta vida, e vos salveis na outra.

---

[1] *Eccl.*, III, 2.

SERMÃO

DO

DEMONIO MUDO

Prégado no Convento de Odivellas, Religiosas do Patriarcha S. Bernardo, no anno de 1651

Erat Jesus éjiciens dæmonium, et illud erat mutum. [1]

I

Vigiae, e estae álerta, diz o Apostolo S. Pedro, porque o demonio, vosso inimigo, como leão bramindo, cerca e anda buscando a quem tragar: *Sobrii etote, et vigilate, quia adversarius vester diabolus tanquam leo rugiens circuit, quærens quem devoret.* [2] Necessaria e temerosa advertencia é esta; mas muito mais necessaria e muito mais temerosa a de que hoje nos avisa o Evangelho. Porque? Porque o demonio, de que nos manda acautelar S. Pedro, é demonio com bramidos: *Tanquam leo rugiens;* e o demonio de que falla o Evangelho, é demonio mudo: *Erat Jesus ejiciens dæmonium, et illud erat mutum.* [3] Se o demonio vem bramindo, os mesmos bramidos dão rebate do perigo, e ninguem haverá tão descuidado, ainda que esteja dormindo, que não esperte assombrado, e se acautele; porém se o demonio vem mudo, debaixo do mesmo silencio, em que se esconde o perigo, descança, e adormece o cuidado.

O demonio sempre é inimigo: *Adversarius vester diabolus;* mas quando vem bramindo, vem como inimigo declarado; quando vem mudo, vem como ini-

---

[1] *Luc.*, II.
[2] *1. Petr.*, V, 8.
[3] *Luc.*, XI, 14.

migo occulto; e muito mais para temer é o inimigo occulto, e dissimulado, que descoberto. Quando o exercito contrario com as bandeiras estendidas ao som de caixas e trombetas se vem avançando aos muros, não são necessarias vigias; mas quando de noite vem marchando á surda com todos os instrumentos bellicos em silencio, então é necessario que as sentinellas estejam com os olhos muito abertos. Quando o demonio vem como leão bramindo, avisa-me o leão, e avisa-me S. Pedro; mas quando elle vem mudo, nem o leão, nem S. Pedro me póde avisar. Em fim, a differença do demonio (como leão, e bramindo) ao mesmo demonio (como demonio, e mudo) até aos mesmos sentidos é manifesta: como leão vê-se, e como bramindo ouve-se; porém como demonio, que é invisivel, não se póde vêr, e como mudo que não falla, não se póde ouvir.

Este é o demonio que Christo hoje lançou fóra: e este o milagre que muitas vezes repete por meio dos prégadores, se o estado já incapaz dos ouvintes o não impede. Quando o leão levava algum cordeiro do rebanho de David, se não estava ainda tragado e engulido de todo, e lhe ficavam as orelhas de fóra, pelas mesmas orelhas o tornava elle a tirar da garganta do leão. E' o que diz o propheta Amós, que tambem foi pastor: *Quomodo si eruat pastor de ore leonis extremum auriculæ.* [1] Eu não duvido que possa haver neste auditorio alguns a quem tragasse o demonio, porque elle não bramiu, nem elles o ouviram. Se tambem lhe tragou as orelhas, não lhe vejo remedio; mas se ainda lhe ficaram de fóra, por ellas, e pelos ouvidos, se poderão livrar, se ouvirem com a attenção que péde tão grave materia: *Ave Maria.*

II

O grande patriarcha S. Bernardo, que sendo entre os outros Doutores sagrados tão eminente, neste logar é o maior, expondo o Texto de S. Pedro, diz que dava graças ao grande Leão da tribu de Judá,

[1] *Amos.*, III, 12.

Christo Senhor nosso, porque permittindo o bramir ao leão do inferno, não lhe permittia o ferir: *Gratias magno ille leoni de tribu Juda: rugire iste potest, ferire non potest.* E porque não póde ferir, se póde bramir? Por isso mesmo. Quando o leão vem bramindo, na mesma bocca, em que traz o perigo, traz juntamente o remedio. Os seus bramidos nos livram dos seus dentes, e as suas ameaças das suas garras. Mas se elle, que assim como póde bramir, póde não bramir, se vier mudo, que será? Aqui ha-de bater o nosso ponto. Vae por diante o Texto, e diz que não só vem bramindo, senão cercando: *Rugiens circuit, quærens quem devoret.* E posto que estes cercos do demonio não darão muito cuidado a S. Bernardo, porque os muros da sua Religião são muito altos, muito seguros, e muito fortes; comtudo, se o demonio despir a pelle, e o corpo de leão, pouca resistencia lhe pódem fazer os muros. E tal é o caso em que estamos.

O demonio como espirito, e como espirito soberbo, atrevido, e sem temor nem reverencia dos logares sagrados, entra pelos claustros religiosos, passeia os corredores e dormitorios, e por mais fechadas que estejam as cellas, sem gazua, com ser ladrão, se mette e mora nellas muito de assento. Por signal, senhoras, que muitas o deixastes na vossa cella, e o achareis lá quando tornardes. Ninguem se benza, porque esta verdade, posto que não seja fé Catholica, é Romana. E' a novidade que de lá trago, para que vos peço nova attenção.

Sendo o estado das virgens consagradas a Deus a mais illustre porção do rebanho de Christo, como lhe chama S. Cypriano: *Illustrior portio gregis Christi;* que meio tomaria o supremo e vigilantissimo Pastor Innocencio x, que Deus guarde muitos annos, para conservar o mesmo estado em sua pureza e perfeição, e onde estivesse descahido, o restituir a ella? Elegeu Sua Santidade em Roma um Religioso de grande virtude e prudencia, e mestre do espirito muito experimentado, ao qual encommendou que visitasse de secreto os conventos das Religiosas, não só em commum, senão tambem nas cellas ou aposentos particulares: e que procurasse de lhes tirar (não por violencia, mas com a suavidade de santas exhortações) tudo o que julgasse menos decente á fé, e unico

amôr que devem a seu Divino Esposo. Fel-o assim o Visitador com o zelo que delle se esperava; e depois de alguns mezes, dando conta, ao mesmo Summo Pontifice da sua missão, disse que vinha muito edificado do que achara, mas não de todo contente. Edificado, porque achara tantas penitencias, tantos jejuns, tantas disciplinas e cilicios, e tantas orações e devoções, que lhe fôra necessario moderar o excesso, e ir á mão a tão demasiados fervores. Edificado tambem, porque havendo nos ditos aposentos algumas alfaias, ou peças de maior preço e curiosidade do que permitte a pobreza e simplicidade religiosa, todas, posto que com alguma repugnancia, as fizera despedir, e applicar a melhores usos, excepta sómente uma. E porque esta a não pudéra arrancar das paredes, e muito menos dos affectos, senão em muito raras daquellas monjas, por isso não estava totalmente satisfeito da sua diligencia. Então perguntou Sua Santidade, que alfaia ou que peça era aquella? Ao que respondeu o Visitador, que o espelho. — O espelho? — Beatissimo Padre, sim. E a razão do meu descontentamento é, porque tenho alcançado por larga experiencia, que em quanto uma Religiosa se quer vêr ao espelho, não tem acabado de entregar todo o coração ao Esposo do céo, e ainda lhe ficam nelle alguns resaibos do amôr e vaidade do mundo.

Tal foi a resposta do Visitador daquelles conventos, ouvida não menos que da bocca de Sua Santidade. E com esta tão authentica e bem fundada noticia, fiquei eu persuadido a uma coisa, e me resolvi a outra. A primeira a que fiquei persuadido, com boa venia de tão veneravel communidade, é, que nos conventos e cellas das Religiosas o espelho é o diabo mudo. A segunda a que juntamente me resolvi, foi que vindo a Portugal, havia de publicar e prégar neste caso no primeiro logar a que podesse pertencer. Elle pois será hoje o argumento do meu discurso, e uma allegoria tão propria das palavras que propuz no thema, como ellas mostrarão.

III

Erat Jesus ejiciens dæmonium, et illud erat mutum. Diz o Evangelista S. Lucas, que estava Christo lan-

çando do corpo de um endemoninhado um demonio que era mudo. E porque não diz que o lançou, ou que o lançára, senão que o estava lançando: *Erat ejiciens?* Este reparo é de todos os Expositores, os quaes tambem respondem todos, que aquelle estar, ou aquella detença e tardança, significava a repugnancia, a rebeldia, e a resistencia e contumacia, com que o demonio se não queria despegar daquelle corpo, nem deixar-se arrancar delle. Mas isto mesmo tem nova difficuldade no Evangelho do mesmo S. Lucas. Diz este Evangelista, que quando Christo lançava os demonios fóra dos corpos, não era necessario que o Senhor lh'o mandasse com alguma palavra, mas bastava que o endemoninhado tocasse as vestiduras sagradas, para logo ficar livre: *Qui vexabantur á spiritibus immundis, curabantur: et omnis turba quærebat eum tangere, quia virtus de illo exibat, et sanabat omnes.* [1] Pois se a virtude de Christo tão facilmente lançava dos corpos os demonios; porque experimentou tanta resistencia e difficuldade na expulsão deste demonio mudo? Por ventura por ser mudo? Não: antes por ser mudo era conveniente que o lançasse por um tacto tambem mudo, e juntamente passivo como aos demais. Apertemos a duvida em todo o rigor. E' certo que o demonio não podia resistir á virtude de Christo, que era omnipotente. E tambem é certo que as difficuldades e resistencias do *erat ejiciens*, eram affectadas pelo mesmo Christo, para debaixo dellas nos dar alguma importante doutrina. Que queria logo significar o Senhor naquelle demonio mudo, e naquellas resistencias? Antes da prova ninguem tenha a resposta por paradoxa. No demonio mudo queria o Senhor significar o espelho, e nas resistencias a grande difficuldade, com que o espelho se lança fóra. No mesmo exemplo de Roma, que acabo de referir, temos a prova, e muito mais encarecida.

Quando Christo Senhor nosso mandou aos seus Discipulos prégar, deu-lhes juntamente poder sobre os demonios, para que os lançassem dos corpos. Com este poder lançavam fóra indifferentemente todos os demonios, até que lhes trouxeram um, tambem mudo,

[1] *Luc.*, VI, 18 e 19.

como consta do Evangelho de S. Matheus, o qual por mais exorcismos que lhe fizeram, era tão obstinado e rebelde, que de nenhum modo o puderam arrancar os Apostolos do corpo de que se tinha apoderado. Deram conta desta novidade ao Divino Mestre, perguntando a causa della; e o Senhor lhes respondeu, que os demonios daquella casta, não se lançavam fóra, senão com oração e jejum: *Hoc genus dæmoniorum non ejicitur nisi in oratione, et jejunio.* [1] Ao nosso ponto agora. Naquellas devotas Religiosas de Roma, que deram motivo ao nosso discurso, não ouvimos que eram tão continuas as orações e os jejuns, que foi necessario moderar-lhes o excesso destes santos exercicios? Sim. Pois se os demonios mudos se lançam com orações e jejuns, as mesmas que tanto oravam e jejuavam, porque repugnavam tanto a que se lhes tirasse da cella o espelho? Porque o espelho é um demonio mudo, de peior casta que os outros demonios mudos: os outros lançam-se com orações e jejuns: *In oratione, et jejunio;* porém estes são muito mais rebeldes e obstinados. Estão tão pegados á parede, e muito mais ao coração, que orará e jejuará a dona da casa quanto quizerdes, e muito mais do que quizerdes, mas o espelho não ha-de ir fóra.

Depois, e mais em seu logar declararemos a razão ou semrazão desta difficuldade; agora vamos seguindo o Texto, e tirando as duvidas, ou os escrupulos que póde ter a nossa allegoria.

IV

A' palavra *ejiciens* segue-se *dæmonium*. E chamar demonio ao espelho parece que não só é fazer injuria á arte, senão á mesma natureza. O espelho depois de muitos annos (quando já o mundo não tinha muito que vêr em si, senão muito que aborrecer) foi invento artificial e humano. Porém na sua primeira origem já tinha sido o espelho obra da natureza, e do soberano Auctor della. As estrellas são espelhos do sol: os rios são espelhos das arvores: uma fonte,

---

Math., XVII, 20; *Marc.*, IX, 28.

que não devera, foi o espelho fatal de Narciso: e o mesmo mar, espelho daquelle rustico presumido, que dizia: *Nuper me in littore vidi, cum placidum ventis staret mare.* Seneca com toda a severidade estoica diz que os espelhos (em que os primeiros homens encontravam com a sua imagem em qualquer pedra liza) foram ordenados desde seu principio pela natureza, como mãi e mestra dos bons costumes, para que o moço que nasceu bem afigurado, vendo no espelho a sua gentileza, a não afeiasse com os vicios: e o que nasceu feio, supprisse e emendasse aquelle defeito com a formosura das virtudes. Do mesmo modo para que o mancebo vendo-se robusto e forte, empregasse as suas forças em honestos e honrosos trabalhos: e o velho considerando as suas cãs, as não affrontasse com acção indigna dellas; antes reconhecendo os poucos dias que lhe podiam restar de vida os perpetuasse com exemplos merecedores da immortalidade. Esta mesma doutrina tinha sido a de Platão e Socrates, em cujas escolas estavam collocados espelhos, para que a elles se vissem e compozessem os discipulos das virtudes que nellas se ensinavam.

Pois se o espelho desde sua origem não foi obra humana, senão divina: se o fim deste instrumento natural foi para que o homem creado á imagem de Deus, vendo a sua no espelho, a procurasse conformar com a perfeição e soberania de tão alto original; não é aggravo e affronta, sobre impropriedade grande, comparar o espelho ao demonio, e chamar-lhe demonio? Não. Porque desde sua mesma origem não ha duas coisas que Deus creasse mais parecidas e similhantes, que o demonio e o espelho. O demonio primeiro foi anjo, e depois demonio: o espelho primeiro foi instrumento do conhecimento proprio, e depois do amôr proprio, que é a raiz de todos os vicios.

E para que se veja quão alheio de aggravo nem encarecimento é o nome de demonio que dei ao espelho: oiçam todos com assombro o que agora hei-de dizer. E é, que de um espelho não artificial ou fingido, senão natural e verdadeiro, e de uma formosura tambem natural e verdadeira, que nelle se viu, nasceram todos os demonios, quantos depois de serem anjos ardem no inferno.

Os espelhos em que se vêem os anjos (e o mes-

mo se entende das nossas almas), não são compostos de vidro e aço, ou de outra materia corporea, senão espirituaes como os mesmos anjos: os quaes nos actos do proprio entendimento, como em espelhos naturaes e clarissimos, se vêem a si, e as expressas imagens de si mesmos. Em Deus, que é o supremo espirito, e exemplar de todos, temos o melhor e mais qualificado exemplo. Deus Padre desde o principio sem principio de sua eternidade, produziu e está sempre produzindo por acto de entendimento o Verbo divino, e o mesmo Verbo é um espelho de candidissima luz, e sem macula, no qual vê Deus a sua essencia, a sua magestade, a sua grandeza infinita, e todos seus attributos: *Candor est enim lucis æternæ, et speculum sine macula Dei majestatis, et imago bonitatis illius.* [1] Assim o diz o Espirito Santo no livro da Sabedoria; e assim por seu modo se vêem os anjos a si mesmos, não fóra, senão dentro de si, no espelho natural, e imagem expressissima do proprio entendimento.

Isto posto, tanto que foi creado o maior e mais excellente de todos os espiritos angelicos, Lucifer, viu-se neste seu espelho mental, e contemplando nelle a sua formosura, maior sem controversia que a de todos os anjos, ficou tão namorado e elevado da mesma vista: *Elevatum est cor tuum in decore tuo:* [2] que não se contentou com menos que ser como Deus: *In cœlum conscendam, super astra Dei exaltabo solium meum, sedebo in monte testamenti, ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo.* [3] E que se seguiu daqui? O mesmo que ao homem quando quiz ser como Deus: *In quocumque die comederitis, aperientur oculi vestri, et eritis sicut dii.* [4] Note-se com muito grande attenção esta paridade. O homem querendo ser mais do que era, perdeu o que era: quiz ser como Deus, e perdeu a dignidade de homem, ficando similhante aos brutos: *Homo cum in honore esset, comparatus est jumentis, et similis factus est illis.* [5] E Lucifer do mesmo modo, querendo ser como

---

[1] *Sapient.*, VII, 26.
[2] *Ezech.*, XXVIII, 17.
[3] *Isai.*, XIV, 13 e 14.
[4] *Gen.*, III, 5.
[5] *Psal.*, XLVIII, 13.

Deus, perdeu a dignidade de anjo, e em signal de ficar tambem como bruto, lhe nasceu logo uma cauda tão grande, que arrastou e derribou com ella a terceira parte de todas as gerarchias angelicas: *Et cauda ejus trahebat tertiam partem stellarum cœli, et misit eas in terram.* [1] De sorte, como dizia, que vendo Lucifer a sua formosura natural e verdadeira em um espelho, tambem natural e verdadeiro, deste espelho e desta vista, como de pai e de mãi, nasceram todos os demonios, quantos com o mesmo Lucifer ardem no inferno. A certo demonio perguntou Christo uma vez como se chamava; e elle respondeu: *Legio, quia multi sumus:* [2] que se chamava Legião, porque não era um só demonio, senão muitos mil. E se ao espelho, por ser em Lucifer origem de todos os demonios, se podia dar o nome de todos, bem se segue quão curto lhe vem o de um só demonio: *Erat ejiciens dæmonium.*

V

Só resta a ultima e principal differença de mudo: *Et illud erat mutum.* E não é necessaria outra prova mais certa e mais evidente que a mesma experiencia dos que se vêem, e muito mais das que se vêem ao espelho. Não ha eloquencia, nem rhetorica com todas suas figuras, que mais diga, que mais persuada, e que mais deleite, que aquelle lisongeiro mudo. Mudo adula, mudo encarece, mudo attrahe, mudo affeiçoa, mudo enfeitiça, mudo engana, mudo mente e desmente juntamente, negando o que é, e fingindo o que agrada. Nonno, poeta antigo, e tão erudito nas linguas, como nos silencios, chamou ao espelho, pregoeiro mudo: *Tacito præcone (speculo) imagini credebat puella suæ pulchritudinis.* E diz discretissimamente que uma donzella que se viu ao espelho, pregoeiro mudo, não cria da sua formosura o que ella via, senão o que elle apregoava. São os mysterios do espelho como os da fé, em que uma coisa é a que se vê e outra a que se crê: vê-se o que concedeu a natureza mais ou me-

[1] *Apoc.*, XII, 4.
[2] *Marc.*, V, 9.

nos avara; e crê-se em fé do amôr, ou desejo proprio, não o que retrata o espelho, senão o que representa a imaginação: *Imagini credebat pulchritudinis suæ.* Formosura apregoada não está muito longe de vendida. Diga-o a de Sarah, quando as vozes do pregão chegaram aos ouvidos de Pharaó. Se Deus não acudira pela honra de Abrahão, já elle de antemão tinha recebido boa parte da paga: *Fueruntque ei oves, et boves, et servi, et famulæ, etc.* [1]

Para este juizo falso e mudo concorre com o espelho uma testemunha tambem falsa e muda, que é a formosura. Com este sobrenome tão pouco ameno a censura Theofrasto referido por Laercio na vida de Aristoteles: *Pulchritudinem esse silentem fraudem:* que a formosura é um engano e uma mentira muda. De sorte que deste mudo e desta muda se representa no theatro do espelho um dialogo, que se ouve sem voz, tão apparente á vista, tão pintado ao desejo, e que tanto persuade, engana e tenta como o mesmo demonio. Aqui está a propriedade do demonio e mudo. O demonio tentou a Christo fallando; a nós tenta-nos mudo e sem dizer palavra. Mas de que modo, se o não vemos, nem ouvimos? Oiçam agora esta philosophia os que a não sabem, posto que todos a experimentam.

Dentro na nossa phantasia, ou potencia imaginativa, que reside no cerebro, estão guardadas, como em thesouro secreto, as imagens de todas as coisas que nos entraram pelos sentidos, a que os philosophos chamam especies. E assim como nós das lettras do *A B C*, que são sómente vinte e duas, trocando-as e ajuntando-as variamente, escrevemos e damos a entender o que queremos; assim o demonio daquellas especies, que são infinitas, ordenando-as, e compondo-as como mais lhe serve, pinta e representa interiormente á nossa imaginação, o que mais póde inclinar, affeiçoar, e attrahir o appetite. E deste modo mudamente nos tenta, mudamente nos persuade, e mudamente nos engana. Isto mesmo é o que passa entre a vista e o espelho, e tanto mais viva e enganosamente, quanto é maior o desejo de bem parecer. Sáem as especies direitamente do rosto ao espelho, e rece-

[1] *Gen.*, XII, 16.

bidas no vidro e rebatidas do aço, tornam reflexamente aos olhos; e nesta ida e volta, ambas mudas e em silencio, por engano do amôr proprio, se pinta ou despinta de tal sorte o mesmo objecto, que mais parece milagre da transfiguração, que illusão da vista.

Diz S. Paulo que o demonio algumas vezes se transfigurou em anjo de luz: *Ipse enim Satanas transfigurat se in angelum lucis.* [1] E estas são as transfigurações que cada dia faz o diabo mudo. Vê-se talvez ao espelho uma figura só por sua antiguidade veneravel; e quando aos que a vêem de fóra lhes parece aquella cara pouco menos feia que um demonio; ella depois que se viu, sáe tão transfigurada, que na confiança e estimação da propria belleza, só lhe faltam as azas para cuidar que é um anjo. Assim o cuida, porque assim se viu; e assim se viu porque assim se quiz vêr: como se o espelho não fôra espelho do rosto, senão da vontade. A' visão beatifica, com que os bemaventurados vêem a Deus, chamam sabiamente os theologos: *Speculum voluntarium:* espelho voluntario. E o demonio (que como bugio de Deus, diz S. Gregorio Nazianzeno, em tudo o arremeda) transformando-se no espelho, o fez muito mais voluntario do que é Deus na visão dos bemaventurados. Deus na visão beatifica é espelho voluntario; porque só se vê nelle e delle o que quer Deus, que é o espelho. E o espelho, em que se transformou o demonio, é muito mais voluntario, porque se vê nelle á medida e ao arbitrio da propria vontade, não o que quer, ou representa o espelho, senão o que quer, e como quer quem se vê. Só não póde fazer o demonio que as que se vêem ao espelho como querem, sejam vistas tambem como querem: mas isto se suppre com as receitas que se vão buscar á botica, que no mesmo espelho ensina por acenos o mesmo diabo mudo.

VI

Já temos chegado ao logar para onde reservei a razão, ou semrazão do *Erat ejiciens*, ou de ser tão difficultoso de se arrancar da parede de uma cella, ou do

[1] *2.ª ad Corinth.*, XI, 14.

affecto de uma Religiosa, o espelho que alli está tão pegado. E' possivel que uma virgem consagrada a Deus, e desposada com o Filho de Deus, ha-de estar tão casada com o espelho? E' ella mulher? E' ella filha de Eva? Pois de lá vem esta inclinação: e não é muito que tenha lançado tão fortes raizes. Diz Tertulliano, que quando Eva foi creada no Paraiso, se já se tivessem inventado as lisonjas com que se costuma enfeitar a formosura, e se já houvesse tambem os espelhos, aos quaes fosse licito enganar e mentir, como hoje fazem, que tambem Eva se havia de deixar enganar delles: *Si margaritæ canderent, et ceramnia coruscarent, et speculo tantum mentiri liceret; et Eva concupiisset.* Isto cuidou Tertulliano de Eva; e eu cuido do demonio, que se já houvesse espelhos, não havia elle de pedir emprestada á serpente a lingua, para a enganar e render. Mais digo: que se a serpente lhe promettesse: Serás como Deus; e o espelho lhe dissesse: Verás em mim tua formosura: que havia Eva de aceitar o partido e offerta do espelho, e não a promessa da serpente. E para que não pareça coisa incrivel no juizo de uma mulher antepôr a gloria ou idolatria de estar contemplando a sua formosura, á dignidade e divindade de ser como Deus, seja juiz e prova o mesmo demonio.

Quando Lucifer disse: *Similis ero Altissimo*, [1] julgaram muitos Doutores, principalmente antigos, que nesta similhança com Deus (que é o *sicut dii*) affectára Lucifer a divindade; porém muitos outros Interpretes não menos doutos, que vieram depois (não por serem mais amigos do demonio, senão porque ao mesmo demonio se deve fazer justiça, quando elle a tiver) teem para si, que um espirito de tão sublime entendimento não podia cahir em uma ignorancia tão evidente, e em um erro tão crasso, senão em outro mais natural e mais proprio da formosura, em que tambem pódem ser cumplices os nossos espelhos. E qual foi? Foi que vendo Lucifer sua estremada formosura, ficou tão satisfeito della, que renunciando a vista de Deus, não quiz outra mais que a sua.

Em que consiste a gloria e bemaventurança de Deus? Consiste em se estar sempre vendo a si mes-

[1] *Isai.*, XIV, 14.

mo, contemplando a sua essencia, a sua divindade, a sua formosura eterna, infinita, immensa. Pois assim como Deus se vê no espelho do seu entendimento: assim eu (diz Lucifer) me quero vêr no espelho do meu. E assim como elle tem a sua gloria em se estar vendo a si mesmo; assim eu quero ter a minha em me estar vendo a mim, e por isso não quero a sua gloria, nem a sua bemaventurança, senão a minha.

Esta vista, pois, e esta contemplação da propria formosura é a similhança de Deus, que Lucifer affectou, quando disse: *Similis ero Altissimo:* e a mesma vista e contemplação, se já houvesse espelhos no paraiso, como dizia Tertulliano, seria a maior tentação de Eva, tendo experimentado o demonio em si mesmo, quanto mais poderosa era para a persuadir e render o silencio do espelho mudo, que a astucia da serpente, fallando. E porque esta experiencia não teve logar em Eva, porque ainda não havia espelhos, bem se viu, depois que os houve, o appetite que herdaram da mesma Eva as suas filhas. E por isso ha tantas no mundo (e fóra do mundo) que gastam as horas e perdem os dias inteiros em se estar vendo, revendo e contemplando no espelho, como se não tiveram, nem esperaram outra gloria.

Exemplo seja Blesilla, aquella nobilissima viuva romana, da qual escreve S. Jeronymo, que desde amanhecer o sol até á noite empregava com grande vagar e estudo o dia todo em se enfeitar ao espelho: *Blesilla vidua nostra anté morosior ornabatur, et die tota quid sibi deesset, quærebat ad speculum.* Não desenganou a Blesilla nem a morte, que a fez viuva, nem a mortalha, que a obrigou ao capello, para lhe enfastiar aquelle immortal appetite de se estar sempre vendo ao espelho. Mas pôde tanto a graça triumphadora da natureza, que, com mudança não imaginada, a mesma Blesilla, como se fôra outra, renunciando ambos os mundos, se vestiu de um habito grosseiro de penitencia, e se fez Religiosa. Disse, renunciando ambos os mundos; porque além deste mundo, em que todos vivemos, em phrase de latinos e gregos ha outro mundo, que são os enfeites das mulheres: *Mundus muliebris.* Não acharam os homens mais sabios, nem outra menor comparação com que definir, nem outro menor nome com que declarar o excesso desta vaidade

e appetite mulheril. E que fazia depois a que assim gastava os dias em similhantes enfeites? O mesmo S. Jeronymo, comparando os dias de então ás noites de agora, continua dizendo com admiração: *Nunc ad orandum festina consurgit, et tinnula voce cæteris alleluia præripiens, prior incipit laudare Dominum suum:* Aquella Blesilla, que dantes tão mal empregava os dias, agora aproveita tão santamente as noites, que ella é a primeira que se levanta ás matinas, e com a voz e campainha, *tinnula voce*, esperta as outras monjas, não para se verem e contemplarem a si, mas para irem vêr e contemplar a Deus naquelle espelho da oração elevada, em que nesta vida, como diz S. Paulo, vêem menos claramente o rosto divino os que depois o hão-de vêr face a face: *Videmus nunc per speculum in ænigmate: tunc autem facie ad faciem.* [1]

Este mesmo appetite de as mulheres se verem ao espelho, declara S. Justino Martyr, com um notavel abuso que refere do seu tempo, por estas palavras: *Usu venit quibusdam se ipsas fallentibus, ut cum aperté vultum pigmentis fingere non audeant, arte id faciant, in undam, aut oleum facie inclinata despicientes.* S. Justino floresceu duzentos annos depois da vinda de Christo, em que durava o primeiro espirito da Igreja, e era prohibido ás mulheres christãs o uso dos espelhos. E que obraria nellas o appetite tão contrario a este preceito, e ainda ao de se pintarem, como faziam as gentias, e como hoje fazem as christãs idolatras, que teem o seu rosto por idolo? Diz o santo, que não se atrevendo a ter, nem usar dos espelhos artificiaes, com outra arte se viam, ou no azeite, ou na agua, *ad undam, aut oleum facie inclinata.* Mas não parava aqui a curiosidade, que se podia perdoar. A deusa Pallas tambem se viu na agua, e lhe serviu de emendar um defeito, que não via. Como creada nos valles do monte Ida entre os pastores, recreava-se a deusa em tocar uma frauta pastoril: mas como ao passar de um ribeiro visse nelle que a frauta lhe descompunha a harmonia das faces, inchando mais uma dellas, não quero eu (disse) comprar a tanto custo a consonancia da frauta: e lançou-a de si muito longe.

[1] *1.ª ad Corinth.*, XIII, 12.

I procul hinc, dixit, non est mihi tibia tanti,
Ut vidit vultum Pallas in amne suum.

Se aquellas boas ou más christãs usaram dos dois espelhos naturaes para emendar alguma descomposição, ou deformidade do rosto, venial podia ser o peccado contra o preceito. Mas diz com grande invectiva o zelo de S. Justino, que o faziam para vêr se a natureza as tinha dotado de algumas prendas das que agradam aos olhos dos homens, e para as converterem em armas, com que fazer guerra á castidade: *Ut de se ipsis judicarent, an adversus castitatem belligerare possent.* Tanto mais abominavel era que o verem-se, o fim porque se viam. De Archimedes, famosissimo mathematico, sabemos que em um porto de Sicilia fabricou uns espelhos de tal fórma, que reverberando nelles os raios do sol, convertidos em fogo, abrazaram uma armada inimiga. E tal era a diabolica tenção destas mathematicas do inferno, para abrazarem as almas dos que falsamente se chamam amigos.

Ainda é mais impio, e por seu modo sacrilego, este appetite mulheril de se verem ao espelho. Quasi estive duvidoso se o diria, com receio de que haja quem lhe tome a invenção. Nas terras do Norte são mais usadas as orações dos livros, que as das contas, e a todas as senhoras leva um criado á igreja em um sacco de veludo o livro porque ha-de rezar. Oiçamos agora ao auctor do grande Theatro da Vida Humana, archipresbytero da cathedral de Antuerpia, o qual, como testemunha de vista, diz assim fallando das mulheres: *Harum luxuries eó processit, ut etiam in libellis, quos ad Ecclesiam deprecaturæ adferunt, specula componant, quibus mundum muliebrem, et phaleras suas, ac capellitium inter fervidas scilicet suas preces adornent.* Tem chegado (diz) o luxo e vaidade das mulheres a tal excesso, que até nas Horas ou livros de orar, que levam á igreja, vão entre as folhas encadernados espelhos, nos quaes estão compondo de novo os seus enfeites, a fim de que as suas fervorosas orações não appareçam diante de Deus desacompanhadas deste ornato. Até aqui o auctor, a cujo theatro, se isto houvesse de sahir por farça, não haveria coisa mais ridicula. Mas se se houver de representar, e ponderar com juizo, nenhuma póde ouvir a christandade nem mais tragica, nem mais triste, nem mais injuriosa. De sorte que

á igreja, onde as mulheres vão orar e adorar a Deus, se vão idolatrar a si mesmas; e naquelles livros santos, cujas folhas umas teem estampadas as imagens da Virgem Maria, outras as de Jesus Christo crucificado, se não pejam de que appareçam tambem as suas! Se vos não atreveis a estar duas horas sem vos vêr por amôr de Deus, como esperaes vêr a esse mesmo Deus eternamente? O' christandade: ó gentilidade! Conta Pausanias, que no templo maior da Arcadia, estava um espelho, no qual os homens que olhavam para elle, não se viam a si, mas só viam as imagens dos deuses. E quando os gentios adoradores dos deuses falsos entenderam que nos espelhos dos templos não se haviam de vêr outras imagens que as dos mesmos deuses, teem nome e fé de christãs as que levam os espelhos aos templos do Deus verdadeiro, não só para tirarem os olhos dos altares e os pôrem em si, nem só para se verem a si, que seria menor escandalo, mas para verem e enfeitarem o modo com que desejam ser vistas?

E como este appetite de bem parecer, herdado de tão longe, e esta inclinação e estimação, fundada nos ornatos de uma caveira, e no esquecimento della, é tão natural e tão propria do genero feminino, e ainda na adulação do amôr proprio mais enganado, não ha gentileza tão perfeita, que não tenha que emendar, nem tão inteira, que não tenha que supprir, nem tão sã, que não tenha que curar, de que o espelho é o medico: esta é a razão, ou semrazão da difficuldade e resistencia, com que nos mesmos claustros religiosos, e entre as mesmas que professam o despreso dos olhos humanos, sejam tão raras dentro das suas quatro paredes as que deixem despegar e sahir dellas o espelho.

VII

Daqui (fallando agora comnosco) parece se seguem duas consequencias certas. A primeira, em respeito das Religiosas que renunciarem o espelho, o grande sacrificio que farão a Deus: a segunda, em respeito das que se não atreverem a tanto, uma natural desculpa de o não fazerem.

Quanto ao sacrificio, estão nelle escondidos dois ex-

tremos rigores, em que ninguem repara. O primeiro é, que quem renuncia o vêr-se no espelho, não só sacrifica a vista, senão tambem os olhos com que se vê. Funda-se esta proposição em uma sentença approvada e louvada pela philosophia conimbricense, que é a mais auctorisada e elegante que até agora appareceu no mundo: *Scité dictum est, ut speculum oculus est artis, ita oculum esse naturæ speculum:* Quer dizer este grande reparo philosophico, que assim como os olhos são espelhos da natureza, assim os espelhos são os olhos da arte. Os olhos são espelhos da natureza, porque nelles se retratam as imagens de quem se vê, a que chamamos meninas. E chamam-se meninas, e não meninos, porque a mesma natureza parece que fez os espelhos para as mulheres, e não para os homens. E porque são os espelhos olhos da arte? Admiravelmente; porque os olhos naturaes não se vêem a si mesmos, nem o proprio rosto: e fez a arte os espelhos como segundos olhos fóra de nós, para que nos pudessemos vêr a nós. Logo quem sacrifica o espelho, não só sacrifica a vista, senão tambem os olhos com que se vê, e sem os quaes se não póde vêr. E esta é a maior mortificação, ou rigor da natureza neste sacrificio.

O segundo, e ainda mais apertado é, porque quem sacrifica o espelho, não só sacrifica a vista, com que se havia de vêr, senão tambem a vista, com que se tem visto. Esta proposição, que parece mais difficultosa, não é menos que theologica, fundada em outra de fé. Diz o Apostolo S. Thiago, que os que ouvem a palavra de Deus, e não fazem o que ouvem, são similhantes aos que vêem no espelho o seu rosto natural, e logo se esquecem da figura e feições do mesmo rosto que viram: *Si quis auditor est verbi, et non factor, hic comparabitur viro consideranti vultum nativitatis suæ in speculo: consideravit enim se, et abiit, et statim oblitus est qualis fuerit.* [1] Isto que diz o Apostolo, e é de fé, porque elle o diz, a experiencia ordinaria o ensina. Vê um homem aos outros, e lembra-se claramente das feições do rosto e figura de cada um, e ausente o retrata na imaginação assim como o viu; mas se se viu no espelho a si mesmo, logo se esquece,

[1] *Jacob*, I, 23 e 24.

nem se póde pintar, ou figurar como é. E donde vem, ou se causa esta differença tão notavel? Vem do differente modo com que vemos as coisas no espelho, ou em si mesmas. Em si mesmas vemol-as por especies directas, que são mais vivas, e mais fortes: no espelho vemol-as por especies reflexas, que não teem aquella vida, ou aquella viveza, nem aquella força. E a razão é, porque o reflexo que as rebate no espelho, as enfraquece de tal sorte, que quando chegam á potencia, onde se formam as especies memorativas, por meio das quaes nos lembramos, ou estas se não produzem, ou são tão tenues, e quasi mortas, que se não póde servir dellas a memoria, e se segue naturalmente o esquecimento. Logo quem sacrifica o espelho, não só renuncia nelle a vista futura, senão tambem a passada. A futura, porque se não ha-de vêr, pois não tem espelho: a passada, porque por falta do mesmo espelho não póde renovar na memoria, nem supprir no esquecimento o retrato de quando se viu: *Et oblitus est, qualis fuerit.* Tanto renunciam e dão para sempre a Deus as Religiosas de animo varonil, que por seu amôr e reverencia lhe sacrificam o espelho!

E quanto á fraqueza das que se não animam, nem atrevem a tanto, e á desculpa que parece teem natural de não degolarem para sempre em si mesmas a vista do proprio rosto; verdadeiramente considerada a miseria dos nossos tempos, e o desmaio e frieza a que tem descaido geralmente o valor e espirito da perfeição christã, não só no estado secular, senão tambem no religioso, parecerá do mesmo modo que nos devemos contentar com esta moderação, posto que não sem dôr. Mas se nos puzermos fóra dos nossos tempos, e fóra tambem das obrigações da christandade, acharemos que a chamada desculpa natural neste caso é tão grande miseria, tão grande fraqueza, e tão grande affronta de qualquer congregação religiosa, que nem dizer, nem ouvir, nem imaginar se póde, sem egual confusão, como agora demonstrarei, com lastimosa evidencia.

Postos, pois, fóra dos nossos tempos e fóra da christandade, antes de Salomão edificar o famosissimo Templo de Jérusalem, fabricou Moysés outro Templo menor e portatil, chamado o Tabernaculo, em que no caminho da Terra da Promissão se faziam os

sacrificios, e se ensaiavam as outras cerimonias, que depois se haviam de exercitar no Templo. E sendo uma das peças notaveis deste Tabernaculo um tanque, ou lavatorio grande para uso e purificação dos sacerdotes, antes de entrarem a sacrificar, diz o Texto sagrado, que este lavatorio era fundido de bronze, e que este bronze era dos espelhos das mulheres, que de dia e de noite serviam, oravam e vigiavam no Tabernaculo: *Fecit et labrum æneum cum basi suá de speculis mulierum, quæ excubabant in ostio Tabernaculi.* [1] Não faça duvida ser o bronze dos espelhos, porque os espelhos ordinarios daquelle tempo eram de bronze, como tinham sido os primeiros de estanho, e depois se fizeram tambem de prata e oiro, guarnecidos de pedraria; pelo que disse Seneca, que um destes espelhos valia mais que o dote com que o Senado dotara as filhas de Scipião Africano, sendo aquelle grande triumphador de Carthago tão pobre, que não teve com que as dotar. Mas por isso mesmo digno, como diz o mesmo Seneca, de que tivesse por sogro o Senado Romano.

De maneira (tornando aos espelhos de bronze) que assim como Arão do oiro das arrecadas das mulheres tinha fundido o idolo do bezerro, assim Moysés do bronze dos espelhos, tambem das mulheres, fundiu a grande concha do purificatorio sacerdotal. Com uma differença porém muito notavel, que as arrecadas foram trazidas por mandado de Arão, arrancando-as os homens das orelhas de suas mulheres e filhas; e os espelhos sem mandado de Moysés, ou outra auctoridade superior, espontanea e voluntariamente, por pura e mera devoção das mulheres foram offerecidos a Deus, e dedicados ao serviço e uso do Tabernaculo. Assim o observou e pondera elegantemente Philo Hebreu: *Ex vasis jam antea expolitis in usum tamen alium, quem mulieres mira animi alacritate certatim contulerant: specula enim, ad quæ formam curare solitæ fuerant, sponte, nemine jubente, Deo dicaverant; hæc ad se delata opifex in unam massam confundit.* Das quaes palavras se colhe quão aceita fosse a Deus, e quão grata aos olhos divinos aquella offerta, assim por serem os espelhos, e o cuidado e

[1] *Exod.*, XXXVIII, 8.

cultura da gentileza, a coisa que mais estimam, e de que mais se prezam as mulheres, *Specula, ad quæ fórmam curare solitæ fuerant;* como pela vontade e promptidão de animo e pela alegria justamente chamada admiravel, com que foram offerecidos, *mira animi alacritate, certatim contulerant.* E sobretudo, sem que alguem a isso obrigasse aquellas devotas mulheres, *nemine jubente*, que é o que Deus mais estima, mais préza e mais ama no que se lhe offerece, como diz S. Paulo: *Non ex tristitia, aut necessitate, hilarem enim datorem diligit Deus.* [1]

Provado assim o muito que agrada a Deus a renuncia e sacrificio dos espelhos, que é a primeira parte da nossa proposta, segue-se a segunda, que prometti de mostrar, de não terem desculpa, nem escusa, as Religiosas que o não fazem e repugnam. E senão, pergunto, para que me respondam. Estas mulheres que tão animosa e valorosamente, e com animo e resolução mais que varonil, dedicaram os seus espelhos a Deus e ao Tabernaculo, que mulheres eram? Eram aquellas hebreas que havia um anno tinham sahido do captiveiro do Egypto, onde muitas dellas como escravas adoravam os idolos de seus senhores; havendo tambem um só anno (e o mesmo) que Deus tinha dado no monte Synaï a lei de Moysés. E estas mulheres tinham voto de Religião? Não, porque ainda não havia taes votos, nem tal nome no mundo. E eram virgens consagradas a Deus? Tambem não, porque dahi a dois mil annos deu principio a Virgem das Virgens a tão soberano instituto. Qual era logo o estado destas tão admiraveis mulheres? Umas eram casadas, outras viuvas, outras donzellas, e assim o confessam até Calvino e Beza, os hereges mais inimigos do estado religioso.

Vamos agora subindo por esta mesma escada, e vejam as Religiosas christãs, não naquelles espelhos deixados, senão nas mesmas que os deixaram, se teem desculpa, ou escusa alguma de estarem tão pegadas aos seus. Com os mesmos olhos com que as hebreas se costumavam ver e enfeitar aos seus espelhos, os viram depois quebrar, desfazer, derreter, e fundir, não chorando aquella destruição, nem tendo sauda-

[1] *2.ª ad Corinth.*, IX, 7.

des do tempo em que nelles se viam, mas grande gloria sim do differente uso e emprego em que os viram trocados. E se isto faziam mulheres casadas, ou que o foram, ou que o podiam ser; que devem fazer ou ter feito as que com vinculo perpetuo e indissoluvel se desposaram com o Filho de um Pai eterno? Se este consentimento commum, e impeto fervoroso de espirito, ardia nos corações das filhas de Israël successoras de Rachel e Lia; qual era bem que se venerasse nas filhas dos Basilios, Bentos, e Agostinhos, e muito particularmente nas de S. Bernardo, successoras das Umbelinas, das Leogardes, das Edwigias, e de tantas outras? Se aquelle zelo e devoção se admirava na synagoga e lei de Moysés, quanto se deve estranhar não só a falta delle, mas o contrario, nas Recoletas da Igreja Catholica, e lei de Christo? E' tanta a differença da lei de Moysés á lei de Christo, quanta vae da sombra á luz, da noite ao dia, da figura á verdade, e da lei da graça, que só ella póde dar, áquella que não podia. E se tanta fé e lealdade guardavam a Deus as que havia um só anno que o conheciam; as que antes de terem entendimento receberam a fé do mesmo Deus no baptismo, e antes de ter lingua prometteram nelle que renunciavam ao demonio, e a todas as suas pompas: porque ha-de poder tanto com ellas o mesmo demonio, tambem mudo e sem lingua, que na edade capaz de arrependimento lhe tornem a dedicar as pompas renunciadas, e não occultamente, senão nos olhos do mundo, e na propria cara, sem se lhe fazerem as faces vermelhas de pejo e confusão, senão de outra côr?

VIII

Mas passando do tempo das hebreas, que tinham fé, ás gentias e idolatras sem conhecimento do Deus verdadeiro; no Egypto assim como era venerado por deus Osyris, que tinha sido rei, assim Isis, que fôra sua mulher, era venerada por deusa. E no dia em que se celebravam as festas desta segunda e falsa deidade, e era levada de um templo a outro em procissão, diz Apuleio, que ia diante um côro de donzellas vestidas de gala, e coroadas de flôres, as quaes levavam em açafates, e semeando-as por toda a parte

faziam prados as ruas. Diz mais, que ao meio do caminho vinha outro côro a encontrar e receber a deusa, e que estas (de cujas galas se não faz menção) traziam lançados detraz das costas os espelhos, e os mesmos espelhos tambem voltados do avesso, com que nem ellas nem outrem se podia vêr nelles. Isto posto, sabida coisa é vulgarmente, que os Egypcios, como primeiros inventores das sciencias, sempre significavam mais do que diziam, e todas suas acções eram mysterios. Que mysterio tinha logo o primeiro côro das donzellas alcatifando as ruas de flôres, e o segundo trazendo os espelhos detraz das costas? E' certo que umas e outras se queriam mostrar devotas e obsequiosas á deusa; mas esta devoção e obsequio attribue o mesmo auctor mais principal e declaradamente ás segundas, que ás primeiras: *Aliæ, quæ nitentibus speculis pone tergum reversis venienti deæ obviam demonstrarent obsequium.* Saibamos agora: E porque era maior obsequio o dos espelhos voltados e lançados detraz das costas, que o das flôres semeadas pelas ruas, por onde a deusa havia de passar? Porque nas flôres significavam as primeiras donzellas, que cada uma consagrava á deusa a flôr das suas edades; e nos espelhos significavam as segundas, que sacrificavam á mesma deusa o que aquella edade mais preza e mais estima, que é o vêr-se ao espelho. De sorte que competindo as donzellas egypcias a quaes se haviam de mostrar mais obsequiosas á divindade que adoravam: a juizo dos sabios instituidores daquella publica solemnidade, maior era o obsequio e sacrificio das que se condemnavam a não se vêr mais ao espelho por amôr e reverencia della, que as que vestidas de festa lhe offereciam e punham aos pés a flôr de sua edade.

Em umas e outras se representavam com propriedade grande as Religiosas christãs. Nas primeiras, as que entrando noviças na Religião, consagram a Deus a primavera dos annos, e flôr da edade: nas segundas, as que, professas e antigas no mesmo Instituto, e provectas na virtude e no juizo, lhe sacrificam a perpetua e voluntaria cegueira do objecto mais amavel, e mais amado, não se querendo vêr ao espelho, nem vel-o, que por isso as mais discretas os levavam detraz das costas. E se ellas isto faziam tão alegre e animosamente, guiadas só pelo dictame da razão natural, sendo gentias e idolatras; que escusa ou descul-

pa pódem ter de o repugnar no estado mais sublime da fé e christandade, as que tendo renunciado o mundo por amôr do verdadeiro Deus, não só se chamam esposas, mas verdadeiramente o são de seu proprio Filho? Diga-o por todas uma, em que são significadas todas.

Nos Canticos de Salomão, a que alli se chama Esposa Santa, era uma figura prophetica das que depois na Lei da Graça haviam de ser esposas de Christo. O mesmo Esposo lhe deu então o nome e sobrenome com que hoje se chama cada uma, esposa e soror: *Soror mæ sponsa.* [1] Diga-nos agora aquella esposa, e aquella soror, que é o de que mais se prezavam os seus olhos. Tinha-os ella formado pelo exemplar que o mesmo Esposo lhe mostrára nos seus (pensamento singular de S. Gregorio Nisseno), e fallando de uns como de outros, diz que eram similhantes a duas pombas, as quaes estando sobre os rios das aguas, não se lavavam em agua, senão em leite: *Oculi ejus sicut columbæ super rivulos aquarum, quæ lacte sunt lotæ.* [2] Notavel dizer, e tão difficultoso a todos os Interpretes, como notavel! E' certo que nesta comparação não se louva a côr, que nos olhos é tão varia; porque louvar nelles a brancura, seria louvor tão frio como a mesma neve. Que quiz logo significar a Esposa, quando diz, que os seus olhos, como pombas, *sicut columbæ*, em cima dos rios d'agua, *super rivulos aquarum*, não se lavavam em agua, senão em leite, *quæ lacte sunt lotæ?* O mesmo Gregorio Nisseno, como tão eminente philosopho, por observação sua, e experiencia certa, diz que todos os outros licôres pódem servir de espelho, só o leite não; porque ninguem, nem coisa alguma se póde vêr nelle. As palavras do santo são estas: *Veré in lacte hoc observatum est, solum inter humida proprietatem hanc habere, ut in eo nullius rei simulacrum, aut similitudo conspiciatur.* E como entre todos os licôres só o leite não póde servir de espelho, por isso os olhos da Esposa, informado do Esposo Divino, eram similhantes áquellas pombas, que estando sobre os rios de agua, *super rivulos aquarum*, não se lavavam na mesma

[1] *Cant.*, IV, 9 e 10.
[2] *Cant.*, V, 12.

agua, na qual se podiam lavar e vêr juntamente; mas deixada totalmente a agua, posto que tão visinha, se lavavam so em leite, *quæ lacte sunt lotæ;* porque no leite só se podiam lavar, mas não se podiam vêr. Lembremo-nos agora dos espelhos de que Moysés fez a concha ou tanque, em que os sacerdotes se haviam de lavar antes do sacrificio. Aquelles sacerdotes já se não podiam vêr nos espelhos de que se tinham feito as margens do tanque; mas podiam-se vêr na agua delle, em que se lavavam. Porém as pombas, em que eram significados os olhos das Religiosas do nosso tempo, *Oculi ejus sicut columbæ*, ainda que estavam sobre as aguas dos rios, em que se podiam lavar e vêr, *super rivulos aquarum;* para maior e total sacrificio, não só renunciavam na mesma agua todos os licôres em que se podiam vêr, mas no leite, que só não póde servir de espelho, renunciavam todos os espelhos: *Ut in eo nullius rei simulacrum, ac similitudo conspiciatur.*

IX

Affronta seria de uma tão religiosa e santa communidade como a presente, depois dos dois exemplos das hebreas, que tinham fé de Deus, e das gentias, que a não tinham, se a houvessemos de exhortar á imitação desta, que tambem no tal caso seria injuria chamar-lhe fineza. Esta é a razão que eu tenho para não querer persuadir, como não quero, o desuzo dos espelhos; mas para os reduzir religiosamente a uma bem entendida concordata. E qual é? Que as filhas de S. Bernardo os não deixem, mas que os troquem, e que esta troca se faça, vendo-se daqui por diante ao espelho não mudo, senão eloquente; não lisongeiro, senão verdadeiro; não do mundo, senão do céo, qual é o que o mesmo santo patriarcha compoz, para que todos os seus monges e monjas se vissem e compuzessem a elle.

Compoz S. Bernardo um breve e excellente tratado, que intitulou: *Speculum Monachorum*, Espelho de Monges, o qual começa assim: *Si quis emendationis vitæ desiderio tactus, cogitationum, locutionum, operumque suorum excessus corrigere nititur, præ-*

sentis paginæ frequenti lectione tamquam in speculo interioris hominis sui faciem contempletur. E porque o santo com a comprehensão profundissima de tão consummado artifice, divide e compõe o dito espelho daquellas tres partes essenciaes, *cogitationum*, *locutionum*, *operumque*, que são pensamentos, palavras, e obras; de cada um destes tres lumes apontarei sómente o mais breve e elevando.

Quanto aos pensamentos, *cogitationum*, diz o espelho de S. Bernardo, que cuide cada um ou cada uma das suas Religiosas, e diga comsigo: Neste mundo não ha mais que Deus e eu: *Sic se existimet, quasi ipse sit solus, et Deus.* O' admiravel e divino documento! Em quanto no mundo não houve mais que Deus e Adão, conservou-se o paraiso naquella bemaventurada felicidade, sem perigo de se perder, nem mudar. O paraiso da terra é a Religião. E quando se perderá este paraiso? Quando nelle, além de Deus, houver Adão e Eva, ou Eva e Adão. Quem introduziu no genero humano o uso dos espelhos, foi o appetite de quem se vê nelles, querer contentar a outros olhos, que aos de Deus. Declarando Deus ao propheta Samuel a differença que ha dos seus olhos aos nossos, disse: *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor:* [1] O homem olha para o rosto, Deus olha e vê o coração. E como Deus encobriu o coração, e o poz ou escondeu fóra da esphera dos olhos, claro está que não ha-de ter cuidado de se vêr ao espelho, quem só quer parecer bem a quem vê os corações. Quer o espirito de S. Bernardo que sejam as suas filhas como aquellas primitivas creaturas, a que Deus deu o ser, desde o primeiro até o quarto dia. No primeiro dia creou a luz: no segundo o firmamento: no terceiro as plantas: no quarto o sol e a lua: mas em todas ellas não havia olhos no mundo. O ar estava allumiado com os resplandores da luz; o firmamneto esclarecido com os crystaes do segundo elemento; os prados vestidos de rosas, flôres, e boninas; os céos bordados de oiro sobre azul, no sol, na lua, e nas estrellas. E posto que todas aquellas creaturas estavam ornadas dos esmaltes da natureza, de que se haviam de fazer depois os maiores encarecimentos da formosu-

[1] *1.º Livro dos Reis*, XVI, 7.

ra; a graça de que todas ellas mais se deviam presar, era de não haver no mundo outrós olhos a que podessem ou quizessem parecer bem, senão os de Deus, que só as viam: *Vidit Deus quod esse bonum.* [1]

Quanto á segunda parte, ou segundo lume do espelho de S. Bernardo, quer o santo que nelle se vejam as palavras: *Locutionum.* Nem faça duvida parecer que as palavras só pertencem ao sentido de ouvir, e não ao de vêr; porque lá disse Moysés, quando Deus dava a sua lei no monte Synaï, que o povo via as vozes: *Populus autem videbat voces.* [2] Quaes diz pois o santo que hão-de ser as palavras de quem guarda as suas leis? *Cum loquitur, non studeat eloquentiæ; sermo ejus sit potius rusticanus, quám urbanus: in omnibus agendis non studeat curialis videri:* Quer dizer: Que quando houverem de fallar, não se prezem as suas palavras de ser eloquentes e discretas: mas que antes sejam rusticas, que urbanas, e que de nenhum modo pareçam cortezãs, e de côrte. Difficultoso preceito para Odivellas, que tão perto está de Lisboa, e tem contra si a opinião e dito commum. Dizem que o polido e discreto do fallar de S. Bernardo o herdaram as filhas, e não os filhos. E assim como a segunda parte deste dito é praga, e falsidade, assim a primeira, se fosse verdadeira, não seria louvor, senão descredito: *Si quis loquitur, quasi sermones Dei,* diz o Apostolo S. Pedro: [3] Os servos, e muito mais as servas de Deus, hão-de fallar como o mesmo Deus: poucas palavras, graves, sem artificio nem affectação, e santas. Os conventos são as côrtes e palacios de Deus, e uma das coisas em que se hão-de distinguir dos palacios do mundo, é a linguagem. Antes pareça do monte, que da côrte: *Rusticanus potius, quam urbanus.*

No palacio de pontifice Caiphaz, pela linguagem descobriu o mesmo S. Pedro, e deu a conhecer quem era: *Nam et loquela tua manifestum te facit.* [4] Tres annos havia que elle andava na escola de Christo, e ainda fallava em Jérusalem tão rustica ou rustica-

---

[1] *Gen.*, I, 10.
[2] *Exod.*, XX, 18.
[3] *1. Petr.*, IV, 11.
[4] *Math.*, XXVI, 73.

namente, como nas praias de Galiléa. Da pouca urbanidade com que o mesmo Christo disfarçado fallou á Magdalena, quando lhe disse: *Mulier, quid ploras?* [1] entendeu ella que era hortelão: e da muita cortezia com que a Magdalena lhe respondeu: *Domine, si tu sustulisti eum,* [2] pudéra colligir o hortelão, que era senhora, e da côrte. Ainda que não fôra proverbio de Salomão, que Deus gosta de conversar, não com os discretos, senão com os simples: *Cum simplicibus sermocinatio ejus,* [3] além das outras filhas do espirito de S. Bernardo, que já referimos, pódem servir de exemplo ás demais as Sanchas, as Therezas, e as Mafaldas, todas portuguezas, e todas de sangue real.

Finalmente, vindo ás obras, diz assim o santo legislador: *Singulis diebus capitulum sibi teneat, et ponat rationem diligenter, quid ipso die deliquerit publicé, vel privatim:* Todos os dias diante deste espelho faça a Religiosa capitulo de si mesma, e chamando a juizo todas as suas potencias e sentidos, peça conta á sua consciencia do que no mesmo dia tiver delinquido. Examine e pergunte á memoria, o de que se lembrou; ao entendimento, que cuidou; á vontade, o que amou ou aborreceu; aos olhos, o que viram; aos ouvidos, o que ouviram; e ás outras partes da alma, o que por ellas entrou ou sahiu. E se parecer demasiado, e não necessario, este rigoroso capitulo de cada dia, dentro das paredes da Religião, aonde todas as acções são tão ordenadas e santas, lembremo-nos das obras da creação do mundo, as quaes Deus ia fazendo cada dia, e cada dia no mesmo dia as examinava. Assim o nota o Texto sagrado: *Vidit Deus quod esset bonum; et factus est dies unus: Vidit Deus quod esset bonum; et factus est dies secundus:* [4] e com a mesma expressão nos dias e obras seguintes. Pois se todas aquellas obras eram obras feitas pela divina sabedoria, em que não podia haver erro, e pela divina bondade, em que não podia haver mal, e pela divina omnipotencia, em que não podia haver de-

[1] *Joan.*, XX, 15.
[2] *Ibid.*
[3] *Prov.*, III, 32.
[4] *Gen.*, I, 2 e seg.

feito; porque as examina Deus tão exacta e miudamente? Esta mesma duvida propoz Oleastro a Deus sobre a creação da primeira obra, que foi a luz. E responde, fallando com o mesmo Creador: *Ut examinem ego tenebras meas, siquidem tu examinasti lucem tuam.* Não examinastes, Senhor, as vossas obras, porque ellas tivessem necessidade deste exame; mas porque nós a tinhamos deste exemplo; para que eu examine as minhas trevas, pois vós examinastes a vossa luz. Quantas luzes ha não só no mundo secular, senão tambem no religioso, muito estimadas por taes, que, se bem se examinassem, se havia de achar que são trevas? Os exercicios da Religião todos são obras de luz, e luz approvada pelo Espirito Santo; mas se não forem feitas puramente por agradar só a Deus, e entre Deus e ellas se atravessar qualquer respeito da terra, ou de amôr, ou de odio, ou de emulação, ou de inveja, ou de ambição, ou de fingimento, ou de qualquer outro affecto contrario á caridade e verdade; é certo que ficarão tão eclipsadas e escurecidas essas obras de luz, que não mereçam a Deus pôr os olhos nellas. Por isso S. Bernardo fez tanto caso deste que chamou Capitulo de cada dia, que torna a dizer que o dia de hontem se ha-de comparar com o de hoje, e o de hoje com o de ámanhã, para que veja o monge se vae adiante, ou torna atraz no espirito. Neste caso será bom remedio perguntar-se cada um a si, como fazia o mesmo santo: *Bernarde, ad quid venisti?* Bernardo, a que vieste? E quando isto não baste, acrescentar outra mais apertada pergunta, e dizer: Eu vim á Religião para me salvar, e se eu agora não fizer o a que vim, depois aonde irei?

X

A' vista deste espelho, no qual se retratou um tão santo e amoroso pae, para que o imitem seus filhos e filhas, tenho para mim, que ao menos estas (posto que dantes as mais empenhadas) não só terão perdido o amôr, senão tambem renunciado as saudades de todos os outros espelhos. Mas quando forem arrancados das paredes, para que ellas não fiquem nuas, senão muito melhor ornadas, dissera eu que ao seu logar se passassem duas imagens, que supponho ha-

ver em todas as cellas; uma do mesmo Senhor, que hoje lançou fóra o demonio mudo: e outra da Virgem Santissima, que por occasião deste mesmo milagre, mereceu as acclamações de Mãe de tal Filho: *Beatus venter, qui te portavit.* [1] Este pensamento me occorreu, sem outra reflexão sobre o presente assumpto mais que de acabar com o mesmo Evangelho, que nos deu o fundamento delle. Agora porém estou vendo, que nestas duas imagens, as mais santas e soberanas de todas, se fará uma segunda e mais preciosa troca, substituindo por um espelho da terra os dois espelhos em que se estão continuamente vendo e revendo os bemaventurados do céo.

Dois foram os fins do nosso discurso, ou um só fim dividido em duas partes. A primeira, exhortar as virgens esposas de Christo a que só queiram parecer bem aos olhos do seu divino Esposo: a segunda, o desapego ou renuncia daquelle natural appetite, a que os olhos ou cegueira humana chamam formosura. Quanto á primeira parte, que melhor, e que mais natural ou sobrenatural espelho para todas as virgens consagradas a Deus, que a rainha das Virgens? Assim diz, fallando com todas, o grande doutor da Igreja Santo Ambrosio: *Sit vobis tamquam in imagine descripta virginitas, vitaque Beatæ Mariæ: de qua velut in speculo refulget species castitatis, et forma virtutis. Hinc sumatis licet exempla vivendi, ubi tamquam in exemplari magisteria expressæ probitatis, quid corrigere, quid effugere, quid tenere debeatis, ostendunt.* Porque me dizem que nesta communidade ha só quatro que entendem a lingua latina, para as demais romanciarei as palavras do santo, que dizem assim: Tende sempre, ó virgens, diante dos olhos a imagem da Virgem Maria, na qual, como em espelho, resplandece o verdadeiro retrato da castidade, e de toda a virtude. Este é o exemplar a que deveis compôr todas as vossas acções, porque nelle, como mestra da perfeição, vos mostrará e ensinará a mesma Virgem das virgens o que deveis emendar, o que deveis fugir, e o que deveis imitar.

Quanto á segunda parte, de renunciar e aborrecer o falso e cego desejo, e estimação da formosura, ainda

[1] *Luc.*, XI, 27.

é mais evidente e quasi temeroso espelho a imagem de um Christo pregado na cruz. Com os olhos em um Christo crucificado, dizia o devotissimo Drogo Hostiense: *Fecisti, Domine, de corpore tuo speculum animæ meæ:* Desse vosso corpo, Senhor, fizestes um espelho á minha alma. O' que temeroso, outra vez, e que formidavel espelho! O mais formoso de todos os filhos dos homens foi Christo: *Speciosus forma præ filiis hominum.* [1] E aquelle mesmo rosto que no Tabôr excedia o resplendor e formosura do sol, no Calvario e na cruz estava tão escurecido e desfigurado que nenhuma similhança tinha do que pouco antes fôra. Os que dantes o viam com admiração e summo agrado, agora com horror o não conheciam, nem podiam vêr, e duvidavam se era o mesmo, ou outro: *Non est species ei, neque decor, vidimus eum, et non erat aspectus, et desideravimus eum despectum, et novissimum virorum, et quasi absconditus vultus ejus:* diz o propheta Isaias. [2] E á vista de tão lastimoso retrato, quem haverá (e mais com obrigações de esposa) que tenha rosto para apparecer diante delle em outra melhor figura, e ainda lhe fiquem olhos para se vêr e compôr a outro espelho? Só S. Bernardo soube entender e dizer como nos haviamos de conformar com esta vista para não ser feissima a nossa ingratidão e má correspondencia. No céo, diz S. João, que havemos de ser similhantes a Deus, porque o havemos de vêr como elle é: *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum sicuti est.* [3] Pois assim como no céo (exclama Bernardo) nos havemos de transformar em Deus, fazendonos similhantes a elle, porque o veremos como elle é, assim na terra vendo ao mesmo Deus tão desfigurado na cruz, e tão desmudado de sua natural formosura, nos devemos tambem transformar e fazer similhantes a elle, pois veremos no seu rosto qual elle se quiz fazer por amôr de nós: *Siquidem similis eris illi, cum videris eum sicuti est; esto et nunc similis ei, videns eum sicuti propter te factus est.*

---

[1] *Psalm.*, XLIV, 3.
[2] *Isai.*, LIII, 2 e 3.
[3] *1.ª Epist. de Joan*, III, 2.

XI

Daqui se não póde passar: e era justo nesta clausula acabar de emudecer. Mas porque o Evangelho diz, que lançado fóra o demonio fallou o mudo; o mesmo espelho que até agora mudo lisongeava, dirá fallando (pois já póde), e descobrirá a verdade dos enganos, que a vista dos mesmos olhos, ou dissimulava, ou fingia.

Eu (diz o espelho) como formado de vidro, sou fragil; mas muito mais fragil é, ó filhas de Eva, a que vós chamaes formosura. Ouvi ao mesmo compositor da arte, que ensinou como se havia de amar esta enganadora:

Forma bonum fragile est, quantumque accedit ad annos
Fit minor.

A formosura (diz elle) é um bem fragil; e quanto mais se vae chegando aos annos, tanto mais vae diminuindo e desfazendo em si, e fazendo-se menor. Seja exemplo desta lastimosa fragilidade Helena, aquella famosa e formosa grega, filha de Tindaro, rei de Laconia, por cujo roubo foi destruida Troya. Durou a guerra dez annos, e ao passo que ia durando e crescendo a guerra, se ia juntamente com os annos diminuindo a causa della. Era a causa a formosura de Helena, flôr em fim da terra, e cada anno cortada com o arado do tempo; estava já tão murcha, e a mesma Helena tão outra, que vendo-se ao espelho, pelos olhos, que já não tinham a antiga viveza, lhe corriam as lagrimas, e não achando a causa porque duas vezes fôra roubada, ao mesmo espelho, e a si perguntava por ella:

Flet quoque, ut in speculo rugas conspexit aniles
Tindaris, et secum cur sit bis rapta requiret.

Que coisa é a formosura, senão uma caveira bem vestida, a que a menor enfermidade tira a côr, e antes de a morte a despir de todo, os annos lhe vão mortificando a graça daquella exterior e apparente superficie, de tal sorte, que, se os olhos podessem penetrar

o interior della, o não poderiam vêr sem horror? Louvando Salomão a formosura da alma santa em corpo, diz que o vermelho das suas faces era como uma romã partida: *Sicut fragmen mali punici, ita genæ tuæ:* [1] e deixando de notar que (o que naquellas faces era vermelho, em outras é vermelhão) acrescenta o mais sabio dos homens sabiamente: *Absque eo quod intrinsecus latet:* que aquelle gabo se entendia sem o que as mesmas faces encobrem por dentro. Aqui pudéra o espelho fazer um bem grande e pouco vistoso reparo, que S. Bernardo pondera com todos os debruns da sua lealdade.

Mas como estes interiores estão fóra da esphera e jurisdição do espelho, não é o seu intento, nem o meu, desacreditar a formosura, nem a estimação ou desejo della. Antes para acabar sem aggravo ainda dos olhos mais apaixonados, e sem variar, nem dizer nada do que fica dito, digo por fim, e exhorto a todas as fieis esposas de Christo, que para agradar a seu divino Esposo, amem, desejem, e procurem com todo o affecto conservar e augmentar a formosura; mas não a fragil, senão a constante; não a que descompõe a enfermidade, senão a de que se compõe a saude; não a que diminuem os annos, senão a que dura mais que os seculos; não a que é despojo do tempo, senão a que ha-de triumphar na eternidade. E ha ou póde haver espelho a que se veja e componha esta formosura? Sim, tambem. Mas não aquelle que os Pontifices procuram tirar das cellas, senão o que elles canonisam, e nos faz bemaventurados no céo. E' um espelho de tão differente artificio, que olhando para elle, não nos veremos similhantes a nós, mas elle só com a sua vista nos fará similhantes a si. Isto é o que já nos referiu com auctoridade de fé o gloriosissimo pai desta sagrada communidade, S. Bernardo: *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum sicut est:* Seremos similhantes a Deus, porque veremos a Deus como elle é. Fiquem agora considerando os olhos mais cegos, se se deve deixar um espelho, que é o demonio, por um espelho que é Deus.

---

[1] *Cant.*, IV, 3.

SERMÃO

DO

Quarto Sabbado da Quaresma *

Prégado na Igreja de Nossa Senhora da Ajuda da Bahia, no anno de 1640

Pede o auctor a todos que tomarem este livro nas mãos, que por amôr de Deus e de si, leam este primeiro sermão do peccador resoluto a nunca mais peccar, com a attenção e paciencia, que a materia requer.

Jam amplius noli peccare. [1]

I

O maior mal de todos os males (não digo bem) o mal que só é mal, e summo mal, é o peccado; porque assim como Deus por essencia é o summo bem, assim o peccado, por ser offensa de Deus, é o summo mal. Mas se entre peccado e peccado, pelo que toca a nós, póde haver comparação e differença; o peccado futuro é o peior e mais perigoso mal. O passado e o presente, porque foi e é peccado, é a summa miseria; mas o futuro, porque ainda ha-de ser, sobre ser a summa miseria, é o summo perigo.

Esta é, fieis, a importantissima doutrina, que Christo soberano Mestre, e Senhor nosso, nos deixou re-

---

* E' este um dos sermões de Vieira prégados em linguagem pura, vernacula, lavados do gongorismo tanto em voga nos tempos do genial e divino orador. O sermão e o pedido que o precede prova e mostra claramente o juizo do auctor sobre o modo de prégar e a fórma incomparavel como prégava, quando seguia o genio, e dictado proprio e não o uso e gosto alheio, commenta ainda a proposito d'este magnifico sermão o erudito padre Antonio Honorati. (Vid. *Chysost. Port.*, vol. I, pag. 325).

[1] *Joan.*, VIII.

commendada, como documento final na ultima clausula do presente Evangelho. Trouxeram uma peccadora a Christo achada em flagrante delicto, para que o Senhor, como interprete da Lei, a sentenciasse. E qual seria a sentença? Foi aquella que se podia esperar da piedade e misericordia de um Deus feito homem por amôr dos homens. Confundiu os accusadores com lhes mostrar escriptos seus peccados (que só Deus sabe livrar a uns pelos processos de outros) e depois de absolver a peccadora do peccado de que era accusada e de todos, o documento breve, maravilhoso e divino com que a despediu consolada, foram as palavras que propuz: *Jam amplius noli peccare:* [1] Não queiras mais peccar.

Isto é o que encommendou Christo áquella venturosa peccadora, em cuja maravilhosa historia se nos representa com grande propriedade o juizo sacramental, a que todos somos chamados ou citados no termo peremptorio destes quarenta dias. Todos somos peccadores, e todos temos obrigação neste santo tempo de nos apresentar em pessoa, e não por outrem, naquelle sagrado tribunal, onde o mesmo Christo é o juiz, e preside invisivelmente. Alli sendo nós mesmos os réos e os accusadores, confessamos espontaneamente todas nossas culpas: e se o fazemos com a verdadeira detestação e arrependimento que devemos a um Deus infinitamente bom, e infinitamente offendido, o mesmo Senhor, que hoje escreveu peccados, manda riscar os nossos dos seus livros, e totalmente perdoados e absoltos, nos recolhe entre os braços de sua misericordia, e nos recebe em sua graça. Tal é o felicissimo estado a que por virtude do sacramento da penitencia se restituem todos aquelles que dignamente o recebem, bem assim como a peccadora do Evangelho, quando ouviu da bocca do Redemptor: *Nec ego te condemnabo.* [2] Mas porque a absolvição e a graça posto que livre dos peccados passados, não segura do perigo para os futuros, sobre este grande risco de tornarmos a adoecer depois de sãos, e a cahir depois de levantados, nos avisa e acautela o Divino Oraculo, exhortando-nos a todos, e a cada um, como á mesma

[1] *Joan.*, VIII, 11.
[2] *Ibid.*

peccadora, a nunca mais peccar: *Jam amplius noli peccare.*

Este foi o ponto unico da doutrina de Christo (que não só é conselho mas preceito) e neste mesmo determino tambem insistir unicamente hoje, pois sendo sua a eleição do assumpto, nem eu posso tomar outro, nem devo. A materia pois de todo o sermão summamente necessaria, e summamente util, será esta: O peccador resoluto a nunca mais peccar. Na primeira parte do discurso lhe descubrirei a falsidade e engano de todas as razões ou pretextos com que o demonio o facilita a continuar os peccados. Na segunda lhe inculcarei um novo motivo (que por ventura nunca ouvistes) o mais efficaz, o mais forte, e o mais terrivel que póde haver, para nunca jámais peccar: *Jam amplius noli peccare.* A' Virgem Santissima, em quem nunca houve peccado, peçamos muito de coração, que, como Mãe e Advogada de peccadores, nos alcance para esta tão importante resolução a graça que havemos mister. *Ave Maria.*

II

Jam amplius noli peccare

Para não peccar mais, nem ter peccado jámais, bastava ser o peccado offensa de Deus, e ser Deus quem é: infinita e ineffavel Bondade, infinita e immensa Grandeza, infinita e incomprehensivel Magestade, infinita Sabedoria, infinita Omnipotencia, infinito, increado, eterno, e immutavel Ser, que só elle é de si mesmo; e por tudo isto digno de ser infinitamente amado como elle, que só se comprehende, se ama, e não por outra causa ou respeito, senão por ser quem é. Mas como a vileza do nosso barro para subir tão alto é muito pesada, e para amar tão fina e desinteressadamente muito grosseira, accommodando-se o Espirito Santo á incapacidade de nossa fraca natureza, e á corrupção em que a deixou o primeiro peccado, nos ensinou para não peccar aquelles quatro motivos de temor, tão fortes e tão sabidos, como de nós mal applicados: *Memorare novissima tua, et in*

æternum non peccabis. [1] Lembra-te, homem, dos teus Novissimos, e não peccarás jámais. E verdadeiramente que homem haverá, se não tem perdido o juizo, e uso da razão, que sabendo de certo que ha-de morrer, sem levar desta vida mais que as suas boas ou más obras, e que com ellas se ha-de apresentar diante do tribunal da Divina Justiça para ser severissimamente julgado; e que dada a sentença, de que não ha appellação nem embargos, ou ha-de gosar de Deus para sempre na gloria, ou carecer de Deus para sempre, e penar sem remissão no fogo do inferno — que homem haverá, torno a dizer, se não tem perdido o juizo, e uso da razão, que com a fé, e consideração viva destes quatro motivos, seja tão temerario e cego, que se atreva a commetter um peccado?

Sendo pois esta verdade tão certa e infallivel, e a consequencia della tão racional, tão util, e tão conforme por uma parte ao temor, e por outra ao desejo e esperança humana; qual é ou póde ser a causa, porque a experiencia de cada dia nos mostra o contrario, e seja coisa tão ordinaria nos homens, que isto mesmo crêem, e confessam, o peccar, o ter peccado, e o tornar a peccar? A causa ou occasião não é outra, senão que assim como o Espirito Santo nos deu quatro motivos para espertadores da memoria, assim o demonio inventou, e nos dá outros quatro para adormentadores do esquecimento; aquelles espertam o entendimento, para que sempre vigilante, e com os olhos abertos nos não consinta peccar; e estes adormentam a vontade, para que frouxa, descuidada e cega, nos facilite o peccado. E que motivos infernaes são estes quatro? Para serem mais infernaes, vão todos fundados na verdade da fé, e experiencia. O primeiro é a dilação do castigo, o segundo a confiança da misericordia, o terceiro o proposito do arrependimento, o quarto a facilidade e promptidão do remedio. Como o Espirito Santo nos refrêa do peccado com a memoria e consideração dos quatro novissimos, diz assim o demonio ao peccador, e o peccador a si mesmo: os novissimos da gloria e do inferno, não hão-de vir senão depois do juizo; o novissimo do juizo não ha-de vir senão depois da morte; o novissimo da morte não

[1] *Eccles.*, VII, 40.

vem senão no fim da vida. Logo em quanto dura a vida, quero fazer a minha vontade, e viver a meu gosto, e para que seja sem perigo da salvação, desse me asseguram quatro motivos, e fundamentos tão certos como os que já referimos, e agora veremos.

III

Anima-se primeiramente o homem, e facilita-se a peccar pela dilação do castigo; porque ainda que crê pela fé que Deus nunca deixa de castigar o peccado, vê comtudo pela experiencia ordinaria, que Deus não castiga logo. Daqui nasceu um notavel pensamento em que deu David para tirar os peccados do mundo. Sentia tanto o santo rei a facilidade com que se quebravam as leis de Deus, e os homens não reparavam em peccar, que este sentimento quasi lhe tirava a vida: *Defectio tenuit me, pro peccatoribus derelinquentibus legem tuam.* [1] O primeiro pensamento com que accordava, e a sua primeira meditação, era cuidar e excogitar como se podiam tirar do mundo todos os peccadores: *In matutino interficiebam omnes peccatores terræ.* [2] E finalmente veiu a dar em um meio o mais efficaz e effectivo que podia haver, e como tal o apresentou a Deus em uma proposta. Senhor, diz David, eu não posso dar conselho, nem vossa infinita Sabedoria o ha mister; mas não póde o meu zelo deixar de vos representar um meio em que tenho dado, para que não haja peccados, nem vossa Divina Magestade seja offendido. Que differente alvitre era este, dos que ordinariamente se costumam inventar, e pagar com grandes mercês, todos para utilidade dos principes, e para destruição dos vassallos! Porém este de David, tão util era para Deus, como para os homens, e mais ainda para os homens, que para Deus; porque Deus não seria offendido se os homens não fossem peccadores. Mas que meio era ou podia ser este que tirasse os peccados do mundo, e não houvesse nelle quem não observasse as leis de Deus? As palavras da proposta o

[1] *Psalm.* CXVIII, 53.
[2] *Ibid.*, v. 8.

dizem: *Exurge Domine in ira tua: exurge in præcepto quod mandasti; et synagoga populorum circumdabit te.* [1] Mostre-se Vossa Magestade irado todas as vezes que fôr offendido, e assim como a comminação da pena anda junta com o preceito, ande tambem a execução do castigo junta com o peccado; porque tanto que os homens virem que o castigo não tarda, nem se dilata, logo todos obedecerão promptamente, e servirão a Deus, e nenhum haverá que se atreva a peccar: *Exurge in ira tua: exurge in præcepto, quod mandasti, et synagoga populorum circumdabit te.* Lá disse o poeta: *Si quoties peccant homines, sua fulmina mittat Jupiter, exiguo tempore inermis erit:* se todas as vezes que os homens peccam cahisse sobre o delinquente um raio do céo, acabar-se-hiam os raios. Mas não disse, nem inferiu bem. Se todas as vezes que os homens peccam cahisse logo do céo um raio que abrazasse o peccador, não se acabariam, antes sobejariam os raios. Os que se acabariam, ou seriam os homens ou os peccadores; mas o certo é que seriam os peccados, e não os homens, porque tanto que o castigo andasse junto com o peccado, nenhum homem havia de ser tão cego que se arrojasse a peccar. Esta foi a proposta e o alvitre de David. E que lhe respondeu Deus? O mesmo David o disse logo. Ainda que o coração de David era similhante ao coração de Deus, o de David era tão pequeno que cabia no seu peito, e o de Deus é tão grande como sua mesma immensidade. Respondeu Deus aquillo mesmo que dizem os que fiados na dilação do castigo se animam a continuar no peccado: *Deus judex justus, fortis, et patiens, nunquid irascitur per singulos dies?* [2] Deus (diz o peccador usando das palavras divinas a sabôr do seu appetite) Deus, ainda que é justo Juiz, e tão forte que nenhum culpado ou réo lhe póde escapar das mãos; comtudo o seu coração é muito largo, e a sua paciencia muito soffrida, e ainda que os nossos peccados são quotidianos, a sua ira não é de cada dia: *Nunquid irascitur per singulos dies?*

Este é o fundamento com que disse judiciosamente Tertulliano, que Deus padece na sua mesma paciencia:

---

[1] *Psalm.* VII, 7 e 4.
[2] *Psalm.* VII, 12.

Deus sua sibi patientia detrahit, porque dá occasião o seu soffrimento a que se perca o temor de sua justiça, e o respeito á sua auctoridade. Atreveu-se Oza, posto que com boa tenção, a tocar na Arca do Testamento, e no mesmo ponto pagou aquella temeridade cahindo de repente morto. Oh se Deus o fizesse assim sempre, ou muitas vezes, e os peccados se pagassem logo, e de contado, como haviam os homens de ir attento em peccar, e como se lhes haviam de atar as mãos, ainda quando o peccado fosse duvidoso! Porque cuidaes que peccou Adão e comeu da fructa vedada, tendo-lhe Deus comminada a morte se comesse? Porque viu que Eva tinha comido, e não morreu. O preceito e a pena do preceito, foi posta a ambos: Pois se Eva comeu e não morreu, tambem eu (diz Adão) não morrerei, ainda que coma. Venha a fructa, farte-se o appetite, e vivamos a nosso gosto. Isto é o que fez Adão, e isto o que fazem seus filhos. O pensamento, diz o Texto sagrado, com que depois de ter peccado, se animam os homens a tornar a peccar, é este: *Peccavi, et quid mihi accidit triste?* [1] Eu pequei, e nem por isso me succedeu mal ou desgraça alguma: estava vivo e estou vivo: estava são e tenho a mesma saude: tornei para casa, e nem por isso a achei cahida e meus filhos mortos debaixo della, como Job: os gados não m'os roubaram os inimigos, nem me mataram os escravos: ás lavouras não lhes faltou a chuva que as regasse, nem o sol que as amadurecesse: se metti os fructos no celleiro, conservaram-se: se os naveguei, chegaram a salvamento: tudo me succedeu tão prosperamente, que no mesmo dia em que pequei, se fui á casa do jogo, ganhei: se pleiteava, tive sentença por mim: se tinha algum requerimento sahi despachado; e se fui beijar a mão ao rei, olhou-me com bons olhos. Pois se na vida, na fazenda, na honra, em nada me empeceu o peccado, porque não hei-de tornar a peccar? Quero peccar como dantes, e mais ainda.

Este é o discurso, ou mais, ou menos expresso, com que os homens se precipitam a continuar no peccado. Mas vêde o que lhes diz o Espirito Santo: *Ne dixeris: peccavi, et quid mihi accidit triste? Altissi-*

[1] *Eccl.*, v, 4.

mus est enim patiens redditor. [1] Não digas: pequei, e não me succedeu nenhum mal; porque a paciencia do Altissimo, ainda que dissimule muito tempo, e se não pague logo do que lhe deves, no cabo puxa pelo capital, e mais pelos redditos. Redditos lhe chamou Tertulliano: *Peccavi censum.* E S. Gregorio, declarando quão grandes e quão custosos serão estes redditos, diz que será tão estreita e insoffrivel a execução do Juizo, quão larga foi a paciencia e soffrimento de Deus na dilação do castigo: *Tantó strictiorem justitiam in judicio exiget, quantó largiorem patientiam ante judicium prærogavit.* Oh como nos enganamos os homens com a paciencia e soffrimentos de Deus, que quanto mais dilata, menos perdôa! Soffreu Deus o fratricidio de Caïn, e não o castigou logo com a morte; mas depois de andar desterrado e fugitivo por esse mundo, e aborrecido de todos, em summa confusão e miseria, veiu a morrer desastradamente em um bosque, reputado por féra, a mãos de seu proprio neto Lamech. Soffreu Deus as desobediencias de Saül, e a usurpação do officio sacerdotal, e as invejas e ingratidões com que perseguiu a innocencia, e pagou os merecimentos de David, a quem devia a honra, a vida e a corôa. Mas perguntae aos montes de Gelboë, qual foi o triste fim do mesmo Saül affrontosamente vencido, morto com sua propria espada, e depois pendurado de uma ameia nos muros de seus inimigos. Soffreu Deus as ambições e loucuras de Absalão, rebelde a seu rei e a seu pai, e as politicas impias de Achitofel, alheias de toda a lei divina e humana; mas a um vereis enforcado por suas proprias mãos em uma trave da sua casa, e ao outro prezo por seus proprios cabellos nos braços de uma enzinheira, com o coração, que lhe não cabia no peito, passado com tres lanças. Soffreu Deus as idolatrias de el-rei Acab, e de sua mulher Jezabel, as perseguições dos prophetas, e os falsos testemunhos levantados contra Naboth, e o roubo perjuro da sua herdade; mas no cabo, elle e ella, infamemente privados do reino, elle foi ferido e morto de uma setta perdida, e ella precipitada de uma janella do seu palacio: a ella lhe roeram os cães os ossos, e a elle lhe lamberam a sangue. Deixo

[1] *Eccles.*, v, 4.

os exemplos de Nabuco soberbo, de Antiocho sacrilego, e de Judas traidor: um convertido em bruto, outro comido vivo de bichos, e o terceiro rebentado pelo meio, vomitando a infeliz alma juntamente com as entranhas: todos tres longamente soffridos, mas depois severissimamente castigados, para que ninguem se fie na dilação do castigo, que se tarda, sempre chega, e recompensa com o rigor as usuras da tardança.

IV

O segundo motivo que facilita, e quasi parece que convida os homens a perseverar na continuação do peccado, é a confiança na misericordia divina. Nenhum attributo prégam e apregoam mais em Deus todas as Escripturas, que a sua misericordia, grande, infinita, immensa. Não só chamam a Deus misericordioso, senão misericordiador: *Misericors, et miserator.* [1] E como se Deus se multiplicara a si mesmo, para multiplicar as misericordias, dizem que é *multus ad ignoscendum.* [2] A' mesma misericordia, sendo uma, dão nome de multidão: *Secundum multitudinem miserationum tuarum.* [3] E finalmente porque a multidão se compõe de numeros, acrescentam que a misericordia de Deus não tem numero: *Cujus misericordiæ non est numerus.* Que muito logo, que se Deus se multiplica para perdoar, multipliquem tambem os homens materia do perdão, que são os peccados; e que não reparem em accumular uns peccados sobre outros, pois ainda que o numero e multidão delles seja grande, o numero innumeravel, e a multidão sem conto das misericordias de Deus sempre é maior! Tão assentado está este desprezo do peccado na confiança da misericordia divina, que se eu (diz Santo Agostinho, fallando de si) se eu quizer persuadir aos homens, que temam a Deus e o rigor de sua justiça, para que se abstenham de peccar; haverá algum que fundado nas Escripturas se levante contra mim, e não duvide dizer-

---

[1] *Psalm.* CX, 4.
[2] *Isai.*, LV, 7.
[3] *Psalm.* L, 3.

me na cara: *Quid me terres de Deo nostro? Ille misericors est, et miserator, et multum misericors:* que medos são estes, Agostinho, que cá nos quereis mettêr com o nosso Deus? Elle é misericordioso, e mais misericordioso, e muito mais misericordioso: e sendo tanta e tal a sua misericordia, como é de fé, ainda que nós pequemos, e mais pequemos, e tornemos a peccar, sempre seremos perdoados.

Isto dizem muitos peccadores, e isto fazem todos, ainda que o não digam. E é coisa sobre toda a admiração e sobre todo o encarecimento notavel, que promettendo Deus o céo, e a bemaventurança e não podendo o demonio dar senão o que tem, que é o inferno, sendo Deus tão bom, e o demonio tão máu; Deus tão formoso, e o demonio tão feio, haja comtudo tantas almas enganadas e cegas, que deixando a Deus, se amiguem com o demonio! Palacios, doutissimo expositor das Escripturas Sagradas, e tão pio como douto, respondendo a esta admiração, diz uma coisa a que pelo nome com que a declara duvidei se a referiria deste logar. Mas porque outros commentadores que vieram depois delle a allegam, como muito digna de se saber e dizer, eu a não devo calar. Diz pois este grave auctor, que a causa de muitas almas deixarem a Deus, e se amigarem com o demonio, é porque tem o demonio uma terceira, sollicitada pelos mesmos homens, com a qual é tão sagaz, tão astuto, tão enganador e lisongeiro o demonio, que com suas artes, promessas, e caricias, affeiçoa, rende e traz a si as almas. E que ministra é esta, que terceira tão poderosa, para o demonio enganar os juizos, e captivar as liberdades? E' por ventura alguma Circe, ou alguma Medéa, que com feitiços e encantos allucine os homens? E' alguma furia do inferno, transfigurada em anjo de luz, que com adulações e falsas esperanças lhes tire o mêdo do mesmo inferno? Não é do inferno, nem da terra, nem só do céo, mas tirada do seio e das entranhas do mesmo Deus que creou o céo e a terra. E' (quem tal imaginara) é a mesma misericordia divina, a qual os homens por summa temeridade e impudencia fazem terceira do demonio, para se amigarem com elle: *Immane flagitium est misericordiam Dei lenam facere diaboli, et quod per misericordiam, per quam Deo conjungi debueras, diaboli conjungaris.* Não póde haver mais enorme e mais

atroz sacrilegio, nem mais horrendo descomedimento de maldade impia e cega, que fazer a misericordia de Deus terceira do demonio, e que por occasião da mesma misericordia, pela qual o homem se havia de unir mais a Deus, se ajunte com o demonio e se amigue com elle. Isto pois é, e nada menos, o que fazem todos aquelles que confiados na misericordia de Deus, em logar de lhe pedirem perdão dos peccados, se animam e facilitam sem temor a continuar nelles.

Oiçam agora estes enganados com a misericordia, o que lhes diz o mesmo Pai das misericordias: *Ne adiicias peccatum super peccatum, et ne dicas: miseratio Domini magna est, multitudinis peccatorum meorum misebitur.* [1] Não acrescentes peccados sobre peccados, e não digas que a misericordia de Deus é grande, e perdoará todos os peccados, ainda que sejam muitos. E por que razão, Senhor? Se os nossos peccados foram muitos, e a vossa misericordia pouca ou pequena, então tinhamos fundamento para desconfiar do perdão; mas se a misericordia é grande, e sempre maior que os nossos peccados, por mais e mais que os acrescentemos; porque não havemos de confiar, e estar muito seguros, que sempre nos perdoará vossa misericordia? O mesmo Deus dá a razão e é tão divina, como sua: *Misericordia enim, et ira ab illo citó proximant.* [2] Não vos fieis demasiadamente da minha misericordia, diz Deus: porque a misericordia e a justiça em mim estão muito perto uma da outra. Admiravel sentença! Em Deus, cuja natureza e essencia é simplicissima, tudo é a mesma coisa, porque tudo é Deus. Mas nenhuma coisa ha em Deus mais unida entre si, nem mais identificada, e mais uma, e mais a mesma, que a misericordia e a justiça. Em Deus o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espirito Santo é Deus, a misericordia é Deus, e a justiça é Deus: mas o Padre, o Filho e o Espirito Santo, ainda que sejam Deus, e o mesmo Deus, distinguem-se realmente; porém a misericordia e a justiça não têm distinção alguma. O Padre é Deus, mas não Filho: o Filho é Deus, mas não é Padre: o Padre e o Filho são Deus, mas não são Espirito Santo: o Espirito Santo é Deus,

[1] *Eccl.*, v, 5 e 6.
[2] *Ibid.*, 7.

mas não é Padre, nem Filho. Porém a misericordia e a justiça em Deus de tal maneira são Deus, que a mesma justiça é misericordia, e a mesma misericordia é justiça.

Daqui se entenderá aquella sentença famosa de David, que mais parece enigma que sentença: *Semel loquutus est Deus, duo hæc audivi.* [1] Deus (diz David) disse uma coisa, e eu ouvi duas. Aquillo que se ouve, se se ouve bem, é o mesmo que se diz: pois se Deus disse uma só coisa, David que era muito bom cuvinte, como ouviu duas? O mesmo David se explicou; e não sei se nos implicou mais: *Duo hæc audivi, quia potestas Dei est, et tibi, Domine, misericordia: quia tu reddes unicuique juxta opera sua.* [2] O que ouvi (diz David) é que Deus todo poderoso tem misericordia e justiça, com que dá a cada um segundo o merecimento de suas obras. Bem ouviu logo David, e bem diz, que ouviu duas coisas, pois ouviu que Deus tem misericordia e justiça: mas se elle ouviu estas duas coisas: *Duo hæc audivi;* como disse Deus uma só: *Semel loquutus est Deus?* Porque esta é a differença que ha de Deus para com os homens na realidade, ou apprehensão da misericordia e justiça divina: para comnosco, e na apprehensão com que consideramos a misericordia e justiça divina, são duas coisas, e por isso: *Duo hæc audivi*, porém na realidade com que a mesma misericordia e justiça divina está em Deus, é uma só coisa, e por isso: *Semel loquutus est Deus:* para comnosco a misericordia e a justiça são duas coisas; porque apprehendemos a misericordia como misericordia distincta da justiça, e a justiça como justiça distincta da misericordia; mas para com Deus e em Deus, são a mesma coisa sem distincção alguma, porque em Deus a justiça é misericordia, e a misericordia justiça.

Sendo pois tão inseparavel e tão intima, não digo a união, senão a unidade destes dois attributos divinos, dos quaes depende o perdão, ou condemnação de todos os que peccam, vêde agora se é bom conselho, e digno de Deus, aquelle com que o mesmo Deus tanto nos exhorta e admoesta, que não acrescentemos pec-

[1] *Psalm.* LXI, 12.
[2] *Ibid.*, 13.

cados sobre peccados, fiados na sua misericordia; porque a misericordia e a justiça em Deus estão muito perto uma da outra: *Ne adjicias peccatum super peccatum, et ne dicas: miseratio Domini magna est: misericordia enim, et ira ab illo citó proximant.* E' comtudo tal a cegueira, e malicia humana, que estando a misericordia e justiça divina tão perto uma da outra, não só os hereges, senão tambem os catholicos, têm achado invenção com que as dividir. Os hereges Marcionistas diziam que Deus tinha misericordia, e não tinha justiça, por ser coisa alheia da sua bondade o castigar; como se Deus fôra bom, para que os homens fossem máus, como bem os argue Tertulliano. E os catholicos ainda com maior incoherencia, conhecendo e confessando que Deus é misericordioso e justo: *Misericors Dominus, et justus;* [1] que fizeram, ou que fazem? Partem a Deus pelo meio (diz S. Basilio) *Deum ex dimidia tatum parte agnoscunt.* Donde vem que peccando facilmente contra a ametade de Deus, que reconhecem por misericordioso, da outra ametade não fazem caso, como se não crêram que é justo. Oh que sisudos seriam os homens já que fazem esta divisão, se a fizessem ás avessas! Assim a fazia David, depois que o seu mesmo peccado o fez sisudo: *Domine memorabor justitiæ tuæ solius.* [2] Senhor, eu daqui por diante só me hei-de lembrar de vossa justiça. E da sua misericordia, porque não, tendo vós recebido tantos favores da misericordia divina? Por isso mesmo; para não abusar della. Quem se lembra só da justiça de Deus, como se não tivera misericordia, teme de peccar, e salva-se: pelo contrario os que só se lembram da misericordia de Deus, como se não tivera justiça, não reparam em peccar, e condemnam-se. E isto é o que acontece a todos os que peccam em confiança da misericordia divina.

V

O terceiro motivo com que o homem se facilita a peccar mais, e a continuar ou multiplicar os pecca-

[1] *Psalm.* CXIV, 5.
[2] *Ibid.*, LXX, 16.

dos, é o proposito do arrependimento. Eu, diz o peccador, pecco e peccarei agora, sim; mas não com resolução de perseverar sempre no peccado, senão com intento e proposito firme de me arrepender depois, e de me pesar e doer de todo coração disto mesmo que agora faço. Este é o modo e a supposição com que se delibera a peccar todo o homem que tem fé da outra vida; e assim o declarou maravilhosamente um delles, bem experimentado nos peccados, e muito mais nos arrependimentos.

Ecce parturit injustitiam: concepit dolorem, et peperit iniquitatem. [1] O peccador (diz David) quando se deliberou a peccar, concebeu a dôr, e pariu o peccado. Na producção e nascimento das coisas animadas, a conceição sempre precede ao parto, e o parto se segue á conceição. No peccado succede o mesmo. Quando o homem se delibera a peccar, então concebeu o peccado: e quando o commetteu e effectuou, então o pariu: *Concepit dolorem, et peperit iniquitatem.* Mas se bem repararmos nestas palavras, parece que involvem uma implicação natural. A conceição e o parto sempre são da mesma especie. Se o parto é homem, o que se concebeu tambem foi homem: se o parto é leão, o que se concebeu tambem foi leão: e se o parto acaso é monstro, como é todo o peccado, tambem o que se concebeu foi monstro. Pois se David diz que o peccador pariu o peccado: *Peperit iniquitatem*, porque não diz coherentemente que concebeu o peccado, senão que concebeu a dôr: *Concepit dolorem?* Porque este é o modo e a supposição com que todo o homem que tem fé se delibera a peccar. Primeiro concebeu dôr, e depois pare o peccado: primeiro faz conceito do arrependimento futuro, e propõe de se doer e arrepender do mesmo peccado, que está deliberado a commetter, e sobre este proposito de dôr e arrependimento que já tem concebido, como sobre carta de seguro e immunidade da pena, então pecca confiadamente, e sem receio. Bem conhece o peccador christão, que o peccado mata a alma, e a condemna ao inferno; mas lisongeado e vencido do appetite, como se tomára a salva, e se desculpára com a sua alma, lhe diz dentro em si mesmo: alma minha, eu bem sei

[1] *Psalm.* VII, 15.

que te mato e te condemno; mas se agora te mato e te condemno com o peccado, eu te resuscitarei depois, e te livrarei com a dôr: *Concepit dolorem, et peperit iniquitatem.*

Este é aquelle concerto ou pacto mal considerado, e peior entendido, que o propheta Isaias diz fazem os homens com a morte e com o inferno: *Audite verbum Domini, viri illusores: dixistis enim: Percussimus fœdus cum morte, et cum inferno fecimus pactum.* [1] Aos que assim pacteam com o demonio, e se deliberam a peccar, chama-lhes Deus não illusos, senão *illusores: Viri illusores*, porque não só o demonio os engana a elles mas elles cuidam que enganam ao demonio. Dão-lhe agora a alma pelo peccado, para depois lh'a tornarem a tirar pela dôr e arrependimento. E desta maneira, ou por esta traça, o demonio é o que ficaria illuso, e não elles. Mas vamos ás condições. O que os homens pódem temer, e o que temem todos os timoratos, é que pelo peccado, morrendo nelle, vão ao inferno; e por isso o contracto e pacto que fazem com o demonio, é sobre a morte e sobre o inferno: *Percussimus fœdus cum morte, et cum inferno fecimus pactum.* Pelo contracto sobre a morte promette-lhes o demonio, que antes da morte terão tempo para cumprir os seus propositos, e se doer e arrepender do peccado; e pelo contracto sobre o inferno assegura-os o mesmo demonio, que de nenhum modo poderão ir lá; porque todo o que se arrepende verdadeiramente de seus peccados antes da morte, é certo que não vae ao inferno. Pois se estas condições assim praticadas são tão uteis ao demonio, e o demonio nellas fica perdido; como o mesmo demonio, que é tão sabio e astuto, pactêa tão facilmente com taes condições? Porque debaixo dellas, o que vae enganado, e totalmente perdido, não é elle, senão o homem. A razão de estado do demonio nos seus contractos com os homens (diz S. Basilio) é com condição da nossa parte, que nós lhe demos o presente; e com promessa da sua, que elle nos dará o futuro: pecca agora, e depois te arrependerás; e como o presente é o facil e o certo, e o futuro o contingente e difficultoso; daqui se segue que agora, que era o tempo da emenda, todos peccam, e

[1] *Isai.*, XXVIII, 18 e 15.

depois, que é o tempo da conta, em castigo do mesmo peccado, poucos ou nenhum se arrepende.

Mais faz o demonio, como ainda não ponderámos nas palavras de David: *Concepit dolorem, et peperit iniquitatem.* A natureza poz o deleite na conceição, a dôr no parto; e o demonio ás avessas, põe o deleite no parto, e a dôr na conceição: põe o deleite no parto, que é o peccado; porque a todo o peccado, em qualquer genero, sempre acompanha o deleite. E põe a dôr na conceição, porque na deliberação de peccar nos suggere, e faz conceber a dôr, para depois de ter peccado. E como o appetite humano se leva tão cegamente do deleitavel, por isso ao peccado, em que está o deleite e a perdição, damos o tempo presente; e a dôr, em que estava o remedio e a salvação, deixamol-a para o futuro. Desta sorte os nossos mesmos propositos, que nós chamamos de arrependimento, são de condemnação, e os mesmos peccados que em confiança delles nos deliberamos a commetter, nos deveram desenganar da sua falsidade. Ou esses propositos são falsos, ou são verdadeiros. Se são falsos, porque nos fiamos delles? E se são verdadeiros, e são propositos de arrependimentos, porque nos não arrependemos logo, em quanto temos tempo de não peccar? O certo é que nem os propositos são propositos, nem os arrependimentos hão-de ser arrependimentos; e porque são propositos de arrependimentos, que não hão-de ser, nem elles são propositos.

Mas supposto que este pacto é feito com o inferno: *Cum inferno fecimus pactum:* desçamos ao mesmo inferno, e vejamos como lá se guarda. Ha neste carcere infernal, ha nesta masmorra escurissima, algum homem que fosse christão? Muitos. Responda-me algum homem desventurado, quem quer que seja, se foste christão, ainda hoje o és, porque o caracter do baptismo impresso na alma nunca se perde. Pois se és e foste christão, e crias tudo o que crê a Santa Madre Igreja, como te não aproveitaste da fé e dos Sacramentos; como te não aproveitaste da doutrina e exemplos do Evangelho, que tantas vezes ouviste; e como em fim te condemnaste? Por meus peccados. E sabias tu que os peccados, e um só peccado basta para levar ao inferno? Bem sabia tudo isso; mas tambem sabia que basta o verdadeiro arrependimento dos mesmos peccados para Deus os perdoar: e por este co-

nhecimento que eu tinha, todas as vezes que me resolvia a peccar, era com grandes propositos de depois me arrepender. Pois se fazias tantos propositos de arrependimento, porque te não arrependestes? Porque esse é o engano que cá nos traz a todos. Estes dois que aqui estão ardendo junto a mim, foram os dois irmãos, Ophini, e Phinees, filhos do Summo Sacerdote Heli, e como taes, muito bem doutrinados e instruidos em todos os mysterios da fé e da salvação. Reprehendia-os seu pai, e dizia-lhes que se emendassem, e arrependessem de seus peccados; e elles respondiam: *Cum senuerimus, tunc pænitebimus:* que eram moços, e queriam viver com liberdade, que depois se arrependeriam: mas a morte veiu antes do depois, os arrependimentos e os propositos ficaram no ar, e as almas desceram ao inferno. Aqui estão ardendo ha dois mil e setecentos annos, e arderão, e eu com elles, porque fiz a mesma conta, em quanto Deus fôr Deus.

Christãos, tomemos exemplo neste, e não nos fiemos de similhantes propositos. Quando o proposito do arrependimento se ajunta com a resolução do peccado, nem é arrependimento, nem é proposito; porque a resolução de peccar contradiz o proposito da emenda, e o peccado presente desfaz o arrependimento futuro. Se os propositos de não peccar, ainda feitos em graça de Deus, são pouco seguros; os propositos de arrepender do peccado, que se fazem querendo peccar, e peccando actualmente, que firmeza pódem ter? Os mais valentes propositos que se fizeram neste mundo foram os de S. Pedro: valentes, não só na bocca, mas, o que poucas vezes se ajunta, na bocca, e mais na espada. E que disse Pedro? *Et si omnes scandalizati fuerint in te, ego nunquam scandalizabor.* [1] Ainda que todos, Senhor, faltem á fidelidade e amôr que vos devem, eu nunca hei-de faltar. Que mais disse? *Etiam si oportuerit me mori tecum, non te negabo.* [2] E quando seja necessario dar a vida, e morrer comvosco, primeiro morrerei, que negar-vos. Podia haver mais animosos e mais resolutos propositos que estes, e mais bizarramente declarados? Não podia. E com serem tão repetidos, tão constantes, e feitos,

[1] *Math.*, XXVI, 33.
[2] *Ibid.*, 35.

como verdadeiramente eram, de todo coração, não se tinham passado seis horas, quando o mesmo Pedro cahindo, recahindo e tornando a cahir, tinha negado a seu Mestre, não menos que tres vezes. E se os propositos de não peccar acabam negando a Christo, os que começam peccando e negando a Christo, que se póde esperar delles? Ao peccado de Pedro seguiu-se depois o arrependimento, porque foram propositos de não peccar, estando em graça; mas a quem pecca com propositos de se arrepender depois, donde lhe ha-de vir o arrependimento, se o nega e desmerece com o mesmo peccado? Peccareis, como peccaes, mas não vos arrependereis, como prometteis.

VI

O quarto e ultimo motivo com que os homens se cegam e não temem continuar no peccado, posto que conheçam ser enfermidade mortal, é a facilidade e promptidão do remedio. O remedio que Christo Senhor nosso, condescendendo com a fraqueza humana, deixou para os peccados que depois do baptismo se commettessem, foi a confissão dos mesmos peccados. Por isto o Sacramento da Penitencia se chama segunda taboa, em que o homem depois do naufragio se póde salvar. Mas assim como seria temeridade mais que grande a daquelle que voluntariamente se lançasse ao mar mui seguro de chegar ao porto sobre uma taboa, e maior temeridade ainda, se em confiança da mesma taboa se fosse sempre engolfando mais e mais: assim o fazem os que debaixo do pretexto da Confissão se precipitam a peccar, e dizendo: eu me confessarei; multiplicam peccados sobre peccados.

Não pretendo negar com isto que o remedio da confissão não seja muito prompto e muito facil. Não é muito facil remedio o de curar só com palavras, ou fosse inventado pela superstição ou pela arte? Pois deste genero é, e em muito grandes vantagens, o remedio da confissão. Não só cura de algumas feridas, senão de todas, ainda que sejam mortaes: não só cura de poucas, ou de muitas, senão de todas, ainda que sejam innumeraveis e de tal maneira cura de todas quantas padece o enfermo, que se uma só se lhe ex-

ceptuasse, não curaria de nenhuma. E tudo isto faz a Confissão, não em largo tempo, senão em um instante, e sem outra applicação da nossa parte mais que palavras. O propheta Oseas, exhortando aos homens a que se convertam a Deus, diz assim: *Convertimini ad Dominum: et dicite ei: omnem aufer iniquitatem.* [1] Convertei-vos a Deus, e dizei-lhe que vos tire todos vossos peccados. Pois não ha mais que dizer a Deus, que nos tire nossos peccados, e não alguns, senão todos: *Omnem aufer iniquitatem?* E se Deus da sua parte nos ha-de tirar todos os peccados, nós da nossa que havemos de fazer para que elle nol-os tire? O mesmo propheta o diz, e é coisa bem notavel: *Tollite vobiscum verba:* [2] levae comvosco palavras. Bem differentemente fallavam os outros prophetas no mesmo tempo de Oseas, que era o da Lei Velha. O que diziam os outros prophetas, era: *Tollite hostias:* levae a Deus sacrificios, para que por meio delles applaqueis sua justa ira, e vos perdoe os peccados. Pois se os outros prophetas diziam: *Tollite hostias:* [3] porque diz Oseas: *Tollite verba?* Porque Oseas neste Texto, como diz a Glossa com Ruperto, fallava propheticamente do Sacramento da Confissão, que Christo havia de instituir na Lei da graça: e para conseguir o perdão dos peccados por meio da Confissão, não são necessarias da nossa parte mais que as palavras (não informes, mas formadas) com que os confessamos. Excellentemente Ruperto: *Non dico, tollite vobiscum multitudinem hircorum, aut vitulorum, sed verba, quæ consequi potestis sine dispendio rerum. Verba confessionis Deo pro salute vestra sufficiunt, pro iniquitatibus vestris satisfaciunt.* Não vos digo, que tragaes comvosco ao sacrificio multidão de bezerros ou de cordeiros, senão sómente palavras para as quaes todos tendes cabedal, sem dispendio da fazenda, ou necessidade della; porque virá tempo, em que bastem para com Deus as palavras da vossa confissão, e só com essas palavras se dê por satisfeito de todos vossos peccados. Póde haver maior facilidade que esta?

E' tão grande, que, como refere Santo Agostinho, os gentios do seu tempo o lançavam em rosto aos

---

[1] *Oseas*, XIV, 3.
[2] *Ibidem.*
[3] *Psalm.* XCV, 8.

christãos, dizendo que não podia ser boa aquella lei em que tão facilmente se perdoavam os peccados, pois era dar licença para peccar. Assim o diziam ignorantemente os barbaros, e puderam provar a blasphemia do seu pensamento com o exemplo, ou escandalo de muitos christãos, os quaes de tal modo abusam da facilidade da Confissão, como se fôra licença, ou immunidade dada por Deus, para poderem peccar quantó quizessem. Mas o mesmo Santo Agostinho ensinou aos gentios, que tão fóra está a Confissão de facilitar o peccado, que antes é um novo freio com que mais se difficulta; porque como na Confissão só se perdoam os peccados de quem leva resolução de nunca mais peccar, se no peccado se quebra a lei, com que Deus nos manda que não pequenos, na Confissão não só se torna a ratificar a mesma lei de Deus, mas nós mesmos nos pomos outra lei de novo, com que nos obrigamos a não reincidir naquelle peccado, nem commetter algum outro. Foi tão engenhosa a traça da Confissão, ou verdadeiramente tão divina, que quando por uma parte abre a porta ao perdão, por outra fecha a porta ao peccado. Se duas casas têm as entradas juntas, com a mesma porta com que se abre uma, se póde fechar a outra. E isto é o que fez Deus no Sacramento da Confissão. E como a confissão verdadeira inclue essencialmente a detestação dos peccados commettidos, e resolução firme de nunca mais peccar; com a detestação abriu a porta ao perdão dos peccados passados, e com a resolução fechou a porta á continuação dos futuros.

Já daqui começarão a entender, os que tanto se confiam no remedio da Confissão, quão enganada e enganosa é esta sua confiança. A Confissão verdadeira e effectiva ha-de levar comsigo ao confessado, e pôl-o fodo, e para sempre aos pés de Deus. Se não leva comsigo ao confessado, não é Confissão. Olhae o que dizia Oseas e ainda não notastes: *Tollite vobiscum verba, et dicite: omnem aufer iniquitatem.* Para que Deus vos perdoe os peccados, não só diz que leveis as palavras á confissão, senão que as leveis comvosco: *Tollite vobiscum verba.* Porque se vós não levaes as palavras da Confissão comvosco, e ellas vos não levam comsigo, a confissão não é confisão, são palavras. O sacrificio de Abel porque contentou a Deus? Porque levou comsigo ao mesmo Abel. E o de Caïn porque não lhe con-

tentou? Porque não levou comsigo a Caïn. David disse a Nathan: *Peccavi:* [1] e Saül tambem disse a Samuel: *Peccavi:* [2] E sendo as palavras as mesmas, David ficou absolto do seu peccado e Saül não; porque a David levou-o comsigo a sua confissão, e a Saül não o levou a sua. Vejam agora os que guardam a Confissão para a hora da morte, se as suas palavras os pódem levar comsigo, quando elles já não estão em si? Eisaqui porque vemos morrer tantos sem Confissão, ou com confissões que não são confissões. Porque é justo castigo de Deus, que a quem peccou em confiança da Confissão, essa mesma confissão lhe falte, ou lhe não aproveite.

Os moradores de Jérusalem peccavam dissoluta e desaforadamente, como se para elles não houvera lei nem castigo: e toda a sua confiança se fundava, em que Deus tinha o seu Templo na mesma Jérusalem. Deus (diziam elles) tem o seu Templo na nossa cidade? Pois elle defenderá as nossas casas por não perder a sua. Mas vêde o que lhes disse então o propheta Jeremias: *Nolite confidere in verbis mendacii, dicentes: Templum Domini, Templum Domini, Templum Domini est.* [3] Vós fiados no templo de Deus, mataes, roubaes, adulteraes, como se no mesmo templo tivereis licença e immunidade de Deus para peccar livremente: pois sabei que toda essa vossa confiança é falsa e enganosa, e que no cabo vos ha-de mentir: *Nolite confidere in verbis mendacii*, porque a quem pecca em confiança do templo, não lhe vale o templo. E assim succedeu. O mesmo digo da Confissão, porque Deus e sua justiça sempre é o mesmo e a mesma. Assim como não vale o templo a quem pecca em confiança do templo, assim é justo castigo de Deus que não aproveite a confissão aos que peccam fiados na confissão para remedio da fraqueza, e não para estimulo da malicia. E' medicina para sarar, e não carta de seguro para adoecer. Por isso permitte Deus justissimamente, que ou falte a confissão, ou não aproveite a muitos, porque não é razão que o remedio seja proveitoso a quem foi injurioso ao mesmo remedio.

---

[1] *2.º Livro dos Reis*, XII, 13.
[2] *1.º Livro dos Reis*, XV, 24.
[3] *Jerem.*, VII, 4.

Aqui parára eu já, e me déra por satisfeito, se não tivera noticia, que anda mui valida pela terra uma nova proposição ou theologia, a qual eu não posso crêr, senão que o norte a trouxe de Hollanda a Pernambuco, e o nordeste de Pernambuco á Bahia. E que proposição é esta? Que para um christão ir ao céo, basta ter confessor e dinheiro: o confessor para os peccados, o dinheiro para os suffragios: o confessor para as culpas com que vos livreis do inferno, e o dinheiro para as penas com que vos livraes do purgatorio. Ainda agradeço aos que isto dizem, crêrem que ha purgatorio e inferno; mas assim começam as heresias. Pobres dos pobres que não teem dinheiro, e mais pobres dos ricos que nelle se fiam. Mas eu lhes concedo que tenham confessor e dinheiro; e deixado o exemplo de Judas, ainda lhes mostro com outro mais apertado, que com dinheiro e confessor pódem morrer sem confissão. No tempo da primitiva Igreja, todos os christãos levavam o dinheiro que tinham aos pés dos Apostolos, porque viviam em communidade, como hoje os Religiosos. Houve comtudo dois casados, Ananias, e Safira, [1] que vendendo uma sua herdade contra o voto que tinham feito, reservaram escondidamente parte do preço. Chamou S. Pedro a Ananias, fez-lhe cargo do seu peccado, e de ter mentido ao Espirito Santo, quando estava em sua mão lograr o que tinha; e no mesmo ponto, sem dizer palavra, cahiu Ananias morto. Veiu depois do mesmo modo Safira chamada a juizo: arguiu-a S. Pedro da mesma culpa, como meeira da mesma fazenda, e cumplice na reserva do dinheiro; e tambem cahiu de repente muda e morta. Agora pergunto: E estes dois desventurados tiveram confessor e dinheiro? Uma e outra coisa tiveram. Tiveram confessor, e tal confessor como S. Pedro, Summo Pontifice da Igreja; tiveram tambem dinheiro, que para isso o esconderam e reservaram: e confessou-se algum delles? Nenhum. De maneira que ambos tiveram dinheiro, ambos tiveram confessor, ambos morreram aos pés do confessor, e ambos morreram sem confissão. Levae lá as novas aos da nova theologia, porque não quero affrontar a nenhum dos presentes com presumir delle tal ignorancia.

---

[1] *Act.*, v, 5.

Não basta ter confessor na hora da morte para a alma se salvar, porque com o confessor á cabeceira, a uns falta a confissão, e outros faltam a ella. Aos que falta a vida, a falla e o juizo, falta a confissão; e os que teem vida, falla e juizo, faltam elles á confissão muitas vezes, porque em pena de a guardarem para aquella hora, e peccarem em confiança della, permitte justamente Deus que por falta de verdadeira disposição (que póde ser de muitos modos) lhes não aproveite a confissão. Dizei-me, se um homem por suas proprias mãos se déra uma estocada penetrante, e sobre esta outras e outras, não o tereis por doido? E se elle respondesse que fazia tudo aquillo porque tinha uma redoma de oleo de oiro muito provado, com que facilmente se curaria, não o tereis por mais doido ainda? Pois isto é o que fazem os que fiados na facilidade da confissão continuam a peccar. E a doidice e loucura destes é muito mais rematada, porque nem a confissão nem o effeito della está na sua mão. Por isso ha tantos que se condemnaram sem confissão, e tantos que se condemnam confessados; para que ninguem finalmente se fie na facilidade deste remedio.

VII

Temos visto mais largamente do que eu quizera, posto que com a maior brevidade que me foi possivel, quão enganosos são os motivos, e quão falsos os pretextos do nosso appetite, com que o demonio nos anima a peccar, e a continuar nos peccados, contra o preceito e conselho de quem tanto nos deseja salvar, que deu por isso a vida: *Jam amplius noli peccare.* Vimos que todos são falsos e enganosos, porque nem a dilação do castigo o diminue, antes o acrescenta; nem a confiança na misericordia divina nos assegura da sua justiça, antes a provoca; nem os propositos do arrependimento têm firmeza alguma na vida, nem ainda na vontade; nem finalmente a facilidade do remedio é tão desembaraçada e prompta, que não tenha tantas difficuldades como perigos, bastando o menor delles para que a alma se perca e se condemne. Mas porque este ponto de não haver de peccar mais é tão arduo, a natureza tão corrupta, e o habito de cahir e

tornar a cahir tão commum na cegueira humana; desejando eu algum meio que vos propôr mais poderoso que tudo isto, foi Deus servido por sua bondade de me descubrir e inspirar um tão forte, tão efficaz, e ainda tão terrivel, que depois de ouvido e sabido, como é em si mesmo, nenhum homem haverá que se atreva a commetter um peccado mortal, se não fôr tão obstinado e tão precito, que se queira condemnar sem remedio. Este é o meio que por ventura nunca ouvistes, como ao principio prometti; e agora torno a pedir de novo áquelle Senhor crucificado pelo preço infinito de seu sangue, e pela intercessão de sua Santissima Mãi me assista, e nos assista a todos neste ponto com a efficacia e força de sua graça, que a importancia delle requer. Se em algum discurso me déstes attenção, seja neste; que para que o leveis na memoria, todo será substancia, e muito breve.

Por primeiro fundamento de tudo, havemos de saber e suppôr que Deus na sua mente divina tem certa medida destinada aos peccados de cada um, a qual medida em quanto não está cheia, tem remedio, e pódem ter perdão os peccados; mas tanto que se encheu, não tem nenhum remedio. A primeira vez que Deus revelou este segredo da sua providencia e justiça, foi nos peccados dos reinos, das republicas, e das cidades, que tambem é muito boa supposição e doutrina para o tempo, estado, e contingencias em que se acha o Brazil. Prometteu Deus a Abrahão que a elle e a seus descendentes daria as terras dos Amorrheus, por isso chamadas da Promissão; mas que não seria logo, senão dahi a muitos annos: *Necdum enim completæ sunt iniquitates Amorrhæorum usque ad præsens tempus*, [1] porque os Amorrheus até o tempo presente não encheram ainda a medida dos peccados que eu tenho decretado, e taxado para seu castigo. E essa foi uma das razões porque os filhos de Israël andaram tanto tempo aos bordos pelo deserto até tomarem porto no rio Jordão, para que entretanto se acabasse de encher a medida dos peccados dos Amorrheus. Este mesmo foi o sentido em que Christo Senhor nosso, disse aos escribas e phariseus, depois de reprehender suas impiedades e injustiças, que enchessem a medida de seus

[1] *Gen.*, xv, 16.

pais: *Implete mensuram patrum vestrorum*, [1] porque nos corpos politicos, quaes são as republicas, que duram em muitas vidas, os peccados dos pais, filhos e netos, todos concorrem a encher a medida.

No propheta Zacharias temos uma illustre representação desta verdade por todas suas circumstancias. Appareceu um anjo a Zacharias, disse-lhe que levantasse os olhos, e visse o que sahia pelas portas de Jérusalem. Olhou, e viu que sahia uma amphora, que era certo genero de medida, quadrada por todas as partes, de que usavam naquelle tempo, assim hebreus como latinos: apoz a amphora sahiu uma pasta grossa de chumbo, a qual pesava um talento, que do nosso peso vem a ser tres arrobas; e atraz destes dois instrumentos ou figuras inanimadas, viu o propheta que sahia pela mesma porta uma mulher, a qual encaminhando-se para a amphora, se assentou sobre ella; porém o anjo declarando que aquella mulher era a impiedade: *Hæc est impietas:* [2] a lançou e metteu dentro da mesma amphora, e a fechou e tapou com a pasta de chumbo, que como cortada para o mesmo effeito se ajustou naturalmente com ella. Feito isto tornei a olhar, diz o propheta, e vi sahir da cidade outras duas mulheres, voando com azas de minhoto, as quaes levantaram a amphora por uma e por outra parte, e a levaram pelos ares á terra de Semaar. Até aqui palavra por palavra, e lettra por lettra, a visão de Zacharias, na qual lhe representou Deus a destruição de Jérusalem, e reino de Judá, quando sitiada e devastada a cidade pelos exercitos de Nabuchodonosor, todos prezos e captivos, foram levados a Babylonia. Isso quer dizer a terra de Senaar, porque nesta terra foi edificada a torre de Babel, donde Babylonia tomou o nome. Mas se todo o intento desta visão era significar Deus a Zacharias o captiveiro, e transmigração do seu povo, que se podia declarar em tão poucas palavras como eu o digo; para que o fez a Divina Sabedoria com tantas ceremonias, tantos apparatos, tantas figuras, e com tal ordem e successão de umas depois das outras, e com tão notaveis circumstancias em cada acto ou scena da mesma representação? Porque assim

[1] *Math.*, XXIII, 32.
[2] *Zach.*, V, 8.

quiz revelar Deus ao seu propheta, e nelle a todos nós, quaes são os estylos occultos de sua justiça, e as causas da assolação das cidades, reinos e nações, quando contra ellas se procede ao extremo castigo.

A primeira coisa que apparece em juizo, é a amphora, ou medida que Deus tem destinada aos peccados, a qual em quanto não está cheia, dilata-se e suspende-se o castigo; mas tanto que se encheu, executa-se sem remedio. Este foi o mysterio com que o anjo metteu dentro na amphora a mulher chamada Impiedade, em que eram significados os peccados de Jérusalem e de toda a nação, impia contra Deus nas idolatrias e sacrilegios, e impia contra o proximo, nos roubos, nos homicidios, nos adulterios, e em todo o genero de injustiças e crueldades. E porque estes peccados tinham já cheia a medida de sorte que não podia levar mais, por isso o anjo, como cheia e arrasada a tapou logo com aquella cobertura de chumbo, tão pesada e tão justa, que nem para diminuir, nem para acrescentar se podia abrir. Cheia assim até cima a medida, o que só restava era a execução do castigo, sem demora ou momento de dilação; e esta foi a consequencia com que no mesmo ponto sahiam as duas mulheres com azas, as quaes não por terra, e andando, senão pelo ar, e voando, tomando sobre os hombros a amphora, a passaram de Jérusalem a Babylonia. E se perguntarmos, que duas mulheres eram estas, que não tocaram a terra? Respondem os melhores Interpretes, fundados nos oraculos dos prophetas, que eram a misericordia e a justiça divina: a misericordia para justificar o castigo, e a justiça para o executar. Porque se os homens suspendessem o curso e multiplicação dos peccados, sempre a misericordia divina, que a isso os exhortava pelos prophetas, esteve prompta para os perdoar; mas porque elles não quizeram desistir e chegaram a encher a medida, já não podia a justiça deixar de executar, como executou, o castigo. Só resta saber porque as azas destas duas executoras eram de minhoto: mas isso declarou admiravelmente o mesmo successo: porque o minhoto foi Nabuzardão, general dos exercitos de Nabuco, o qual dando um e outro cerco á cidade de Jérusalem, como fazem as aves de rapina, finalmente empolgou em todo o povo, e o levou nas unhas a Babylonia.

De maneira, que por esta e as outras revelações

allegadas, nos consta (o que de outro modo se não podia saber) que Deus na sua mente divina, como diziamos, e nos decretos altissimos da sua Providencia tem taxado a cada cidade, reino, provincia e nação, certa medida de peccados, aos quaes infallivelmente se segue o castigo, tanto que se encheu, e antes de estar cheia, não. E neste caso do captiveiro de Babylonia notam graves auctores, e fazem uma advertencia, a qual eu não devo passar em silencio, pelo muito que nos póde importar. Durou aquelle captiveiro setenta annos, depois dos quaes foram os judeus restituidos á patria; mas tão pouco emendados e lembrados do primeiro castigo, que dalli a pouco tempo começaram outra vez a encher a medida com tal excesso, que depois de estar cheia de todo, os castigou Deus, com outro captiveiro e transmigração universal, não de setenta, nem de setecentos annos, mas dos que ainda hoje vão continuando, e são já mil e quinhentos e setenta e sete, sem se saber quantos serão ainda. Disse que essa advertencia nos podia tambem importar a nós, e já creio me tereis entendido. No anno de 1624, castigou Deus a Bahia com a entregar aos hollandezes, posto que não passou o captiveiro de um anno, como já passa de nove o de Pernambuco. De então para cá é certo (ainda mal) que os peccados começaram outra vez a encher a segunda medida, e se dão tanta pressa, que não sei como não está já cheia. Na nossa mão está fazer que se não encha de todo, porque as azas do minhoto andam já tão perto, que não será necessario á Divina Justiça mandal-as vir de Amsterdam.

VIII

Mas passando da medida dos peccados communs á dos particulares de cada um, assim como Deus tem assignalado certa medida aos peccados de cada cidade ou reino, assim a tem assignalado tambem aos peccados de cada homem. Quanto seja mais para temer esta segunda medida, ninguem o póde duvidar, porque as cidades e os reinos não vão ao inferno, os homens sim; e que Deus o tenha determinado e taxado a cada um de nós, é coisa não só manifesta, senão mani-

festissima, diz Santo Agostinho. Traz o santo os exemplos da Escriptura já allegados, e outros, e conclue assim no livro *De Vita Christiana: Manifestissime instruimur, et docemur, singulos secundum peccatorum suorum multitudinem consummari, et tandiu, ut convertantur sustineri, quandiu cumulum suorum non habuerint delictorum consummatum:* Manifestissimamente nos ensina e declara Deus, diz Agostinho, que a cada homem tem assignalado certa medida, ou numero de peccados, o qual em quanto não está cheio e consummado, nos espera para que nos convertamos; mas tanto que a dita medida se encheu, e o numero ou cumulo dos peccados chegou ao ultimo, então não espera Deus mais, e se segue sem remedio a condemnação. O mesmo affirma Santo Ambrosio por estas palavras: *Dei verba sunt, non sunt completa peccata Amorrhæorum, per quod ostendit mensuram quandam esse delictorum, quam cum impleverint peccatores, vita digni minime judicentur.* E porque este é o commum sentir dos expositores da Escriptura Sagrada, contento-me com referir o mais pratico e versado em todos, o doutissimo e diligentissimo Cornelio á Lapide. Sobre a amphora de Zacharias diz assim: *Amphora est mensura peccatorum cujusque, tum hominis tum populi, quâ impletâ, Dei vindicta prosilit ad ultionem.* E sobre as palavras de S. Paulo aos Thessalonicenses, que abaixo hei-de allegar, diz: *Hinc patet Deum urbibus, regnis, et á pari proportione impiis privatis certum statuisse peccatorum cumulum, ad quem pœnam, vel vindictam differt, donec impleatur, ut illo impleto omnia simul, et perfecté vindicet, et castiget.* E o mesmo commento e declaração faz sobre outros logares, assim do Velho, como do Novo Testamento, colhendo sempre das revelações divinas, expressas nos mesmos Textos, que a cada homem tem Deus assignalado certa medida, e taxado certo numero de peccados, o qual quando se acaba de encher pelo ultimo, já não ha logar de perdão, senão de castigo.

Nem deve parecer nova ou admiravel, e muito menos alheia da justiça ou misericordia divina, a determinação antecedente desta medida decretada aos peccados de cada homem: porque se nos castigos dos reinos e das cidades se ajuntam os peccados dos presentes e vivos, que acabaram de encher a medida, com os dos passados e mortos, que a começaram a encher,

que muito é que cada homem com os seus que elle mesmo commetteu, e ultimamente commette, encha tambem a sua? Nem acrescenta a difficuldade, que a medida dos peccados seja maior para uns homens, e menor e de menos numero para outros: porque esta mesma, que a nosso fraco entender póde parecer desegualdade, no arbitrio da Providencia Divina é summa justiça. E senão respondei-me: Deus tambem põe medida aos dias da vida de cada homem. Por onde disse David: *Ecce mensurabiles posuisti dies meos.* [1] E esta medida é tão certa e determinada, que chegado o ultimo dia, não tem nenhum remedio, como disse Job: *Constituisti terminos ejus, qui prætériri non poterunt.* [2] Pois assim como ninguem se queixa de Deus, nem lhe estranha que a medida dos dias em uns e outros homens seja tão desegual, muito menos se deve admirar que a dos peccados o sejam tambem, principalmente bastando um só, e o primeiro peccado para ter Deus justissimo direito de lançar logo no inferno a quem o commetteu. E a razão fundamental de uma e outra justiça e providencia, é o supremo dominio de Deus, egualmente auctor da graça e da natureza: e assim como em quanto auctor da natureza póde limitar á vida certo numero de dias, sem injuria do homem, assim sem injuria do mesmo homem póde limitar ao perdão certo numero de peccados. Donde se segue, que assim como aquelle dia que encheu o numero dos vossos dias, necessariamente é o ultimo, e chegado a elle não podeis deixar de morrer, assim aquelle peccado que encheu o numero dos peccados, tambem é o ultimo, e commettido elle, não podeis deixar de vos condemnar, porque se cerrou a medida, e já não ha logar de perdão.

Ouvi ao mesmo Deus por bocca do propheta Amós: *Hæc dicit Dominus: super tribus sceleribus Juda, et super quatuor non convertam eum: super tribus sceleribus Israël, et super quatuor non convertam eum.* [3] O mesmo annuncia a Damasco, a Tyro, a Moab, a Edom e a outros. E quer dizer: Commetteram o primeiro peccado, e perdoei-lhes: commetteram o segundo, e perdoei-lhes:

---

[1] *Psal.*, XXXVIII, 6.
[2] *Job.*, XIV, 5.
[3] *Amos* II, 4 e 6.

commetteram o terceiro, e tambem lhes perdoei; mas porque commetteram o quarto, não lhes hei-de perdoar. Pois Deus infinitamente misericordioso não perdôa mais que tres peccados? Sim, perdôa. Perdôa trezentos, e perdôa tres mil, e se o peccador se arrepende de todo coração, perdôa tres milhões. Mas nestas sentenças põe-se o numero certo pelo incerto, para que por este exemplo e supposição se entenda melhor o que se quer dizer. Reduzida pois a medida, ou numero dos peccados a quatro, diz Deus que perdoará o primeiro, e perdoará o segundo, e perdoará o terceiro, e que para perdoar todos estes peccados, converterá em todos ao peccador; porém que se elle commetter o quarto, que o não ha-de converter, nem lhe ha-de perdoar; porque o quarto peccado neste caso é o que acaba de encher a medida, e o peccado que acaba de encher a medida, é peccado sem remedio, e sem perdão; porque nem Deus o ha-de perdoar, nem o peccador se ha-de converter: *Et super quatuor non convertam eum.*

Daqui se entenderá facilmente um difficultosissimo logar da primeira Epistola de S. João, em grande prova do que dizemos. As palavras do santo Apostolo, entre todos por antonomasia o Theologo, no Capitulo quinto, são estas: *Qui scit fratrem suum peccare peccatum non ad mortem, petat, et dabitur ei vita, peccanti non ad mortem. Est peccatum ad mortem: non pro illo dico ut roget quis.* [1] Se algum christão souber que seu proximo pecca, rogue por elle e dar-se-lhe-ha a vida, se o peccado não fôr peccado *ad mortem:* mas se fôr peccado *ad mortem*, não digo que rogue por elle pessoa alguma. A difficuldade deste Texto é tão grande, que os expositores e theologos na intelligencia delle se dividem em mais de quinze opiniões, não concordando em que peccado seja o que S. João chama peccado *ad mortem*, e pelo qual se não deve orar, como incapaz de perdão, irremissivel, e sem remedio. Alguns dizem que é o peccado do homicidio, outros o do adulterio, e Santo Agostinho e Bêda não duvidaram dizer que era o da inveja. E porque estes delictos não parecem tão enormes, outros subindo mais alto, dizem que é o peccado da blasphemia, outros o da

[1] *1.ª Epist. de Joan.*, v, 16.

infidelidade, outros o da apostasia, outros o da obstinação, e outros sem nomearem a especie, dizem em geral, que é algum peccado gravissimo. Mas contra todas estas sentenças está, que não ha peccado algum, por grave e gravissimo que seja, que Deus não perdôe. Que peccado é logo este, incapaz de perdão e irremissivel, que S. João chama peccado *ad mortem*? Respondo, que não é nenhum peccado particular, nem de sua natureza mais grave que os outros, senão qualquer peccado mortal, ainda de muito inferior malicia aos referidos, com tanto que seja o ultimo, e o que acaba de encher a medida que Deus tem taxado a cada homem; porque tanto que a medida se encheu com qualquer peccado que seja, já não ha logar de perdão, nem de conversão: *Et super quatuor non convertam eum.* E essa é a propriedade com que S. João lhe chama *peccatum ad mortem:* peccado que leva sem remedio á morte eterna, porque ainda que todo o peccado mortal mata a alma, dos outros póde a alma resuscitar e tornar a viver, e deste não, como claramente distingue o mesmo Texto: *Et dabitur ei vita, peccanti non ad mortem.*

IX

Supposta esta verdade tão assentada, e este estylo da providencia e justiça divina, tantas vezes revelado pelo mesmo Deus; veja agora cada um de nós, se póde haver, como no principio prometti, meio ou motivo algum, nem mais efficaz, nem mais forte, nem mais terrivel, para que um homem que tem juizo, e um christão que tem fé, não só se resolva firmissimamente, mas nem tenha, nem possa ter atrevimento para jámais peccar: *Jam amplius noli peccare.* Os outros motivos ou pretextos sempre deixavam alguma esperança depois do peccado; porém este de tal modo a jarreta e corta totalmente, que só quem se quizer condemnar de contado, e ir resolutamente ao inferno, se atreverá a peccar. Porque se eu sei que Deus me tem taxado certo numero, e talhado certa medida aos peccados, e sei que cerrado este numero, e cheia esta medida, já não ha logar de perdão, senão de condemnação sem remedio; quem me diz a mim, ou me póde

assegurar, que aquelle peccado que quero commetter não seja o ultimo, e o que só falta á medida para se encher de todo? Direis, que assim como póde ser o ultimo, póde tambem não ser. E se fôr? E se fôr? Quasi estive deliberado a acabar aqui o sermão, e vos despedir só com esta pergunta. Mas é bem que saibaes, para maior assombro, o que Deus faz naquelle mesmo ponto, em que o homem pelo ultimo peccado acaba de encher a medida.

O que Deus faz no ponto em que o peccador acabou de encher a medida, ou é matal-o logo, ou abrir delle a mão e deixal-o para sempre. Vêde que disjunctiva esta egualmente terrivel, por ambas as partes. Ou ir para o inferno logo, ou ir alguns dias depois; mas ir infallivelmente. Quanto á primeira parte, de que Deus tira logo a vida aos que acabaram de encher a medida de seus peccados, é sentença expressa de Santo Agostinho: *Sed hoc magis sentire nos convenit, tandiu ununquemque Dei patientia sustentari, quandiu non dum peccatorum suorum terminum, finemque compleverit: quo consummato, eum illico percuti, nec illi ullam veniam jam reservari: esse autem certum peccatorum modum, atque mensuram Dei ipsius testimonio comprobatur.* Quer dizer, começando pelo fim, que Deus, como consta por seu proprio e divino testemunho, tem determinado aos peccados de çada homem, certo numero e medida, a qual em quanto não está cheia, o soffre com sua infinita paciencia; porém tanto que elle a encheu, logo no mesmo ponto lhe tira a vida, sem mais remedio, nem logar de perdão. Assim aconteceu a el-rei Balthasar, cuja sentença de morte, estando á meza, lhe appareceu escripta na parede em tres palavras. A primeira dizia: *Numeravit:* [1] Contou; porque fez Deus a conta aos peccados de Balthasar. E como naquella noite e naquella hora commetteu elle o ultimo peccado, com que acabou de encher o numero e medida dos que Deus lhe tinha determinado, na mesma hora se escreveu a sentença: *Eadem hora apparuerunt digiti.* [2] E na mesma noite foi morto: *Eadem nocte interfectus est Balthasar.* [3] Mas se então se encheu e cerrou o numero dos

[1] *Dan.*, v, 26.
[2] *Ibid.*, 5.
[3] *Ibid.*, 30.

peccados de Balthasar; como diz a mesma Escriptura, que se achou que tinha menos: *Inventus es minus habens?* [1] Por isso mesmo, e porque assim foi. Quando Balthasar se assentou á meza, tinha menos um só peccado dos que eram necessarios para encher o numero, e como elle na mesma meza mandou vir a ella os vasos sagrados do Templo, para que fossem profanados; este peccado de sacrilegio foi o que acabou de cerrar o numero, e encher a medida; e tanto que ella esteve cheia, logo elle foi morto violentamente: *Interfectus est.*

Quantas vezes se vê isto no mundo sem se entender? Mataram esta noite a fulano, vindo de tal parte. E quantas noites tinha elle ido e vindo dessa mesma parte? Muitas. Pois porque o não mataram então, senão agora? A offensa de Deus, e o aggravo dos homens era o mesmo, e muitas vezes publico: pois porque o dissimulou Deus, e o não vingaram os homens, senão neste dia, e nesta hora? Porque os peccados antecedentes iam enchendo a medida, o deste dia, e desta hora, foi o que a acabou de encher. O mesmo passa nas mortes e accidentes repentinos, ainda que pareçam naturaes, e em outros desastres e casos que parecem fortuitos, e as mais das vezes são effeito e execução do peccado ultimo e decretorio, que ajuntando-se aos outros, e accrescendo sobre elles, acabou de encher a medida. Tanto assim (diz o grande Dionisio Cartusiano, tão allumiado no espirito, como insigne em todo o genero de lettras) tanto assim, que aquelle mesmo homem, que segundo as leis da natureza, e disposição da saude e edade, havia de viver ainda muitos annos, só porque acabou de encher a medida dos peccados, acabou juntamente, e sem remedio os dias da vida: *Sæpe enim homines propter peccata intempestive moriuntur, quando videlicet impletæ sunt iniquitates eorum. Unde de peccatore apud Job scriptum est, antequam impleantur dies ejus, peribit.* Diz Job que o peccador morrerá antes de encher os seus dias, e a causa não é outra senão porque antes de encher o numero dos dias, encheu o numero dos peccados: *Quando videlicet impletæ sunt iniquitates eorum.* E quem assegurou aos que neste dia e nesta

[1] *Daniel*, v, 27.

hora estão vivos e sãos, que o primeiro peccado que se deliberarem a commetter não seja tambem o ultimo? Aquelle Hebreu, e aquella Madianita, aos quaes matou o zelo de Fineas no peccado actual, bem mal cuidavam que no mesmo acto se lhes havia de acabar a vida, como tem acontecido a outros muitos. Mas como só aquelle peccado faltava a ambos para encherem a medida dos peccados, a vida e o peccado tudo se acabou juntamente, para que temam e tremam todos de se resolver mais a peccar; pois não sabem se aquelle peccado será o ultimo.

Mas quando com o ultimo peccado se não acabe juntamente a vida (que era a segunda parte da nossa disjunctiva) nem por isso ficam de melhor condição os que já encheram a medida dos peccados: porque deixados da mão de Deus, só lhes servirão esses dias que viverem de maior inferno. *Væ eis cum recessero ab eis.* [1] Ai delles (diz Deus pelo propheta Oseas). Ai delles, quando eu me apartar delles. Oh se os homens pudessem alcançar e comprehender a significação de um ai de Deus! Oh que alto e que profundo ai! Tão alto que chega ao céo empireo, donde o peccador é lançado e desherdado para sempre: tão profundo que penetra até os abysmos do inferno, onde o peccador será mettido e aferrolhado para arder, em quanto Deus fôr Deus. A este ai responderão por toda a eternidade infinitos ais; mas ais de dôr sem arrependimento, ais de tormento sem allivio, ais de desesperação sem remedio. Antes disto, basta um ai de verdadeira contrição para Deus perdoar todos os peccados; mas depois de cheia a medida, e a alma ser deixada de Deus, já não terão logar esses ais, ou serão sem fructo, porque ninguem se póde converter a Deus sem Deus. Como tornará a alma a Deus, se o mesmo Deus a deixou já: *Cum recessero ab eis?* Ruperto, e com elle a Glossa commentam assim estas palavras de Oseas: *Postquam recessero ab eis, sequitur adhuc væ, idest, judicium æternæ damnationis.* Depois de Deus deixar a alma, segue-se ainda o ai do mesmo Deus, e este ai não é nem significa menos que a eterna condemnação. Santo Isidoro diz o mesmo: *Dei secreto, et justo judicio deseritur homo, et perdendus in potestate dæ-*

[1] *Oseas*, IX, 12.

monum relinquitur; nam revera, quem Deus deserit, dæmones suscipiunt. Quando Deus por seus secretos e justos juizos deixa uma alma, logo o demonio toma posse della para sua perdição eterna; porque demittil-a Deus de si, é entregal-a ao demonio.

Os Theologos vindo a declarar rigorosamente em que consiste deixar Deus uma alma, alguns disseram que em a privar totalmente dos auxilios ainda ordinarios, em pena dos peccados antecedentes. E verdadeiramente deixados outros logares da Escriptura, um do Capitulo quinto de Isaias, parece que o diz assim á lettra: *Et nunc ostendam vobis quid faciam vineæ meæ. Auferam sepem ejus, et erit in direptionem, diruam maceriam ejus, et erit in conculcationem: et ponam eam desertam: non putabitur, et non fodietur: et ascendent vepres, et spinæ: et nubibus mandabo, ne pluant super eam imbrem.* [1] Deixarei a minha vinha (diz Deus) por me responder com labruscas em logar de uvas: *Ponam eam desertam.* E que lhe farei então? Arrancar-lhe-hei as sebes, e derrubar-lhe-hei o muro, para que homens e animaes entrem por ella e a pizem: não a podarei, nem cavarei, nem lhe farei outro beneficio ou cultura: já não será vinha, senão matto, e em logar de brotarem nella as vides, crescerão abrolhos e espinhos: e sobretudo mandarei ao céo e ás nuvens, que não chovam sobre ella: *Et nubibus mandabo, ne pluant super eam imbrem.* Se isto não é privar a alma de todo o auxilio, ninguem negará que o parece. E para Deus no tal caso justificar a sua Providencia, basta a definição do Concilio Tridentino: *Nunquam Deus deserit hominem, nisi prius, ab homine deseratur:* que nunca Deus deixa o homem, se o homem não deixa primeiro a Deus. Mas porque a sentença mais pia, mais recebida e approvada commummente por certa, é que Deus em nenhum estado desta vida falta ao homem com os auxilios sufficientes; que se segue daqui depois de cheia a medida dos peccados, senão, como dizia, maior inferno? Ou o peccador encheu a medida dos peccados, ou não. Se a não encheu salvou-se, se a encheu condemnou-se. E que importa que se condemnasse com auxilios, se não usou bem delles?

---

[1] *Isai.*, v, 5 e 6.

Este é o estado infelicissimo da impenitencia final, a qual se consumma na outra vida; mas começa nesta. Oh quantos condemnados vivem ainda, e andam entre nós, não porque absolutamente não o pudessem, mas porque se não hão-de converter! Estão atados aos peccados de que já encheram a medida: *Funes peccatorum circumpleri sunt me.* [1] Cuidam que se hão-de desatar do ultimo, como por ventura se desataram dos outros; mas engana-os o seu pensamento, como enganou a Samsão. Tres vezes rompeu Samsão as ataduras com que os philisteus o queriam prender; mas quando veiu a quarta depois de cortados os cabellos, nota a Escriptura, que accordando disse comsigo: tambem desta vez me desatarei como das outras; porque não sabia que Deus o tinha deixado: *Dixit in animo suo: egrediar sicut ante feci, et me excutiam, nesciens quód recessisset ab eo Dominus.* [2] Tinha Deus deixado a Samsão: e porque o tinha deixado, não se desatou como dantes: prenderam-no os philistheus, tiraram-lhe os olhos, e levaram-no a moer em uma atafona. O mesmo acontece á alma deixada de Deus: prendem-na os demonios, e tomam posse della, como dizia Santo Izidoro, tiram-lhe os olhos, com que fica cega, obstinada, e impenitente, e levam-na a moer e arder na atafona do inferno, cuja roda em qualquer parte póde ter principio, e em nenhuma tem fim, porque é a roda da eternidade. E se isto faz ou acaba de fazer o ultimo peccado que enche a medida, e ninguem sabe qual seja, nem ha peccado que o não possa ser; quem haverá que se atreva a commetter qualquer peccado, e se não resolva firmemente a nunca mais peccar: *Jam amplius noli peccare?*

X

Por fim quero responder a duas duvidas que pódem occorrer, para que nos não enganemos com ellas. A primeira é, se os peccados já confessados e perdoados, entram tambem na conta para encher a medida?

---

[1] *Psal.* CXVIII, 61.
[2] *Juizes,* XVI, 20.

Respondo que sim: porque ainda que estejam perdoados quanto á culpa, e satisfeitos quanto á pena, para encherem o numero, e perfazerem a conta basta haverem sido. Assim como os dias, que todos passam, ou fossem bem ou mal gastados, enchem a conta e a medida da vida; assim os peccados, ou perdoados ou não, enchem a sua, a qual se determinou e compoz de todos os que cada um commettesse: *De propitiato peccato noli esse sine metu.* [1] O peccado já perdoado (diz o Espirito Santo) não deixes de o temer. E porque, se já está perdoado? Porque ainda que o peccado perdoado já não é quanto á culpa, e póde tambem ser que já não seja quanto á pena; quanto ao numero e á somma, com que já entrou na conta com os demais, basta ter sido peccado para ajudar a encher a medida. E como o chegar a medida dos peccados a se encher é coisa tão temerosa e de summo perigo, por isso todo o peccado, ainda que nos conste moralmente, ou nos constasse por outra via mais certa que estaria perdoado, sempre comtudo nos deve causar temor: *De propitiato peccato noli esse sine metu.*

A outra duvida ainda nos póde enganar mais apparentemente: porque a materia com que o demonio nos tentar, póde ser muito menos grave que a de outros peccados, que já tenhamos commettido: e se aquelles, sendo muito maiores, não encheram a medida, muito menos parece que a póde encher este com que agora sou tentado, sendo muito mais leve, ou menos grave. Tambem isto é engano, e se demonstra com auctoridade de fé, e com o maior e mais evidente exemplo que se podia excogitar. Falla S. Paulo dos judeus, que o perseguiam, e impediam a prégação do Evangelho: e sendo esta perseguição vinte annos depois da morte de Christo, diz o Apostolo que com ella enchiam os judeus a medida dos peccados, pelos quaes totalmente haviam de ser destruidos com castigo, assolação e exterminio final: *Qui Dominum occiderunt Jesum, et nos persecuti sunt, prohibentes nos gentibus loqui, ut salvæ fiant, ut impleant peccata sua semper: pervenit enim ira Dei super illos usque in finem.* [2] A morte de Christo foi o maior peccado

[1] *Eccl.*, v, 5.
[2] *1. Thessalon.*, II, 15 e 16.

que nunca se commetteu nem podia commetter; e a perseguição de Paulo, e o impedimento que com ella se punha á prégação do Evangelho, ainda que grande peccado, era sem comparação muito menor: pois como diz o mesmo S. Paulo, fazendo menção da morte de Christo pelos judeus, que elles com a perseguição que lhe faziam, enchiam a medida dos seus peccados: *Ut impleant peccata sua?* Porque para encher a medida dos peccados não é necessario que o peccado que acaba de encher, seja maior, nem egual aos peccados já commettidos, e basta que seja muito menor. Nas coisas seccas o ultimo grão, e nas liquidas a ultima gotta, são as que acabam de encher a medida, e não pela grandeza ou quantidade de cada uma, senão porque é a ultima. O mesmo passa em qualquer peccado, com tanto que de sua natureza seja mortal: para que temamos a todos e a cada um, e nos não fiemos em ser, ou parecer menor, para nos arriscarmos a o commetter.

Oh praza á Magestade e misericordia divina, que esta lição do céo se nos imprima dentro na alma, e nol-a penetre de tal sorte, que desta hora e deste momento em diante nos resolvamos constantissimamente a nunca mais peccar, por nenhum interesse, por nenhum gosto, por nenhum receio, por nenhum caso ou successo da vida, nem da morte. Vêde quem vos diz que pequeis, e quem vos diz que não pequeis. Quem vos diz que pequeis, póde ser o mundo, póde ser o demonio, póde ser a carne, tres inimigos capitaes, que só pretendem e maquinam vossa eterna condemnação. E quem vos diz que não pequeis, é aquelle mesmo Deus, que depois de vos dar o ser, se fez homem por amôr de vós, e aquelle Deus e Homem, que só por vos salvar e vos fazer eternamente bemaventurado, não duvidou padecer tantos tormentos e affrontas, e morrer pregado em uma cruz. Este Senhor tão poderoso, este Conselheiro tão sabio, este Amigo tão verdadeiro e tão fiel, é o que vos diz que não pequeis: *Jam amplius noli peccare.*

Considerae bem estas palavras do amorosissimo Jesus, que não só são para persuadir, senão para enternecer a quem ainda tiver coração: *Jam amplius:* já não mais. Baste já, christão remido com o meu sangue, baste já o que tens peccado, baste já o que tens vivido sem lei, sem razão, sem consciencia, sem

alma: baste o que me tens offendido, baste já o que me tens desprezado, baste já o que me tens crucificado. Se te não compadeces de mim, compadece-te ao menos de ti, que a ti, e por amôr de ti o digo. Se não basta, que Eu te mande que não peques, Eu t'o peço, Eu t'o rogo, e não só te represento a minha vontade, mas me valho, e invoco os poderes da tua: *Noli, noli peccare.* Que não queiras peccar te advirto uma vez e outra: porque não o cuides que não pódes. Na tua mão, no teu alvedrio, na tua vontade está o salvar-te, se quizeres: para que vejas, que cegueira, que loucura, que infelicidade, que miseria e que eterna confusão e dôr irremediavel será á tua, se por tua propria vontade e por não resistires a um peccado, te condemnares. Se já estiveras no inferno, para onde corrias tão precipitadamente, e onde já havias de estar ardendo, se Eu não tivera mão na minha justiça, que havia de ser de ti a esta hora? E se nesta mesma hora Eu te offerecesse o partido de te livrar do inferno e te dar o céo, só com condição de não quereres mais peccar; que havias de fazer, e que graças me havias de dar? Pois se por mercê e misericordia minha ainda estás em tempo, porque não tomarás muito devéras e para sempre a mesma resolução? Porque te não livrarás dos males eternos, e segurarás os eternos bens? Porque não ganharás a corôa e reino do céo, e te farás para sempre bemaventurado? E tudo isto só por ter uma vontade tão honesta, tão util, e ainda tão deleitavel, como é o não querer peccar? Acaba, acaba já de ser inimigo de ti mesmo: acaba já de offender a quem tanto te ama: acaba já de querer antes o inferno sem mim, que a gloria commigo: *Jam amplius noli peccare.*

SERMÃO

NO

Sabbado Quarto da Quaresma*

Prégado em Lisboa, no Anno de 1652

Hoc autem dicebant tentantes eum, ut possent accusare eum. [1]

I

Outra vez, (quem tal imaginaria)? outra vez temos tentado a Christo. Não ha que fiar em victorias. A mais estabelecida paz é tregua. Quando cessam as baterias, então se fabricam as machinas. A machina da tentação que hoje temos, é admiravel juntamente, e formidavel: e não foi o machinador, nem o tentador o demonio; foram os homens. Destes tentadores, e destas tentações hei-de tratar. Oiçamos primeiro o caso.

Tal dia ou tal noite, como a deste dia, diz S. João que foi Christo orar ao Monte Olivete. Sabia que havia de ser tentado; foi-se armar para a batalha com a oração. Em Christo foi exemplo, em nós é necessidade. Não tem armas a fraqueza humana, se as não pede a Deus. Até aqui não houve perigo. Do

---

* A respeito d'este perfeitissimo Sermão diz ainda o padre Honorati, que tudo n'elle é admiravel, mas principalmente o exordio e a conclusão. Note-se, explica o erudito commentador, a agudeza, variedade e elegancia com que no exordio se apostilla todo o Evangelho do dia. Ainda que Vieira sempre é coherente com o seu principio de tirar toda a materia do sermão d'algum texto ou trecho da Escriptura, com tanta variedade o faz, que é difficultoso achar dois sermões que se pareçam inteiramente na disposição. (Vid. *Chrysost. Portuguez*, vol. 1.º pag. 353).

[1] *Joan.*, VIII, 6.

monte, e muito de madrugada, veiu o Senhor ao Templo a prégar, como costumava. E diz o Evangelista que concorreu todo o povo a ouvil-o: *Et omnis populus venit ad eum.* [1] Tanto concurso, Prégador Divino? Já temo que vos hão-de tentar. Veiu o povo todo áquella hora, porque os que não são povo, não madrugam tanto; põe-se-lhes o sol á meia noite, e amanhece-lhes ao meio dia. Estava o Senhor ensinando (diz o Texto) quando chegaram os Escribas e Phariseus a perguntar um caso. Traziam uma pobre mulher atada, e disseram assim: *Magister, hæc mulier modó deprehensa est in adulterio.* [2] Esta mulher nesta mesma hora foi achada em adulterio. Esta mulher? E o cumplice? Foram dois os peccadores, e é uma só a culpada? Sempre a justiça é zelosa contra os que pódem menos. Moysés (dizem) manda na Lei, que os que commetterem adulterio sejam apedrejados: e vós, Mestre, que dizeis? Os Escribas e Phariseus eram os doutores daquelle tempo. Bem me parecia a mim, que quando os doutos e presumidos perguntam, não é para saber, senão para tentar. Assim o diz o Evangelista nas palavras que propuz: *Hoc autem dicebant tentantes eum.* Em que consistiu a tentação, e onde estava armado o laço, diremos depois. E que respondeu o Senhor? Levantou-se da cadeira sem fallar palavra, e inclinando-se: *Inclinans se:* Alviçaras, peccadora, enxuga as lagrimas. Christo começa inclinando-se? Tu saírás perdoada, porque a sua inclinação não é de condemnar. Deus nos livre de juizes inclinados, se não são Deus. Aonde vae a inclinação, lá vae a sentença. Não quiz o Senhor responder por palavra; quiçá porque lh'as não trocassem: respondeu por escripto: *Digito scribebat in terra.* [3] Escrevia com o dedo na terra. Não vos espanteis que no Templo lageado de marmores houvesse terra: litteralmente; porque era muito o concurso, e pouco o cuidado: moralmente; porque não ha logar tão santo e tão sagrado, ainda que seja a mesma Igreja, em que não haja terra. O que Christo escrevesse, não se sabe de certo. Entendem commumente

[1] *Joan.*, VIII, 2.
[2] *Ibid.*, 4.
[3] *Ibid.*, 6.

os Padres que foram os peccados dos accusadores. Que accuse o homicida ao homicida, o ladrão ao ladrão, o adultero ao adultero? Homem, accusa-te a ti: olha que quando accusas os peccados alheios, te condemnas nos proprios. Assim succedeu. Depois que o Senhor escreveu o processo, não da accusada, senão dos accusadores, levantou-se, e não lhes disse mais que estas palavras: *Qui sine peccato est vestrum, primus in illam lapidem mittat.* [1] Aquelle de vós que se achar sem peccado, seja o primeiro que atire as pedras. Aqui me lembram as de S. Jeronymo. As pedras que traziam apparelhadas contra a delinquente, converteu-as cada um contra o seu peito, e os que tinham entrado tão zelosos, começaram a se sahir confusos. Sahiram-se: porque entraram na propria consciencia. E nota o Evangelista, que os que sahiram primeiro foram os mais velhos: *Incipientes á senioribus.* [2] Miseravel condição da vida humana! Quantos mais annos, mais culpas. Todos se devem arrepender das suas, mas com mais razão, e mais depressa, os que estão mais perto da conta. Ficou só Christo e a delinquente, isto é, a misericordia e a miseria. Perguntou-lhe: Onde estão os que te accusavam? Condemnou-te alguem? *Nemo, Domine.* [3] Ninguem, Senhor. Pois se ninguem te condemna, nem eu te condemnarei: vae-te, e não peques mais. Este foi o fim da historia, admiravel na justiça, admiravel na misericordia, admiravel na sabedoria, admiravel na omnipotencia. A Lei ficou em pé, os accusadores confusos, a delinquente perdoada, e Christo livre dos que o vieram tentar. Esta tentação, como dizia, será a materia do nosso discurso. Peçamos a graça a quem a dá tão facilmente, até aos que a não merecem. *Ave Maria.*

II

Hoc autem dicebant tentantes eum. Que os homens sejam maiores inimigos que os demonios, é verdade que eu tenho muito averiguada. Busque cada um os

[1] *Joan.*, VIII, 7.
[2] *Ibid.*, 9.
[3] *Ibid.*, 11.

exemplos em si, e achal-os-ha: por agora baste-nos a todos o de Christo. Depois de trinta annos de retiro, houve Christo de sahir a tratar com os homens, ou a lidar com elles. E porque não basta sciencia sem experiencia, nem ha victoria sem batalha, nem se peleja bem sem exercicio; antes de entrar nesta tão perigosa campanha, quiz-se exercitar primeiro com outros inimigos. Parte-se o Senhor depois de baptizado ao deserto; e diz S. Marcos que estava e vivia alli com as féras: *Eratque cum bestiis*. [1] Passados assim quarenta dias, seguiram-se as tentações do demonio: *Et accedens tentator*, [2] tentado Christo no mesmo deserto, tentado no Templo, tentado no monte. E depois destas duas experiencias, então finalmente sahiu, e appareceu no mundo, e começou a tratar com os homens: *Exinde cœpit prædicare*. [3] Não sei se reparastes na ordem destes ensaios. Parece que primeiro se havia de exercitar o Senhor com os homens, como racionaes e humanos; depois com as féras, como irracionaes e indomitas; e ultimamente com os demonios, como tão deshumanos, tão crueis, e tão horrendos. Mas não foi assim, senão ao contrario. Primeiro com as féras, depois com o demonio, e ultimamente com os homens. E porque? Porque o exercicio e o ensaio, ha-de ser do menor inimigo para o maior; e os homens não só são inimigos mais féros que as féras, senão mais diabolicos que os mesmos demonios. Vêde-o na experiencia. Que aconteceu a Christo com as féras, com o demonio, e com os homens? As féras nem lhe quizeram fazer mal, nem lh'o fizeram; o demonio quiz-lhe fazer mal, mas não lh'o fez; os homens quizeram-lhe fazer mal, e fizeram-lh'o. Olhae para aquella cruz. As féras não o comeram; o demonio não o despenhou; os que lhe tiraram a vida, foram os homens. Julgae se são peiores inimigos que o demonio? Do demonio defendeis-vos com a cruz; os homens põem-vos nella.

De maneira que não ha duvida, que os homens são peiores inimigos que os demonios. A minha duvida hoje é, se são peiores tentadores. *Hoc autem dicebant tentantes eum?* Os demonios tentam, os ho-

---

[1] *Marc.*, I, 13.
[2] *Math.*, IV, 3.
[3] *Ibid.*, 17.

mens tentam: o demonio tentou a Christo, os homens tentaram a Christo: quaes são os maiores e peiores tentadores, os homens ou os demonios? A questão é muito alta e muito util; e para que não gastemos o tempo em esperar pela conclusão, digo que comparada (como se deve comparar) astucia com astucia, pertinacia com pertinacia, e tentação com tentação; peiores tentadores são os homens que os demonios. Comecemos pelo Evangelho, com o qual tambem havemos de continuar e acabar.

III

Hoc autem dicebant tentantes eum. Vieram os Escribas e Phariseus (como dizianos) ao Templo, que contra o odio e inveja humana, não lhe vale sagrado á innocencia. Apresentaram diante de Christo a adultera tomada em flagrante delicto, e allegaram o Texto, que é do Capitulo vinte do Levitico, em que a Lei mandava que fosse apedrejada. *Moysés mandavit nobis hujusmodi lapidare.* [1] Pois se a lei era expressa, e o delicto notorio: se no caso não havia duvida de facto, nem de direito; porque não executam elles a lei? Se é delinquente, castiguem-na; se a pena é de morte, tirem-lhe a vida; se o genero da pena são pedras, apedrejem-na; levem-na ao campo, e não ao Templo. E se aguardam a sentença, requeiram-na aos juizes, e não a Christo. Isto era o que pedia a justiça, o zelo, e a razão. Mas não o fizeram assim, diz o Evangelista, porque o seu intento não era castigar a accusada, senão accusar a Christo: *Ut possent accusare eum.* Traziam uma accusação para levar outra. Vêde a maldade mais que infernal, e a astucia mais que diabolica. O demonio no Juizo universal, e no particular ha-de-me accusar a mim, para me condemnar a mim, e ha-de-vos accusar a vós, para vos condemnar a vós; porém estes tentadores não só accusavam um, para condemnar outro; mas accusavam a peccadora, para condemnar o justo; accusavam a delinquente, para condemnar o innocente.

---

[1] *Levit.*, XX, 10, *Deut.*, XXII, 20, 21, 24, *Daniel* 13, 62.

Mas como havia isto de ser, ou como queriam que fosse? Como tinham urdido a trama? Onde estava armado o laço? Onde vinha escondida a tentação? Descubriu-a maravilhosamente Santo Agostinho: *Ut si diceret, non lapidetur adultera, injustus convinceretur si diceret, lapidetur, mansuetus non videretur.* Ou Christo havia de dizer que fosse apedrejada a adultera, ou não; se dizia que não fosse apedrejada, convenciam-no de injusto; se dizia que a apedrejassem, parecia que não era misericordioso: e ou faltasse á justiça, ou á misericordia, concluiam que não era o Messias. Christo (como Deus e humanado) era todo mansidão, todo benignidade, todo misericordia; as suas entranhas e as suas acções, todas eram de fazer bem, de remediar, de consolar, e de perdoar, de livrar a todos; e por isso todos o amavam, todos o veneravam, todos o acclamavam, todos o seguiam, que era o que mais lhe doia aos Escribas e Phariseus. Accrescentava-se a isto o que o mesmo Senhor dizia de si, do seu espirito, e das causas que o trouxeram ao mundo. Aos Discipulos, que queriam que descesse fogo do céo sobre os Samaritanos, disse: *Filius hominis non venit animas perdere, sed salvare.* [1] Que não tinha vindo a matar homens, senão a salval-os. Sobretudo naquelle mesmo Templo, abrindo o Senhor a Escriptura, ensinou publicamente, que delle se entendia o famoso logar do Capitulo sessenta e um de Isaias: *Ad annuntiandum mansuetis misit me, ut mederer contritis corde, et prædicarem captivis indulgentiam, ut consolarer omnes lugentes.* [2] Quer dizer: Mandou-me Deus ao mundo para curar corações, para remediar affligidos, para consolar os que choram, e dar liberdade e perdão aos que estão presos. Parece que tinha o propheta diante dos olhos tudo o que concorria no estado e fortuna desta pobre mulher. Assim a apresentaram diante de Christo, preza, affligida, angustiada, chorando irremediavelmente sua miseria; e aqui, e mais na lei vinha armada a tentação. Se diz que não seja apredejada a adultera, é transgressor da lei; se diz (o que não dirá) que a apedrejem, perde a opinião de misericordioso, e a estimação do

[1] *Luc.*, IX, 56.
[2] *Isai.*, LXI, 1 e 2.

povo; e sobretudo, contradiz-se a si mesmo, e ás Escripturas do Messias, que interpreta de si. Logo, ou diga que se execute a lei, ou que se não execute; ou que seja apedrejada a delinquente, ou que o não seja; sempre o temos colhido, porque não póde escapar de um laço sem cahir no outro.

A este modo de arguir, que é fortissimo e apertadissimo, chamam os dialecticos dilemma, ou argumento cornuto; porque vae nelle uma contradictoria com tal artificio, dividida em duas pontas, que se escapaes de uma, necessariamente haveis de cahir na outra. Assim investiram hoje a Christo os Escribas e Phariseus com Moysés. De Moysés diz a Escriptura: *Quód facies ejus esset cornuta:* [1] e nesta fórma o puzeram no campo, como no corro contra Christo. *Moysés mandavit nobis hujusmodi lapidare.* Moysés (dizem) mandou-nos apedrejar a quem commettesse este delicto. E para que a lei se parecesse com a testa do legislador, ia disposta e dividida em duas pontas tão bem armadas, que ou Christo dissesse sim, ou dissesse não, se escapasse de uma, levavam-n'o na outra. De maneira que as pedras de que vinham prevenidos os Escribas e Phariseus, não eram para apedrejar a adultera, senão para que Christo tropeçasse e cahisse nellas, e no laço que alli lhe tinham armado. Deste modo de laços armados em pedras, faz elegante menção Isaias no Capitulo oitavo: *Et erit in lapidem offensionis, et in petram scandali, in laqueum, et in ruinam. Et offendent, et cadent, et conterentur, et irretientur, et capientur.* [2] Allude o Propheta ao uso dos caçadores daquelle tempo, os quaes armavam as suas rêdes e laços cercados de pedras, para que tropeçando nellas a caça cahisse incautamente, e ficasse enredada e preza. Tal era o laço que os escribas e Phariseus traziam hoje armado debaixo das pedras da lei, ou da lei das pedras: *Moysés mandavit hujusmodi lapidare;* para que tropeçando Christo nas pedras, cahisse e o tomassem no laço.

Lembrados estareis que o demonio no deserto, e no pinaculo do Templo, tambem armou o laço a Christo com pedras. No deserto: *Dic, ut lapides isti panes*

---

[1] *Exod.*, XXIV, 29.
[2] *Isai.*, VIII, 14 e 15.

fiant. [1] No pinaculo do Templo: *Ne forte offendas ad lapidem pedem tuum.* [2] Mas com os laços e as tentações parecerem tão similhantes; vêde quanto mais astutos tentadores fôram os homens que o demonio. Da primeira tentação do diabo livrou-se Christo facilmente com um *não: Non in solo pane vivit homo.* [3] Da segunda tentação livrou-se com outro *não: Non tentabis Dominum Deum tuum.* [4] Porém da tentação que hoje lhe armaram os homens, não bastava dizer não, para se livrar; porque ou dissesse não, ou dissesse sim, sempre ficava no laço. Ou Christo havia de dizer, sim: apedrejae; ou havia de dizer, não: não apedrejeis. Se dizia não, ia contra a justiça; se dizia sim, ia contra a piedade; se dizia não, ia contra a lei; se dizia sim, ia contra si mesmo; se dizia não, offendia o magistrado; se dizia sim, offendia o povo. De sorte que lhe armaram os páus ou as pedras, em tal fórma, que, ou quizesse observar a lei, ou não quizesse, sempre ficava réo. Se se mostra rigoroso, falta á piedade: se se mostra piedoso, falta á justiça: e se falta, ou á justiça, ou á piedade, não é Messias.

Outra tentação similhante urdiram os mesmos Escribas e Phariseus, contra Christo sobre o tributo de Cesar, quando o Senhor lhes disse: *Quid me tentatis?* Mandaram juntas duas escolas: a sua e a dos herodianos: e depois de uma longa prefação de louvores falsos, propuzeram esta questão: *Licet censum dare Cæsari, an non?* [5] Mestre, é licito dar o tributo a Cesar, ou não? Notae a apertura dos termos. O que pediam era um sim, ou um não: é licito, ou não é licito? E porque com tanta formalidade, e com tanto aperto? O Evangelista o disse: *Ut caperent eum in sermone.* [6] Porque com qualquer destas duas respostas, ou Christo dissesse sim, ou dissesse não, sempre ficava encravado. Se dizia não, era contra a regalia do imperador: se dizia sim, era contra a liberdade e immunidade da nação: se dizia não, crucifi-

---

[1] *Math.*, IV, 3.
[2] *Ibid.*, 6.
[3] *Ibid.*, 4.
[4] *Math.*, XXII, 28.
[5] *Ibid.*, 17.
[6] *Ibid.*, 16.

cava-o o Cesar: se dizia sim, apedrejava-o o povo. E de qualquer modo (diziam elles) se perde, e o temos apanhado e destruido. Isto é o que se machinou e resolveu naquelle conselho injusto, impio e tyrannico: *Consilium inierunt, ut caperent eum in sermone.* Houve algum dia demonio que urdisse tal tentação, e mettesse um homem em taes talas? Nem houve tal demonio nunca nem o póde haver; porque não ha, nem póde haver tentação nenhuma do demonio, da qual vos não possaes livrar facilmente ou com um sim, ou com um não. Ora vêde.

O demonio sempre arma os seus laços ao pé dos Mandamentos: alli só põe a tentação; porque só alli póde haver o peccado: *Virtus peccati lex.* [1] Os Mandamentos todos, ou são positivos, ou negativos; e se o demonio me tenta nos Mandamentos positivos, basta para me defender um sim: se me tenta nos Mandamentos negativos, basta para me defender um não. Exemplo. Os Mandamentos positivos (como sabeis) são: Amarás a Deus, guardarás as festas, honrarás os paes. Os negativos são: Não jurarás, não matarás, não furtarás, não levantarás falso testemunho, e os demais. Agora ao ponto. Se o diabo me tenta nos Mandamentos positivos, diz-me: Não ames a Deus, não guardes as festas, não honres a teu pai. E se eu digo *sim*, resolutamente; sim hei-de amar, sim hei-de amar, sim hei-de guardar, sim hei-de honrar, basta este *sim* para que a tentação fique desvanecida, e o diabo frustrado. Do mesmo modo nos Mandamentos negativos. Diz-me o demonio que jure, que mate, que furte, que levante falso testemunho. E se eu digo *não;* não quero jurar, não quero matar, não quero furtar; basta este *não* para que o tentador e a tentação fiquem vencidos. De maneira que das tentações do demonio basta um *sim*, ou um *não*, para ficar livre; mas das tentações dos homens (como estas) nem basta o *sim*, nem basta o *não* para me livrar: porque vão armadas com tal astucia, e machinadas com tal arte, e tecidas e tramadas com tal enredo, que ou digaes *sim*, ou digaes *não*, sempre ficaes no laço. Se dizeis que se apedreje a adultera e que se pague o tributo, incorreis no odio do povo, e hão-vos de ape-

[1] *1. ad. Cor.*, xv, 56.

drejar a vós: se dizeis que se não apedreje, nem se pague, incorreis no crime da lei e na indignação do Cesar, e hão-vos de pôr em uma cruz. E ainda que o tentado seja Jesus Christo, sempre os tentadores hão-de ter um cabo por onde lhe possam pegar, e lh'a possam pegar: *Ut possent accusare eum.*

Vejo que me perguntaes: E que remedio, padre, para escapar de taes tentadores e de tão terriveis tentações? *Rem difficilem postulasti.* [1] Nenhum theologo escolastico ou ascetico lhe deu até agora remedio. Eu direi o que me occorre. Digo que não ha outro remedio senão buscar um *sim*, que seja juntamente *sim* e *não;* ou um *não* que seja juntamente *não* e *sim.* Não tenho menos auctor para a prova que o principe dos Apostolos, S. Pedro. E notae que quando S. Pedro deu nesta subtileza ainda estava em Jérusalem, e na Judéa, para que não cuide alguem que a fineza desta politica fosse romana. Vieram ter com S. Pedro os cobradores de certo tributo, imposto por Augusto, em que cada um por cabeça pagava duas drachmas, e fizeram-lhe esta pergunta: *Magister vester non solvit didrachma?* [2] O vosso Mestre não paga o tributo? Viu-se perplexo e atalhado S. Pedro, porque não sabia qual fosse a tenção de seu Mestre neste ponto de tanta consequencia. E o que respondeu, foi: *Etiam:* Sim. Agora pergunto eu: E este *etiam;* este *sim* de S. Pedro, que significava? Significava *sim*, e significava *não.* Construi-o com a pergunta, e vereis se tem correntemente ambos os sentidos? Vosso Mestre não paga o tributo? Sim: assim é, não paga. Vosso Mestre não paga o tributo? Sim: sim paga. De sorte que o mesmo *sim* era *sim* e *não.* Entendido de um modo, era *sim;* porque significava: sim paga; e entendido de outro modo, era *não;* porque significava, não paga. E com esta equivocação se escapou S. Pedro dos tributeiros, emquanto seu Mestre não resolvia; deixando a porta aberta e cerrada juntamente, e o *sim* aparelhado e indifferente, para ser *sim* ou ser *não*, conforme se resolvesse. Christo tinha ensinado ao mesmo S. Pedro e a todos seus Discipulos que o seu *sim* fosse *sim*, e o seu *não* fosse

[1] 4.º *Livro dos Reis*, II, 10.
[2] *Math.*, XVII, 23.

não: Sit sermo vester est, est: non, non. [1] Mas chegado Pedro a perguntas, e mettido na tentação, foi-lhe necessario fazer um *sim*, que fosse *sim* e *não* juntamente, para poder escapar dos homens.

Isto é o que fez S. Pedro naquella occasião. E Christo que fez no nosso caso, que era muito mais apertado? Viu que os cordeis com que traziam preza a adultera, eram laços com que o pretendiam atar: viu que as pedras da lei que allegavam, vinham cheias de fogo por dentro, e que ao toque de qualquer resposta sua, não só haviam de brotar faiscas, mas um incendio de calumnias: viu que supposta a tenção e astucia dos tentadores, tanto se condemnava condemnando, como absolvendo; e que um e outro perigo era inevitavel: que conselho tomaria? Não dizer *sim* nem *não*, era forçoso; porque até a Sabedoria infinita, quando são taes as tentações dos homens, se não póde livrar dellas respondendo em proprios termos. E como entre *não* e *sim*, não ha meio, que meio tomaria Christo para se livrar de uma tal tentação? Agora o veremos.

IV

Levantou-se o Divino Mestre da cadeira sem responder palavra. Não havia alli outro papel senão a terra: inclina-se, e começa a escrever nella: *Digito scribebat in terra.* Esta foi a unica vez que sabemos da Historia Sagrada que Christo escrevesse de seu punho. Mas em quanto Christo escreve, e estes tentadores esperam, tornemos ao deserto e ás tentações do demonio. Tentou o demonio a primeira vez a Christo, e rebateu o Senhor a tentação com as palavras do Capitulo oitavo do Deuteronomio: *Non in solo pane vivit homo.* [2] Tentou a segunda vez, e foi rebatido com as palavras do Capitulo sexto do mesmo livro: *Non tentabis Dominum Deum tuum.* [3] Instou a terceira vez, e terceira vez o lançou Christo de si com outras palavras do mesmo Capitulo: *Dominum Deum*

[1] *Math.*, v, 37.
[2] *Deut.*, VIII, 3.
[3] *Ibid.*, VI, 16.

tuum timebis, et illi soli servies. [1] Quem haverá que se não admire á vista destas tres tentações, e da que temos presente? Estes homens eram lettrados de profissão, eram lidos e versados nas Escripturas, e actualmente estavam allegando Textos da Lei de Myosés. Pois se Christo se defendeu das tentações do demonio com as Escripturas Sagradas, e com os Textos da mesma Lei: porque se não defende tambem destes tentadores com as mesmas Escripturas? Mais. Resistindo ao demonio, defendeu-se Christo de tres tentações com um só livro da Escriptura, e só com dois Capitulos delle. Nas Escripturas que então havia, que são todas as do Testamento Velho, ha trinta e nove livros com mais de mil Capitulos. Pois se Christo tinha tantas armas, tão fortes, tão diversas, e tão prevenidas: porque se não defende com ellas desta tentação? Aqui vereis quanto mais terriveis tentadores são os homens que o demonio. Para Christo se defender de tres tentações do demonio, bastou-lhe um só livro da Escriptura: para se defender de uma tentação dos homens, não lhe bastaram todas quantas Escripturas havia: foi-lhe necessario fazer Escripturas de novo: *Digito scribebat in terra.* As Escripturas Sagradas (como notou S. Gregorio) são os armazens de Deus. Destas disse Salomão, comparando-as á Torre de seu pai David: *Mille clypei pendent ex ea: omnis armatura fortium.* [2] E são taes, tão novas, tão exquisitas, e nunca imaginadas pelo demonio as astucias e machinas que os homens inventam para tentar, que em todos os armazens de Deus se não acharam armas com que as resistir, e foi necessario que a Sabedoria Encarnada forjasse outras de novo, e se puzesse a compôr e a escrever contra estes tentadores: *Digito scribebat in terra.*

Mas qual foi o effeito desta Escriptura? Agora acabareis de entender quanto mais dura é a pertinacia dos homens, quando tentam, que a do demonio. Escreveu, e escrevia a Mão Omnipotente: e os tentadores com a Escriptura diante dos olhos nem se rendem, nem desistem, nem fazem caso della, nem da mão que a escreve: ainda instam e apertam que res-

[1] *Deut.*, VI, 13.
[2] *Cant.*, IV, 4.

ponda á pergunta: *Cum perseverarent interrogantes.* [1] Oh Escriptura! Oh Balthazar! Oh Babylonia! Appareceram tres dedos em uma parede, sem mão, sem braço, sem corpo: *Digiti quasi manus hominis scribentis:* [2] e com tres palavras que escreveram, sem saber o que significavam, começa Balthazar a tremer de pés e mãos, sem côr, sem coração, sem alento. Treme o mais poderoso rei do mundo, e quatro homens sem mais poder que a sua malicia não tremem. Viam os dedos, viam o braço que escrevia; sabiam e tinham obrigação de saber pelas maravilhas que obrava, e de que elles tanto se doiam, que era homem e Deus juntamente; e á vista de uma Escriptura tão larga de sua mão, em que se viam processados a si mesmos, não tremem, nem se movem, antes perseveram obstinados a perguntar e tentar: *Cum perseverarent.* Digam agora os Escribas e Phariseus, se é o gentio Balthazar, ou elles? Mas o meu intento não é comparar homens com homens, senão os homens com o demonio. Tres circumstancias particulares notou o Evangelista nesta acção de Christo. Notou que escrevia, e com que escrevia, e onde escrevia: *Digito scribebat in terra.* Escrevia Christo, e escrevia com o dedo, e escrevia na terra. E em todas estas circumstancias venceram os homens ao demonio na pertinacia de tentadores.

Primeiramente: *Scribebat:* escrevia. E porque quiz escrever? As mesmas coisas que Christo escrevia podia dizer em voz, e mais facilmente. Pois porque as não quiz dizer em voz, senão por escripto? Porque as mesmas palavras divinas teem mais efficacia, para vencer as tentações, escriptas que ditas. Na morte de Christo tentou o demonio aos Discipulos na fé da Resurreição; e todos ou foram vencidos ou fraquearam na tentação, como o mesmo Senhor lhes tinha predito. E dando a causa desta fraqueza S. João, diz que foi porque ignoravam as Escripturas da Resurreição: *Nondum sciebant Scripturam, quia oportebat eum á mortuis resurgere.* [3] Contra: Evangelista sagrado. Christo tinha dito por muitas vezes que havia de resuscitar,

---

[1] *Joan.*, VIII, 7.
[2] *Dan.*, V, 5.
[3] *Joan.*, XX, 9.

e particularmente o disse ao mesmo S. João, e a S. Pedro e S. Thiago no monte Thabôr: *Nemini dixeritis visionem, donec filius hominis á mortuis resurgat.* [1] Porque escusa logo o Evangelista a fraqueza de não resistirem á tentação com a ignorancia das Escripturas? Porque ainda que as palavras divinas, ou ditas ou escriptas, tenham a mesma auctoridade, escriptas movem mais, e teem maior efficacia para resistir ás tentações. Vêde-o no modo com que Christo resistiu ao demonio em todas as suas. Em todas as tres tentações se defendeu Christo do demonio com a palavra divina; mas não sei se tendes reparado que em todas e em cada uma advertiu que era palavra escripta. Na primeira tentação: *Scriptum est: Non in solo pane vivit homo.* Na segunda: *Scriptum est: Non tentabis Dominum Deum tuum.* Na terceira: *Scriptum est: Dominum Deum tuum timebis.* Parece que para resistir á tentação e rebater ao demonio, bastava referir as sentenças, e palavras sagradas; porque acrescenta logo o Senhor, e deita diante de cada uma dellas a declaração de que eram escriptas, repetindo uma, duas e tres vezes: *Scriptum est: Scriptum est: Scriptum est?* Porque sendo palavras de Deus, e escriptas, tinham não só a virtude e efficacia das palavras, senão tambem a das lettras. Assim como o demonio para encantar e render aos homens, põe a efficacia do encanto em certos caracteres diabolicos: assim Deus para o encantar e ligar a elle, tem posto maior efficacia não só nas palavras sagradas, senão tambem nos caracteres com que são escriptas. Por isso Christo neste caso vendo-se tão apertadamente tentado dos homens, não tratou de se defender delles, dizendo, senão escrevendo: *Scribebat.*

Mas se tanta é a força e efficacia de um *Scriptum est;* e Christo hoje escrevia: *Scribebat,* e os seus tentadores o estavam vendo escrever, e viam e liam a Escriptura: porque persistem ainda, e perseveram na tentação: *Cum perseverarent?* Não persiste o demonio, e persistem os homens? Sim. Porque o demonio é demonio, e os homens são homens; e por isso mais teimosos, e mais pertinazes tentadores. Onde muito se deve advertir a differença desta Escriptura de Chris-

[1] *Math.,* XVII, 9.

to ás Escripturas com que resistiu ao demonio. As Escripturas que o Senhor referiu ao demonio, eram Escripturas geraes feitas a outro intento, e para outrem. As Escripturas que hoje escreveu eram particulares, e escriptas sómente para os que o estavam tentando, e dirigidas ao coração e á consciencia de cada um. O demonio podia responder que as Escripturas do Deuteronomio eram feitas para os homens, e não para os demonios; mas bastou serem Escripturas de Deus, para o demonio ou as reverenciar, ou as temer, posto que não fallassem com elle. Os homens, pelo contrario, fallando com todos, e com cada um delles a Escriptura de Christo, nem a reverencia os refreia, nem a força os quebranta, nem a consciencia os intimida, nem a certeza com que se vêem feridos os rende: continuam, instam, e perseveram obstinados: *Cum perseverarent.* Que mais?

Digito. Escrevia Christo com o dedo. As Escripturas com que o Senhor rebateu as tentações do demonio, não eram escriptas com o dedo de Deus. Deus só escreveu com o dedo as duas taboas da Lei: *Tabulas scriptas digito Dei.* [1] Os outros Textos eram escriptos por Moysés com mão humana. Mas bastou serem Escripturas sagradas e canonicas, para que o demonio se não atrevesse a lhes resistir. Vêde se se podia e devia esperar hoje que os tentadores de Christo se rendessem ás suas Escripturas, pois eram Escripturas não só de Deus, mas escriptas com o seu dedo: *Digito scribebat?* Claro está que se haviam de render, se os tentadores fossem demonios; mas não se renderam, porque eram homens. Quando os magos de Pharaó viram o que obrava a vara de Moysés, disseram: *Digitus Dei est hic.* [2] Esta obra é do dedo de Deus; e logo se deram por vencidos. Mas como assim? A arte magica não é arte diabolica? Os magos do Egypto não eram ministros e instrumentos do demonio? Pois como cedem tão promptamente, e não se atrevem a resistir ao dedo de Deus? Por isso mesmo. Se as suas artes foram humanas, e elles obraram como homens, haviam de teimar persistir; mas como as artes eram diabolicas, e elles obravam como ministros do

[1] *Deut.*, IX, 10.
[2] *Exod.*, VIII, 19.

demonio, nem elles nem o demonio se atreveram a resistir á força do dedo de Deus. Hoje, porém, vê-se o dedo de Deus resistido, sendo dedo de Deus não invisivel, e encoberto em uma vara; mas visivel, vivo e animado, porque as artes com que os Escribas e Phariseus vieram tentar, e queriam derrubar a Christo, não eram artes diabolicas, senão humanas, nem elles demonios, mas homens. Dos demonios dizia Christo: *In digito Dei ejicio dæmonia.* Mas esse mesmo dedo de Deus, que lançava dos corpos os demonios, não lhe bastava agora para lançar de si os homens. Os demonios ao menor impulso do dedo de Christo fugiam; os homens contra tantos e tão repetidos impulsos do mesmo dedo, quantas eram as lettras que escrevia, não faziam de si nenhum abalo. Os demonios deixavam os homens, os homens não deixavam a Christo: os demonios não podiam parar, os homens persistiam firmes: os demonios desistiam, os homens perseveravam: *Cum perseverarent.* Que mais?

In terra. Nota finalmente o Evangelista que escrevia Christo na terra. E porque na terra? Para que os que esquecidos da propria fragilidade accusavam tão rigorosamente uma fraqueza no sexo mais fraco, considerassem e advertissem que ella era terra, e elles terra. E' tão propria do caso, e tão natural esta consideração, que daqui veiu a ter para si Carthusiano, que as palavras que Christo escreveu foram estas: *Terra terram judicat.* A terra accusa a terra. Se os accusadores foram céo, não era de estranhar que accusassem a terra; mas que a terra accuse a terra! Ainda faziam mais estes tentadores. A terra accusava a terra para condemnar o céo, porque accusava a adultera para condemnar a Christo. Pois se a terra muda, e por si mesma estava dando brados contra estes accusadores formados da mesma terra agora, que já não é muda com as palavras e vozes de Christo, que tem escriptas e estampadas em si, porque os não confunde, porque os não convence, porque os não rende? Já me canço de dizer: porque eram homens. E senão, tornemos a comparar esta tentação com a do demonio. Assim como o elemento do homem é a terra, assim o elemento do demonio é o ar. Neste ar habitam os demonios, neste ar andam, neste ar nos tentam; e por isso S. Paulo lhes chamou

potestades do ar: *Secundum principem potestatis aeris hujus.* [1] As palavras com que Christo se defendeu do demonio, foram pronunciadas no ar, que é incapaz de Escriptura; as com que se quiz defender destes homens, foram escriptas e impressas na terra. As palavras pronunciadas passam, as escriptas permanecem: as pronunciadas entram pelos ouvidos, as escriptas pelos olhos. E sendo aquellas só pronunciadas, e estas escriptas, aquellas successivas, e estas permanentes; aquellas ouvidas, e estas vistas; aquellas breves e poucas, e estas muitas e continuadas, que isso quer dizer: *Scribebat;* aquellas formadas no ar bastaram para vencer as potestades do ar; e estas impressas na terra não bastaram para render os homens formados de terra: *Digito scribebat in terra.*

V

Assim resistido Christo, e assim rebatida, por não dizer affrontada, a força de sua mão e da sua Escriptura; que novo meio buscaria a Sabedoria Omnipotente para se defender de tão pertinazes tentadores? Assim como elles perseveraram em tentar, assim elle perseverou em escrever; porque a pertinacia da tentação só se vence com a constancia da resistencia. E quando os remedios são proporcionados, mudal-os é perdel-os. Torna Christo a inclinar-se, e a escrever outra vez: *Iterum inclinans se digito scribebat in terra.* E foi tal a efficacia desta segunda Escriptura, que alfim se renderam a ella os que tinham resistido á primeira. Então se foram retirando uns após outros; mas se vencidos de Christo na retirada, vencedores comtudo do demonio na arte e pertinacia da tentação. Ainda quando desistem, são peiores tentadores os homens que o demonio. O demonio tentou a Christo tres vezes; mas notae que respondendo o Senhor a cada tentação com uma Escriptura, nunca o demonio esperou a segunda. Em o demonio ouvindo uma Escriptura, calava, desistia; não resistia nem replicava; mudava logo de tentação, e ainda de logar.

[1] *Ad Ephes.*, II, 2.

Vencido de Christo ainda presumia e esperava vencer a Christo: refutado com uma Escriptura, nunca teve atrevimento para persistir nem esperar outra Escriptura. E os homens? Olhae para elles. Os homens, porém, mais pertinazes, mais impudentes, mais duros, e mais feros tentadores que o mesmo demonio, vêem uma vez escrever a Christo e não se movem: vêem e entendem o que escreve e não se rendem. E' necessario que a Sabedoria Divina multiplique Escripturas sobre Escripturas, e que tendo escripto uma vez, torne outra vez a escrever: *Iterum scribebat;* não já para persuadir aos tentadores, mas para se defender, e se livrar a si mesmo de suas tentações.

Na ultima e mais fórte tentação que padeceram os Discipulos de Christo, que foi na vespera de sua morte, annunciou-lhes o Divino Mestre que era chegado o tempo em que tinham necessidade de armas. E respondendo elles que tinham duas espadas: *Ecce duo gladii hic:* [1] contentou-se o Senhor com a prevenção, e disse-lhes que essas bastavam: *Satis est.* Todos os Padres e Expositores entendem concordemente que fallou Christo neste passo allegorica e metaphoricamente. E que as espadas com que os Apostolos se haviam de defender eram as Escripturas Sagradas. O mesmo tinha declarado muito antes David, fallando dos mesmos Apostolos e das mesmas espadas: *Et gladii ancipites in manibus eorum: ad faciendam vindictam in nationibus, increpationes in populis.* [2] Sendo pois este o sentido e intento das palavras de Christo, é muito para reparar que destas duas espadas naquelle grande conflicto se não desembainhasse mais que uma, que foi a de S. Pedro; e que querendo os outros Discipulos usar da segunda quando disseram: *Si percutimus in gladio:* [3] o Senhor lh'o não permittisse. Pois se as espadas eram duas, e ambas aceitadas e approvadas por Christo como necessarias; porque prohibiu o Senhor a segunda, e não quiz que se usasse mais que de uma nesta tentação? O mesmo Christo o disse: *Hæc est hora vestra et potestas tenebrarum.* [4] Esta tentação como aquella em que se

[1] *Luc.*, XXII, 38.
[2] *Psal.*, CXLIX, 6 e 7.
[3] *Luc.*, XXII, 49.
[4] *Ibid.*, 53.

empenhou e empregou todo o poder do inferno, era tentação do demonio: ainda que para ella concorreram tambem os homens, como ministros e instrumentos do mesmo demonio e do mesmo inferno, e para as tentações do demonio, por mais fortes e poderosas que sejam, basta uma só espada, isto é, uma só Escriptura, não são necessarias duas. Assim bastou uma só Escriptura contra a tentação do deserto, e uma só contra a tentação do Templo, e uma só contra a tentação do monte. E como então lhe não foi necessario a Christo lançar mão da segunda espada, por isso tambem neste conflicto não permittiu aos Apostolos que usassem della, porque ainda que a tentação era tão forte e tão apertada, era alfim tentação do demonio: *Hæc est hora vestra et potestas tenebrarum.*

Logo a segunda espada que o Senhor não permittiu se desembainhasse era escusada e inutil? Não, porque essa ficou reservada para as tentações dos homens. Assim o experimentou o mesmo Senhor na tentação de hoje, em que não lhe bastando uma só Escriptura contra a pertinacia dos seus tentadores, foi forçado a se valer de segunda Escriptura e escrever outra vez: *Iterum scribebat.* E porque esta segunda espada, assim como foi necessaria, assim bastou para dar fim á batalha, por isso o Senhor com o mesmo mysterio, quando os Discipulos lhe disseram que tinham duas espadas, respondeu que essas bastavam: *Satis est*, porque ainda que contra os homens não bastasse uma só Escriptura, como basta e bastou contra o demonio; comtudo, bastariam duas, como finalmente bastaram. Ao passo que os segundos caracteres uns após outros se iam formando, os tentadores tambem uns após outros se iam sahindo: *Unus post unum exibant.* [1] O que não venceu uma Escriptura venceram duas Escripturas: *Iterum scribebat.*

Mas que direi eu neste passo tirando os olhos dos ministros da synagoga, e pondo-os em muitos que se chamam christãos? Já me não queixo dos Escribas e Phariseus, nem Christo se podia queixar tanto; porque haviam de vir ao mundo taes homens, que com a sua pertinacia os haviam de fazer menos duros, e com as suas tentações menos tentadores. Os Escribas e Pha-

[1] *Joan.*, VIII, 9.

riseus não se renderam ás primeiras Escripturas do dedo de Christo; mas renderam-se ás segundas e largaram as pedras. Os hereges com nome de christãos, nem ás primeiras, nem ás segundas Escripturas se rendem, antes das mesmas Escripturas adulteradas (que tambem trazem comsigo a adultera) fazem pedras com que atirar a Christo. Santo Agostinho e Santo Ambrosio [1] dizem que escreveu Christo duas vezes para mostrar que elle era o auctor e legislador de ambas as Escripturas: das Escripturas do Velho Testamento e das Escripturas do Novo; e que as primeiras Escripturas foram escriptas em pedra, porque haviam de ser estereis; as segundas escriptas na terra, porque haviam de ser fecundas, e haviam de dar fructo como alfim deram hoje. Mas estou vendo, Senhor meu, que essa terra em que escreveis e escrevestes, arada duas vezes pela vossa mão, e semeada duas vezes com a vossa palavra, em logar de dar fructo, ha-de produzir espinhos. Esta foi a maldição que lançastes a Adão, que não só se cumpriu e estendeu, mas cresceu e crescerá sempre em seus filhos. Os Escribas e Phariseus foram peiores que o demonio: virão homens que sejam peiores que os Escribas e Phariseus. O diabo rendeu-se a uma Escriptura: os Escribas e Phariseus renderam-se a duas: virão homens que nem a duas Escripturas sè rendam, e, pertinazes contra ambos os Testamentos, com ambos vos façam guerra. Dae-me licença para que vos repita a minha dôr parte do que está antevendo vossa Sabedoria.

Escrevestes em ambos os Testamentos a verdade e fé de vossa Divindade, tão expressa no Testamento Novo, e tão convencida por vós mesmo no Velho; e virá um Ebion, um Cerintho, um Paulo Samosateno, um Photino, que impudentemente neguem que fostes e sois Deus. Escrevestes em ambos os Testamentos (e não era necessario que se escrevesse) a verdade de vossa humanidade em tudo similhante á nossa; e virá um Manicheu, um Priscilliano, um Valentino, que contra a evidencia dos olhos, e das mesmas mãos que a tocaram, digam que vossa carne não foi ver-

[1] *S. August.*, Tract. 33; *In Joan*; *S. Ambr.*, Ep. 76; *Ad Stud.*

dadeira, senão phantastica; celeste e não humana. Escrevestes em ambos os Testamentos a unidade de vossa Pessoa, uma em duas naturezas Humana e Divina; e virá um Nestorio, que reconhecendo as duas naturezas, diga pertinazmente que tambem houve em vós duas Pessoas, e um Eutiches, e um Dioscoro, que confessando a vossa Humanidade, e a vossa Divindade, digam que de ambas se formou ou transformou uma só, convertendo-se uma na outra. Escrevestes em ambos os Testamentos a perfeição e inteireza de vosso ser humano composto de corpo e alma; e virá um Ario e um Apollinar. que digam que tivestes sómente corpo de homem, e que a alma desse corpo era a Divindade. Escrevestes em ambos os Testamentos e demonstrastes contra os Sadduceus a futura resurreição nossa e de todos os mortaes; e virá um Simão Mago, um Basilides, um Hemineu, um Phileto, que merecedores de morrer para sempre, como os brutos, neguem a esperança e a fé da resurreição. Escrevestes em ambos os Testamentos (bastando só a experiencia) a verdade e absoluto dominio do livre alvedrio humano; e virá um Bardasanes, um Pedro Abaylardo, e modernamente um Oeculampadio e um Maleththon, que dizendo uma liberdade tão inaudita, neguem que ha liberdade. Escrevestes em ambos os Testamentos que sem graça não ha merito, e que do concurso de vossa graça e do nosso alvedrio procedem as obras dignas, e só ellas dignas da vida eterna; e virá um Pelagio, um Celestino, um Juliano, que impotentemente concedam todo este poder ao alvedrio acrescentando as forças do primeiro beneficio com que nos creastes, para vos negarem ingratissimamente o maior e segundo com que nos justificaes. Escrevestes em ambos os Testamentos a necessidade e merecimento das boas obras: e virá um Luthero que não só negue serem necessarias as boas obras para a salvação, mas se atreva a dizer que todas as boas obras são peccado (e pudera acrescentar) peccado em que nunca peccou Luthero. Assim o ensinaram elle e Calvino (aquelles dois monstros mais que infernaes do nosso seculo) para tirar do mundo a oração, o jejum, a esmola, a castidade, a penitencia, os suffragios, os Sacramentos; prégando contra o que Christo prégou, e escrevendo contra o que duas vezes escreveu; e formando novas tentações contra o mesmo Christo das mesmas Escripturas com

que elle se defendeu das tentações, para que se veja quanto se adiantaram os homens nas artes de tentar, e quanto atraz deixaram ao mesmo demonio.

O demonio vendo na primeira tentação, que Christo se defendia com a Escriptura, para o tentar pelos mesmos fios, allegou na segunda tentação outra Escriptura. Mas o que é muito para admirar e ainda para reverenciar, foi, que nem contra o primeiro nem contra o segundo, nem contra o terceiro Texto allegado por Christo arguisse nem instasse o demonio uma só palavra. O demonio é mais lettrado, mais theologo, mais philosopho, mais agudo, e mais subtil que todos os homens. Pois se os homens, e tantos homens, tem arguido tanto e por tantos modos contra umas e outras Escripturas de Christo, antes se atreveram a lhe fazer guerra com ellas, voltando as mesmas Escripturas contra o mesmo Christo, e interpretando-as não só em sentido falso, mas totalmente contrario; porque não fez tambem isto o demonio? Porque era demonio e não homem. Porque era demonio tentou como sabio; porque não era homem, não tentou como nescio e impudente. Tentar, e arguir, e teimar contra a verdade conhecida das Escripturas não é insolencia que se ache na maldade do demonio, na do homem sim. Agora entendereis a energia com que na parabola da sizania respondeu o Pai de familias: *Inimicus homo hoc fecit:* [1] O trigo que elle tinha semeado, é a doutrina pura e sã das Escripturas Sagradas: a sizania que se semeou sobre o trigo são as falsas interpretações com que se perverte o verdadeiro sentido das mesmas Escripturas. E quem é ou foi o auctor desta maldade e deste engano tão pernicioso á seara de Christo? *Inimicus homo:* o inimigo homem. Notae. Parece que bastava dizer o inimigo; mas acrescentou e declarou que esse inimigo era homem, para distinguir o inimigo homem do inimigo demonio. O demonio é inimigo e grande inimigo; porém o inimigo demonio, nunca foi tão demonio, nem tão inimigo, que se atrevesse a voltar contra Christo as Escripturas que elle allegava por si, como se viu em todas as tres tentações: mas isto que nunca fez o inimigo demonio; isto é o que fizeram e fazem os inimigos

[1] *Math.*, XIII, 28.

homens: *Inimicus homo hoc fecit.* Bem sei que alguns santos por este *inimicus homo* entenderam o demonio. E quando esta intelligencia seja verdadeira, ahi vereis quem são os homens! Assim como nós quando queremos encarecer a maldade de um homem, lhe chamamos demonio; assim Deus quando quiz encarecer a maldade do demonio, chamou-lhe homem: *Inimicus homo.* Ao menos eu se houvera de escolher tentador, antes havia de querer ser tentado pelo demonio que pelos homens. Christo guiado pelo Espirito Santo escolheu tentador: *Ductus est á Spiritu, ut tentaretur.* [1] E que tentador escolheu? *Ut tentaretur á diabolo,* escolheu tentador diabo, e não tentador homem. O certo é que quando o diabo tentou a Christo, Christo foi buscar o diabo; mas quando os homens hoje tentaram a Christo, os homens o buscaram a elle: *Tentantes eum, ut possent accusare eum.*

VI

Supposto isto, senhores, supposto que os homens são maiores e peiores tentadores que o demonio; que havemos de fazer? Não é necessario gastar muito tempo em consultar a resolução, porque o mesmo Christo a decidiu, e nol-a deixou expressa, e mui recommendada, como tão importante: *Cavete ab hominibus.* [2] Guardae-vos dos homens. Se eu prégara no deserto a anacoretas dir-lhes-ia que se guardassem do diabo; mas como prégo no povoado e a cortezãos, digo-vos que vos guardeis uns dos outros. O diabo já não tenta no povoado, nem é necessario, porque os homens lhe tomaram o officio, e o fazem muito melhor que elle. Christo (como pouco ha diziamos) quiz ser tentado do diabo, e foi-o buscar ao deserto. Senhor, se quereis ser tentado do demonio, porque o não ides buscar á cidade, á côrte? Porque nas cidades e nas côrtes já não ha demonios. E não se sahiram por força de exorcismos, senão porque o seu talento não tem exercicio. Se á côrte veem alguns artifices

[1] *Math.*, IV, 1.
[2] *Math.*, X, 17.

estrangeiros mais insignes, e de obra mais prima, os officiaes da terra ficam á pá, vão-se fazer lavradores. Assim lhe aconteceu ao demonio. Elle era o que tinha por officio ser tentador; mas como sobrevieram os homens, mais industriosos, mais astutos, mais subtis, e mais primos na arte; ficou o diabo ocioso: se tenta por si mesmo, é lá a um ermitão solitario, onde não ha homens; por isso se anda pelos desertos, onde Christo o foi buscar. Não digo que vos não guardeis do demonio, que alguma vez dará cá um salto; o que vos digo é que vos guardeis muito mais dos homens: e vêde se tenho razão?

Depois que a inveja entrou na alma de Saül (indigna mancha de um rei) entrou-lhe tambem o demonio no corpo. Fôra causa da inveja a funda de David, e não havia outro remedio contra aquelle demonio, senão a sua harpa. Vinha David, tocava a harpa em presença de Saül, e deixava-o o demonio. Fel-o assim uma vez, e depois que o demonio se sahiu, deita mão Saül a uma lança, e fez tiro a David (diz o Texto) para o pregar com ella a uma parede. Que um rei commettesse tal excesso de ingratidão contra um vassallo, a quem devia a honra e a corôa, não me admira. Assim se pagam os serviços que são maiores, que todo o premio. O que me admirou sempre, e o que pondéra muito S. Basilio de Seleucia é que não tentasse Saül esta aleivosia em quanto tinha o demonio no corpo, senão depois que se sahiu delle. Quando Saül tem o demonio no corpo, modera a inveja, o odio, a furia; e depois que o demonio o deixa, agora commette uma traição e uma aleivosia tão enorme? Sim: agora. Porque agora está Saül em si, dantes estava o demonio nelle; dantes obrava como endemoninhado; agora obrava como homem. Se Saül intentára esta infame acção em quanto estava possuido do demonio, haviamos de dizer que obrava o demonio nelle; mas quiz a Providencia do céo que o não fizesse Saül, senão depois que esteve livre, para que soubessemos que obrava como homem, e nos guardassemos dos homens mais ainda que do demonio. *O' novum, injuriumque facinus!* (exclama Basilio) *Dæmon pellitur, et dæmone liberatus arma capiebat. Dæmon vincebatur, et hominis mores plus sumebant audatiæ.* Era peior Saül livre do demonio, que possuido delle; porque possuido, obrava pelos impulsos do demonio;

livre, obrava pelos seus, pelos de homem: *Et hominis mors plus sumebant audatiæ.* Por isso o demonio vendo tão feiamente inclinado a Saül, se sahiu fóra, envergonhando-se que podesse o mundo cuidar que aquella tentação era sua. Oh que bem lhe estivera ao mundo, que entrasse o demonio em alguns homens, para que fossem menos máus e menos tentadores! Compadeço-me de David, honrado, valeroso, fiel, mas enganado com o seu amôr, e com o seu principe. Se não sabes, oh David, a quem serves, vê ao teu rei no espelho da tua harpa; emmudece-a, destempera-lhe as cordas, faze-a em pedaços. Em quanto Saül estiver endemoninhado, estarás seguro: se tornar em si, olha por ti. Não é Saül homem que queira junto a si tamanho homem.

Bem provado cuido que está com o horror deste exemplo, que nos devemos guardar e recatar dos homens, mais ainda que do diabo. Mas vejo que me dizeis, que Saül era inimigo capitalissimo de David, e que dos homens que são inimigos, bem é que nos guardemos com toda a cautela; porém dos amigos parece que não. São elles homens? Pois ainda que sejam amigos, guardae-vos delles, e crêde-me, porque os amigos tambem tentam, e de mais perto; e se vos tentarem, hão-de fazer e poder mais que o diabo para vos derrubar. Nunca o diabo teve mais ampla jurisdição para tentar com todas suas artes e com todo seu poder, que quando tentou a Job. Tentou-o na fazenda, tirando-lh'a toda em um momento; tentou-o nos filhos, matando-lh'os todos de um golpe; tentou-o na propria carne, cobrindo-o de lepra e cancer, e fazendo-o todo uma chaga viva. E que fez ou que disse Job? *Dominus dedit, Dominus abstulit, sit nomen Domini benedictum.* [1] Paciencia, humildade, resignação na vontade divina, graças, e mais graças a Deus; dando testemunho a mesma Escriptura que em todas as tentações não lhe pôde tirar da bocca o demonio uma palavra que não fosse de um animo muito constante, muito recto, muito pio, muito timorato, muito santo: *In omnibus his non peccavit Job labiis suis, neque stultum quid locutus est contra Deum.* [2] Neste estado

---

[1] *Job.*, I, 21.
[2] *Ibid.*, 22.

de tanta miseria e de tanta virtude, vieram os amigos de Job a visital-o e consolal-o. Eram estes amigos tres, todos principes, todos sabios, e todos professavam estreita amisade com Job. Ao principio estiveram mudos por espaço de sete dias; depois fallaram, e fallaram muito. E que lhe succedeu a Job com estes amigos? O que não pôde o diabo com todas as suas tentações. Fizeram-lhe perder a constancia, fizeram-lhe perder a paciencia, fizeram-lhe perder a conformidade, e até a consciencia lhe fizeram perder. Porque se pozeram a altercar contra elle, e o arguiram, e o calumniaram e o apertaram de tal sorte, que deixou Job de ser Job. Não só amaldiçoou a sua vida e a sua fortuna, mas ainda em respeito da Justiça, e da Providencia Divina, disse coisas muito indignas da sabedoria, e muito alheias da piedade de um homem santo, pelas quaes foi asperamente reprehendido de Deus. O mesmo Job as confessou depois, e se arrependeu e fez penitencia dellas, coberto de cinza: *Insipienter locutus sum, idcirco ipse me reprehendo, et ago pœnitentiam in favilla, et cinere.* [1] Eis-aqui quão pouco lustroso sahiu das mãos dos homens o espelho da paciencia, tendo sahido das tentações dos demonios vencedor, glorioso, triumphante. O demonio era demonio e inimigo; os homens eram amigos, mas homens: e bastou que fossem homens para que tentassem mais fortemente a Job que o mesmo demonio. As tentações do demonio foram para elle corôa, e as consolações dos amigos, não só tentação, mas ruina. E se isto fazem amigos sabios, zelosos da honra de Deus, e da alma de seu amigo (como aquelles eram) quando o veem consolar em seus trabalhos; que farão amigos perdidos e loucos, que só se buscam a si e não a vós, que estimam mais a vossa fortuna que a vossa alma, e que fazem della tão pouco caso como da sua?

Ha mais algum homem de quem nos devamos guardar? Sim. O maior tentador de todos. E quem é este? Cada um de si mesmo. O homem de que mais nos devemos guardar, é eu de mim, e vós de vós. *Unusquisque tentatur á concupiscentia sua abstractus, et illectus.* [2] Sabeis (diz S. Thiago Apostolo) quem vos

[1] *Job.*, XLII, 3 e 6.
[2] *Jacob.*, I, 14.

tenta? Sabeis quem voz faz cahir? Vós a vós: cada um a si: *Unusquisque tentatur.* Nós como filhos de Eva, tudo é dizer: *Serpens decepit me:* Tentou-me o diabo, enganou-me o diabo; e vós sois o que vos tentaes e vos enganaes, porque quereis enganar-vos. O vosso diabo sois vós; o vosso appetite, a vossa vaidade, a vossa ambição, o vosso esquecimento de Deus, do inferno, do céo, da alma. Guardae-vos de vós, se vos quereis guardado. Poz Deus a Adão no Paraiso Terreal, e cuidamos que o pôz naquelle logar tão ameno e deleitoso, só para que gozasse suas delicias, e todo se regalasse e banhasse nellas sem nenhum outro cuidado. Mas vêde o que diz o Texto: *Posuit eum in Paradiso voluptatis, ut operaretur, et custodiret illum.* [1] Pôz (diz) a Adão no Paraiso, para que o cultivasse e guardasse. Nesta ultima palavra reparei sempre muito: *Ut custodiret illum.* De quem havia de guardar o paraiso Adão? Dos animaes? Não, porque todos lhe eram obedientes e sujeitos. Dos homens? Não, porque não havia homens. Pois se o não havia de guardar dos homens, nem dos animaes; de quem o havia de guardar? De quem o não guardou: de si mesmo. Guarde-se Adão de Adão, e guardará o paraiso. Sois homem? Guardae-vos desse homem, guardae-vos do seu entendimento, que vos ha-de enganar; guardae-vos da sua vontade, que vos ha-de trahir; guardae-vos dos seus olhos e dos seus ouvidos, e de todos os seus sentidos, que vos hão-de entregar. Guardou-se David de Saül, e cahiu, porque se não guardou de David. Guardou-se Samsão dos philisteus, e perdeu-se, porque se não guardou de Samsão. Guarde-se David de David; guarde-se Samsão de Samsão; guarde-se cada um de si mesmo. De todos os homens nos havemos de guardar, porque todos tentam; mas deste homem mais que de todos, porque é o maior tentador. Por isso dizia Santo Agostinho como santo, como douto, e como experimentado: *Liberet te Deus á te ipso.* Livre-te Deus de ti. Christo livrou-se hoje dos homens que o tentaram; mas elles não se livraram de si, porque quando vieram a tentar já vinham tentados; quando vieram a derrubar já vinham cahidos. Para si e para Christo homens; e por isso contra si e contra Christo tentadores: *Tentantes eum.*

---

[1] *Gen.*, II, 15.

VII

Ninguem me póde negar que é muito verdadeira e muito certa esta doutrina; mas parece que eu tambem não posso negar que é muito triste e muito desconsolada. O homem é animal sociavel, nisso nos distinguimos dos brutos; e parece coisa dura que havendo necessariamente um homem de tratar com os homens, se haja de guardar de todos os homens. Não haverá um homem com quem outro homem possa tratar sem temor, sem cautela, e sem se guardar delle? Sim, ha. E que homem é este? Aquelle Homem a quem hoje vieram tentar os homens; aquelle Homem que juntamente é Deus e Homem; aquelle Homem em quem só achou refugio e remedio aquella miseravel de quem não se compadeceram, e a quem accusavam os homens. Arguiu subtilissimamente Santo Agostinho que esta mulher, depois que se viu livre de seus accusadores, parece que devia fugir de Christo. A razão é manifesta; porque Christo tinha dito na sua sentença que quem não tivesse peccado lhe atirasse as pedras; logo só de Christo se podia temer, porque só Christo não tinha peccado. Mas porque só elle não tinha peccado, por isso mesmo se não temeu de tal Homem; e por isso mesmo só daquelle Homem e naquelle Homem se devia fiar e confiar. Primeiramente Christo na sua sentença já se tinha exceptuado a si: *Qui sine peccato est vestrum.* [1] Quem de vós não tem peccado, esse atire as pedras. Não disse *quem*, absolutamente, senão *quem de vós*, para se exceptuar a si, que é a excepção de todos os homens. E o mesmo não haver em Christo peccado, era a maior segurança da peccadora.

Duas condições concorriam em Christo neste caso para se compadecer e usar de misericordia com aquella pobre mulher. A primeira e universal o ser isento de peccado, verificando-se só nelle o *Qui sine peccato est.* A segunda e particular o estar naquella occasião tentado pelos homens: *Tentantes eum.* Como tentado não podia deixar de se compadecer: como isento de

[1] *Joan.*, VIII, 7.

peccado não podia deixar de perdoar. A tentação o fazia compassivo, e a isenção de peccado misericordioso. Tudo disse admiravelmente S. Paulo fallando de Christo: *Non enim habemus pontificem, qui non possit compati infirmitatibus nostris, tentatum per omnia pro similitudine absque peccato: adeamus ergo cum fiducia ad thronum gratiæ, ut misericordiam consequamur.* [1] Notae todas as palavras, e particularmente aquellas: *Tentatum*, e *Absque peccato*. Como tentado, *Tentatum*, não podia deixar de se compadecer: *Qui non possit compati*. Como isento de peccado, *Absque peccato*, não podia deixar de ser misericordioso: *Adeamus ergo cum fiducia, ut misericordiam consequamur*. Na verdade neste *ergo* de S. Paulo esteve toda a confiança da delinquente; e por isso não quiz fugir, como se interpretara a sentença de Christo e dissera: Se só me ha-de atirar as pedras quem não tem peccado, ninguem m'as ha-de atirar. Os Phariseus, que teem peccado, não; Christo que não tem peccado, tambem não; porque o não tem. Quem não tem peccado não atira pedras. Assim foi, e assim lh'o disse Christo, *Nemo te condemnavit, mulier? Neque ego te condemnabo.* [2] Se ninguem te condemnou, nem eu te condemnarei. Elles não te condemnaram, porque tinham peccado: eu não te condemnarei, porque o não tenho. Eis-aqui porque este Homem é tão differente de todos os outros homens. Os homens que tinham peccado, tentavam, accusavam, perseguiam: o Homem que não tinha peccado, escusou, defendeu, compadeceu-se, perdoou, livrou; e de tal modo condemnou o peccado, que absolveu a peccadora: *Vade, et noli amplius peccare.*

Senhores meus, conclusão. Pois que os homens são peiores tentadores que o demonio, guardemo-nos dos homens; e pois que entre todos os homens não ha outro Homem de quem seguramente nos possamos fiar, senão este Homem, que juntamente é Deus; tratemos só deste Homem, e tratemos muito familiarmente com este Homem. Toda a fortuna daquella tão desgraçada creatura esteve em a trazerem diante de tal Homem; e a primeira mercê que lhe fez foi

[1] *Ad Hebr.*, IV, 15, 16.
[2] *Joan.*, VIII, 11.

livral-a dos outros homens. Porque cuidaes que se fez Deus homem? Não só para remir aos homens, senão para que os homens tivessem um Homem de quem se pudessem fiar, a quem pudessem acudir, e com quem pudessem tratar sem receio, sem cautela, com segurança. Só neste Homem se acha a verdadeira amisade, só neste Homem se acha o verdadeiro remedio: e nós a buscar homens, a comprar homens, a pôr a confiança em homens! *Maledictus homo, qui confidit in homine.* [1] Maldito o homem que confia em homem: e bemdito o homem que confia neste Homem, e só neste Homem, e muito só por só com este Homem trata do que lhe convém. Levae este ponto para casa, e não quero outro fructo do sermão.

Depois que se apartaram aquelles máus homens (que bastava serem homens, ainda que não fossem tão máus) diz o Evangelista que ficou só Christo, e diante delle a venturosa peccadora: *Remansit Jesus solus, et mulier in media stans.* [2] Esta foi a maior ventura daquella alma, e esta a melhor hora daquelle dia; aquelle breve tempo em que esteve só por só com Christo. Neste breve tempo remediou o passado mais o futuro: o passado: *Neque ego te condemnabo;* o futuro: *Noli amplius peccare.* Já que os homens nos levam tanta parte do dia, tomemos todos os dias, sequer um breve espaço, em que a nossa alma se recolha com Deus e comsigo, e esteja só por só com Christo, com este Homem. Oh se o fizeramos assim, quão verdadeiramente nos converteramos a elle!

Chegado Christo á fonte de Sichar, mandou todos os Apostolos que fossem á cidade buscar de comer, porque era (diz o Evangelista) a hora do meio dia. [3] Veiu neste tempo a Samaritana: converteu-a o Senhor: e tornando os Apostolos, e pondo-lhe diante o que traziam, não quiz comer. Duas grandes duvidas tem este logar. Primeira, porque mandou Christo á cidade os Apostolos todos, sendo que para trazer de comer bastava um ou dois? Segunda, se os mandou buscar de comer e o traziam, e lh'o offereceram, e era meio dia, porque não comeu? Primeiramente não comeu, porque já tinha comido. Assim o suspeitaram os Disci-

[1] *Jerem.*, VII, 5.
[2] *Joan.*, VIII, 9.
[3] *Joan.*, IV, 7.

pulos, dizendo entre si: *Nunquid aliquis attulit ei manducare?* Mas não entenderam que quem lhe tinha trazido de comer era a mesma Samaritana. Aquella alma convertida foi para Christo não só a mais regalada iguaria, mas o melhor e o mais esplendido banquete que lhe podia dar o céo, quanto mais a terra. Tal foi o que tambem hoje lhe deu na conversão desta peccadora. Notae. Quando Christo venceu no deserto as tentações do demonio, banqueteou o céo a Christo vencedor com iguarias da terra; porém hoje como as tentações foram maiores, e maiores os tentadores, e a victoria maior, foi tambem maior e melhor o banquete. Lá a Christo vencedor das tentações do demonio, serviram-no os anjos com manjares do corpo: *Et ecce angeli ministrabant ei:* [1] e a Christo vencedor das tentações dos homens, banqueteou-o a convertida com a sua alma, que é para Christo o prato mais regalado, e aquelle que só lhe pódem dar os homens e não os anjos. Esta foi a razão porque o Senhor disse que tinha comido.

E a razão porque mandou ir á cidade, não parte dos Apostolos, senão todos, foi porque havia de converter alli a Samaritana; e para uma alma se converter verdadeiramente a Christo, é necessario que estejam muito a sós; Christo só por só com a alma, a alma só por só com Christo: *Remansit Jesus solus, et mulier in medio stans.* Jesus e a alma sós. Esta é a solidão que Deus quer para fallar ás almas e ao coração? *Ducam eam in solitudinem, et loquar ad cor ejus.* [2] Não é a solidão dos ermos e dos desertos, é a solidão em que a alma está só por só com Jesus. Nesta solidão só por só lhe falla; nesta solidão só por só o ouve; nesta solidão só por só lhe representa as suas miserias, e lhe pede e alcança o remedio dellas; e ainda sem o pedir o alcança só com o silencio e conhecimento humilde de suas culpas, como aconteceu a esta solitaria peccadora. Façamol-o assim, christãos, por amôr de Christo, que tanto o deseja, e por amôr de nossas almas, que tão arriscadas andam, e tão esquecidas de si. Não digo que deixeis o mundo, e que vos vades metter em um deserto; só digo que

---

[1] *Math.*, IV, 11.
[2] *Oseas*, II, 14.

façaes o deserto dentro no mesmo mundo, e dentro de vós mesmos, tomando cada dia algum espaço de solidão só por só com Christo, e vereis quanto vos aproveita. Alli se lembra um homem de Deus e de si; alli se faz resenha dos peccados, e da vida passada; alli se delibera e se compõe a futura; alli se contam os annos que não hão-de tornar; alli se mede a eternidade que ha-de durar para sempre; alli diz Christo á alma efficazmente, e a alma a si mesma um *nunca mais* muito firme e muito resoluto: *Noli amplius peccare;* alli emfim se segura aquella tão duvidosa sentença do ultimo Juiz: *Neque ego te condemnabo:* Nem eu te condemnarei. Esta é a absolução das absoluções; esta é a indulgencia das indulgencias; e esta a graça das graças, sem a qual é infallivel o inferno, e com a qual é certa a gloria.

ST. IGNATIUS' CHURCH,
3220-43RD ST. S.E.
PORTLAND, OREGON

FIM DO TOMO III

INDICE

	Pag.
Sermão da Primeira Dominga da Quaresma	5
1.º Sermão da Segunda Dominga da Quaresma . . .	25
2.º Sermão da Segunda Dominga da Quaresma . . .	53
Sermão da Segunda Feira depois da Segunda Dominga da Quaresma.	87
Sermão da Segunda Quarta Feira da Quaresma. . . .	131
Sermão da Terceira Dominga da Quaresma.	161
1.º Sermão da Terceira Quarta Feira da Quaresma . .	203
2.º Sermão da Terceira Quarta Feira da Quaresma . .	233
3.º Sermão da Terceira Quarta Feira da Quaresma . .	259
Sermão do Demonio Mudo	295
Sermão do Quarto Sabbado da Quaresma	327
Sermão do Sabbado Quarto da Quaresma	367

Corrigenda ao segundo volume

Na pag. 94, linha 15, supprima-se a palavra — satisfeitos — que está repetida.

Na pag. 119, linha 14, onde se lê — gostára — deve lêr-se — gastára.

Na pag. 134, linha 14, onde se lê — Apostoloso — deve lêr-se — Apostolos.

Na pag. 184, linha 27, onde se lê — patição — deve lêr-se — petição.

Na pag. 273, linha 10, onde se lê — Ese — deve lêr-se — Esse.

Na pag. 164, linha 8, onde se lê — por — deve lêr-se — porque.

Na pag. 176, linha 20, onde se lê — *morvem* — deve lêr-se — *morrem*.

Escaparam mais outros erros de somenos importancia que a illustração do leitor facilmente corrigirá.

Obras primas da Litteratura Portugueza

NOVA EDIÇÃO COMPLETA DOS

SERMÕES

DO

Padre ANTONIO VIEIRA

Edição popular em 15 volumes, cuidadosamente revista e impressa sobre a 1.ª edição, comprehendendo toda a obra oratoria do genial prégador

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Toda a obra oratoria de VIEIRA será incluida nesta publicação, que constará de 15 volumes de 400 a 500 paginas cada um, impressos em bom papel e typo novo

POR ASSIGNATURA

Cada volume brochado . . . . . 500 réis
Encadernado . . . . . 700 réis

Depois de completa será augmentado o preço dos volumes, não se vendendo estes separadamente.

UM VOLUME TODOS OS MEZES

Assignatura e venda em todas as livrarias de Portugal e Brazil

NO PRÉLO

NOVA FLORESTA

OU

Sylva de varios apophtegmas e ditos sentenciosos, espirituaes e moraes

Pelo PADRE MANOEL BERNARDES

PUBLICAÇÃO POR ASSIGNATURA A VOLUMES